

REVISTA
KAIROS
GERONTOLOGIA

v. 22 – nº Especial 26

ENVELHECIMENTO E APARÊNCIA

ISSN 2176-901X FOTOS: Cristiano de Assis



Faculdade de Ciências Humanas e Saúde / FACHS
Núcleo de Estudos e Pesquisas do Envelhecimento / NEPE
Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia / PUC-SP

Apresentação do volume temático Envelhecimento e Aparência

*Presentation of the thematic volume
Aging and Appearance*

*Presentación del volumen temático
Envejecimiento y Apariencia*

Andrea Lopes
Patrícia Yokomizo
(Organizadoras)

Qual é a importância da aparência para você? Para a sociedade? O que constitui a aparência? Ela muda com o passar do tempo, das relações que estabelecemos ou perdemos e, ainda, dos contextos pelos quais transitamos? Quais os significados que são impressos na construção da aparência ao longo do envelhecimento? Eles contam quem somos? A aparência constitui um determinante de engajamento ou isolamento social? O recorrente conjunto de modelos de apresentação pessoal envolve as inúmeras possibilidades de como apresentar-se socialmente na velhice? A aparência pode ser uma aliada na gestão do envelhecimento? Essas e outras perguntas edificam as inquietações do grupo de pesquisa, ensino e extensão **Envelhecimento, Aparência e Significados** (EAPS), fundado em 2009 na Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP), Brasil.

O grupo vem observando que a composição de respostas a essas questões, presentes no cotidiano ao longo de toda a vida, envolve diversas áreas do conhecimento científico. No entanto, infelizmente, ainda a temática **Envelhecimento e Aparência**, de caráter interdisciplinar, tal como compreendida e definida pelo grupo, encontra-se timidamente representada no debate gerontológico nacional e internacional.

Saliente-se que, apesar da complexidade da temática, o EAPS reserva-se ainda a investigar apenas os aspectos socioculturais da aparência ao longo do envelhecimento, destacando especialmente seus significados. Para isso, nesses anos iniciais, escolheu trabalhar na interface do conhecimento produzido entre os campos da Gerontologia, Moda e Ciências Sociais. Os paradigmas centrais que orientam as produções e atividades do grupo, bem como alinham a presente publicação, são os conceitos de cultura, construção sociocultural, heterogeneidade, interdependência e engajamento social.

Diante dos esforços, este número especial temático da *Revista Kairós-Gerontologia* visa a sensibilizar e divulgar os resultados de pesquisas realizadas nos últimos anos pelo grupo. Destaque-se que os presentes estudos já apontam, mesmo que indiretamente, o potencial da variável aparência nas ações de gestão do envelhecimento, seja individual, familiar, institucional ou coletiva. Com essa devolutiva à sociedade, são comemorados ainda este ano os dez anos de atividades do EAPS!

O material busca especialmente sensibilizar alunos, professores, pesquisadores e profissionais para a potência dessa temática em termos de investigação e, igualmente, promoção do bem-estar da pessoa idosa.

Os estudos demonstram, no geral, que a construção da aparência, quando bem gerenciada e significativa, pode ser uma aliada em questões voltadas para o engajamento social e o fortalecimento de vínculos, posto que se trata de uma forma de expressar quem somos, fortalecendo as identidades.

Assim, para o EAPS, investir na construção da aparência e seus significados trata-se de um meio de garantir o respeito à heterogeneidade, aspecto inerente à condição humana. Igualmente, adentrar na complexa dinâmica do universo simbólico. Aparência é mensagem. Aparência é comunicação.

Ao longo desses dez anos, ressalte-se que o maior desafio do grupo foi conceituar a aparência. Observou-se na literatura a ausência de um conceito assertivo, porém, ao mesmo tempo, que abrangesse a complexidade do comportamento dessa variável, tal qual vista em campo, especialmente quando posta em diálogo com conceitos gerontológicos de envelhecimento e velhice.

Nessa direção, o primeiro artigo deste número da revista apresenta o histórico do EAPS e o conceito de Aparência que o grupo propõe, a partir de uma revisão nacional e internacional de literatura, já publicada em Yokomizo e Lopes (2019)¹. O referido conceito organiza todos os trabalhos apresentados neste volume. Ainda no histórico, são apresentados dois quadros-síntese dos resultados de pesquisas obtidos ao longo da trajetória do grupo, boa parte explorados nos artigos subsequentes. Também, um quadro-síntese com as fases que compuseram a trajetória do grupo, com os respectivos desafios estruturantes.

É muito importante ressaltar que os estudos iniciais do EAPS foram realizados em parceria com alunos de graduação, sem experiência em pesquisa, ou na temática que vinha sendo, pouco a pouco, organizada pelo grupo. Além disso, nos primeiros anos do EAPS a EACH/USP ainda não dispunha do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia, que foi iniciado em 2015.

Mesmo tratando-se de estudos exploratórios, na sua maioria qualitativos, sem fôlego ou compromisso com discussões teóricas densas, devido à escassez e fragmentação da produção na área e à inexperiência em pesquisa dos alunos, aos poucos foi sendo observada a existência de inúmeras problemáticas relacionadas a essa temática que interessava desbravar.

Assim, logo após o histórico, a primeira parte desse volume, composta por sete artigos, retrata os resultados do conjunto de investimentos iniciais junto à graduação. Destaca-se que boa parte das pesquisas realizadas pelo EAPS aconteceram em serviços especializados de atendimento aos idosos. No entanto, os dois primeiros estudos apresentados nessa primeira parte envolvem o contexto da identidade de gênero e orientação sexual. Já o terceiro estudo busca retratar a experiência de construção da aparência entre imigrantes indianos ao longo do envelhecimento.

Mesmo que alguns desses estudos não sejam recentes e de natureza descritiva e exploratória, optou-se, ainda assim, por divulgá-los. A intenção é inspirar novos investimentos de pesquisa, sensibilizar e fomentar o debate em torno da temática. Além disso, trata-se também de um meio de registrar historicamente as problemáticas investigadas e seus respectivos desfechos nos momentos em que esses estudos foram realizados, possivelmente ainda gerando impactos e pistas para entender os dias de hoje.

¹ Yokomizo, P., & Lopes, A. (2019). Aparência: uma revisão bibliográfica e proposta conceitual. *Revista Dobras*, 12(26), 228-244. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/922>.

Com esse volume também se deseja homenagear, reconhecer e agradecer a todos os integrantes provenientes das graduações em Gerontologia e Têxtil e Moda da EACH/USP, pelo entusiasmo e investimentos.

Por confiarem e colaborarem desde o embrião ao amadurecimento da proposta do EAPS, bem como de sua perspectiva e compreensão sobre a relação do envelhecimento e da velhice com a construção e os significados da aparência.

Ressalta-se que esses primeiros esforços já foram suficientes para inspirar o grupo a elaborar, propor e realizar, no primeiro semestre de 2018, uma oficina-piloto de extensão no Programa Universidade Aberta a Terceira Idade (UATI) da EACH/USP, intitulada *Envelhecimento e aparência: com que roupa eu vou?* O relato dessa exitosa experiência encerra o primeiro bloco de artigos, cujo principal papel é sensibilizar e motivar novos desdobramentos práticos e pedagógicos concernentes à temática de interesse.

Outro fruto proveniente dos avanços dessa fase inicial do grupo foi a inclusão da temática no conjunto de interesses da Pós-Graduação em Gerontologia na EACH/USP. Até o momento, duas alunas experientes e participantes do grupo desde a graduação, sendo Patrícia Yokomizo, cofundadora do EAPS, iniciaram e concluíram estudos mais complexos envolvendo, respectivamente, o envelhecimento e a aparência de homens e mulheres idosas. Esses estudos revelaram uma consonância com as conclusões que já vinham sendo rastreadas pelos alunos da graduação. Tais pesquisas integram a segunda parte do presente volume, composta por seis artigos, sendo um deles também disponível em espanhol, devido à parceria do grupo com a Universidade Complutense de Madrid, Espanha.

Encerrando, visto que o EAPS aposta na parceria entre a arte e a ciência, é apresentado um ensaio fotográfico e poético individual, retratando a heterogeneidade da aparência e seus significados entre idosas apoiadoras e colaboradoras de longa data do grupo. Uma parte delas é proveniente da UATI EACH/USP, outra parte do Núcleo de Convivência para Idosos Projeto Samuel Rangel e, ainda, duas delas são servidoras técnico-administrativas da biblioteca da unidade.

O material foi organizado por um membro e um colaborador do grupo, alunos da graduação em Gerontologia. Ainda, destaque-se que a capa igualmente foi organizada por ambos. Cristiano de Assis assina as fotos e edição, em cocriação com Murillo Lino Reis. Isabella Santos e Gideon Depintor colaboraram como assistentes.

Murillo, por sua vez, também assina os poemas do ensaio, fruto da coleta dos relatos das modelos idosas envolvidas, no que tange aos significados da própria aparência retratados nas imagens. Andrea Lopes e Patrícia Yokomizo atuaram como curadoras.

Destaca-se que a exposição do ensaio, intitulado *Poesia Fotográfica: envelhecimento, aparência e significado*, teve abertura no I Seminário de pesquisa do grupo EAPS, *Envelhecimento, Aparência e Significado: resultado dos 10 anos de atividades*, em 29 de novembro de 2019. Ainda, em dezembro deste ano a mostra estará disponível na biblioteca da EACH/USP.

Tal como o ensaio fotográfico, a capa deste volume também busca retratar a heterogeneidade dos idosos por meio de suas aparências, um dos focos do grupo, desta vez, colocando o coletivo em perspectiva. Os idosos retratados também fazem parte das duas oficinas de teatro da UATI EACH/USP, lideradas pelo Prof. Rogério Pimenta, igualmente retratado. O grupo e o professor têm presença marcante na escola e desde o início têm apoiado com entusiasmo as ações e pesquisas do EAPS.

Assim, tanto a capa como o ensaio organizam-se como um símbolo do profundo agradecimento e homenagem não apenas aos envolvidos nas imagens, mas também a outros incontáveis parceiros que ao longo dos anos vêm acreditando, contribuindo e apoiando as atividades do grupo.

Em seguida, apresentam-se os nomes dos modelos que constituem a capa desse volume, em ordem de aparecimento de cima para baixo, da esquerda para direita: Josefina de Jesus Violli Pereira, Prof. Rogério Pimenta, Maria das Dores Alves dos Santos, Olga Angelina Araneda Flores, Maria de Lourdes Palermo, Yolanda Pilon, Maria Valdeci da Silva, Maria Lúcia de Palma Ribeiro, Rizette Alexandre do Nascimento, Aménalia Rocha, Marli Guerra, Eliana Löw, Raquel Amaral de Freitas, Marlene Fernandes Zinetti, Bartira Nunes Martins, José Pereira Lima Filho e Vanda Aracelia Sessi.

Por fim, destaca-se que grande parte dos trabalhos foram apreciados por bancas examinadoras de conclusão de curso e mestrado, como também pareceristas de agências de fomento. As organizadoras figuram como orientadoras de grande parte dos trabalhos e pareceristas *ad hoc* de todo o volume.

Nessa linha, deseja-se ainda agradecer o carinho no acolhimento a esta proposta de publicação, gratidão à competente revisão final de todo o número especial do volume 22, pela editoria da *Revista Kairós-Gerontologia*, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Flaminia Manzano Moreira Lodovici, e a técnica Thais Moret, pela oportunidade de tornarem este sonho realidade.

Espera-se que os leitores apreciem os esforços e contribuições do EAPS ao debate em torno da temática Envelhecimento e Aparência.

Andrea Lopes – Antropóloga, docente da Pós-Graduação em Gerontologia e das Graduações em Gerontologia e Têxtil e Moda. Fundadora e coordenadora do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS), todos da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP).
E-mail: andrealopes@usp.br

Patrícia Yokomizo – Graduação em Têxtil e Moda. Mestre em Gerontologia, fundadora e membro do grupo EAPS, todos na EACH/USP.
E-mail: pati@usp.br

Histórico do grupo EAPS, conceito de Aparência e síntese dos resultados: dez anos de pesquisa, ensino e extensão sobre a temática Envelhecimento e Aparência

EAPS group history, Appearance concept, and summary of the results: ten years of research, teaching, and extension on the theme Aging and Appearance

Historia del grupo EAPS, concepto de Apariencia y resumen de los resultados: diez años de investigación, enseñanza y extensión universitaria en el tema Envejecimiento y Apariencia

Andrea Lopes

Patrícia Yokomizo

RESUMO: A temática Envelhecimento e Aparência não tem sido discutida na Gerontologia nacional em toda a sua complexidade. O artigo apresenta as atividades, resultados e desafios presentes no percurso dos 10 anos do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significados, vinculado à EACH/USP. As contribuições do grupo foram: 1) proposição de uma temática de investigação científica, a partir da observação de demanda social específica; 2) proposta de conceito para a variável aparência; 3) oficina de extensão universitária conjunta com disciplina optativa envolvendo alunos de graduação e pós-graduação; 4) três exposições artísticas; 5) palestras diversas;

6) um conjunto de pesquisas exploratórias, majoritariamente de caráter qualitativo, desenvolvidas por alunos de graduação e pós-graduação, algumas com financiamento; 7) um seminário de pesquisa; 8) vinculação ao diretório de grupos de pesquisa do CNPq; 9) *site* institucional e página no *Facebook*; e, por fim, 10) publicações científicas nacionais, inclusive, organização de número especial 26, de 2019, da *Revista Kairós-Gerontologia* sobre a temática. Os esforços visam a sensibilizar, visibilizar e fomentar o debate em torno dos aspectos socioculturais da Aparência, como modo de fortalecer e legitimar as identidades e o engajamento social, ao promover a heterogeneidade das formas de envelhecer.

Palavras-chave: Aparência; Envelhecimento; Velhice.

ABSTRACT: *The Aging and Appearance theme has not been discussed in the Brazilian Gerontology in its complexity. The article presents the activities, results, and challenges present in the 10 years of the research, teaching and extension group Aging, Appearance and Meaning of the School of Arts, Sciences, and Humanities from University of São Paulo, Brazil. The group's contributions were: 1) the proposition of a theme of scientific investigation, from the observation of a specific social demand; 2) the proposition of a concept for the appearance variable; 3) university extension workshop in conjunction with an elective discipline involving undergraduate and graduate students; 4) three artistic exhibitions; 5) various lectures; 6) a set of exploratory research, mostly qualitative, developed by undergraduate and graduate students, some with funding; 7) a research seminar; 8) registration in CNPq Research Groups Directory, Brazil; 9) institutional website and Facebook page; and, finally, 10) national scientific publications, including the organization of a special issue on the subject for the Kairós-Gerontologia Journal.*

Keywords: Appearance; Aging; Old age.

RESUMEN: *El tema Envejecimiento y Apariencia no ha sido discutido de modo complejo en la Gerontología brasileña. De esa manera, el artículo presenta las actividades, resultados y desafíos presentes en los 10 años del grupo de investigación, enseñanza y extensión Envejecimiento, Apariencia y Significados, asociado a la Escuela de Artes, Ciencias y Humanidades de la Universidad de São Paulo, Brasil. Las*

contribuciones del grupo fueron: 1) la proposición de un tema de investigación científica, a partir de la observación de una demanda social específica; 2) la proposición de un concepto de Apariencia; 3) un taller de extensión universitaria en asociación con una asignatura electiva para estudiantes de grado y posgrado; 4) tres exposiciones artísticas; 5) varias conferencias; 6) un conjunto de investigaciones exploratorias, en su mayoría cualitativas, desarrolladas por estudiantes de grado y posgrado, algunas con financiación; 7) un seminario de investigación; 8) el registro en el Directorio de Grupos de Investigación del Consejo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico (CNPq), Brasil; 9) la página web institucional y el Facebook del grupo; y, finalmente, 10) publicaciones científicas nacionales, en las cuales se incluye este número especial de la Revista Kairós-Gerontología.

Palabras clave: Apariencia; Envejecimiento; Vejez.

Introdução

O artigo tem como objetivo apresentar o histórico do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significados (EAPS), parte da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH), da Universidade de São Paulo (USP), Brasil. Ainda, deseja-se compartilhar o conceito de Aparência proposto pelo grupo. Por fim, uma síntese envolvendo semelhanças e diferenças entre os resultados alcançados pelas pesquisas realizadas ao longo de dez anos. Atualmente, o EAPS é um dos grupos de investigação ligado à linha de pesquisa Processos Educativos no Envelhecimento, do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da EACH/USP.

Assim como a perspectiva gerontológica do envelhecimento¹, ao definir o conceito de Aparência, o grupo entende essa variável como multideterminada e processual. A proposição de um conceito de Aparência emergiu da crescente insatisfação do grupo com a falta de consenso na literatura sobre esse termo e sua definição.

¹Entende-se por envelhecimento humano o processo universal, heterogêneo e dinâmico que ocorre ao longo de toda a vida, fruto da combinação de determinantes biológicos, psicológicos e socioculturais (Santos, Lopes, & Neri, 2007; Neri, 2014; Ribeiro, 2012).

O uso indiscriminado de conceitos como moda, beleza, corpo e autoestima propunha-se a tratar, muitas vezes, da mesma perspectiva conceitual, desfechos analíticos de diferentes naturezas. Nessa direção, recentemente organizaram-se esforços para a realização de uma revisão narrativa envolvendo artigos nacionais e internacionais provenientes dos campos da Gerontologia, Moda e Antropologia. A escolha dos respectivos campos deu-se pelo especial interesse nos aspectos simbólicos da temática Envelhecimento e Aparência, foco do grupo. O resultado da revisão e proposição do termo estão publicados em Yokomizo e Lopes (2019, p. 239). Nessa direção, o EAPS investiu na união e concentração dessas contribuições e frentes fragmentadas em um único conceito mais abrangente, intencionando reunir e promover o debate em uma rumo a uma definição mais robusta e coesa, a partir da proposição de um conceito de **Aparência**, a saber: “um conjunto de aspectos físicos, comportamentais, atitudinais, estéticos e simbólicos construídos e externalizados pelos indivíduos ou grupos, compondo sua apresentação pessoal ou coletiva”. No mesmo artigo, o grupo ainda propõe que:

A Aparência resulta do contato pessoal e coletivo com diversos contextos e relações socioculturais, historicamente datadas, estabelecidas ou não, ao longo da vida. Através da Aparência, visa-se proteção e, especialmente, comunicar mensagens, significados, emoções, crenças, estilos e/ou tipos e compreensões de beleza. Além disso, expressa pertencimento, exercício de papéis e tarefas sociais, atendimento ou contraposição de expectativas e punições sociais reconhecidas e acordadas, muitas vezes, conforme a ocasião e o local, posto que ancoradas socioculturalmente e/ou em condições climáticas (p. 239).

Como características da construção da Aparência, o grupo defende que ela é “processual, histórica, situacional, dinâmica, interdependente e heterogênea (...) ocorre ao longo de toda a vida e em acordo com as condições e modos que os indivíduos e os grupos envelhecem nesse percurso” (Yokomizo, & Lopes, 2019, p. 239).

Por sua natureza interdisciplinar, o EAPS conta com a interlocução de pesquisadores e colaboradores de diferentes campos de conhecimento e instituições.

Ao longo de sua trajetória, realizou majoritariamente estudos qualitativos, de orientação etnográfica. Os paradigmas teóricos clássicos que sustentam as ações e trabalhos do grupo, explorados ao longo dos estudos presentes neste volume, são: heterogeneidade, interdependência, cultura e construção sociocultural. Em todas essas frentes, considera-se a noção de engajamento social, entendido pelo grupo como envolvimento social significativo e mobilizador de crenças, atitudes e comportamentos, promovendo o bem-estar ao longo do envelhecimento e da velhice, em particular. Nessa confluência teórico-metodológica, pretende-se continuar avançando na compreensão simbólica da Aparência e seus desdobramentos, em face à gestão do envelhecimento individual, coletivo e institucional.

A história do grupo EAPS

A ideia de formar um grupo de pesquisa surgiu em 2007, a partir de um convite do então vice-coordenador do curso de Têxtil e Moda da EACH/USP, Prof. Dr. José Jorge Boueri Filho. Foi proposto à Prof.^a Dr.^a Andrea Lopes ministrar a disciplina Sociologia da Moda no primeiro semestre daquele ano, substituindo por seis meses a então responsável, Prof.^a Dr.^a Ana Paula Cavalcanti Simioni, em licença-maternidade.

A disciplina foi muito exitosa e os alunos demonstraram interesse em saber mais sobre o envelhecimento e refletir sobre formas de se apresentar socialmente ao longo da vida. Nesse sentido, relataram, especialmente, sobre o incômodo e a preocupação em torno das reduzidas imagens da velhice disponíveis na sociedade brasileira, debate trazido à tona pela professora Andrea. Os alunos destacavam que no campo da Moda havia também pouca amplitude com relação às diversas imagens relacionadas aos diferentes períodos do curso da vida, que não principalmente a chamada vida adulta.

Desde o fim da disciplina, sucessivas trocas informais foram sendo realizadas com os alunos interessados. Um *corpus* temático embrionário começou a ganhar forma e espaço nos interesses de pesquisa da professora. A docente já era muito sensível aos modos de apresentações sociais desde muito jovem, sendo um dos motivadores, inclusive, para a opção pela graduação em Ciências Sociais. Igualmente, a formação na pós-graduação em Gerontologia trouxe o estímulo para a ampliação das inquietações e curiosidade para além da formação original.

Mais adiante, a professora Andrea Lopes foi convidada a colaborar com a pesquisa *Idosos de baixa renda no Brasil*. O estudo foi realizado entre junho e meados de agosto de 2009 e coordenado pelo pesquisador japonês Dr. Ryohei Konta, com financiamento do *Institute of Developing Economies, Japan External Trade Organization*, Japão. Participaram 100 moradores da Vila dos Idosos, São Paulo, Brasil.

Gentilmente, além de selecionar e treinar alunos monitores provenientes da Gerontologia EACH/USP, como supervisionar a coleta de dados, a Dr.^a Andrea Lopes foi também convidada a incluir, no instrumento da referida pesquisa, questões relacionadas aos seus interesses incipientes envolvendo a apresentação pessoal. A experiência de campo e a interlocução de pesquisa fortaleceram a certeza da existência de uma temática robusta de investigação, que já vinha sendo apreciada pela professora e seus alunos do curso de Moda nos regulares encontros de estudo. Assim, a Prof.^a Andrea Lopes, a partir da riqueza das pistas advindas da Vila dos Idosos, em 28 de agosto de 2009, conjuntamente com os alunos da Têxtil e Moda, em especial, Patrícia Yokomizo, uma das alunas da turma de Sociologia da Moda de 2007 e liderança atuante até hoje no grupo, fundaram o grupo EAPS, cuja temática de investigação passou a ser Envelhecimento, Aparência e Significados. A professora tem coordenado o grupo até os dias de hoje.

Inicialmente, o grupo organizou-se com alunos de diferentes turmas da graduação em Têxtil e Moda da EACH/USP. No geral, destacam-se por um maior período as participações de Caroline Miranda Bernardo, Larissa Henrici, Natália Peralta, Patrícia Mello e Thaís Fernanda Luz Yoshioka. Em abril de 2010, surgiu o convite para o grupo participar no *Seminário de estudos e pesquisa de design: corpo, moda e ética – pistas para uma reflexão de valores*. O evento foi organizado pelo grupo de estudos *Zig-Zag: transversalidade e design de moda*, da Faculdade Anhembi Morumbi, São Paulo, Brasil. O título da apresentação foi *Moda e Envelhecimento*, parte da mesa redonda *Moda e extremos*. No ano seguinte, colaborou-se com o livro resultante do evento com o capítulo *Envelhecimento e velhice: pistas e reflexões para o campo da Moda* (Lopes, et al., 2011). Em 03 de novembro de 2011, o EAPS participou então do lançamento do livro, sendo o referido capítulo sua primeira publicação. Agradece-se pelo convite e oportunidade oferecida pelas organizadoras do evento e da obra, Prof.^a Dr.^a Cristiane Mesquita e Prof.^a Dr.^a Kathia Castilho.

Ainda sobre o início das atividades do EAPS, ao final de 2009, surgiu mais um convite de pesquisa, então para colaborar com o estudo intitulado *Educação permanente: benefícios da Universidade Aberta à Terceira Idade EACH/USP*. O financiamento veio do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), do Ministério da Educação. A coordenação foi realizada pela Prof.^a Dr.^a Meire Cachioni, dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Gerontologia da EACH/USP. A pesquisa envolveu aproximadamente 160 idosos e foi concluída em 2010. Um espaço também foi reservado para questões envolvendo a Aparência no protocolo, gerando pistas referentes à temática do Envelhecimento e Aparência no âmbito das atividades de ensino.

Avançando para 2009 até 2011, foi realizada outra parceria de pesquisa, esta mais focada nos significados de velhice e fragilidade. O estudo multicêntrico, que envolveu 385 idosos, foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e intitulava-se *Rede Fibra: perfis de fragilidade em idosos brasileiros, polo Ermelino Matarazzo, zona leste da cidade de São Paulo, Brasil*.

A coordenação do estudo nessa região foi realizada pela Prof.^a Dr.^a Mônica Sanches Yassuda, igualmente dos cursos de Gerontologia da EACH/USP. A investigação da Aparência não foi diretamente incluída no protocolo. No entanto, especialmente colaborar na liderança da coleta dos dados trouxe maior amplitude da perspectiva física dessa complexa variável. A noção investigativa desses aspectos foi muito interessante para o amadurecimento da compreensão e relações que as variáveis biológicas estabeleciam com variáveis socioculturais, até então debatidas no grupo.

Ainda em 2011, a partir de suas experiências iniciais empíricas e teóricas de campo, o grupo começou a definir variáveis que poderiam vir a ser relacionadas à temática de interesse, como gênero, renda e escolaridade. Em uma reunião realizada em primeiro de abril do mesmo ano, criou-se, então, o primeiro nome do grupo, Envelhecimento, Aparência e Imagens (EAPI).

Mais adiante, em 4 de outubro e nos anos seguintes, o grupo foi convidado a ministrar a aula *Envelhecimento e Aparência*, na disciplina *Envelhecimento e Empreendedorismo*, parte do curso de Graduação em Gerontologia da EACH-USP, sob o comando da Prof.^a Dr.^a Maria Luisa Trindade Bestetti.

Subsequentemente, em 28 de novembro de 2011, Andrea Lopes foi convidada a ser parecerista do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da aluna Thaís Yoshioka, ainda membro do EAPS na época, que era orientada pela Prof.^a Dr.^a Heloísa Buarque de Almeida, do Departamento de Antropologia da USP. O trabalho consistia em um estudo de caso sobre a trajetória da construção da aparência de uma mulher transexual jovem heterossexual, em comparação com uma travesti. O caso da transexual está apresentado neste número especial temático da revista *Kairós-Gerontologia*, em coautoria com a Prof.^a Andrea Lopes.

Da mesma forma, outros dois membros do grupo na época convidaram a Dr.^a Andrea Lopes para emitir pareceres de seus TCCs, Caroline Bernardo e Larissa Henrici, orientadas respectivamente pelas professoras Dr.^a Ana Lucia Pastore (departamento de Antropologia USP) e Dr.^a Isabel Italiano (curso de graduação em Têxtil e Moda USP).

A primeira aluna estudou o discurso do legislativo sobre o vestuário de vítimas de estupro no trabalho intitulado *Moda como instrumento de violência: análise de processos e discursos sobre mulheres*.

A segunda, por sua vez, estudou e propôs diretrizes de medidas para vestuário de idosos no trabalho denominado *Um olhar da moda para os idosos: diretrizes para a criação de vestuário*. A oportunidade de emitir pareceres para esses trabalhos, em parte estimulados e criados no bojo do grupo, ampliou a rede de contato e diálogo do EAPS, passando então a dialogar com professores de outras formações e interesses, inclusive para além da EACH/USP.

No ano de 2012, dispondo de mais familiaridade e domínio sobre os interesses do grupo, Andrea Lopes teve a oportunidade de orientar os primeiros TCCs envolvendo a temática aparência, atraindo então alunos da graduação em Gerontologia da EACH/USP para o EAPS. Entre eles, estão Joice Plens e Natália Polo Silva, cujos trabalhos foram imediatamente publicados (Plens, *et al.*, 2012; Silva, Cachioni, & Lopes, 2012). Ainda proveniente do mesmo curso, Carolina Barreta Caio é mais uma aluna que no mesmo período realizou pesquisa com o grupo, pesquisa essa sobre a aparência de imigrantes indianos de São Paulo, apresentada neste mesmo volume temático.

Outra oportunidade na ocasião foi a composição de banca e posterior coautoria da Prof.^a Andrea Lopes no trabalho de TCC em Gerontologia da aluna Mariana Picolli, sob

orientação da Prof.^a Dr.^a Bibiana Graeff (Picolli, *et al.*, 2012) envolvendo idosos que se autointitulavam roqueiros.

Em suma, até então, apesar dos levantamentos, investimentos de campo e discussões em torno da temática Envelhecimento, Aparência e Significados, os esforços e interesses da professora Andrea Lopes ainda estavam concentrados em outros temas de pesquisa, especialmente os provenientes do seu mestrado em Gerontologia (Lopes, 2000) e de seu doutorado em Educação, área de concentração em Gerontologia (Lopes, 2006). Ela estava em seu período probatório na universidade e, concomitantemente à nova temática que surgia, investia na orientação de temas que já dominava. Assim, as primeiras pesquisas, orientações e parcerias realizadas vinham contando mais com a colaboração de estudantes da Gerontologia, visto a modesta inserção no campo da Moda e aprofundamento no conceito de Aparência feitos até então.

Inicialmente, conforme inclusive presente no nome do grupo, a noção do então EAPI sobre Aparência misturava-se com o conceito de imagens do envelhecimento. Assim, ainda em 2012, comemorou-se um ano do nome EAPI. No entanto, à medida que o grupo lentamente mapeava a literatura de interesse e se aprofundava no assunto, foi sendo percebido que as questões simbólicas eram muito pertinentes ao avanço da compreensão do grupo, especialmente devido à formação da professora e as orientações anteriores que já havia realizado. Dessa maneira, ao nome foi acrescentado o termo significado, passando a se chamar Envelhecimento, Aparência, Imagem e Significado (EAPIS).

Em 25 de maio de 2012, a professora Andrea Lopes foi convidada a fazer parte da mesa *O idoso no mundo do consumo*, com a palestra *Envelhecimento e Aparência: percepções dos moradores da Vila dos Idosos e dos alunos da UATI EACH/USP*, no XVIII Congresso Brasileiro de Geriatria e Gerontologia, Rio de Janeiro. Sua tarefa foi comparar os resultados da aplicação do mesmo instrumento utilizado em ambos os locais, os quais havia pesquisado anteriormente no estudo em parceria com o Japão.

Outro desafio que foi oportunizado ao grupo em 17 de setembro de 2012 foi tratar da temática Envelhecimento e Aparência em entrevista para a repórter Letícia Gonzalez, a fim de compor uma matéria, de título *Você também vai envelhecer, aceite*, publicada na revista TPM, número 125, de 05 de outubro de 2012. O trabalho explorou os mitos envolvidos no processo do envelhecimento, especialmente os impactos que causavam na gestão da Aparência ao longo do envelhecimento.

Em seguida, em 26 de outubro do mesmo ano, os trabalhos de Joice Plens e Carolina Caio foram premiados como melhores pôsteres na V Jornada de Gerontologia da EACH/USP. Finalmente, em novembro daquele ano, Andrea Lopes, Patrícia Yokomizo, Natália Polo e Caroline Caio participaram do II Seminário de Pesquisa da mesma unidade, com a apresentação *Envelhecimento e Aparência: síntese dos resultados de pesquisas em andamento do grupo EAPIS EACH/USP*. O resumo foi publicado nos anais do evento.

No ano seguinte, investiu-se na criação do logo do grupo. As reuniões passaram a ser mensais, considerando que todas as integrantes haviam se formado na graduação.

Ainda em 2013, a Prof.^a Andrea Lopes foi entrevistada sobre a temática em dois veículos de comunicação. Em 26 de abril no programa Globo News, da Rede Globo, sobre preconceito e aparência. Em 28 de novembro, para a revista *Estar Bem*, da cidade de Florianópolis, destacando a relação das imagens e significados do envelhecimento na atualidade, buscando debater mitos. Entre a realização das duas entrevistas, a Dr.^a Andrea Lopes ministrou uma aula sobre sexualidade e diferença de gênero, com destaque ao papel da variável aparência, na disciplina Envelhecimento e Sexualidade, parte do curso de Graduação em Gerontologia da EACH/USP.

Já em outubro de 2013, no IV Colóquio Internacional de Gerontologia, organizado pelo Instituto de Estudos Avançados da Faculdade de Medicina da USP Ribeirão Preto, o grupo recebeu menção honrosa pelo pôster da aluna Carolina Caio. Mais adiante, em 30 de novembro de 2013, obteve-se o primeiro lugar na categoria pôster para o TCC da aluna Joice Plens, no II Congresso Municipal sobre Envelhecimento Ativo – Cidade Amiga do Idoso, realizado pela Prefeitura de São Paulo, Grande Conselho Municipal do Idoso e Hospital Premier. Não apenas uma demanda advinda dos idosos era identificada, como também um interesse e legitimação dos pesquisadores e profissionais fazia-se presente à medida que o grupo compartilhava suas reflexões e frutos dos investimentos.

Ao longo de todo esse percurso, as diversas e diferentes atividades exercidas pelo grupo colaboraram também para a composição de uma biblioteca especializada, atualizada a cada nova pesquisa ou atividade. Apesar de observar-se a cada ano que, no geral, a literatura científica não vinha fazendo avanços frente à temática, foi possível coletar tangencialmente produções muito interessantes e estimulantes.

Além disso, o fato de o grupo apostar igualmente no registro visual da temática, buscando promover o diálogo entre arte e ciência, ações envolvendo produção artística sempre foram estimuladas, mesmo quando se tratava apenas do registro das atividades de pesquisa de campo.

Nos últimos seis anos, com o amadurecimento do grupo e maior clareza sobre a importância de observar os significados do envelhecer, decidiu-se então focar na variável aparência e postergar para outro momento os estudos envolvendo imagens. A decisão amparou-se nas considerações de Patrícia Yokomizo. Também artista visual, após realizar uma disciplina sobre imagens e cultura visual, aprofundou sua compreensão sobre o termo imagem e seus correlatos, como a fotografia e o vídeo. Compartilhou com o grupo a profunda, complexa, e diversificada discussão com que tomou contato. Questionou se o grupo não deveria fazer escolhas e estabelecer um foco mais preciso sobre a variável aparência, e significados em particular, que já continha seus desafios diante da carência de debate e produção nacional. Depois de muitas reflexões e trocas, o grupo passou a chamar-se Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS) desde 2015. O logo criado por Patrícia foi atualizado e oficialmente assumido pelo grupo, conforme apresentado no início do presente artigo.

As frentes de atuação também foram se diversificando e ganhando forma, conteúdo e legitimação institucional. No que tange às ações de ensino formal, o grupo atualmente lidera duas disciplinas de graduação. A primeira, Aspectos socioculturais do envelhecimento, explora os conceitos antropológicos constituintes do grupo, como também os aplica em diversos cenários sociais do envelhecimento, como a aparência. Essa disciplina prepara os alunos para uma optativa proposta e conquistada pelo grupo no curso de Têxtil e Moda, denominada *Envelhecimento e Aparência*. A disciplina é oferecida simultaneamente para a graduação em Gerontologia, ampliando e diversificando o debate em torno da temática.

A primeira versão da disciplina optativa gerou, ao final, uma exposição na biblioteca da EACH/USP intitulada *Tem velho na capa!* Os alunos elaboraram oito capas de revista com idosos da UATI, retratando questões vinculadas à aparência. Uma segunda exposição desse material aconteceu no bazar de inverno do parceiro de estágio obrigatório em Gerontologia, o Núcleo de Convivência para Idosos Projeto Samuel Rangel, localizado no bairro de Pinheiros, São Paulo, Brasil.

Os modelos idosos fizeram a abertura da exposição no local, num ato de intercâmbio institucional, convidando os presentes a visitar e conhecer a UATI EACH/USP. Também relataram a relação que estabeleciam com as próprias aparências ao longo da velhice.

No campo das ações de extensão, no primeiro semestre de 2018, o grupo elaborou e ofereceu uma oficina, versão piloto, no âmbito da UNATI EACH/USP, intitulada *Envelhecimento e Aparência: com que roupa eu vou?* Participaram da experiência nove idosas, que foram acompanhadas individualmente por 14 monitores voluntários, provenientes da graduação e pós-graduação em Gerontologia e da graduação em Têxtil e Moda da EACH/USP. Teve-se, ainda, o prazer de contar com duas monitoras externas à USP e com a fotógrafa Marliete Rodrigues, que registrou todos os encontros.

Dentre os monitores, Mariana de Oliveira, Renan Rodrigues e Rafaela Alves Vieira prestaram suporte à coordenação da oficina, exercida pela professora Andrea. Os primeiros eram membros do EAPS e provenientes da graduação em Gerontologia. Já a monitora Rafaela pertencia ao curso de graduação em Têxtil e Moda e havia cursado a optativa *Envelhecimento e Aparência*.

O objetivo da oficina foi reconstruir o curso da composição da aparência ao longo da vida das idosas participantes. Frente a esse desafio, identificar as mensagens, papéis sociais, valores, normas, expectativas, frustrações, superações, ganhos e perdas. Refletiu-se sobre os desafios na construção de suas identidades, tendo como foco suas aparências. Em especial, quem são e o que desejam na atual fase de suas vidas e como elas podem usar das próprias aparências para reinventar-se e apresentar-se socialmente no futuro, de forma a promover o próprio bem-estar. Estimularam-se, portanto, as noções de autonomia, interdependência, heterogeneidade e engajamento social. Nesse sentido, estimulou-se a concepção da aparência como forma de expressar mensagens e otimizar oportunidades. Observou-se que, quando significativamente engendradas e legitimadas, as aparências não enganam!

A experiência resultou em duas participações no evento *IV Congresso Internacional de Gerontologia da USP e V Congresso Latino-Americano de Universidades com Carreiras em Gerontologia*, realizado no segundo semestre de 2018: um desfile com todos os participantes e uma instalação na biblioteca da EACH/USP. Esta última, continha os seguintes produtos da oficina:

- a) Painéis retratando a memória da trajetória da aparência;
- b) Roupas customizadas, a partir da reciclagem de peças doadas pelo próprio grupo;
- c) Um recordatório fotográfico, criado pela fotógrafa Marliete Rodrigues;
- d) Retratos das idosas e acrósticos, confeccionados pela monitora Maria de Fátima Rodrigues.

Ainda no mesmo congresso, foram apresentadas cinco pesquisas, sendo quatro pôsteres e uma apresentação oral dos seguintes integrantes do grupo: Silvana Bassi Ramos, Leônidas Ramos, Mariana de Oliveira, Natália Tezoto e Patrícia Yokomizo. Agradecimento especial a toda a equipe organizadora do congresso pela oportunidade!

Assim, uma outra clareza que foi adquirida ao longo dos anos é a de que o grupo EAPS tem como princípio promover a ciência por meio da arte em suas ações. Nesse esforço, confere-se o destaque e agradecimento à iniciativa da monitora da oficina, Ana Maria de Souza. Ela criou e presenteou as idosas com cadernos artesanais, cujas capas foram revestidas com tecidos escolhidos por elas. O objetivo foi estimular que as participantes continuassem, após o término da oficina, tomando notas, refletindo e se mantendo à frente da trajetória da própria aparência, buscando marcar quem são. Percebeu-se na experiência que registrar e refletir sobre a construção diária da aparência e seus significados ao longo da oficina atuou como um caminho na promoção do bem-estar das idosas, tal como elas iam relatando a cada encontro. Atualmente, é possível acompanhar, nas respectivas redes sociais de algumas participantes, encontros regulares entre elas e fotos que passaram a postar com diferentes vestuários ou participação em eventos diversos. O relato da experiência também está entre os trabalhos apresentados neste número especial, fruto do TCC de Renan Rodrigues de Almeida.

Por fim, voltando às ações de educação formal, o amadurecimento alcançado com a oficina e a disciplina optativa da graduação estimularam o EAPS a organizar e propor uma nova disciplina optativa, de caráter híbrido, agora para a grade da Pós-Graduação em Gerontologia, igualmente denominada Envelhecimento e Aparência. O bom desempenho resultante da proposta-piloto em unir idosos e alunos de graduação e pós-graduação na oficina estimulou o desejo de oficializar a experiência. Assim, a proposta envolvia sobrepor as três frentes em uma única ação. Obteve-se aprovação por unanimidade nas instâncias competentes da EACH/USP em 2019.

No que tange à pesquisa, o grupo avançou na busca por financiamento. Na graduação, foi contemplado com duas bolsas de iniciação científica no Programa Unificado de Bolsas (PUB) USP em 2017 e 2018. Os trabalhos de Mariana de Oliveira e Leônidas Ramos visavam a discutir a temática no âmbito dos idosos envolvidos com a oficina de teatro da UATI EACH/USP, respectivamente, mulheres e homens. Os materiais também compõem este número especial.

Na Pós-Graduação em Gerontologia, Patrícia Yokomizo obteve bolsa de mestrado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), inclusive contando com o apoio da mesma instituição para a coleta de dados na Espanha, com o recurso denominado Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE).

O estudo, de natureza etnográfica e transcultural, buscou comparar a construção da aparência e seus significados entre idosas de baixa renda e escolaridade das cidades de São Paulo e Madrid. Quatro estudos provenientes dessa oportunidade constam também no presente volume temático. Outros dois trabalhos já foram publicados, sendo um em periódico da área de Comunicação (Yokomizo, & Lopes, 2018) e outro já citado anteriormente sobre o conceito de Aparência. Agradece-se a todas as instituições envolvidas na execução e conclusão desse trabalho e à Prof.^a Dr.^a Paloma Díaz Soloaga, tutora da pesquisa no exterior, vinculada à Universidade Complutense de Madrid.

Outro desafio que o grupo se colocou foi a realização de uma primeira pesquisa de natureza quanti-qualitativa, realizada pelas alunas Aparecida Costa da Silva e Silvana Bassi Ramos, como TCC. À Silvana interessava saber os significados de aposentadoria para idosos aposentados e vinculados ao Sindicato Nacional dos Aposentados, Pensionistas e Idosos (SINDNAPI), sede São Paulo. Já Aparecida buscava, na mesma amostra de 200 participantes, investigar os significados da aparência. A primeira pesquisa está em fase de publicação. A segunda compõe este número especial. Dado o grande entusiasmo com a temática Envelhecimento e Aparência, Silvana optou por continuar no grupo e realizar o mestrado em Gerontologia da EACH/USP.

Ainda sobre o estudo realizado no sindicato, observou-se que a prevalência foi masculina, algo raro nos equipamentos voltados para idosos. O rastreio realizado no local trouxe inúmeros dados interessantes sobre a constituição e importância da aparência para os homens idosos.

Assim, no mestrado, Silvana investigou o universo dos misteres eleitos anualmente no Instituto Paulista de Geriatria e Gerontologia (IPGG) José Ermírio de Moraes, localizado no bairro de São Miguel Paulista, São Paulo. Seu foco foram os idosos eleitos em 2017. A experiência ocasionou dois artigos, igualmente presentes neste número especial. Nesse contexto, aproveita-se para agradecer todo o apoio e a confiança oferecidos pelo IPGG a ambas as pesquisas de mestrado do grupo, orientadas pela professora Andrea Lopes. Atualmente, a pesquisa foi aceita para ser apresentada em formato de pôster no *I Congresso internacional em comunidades envelhecidas*, em Portugal.

No âmbito do TCC, teve-se também a oportunidade de investigar a temática da aparência em aplicativos de relacionamentos homossexuais, estudo realizado pela participante Paula Mello Gomes, também apresentado neste volume temático. Igualmente, o trabalho de Natália Tezoto, proveniente do curso de Têxtil e Moda, teve como foco investigar os significados dos calçados para idosas do teatro da UATI.

O EAPS continuou avançando nas parcerias institucionais e participou de evento voltado para profissionais de Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs) na Defensoria Pública do Estado de São Paulo, Núcleo Especializado dos Direitos do Idoso e da Pessoa com Deficiência. O encontro foi organizado pela Prof.^a Dr.^a Bibiana Graeff, da Gerontologia EACH/USP, e a defensora pública Renata Tibiriça, com o apoio dos estagiários do curso. O convite foi tratar sobre a temática da Aparência e Envelhecimento no que se refere à gestão em ILPIs. Outras duas palestras foram ministradas na São Paulo Escola de Teatro, instrumentalizando os alunos do semestre, que tinham como desafio montar peças envolvendo o tema do envelhecimento. Ainda em termos da extensão, entrevistas em programas de televisão, internet e mídia impressa foram concedidas. Parcerias com unidades do Serviço Social do Comércio (SESC) de São Paulo, São Caetano e São José do Rio Preto também foram firmadas ao ministrar palestras e realizar um *workshop*.

Por fim, no âmbito da pós-graduação, a coordenadora do grupo EAPS foi ainda convidada a compor bancas sobre a temática, para além da EACH/USP. Primeiramente, participou do exame de qualificação da aluna Beatriz Vital Moreira, do mestrado em Administração da Faculdade de Economia e Administração da USP.

O estudo tratou de investigar as percepções e motivações em torno de vestuário para mulheres idosas. Já fora da USP, Andrea Lopes, enquanto representante EAPS, participou ainda de banca de defesa em Educação da aluna Camila Maria Albuquerque Aragão da Universidade Nove de Julho. A pesquisa tratou de investigar as concepções sobre o conceito de moda para os professores do curso superior de tecnologia em Design de Moda do Instituto Federal do Piauí.

Parte das atividades até aqui narradas podem ser conferidas na página do grupo no *site* da rede *Facebook* (www.facebook.com/grupoeaps), no *site* institucional da USP (www.each.usp.br/grupoeaps) e no Diretório de Grupos de Pesquisa do Brasil, sob a responsabilidade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Outras duas formas de divulgação foram a organização do primeiro seminário de pesquisa do grupo intitulado *Envelhecimento, Aparência e Significados: resultados dos 10 anos de pesquisa*, realizado no dia 29 de novembro de 2019, nas dependências da EACH/USP, com apoio da Liga de Gerontologia da unidade. O encontro teve como objetivo central apresentar a temática e o conceito proposto de Aparência, divulgar os principais resultados de pesquisa e apresentar o presente número especial temático 26 (volume 22) da *Revista Kairós-Gerontologia*, como dito até aqui, com diversos estudos do grupo. No evento, foi realizada ainda a abertura de mais uma exposição fotográfica e poética, intitulada *Poesia Fotográfica: Envelhecimento, Aparência e Significado*, envolvendo modelos de idosas parceiras, em homenagem a todos os apoiadores do grupo. Essas conquistas encerram as atividades dos 10 anos do EAPS.

Quadros-síntese

A proposição de uma temática de pesquisa, conceito e constituição de um grupo de investigação requerem inquietação, persistência, dedicação, sensibilidade, coragem, entusiasmo, suporte institucional, parcerias, financiamento, reflexão, trocas, legitimação e constante autoavaliação, visando à profissionalização e formalização dos investimentos.

O avanço depende sobremaneira de intenso e continuado trabalho coletivo. As intenções devem voltar-se à proposição de respostas para as questões e inquietações do

grupo. Com os frutos obtidos, participar, sensibilizar e fomentar o respectivo debate segue como tarefa-mestra, visando ao crescimento da proposta.

A partir desse aprendizado, pode-se resumir os esforços do grupo EAPS nos seus 10 anos de trajetória em cinco fases, que envolveram o diálogo e ações de pesquisa, ensino e extensão (Quadro 1):

Quadro 1: Síntese das fases de desenvolvimento que compuseram a trajetória dos 10 anos do grupo EAPS EACH/USP

Aproximação e sensibilização (Primeira fase)	<ul style="list-style-type: none">• Aproximação do campo da Moda e apresentação das inquietações iniciais;• Sensibilização e levantamento de interesses e impressões em torno das inquietações comuns;• Aproximação do debate social e científico.
Confirmação (Segunda fase)	<ul style="list-style-type: none">• Participação em estudos robustos para confirmação das pistas iniciais;• Realização de pequenos estudos exploratórios em contextos e perfis já de domínio do grupo, como em locais parceiros e com mulheres idosas;• Início de levantamento bibliográfico sistemático, a partir da definição de termos e campos de interesse;• Identificação e esboço de uma problemática social relevante.
Reconhecimento e legitimação (Terceira fase)	<ul style="list-style-type: none">• Participação em eventos especializados para divulgação dos resultados iniciais;• Reconhecimento e legitimação da comunidade especializada, científica e profissional;• Interesse e parceria com comunidade leiga;• Ampliação dos desenhos de pesquisa e variáveis de interesse;• Obtenção de financiamento;• Ampliação da rede de parceiros.
Proposição (Quarta fase)	<ul style="list-style-type: none">• Amadurecimento da temática e proposição de conceito;• Proposição de disciplinas e oficina de extensão;• Realização de comunicação científica por meio de exposições artísticas.
Oficialização e divulgação (Quinta fase)	<ul style="list-style-type: none">• Divulgação de produtos e oficialização de temática de pesquisa: diretório de grupos de pesquisa do CNPq, <i>Facebook</i>, <i>website</i>, evento científico e caderno temático.

Fonte: Andrea Lopes e Patrícia Yokomizo, 2019

A busca pela produção e composição de um corpo de conhecimento sobre a temática de interesse, mesmo que inicialmente tímido e modesto, deve liderar as ações. Novos saberes alimentam novos questionamentos que, por sua vez, envolvem mais interessados, o que movimenta a temática.

Assim, a seguir, apresenta-se um quadro (Quadro 2) que sintetiza os resultados obtidos nas pesquisas do grupo, organizados especialmente em termos de semelhanças, que foram a maioria, no que tange à construção da Aparência e seus significados na velhice ou ao longo do envelhecimento. Salienta-se que as pesquisas se concentraram nos contextos especializados de atendimento a idosos, com exceção de uma pesquisa com imigrantes indianos e duas no contexto da identidade de gênero e orientação sexual.

Quadro 2: Síntese dos resultados de pesquisas do grupo EAPS EACH/USP nos 10 anos de trajetória, em termos de semelhanças

<p>Motivações para o cuidado da aparência</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Senso de pertencimento e propósito; • Manutenção da sedução e atratividade; • Engajamento social e vínculos; • Sentir-se bonito(a), vivo(a) e capaz; • Gosto e prazer; • Necessidade e essencialidade; • Autocuidado como investimento privado; • Higiene e competência.
<p>Crise identitária</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Crescente insatisfação com estereótipos negativos da velhice; • Tensão entre velhice e mito da juventude eterna; • Senso de inadequação etária e desejo por <i>design</i> identitário; • Concepção biológica e funcional de envelhecimento e velhice.
<p>Busca de avaliação e aprovação</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Pares etários; • Familiares; • Profissionais especializados.
<p>Significados de envelhecimento e velhice</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Sinônimos; • Tensão entre sentimentos ancorados em noções de decadência, exclusão, perdas, marginalização (marcados pela noção de velhice) <i>versus</i> valorização da experiência de vida (marcada pela noção de terceira idade).
<p>Significados da aparência</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Boa aparência: zelo e limpeza, autocontrole, rede de suporte social, autoestima, envolvimento social/familiar, bons modos/educação, domínio dos códigos sociais, tradição, dignidade, adequação etária, posse de acervo pessoal e <i>status</i> superior; • Má aparência: abandono, mal cheiro, dependência, incapacidade, ausência de acervo pessoal, desleixo, isolamento social, ausência de vínculo, falta de educação, mau gosto, parecer velho e inadequação etária; • Significados gerais: cartão de visita e identidade; dinâmica e processual.

<p>Funções da aparência</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Expressão de autonomia e funcionalidade; • Conforto e segurança; • Vestir-se e comportar-se; • Diferenciação <i>versus</i> pertencimento; • Oportunidade de ressignificação.
<p>Investimentos na aparência</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Roupas e acessórios; • Cosméticos; • Tratamentos de beleza; • Atualização e consumo de conteúdos midiáticos sobre aparência; • Desejo de consumo e ausência de ofertas interessantes; • Manutenção de acervo pessoal; • Financiamento próprio e familiar; • Trocas e doações; • Autogratisificação; • Estímulo para autogestão da vida.
<p>Ocasões de performance da aparência</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Espaços especializados para idosos; • Eventos familiares; • Falta de convites, para além do espaço familiar e instituições especializadas.
<p>Inspirações para composição da aparência</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tipo de ocasião; • Profissionais especializados; • Família; • Amigos e pares etários.
<p>Modos de vestir</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Discrição • Simplicidade • Neutralidade • Conforto • Naturalidade • Qualidade.

Fonte: Andrea Lopes e Patrícia Yokomizo (2019)

A identificação de um maior número de semelhanças do que diferenças entre os estudos pode delatar a força que o modelo dicotômico de velhice, decadente *versus* ativa, ainda detém nas mentalidades, crenças, atitudes e convívio social. No que tange às diferenças, observaram-se as seguintes pistas (Quadro 3):

Quadro 3: Síntese dos resultados de pesquisas do grupo EAPS EACH/USP nos 10 anos de trajetória, em termos de diferenças

<p>Maior segmentação das formas de apresentação e sedução por meio da aparência entre homossexuais do que heterossexuais.</p>
<p>Maior militância etária e de gênero entre os homens de menor renda e escolaridade, do que entre aqueles pertencentes a extratos superiores.</p>
<p>Maior competitividade na construção da aparência entre mulheres do que homens.</p>
<p>Maior recebimento de suporte por parte dos homens de suas esposas na gestão da aparência do que o oposto.</p>
<p>Diferentes níveis de investimentos e interesses no exercício da competência em buscar, interpretar e dominar códigos de apresentação pessoal.</p>
<p>Maior rigidez na manutenção da aparência laboral depois da aposentadoria entre os homens que as mulheres.</p>
<p>Utilização de vestuário entre os homens para mostrar o corpo e aspectos vinculados à virilidade e entre as mulheres para esconder aumento de peso e flacidez.</p>

Fonte: Andrea Lopes e Patrícia Yokomizo (2019)

De modo geral, as diferenças e semelhanças, mesmo não sendo este o foco dos estudos a ser retratado, trazem inúmeras informações de universos, tensões e relações que pouco vem se discutindo por meio da abordagem simbólica da aparência ao longo do processo de envelhecimento e velhice. Percebeu-se que as variáveis que trouxeram mais pistas nessa direção, quando combinadas, foram: renda, escolaridade, estado civil, identidade de gênero e sexual, geração, tipo de engajamento e vida laboral.

Espera-se que os resultados aqui elencados sumariamente sirvam de pistas e inspirações para novos estudos e aprofundamento do debate sobre Envelhecimento e Aparência, no âmbito dos significados que engendram. Mais do que negar ou superestimar a velhice, percebeu-se que os participantes querem ser reconhecidos por suas especificidades, desejos e necessidades, que são dinâmicas e processuais, ainda que em um contexto de busca por visibilidade, aceitação, reconhecimento, legitimação e pertencimento a códigos que são coletivamente orquestrados.

Agradecimentos

Mediante inúmeras oportunidades acadêmico-científicas e comunitárias são inúmeras as pessoas a continuar agradecendo. Correndo o risco do esquecimento, o EAPS agradece por esses 10 anos a todos os servidores docentes e técnico-administrativos da EACH/USP e de universidades e instituições parceiras, pela atenção, apoio, interesse e aprendizado. Em especial, aos docentes dos Programas de Gerontologia e Têxtil e Moda da instituição, nas pessoas das professoras Dr.^a Marisa Accioly Rodrigues da Costa Domingues, Dr.^a Maria Luisa Trindade Bestetti e Dr.^a Isabel Cristina Italiano, pelo incentivo e participação em diversas bancas, como também envio de materiais estimulantes ao longo de todos esses anos. Igualmente, aos coordenadores dos respectivos cursos da graduação, como da pós-graduação em Gerontologia, Profas. Dras. Rosa Yuka Sato Chubaci e Ruth Caldeira de Melo e Prof. Dr. Maurício de Campos Araújo, pelo apoio institucional na integração dos dois campos nas disciplinas optativas.

Deseja-se ainda agradecer sobremaneira toda a equipe da biblioteca da EACH/USP e do Projeto Samuel Rangel pelo espaço, apoio e entusiasmo em todos esses anos! Destaca-se que as equipes da biblioteca – lideradas por Rosa Tereza Tiermo Plaza e Analúcia Recine – e do Samuel Rangel, coordenado por Edima Donnabella, sempre estiveram prontamente disponíveis, apoiando cada proposta de parceria ou iniciativa. Com igual importância, agradece-se ao Prof. Rogério Pimenta e a todos os idosos da oficina de teatro da UNATI EACH/USP que ele lidera, pela parceria, apoio e carinho. Ainda, agradecemos à coordenação da UNATI EACH/USP pela confiança e apoio na pessoa da Prof.^a Dr.^a Meire Cachioni.

O EAPS é certamente fruto dos esforços dos aqui nomeados e de inúmeras outras pessoas e instituições, sem contar o suporte advindo das famílias e amigos dos integrantes!

Para concluir, confere-se um agradecimento muito especial aos jovens e velhos estudantes da EACH/USP que integraram o grupo e tanto apoiaram, entusiasmaram e acreditaram nas propostas do EAPS ao longo desses 10 anos de história! Da mesma forma, pouco se teria avançado se o contexto do projeto pedagógico da EACH/USP não fosse calcado no estímulo à interdisciplinaridade e à proposição de pedagogias ativas. Espera-se que o nascimento de uma temática tão relevante de pesquisa, ensino e extensão se fortaleça a cada novo investimento.

Referências

- Lopes, A. (2000). *Os desafios da Gerontologia no Brasil*. Campinas, SP: Alínea.
- Lopes, A. (2006). *Trabalho voluntário e envelhecimento: um estudo comparativo entre idosos americanos e brasileiros*. Campinas, SP: Unicamp, Universidade Estadual de Campinas: Doutorado em Educação.
- Lopes, A., Yokomizo, P., Bernardo, C. M., Silva, L. H., Mello, P., & Yoshioka, T. F. L. (2011). Envelhecimento e velhice: pistas e reflexões para o campo da moda. In: Cristiane Mesquita, & Kathia Castilho. (Orgs.). *Corpo, moda e ética: pistas para uma reflexão de valores*, 45-54. São Paulo, SP: Estação das Letras e Cores.
- Neri, A. L. (2014). *Palavras-chave em Gerontologia* (4ª ed., v. Coleção Velhice e Sociedade). Campinas, SP: Alínea.
- Picolli, M., Lopes, A., Araújo, J. R. C., & Graeff, B. (2012). Idosos “roqueiros” e a juventude eterna: pistas para reflexão. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(N.º Especial 13, Temático “Vulnerabilidade/Envelhecimento e Velhice: Aspectos Biopsicossociais”), 291-312. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/17308>.
- Plens, J., Accioly, M., Batistoni, S., & Lopes, A. (2012). Envelhecimento, engajamento e aparência: percepções de idosas participantes de um núcleo de convivência de idosos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(N.º Especial 13, Temático “Vulnerabilidade/Envelhecimento e Velhice: Aspectos Biopsicossociais”), 269-289. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/17307/30497>.
- Ribeiro, O. (2012). O envelhecimento “ativo” e os constrangimentos da sua definição. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 2(N.º temático: “Envelhecimento demográfico”), 33-52. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://www.redalyc.org/pdf/4265/426539987004.pdf>.
- Santos, G. A., Lopes, A., & Neri, A. L. (2007). Escolaridade, raça e etnia: elementos de exclusão social de idosos. In: Neri, A. L. (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo, SP: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 65-80.
- Silva, N. P., Cachioni, M., & Lopes, A. (2012). Velhice, imagem e aparência: a experiência de idosos da UNATI EACH/USP. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(N.º Especial 14, Temático “Universidade Aberta à Terceira Idade e Velhice”), 235-257. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/15251/11377>.
- Yokomizo, P., & Lopes, A. (2018). As mídias como agentes de educação informal no envelhecimento: pistas para investigação. *Revista Mídia e Cotidiano*, 12(3), 293-311. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/13342/16056>.

Yokomizo, P., & Lopes, A. (2019). Aparência: uma revisão bibliográfica e proposta conceitual. *Revista Dobras*, 12(26), 227-244. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/922>.

Andrea Lopes – Antropóloga, docente da Pós-Graduação em Gerontologia e das Graduações em Gerontologia e Têxtil e Moda. Fundadora e coordenadora do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS), todos da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP), Brasil.

E-mail: andrealopes@usp.br

Patrícia Yokomizo – Graduação em Têxtil e Moda, mestre em Gerontologia, fundadora e membro do EAPS, todos da EACH/USP, Brasil.

E-mail: pati@usp.br

Engajamento social, aparência e velhice homossexual masculina: caracterização de aplicativos de relacionamento

Social engagement, appearance, and male homosexual old age: a characterization of relationship apps

Envolvimiento social, apariencia y vejez homosexual masculina: caracterización de aplicaciones de relación

Paula Mello Gomes
Patrícia Yokomizo
Andrea Lopes

RESUMO: A presente pesquisa buscou identificar e caracterizar etnograficamente aplicativos de relacionamento homossexual em termos da construção da aparência e oportunidades de engajamento social para homens idosos. Foram analisados no ano de 2014 os aplicativos: Grindr, Scruff, Bender, Growlr e Recon. Evidenciou-se que a aparência configura um determinante de engajamento ou isolamento social na velhice homossexual, sendo um marcador de heterogeneidade e organizador da pluralidade de relações sociais existentes entre o grupo investigado.

Palavras-chave: Aparência; Engajamento social; Idosos homossexuais.

ABSTRACT: *This study aimed to identify and characterize ethnographically the homosexual apps in terms of the appearances constructed by its users and the opportunities for social engagement available to seniors. An ethnographic method was used. The apps, investigated in 2014, were: Grindr, Scruff, Bender, Growlr, and Recon. It was concluded that appearance is a determinant of social isolation or engagement, also a marker of heterogeneity, and organizer of social relations plurality among the group investigated.*

Keywords: *Appearance; Social engagement; Homosexual senior.*

RESUMEN: *El objetivo de este estudio fue identificar y caracterizar etnográficamente las aplicaciones de relación homosexual cuanto a las apariencias presentadas en esas redes digitales y las oportunidades de involucramiento social ofrecidas a hombres mayores. Fueron analizadas, en el año de 2014, las siguientes aplicaciones: Grindr, Scruff, Bender, Growlr y Recon. Se considera en esos medios que la apariencia es un determinante del involucramiento o aislamiento social en la vejez homosexual, además de un marcador de la heterogeneidad y organizador de la pluralidad de relaciones sociales existentes en el grupo investigado.*

Palabras clave: *Apariencia; Involucramiento social; Mayores homosexuales.*

Introdução

O aumento do número de idosos em todo o mundo reforça a necessidade de entendimento dessa população (Miranda, Mendes, & Silva, 2016). No entanto, para além dos importantes dados demográficos e epidemiológicos, a construção de uma consciência social da existência desse segmento e sua diversidade se apresenta como desafio ainda pouco debatido na sociedade brasileira.

O envelhecimento humano pode ser compreendido como um processo dinâmico, multideterminado, histórico, de natureza biopsicossocial e que se dá ao longo da vida, composto de perdas e ganhos (Neri, 2014). A forma como as variáveis e os determinantes envolvidos na constituição desse processo se relacionam ao longo da vida irá determinar

os desfechos de múltiplas velhices. Assim, os significados das mudanças decorrentes do envelhecimento impactam nos modos de agir, pensar e questionar a realidade e as possibilidades que cada pessoa tem de usufruir ou não dos recursos disponíveis (Freitas, Queiroz, & Sousa, 2010).

A compreensão da velhice como etapa socialmente construída (Debert, 2004), no Brasil, tem seu início legal instituído aos 60 anos de idade, conforme a Política Nacional do Idoso, promulgada em janeiro de 1994 (Lei n.º 8.442, 1994) e o Estatuto do Idoso (Lei n.º 10.741, 2003). Reforça-se, assim, o parâmetro etário como marcador social de construção do curso de vida, inclusive, da velhice.

No entanto, cada sociedade formula e constrói critérios e significados para o ser velho e o que é vivenciar a velhice, os quais se fundamentam no tipo de organização social e no momento histórico que se está vivenciando (D'Alencar, 1997). Lopes (2000) apontou que, no Brasil da década de 1960 e 1970, por exemplo, a compreensão de velhice estava ancorada principalmente no isolamento social, na incapacidade, na inutilidade, na decadência e na improdutividade. Na atual cultura brasileira, no entanto, percebe-se um dinamismo em torno dos significados da velhice, mesmo que ainda tímido. Diferentes modelos de velhice são construídos a partir das vivências, atitudes e novas expectativas em torno dos grupos sociais (Goldenberg, 2011).

A cultura pode ser interpretada como a existência de acordos simbólicos entre os participantes de um determinado grupo social, no que se refere às suas práticas econômicas, políticas, religiosas e sociais, criando um sentimento de identidade coletiva no que tange à compreensão e manejo do relacionamento entre os seus membros (Cuche, 1996). Deve-se, no entanto, ressaltar, que a ideia de grupo social não pressupõe necessariamente coesão e homogeneidade. D'Alencar (1997, p. 35) enuncia: “É necessário atentar para a questão de que não há uma velhice, mas sim velhices”.

Ao se destacar as diferenças presentes nos significados de velhice, podemos incluir as especificidades relacionadas à apresentação pessoal. Como Crane (2006) descreveu, a aparência é organizada a partir das diversas experiências do indivíduo, sendo através do contato com o que é referenciado como tendência, fatores históricos, classe econômica, contexto familiar, relações de amizade, entre outros aspectos. Desse modo, podemos dizer que a aparência é também um conceito socialmente construído, que varia de acordo com o contexto histórico, cultural e pessoal. Os tipos de engajamento social disponíveis podem igualmente exercer impactos nessa composição.

Na definição de Middleton e Yaffe (2010), podemos entender engajamento social como um conjunto de práticas que garantem ao indivíduo a participação em atividades e locais propiciadores de convívio e produção, como atividades de aprendizagem e de interação social. Ao engajar-se socialmente o indivíduo desempenha a importante tarefa de intermediar a recuperação ou o ganho de novos papéis sociais, possivelmente gerando novos significados e valores, articulando novas atitudes e funções.

Entretanto, destaca-se a existência de fatores que limitam a expressão plena das potencialidades do engajamento social, tanto no que diz respeito às escolhas individuais, quanto aos aspectos sociais que cerceiam as possibilidades de interações significativas. Concepções universalistas em torno da aparência na velhice, por exemplo, podem atuar como um limitante social para o engajamento. A criação de comportamentos, estilos de vida e diferentes formas de consumo podem colaborar com a manutenção de um modelo ideal, socialmente aceito e desejado, muitas vezes, não acessado ou escolhido pela maioria. Em algumas situações essa busca obsessiva pelos modelos sociais inclui sensações de frustração e de consumo excessivo, devido à tentativa de caracterizar o aceito e ser imbuído de sentimento de pertencimento (Paula, & Graeff, 2014).

A relação entre aparência e engajamento social instiga a reflexão sobre o modo como a vestimenta, os costumes e os valores influenciam a formulação e manutenção de grupos sociais (Crane, 2006; Plens, *et al.*, 2012). Ser atuante, participante e inserido socialmente pode significar se enquadrar nos modelos propagados midiaticamente, por exemplo. Essa constatação desencadeia uma crítica à necessidade de ser aceito em termos da aptidão para interações sociais, o que não compreende a amplitude da vivência do envelhecer e de se tornar velho (Silva, Cachioni, & Lopes, 2012).

Diante da constatação da aparência como possível organizador dos grupos sociais, introduzem-se novas reflexões, investigações e questionamentos sobre como a sua influência se faz presente em diferentes grupos idosos. Assim, vê-se como necessário verificar a sua articulação e perceber os impactos da sua dinâmica de funcionamento no sentido de aproximar ou afastar as pessoas ao longo da vida e em distintos contextos.

No âmbito da homossexualidade, as menções a esse grupo estão cercadas por diversos estereótipos (Henning, 2014; Mota, 2009; Simões, 2003). A relação entre o antagonismo da juventude *versus* a velhice, típico do contexto heterossexual, é reafirmado e mais reverberante dentro da cultura *gay* masculina (Simões, 2003). Há uma

exaltação e obsessão de atributos físicos capazes de suscitar atração e desejo, mediados por um mercado sexual hierarquizado em critérios de beleza juvenil, o que exclui os mais velhos (Mota, 2009). Essas influências vêm a determinar mecanismos de diferenciação dentro desse grupo social, como a adoção de valores, crenças pessoais, a interação social e a sua apresentação, delimitadas pela vestimenta e indumentária. Avançando, como a edificação da aparência pode dialogar com os modos como a sexualidade é percebida e vivenciada na virtualidade e realidade (Silva, 2008).

Para Henning (2014), a aparência se relaciona com a formulação de categorias dentro do universo homossexual. As categorias nomeiam e determinam as posições sociais que serão ocupadas, por serem um reflexo da avaliação, da aceitação e do *status* que lhe é concedido socialmente.

A exemplo do que se encontra em termos da polarização do conceito de velhice entre os heterossexuais, que têm a sua compreensão dicotomizada entre imagens positivas e de decadência física e intelectual, no universo homossexual esta prerrogativa é reafirmada. O estudo de Henning (2014) mostrou, através das experiências relatadas por homossexuais idosos investigados, a presença de subcategorias no grupo, como os chamados cacura, maricon, Irene, tia velha, velho tarado e bicha velha, que reforçam os aspectos depreciativos, pautados na responsabilidade individual, subcategorias essas que são ironizadas por meio da prática do deboche.

As pessoas reconhecidas e apontadas pelo próprio grupo como alvo dessas características acabam tendo suas respectivas imagens sociais associadas à amargura, solidão, desvalorização social e abandono (Henning, 2014). Em seu trabalho, Simões (2003) também descreve a imagem da chamada tia velha, determinada por trejeitos exageradamente afeminados, desprovida de atrativos e referenciada como gagá. A descrição da categoria do velho tarado reflete aquele que investe sexualmente sobre qualquer um por apresentar características abjetas e depreciadas, o que caracterizaria uma falta de critérios em seus relacionamentos sexuais e afetivos (Mota, 2009; Simões, 2003).

Em contrapartida, há a presença de uma vertente entendida como positiva dentro desse espectro representacional, sendo os indivíduos intitulados de coroa, paizão, tiozão e *daddy*. São termos cujo significado é associado com uma masculinidade apreciada, pautada em uma boa forma física, disposição, jovialidade e autoconfiança (Henning, 2014). A figura do coroa, identificada por Simões (2011), aparece como um personagem de idade indefinida, mas portador das marcas visíveis do envelhecimento, como: o cabelo

grisalho, as rugas, a cintura grossa e os movimentos mais lentos. Ao mesmo tempo, com aspecto viril, saúde, disposição física, realização pessoal e profissional, sendo requerido em espaços de convivência e de paquera (Santos, & Lago, 2013).

Pesquisas como as de Simões (2003) e Henning (2014) sinalizam que as categorias sociais devem ser compreendidas como aspectos mutáveis, dinâmicos e em transformação, pois são recortes próprios e criados pelos grupos sociais, em uma dada época, sob determinado acordo social. Assim, sofrem influências dos aspectos sociais, culturais, econômicos e históricos na qual estão inseridas. Indivíduos que são alocados em uma determinada categoria também podem ser classificados como pertencentes à outra vertente, dependendo do contexto e do observador; além da liberdade do categorizado, que pode modificar aspectos de acordo com os seus objetivos de interação social e de relacionamentos (Henning, 2014).

Assim, destaca-se que as categorias atuam como organizadores sociais, valendo-se das concepções sociais sobre o que é visto como bem-sucedido e modelos positivos de envelhecer em oposição aos declínios físicos, sexuais e sociais (Henning, 2014). Ocorre a exaltação de modelos pautados no vigor físico, na saúde, no corpo cuidado e nas realizações pessoais e profissionais, mas nega-se as diferentes oportunidades e diferenças presentes entre homossexuais, podendo ser apontadas como fatores determinantes do engajamento social.

Essa constatação levanta questionamentos, pois, ao se pensar na amplitude e complexidade do envelhecimento entre homossexuais, mais uma vez o indivíduo é apontado como único e exclusivo responsável por seu sucesso ao longo do curso de vida e na velhice (Debert, 1999). Novamente, ocorre negligência frente a promoção de serviços sociais e de oportunidades que garantam a vivência de seu envelhecimento com plenitude.

Diante da replicação do modelo da responsabilização individual, presente também entre os heterossexuais, aponta-se para a necessidade de aspectos que favoreçam o reconhecimento de sua condição, expectativas e desejos. Deve-se debater a tentativa de enquadramento em modelos estabelecidos e preconizados socialmente, que delimitam os diversos modos como esse segmento se apresenta, que acabam por influenciar sua vivência homossexual, positiva ou negativamente. Nesse sentido, trata-se de aspectos que podem chamar a atenção para a relação que a aparência promove entre formas significativas de engajamento ou perversas de isolamento social. Dessa forma, a adoção

do visual e de atitudes características, presente nesta dualidade do aceito e do negado, podem determinar o isolamento ou maiores possibilidades de inclusão social.

Com base nesse contexto, o objetivo da presente pesquisa foi identificar e caracterizar aplicativos de relacionamento homossexual, buscando relacionar aspectos da aparência e oportunidades de engajamento social para os idosos usuários dessas plataformas.

Método

Os dados foram coletados, tratados e analisados, por meio das orientações do método etnográfico proposto por Geertz (2008), neste caso, no contexto da internet. Esse método consiste na familiarização do pesquisador, por meio da observação e uma significativa experiência de interação social com o grupo estudado (Godoy, 1995). Nesse método pretende-se ainda a identificação de significados e códigos estabelecidos pelo grupo investigado, diante das múltiplas relações que estabelecem entre si e através das percepções dos comportamentos que adotam (Lopes, 2000).

Foram utilizadas duas modalidades de técnicas etnográficas: observação livre e análise de documentação. A observação livre consiste no acompanhamento observacional, inicialmente de modo passivo e sem interações diretas com o objeto de pesquisa (Moura, & Ferreira, 2005). Essa técnica foi utilizada especialmente para a familiarização com os aplicativos. A documentação foi coletada ao longo de toda a pesquisa de campo, buscando diversos registros informacionais que auxiliassem na caracterização da população estudada, revelando aspectos relevantes para sua condição de vida social.

Por ser uma pesquisa realizada no campo virtual, de aspecto dinâmico e com a inserção diária de informações, foi estabelecido um período de aproximação com campo e de coleta, no intervalo de julho a meados de setembro de 2014. Investigou-se material disponível em meio eletrônico e compatível com o sistema de portabilidade em celulares, *smartphones* e *tablets*, IOS ou Android.

Na fase de familiarização, a pesquisa foi realizada no Google através das palavras-chave: aplicativos *gays*, homossexuais, idosos e homens. O objetivo foi encontrar o máximo de aplicativos de relacionamento para homossexuais masculinos, de cunho

exclusivo para idosos ou não, os quais foram mencionados em *websites* informativos, *blogs* pessoais e *websites* de organizações e/ou instituições.

Através da exploração inicial do campo virtual, determinaram-se os aplicativos de relacionamentos a serem analisados. Os aplicativos mais mencionados na época foram o Grindr, Scruff, Bender, Growlr e Recon. Foram analisados esses cinco aplicativos de relacionamento entre homens homossexuais, destinados para o público geral e para grupos sociais específicos dentro do contexto da homossexualidade. Ressalta-se que os aplicativos investigados deveriam ser compatíveis com os dispositivos móveis disponíveis no Brasil e que apresentassem versões de uso adaptadas à realidade do país.

Resultados

O rastreamento inicial sinalizou como resultado 227 *links*. Ao iniciar a busca exploratória, em que se propôs a análise individual de cada *website* indicado, estes foram organizados nas seguintes categorias: assunto, aplicativos citados e resumo do conteúdo abordado.

Como resultado relevante, destaca-se que, entre os 227 *links*, apenas 13 eram válidos, pois após esse número de *links*, o Google emitia uma mensagem de alerta dizendo que do 13º *link* em diante os resultados seriam repetições dos primeiros 13 *links* apresentados. No intuito de averiguar essa informação, foi explorada à exaustão todos os 227 *links*, o que comprovou o apontamento do *website* de busca.

Durante o levantamento dos 13 *links* válidos, estes foram categorizados em Notícia/informacional, *Blogs*/relatos de experiência e *Websites* do movimento homossexual, além de serem quantificados os aplicativos citados, que consistia na nomeação de aplicativos destinados ao relacionamento de homossexuais. Em sua análise, no geral, os *websites* apresentavam como informação a preocupação diante do aumento do uso de aplicativos de relacionamento entre os homossexuais, pontuando as consequências relacionadas a maior incidência de doenças sexualmente transmissíveis e dos casos de violência contra seus usuários.

Aplicativos de relacionamento

A categoria Aplicativos tinha por objetivo destacar os principais mencionados nos *websites* analisados, que tivessem a inclusão de idosos ou se destinassem exclusivamente a este público. Os aplicativos podem ser descritos como programas desenvolvidos com o intuito de serem instalados em dispositivos eletrônicos móveis, como *smartphones* ou *tablets*, o que permite uma maior liberdade de uso e portabilidade de acesso. A procura por tecnologias móveis que permitam o uso dinâmico, sem restrição de tempo e espaço é uma realidade crescente (Couto, Souza, & Nascimento, 2013).

Dentre os 13 *websites* analisados, foram citados cinco aplicativos de relacionamentos voltados para os homossexuais: Grindr, Scruff, Bender, Growlr e Recon. O Grindr apareceu em cinco *websites*, o Scruff em quatro *websites* e os outros foram citados apenas uma vez. Observou-se que não existia no período e fontes consultadas nenhum aplicativo exclusivo para idosos homossexuais, mas que este segmento social se encontrava inserido e se fazia presente nos cinco aplicativos que foram mencionados, especialmente devido ao critério etário presente no item perfil do usuário. Ressalta-se que uma prática dos aplicativos era a organização através de aspectos da aparência. Mesmo quando a idade era indefinida, outros marcadores populares do envelhecimento corporal se faziam presentes.

A seguir, apresenta-se uma caracterização dos aplicativos investigados, destacando-se as questões voltadas para aspectos da aparência.

Grindr

O Grindr era um aplicativo direcionado para o público homossexual masculino, com o intuito de promover encontros afetivos e sexuais, com parceiros mais próximos a sua localização geográfica. Apresentava o maior número de usuários cadastrados, em comparação aos outros aplicativos destinados ao mesmo público de interesse (Couto, Souza, & Nascimento, 2013). Foi criado em 2009, pelo programador israelense Joel Simkhai e utilizava a tecnologia de localização do *Global Positioning System* (GPS), que decodifica o seu posicionamento global. Simkhai (2012) o conceitua como a possibilidade de interação e gestão da vida social na palma de sua mão, por proporcionar a dinamicidade de encontros e relacionamentos afetivos homoeróticos instantâneos.

Era compatível com a o sistema IOS e Android, disponível em iPhones, iPads, *smartphones* e *tablets*. Para a inscrição, era necessário se cadastrar com um perfil, que tinha como características obrigatórias o uso de um *e-mail* válido e o preenchimento de informações como idade, altura, etnia, breve descrição pessoal e a inclusão de uma foto pessoal. Os perfis que apresentavam o maior número de informações preenchidas eram os mais recomendados aos outros usuários; sendo que os complementos ao perfil estavam relacionados aos interesses pessoais, como o tipo de relacionamento que procuravam e os grupos de interesse afetivo.

O aplicativo funcionava como uma vitrine virtual que, após a inclusão de filtros de interesse opcionais, eram apresentados até 100 perfis diferentes (na versão gratuita), classificados de acordo com a localidade. Além disso, oferecia como serviços a troca de mensagens privadas estilo *chat*, as quais só eram ativadas após a demonstração de interesse mútuo. Havia também a opção de salvar perfis como favoritos, o compartilhamento de fotos e vídeos privados e o bloqueio e denúncia de usuários destoantes da conduta do aplicativo.

A aplicação de filtros podia ser ativada ou não, apresentando como categorias de busca os seguintes marcadores: Apenas com foto, Tribos do Grindr, Idade, Altura, Peso, Tipo físico, Etnia, Procurando por, e *Status* de relacionamento.

Diante da análise de alguns dos marcadores citados anteriormente, destaca-se que nos grupos do Grindr havia o uso de muitas expressões importadas do inglês, pautadas na universalização de sua classificação e para melhor compreensão de seus usuários. As categorias apresentadas constituíam 13 grupos: 1) Ursos; 2) *Clean-cut*, que era definido como a preferência pelos homens sem pelos, também descrito como lisos; 3) *Daddy/paizões*; 4) Discretos; 5) *Geek/nerd*; 6) Atletas; 7) *Leather*, que em sua tradução literal significa couro, mas que se destinava àqueles com fetiche no uso de roupas de couro e acessórios; 8) *Otter*, traduzido por lontra, classificava os homens acima do peso e que tinham músculos definidos; 9) Poz, compreendia aqueles que gostavam de assistir a vídeos e participar de *websites* de pornografia; 10) *Rugged*, correspondia aos homossexuais sexuais mais velhos que tivessem rugas; 11) Trans, transexuais e transgêneros; 12) *Twink*, eram os jovens, esguios e sem pelos; e 13) o grupo não específico.

Nos marcadores de idade, altura e peso havia uma graduação entre mínimo e máximo. Na idade os valores variavam entre 18 e 99 anos. Já na altura o mínimo era 1,21 m e o máximo 2,42 m, enquanto que no peso a graduação era de 45 kg a 180 kg.

O tipo físico era descrito em seis categorias, também com o uso de termos em inglês: musculatura tonificada, padrão, grande, musculoso, magro e atarracado. A etnia foi dividida em nove descritores: asiático, negro, latino, Oriente Médio, misturado, americano nativo, sul da Ásia, branco e outra.

Nas opções da categoria denominada Procurando por, que classificava o tipo de participação no aplicativo, encontrava-se: conversa, encontro, amigos, *networking*, relacionamento e *right now*, ou seja, encontros para sexo instantâneo. Finalizando os filtros, temos o *status* de relacionamento, dividido em oito categorias: comprometido, namorando, envolvido, exclusivo, casado, relacionamento aberto, solteiro e com parceiro.

Scruff

Outro aplicativo do mesmo gênero é o Scruff, que foi criado em 2010, um ano depois do Grindr, por Johnny Skandros Scruff. Tinha o objetivo de promover encontros entre homens homossexuais de modo geral, como relacionamentos afetivos ou de cunho exclusivamente sexual. Desenvolvido com compatibilidade tanto com o sistema Android quanto com a plataforma IOS, referente ao iPhone e iPad.

Apresentava um total de 5,5 milhões de usuários cadastrados, estando disponível no Brasil desde setembro de 2013. Apresentava como seu perfil o rapaz Scruff, aquele que “pode ser urso, militar, jogador, bombeiro, estudante; pode ser um rapaz do tipo eu, você ou qualquer um de nós”, conforme apontava o aplicativo (?). Utilizava-se desse *slogan* no intuito de demonstrar que um rapaz Scruff podia ser qualquer um, disposto a combinar as suas preferências com outro alguém.

A sua utilização dependia de um cadastro que previa a inclusão de informações pessoais. O diferencial era que nesse aplicativo havia um moderador que avaliava as informações inseridas, verificando a sua veracidade, a conotação e práticas de incentivo ao uso de drogas e o uso da foto, que devia obrigatoriamente conter alguma parte do rosto, medidas implantadas no intuito de proteger os seus usuários.

As informações obrigatórias eram o uso de um *e-mail* válido, data de nascimento e a foto de perfil, que não podia apresentar nudez frontal ou posterior. Como descritores

tínhamos aqueles relacionados à aparência, aglutinados no tópico denominado Estatura. Esse tópico era dividido em: Altura, a qual era graduada entre 1,50 m e 2,28 m; Peso, 40 kg a 149 kg; Pelos: liso, um pouco peludo, peludo, muito peludo; e Etnia: asiático, negro, hispânico/latino, indiano, do Oriente Médio, das Ilhas do Pacífico, branco, mestiço e nativo americano.

O outro bloco era o de Comunidade e Interesses. Apresentava como primeiro subitem a descrição da classificação pessoal: coroa, urso, *leather*/couro, *nerd*, discreto, militar, musculoso, atleta, em busca de ursos, em busca de coroas, HIV+, universitário, transexual e garoto. Posteriormente, esses mesmos descritores eram utilizados para a indicação de sua preferência afetiva. Para finalizar o perfil, havia a pergunta sobre o que se procurava no aplicativo: amizades, relacionamentos, encontro casual, encontros, conversa apenas ou contatos.

O último bloco era organizado em campos abertos para a descrição do que a pessoa fazia, o que ela procurava, quais eram as atividades de seu interesse e o local em que residia, sendo que havia a proibição de solicitação por sexo nestes campos.

Como diferencial, o aplicativo oferecia o sistema de troca de mensagens on-line, a inclusão de eventos dentre os seus interesses, o compartilhamento de álbuns de fotos privativos e a visualização de quais usuários curtiram o seu perfil.

Bender

O Bender era um aplicativo destinado ao encontro de homens homossexuais, em geral, promovido através do sistema de localização geográfica, GPS. Na época, estava presente em 160 países, sendo o aplicativo para relacionamento gay mais popular na Espanha, com um total de 200 mil novos usuários por mês.

A interação entre os usuários se estabelecia a partir da troca de informações, através do envio ilimitado de vídeos e mensagens, as quais também possuíam um sistema *translate* instantâneo, o que aumentava a possibilidade de comunicação. Em seu perfil, permitia a inclusão de 10 fotos, além de fotos privativas, que só eram visíveis mediante a liberação do responsável pela conta. Apresentava como serviço diferencial o uso de senha para conectar-se no aplicativo e para a visualização das mensagens privativas.

O perfil incluía como informações obrigatórias o nome, idade, peso, altura e a preferência na posição sexual: ativo, passivo, versátil e prefiro não declarar. Já com relação aos filtros, havia a questão da proximidade, a classificação do comportamento sexual e a faixa etária, os quais a pessoa podia graduar conforme o seu interesse.

Ao se buscar idosos homossexuais inscritos no aplicativo observou-se que existia uma participação expressiva, pois o resultado apontou uma quantidade superior a mil idosos presentes na localidade em que foi realizada a busca. A média de idade dos inscritos pôde ser classificada entre 55 e 65 anos, abrangendo apenas os idosos mais jovens. Ressalta-se também que, em uma breve exploração dos perfis indicados, a maioria tinha interesse por rapazes até 30 anos e, ao mesmo tempo, enaltecia qualidades como estabilidade financeira e maturidade.

Growlr

Este era um aplicativo destinado especificamente aos chamados ursos ou àqueles que têm preferência por esta categoria. Apresentava um total de quatro milhões de usuários, sendo compatível com o sistema IOS e Android, tendo como país de origem os Estados Unidos, na cidade de Columbus. No Brasil, a sua versão ainda não estava traduzida, o que podia restringir o número de usuários.

Tinha por finalidade os encontros afetivos, sexuais e comerciais, pela divulgação de eventos e de produtos destinados aos ursos. No seu perfil, apresentava como marcadores: a Data do aniversário; Altura, graduada entre 127 cm a 213 cm; Peso, 45 kg a 181 kg; Raça: asiático, negro, hispânico/latino, indiano, do Oriente Médio, ilha do Pacífico, branco e multirracial; *Status* de relacionamento: solteiro, em um relacionamento, envolvido/ficando, casado, complicado de explicar, relacionamento aberto, viúvo, separado, divorciado e relacionamento a três/tríade.

Na classificação pessoal, dentro das categorias, notou-se a inclusão de aspectos exclusivamente relacionados com a comunidade dos ursos. Esses aspectos tinham o intuito de diferenciar os ursos, de acordo com o seu aspecto físico e preferências pessoais. As categorias eram: Ursos, *Polar Bear*, *Cub*, *Muscle Bear*, *Chubbie Bear*, *Chaser*, *Otter*, *Leather bear*, *Sugar daddy*, *Silver daddy*, HIV+, *Sir*, *Boy*, *Truckers*, Transgênero, Transexual; *Top*, *Bottom* e Versátil. A caracterização de cada categoria está descrita na Tabela 1.

Tabela 1 – Descrição das categorias presentes no *link* de classificação pessoal do aplicativo Growlr

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO
Ursos	Destinada a todos aqueles que se classificam como, e gostam, deste perfil físico.
<i>Polar bear</i>	Classifica os ursos mais velhos e que, por possuírem cabelo e pelos corporais brancos ou grisalhos, recebem esta denominação.
<i>Cub</i>	São os ursos mais novos, denominados de filhotes, sendo mais magros e baixos, geralmente sem o uso da barba. Também podem estar relacionados a ursos com pouca experiência sexual ou que sejam submissos e que apreciam a companhia de ursos mais velhos.
<i>Muscle bear</i>	Ursos musculosos.
<i>Chubbie bear</i>	Ursos fofinhos. Ursos com peso elevado e com barriga proeminente. Algumas vezes pode ser utilizado para identificar homens que não pertencem à comunidade dos ursos.
<i>Chaser</i>	Aqueles que se sentem atraídos por ursos ou <i>chubbies</i> .
<i>Otter</i>	Ursos lontras, sendo mais magros e de menor estatura, mas que tenham bastante pelos corporais e barba.
<i>Leather</i>	Ursos que utilizam roupas e acessórios de couro.
<i>Suggar daddy</i>	Homens que oferecem suporte emocional e orientação, geralmente a rapazes mais jovens, após o estabelecimento de um relacionamento.
<i>Silver daddy</i>	Homens de meia-idade ou idosos, que estabelecem uma relação de hierarquia parental, com o suporte afetivo e direcionamento ao parceiro inexperiente e vulnerável.
HIV+	Portadores do vírus HIV ou predileção por relações sexuais com portadores do vírus.
<i>Sir</i>	Homens mais velhos.
<i>Boy</i>	Jovens, no começo da vida adulta.
<i>Truckers</i>	Jovens que não se identificam como homossexuais, mas que têm encontros homoeróticos. Têm esta definição como referência aos encontros entre caminhoneiros e jovens que os aguardavam em pontos de encontros para prática sexual.
<i>Top</i>	Referência à preferência de posição durante o ato sexual. Neste caso, aqueles que gostam de realizar a penetração e ficar em posição superior.
<i>Bottom</i>	Aqueles que preferem ser penetrados, em posição inferior.
Versátil	Gostam de realizar as duas posições sexuais, alternando-as.

No tópico de classificação pessoal era permitida a inclusão de categorias simultâneas, mas, ao analisar os perfis, percebeu-se um total máximo de inclusão de até três categorias, estruturada entre o estilo e as preferências sexuais. Esse apontamento demonstra uma alta distinção entre as categorias e como estas influenciavam sobre a descrição pessoal e o que se busca no aplicativo.

Finalizando o perfil pessoal, havia o descritor do que se procurava no aplicativo, com as alternativas: tudo, amor, marido, relacionamento, amigos, conversar sobre algo significativo e a apresentação de todas as categorias apresentadas anteriormente, no intuito de reforçar o seu posicionamento.

Para a busca de perfis, ocorria a utilização dos marcadores de classificação de aparência e preferências sexuais, que, neste caso, correspondia a sua classificação dentro do grupo social dos ursos, além do uso da ferramenta de localidade.

Como recursos extras, o aplicativo permitia ver quem visualizou seu perfil e quem realizou *check-in* no aplicativo, de acordo com a sua localidade. Era possível enviar uma mensagem a todos os usuários ou apenas para aqueles classificados como favoritos, no intuito de divulgar encontros, bares e festas específicas, além de permitir o bloqueio de imagens pessoais e privativas.

Recon

Outro aplicativo para o relacionamento entre homossexuais é o Recon, mas se destina a um público específico, os *Leathers*. Esses apreciam a prática de fetiches, com o uso de acessórios e roupas de couro.

O aplicativo foi desenvolvido pelos programadores da T101, uma empresa de Londres que observou a necessidade da existência de um serviço que agrupasse esses interesses, sem haver a necessidade da busca em locais específicos. Tinha o objetivo de abranger a rede de contatos desse grupo social e promover a troca de experiências e de possibilidades sexuais. A T101 se tornou uma empresa especializada no ramo dos *dating websites*, ou *sites* para busca de relacionamentos amorosos, pois desde sua fundação, no ano de 1999, havia desenvolvido três *websites*: Recon *store*, Truckers.com e Recon.com.

O aplicativo na época da pesquisa tinha um milhão de perfis cadastrados, com 42 mil usuários on-line por dia. Contemplava o grupo que tinha como fetiches a prática do uso de roupas e vestimentas de caracterização, como roupa militar, estilo *punk*, *skinheads*,

motociclistas, com o uso de *piercings* ou tatuagens. Também relacionado às práticas sexuais que causavam dor e submissão/dominação, como os adeptos do *fisting* (penetração com a mão) e relação de mestre e escravos, por exemplo.

Ao criar o perfil no aplicativo, era necessária à inclusão de uma localidade, data de nascimento, etnia, tipo físico, classificado em atlético, magro, normal, grande e musculoso, altura (de 1,52 m até 2,13 m), cabelo (careca, preto, loiro, castanho, curto, grisalho, moicano, ruivo, raspado e branco), e, por último, os pelos, dividido em normal, peludo, nenhum, raspado e pouco. Todos esses de caráter obrigatório. Podiam ser incluídas até oito fotos, sem ter conotação sexual explícita, as quais eram avaliadas por uma comissão moderadora. A busca pelas preferências pautava-se na aparência e nas práticas sexuais que eram procuradas, sendo perceptível que os relacionamentos se configuravam exclusivamente para o compartilhamento do desejo mútuo.

Discussão

A internet está inserida em um contexto de mudanças sociais. Sua estrutura corresponde a um modelo dinâmico e mutável, permitindo que as informações se tornem amplas com grande velocidade. A agilidade na transmissão de informações permite disponibilizá-las no momento em que os fatos ocorrem, sem limitações de tempo e espaço. As potencialidades da internet a classificam possivelmente como um recurso indispensável no mundo globalizado, por possibilitar a aprendizagem e a troca de informações, ideias e pesquisa interativa com diferentes grupos sociais, indo além das fronteiras geográficas (Garcia, 2001). O uso dessa ferramenta social, como demonstrado nos resultados da presente pesquisa, perpassa suas funções, por atuar como uma nova possibilidade de espaço social a ser vivenciado durante o processo de envelhecimento e na velhice propriamente dita.

Assim, trata-se de um espaço de inserção e engajamento social que reúne pessoas em diferentes momentos da vida, inclusive as que estão na velhice. As gerações que compõem essa categoria etária observaram as mudanças no campo tecnológico, mas muitas dessas pessoas não tiveram acesso necessariamente na juventude ou vida adulta a esse tipo de recurso interacional (Garcia, 2001). Enquanto isso, os mais jovens detêm de maior domínio do campo a partir de mais oportunidades de aprendizado formal ou

informal sobre novas tecnologias. Desse modo, os idosos tendem a ter maior receio quanto ao uso de dispositivos informatizados, por medo de avarias ou perda de informações (Kachar, 2003).

O receio e afastamento frente aos novos recursos tecnológicos contribuem com o mito de que os idosos não possuem habilidades e capacidades para fazer parte dessa modalidade de cenário social. Aspectos que são referenciados através das características cognitivas do idoso, como a diminuição da velocidade na aquisição de informações, declínio sensorial e menor capacidade de atenção e retenção de dados novos (Vieira, & Santarosa, 2009). Essas características são entendidas como barreiras para o aprendizado de novas informações, principalmente pela inexistência de conhecimentos anteriores (Garcia, 2001).

Em contraposição a essa compreensão, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) demonstraram um aumento significativo de usuários da internet com 50 anos ou mais de idade desde 2005, com aumento de 222,3%. A informação demonstra que, apesar de não existir na amostra investigada um aplicativo direcionado exclusivamente para os idosos homossexuais, esse segmento tem estado presentes no contexto de acesso e utilização da internet. Dado apontado na pesquisa realizada junto aos aplicativos, em que se observou que a participação de idosos era uma realidade, especialmente os chamados pré-idosos e idosos jovens, com idades que variam de 55 a 65 anos.

A participação dos idosos nesses segmentos tecnológicos está relacionada com efeitos positivos e benéficos. Como exemplificado por uma organização não-governamental americana, *Older Adults Technology Services*, que desenvolve ações e programas de inclusão digital para os idosos, destaca-se o aumento da inclusão social e redução do isolamento, além de possibilidade de acesso a informações e serviços (Kamber, 2017). Também se pontua que os idosos inscritos nas redes sociais têm apresentado maior sentimento de pertencimento social pela diminuição da sensação ou possibilidade de exclusão, devido a melhora de conectividade com o mundo externo (Kachar, 2003; White, *et al.*, 1999). Os aplicativos de relacionamento são uma ferramenta que colaboram com a aquisição desse tipo de benefício, por permitir conhecer outras pessoas, promover a integração, a aprendizagem e o bem-estar (Souza, & Neto, 2009).

Assim, pode-se entender que a inclusão de idosos nas redes digitais funciona como interessante recurso para o desenvolvimento de uma política de engajamento social, que

permita a integração com o meio em sua totalidade. Ao se pensar nos dois segmentos populacionais deste estudo, idosos e homossexuais, essas medidas permitiriam ainda que essas pessoas se fizessem visíveis, mesmo que na virtualidade, legitimando e expressando suas potencialidades, especificidades e necessidades.

Entretanto, verificando-se que o cadastro de perfis nos aplicativos está relacionado com a importância dos interesses em comum, a possibilidade de expressão e através do compartilhamento de informações no meio privado (Kachar, 2003), salienta-se a preocupação quanto ao modo de exposição e transmissão destas informações.

Diante da quantidade e diversidade dos aplicativos existentes, o modo de desenvolvimento das relações interpessoais e a veracidade das informações presentes são fatores importantes para investigação. Nesse sentido, teme-se que as relações estejam exclusivamente alicerçadas nos parâmetros da informação on-line: instantânea, dinâmica e rápida. Entretanto, pesquisas relativizam esses aspectos, ao apontar que a mobilidade, a praticidade, a personalização e a objetividade do acesso intensificam as relações sociais estabelecidas, o que é um ponto positivo para o uso dos aplicativos e redes digitais (Pasqualotti, 2008).

Em complemento, destaca-se que o uso de aplicativos pode proporcionar o resgate e a manutenção de contatos, trocas afetivas, manejo identitário, aproximações e relações sociais entre os homossexuais (Leal, 2013). Entende-se esses ambientes de interação como locais seguros e, de certa maneira, protegidos de discriminações, devido a seus fins específicos.

Por se tratar de uma parcela populacional marginalizada e vítima de discriminação, o meio digital surge como uma alternativa de legitimar suas preferências, expressar seus desejos, exercitar a intimidade e trocar interesses. Assim, um espaço de congregação para as diversas formas de sexualidade, descrito por Reis e Costa (2014, p. 6) como “um *locus* de solidariedade no ciberespaço”. Nesse sentido, um estudo etnográfico com idosos japoneses relata que o contato em redes sociais digitais incrementou as redes de suporte e senso de proximidade entre os entrevistados ao compartilharem suas memórias (Kanayama, 2010).

Desse modo, podemos destacar que os aplicativos para homossexuais surgem no contexto de uma demanda social cada vez mais organizada, que busca por um espaço de aproximação que respeite as preferências e identificações pessoais e sexuais. Como

apontado nos resultados, a participação de idosos nos aplicativos caracterizados tem sido expressiva, o que pode demonstrar uma falta de espaços para encontros e convívios entre homossexuais, especialmente idosos.

Assim, sugere-se que o mundo digital pode transpassar as restrições do território urbano, do território do preconceito (Natividade, 2006) e desconhecimento, deixando para trás ambientes inseguros e discriminatórios, além de otimizar o tempo investido para o atendimento das especificidades (Reis, & Costa, 2014). Um exemplo dessa constatação é o caso de homossexuais do Oriente Médio que utilizavam redes de conexão *bluetooth* para encontrar possíveis parceiros sexuais, driblando as severas leis dos países do Golfo. Assim, apesar do *bluetooth* ser uma tecnologia “originalmente concebida exclusivamente para o compartilhamento de arquivos entre dispositivos conhecidos” e ter um alcance de conexão reduzido, os *gays* do Oriente Médio ressignificaram esta tecnologia, criando uma forma rudimentar, mas efetiva, de se relacionar sem serem detectados e punidos pela repressão sexual (Mowlabocus, 2010, p. 185).

Desse modo, pode-se determinar que os aplicativos de relacionamento e a Internet são respostas à atuação social dos grupos, neste caso, os idosos homossexuais masculinos. O que determina a busca por cenários sociais que se articulem além das propostas da heteronormatividade, com a inclusão de novos contextos e inclusões sociais. Assim, é possível afirmar que os aplicativos de relacionamentos podem ser ferramentas de engajamento social, pois são capazes de proporcionar a execução de papéis significativos e a articulação com o meio social em que se está inserido.

No entanto, de maneira curiosa, apesar da necessidade e assiduidade a essas novas modalidades de contextos em termos de relacionamento homossexual, durante a caracterização dos aplicativos destacou-se a presença massiva de marcadores de aparência como marcadores de classificação. Esse aspecto pode reafirmar o consumo geral de modelos instituídos e determinados como ideais estruturados em torno de uma estética homogeneizadora da aparência em diferentes fases da vida e, aqui, em especial, da velhice.

Na caracterização dos aplicativos, em termos da apresentação pessoal, notou-se a priorização de aspectos em torno da construção da aparência pautados no que se entende como próprio da juventude, ao instituir uma aparência chamada de conservada. Essa noção vem a ser utilizada em oposição às características típicas atribuídas ao

envelhecimento físico, estando, em alguns casos, relacionada com sucesso pessoal e como sinônimo de envelhecimento de sucesso (Henning, 2014).

Em um estudo realizado com usuários do Grindr e Sruff em Salvador (Couto, Souza, & Nascimento, 2013), demonstrou-se que seus usuários apresentavam exigências corporais relacionadas aos aspectos mais valorizados socialmente. No que concerne ao padrão de beleza, os estereótipos do homem másculo e branco eram predominantes. Como afirmado por um usuário, a aparência do parceiro ideal seria “jovem, branco, bem-sucedido e com perfil masculinizado” (Couto, Souza, & Nascimento, 2013, p. 11). Sendo que àqueles que não se enquadravam nesse perfil cabia a busca por meios que possibilitassem o alcance dos tipos preconizados.

No entanto, deve-se salientar, que, no aplicativo Growlr, que contempla o grupo dos homossexuais conhecidos como ursos, percebeu-se a inclusão de categorias que descreviam e enalteciam os idosos. Como aspectos positivos, destacam-se características sociais como a maturidade, sabedoria e possibilidade de transmissão de conhecimento aos mais jovens. Também a inclusão de aspectos físicos como objetos de desejo e apreço, como as rugas e os cabelos e pelos brancos e grisalhos.

Outro aspecto que se salienta é que a participação e inclusão de um perfil nesses aplicativos de relacionamento apresentavam para os usuários uma conotação positiva em relação ao seu *status* social. Em outras palavras, um idoso que tem a possibilidade de possuir um *smartphone* ou *tablet* e que dispõe de serviços de conexão, pode possivelmente apresentar uma condição financeira e educacional diferenciada, o que o qualificaria positivamente frente aos outros idosos, excluídos do meio digital e financeiro. Nesse contexto, usuários dos aplicativos investigados na pesquisa de Couto, Souza e Nascimento (2013) relataram que havia avaliação dos locais onde o indivíduo circulava, de forma que, muitas vezes, os que residiam nas periferias só se conectavam quando frequentavam regiões e bairros nobres.

Dessa forma, para Leal (2013), os relacionamentos se estabelecem a partir da espetacularização do eu, em que cada um promove uma encenação sobre si, utilizando a aparência como uma jogada estratégica, organizada de acordo com quem se pretende atrair. Essas *performances* determinam que a aparência seja um cartão de visitas e estratégia de sedução, demonstrando o que se procura, a imagem que se adota para si, bem como a adoção e domínio dos códigos para a expressão de mensagens e desejos que

serão interpretados nos diferentes contextos e categorias digitais, como um fator de engajamento ou isolamento social.

Assim, observa-se que os resultados encontrados colaboram para a compreensão da lógica da temática da pesquisa, demonstrando que a aparência se articula como um marcador de engajamento e isolamento social no contexto digital, no que tange aos aplicativos voltados para o relacionamento de homossexuais, dentre eles, os que envolvem idosos. A aparência, inclusive composta por características próprias de pessoas mais velhas, compõe-se como fonte de influência e valorização, desejo e aceitação social, além de ser fonte do que deve ser banido, negado, ridicularizado e isolado socialmente. Esta pesquisa, mesmo em se tratando apenas de uma breve caracterização, apontou que a aparência se trata de uma importante variável na compreensão dos mecanismos de cerceamento e engajamento social, inclusive na velhice de grupos específicos.

Considerações finais

A análise dos dados obtidos possibilitou constatar a relação entre aparência e possibilidades de engajamento social no universo dos aplicativos voltados para encontros homossexuais, inclusive no que tange aos usuários idosos. Observou-se que nesses contextos a aparência é construída a partir de influências culturais e históricas que ultrapassam as fronteiras simbólicas do grupo específico. Igualmente, se relaciona com uma estética e *performance* que exige certa conformidade com a noção de juventude idealizada, típica, muitas vezes, do universo heteronormativo ou da chamada terceira idade. Apesar das inúmeras diferenças entre esses dois grupos, observou-se uma manutenção e reprodução social desse modelo ideal, que reforça práticas de consumo, símbolos, crenças, atitudes, passando por valores identitários até de cunho material. A privatização da própria condição parece vincular a marginalização de ambos os segmentos sociais, à medida que a normatização heterossexual juvenil é vista como aparência legítima.

A criação e alcance dos aplicativos demonstra a demanda por ambientes mais específicos, reafirmando-se, de alguma maneira, o isolamento social de alguns segmentos fora desses contextos. Viu-se que, mesmo no ambiente mais segmentado, há desafios quanto aos relacionamentos intergeracionais, mesmo que presentes trocas, ganhos e ampliação da rede social, na medida que velhos e jovens passam a se ver mutuamente

como recursos. Um desses desafios parece ser a busca obstinada por parecer e se sentir jovem. Juventude, portanto, novamente vem homogeneizar a aparência, negando a heterogeneidade própria dos envolvidos. Assim, com códigos em torno da juventude, regula-se o acesso e reconhecimento social, logo, o engajamento. A posituação de uma certa moral juvenil restringe a amplitude das categorias e possibilidades de existência e encontros.

Assim, no campo investigado, a aparência funcionava como marcador de categorias, hierarquias, *status* e formas de relacionamento social e sexual específicas, demonstrando uma heterogeneidade particular do universo homossexual, determinando o que é, e quem é aceito ou isolado, dependendo do que se busca (Henning, 2008). A aparência pode ser, portanto, a arquitetura do engajamento ou isolamento. Nas palavras de França (2006): “Vale salientar que o que chamamos de movimento homossexual é, hoje, um sujeito político bastante complexo, formado por múltiplas categorias identitárias, nem sempre movidas pelos mesmos discursos”.

No caso dos idosos investigados, o combate ao isolamento social torna-se fator relevante, ao tratar-se de um grupo que apresenta duplo estigma, ser homossexual e ser velho. Nesse sentido, esta pesquisa pode ajudar a refletir sobre novas modalidades e estratégias sociais que surgem de iniciativas privadas e grupos específicos. Permite, também, observar que se trata de espaços sociais, onde os idosos possivelmente exercem e expressam a sua sexualidade sem se preocupar com exposição ou discriminação, em ambientes que elementos típicos da aparência dos mais velhos ganham inclusive *status* positivo.

Cada vez mais, modelos homossexuais positivados pressupõem o *gay* rico, masculino, com capital material e cultural, como uma espécie de importação do modelo de terceira idade heterossexual. Trata-se, portanto, de um espaço de valorização ainda regulado por normas heterossexuais. Um desafio que se coloca parece ser também o de desnortatizar os aplicativos.

No entanto, o acesso de homens homossexuais idosos a esses aplicativos pode denotar uma espécie de privatização da socialização de grupos específicos na velhice, uma vez que depende da capacidade e interesse individual em acessar essas redes digitais? Ao mesmo tempo, pode ainda configurar uma forma de coesão que gera tanto

fortalecimento identitário e engajamento como a definição de aparências legítimas e normatizadoras a partir apenas de seus integrantes.

Novas pesquisas podem apontar se, de fato, estratégias de atratividade digital homossexual vinculam-se às limitações idealizadas heteronormativas advindas do mundo não digital. Inúmeros outros questionamentos surgiram a partir da temática aqui apresentada: espaços sociais muito restritos atuam como importante recurso para desenvolvimento de políticas de engajamento social visando à pluralidade do envelhecer (Santos, 2007)? Ou ainda, nesse contexto somam-se outros marcadores da diferença, igualmente discriminados e isolados em distintas realidades, como o que relata Fernandes (2015) sobre o ativismo homossexual indígena no Brasil e América do Norte? Onde encontram-se os idosos *gays* mais longevos ou aqueles sem acesso ao mundo digital? As novas territorialidades homossexuais geram novos desafios relacionais e de proteção? Novos e específicos modelos de gestão gerontológica devem ser propostos?

Em termos da produção de dados, há instrumentos que abarcam as especificidades desses segmentos? O quanto os aplicativos de relacionamento disponíveis nos revelam comunidades inteiras, possivelmente invisíveis aos dados oficiais? Eles podem ser ferramentas de representação desses grupos? Finalmente, podem ser utilizados como instrumentos políticos e de conscientização e proteção?

Assim, destaca-se a importância de pesquisas que aprimorem e aprofundem os dados obtidos na presente caracterização. Tais investigações podem impulsionar a criação de novos espaços sociais que se adequem às necessidades dos diferentes grupos de idosos, como os *sites* de relacionamento, redes sociais e plataformas digitais, típicos dos contextos investigados.

Referências

- Couto, E. S., Souza, J. D. F. de., & Nascimento, S. P. (2013). Grindr e Scruff: amor e sexo na cibercultura. *Simpósio em Tecnologia Digitais e Sociabilidade*. Salvador, out.
- Crane, D. (2006). *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo, SP: Editora SENAC.
- Cuche, D. (1996). Introdução. *In: A noção de cultura nas ciências sociais*, 9-15. Bauru, SP: Edusc.
- D'Alencar, R. S. (1997). O significado da velhice em comunidades afro-brasileiras. *In: Kawé: Caderno do Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais*, Santa Catarina: UESC, Editus, 3, 33-38.

- Debert, G. G. (1999). As formas de gestão da velhice e a reprivatização do envelhecimento. *In: A reinvenção da velhice*, 11-23. São Paulo, SP: Edusp, Fapesp.
- Debert, G. G. (2004). A cultura adulta e a juventude como valor. Texto apresentado no *ST13 - Imagens da Modernidade: mídia, consumo e relações de poder*. E. Hamburger, E. Rocha, & P. Fry (Coord.). Caxambu (MG).
- Fernandes, E. R. (2015). Ativismo homossexual indígena: uma análise comparativa entre Brasil e América do Norte. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, 58(1), 257-294. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/00115258201544>.
- França, I. L. (2006). “Cada macaco no seu galho?: poder, identidade, segmentação de mercado no movimento homossexual, *RBCS*, 21(60), 103-182. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092006000100006>.
- Freitas, M. C., Queiroz, T. A., & Sousa, J. A. V. (2010). O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos. *Revista da Escola de Enfermagem USP*, 2(44), 407-412. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342010000200024>.
- Garcia, H. D. A. (2001). *Terceira Idade e a internet: uma questão para o novo milênio*. Mestrado em Ciência da Informação. Marília, SP.
- Geertz, C. (2008). *A interpretação das culturas*. (13ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Editora LTC.
- Godoy, A. S. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas EAESP/FGV*, 2(35), 57-63. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>.
- Goldenberg, M. (2011). *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Henning, C. E. (2008). *As diferenças na diferença: hierarquia e interseções de gênero, classe, raça e corporalidade em bares e boates GLS de Florianópolis, SC*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina.
- Henning, C. E. (2014). *Paizões, tiozões, tias e cacuras: envelhecimento, meia-idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo*. Tese de doutorado em Antropologia Social. Campinas, SP: Unicamp. (416 p.).
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2010). *Censo 2010*. Recuperado em fevereiro de 2015. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/>
- Kachar, V. (2003). *Terceira idade e informática: aprender revelando potencialidades*. São Paulo, SP: Cortez.
- Kamber, T. (2017). Fighting social isolation: a view from the trenches. *Public Policy & Aging Report*, 27(4), 149-151. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://academic.oup.com/ppar/article/27/4/149/4774076>.

- Kanayama, T. (2010). Ethnographic research on the experience of Japanese elderly people online, *Media & Society*, 5(2), 267-288. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://pdfs.semanticscholar.org/886f/e45bebf8e632236bbd91f72e0e6bd569cde0.pdf>.
- Leal, J. T. B. (2013). *Webgay & gaymobile: o fluxo da homossexualidade em rede*. X POSCOM - Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio, nov.
- Lei n.º 8.442, de 04 de janeiro de 1994*. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Recuperado de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18842.htm.
- Lei n.º 10.741, de 01 de outubro de 2003*. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm.
- Lopes, A. (2000). *Os desafios da Gerontologia no Brasil*. Campinas, SP: Alínea.
- Middleton, L., & Yaffe, K. (2010). Targets for the prevention of dementia. *Journal of Alzheimer's Disease*, 20, 915-924. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: DOI: 10.3233/JAD-2010-091657.
- Miranda, G. M. D., Mendes, A. C. G., & Silva, A. L. A. (2016). O envelhecimento populacional brasileiro: desafios e consequências sociais atuais e futuras. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 19(3), 507-519. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-98232016019.150140>.
- Mota, M. P. (2009). Homossexualidade e envelhecimento: algumas reflexões no campo da experiência. *SINAIS, Revista Eletrônica Ciências Sociais*, 1(6), 25-51.
- Moura, M. L. S., & Ferreira, M. C. (2005). *Projetos de pesquisa: elaboração, redação e apresentação*. Rio de Janeiro, RJ: Editora UERJ.
- Mowlabocus, S. (2010). *Gaydar culture: gay men, technology and embodiment in the digital age*. Farnham: Ashgate Publishing.
- Natividade, M. (2006). Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. *RBCS*, 21(61), 115-223. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092006000200006>.
- Neri, A. L. (2014). *Palavras-chave em Gerontologia*. Campinas, SP: Átomo e Alínea.
- Pasqualotti, A. (2008). *Comunicação, Tecnologia e Envelhecimento: significação da interação na era da informática*. Tese de doutorado em Informática na Educação. Porto Alegre, RS.
- Paula, J. B., & Graeff, L. (2014). O superendividamento na terceira idade: um estudo de caso. *Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*, 19(2), 569-582. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-868869>.
- Plens, J., Domingues, M. A., Batistoni, S., & Lopes, A. (2012). Envelhecimento, engajamento e aparência: percepções de idosas participantes de um Núcleo de Convivência de Idosos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(N.º Especial 13, Temático "Vulnerabilidade/Envelhecimento e Velhice: Aspectos Biopsicossociais"), 269-289. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/17307>.

- Reis, B. A. B., & Costa, R. R. (2014). O Grindr: eros em fluxo nos espaços híbridos. XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. João Pessoa, maio.
- Santos, G. G. C. (2007). Mobilizações homossexuais e Estado no Brasil: São Paulo (1978-2004). *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 22(63), 121-173. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092007000100010>.
- Santos, D. K., & Lago, M. C. (2013). Estilísticas e estéticas do homoerotismo na velhice: narrativas de si. *Revista Latinoamericana - Sexualidad, Salud y Sociedad*, 15, 113-147. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-64872013000300006>.
- Silva, C. P. (2008). *Sexualidades no ponto.com: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.
- Silva, N. P., Cachioni, M., & Lopes, A. (2012). Velhice, imagem e aparência: a experiência de idosos da UNATI EACH/USP. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(N.º Especial 14, Temático “Universidade Aberta à Terceira Idade e Velhice), 235-257. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/15251/11377>.
- Simkhai, J. (2012). Grãos de Amor, entrevista. *Revista G Magazine*. Editora Fractal, 13(173), 52-55.
- Simões, J. A. (2003). Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: *Novas Interfaces da Homossexualidade*, Simpósio Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras - Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM)/IMS/UERJ e Pagu – Núcleo de Estudos de Gênero da Universidade Estadual de Campinas.
- Simões, J. A. (2011). Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo. *Revista A Terceira Idade*, 22(51), 7-19. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: https://www.sescsp.org.br/files/edicao_revista/88463fcb-a956-4d79-ae84-25c3b6e9d274.pdf.
- Souza, M. J. C., & Neto, J. A. N. (2009). Usabilidade de redes sociais com foco na Terceira Idade. *Anais do 2º Simpósio Interinstitucional de Computação do Vale do São Francisco* (SICOMP 2011), Bahia.
- Vieira, M. C., & Santarosa, L. M. C. (2009). O uso do computador e da Internet e a participação em cursos de informática por idosos: meios digitais, finalidades sociais. XX *Simpósio Brasileiro de Informática na Educação*.
- White, H., Mc Connell, E., & Clipp, E. (1999). Surfing the net in later life: a review of the literature and pilot study of computer use and quality of life. *Journal of Applied Gerontology*, 3(18), 358-378. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://doi.org/10.1177/073346489901800306>.

Paula Mello Gomes - Graduação em Gerontologia e colaboradora do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS), ambos da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP).

E-mail: paulamellogomes@hotmail.com

Patrícia Yokomizo – Graduação em Têxtil e Moda. Mestre em Gerontologia, fundadora e membro do grupo EAPS, todos da EACH/USP.

E-mail: pati@usp.br

Andrea Lopes – Antropóloga, docente da Pós-Graduação em Gerontologia e das Graduações em Gerontologia e Têxtil e Moda. Fundadora e Coordenadora do grupo EAPS. Todos da EACH/USP. Orientadora da pesquisa.

E-mail: andrealopes@usp.br

Envelhecimento e aparência: percepções de uma mulher transexual heterossexual

*Aging and appearance: perceptions of a
heterosexual transgender woman*

*Envejecimiento y apariencia: percepciones de
una mujer transgénero heterosexual*

Thais Fernanda Luz Yoshioka
Andrea Lopes
Heloísa Buarque de Almeida

RESUMO: A autonomia na construção da aparência e seus significados têm estado presentes na edificação das identidades e condições sociais ao longo do curso da vida, promovendo o bem-estar. Nem sempre essa dinâmica psicossocial acontece tem acontecido de forma simples e democrática. Estudo de caso qualitativo sobre a trajetória da construção da aparência de uma mulher transexual heterossexual. Uso do método etnográfico. Obteve-se que a aparência se trata de variável complexa, reunindo uma constelação de variáveis para além do próprio sexo ou gênero.

Palavras-chave: Envelhecimento; Aparência; Transexualidade.

ABSTRACT: *Autonomy in the construction of the appearance and its meanings have been presented in the edification of identities and social conditions throughout life course, promoting well-being. This psychosocial dynamic has not always happened in a simple and democratic way. Qualitative case study on the path of appearance construction of a heterosexual transgender Brazilian woman. Use of an ethnographic method. It was found that appearance is a complex variable, bringing together a constellation of several variables beyond gender or sex itself.*

Keywords: *Aging; Appearance; Transsexuality.*

RESUMEN: *La autonomía en la construcción de la apariencia y sus significados han estado presentes en la construcción de identidades y condiciones sociales a lo largo de la vida, promoviendo bienestar. Esa dinámica psicosocial ni siempre ocurre de manera simple y democrática. Estudio de caso cualitativo acerca de la trayectoria de la construcción de la apariencia de una transgénero heterosexual. Se utilizó de método etnográfico. Se observó que la apariencia es una variable compleja que abarca una constelación de distintas variables más allá del género y sexo.*

Palabras clave: *Envejecimiento; Apariencia; Transexualidad.*

Introdução

O objetivo desse artigo é registrar a importância da aparência ao longo do envelhecimento de uma mulher transexual brasileira heterossexual jovem adulta, segundo suas próprias percepções, significados, definições, experiências e investimentos, visando à construção e legitimação da sua identidade de gênero. Especial destaque será dado à sua experiência institucional na busca da mudança de sexo, vivenciada na primeira década deste século, quando a cirurgia foi oficializada e ampliada no Sistema Único de Saúde (SUS). A participante desse estudo de caso trata-se da primeira pessoa operada do seu grupo de inscritas em um hospital público brasileiro, após sete anos de atendimento e espera.

A pesquisa pretendeu contribuir para as reflexões e debates sobre a constituição das identidades de gênero não hegemônicas ao longo do processo de envelhecimento.

Especialmente, tendo em vista o poder dos sistemas classificatórios de gênero, bem como a dinâmica relacional com outras estilizações, vivenciadas pela participante da pesquisa. Portanto, não é intuito deste estudo situar e discutir densamente uma concepção de transexualidade.

No geral, observam-se diferentes definições, de acordo com o campo de estudos (Antropologia, Psiquiatria etc.) ou, ainda, segundo o conceito êmico, próprio dos sujeitos estudados. Nem tampouco, auditar serviços públicos de atenção, revelar verdades ou defender tão somente um ponto de vista, a partir deste caso. O foco aqui é ressaltar as percepções em torno da importância e do papel simbólico da aparência no discurso sobre a construção do processo de envelhecimento e do senso identitário da participante, como também o potencial da aparência em termos de gestão gerontológica, tendo em vista um contexto ainda invisível de diferentes minorias.

Entende-se que a identidade de gênero não decorre direta e necessariamente do sexo e, grosso modo, pessoas transexuais são aquelas que não se percebem como condizentes com o sexo assignado ao nascimento. Partimos da definição de que gênero é uma performatividade constituída social e culturalmente (Butler, 2003), e não um dado da natureza. Ademais, a teoria de gênero não discute apenas as relações sociais entre homens e mulheres, mas também reflete sobre as construções simbólicas de feminino e masculino, em sua circulação social (Scott, 1990; Vale de Almeida, 1996; Strathern, 2007; Butler, 2003).

Mais do que isso, gênero é analisado como uma das categorias de diferença. Um marcador de diferença em meio a outros atributos de raça, classe social, geração, sexualidade. Alguns destes marcadores parecem ser encarados em nossa sociedade como algo próprio do corpo, como gênero e geração. No entanto, nosso olhar aqui é tratá-los como marcadores sociais, ou seja, tais diferenças não existem no corpo antes dos sentidos simbólicos a eles atribuídos. As diferenças do corpo são também produzidas (Foucault, 1977), pelo modo como os saberes e as sociedades entendem e tratam as diferenças de masculino e feminino, em inter-relação com raça, sexualidade, geração, classe social (Stolcke, 1991; Brah, 2006).

Neste contexto, o conceito de aparência comporta a interdependência de múltiplas variáveis de diferentes naturezas (Yokomizo, & Lopes, 2019). Aqui será explorada especialmente sua vertente sociocultural, cuja dimensão simbólica articula transversalmente categorias organizadoras do mundo e dos acordos sociais. Nesse

sentido, o modo como a aparência, em especial, o vestuário, contribui para estabelecer distinções entre os sujeitos e os diversos grupos sociais, pode mostrar e ajudar a compreender a dinâmica de diversas manifestações de uma época, suas demandas e formas de atendê-las democraticamente (Souza, 1987; Crane, 2006).

Abordagem metodológica e teórico-conceitual

O estudo foi inspirado no método etnográfico, como proposto por Geertz (2008). Para o autor, as culturas são sistemas simbólicos ancorados em hábitos, crenças, valores e padrões tecidos de forma dinâmica pelos homens nas relações que estabelecem entre si e os significados resultantes.

A realização desta breve etnografia contou com as técnicas de observações livre e participante, além de entrevista em profundidade e conversas informais. Utilizou-se caderno de campo. A convivência inicial gerou uma série de observações e questionamentos que, alicerçados pela literatura proveniente dos campos da Antropologia, Moda e Gerontologia, colaborou na elaboração do roteiro semiestruturado de entrevista. Vale salientar que os trechos em itálico representam expressões literais da participante. Os trechos entre parênteses, falas de interlocutores mencionadas por ela. Visando ao anonimato, a participante será denominada de Fernanda.

Fernanda, à época da pesquisa, tinha 30 anos de idade e era universitária. A cirurgia de redesignação sexual foi realizada pouco menos de um ano do início da pesquisa de campo, em 2011. Logo no primeiro dia de contato, ela fez questão de caracterizar a transexualidade como um desvio de identidade de gênero, afirmação que indicou a possível incorporação do discurso médico e a importância de investigar a construção da aparência sob influência desse contexto legitimador. Assim, neste texto, será utilizado o conceito de desvio, tal qual referenciado pela participante. Contudo, as conversas não se limitaram a esse contexto, sendo abordadas de forma igualmente integrada às experiências provenientes dos relacionamentos, familiar, acadêmico, afetivos e sexuais, mediadas pelas percepções de Fernanda sobre as mudanças em sua aparência ao longo do seu processo de envelhecimento.

Quando falamos de envelhecimento, as questões de gênero são fundamentais para a compreensão e gestão da velhice (Neri, 2014). Os desfechos da dinâmica do gênero

relacionam-se a uma série de domínios, como: saúde objetiva e subjetiva, laços sociais, personalidade, autocuidado, religiosidade, estratégias de enfrentamento, entre outros. As diferenças de gênero podem ser entendidas como típicas e provenientes da constituição relacional estabelecida entre a percepção do que significa ser homem e mulher, advindas da influência de variáveis socioeconômicas e culturais ao longo da vida. Dependendo do domínio analisado, essas diferenças podem trazer vantagens e desvantagens para homens e mulheres.

Assim, entende-se que a aparência articula distinções de gênero, estabelece hierarquias entre corpos jovens e corpos velhos, e pode se tornar um recurso de disputa entre grupos de diferentes identidades não heteronormativas. Henning (2008, p. 130), em sua dissertação de mestrado em bares e boates homossexuais da cidade de Florianópolis, aborda a maneira como a aparência está em jogo, através da noção intitulada de diferenças na diferença. Ao investigar os discursos dos donos e promotores desses estabelecimentos, mostra as contradições frente a suposta noção de igualdade perante dos frequentadores, orquestradas:

[...] segundo recortes de classe social, gênero, raça, corporeidade e geração, uma vez que havia determinadas pessoas nesses espaços sociais cujas presença era indesejada (ou ostensivamente desvalorizada), assim como preferências por públicos específicos.

No contexto da socialização dessa realidade, o autor identificou atributos sociais que geravam arranjos classificatórios de valorização ou depreciação. Quanto maior a presença de mulheres e travestis, por exemplo, menor era o *status* do bar no território homossexual investigado. As lésbicas também tinham pouco espaço nas festas, marcando o que o pesquisador aponta como sendo a priorização da satisfação dos clientes homens.

A análise que realizou dos panfletos e revistas produzidas indica que as imagens traziam homens brancos, jovens, magros e musculosos. Essa composição mostra um tipo de aparência mais desejada e valorizada nesses universos, conforme o autor.

Destaca-se, igualmente, a percepção de inadequação frente aos homens frequentadores mais velhos, cujo valor erótico era tratado de forma desqualificada. Por outro lado, Simões (2011, p. 8-9) identifica a categoria coroa, no âmbito do entretenimento homossexual paulistano, que conforma outro tipo de *status*:

[...] homem maduro de apresentação mais discreta e viril, que tem saúde, disposição física, apresentação pessoal e dinheiro suficiente para frequentar espaços de sociabilidade homossexual, encontrar amigos, beber, se divertir e também tentar a sorte no mercado da paquera.

Sabatine (2017) analisa, em sua tese de doutorado, as experiências de envelhecimento e as relações entre diferentes gerações de travestis que atuam na prostituição no interior do estado de São Paulo. A composição da aparência marca essas relações ao longo da vida do grupo investigado. O estudo aponta como as mais velhas funcionam como uma espécie de tia ou mãe das mais jovens, ensinando a se travestir.

Bucchionni (2016) amplia o olhar ao analisar o conteúdo produzido por diferentes mídias, envolvendo Laerte Coutinho, cartunista trans, brasileiro. Um dos capítulos explora a proibição que encontrou ao buscar usar o banheiro feminino em 2012, cobertura amplamente repercutida. A análise de conteúdos realizada pelo autor, presentes em jornais de grande circulação, aponta uma tensão entre a percepção de si que a trans organiza, identificando-se como uma entendida como mulher possível, e a percepção presente nesses discursos. Igualmente ancorados em questões envolvendo a aparência, lamenta que se trata de uma mentalidade que pouco avança na problematização e devida atenção a essa população:

Laerte é consensualmente identificada (nesses discursos) como um “homem que se veste de mulher” e transformada em pivô de uma “confusão”, ao desejar frequentar um banheiro público feminino; é possível identificar um processo de individualização da questão, a qual não enseja, nesses jornais, uma discussão sobre diversidade de gênero e tampouco sobre direitos para a população transgênero no Brasil (p. 148).

Se a aparência contribui para a construção de *performances* de gênero (Butler, 2010), estas, por sua vez, precisam se relacionar de maneira coerente com as técnicas corporais e estar de acordo com o contexto no qual se inserem. Ou seja, a própria aparência não é algo estável, mas assume diferentes leituras, em função dos ambientes e dos marcadores sociais em jogo, a depender dos grupos envolvidos.

Um exemplo dessa dinâmica entre aparência e gênero pode ser notada no artigo de Machado (2005) sobre as diferentes percepções acerca de um mesmo corpo intersex, no qual a genitália é ambígua sem estruturas nitidamente masculinas ou femininas. A autora ressalta que os médicos procuravam evidências genéticas, enquanto os parentes se atentavam ao jeito e ao comportamento. Para ambos, a aparência era um recurso associado na avaliação da *performance* do gênero.

No presente estudo de caso, a narrativa de Fernanda contribui para percebermos os investimentos e percepções inerentes à transformação de sua aparência em seu jovem curso de vida. Além disso, observa-se de que maneira esse processo também é constituído a partir da incorporação do discurso médico.

Para Val e colaboradores (2010, p. 192), o Transtorno de Identidade de Gênero (TIG) caracteriza-se:

[...] por uma forte identificação com o gênero oposto, por um desconforto persistente com o próprio sexo e por um sentimento de inadequação no papel social deste sexo. Trata-se de uma condição que causa um sofrimento psicológico clinicamente significativo e prejuízos no funcionamento social, ocupacional ou em outras áreas importantes da vida de um indivíduo.

Esse diagnóstico é um instrumento bastante polêmico e questionado por diversos autores. Butler (2009), por exemplo, discute a dualidade em torno dessa medida de condição de acesso à mudança de sexo: por um lado organiza economicamente o acesso à atenção em saúde e, por outro, estigmatiza e torna a transexualidade uma doença mental, que precisa de validação técnica. Para além do diagnóstico, pensa que o transicionar deve ser viável a todos, mediante um estatuto legal legitimador. Lembrando que o tratamento hormonal, a cirurgia de mudança de sexo e todo o acompanhamento são recursos caros, expositivos e de longo prazo.

Santos (2011) entende que na atualidade passa a surgir um movimento de despatologização da transexualidade. Ao refletir a relação sujeito-normas, busca compreender como a transexualidade transformou-se, ao longo do século XX, em uma patologia psiquiátrica, especialmente, “a partir de critérios científicos e clínicos, procedimentos mensuráveis, esquadrinhamentos dos corpos e subjetividades” (p. 127). Investiga como um conjunto articulado de dispositivos, especialmente científicos, de saber e poder, produzem e sustentam o que chama de “regime de verdades” (p. 118).

Nestes termos, Butler (2009) lança a preocupação sobre se crianças e jovens adultos transexuais apresentam discernimento suficiente para entender e se posicionar perante o diagnóstico de forma crítica e complexa. Entende-se que somente através dele se tem acesso ao tratamento no sistema de saúde. Busca-se o diagnóstico estrategicamente para realizar a “conversão” no corpo e vive-se para sempre vinculado a uma concepção legitimada socialmente de si igualmente incapacitante, o que Butler chama de “maldição ambígua” (p. 98)?

Butler (2009) ainda critica a permanência engessada da categorização da vida, pois entende que “as histórias de vida são histórias de transformação, e categorias podem, por vezes, parar o processo de transformação” (p. 101). A autora questiona se o enquadramento normativo que vê presente na realidade oficial do diagnóstico como instrumento organizador não estimule apenas uma relação puramente instrumental por parte dos supostos candidatos a transexuais, visando o fim desejado.

Quando falamos dos procedimentos institucionalizados, Alan e Murta (2009, p. 18) observaram que a extrema e complexa vulnerabilidade que os transexuais chegam aos serviços de saúde demanda “uma rede de reconhecimento e inclusão social dessas pessoas”. Ressalta-se que estamos falando aqui apenas daquele que consegue chegar a algum tipo de atendimento. Analisando os serviços públicos do Sul e Sudeste do Brasil que prestam esse tipo de atenção, indicam que muitos trans chegam sem conhecimentos básicos dos seus direitos e condição; com vínculos familiares rompidos; problemas de documentação e profissionalização; sem revelar a ninguém sua identidade e experiência transexual. Para além do saber dominante especializado, que entendem que hierarquiza e ordena, “saberes locais e minoritários serão bem-vindos e devem ser incorporados na gestão de novas políticas” (p. 34) de saúde integral.

Arán, Zaidhaft e Murta (2008, p. 70) reforçam que, igualmente, a constituição de uma rede simbólico-afetiva se faz necessária, uma vez que identificam uma “precariedade social proveniente da não aceitação desta condição por parte da normatividade cultural vigente”. Rocon e colaboradores (2018, p. 44) levantam e discutem as críticas e sugestões de trans, visando à garantia de acesso e cuidado integral em saúde pública. Destacam que, no processo de envelhecimento desse público, a transformação do corpo biológico pode se apresentar como crucial no “pertencimento a uma perspectiva de gênero desejada”. Esse tipo de acesso pode marcar a plenitude do alcance do entendimento de si, que pode estar igualmente no escopo do afetivo e simbólico. Dessa maneira, a aproximação com os mecanismos de atendimento em saúde pode se fazer constantes ao longo da vida. Diminuir a vulnerabilidade e aprimorar a assertividade deve ser uma meta.

Além desse debate sobre a perigosa aproximação entre a transexualidade e o discurso médico patologizante, é importante não cair na vala das generalizações identitárias. Embora nesse trabalho não avancemos na discussão teórica sobre o conceito de identidade, longe de generalizar essa categoria, consideramos importante não partir da existência de uma “identidade transexual universal”, conforme defendem Arán, Murta e Lionço (2009, p. 1148).

Há uma insuficiência da nossa categorização sexual vigente, em termos “do sistema classificatório de sexo e gênero utilizado pelos especialistas”, constituído através do que Arán, Zaidhaft e Murta (2008, p. 70) chamam de “operação de exclusão”. Essa conclusão partiu da pesquisa com um grupo de transexuais atendidas no Hospital Universitário da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em busca da cirurgia de mudança de sexo. Arán e Murta (2009, p. 33) questionam a noção que identificam como determinista-construtivista, que associa sexo com natureza e gênero com cultura. Apontam que, para além de um suposto duelo de forças, outros aspectos devem ser considerados:

Esta tese [...] restringe em muito a possibilidade de compreensão das subjetividades e das sexualidades. Sabemos que tanto o sexo como o gênero são passíveis de determinações históricas e políticas. Por outro lado, sabemos também o quanto a materialidade do corpo se impõe como um fato biológico e/ou intensivo que excede qualquer tentativa de uma apreensão normativa.

Assim, as identificações de gênero são processos bastante complexos, inconscientes e corporais que nem sempre podemos acompanhar, apreender e descrever [...]. Essas identificações se fazem ao longo da vida, principalmente na primeira infância, a partir do encontro afetivo e corporal com o outro, o qual sempre está inscrito em determinada cultura que transmite valores e reitera ou não as normas de gênero. Desta forma, o processo de cuidado em saúde no caso da transexualidade deve suplantar qualquer perspectiva correccional e adaptativa.

No caso da transexualidade também há de se considerar a complexa relação que se estabelece com o corpo no cenário pós-operatório. Pinto (2008) realizou uma investigação sobre a experiência afetivo-sexual de mulheres transgenitalizadas. Os resultados indicaram que a inversão da identidade de gênero gerou uma enorme expectativa de mudanças na maneira de viver e ser reconhecido, “muito além do que a cirurgia pode oferecer. Querem ser reconhecidas socialmente como membros do gênero com o qual se identificam” (p. 198). No entanto, completa, mudanças normativas em estruturas naturalizadas tornam-se um grande desafio a mulheres transexuais, que não foram socializadas como meninas. No processo desse novo aprendizado, por vezes, acabam por reproduzir estereótipos de gênero, “na tentativa de encontrarem pontos de apego socialmente aceitos para o gênero” (p. 199) que se identificam.

Outro apontamento central que surge na pesquisa da autora são as temidas complicações cirúrgicas apresentadas pelas mulheres trans investigadas e suas consequências na *performance* sexual. Afirma que “há um excesso de preocupação com a aparência e funcionalidade da vagina, o que as leva a um quadro de tensão” (p. 138). Observou que o temor promove uma pressão que sustenta mentiras, justificativas e evitações, gerando quadros de contínuo sofrimento.

Digamos que, de alguma forma, a lógica do disfarce, mediante uma mudança de mentalidade coletiva inalterada, corre o risco de manter-se ativa no universo simbólico-afetivo desses indivíduos, mesmo depois da cirurgia. Uma das entrevistadas heterossexuais conta a opção por não manter relações afetivo-sexuais, por medo de agressões físicas e emocionais, caso fosse descoberta. Nesse sentido, a legitimação da identidade de gênero que, para muitas, acontece com a cirurgia, não necessariamente anda

par e passo com a realização sexual. Cirurgias de outras ordens no organismo sociocultural brasileiro precisam ser operadas.

Assim, pensando nos diversos padrões identitários, conforme concluem Ceará e Dalgalarondo (2010), o estresse causado pela vergonha e o convívio com a ameaça homofóbica internalizada, pode se estender ao longo da vida até a velhice. As percepções e atitudes de preconceito podem reforçar a marginalização desses grupos quando velhos, dado que essa é outra identidade, de base legal etária, ainda igualmente alvo de discriminação no Brasil (Castro, 2017).

A partir da narrativa de Fernanda, iremos compreender de que maneira a aparência, seus investimentos e percepções, antes de estabilizarem uma noção identitária, na verdade são elementos em disputa com outros marcadores sociais da diferença. De que maneira a aparência se torna um recurso afirmativo que assegure a seguinte compreensão: *“meu nome é Fernanda, eu vivo como uma mulher, como qualquer outra e eu não me troco por nenhuma [...]”*?

Memórias da infância e adolescência

A infância de Fernanda é retratada como período no qual já existe uma percepção própria, espontânea e até pessoalmente naturalizada de ser uma criança diferente das demais do mesmo sexo. As pistas vinham através do gosto por brincadeiras e roupas entendidas por ela e por outros como de menina. Fernanda conta que desde a tenra idade tinha o costume na escola de ir para a fila e o banheiro das meninas. Porém, era advertida pelas professoras que estava no lugar errado. Lembra-se de um momento marcante no qual uma delas disse: *“Você é um menino, está na fila errada!”*. As idas ao banheiro, apontadas como momentos de constrangimento, começaram a ser evitadas. Fernanda passou a fazer nas calças.

Esses momentos de inadequação não estavam restritos ao ambiente escolar. Igualmente se estendiam ao convívio familiar, apontado, todavia, como o mais tardio na percepção de sua diferença:

“Os pais sempre são os últimos a ver [...] ou porque não querem ver. Porque como eu falei, desde os meus cinco anos, quatro anos, eu apresento sinais, entendeu? De que eu sou diferente de um menino. Mas os pais não queriam ver [...] mas as pessoas viam.”

Questionada sobre quais os sinais não percebidos pelos pais, mas observados por outras pessoas, Fernanda fala:

“Ah, o jeito mais delicadinho, mais mimadinho assim, preferências por brinquedos femininos. Eu te falei daquele kit de cozinha que a minha madrinha foi comprar. Eu tava com o filho dela junto e ela não queria, ela queria que eu comprasse um carrinho, alguma coisa assim. Mas eu insisti e ela acabou comprando. Então, são esses sinais, sabe? Vários episódios que minha mãe me pegou brincando de boneca. Enfim, . . . preferia me relacionar com meninas, brincar com meninas, gostava de brincar de escolinha, queria ser a professora, brincar com as meninas. Mas eu era uma criança travessa até um pouco assim, sabe? Que nem essa minha madrinha. Ela contou uma história que nem eu lembrava, que eu cheguei a arrancar o dente do filho dela. Eu não lembrava. Aí, eu arranquei e ela falou que eu falei assim “mas ia cair mesmo”. Então, eu tinha esse lado cruel, travessa. Na escola eu era meio gulosa, eu comia o meu lanche e queria comer o das crianças e se não me davam eu queria bater.”

Assim, ainda que Fernanda apresentasse o que apontou como sinais que a diferenciavam de um menino, características são apontadas como sendo comuns e próprias do universo masculino, como o lado cruel, as travessuras e o bater em outras crianças. Porém, a percepção de familiares e colegas da escola de que Fernanda era diferente não acarretou no reconhecimento de que ela era menina, mesmo com as transformações de sua aparência e com sua reivindicação para ser chamada pelo nome feminino e não por Fernando.

Enquanto a discriminação, o preconceito, a falta de amigos e a solidão são lembrados como elementos do passado, que diferem dos momentos de sociabilidade vividos atualmente na faculdade, a relação com alguns familiares continua marcada pela incompreensão de que Fernanda é mulher, como ocorre com sua madrinha:

Eu tava no Facebook dia desses [...] Aí, na hora de dar tchau ela conseguiu escrever um absurdo que eu fiquei muito puta e eu escrevi

um montão de coisa para ela. Ela falou assim: “Tá bom então, beijos meu afilhado”. Aí eu falei, ela conseguiu pensar nas letras “m”, “e” e “u”! Porque, oh: “meu” é diferente de “minha”, sabe assim? Então, a pessoa pensou, se concentrou, digitou [...] e ela é meio lenta com informática. Então, ela pensou bem, colheu milho, catou grãos, sabe assim? Então, ela pensou bem... Aí eu coloquei assim: “você quis dizer minha afilhada”. Dei uma risadinha e falei assim, dei um sermão [...] Eu falei: “é, você esquece porque você não conviveu muito comigo, né? Se você tivesse convivido bastante comigo, como a minha mãe, meus familiares, você não esqueceria, porque eles não esquecem”. Aí eu coloquei assim: “eu não gosto, eu detesto que me refiram a mim como homem porque eu sou uma mulher como qualquer outra. Meu sexo é feminino. O que uma mulher tem, eu tenho”. Aí eu falei assim: “eu sou conhecida como Fernanda, eu vivo como uma, meu nome é Fernanda, eu vivo como uma mulher como qualquer outra e eu não me troco por nenhuma”.

A genitália feminina é articulada como um elemento comprovador de que Fernanda é mulher, fato que é legitimado principalmente pelo reconhecimento das outras pessoas dessa condição. Por outro lado, o contato com pessoas que acompanharam o seu processo de transformação ao longo do tempo, ou que a conheceram quando mais nova, é apontado como um impedimento para dissociá-la dessa imagem masculina. Por esse motivo, as ocasiões nas quais Fernanda conhecia outras pessoas não ligadas ao seu passado são recordadas como momentos positivos, em que ela é imediatamente vista e tratada como mulher:

Por exemplo, eu estava junto com minha mãe e minha irmã e teve um episódio quando a gente estava procurando apartamento. Aí a mulher virou e falou: “Ah, que bom, né? Só tem mulher na família” [...] e eu estava junto. Então, são essas situações. Que nem, às vezes, eu estava com minha mãe no shopping e a vendedora falava: “a sua filha vai ver a roupa”. Aí minha mãe foi percebendo que as pessoas me viam como Fernanda e que se ela continuasse me chamando de Fernando ia ser constrangedor para ela e para mim. E eu cobrava, no início cobrava. Aí, ela foi entendendo, né? Eu falei: “mãe eu não sei ser homem”. Não sei, não é uma questão de querer, eu não sei ser, eu não sou [...].”

Essa diferença entre a percepção familiar e as impressões de outras pessoas estranhas contribuiu para que Fernanda tivesse a segurança de ser reconhecida como mulher, a fim de legitimar seu pedido de ser identificada dessa forma por sua mãe e familiares. Nesse sentido, os momentos mais significativos foram vivenciados fora do ambiente familiar e escolar, como na primeira vez que fez a prova do Enem:

“No Enem foi assim: eu estava terminando o colégio no final dos 17 para os 18 [...] aí eu estava com um short, uma blusa meio assim, e o meu cabelo naquela época era tipo o da Ana Maria Braga, corte feminino. Mas não era comprido. Foi no meio do ano. Então, eu nem tinha ainda terminado o colégio, foi durante o colégio [...] Como no colégio, eu me transformei dentro do colégio, não foi uma transformação tão fácil assim, porque eu sentia um certo distanciamento de algumas pessoas na sala de aula, uma certa . . . uma visão, um olhar de preconceito, reprovação, mas eu ia continuar sendo eu mesma. Porque quando você está em um ambiente só de coisas ruins, você acaba deixando de ver quem você é, você acha que você é o que as pessoas tão dizendo para você. Então, eu só tinha aquele olhar, né? Aí no Enem foi meu primeiro olhar assim que eu tive fora daquele olhar de “não, você não é mulher e tal”. No Enem foi um momento em que eu cheguei lá e o rapaz falou assim: “Oi moça. Pode sentar já, depois eu pego seu documento”. Aí eu assim: “ele me chamou de moça”. Aí eu sentei e depois ele foi lá pegar o documento. Aí eu percebi que as pessoas me viam como Fernanda. Não era só aquele olhar dentro da escola, aquele olhar que as pessoas olhavam, aquele olhar meio marginalizado em relação a mim.”

Outros episódios ao longo do curso da vida foram ajudando Fernanda a constituir uma confiança com relação a sua identidade de gênero:

“E aquela coisa, nesse momento de transformação, também, né? Tipo, quando eu estava com 16 anos, foi a partir daí que eu vi que eu tinha que frequentar agora o banheiro feminino, porque eu entrei no masculino, aí um rapaz entrou e falou: ‘Ah desculpa eu entrei no

banheiro errado`. Aí ele viu a placa, entrou novamente e falou: 'você está no banheiro errado`. A partir disso eu vi que não tinha mais como, que era constrangedor para mim e para as pessoas, para os homens, principalmente para mim. Mas como eu estava naquele ambiente só de escola, de reprovação, sabe assim? Eu não conseguia enxergar a minha feminilidade. As pessoas não reconheciam, porque como eu me transformei lá dentro, as pessoas tinham essa dificuldade, né? Mas quem não acompanhou essa transformação, via, pensava que fosse como uma moça, uma mulher como qualquer outra e esse outro olhar me fortaleceu. Eu comecei a pensar: 'Não, eu não sou só o que eles acham, né? Eu sou também uma mulher, eu sou a Fernanda que eu sempre fui'".

De acordo com Bento (2006), a aparência do gênero é correlata ao próprio reconhecimento do que é ser homem ou mulher, uma vez que os elementos utilizados, como as roupas, são artifícios normativos, posto que acordados, e que se relacionam às concepções de masculinidade e feminilidade. Por isso, antes de recolher o seu documento, a aparência feminina foi o critério que habilitou o fiscal do Enem a identificá-la como moça, pelo uso do *short* mais curto que o masculino, pela blusinha e pelo corte de cabelo. Essas ocasiões são recordadas como positivamente significativas, pois se contrapunham às experiências da escola, marcadas pela negação e pelo constrangimento. Dessa forma, uma vez que a aparência era suficiente para que Fernanda se apresentasse como tal sem maiores embaraços entre estranhos, ela passou a privilegiar novos espaços de socialização:

"Lá no centro cultural teve um curso de cinema. Aí eu me inscrevi. Eu comecei lá e foi meu primeiro momento assim, no qual as pessoas não sabiam quem eu era antes, porque na escola, como tinha lista de chamada, como eu estava me transformando com meus 15, 16 anos aí com 18 eu já tinha terminado meu ensino médio [...]. Aí foi o momento de tentar esquecer um pouco isso e começar a Fernanda depois do colégio. Foi meu primeiro momento assim da Fernanda."

Embora o reconhecimento e legitimação de Fernanda como menina estivesse relacionado a novas pessoas e lugares, foi em sua escola que conheceu seu primeiro

namoradinho, já durante o colegial e com quem manteve um envolvimento por algum tempo. Assim, enquanto em algumas circunstâncias Fernanda valorizava pessoas que não sabiam de sua história, foi o oposto que permitiu que ela tivesse uma relação com outro homem, mesmo não sendo operada:

“Ele foi um apoio muito importante naquele momento porque ele me viu como uma mulher, mesmo sabendo da minha história, entendeu? Ele foi muito importante. Ele me deu muita confiança. Tanto que naquela época eu falava de mim, tal, e aí ele falou: ‘vai procurar sua cirurgia se é isso o que você quer’, porque eu não tinha apoio. Ah, 17 anos eu não tinha com quem falar. Então, ele é o quê? Acho que ele é uns sete anos mais velho do que eu. Então, ele é o meu confidente. Aí ele mesmo chegou a ir comigo no hospital, mas na época não tinha nem vaga para fazer a triagem.”

Depois de um longo tempo sem se falarem, ele entrou em contato novamente com Fernanda, poucos meses antes de realizar a cirurgia, e reapareceu em sua casa para lhe fazer uma visita na tentativa de reatar o envolvimento. Contudo, Fernanda relatou que ele não a atraía mais, e quando falava do passado, referia-se mais ao fato de ele ter sido um amigo e companheiro do que um parceiro sexual, ainda que tenha tido relações sexuais com ele algumas vezes. Fernanda conta que evitava momentos de intimidade e que, apesar dos anos de envolvimento, foram poucas e não satisfatórias as relações sexuais. Essa questão da sexualidade reaparecerá como uma dimensão relevante em outro contexto narrativo, no grupo de terapia multidisciplinar do hospital em que realizou a cirurgia.

Juventude, idade adulta e mudança de sexo

Embora desde 1997 exista uma resolução do Conselho Federal de Medicina sobre as intervenções cirúrgicas para mudança de sexo, foi somente em 2002 que elas perderam seu caráter experimental para mulheres que nasceram com o outro sexo e passaram a ser realizadas no âmbito do SUS (Barbosa, 2010). Nos hospitais autorizados a realizar esse procedimento cirúrgico, tanto o diagnóstico quanto o tratamento, obedecem aos parâmetros instituídos pelo Código Internacional de Doenças (CID), da Organização

Mundial da Saúde (OMS) e pelo manual de Diagnóstico e Estatísticas de Distúrbios Mentais (DSM), da Associação Americana da Psiquiatria (Bento, 2006). De acordo com a autora, em 1980 a homossexualidade foi retirada desse manual e a transexualidade foi incluída como um dos desvios de identidade de gênero, associada a outros distúrbios também relacionados à infância, por exemplo. A equipe responsável pelo tratamento é composta por psicólogos, psiquiatras, endocrinologistas e assistentes sociais que, segundo os critérios adotados nesses manuais, determinam que os transexuais façam no mínimo dois anos de terapia. Porém, esse período não garante a realização da cirurgia, já que para isso é necessário o diagnóstico da transexualidade.

Fernanda entrou no grupo do referido hospital em 2003, após aprovação no processo de triagem. Antes disso, ela já havia tentado se inscrever, porém na época não havia vaga, nem para a lista de espera, conforme mencionou. Como soube que em uma outra cidade também realizavam um processo seletivo, Fernanda foi até lá, mas recebeu um encaminhamento para se tratar na sua própria cidade, já que deveria participar semanalmente da terapia.

O grupo que Fernanda entrou em 2003 havia se formado no ano anterior e era composto por dez mulheres transexuais. Esse momento de início do tratamento foi marcado por muitas expectativas:

“Para mim, na época, eu não estava nem no grupo. Aí, eu tinha várias ideias de como seria o grupo, quais eram os critérios. Aí eu pensava: ‘eu acho que quanto mais feminina melhor, quanto mais feminina mais preparada para essa cirurgia, tá?’. Mas não, não tem nada a ver [...]. O que importa é aqui [aponta para a cabeça] e não o físico para eles. Não precisa ser assim a mulher perfeita, mas não tem que ser um homem, entendeu? Como ter barba [...]. Porque assim, a transexual [...] ela, o quanto ela puder eliminar de características masculinas, ela vai tentar, entendeu? Mas todo o mundo tem seu máximo de feminilidade, mesmo sendo uma mulher. Tem alguns traços que são masculinos, até homem às vezes tem traços delicados.”

Quando Fernanda entrou para o grupo coordenado por um psiquiatra, ela já havia colocado próteses nos seios e feito uma cirurgia no nariz.

Como havia consumido hormônios femininos desde os 14 anos, seu corpo já estava com formas mais arredondadas e os pelos do rosto não haviam se desenvolvido. Na mesma época, duas outras meninas entraram com Fernanda no grupo: “*entramos eu e mais duas. Uma delas também era bem feminina e a outra ainda estava meio se transformando [...]*”.

Questionada o que significava parecer mais feminina, Fernanda aponta:

“Assim, ela era bem feminina, mas a vestimenta dela era meio masculina, super masculina, sabe mulher meio largada que usa calça larga? E hoje ela é completamente diferente. Assim, tirando a roupa, ela era feminina assim, rosto, aparência, mas quem via pensava que era uma sapatão, porque ela tinha uma aparência feminina, mas usava camisetaão, calça larga, uma pocheteinha, entendeu? Eu posso falar dessas duas. Essa, assim, com a vestimenta, ela estava um pouquinho mais gordinha e ela usava vestimenta só larga. Hoje em dia ela chegou a fazer lipoaspiração, colocou prótese e está super vaidosa e magrinha. Aí, explora a roupa, usa roupas mais sensuais, entendeu? Então, ela mudou muito. Assim, quem conheceu ela antes e agora, sabe que ela mudou muito. E a outra assim, ela foi se transformando, sabe assim? Foi colocando peito, tomando hormônio, fazendo laser, porque ela tinha barba. Então, houve mudanças, acho que todo o mundo do grupo mudou muito, inclusive eu.”

Sobre sua mudança, relata:

“Não tô falando, assim, fisicamente. Tô falando mudou muito. Assim, quando eu entrei lá eu tinha até o cabelo ruivo. Eu acho que engordei um pouco mais. Essas coisas. Mas assim, em matéria de corpo, eu sempre tive [...] porque a mama eu coloquei em 2001. Então, assim, não teve mudanças tão significativas assim fisicamente porque eu nunca tive pelos no rosto, essas coisas. Tinha umas meninas que tinham e umas não tinham condição de tirar. Então, meio raspavam e ficava aquela coisa cinza querendo crescer.”

Entre as duas meninas que entraram com Fernanda no grupo, uma apesar de ser considerada por ela bem feminina, aparentava ser bem largada e passava a imagem de ser sapatão pelo uso de roupas mais largas, pochetinha. Entende-se esse estilo de aparência como contrário à vaidade atual, em que as cirurgias plásticas e o vestuário mais sensual são apontados como significativas transformações identitárias. Já a outra integrante de grupo também passou por mudanças em sua aparência. Porém, mais relacionadas aos atributos físicos, como a depilação a *laser* e a prótese de silicone nos seios. Esses processos de transformação de aparência não correspondiam apenas a elas duas, mas abarcavam todas as meninas, inclusive a Fernanda, que admite também ter mudado.

No entanto, quando solicitada que descrevesse o que havia mudado em sua aparência, as alterações apontadas foram apenas o aumento de peso e a cor do cabelo. Em relação às outras transexuais, esses elementos são menos significativos, porque não demarcam fronteiras entre uma aparência e um corpo feminino, como a prótese dos seios. Ou, ainda, não houve diferença nas características atribuídas às mulheres, como ocorreu com a menina largada que se tornou mais vaidosa.

De acordo com Bento (2006, p. 60), a aparência surge como temática relevante não só para as transexuais que apontam desde a infância nas roupas como recursos para construção de suas formas de apresentação pessoal, mas destaca a relevância desse elemento entre a equipe médica. Em sua pesquisa com transexuais que estavam em tratamento no Hospital das Clínicas de Goiânia, Bento relatou situações nas quais os profissionais da equipe comentavam sobre as integrantes do grupo, falando das mais femininas, ou advertindo as que acreditavam que se vestiam inadequadamente:

“Você viu como ele estava vestido? Parecia um travesti”. Eu tive que dizer para ela: olha, você está se vestindo como uma puta. Ou, então: Nossa! Viu como ela é uma mulher perfeita! Não tenho a menor dúvida: ela é transexual. Não tem dúvida: com o tempo a gente passa a reconhecer de primeira um transexual; basta ver a forma de andar, de vestir e a mão. A mão é fundamental”.

Desse modo, a autora elucida que esses comentários algumas vezes debatidos em grupo causavam nas integrantes um efeito corretivo das estilizações da aparência no sentido de adequá-las às opiniões dos profissionais envolvidos no atendimento.

A percepção da aparência por parte dos profissionais, muitas vezes de caráter subjetivo, passa a ser um critério que dá contornos ao cotidiano do diagnóstico. Isso pode ser observado no grupo de Fernanda, em que todas as meninas mudavam muito depois do início do tratamento. Esse pode ter sido o caso da participante que parecia sapatão e usava roupas largadas, mas que depois fez diversas cirurgias plásticas e começou a vestir peças mais sensuais, consideradas de domínio feminino. Reflete-se sobre uma suposta confluência entre as expectativas do corpo profissional e seus critérios de aceitação estética com os desejos de realização identitária das participantes, ou, simplesmente, a absorção por parte das participantes da construção da aparência normativa hegemônica como via de acesso à cirurgia.

Ainda que todas as participantes no grupo de terapia compartilhassem a experiência da modificação corporal, Fernanda situava-se em outra condição, por já ter passado por esse processo mais precocemente e feito parte dessas escolhas praticamente sozinha. Além das questões envolvendo a aparência, Fernanda foi questionada sobre os aspectos que ela acreditava a diferenciar das outras pessoas do grupo:

“Eu estava com 22 anos e elas todas acima de 35, 40. Então, elas sempre falavam assim: Ah, mas ela é muito novinha, ainda vai conhecer o mundo. Isso me incomodava muito, sabe? Incomodava porque elas me colocavam lá em baixo. Assim, sabe: eu tenho mais experiência, mais vivida. Então, tô mais preparada que você. Então, porque assim, como eu já tinha seios e sempre tive uma bunda grande, elas viviam falando assim: Ah, mas ela colocou silicone na bunda. Eu nunca coloquei, era mentira e elas ficavam questionando isso, falavam que eu mentia. Eu queria até mostrar minha bunda” (risos).

Os comentários sobre o ideal de aparência eram tratados nas reuniões do grupo:

“Assim, porque às vezes tinha essas coisas de falar o que você quer mudar e o que você já fez em você. Ah, sei lá, quero ter uma coisinha aqui, eu já tenho isso e eu nunca falava que tinha silicone na bunda porque eu não tenho, mas elas achavam que eu tava mentindo [...]. Ficavam me queimando, falando assim: Ela é muito novinha. Por isso

que ela não sabe se vestir direito, usa decote exagerado. Falavam assim: Ela é muito superficial, muito montada”[...]. Então, porque assim, no meu grupo quando eu comecei tinha umas que estavam se transformando dentro do grupo e eu já tinha passado por isso porque como comecei a tomar hormônio desde os 14 anos e eu entrei no grupo com o que, com 21. Então, faziam sete anos e essas mudanças que eu fiz com o tempo já tinham, né, aparecido. Eu já tinha colocado a prótese e uma coisa que é vantajosa é que eu nunca tive pelos no rosto. Tinha umas meninas lá que tinham, né? Ficava aquela coisa cinza no rosto, aí umas que tinham dinheiro faziam a laser porque o SUS não cobria, não cobre, né? Não cobre laser e as que tinham dinheiro tinham laser e as que não tinham viviam rebocando a cara com maquiagem para esconder.

A diferença de idade cronológica era articulada positivamente pelas outras integrantes do grupo como sinônimo de experiência e vista como preparo para a cirurgia. Por outro lado, o maior tempo de convívio com a construção da aparência transexual e transformações dos atributos físicos, como os seios e a bunda grande por parte de Fernanda, eram alvo de discórdia entre elas, que tentavam desnaturalizar seu corpo e, com isso, sua própria feminilidade e possibilidade de acesso à cirurgia.

A idade cronológica, positivando a suposta e conseqüente maior experiência de vida, se confrontava com a experiência de vida de Fernanda como aparentemente transexual, que apesar de ser em um menor tempo, a trazia mais status. Diferentes critérios organizadores da busca pelo acesso. Fernanda estabelece a vantagem de, através do uso de hormônios desde muito cedo, nunca ter desenvolvido barba, em contraposição às outras que viviam rebocando a cara. Cabe destacar como a barba surge enquanto um sinal de masculinidade em um ambiente de disputa pela feminidade e sua visibilidade legitimadora, relacionada a normas etárias, estéticas, performáticas e de classe.

Mais um fator que aparece nesse contexto, e é acionado em outros momentos de maneira pejorativa, é a associação da aparência ao suposto exagero. No relato acima a relação é sinalizada pelas transexuais como um indicativo da falta de experiência e inadequação da aparência de Fernanda pelo uso excessivo de decotes. Essa modalidade de ofensa é seguida pela afirmação de que ela estava muito montada.

Benedetti (2005) elucida que é possível compreender o insulto que o “se montar” representa. O termo é usado pelas travestis para se referirem à construção de sua aparência feminina. Uma vez que só as pessoas diagnosticadas com o “desvio” da transexualidade têm acesso ao tratamento hormonal e à cirurgia, qualquer associação com as travestis tem o intuito de questionar o próprio diagnóstico das integrantes, como ocorreu em uma briga durante uma das sessões de terapia.

Fernanda contou que um dia estava no ambulatório esperando uma consulta, junto a outra participante do grupo que começou a causar. Ela, que estava no mesmo ambiente, sofreu por extensão, pois entre a equipe médica os rumores eram de que duas loiras haviam tumultuado a rotina do hospital. Quando soube dos comentários, Fernanda ficou enfurecida e, após ser questionada durante a terapia em grupo pelo psiquiatra sobre o acontecido, iniciou-se uma briga entre as duas, que é relatada por Fernanda da seguinte forma:

“Porque, assim, eu sou boa para alfinetar, não de falar palavrão, assim, de alfinetar, porque lá como a gente estava em grupo, a gente acabava uma conhecendo o ponto fraco da outra. Aí eu falei: Olha a postura dela, olha a atitude dela, aprendeu tudo isso na rua, se comporta que nem puta e travesti. Aí ela ficou invocada. Ela queria me bater. Eu só falei: Olha como ela é barraqueira, quer bater em mim, oh aqui oh, ela tem que ser expulsa do grupo. É como no Big Brother. Eu fiquei sentada e ela meio começou a levantar assim, querer assim, ficar falando, enfiar a mão na cara. Ah, ela falou que eu era falsa, que eu queria ser melhor do que todo o mundo, que eu não era amiga de ninguém, que eu era uma cobra. Ah, um monte de coisas. Eu falei assim: eu sei me comportar. Olha, eu sou uma universitária. Eu falei assim: eu comecei a fazer estágio, eu sei lidar dentro de um ambiente, sei me comportar. Aí falavam que eu sou arrogante assim, mas eu estava me defendendo por terem feito eu passar por papel de barraqueira.”

A disputa pelos sentidos das categorias (transexual e travesti) é aqui associada também a critérios de comportamento relacionados, por sua vez, à classe social e escolarização (Barbosa, 2010). A fim de se afastar da imagem de barraqueira da outra

transexual, Fernanda não só a associou ao universo marginalizado da prostituição, como também elenca uma série de elementos que se contrapõem claramente a esse ambiente, como o fato de ser universitária e estagiária. Dessa forma, uma vez que ser transexual significa necessariamente não ser reconhecida pelos médicos como travesti, a associação entre esses sujeitos, por vezes mediada pelas questões de aparência e comportamento, é articulada sempre de maneira a ameaçar o diagnóstico alheio. Assim, garante-se não apenas a permissão para realizar a cirurgia, como também o acesso ao tratamento hormonal, que é rigorosamente controlado. O ambiente, na percepção de Fernanda, é competitivo de diferentes maneiras:

“Em 2000, eu comecei, oh, 14 anos era 1994, 1995, depois de uns seis anos eu coloquei a prótese (nos seios). Aí, continuei tomando [...] e aí eu entrei no hospital em 2003. Lá, a partir de 2006 eu comecei a fazer terapia hormonal com acompanhamento de uma endocrinologista. Antes eu tomava por conta própria. Porque assim, quando a gente entrava [...]. Eu entrei em 2003. A gente já não ia já direto para fazer terapia hormonal. Primeiro, de imediato, é o contato com psicólogo e psiquiatra. Aí eles primeiro têm que ter o diagnóstico de transexualismo para encaminhar para terapia hormonal. No caso, se a pessoa não for uma trans, de repente for um travesti, eles não encaminham para a terapia hormonal.”

Somente três anos após a entrada de Fernanda no grupo, ela iniciou o uso dos hormônios com acompanhamento de endocrinologista, de modo que regular o acesso ao tratamento pode representar também uma constante vigilância e mais uma fonte para composição do diagnóstico.

Se por um lado o uso de hormônios é controlado na terapia, muitas mulheres transexuais os utilizam por conta própria, pela facilidade e baixo custo com que são comprados para auxiliar no crescimento dos seios, e reduzir características masculinas, como os pelos no rosto. Seus efeitos são muito desejados e, muitas vezes, são as primeiras intervenções realizadas. Fernanda começou a utilizá-los depois que soube em uma aula sobre métodos contraceptivos e que seu uso em meninos produziria características femininas. Essa informação fez com que Fernanda passasse pelo processo de modificação

de sua aparência mais precocemente, e de forma caseira, frente às outras participantes do grupo, que muitas vezes começaram a se transformar somente durante o tratamento.

A aparência feminina de Fernanda não era um atributo distintivo apenas em relação às transexuais, mas também era usada por ela para se diferenciar de outras mulheres, em geral. Fernanda começou a fazer um dos estágios oferecidos pela faculdade. Uma das professoras que supervisionava os alunos comentou anteriormente com a gestora da instituição parceira que entre eles um estagiário era especial, se referindo a Fernanda. Com a entrada na vida adulta, mais do que constituir e legitimar sua transexualidade, o desafio era organizar sua identidade como sujeito, perante seus múltiplos papéis sociais.

Assim, no dia em que as atividades iniciaram, a gestora chamou em sua sala Fernanda para conversar, alegando que queria saber mais sobre transexuais, porque isso era novo para ela. Porém, ao chamá-la, a tratou pelo nome masculino e isso deixou Fernanda muito enfurecida, iniciando uma discussão. Mencionou que como ela tinha dificuldade de lidar com pessoas assim, quando ela encontrasse alguém que ela tivesse dúvidas se era homem ou mulher, que era só ela olhar para a roupa. Reforçou que se uma pessoa se veste de mulher é porque ela quer ser tratada dessa maneira.

Fernanda prosseguiu, exemplificando que, se algumas mulheres, mesmo sendo masculinizadas, com roupas largadas, cabelos curtos, eram tratadas como tal, ela também deveria ser, já que tinha seios grandes, quadril largo e cabelo comprido. O tom irônico da fala deve-se ao fato de Fernanda ter contado que quando descreveu a mulher masculinizada, ela estava na verdade se referindo diretamente à gestora, já que todos esses elementos correspondiam a ela. Assim, essa série de elementos femininos em sua aparência é usada para mostrar que, em verdade, Fernanda é mais mulher do que a própria gestora, sendo essa hierarquia de feminilidade ancorada em expectativas relativas à aparência; engendrada também entre as transexuais com as quais ela convivia.

Todavia, não apenas diferenças sobre as mudanças corporais eram estabelecidas com as outras integrantes do grupo, mas também semelhanças, em termos da aparência:

“Quando eu entrei, ela já estava com um ano de terapia. Ela era a mais feminina do grupo. Ela tinha feito muita plástica, tanto que assim durante o processo, ela já não tinha mais o que mexer, né? Porque ela já tinha mexido em tudo. Ela não falava tudo, né? Tem umas que às

vezes até mentem, né? Fala que nasceu assim, com nariz pequenininho, mas ela tinha o nariz bem pequenininho, prótese, a boca dela também. Ela falava que não, mas uma boca da Cicarelli e acha que é natural, né? No começo era uma coisa mais assim sensual, aí no decorrer ela começou a ficar assim mais senhora, feminina, mas mais comportada, não provocante. No começo da terapia ela usava muito saia, saia, saia, aí depois começou a usar mais calça social, terninho, essas coisas mais comportadas.”

Essa transexual se assemelha à Fernanda no sentido de que ambas tinham poucas intervenções cirúrgicas a serem feitas, sendo a mais significativa a de transgenitalização, já que outras modificações desejadas já tinham sido realizadas. Fernanda conta que todas as integrantes sabiam que quando o grupo deixasse de ser experimental, essa transexual seria a primeira a ser operada, porque os médicos diziam nas terapias que ela era a mais preparada para a mudança. Assim, havia a percepção que a mais feminina era a que tinha mais modificações e comportamento contido, ainda que a declaração da quantidade de plásticas seja sempre minimizada, com intuito de tornar a aparência mais natural possível. Nesse sentido, bem como as integrantes que afirmavam que a bunda de Fernanda era de silicone, ela também demonstra descrença sobre a boca natural dessa transexual, ao falar que era igual aos lábios da modelo e ex-apresentadora brasileira Daniella Cicarelli.

Outro motivo que causava desconfiança era o fato de ela ter dinheiro para fazer a cirurgia e, mesmo assim, continuar no grupo do qual participava. Vale lembrar que ela fazia tratamento desde 2002, e a primeira transexual operada desse grupo foi Fernanda, em 2010. Dessa forma, esperar oito anos por uma vaga para a cirurgia quando se podia pagar e realizar a mudança a qualquer momento era compreendido pelos próprios profissionais como um indicativo de que essa mudança não era uma prioridade:

“Ela era uma pessoa que tinha dinheiro. Se ela quisesse ter feito antes cirurgia paga, ela conseguia. Mas ela preferia comprar carro, gastar com outras coisas e acho que isso foi até um, um [...]. Chegou numa situação que foi até o psiquiatra [...] o psicólogo chegou a questionar ela que falava assim, que não aguentava mais esperar a cirurgia. Mas porque, então, ela não pagava pra fazer a cirurgia?”

Além das modificações corporais, outro assunto muito abordado nas terapias em grupo era a respeito das relações afetivas e sexuais. Seguindo a lógica do viés da aparência, algumas declarações consideradas inadequadas causavam a desconfiança das outras participantes, como o caso de uma integrante do grupo. Fernanda disse que essa transexual pertencia a uma família tradicional e, por isso, foi obrigada a se casar com uma mulher, de quem já estava separada, quando entrou para o grupo. Porém, o que gerava a suspeita de que talvez ela não fosse transexual não era o casamento, mas sim o fato de ter dois filhos dessa relação. Fernanda conta, em tom jocoso, que ter um filho por acidente era aceitável, mas dois era demais, já que era impossível essa transexual ter engravidado sua esposa com apenas duas tentativas. Assim, a relação sexual mantida durante o casamento era um indício desfavorável, para que o grupo a reconhecesse como transexual, uma vez que só um relacionamento com outro homem era válido, em razão de todas as participantes do grupo se afirmarem heterossexuais.

Fernanda lembra que a questão da sexualidade era recorrente nos encontros semanais, sobretudo pelo interesse dos profissionais, que faziam muitas perguntas a esse respeito. Algumas das participantes já tinham um parceiro fixo. Porém, Fernanda, por não ter alguém que já a conhecesse, preferia não ter relações sexuais, devido ao constrangimento de ter que explicar que era mulher transexual não operada. Além disso, por não ter tido muitos parceiros antes, e ser a mais nova, Fernanda recebia apelidos. Sobre seu posicionamento nesses debates, conta:

“Antes para mim o fato de pensar em sexo era um tabu muito grande, era algo assim que eu fugia, evitava, não fazia. Tanto que isso é uma das coisas que eu até mentia na terapia, porque na terapia eles achavam que era importante ter relações sexuais e eu não tinha. Eu tive o quê? Umas duas, três, e foi péssimo. Ai eu falei: “Ai chega! Eu não quero mais. Só vou ter depois da cirurgia”. Mas lá eles perguntavam e perguntavam tanto que parecia que era importante e eu fingia: “Aí, eu tive”. Teve uma vez que eu até inventei que tava namorando. Ai eu inventei por uns 2, 3 meses e depois eu terminei o namoro. Mas eu sentia que eles queriam que a gente tivesse, que nos conhecêssemos, sabe? Tipo prazer antes, mas eu via que eu não tinha prazer, não tinha vontade. Então, eu mesma, eu inventava, sabe assim?”

Aí o que que a gente não faz, né?, por uma cirurgia? [...] Aí, no meu último ano em 2010, ano da cirurgia, aí eu fui bem sincera, eu falei assim “chega de mentir”, sabe? Chega de falar que eu já namorei. Aí eu falei assim: “Olha”, como eu sabia que cirurgia tinha sido (marcada), porque me contaram o que? Em julho? Aí eu falei assim: “sabe de uma coisa, eu não quero mais saber de homem, eu vou esperar a minha cirurgia. Antes eu tinha uma relação ou outra, mas eu não era satisfeita”.

Não somente em termos de aparência, mas percebe-se também que havia uma tentativa de adequação das participantes em suas *performances* de gênero. Opiniões eram rearticuladas, segundo critérios que julgavam agradar mais a equipe ou coincidir com o consenso do grupo, como fazia Fernanda ao mentir sobre seus relacionamentos. Dessa maneira, ter um pensamento muito diferente em relação à opinião das outras participantes poderia interferir negativamente na concepção do diagnóstico, tanto que Fernanda só contou que não era satisfeita sexualmente depois que soube que seria operada. Todo esse receio em não comprometer o diagnóstico dos médicos e o clima de desconfiança entre as participantes do grupo, devia-se ao fato de estarem todas em um processo avaliativo, no qual os critérios de seleção eram desconhecidos. De acordo com Fernanda: *“Ah, sempre se questionou, a gente perguntava ‘Ah o que, que é tá preparada, né?’. A gente queria saber os critérios, né? Mas a gente nunca soube”.*

Além das terapias semanais em grupo, as participantes eram submetidas a uma série de testes psicológicos que compunham a avaliação de cada uma das integrantes. No entanto, após a realização dessas avaliações, Fernanda relata que não havia um retorno sobre o resultado ou desempenho das participantes, sendo que somente no final do ano os profissionais comentavam sobre as impressões gerais de cada uma.

Além do grupo de que Fernanda participava, coordenado por um psiquiatra, havia no local um outro grupo de transexuais que tinha como responsável uma psicóloga. Porém, não havia interação entre as integrantes das equipes diferentes. O contato limitava-se com os coordenadores do outro grupo, já que elas precisavam do diagnóstico dos dois profissionais para conseguir a cirurgia. Todavia, Fernanda conta que entre eles dois não havia um consenso sobre quem estava preparada para a cirurgia e isso era motivo de dissidências.

A psicóloga acreditava que só as transexuais do seu grupo tinham condições de realizar a cirurgia. Por esse motivo:

“Ela queria que, depois de um ano, dois anos, a gente fizesse tudo isso de novo (os testes psicológicos) e o meu psiquiatra discutiu com ela e disse que não, que ele sabia quem estava preparada. Ele defendia porque, para ela, ninguém estava preparada. Ele falou: “não, elas estão preparadas”. Mas ela sempre encontrava algum defeito, entendeu? E esse teste era ridículo. Eu saía de lá péssima, com uma sensação de fazer papel de idiota [...]. Ah, sei lá, teste psicológico? Eu acho muito ultrapassado, né? Ficar mandando desenhar uma casinha. Eu me sentia uma retardada fazendo isso.”

Ainda sobre os testes, Fernanda soube pelo seu psiquiatra que uma das avaliações feitas com a psicóloga apontou que sua idade mental era diferente da cronológica:

“Então, ele falou assim que ela comentou que, pelos testes, eu apresentava uma idade mental mais nova do que a minha, entendeu? A biológica. Ela falou assim: “Nossa, mas ela tem o quê? Uns 21 anos, 22 anos?”. E eu tinha 26 anos. Aí, falou assim que o meu problema era esse. Aí teve outro momento que o meu psiquiatra [...] porque assim, passava um ou outro ano eles falavam meio que algo de cada uma de nós. Teve um momento em que falaram que eu era arrogante, orgulhosa e isso ia atrapalhar eu fazer a cirurgia.”

Esses comentários realizados pela equipe de atendimento para todo o grupo eram relevantes, pois a boa avaliação psicológica sobre alguma integrante protegia sua transexualidade da desconfiança das outras participantes (Barbosa, 2010). Devido à necessidade de realizar exames clínicos, como coleta de sangue para verificar a taxa hormonal, as transexuais também tinham contato com outros profissionais do ambulatório. Muitas vezes, esses momentos eram constrangedores, seja porque não eram chamadas pelo nome feminino ou, ainda, pelo tratamento de algumas enfermeiras, que:

“Faziam umas perguntas assim tipo: “Aí, nossa!, antes da cirurgia você comeu várias?”. Coisas assim, sabe? Ainda mais como eu fui a primeira, então tinha essas muitas dúvidas. Para elas a gente era, sabe assim? Era travesti que cansou de ter pinto, enjoou e quis ter periquita, era algo meio [...]. Tanto que, por exemplo, quando eu tive alta [...] aí uma lá ligou e, por acaso, elas ligaram para o meu celular e eu atendi. Aí ela no telefone: “Ai, por favor, algum parente do Fernando”. Aí, eu falei: “Oh você ligou pro meu celular. Aqui é a Fernanda”. Aí eu falei: “Pode ficar tranquila, tá? A minha mãe vai vir me buscar”. Então, sabe assim? Mesmo sabendo que eu estava lá, que eu fiz uma cirurgia, que eu tenho uma vulva, mesmo assim. Aí você percebia que, às vezes, pessoalmente, até falavam “Fernanda”, mas, de canto, aposto que falavam “Fernando”. Falavam “ele” e isso é preconceito.”

Além dessa ocasião no período pós-operatório, Fernanda também relata ter passado no último mês por uma situação embaraçosa no ambulatório, quando foi realizar um exame de rotina:

“Até recentemente, eu fiz exame de sangue. Foi recentemente. Eu deixei uma observação. Falei assim: “É pra deixar como Fernanda, tá?”. Aí chegou na mão de uma mulher idiota. Aí ela não enxergou a observação. Aí ela: “Fernando Duarte”. Eu levantei e cheguei perto dela e falei assim: “Você é cega? Você não enxerga? Tá aqui, oh, Fernanda”. Aí ela: “Ai, desculpa”. Ah, eu perdi a paciência. Porque agora depois de operada eu tô mais impaciente com o nome, sabe? Eu tô assim, intolerante. Já me incomoda muito ainda estar nessa condição do nome, me incomoda muito mesmo, sabe? Eu fico indignada, eu acho um absurdo, sabe? Eu tenho vergonha de ser brasileira. Porque pra mim o nome é tão importante quanto a cirurgia. Como eu falei, já fez um ano e até então nada (oficialização da mudança de nome).

Fernanda entrou com um recurso na justiça para mudança de nome duas vezes, antes de realizar a cirurgia e, mesmo apresentando os laudos médicos, com avaliação hormonal e psicológica que atestavam que ela era mulher, o pedido foi negado. Nem em sua faculdade, ela conseguiu que o documento de identificação dos alunos fosse alterado,

ainda que isso causasse uma série de constrangimentos. Em uma situação foi acusada por uma funcionária da portaria da faculdade de falsificar o documento, já que o nome era Fernando e ela era mulher. Por ocasião da pesquisa, Fernanda mencionou que havia entrado com novo recurso na justiça e como já havia realizado a cirurgia, diz que o veredicto parecia favorável, ainda que estivesse há um ano no aguardo da decisão. Destaca-se que, desde março de 2018, a mudança do nome social de pessoas trans passou a ser possível apenas no cartório, sem necessidade de processo jurídico ou cirurgia de transgenitalização. Assim, o laudo médico deixou de ser necessário para uso do nome social nos documentos.

Ainda não ser tratada como mulher causa mais indignação atualmente. Se antes essa situação se relacionava ao fato de ela não possuir a genitália feminina, hoje ela afirma dizer que tem uma vulva, para ela e para a sociedade, a prova física que sempre foi a condição exigida para o reconhecimento tão desejado. Observa-se que, até no ambiente hospitalar, no qual a categoria transexual é constituída e atendida, é possível perceber como o tratamento de alguns profissionais nas ocasiões relatadas é marcado por concepções preconceituosas, como usar a associação das transexuais com as travestis entre eles de modo depreciativo.

Essa entendida perigosa aproximação faz com que as transexuais articulem sua fala, muitas vezes através do próprio discurso médico, para se distinguirem das travestis, como relatou Barbosa (2010). O autor realiza etnografia no Centro de Referência em Diversidade em São Paulo, tendo como foco as Terças Trans. O evento é organizado pela Secretaria de Travestis, Transexuais e Transgêneros da Associação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo.

Nessas reuniões quinzenais frequentadas por travestis e transexuais, Barbosa (2010) pode perceber como essas categorias são apropriadas pelas participantes de modo relacional e não baseado em concepções nucleares sobre identidade. De modo hierárquico, o diagnóstico médico era utilizado muitas vezes pelas transexuais como comprovante de que eram mais mulheres do que as travestis. Embora as participantes se apropriassem do discurso médico, que caracteriza a transexualidade como um desvio de identidade, as transexuais utilizavam concepções biologizantes e naturalizadas sobre si para deslocar o caráter patologizante da própria transexualidade (Barbosa, 2010).

A fim de demarcar hierarquicamente essas diferenças, os saberes psicológicos e psiquiátricos são incorporados no sentido de demarcar que a transexualidade não é algo pertencente apenas à ordem física, mas situa-se em uma dimensão mais profunda, como explica Fernanda:

“Depende, eu já encontrei várias loucas (travestis) falando que é mulher, mas adora ficar em cima de um homem comendo ele, e mulher não faz isso. Então, é estranho, né? Então, sabe, uma coisa é você falar, outra coisa é você sentir. Falar, quem tem boca, fala o que quer. Agora o sentir é algo mais profundo. O falar é [...] papagaio, às vezes, fala. Então, falar, quem tem boca fala. O sentir é algo muito mais profundo e esse sentir, através de testes psicológicos, assim, eles descobrem esse sentir [...] que seria o quê? O sexo psíquico feminino. Porque essa é a diferença, além da genitália, essas diferenças que fazem o sexo psíquico também. A mulher tem o sexo psíquico feminino, o homem tem o sexo psíquico masculino, a travesti tem o sexo psíquico masculino e a transexual tem o sexo psíquico feminino.”

Questionou-se mais sobre a concepção de sexo psíquico feminino:

“Por exemplo, falam que o cérebro da mulher é diferente do homem. Que o sexo psíquico, no caso, que vem diretamente do cérebro, da cognição [...] é diferente do homem e da mulher e é através dele que faz o homem demonstrar que ele é atitude, comportamento, postura, o sentimento. Tudo isso diferencia por meio do sexo psíquico. E a gente considera ele mais importante porque ele não pode ser modificado, mudado. Agora o sexo anatômico, a genitália, pode ser mudada. Agora o psíquico não, não tem como ele ser mudado. Ele é imutável. Por isso a psicologia e a psiquiatria consideram ele o mais importante, porque ele não pode ser mudado. Então, como não pode mudar, a gente adequa ele com a genitália feminina. Aí muda. Por exemplo vai, se for fazer um teste [...] tem uma transexual, uma travesti, uma mulher e um homem, mas ninguém sabe quem é quem, ninguém se identificou. Se for olhar, aí então têm duas mulheres e dois homens. As duas mulheres são a transexual e a mulher, biológica. Depois temos o travesti e o homem

biológico. Isso sem se identificar, porque o teste psicológico vai perceber, vai identificar, sabe assim?”

As práticas sexuais aparecem, nesse trecho, como outro fator diferenciador de transexuais e travestis. Os últimos, por penetrarem seus parceiros, não podem ser considerados como mulheres. Essa questão também surgiu no contexto das Terças Trans, no qual uma das transexuais presentes na reunião afirmou que elas não conseguem ser ativas sexualmente, porque as mulheres não o são, e isso faz com que os parceiros das transexuais sejam heterossexuais (Barbosa, 2010).

Ainda que o processo de identificação com o gênero desejado seja também construído pela aparência e técnicas corporais, o discurso de Fernanda é marcado pela concepção de que homens e mulheres são imutavelmente diferentes um dos outros. Se não pela genitália e os modelos de relação sexual, pelo sexo psíquico, o que parece naturalizar essa condição. Desse modo, Fernanda articula uma concepção que supõe uma dimensão natural da diferença, baseada nas estruturas psíquicas e cerebrais, ao invés de ancorar-se primeiramente nas genitálias.

Nesse ponto, os saberes psicológicos e psiquiátricos fundamentam essa diferença incomensurável que foi deslocada para o âmbito do psíquico. Mesmo que as pessoas recorram a artifícios, como se travestir do outro gênero, a verdadeira identidade é passível de ser desmascarada através dos mesmos testes e acompanhamentos que Fernanda dizia serem ultrapassados.

Assim, quando se afirma que esses profissionais têm o poder de descobrir o sexo psíquico e só o tratamento da transexualidade é legitimado no sistema de atenção em saúde, as outras identidades de gênero deixam de ser uma questão de como o sujeito se percebe e se constitui. Pode-se refletir na concepção de identidades dissimuladas, passíveis de serem reveladas a todo o momento pelo crivo do diagnóstico.

Desse ponto de vista, a confirmação da cirurgia, mais do que comprovar a transexualidade, representa também o fim da possibilidade de ser associada a outras identidades não desejadas. Fernanda foi a primeira e a mais nova integrante de seu grupo a ser operada. Porém, conta que no dia da notícia os motivos pelos quais foi selecionada não foram apresentados para as demais participantes, razão que acirra a competição entre as participantes.

Em relação à experiência mais significativa que teve após a cirurgia, Fernanda se lembra de que foi com um homem:

“Assim, o que eu posso falar é o seguinte: eu como Fernanda, mulher, hoje em dia na cama com um homem é o momento em que eu mais me sinto Fernanda e mulher. É o momento em que eu tô lá nua, ele também está nu e essa diferença de corpos, masculino e feminino. Enfim, é o me tocar, sabe assim? É o momento em que eu mais me sinto Fernanda. Antes eu via que tinha algo que não era Fernanda e agora, sabe, agora eu não tenho vergonha da minha genitália. Ao contrário, eu quero que toque, que brinque, entendeu? Virou meu brinquedo e antes não, antes era meu pesadelo, entendeu? Então, isso é muito bom mesmo que, vai [...] como eu falei: “uma das transas não foi tão boa, mas só pelo fato de eu estar nua e ele me ver como uma mulher como qualquer outra, isso foi importante. É o que eu sempre quis”. É claro que agora eu vou começar a ficar mais exigente e quero que seja bom para os dois. Não basta apenas me ver como mulher. Tem que ser bom também, né?”

Na primeira experiência que Fernanda teve após a cirurgia, ela disse que contou ao homem que ela era mulher transexual operada. Como havia realizado a cirurgia, há poucos meses, contou que ficou com receio e decidiu contar para que ele tivesse mais cuidado. Porém, após a notícia ele não conseguiu concluir a relação. Por isso, Fernanda resolveu não mais falar que era transexual e a experiência relatada no trecho acima ocorreu sem que ela contasse sobre isso.

Além da questão de não sentir mais constrangimento com sua genitália e conseguir perceber em seu corpo a diferença física com um corpo masculino, o fato de ele tê-la visto nua e reconhecido que era uma mulher entendida como qualquer outra, surge como dimensão mais significativa desse momento, mais do que a relação sexual em si. A cirurgia permitiu também que Fernanda pudesse escolher quais práticas sexuais prefere, condição que era reduzida anteriormente, já que ser mulher passa pela condição de ser penetrada por um homem. Em uma das recentes relações sexuais, Fernanda contou que, após o parceiro perguntar sobre penetração anal, ela respondeu: *“Eu sou mulher só de sexo vaginal”*.

Essa declaração é marcada não somente por preferências sexuais, mas por uma concepção de práticas adequadas a uma mulher, ou como elucida Butler (2010, p. 190):

[...] os ritos de passagem que governam os vários orifícios corporais pressupõem uma construção heterossexual da troca, das posições e das possibilidades eróticas marcadas pelo gênero. A desregulação dessas trocas rompe, conseqüentemente, as próprias fronteiras que determinam o que deve ser um corpo.

Não somente as relações sexuais mudaram, mas o modo como Fernanda se veste também se transformou após a cirurgia:

“Então, hoje eu estou mais assim [...] mais tranquila e menos preocupada com o que as pessoas pensam em relação a minha roupa. Antes da cirurgia, eu evitava maquiagem, e agora eu passo lápis no olho. Tem dia que eu passo uma sombra, passo um blush. Antes não. Antes eu deixava mais cru o rosto e tinha, meio assim, receio de querer chamar a atenção. Hoje eu não estou preocupada em chamar a atenção. Estou bem tranquila. Antes não, antes para mim menos era mais. Aí, eu: “Ah não! Uma mulher alta chamar a atenção com um vestidinho mais curto, vão pensar que é travesti [...] ou maquiagem, vão pensar que é travesti”. Hoje em dia não. Hoje depois de operada eu percebi isso, que eu não estou preocupada com isso. Hoje em dia, eu tô usando muito mais vestido, short, maquiagem.

Estou mais ousada. Antes quanto mais discreta melhor, porque menos era mais [...]. Agora eu tô exagerada. Antes de repente a aparência era uma forma de eu mostrar aquela coisa: “Ai eu sou uma mulher, tá!”. Porque eu não tinha o que uma mulher tinha no meio das pernas e hoje eu não preciso ficar mostrando isso, sabe? Me autoafirmando, porque eu sei que eu sou uma mulher, entendeu? Eu tô bem tranquila, eu pinto a unha de vermelho. Antes eu fazia mais rosinha claro, não usava maquiagem. Até brinco eu evitava às vezes. Hoje eu estou mais à

vontade pra libertar minha feminilidade sem medo de errar, de pecar, das opiniões alheias, porque se eu tô bem é o que importa.”

Anteriormente, o chamar a atenção com maquiagem e roupas mais curtas era associado à imagem considerada exagerada de uma travesti, entendida como algo a ser negado. Contudo, após a cirurgia, essas características passaram a compor a apresentação e o estilo de Fernanda, agora com um novo sentido, mesmo que de posse de semelhantes elementos considerados excessivos no passado. O decote, por exemplo, passa a afirmar feminilidade e não mais vulgaridade.

Assim, podemos dizer que a *performance* de gênero se trata de aspecto da identidade de natureza dinâmica e constitutiva do curso da vida. No caso de Fernanda, adquire diferentes sentidos na infância, adolescência e, mais adiante, na juventude e início da idade adulta. Ganha contornos institucionais, próprios do longo processo de realização cirúrgica pelo qual passou, que se inicia no âmbito psicológico, hormonal e é efetivado com a redesignação sexual. Um marco é o afastamento pós-cirúrgico do ambiente hospitalar competitivo, visando ao convencimento de um desvio, muitas vezes preconceituoso, no qual a estilização da aparência correspondia a evitar associações com sujeitos indesejados, como os travestis. Observa-se, ainda, a trajetória que a força da identidade de gênero percorre, que suplanta o controle de qualquer técnica, preconceito ou despreparo. A construção da aparência acompanha todo o percurso.

A correspondência aos travestis poderia ocorrer mediante a aparência ou o comportamento exagerado. Sempre que era estabelecida uma relação entre a transexual e a travesti no grupo, o uso pejorativo de uma das identidades servia para questionar o próprio diagnóstico. Ainda que os critérios para a seleção da transexual a ser operada não fossem revelados e Fernanda diga não saber quais eram, é possível através de seus relatos e pela literatura sobre a transexualidade no contexto hospitalar, estabelecer uma lógica vinculada à produção do diagnóstico.

Fernanda disse que, no grupo, a maioria das participantes estava se transformando ao longo da terapia e somente ela e outra transex, que já participava há um ano do grupo, tinham anteriormente realizado mais modificações e desejavam mesmo só a cirurgia de mudança de sexo. Essa trans, descrita por Fernanda como a mais feminina do grupo, era apontada pela equipe médica como a mais preparada para a cirurgia.

Porém, em virtude das faltas e outros acontecimentos, Fernanda assumiu seu lugar e foi a primeira participante do grupo a ser operada, após oito anos de terapia semanal.

Conforme aponta Bento (2006), há uma adequação *performativa* da aparência e do gesto, mediante comentários médicos que se utilizavam desses elementos estéticos, inclusive em suas avaliações. Assim, em função da aparência, eram criadas também hierarquias de feminilidade no grupo, legitimadas pela condução profissional. Fora desse ambiente, Fernanda narra poder atualmente compor seu estilo com elementos anteriormente relacionados ao imaginário do exagero, já que se distanciou do contexto das terapias que tornava essa associação negativa. Assim como em idades mais jovens, possivelmente serão novamente os estranhos que devem abrir passagem na vida adulta para novas experiências da contínua e dinâmica formação da sua identidade.

Considerações finais

O estudo deste caso aponta pistas que se identificar com o gênero feminino ao longo do processo de envelhecimento para uma mulher trans passa também por construir-se por intermédio do vestuário e acessórios considerados típicos desse universo simbólico, performando uma aparência em prol do alcance da identidade desejada. Portanto, dinâmica de escopo igualmente sociocultural e relacional, inclusive no que tange ao próprio processo de redesignação genital. Esse transicionar da aparência depende dos contratos sociais que ela articula nas inúmeras relações vivenciadas, assumindo também outras experimentações, inclusive após a cirurgia de redesignação genital. Nota-se que essa dinâmica ora funciona como um recurso reivindicador de cunho identitário, ora seu legitimador.

Impossível não destacar que ainda se trata de uma trajetória, infelizmente, para muitos cidadãos, de luta contra diversos tipos de opressão, estigmatização, solidão, drogadição, prostituição, falta de acesso e esperança provenientes, especialmente, de preconceitos cristalizados em mentalidades dominantes, etnocêntricas e normatizadoras das diferenças. Nesse sentido, pergunta-se: Quantos diversos prejuízos infringidos ao longo da vida poderiam ser evitados? Quão complexo parece ser nos tornarmos ao longo do envelhecimento quem (já) somos.

Nos relatos, as percepções da participante sobre seu próprio processo de envelhecimento remetem a uma constituição progressiva de libertação, exercício da autonomia e afirmação de si, como sujeito de direitos. A dinâmica do curso de vida apresentada pela participante estrutura-se mediante a experiência relacional com diversos contextos e agentes sociais presentes da infância à idade adulta. Organiza-se em um conjunto complexo de expectativas individuais e coletivas, profissionais e políticas, amorosas e sexuais. Nesse cenário, a atenção ao longo da vida dessa população deve ser ampliada para as famílias, rede imediata e comunidade, em geral. No caso da participante do estudo, observou-se que, por vezes, era no encontro com os estranhos que residia a oportunidade de reconhecimento social tão almejada, tornando-se a medida de ser quem se é.

Ventura e Schramm (2009, p. 65) alertam que preservar a autonomia dos indivíduos trans de forma adequada implica em não “converter os direitos humanos num tipo de dever de a pessoa adequar-se à moralidade sexual dominante”. Apesar dos avanços médicos e legais, as limitações e restrições ainda impostas podem ter efeitos negativos para o bem-estar e direitos daqueles “não considerados pela norma vigente como ‘verdadeiros transexuais’” (p. 65).

A adequação da *performance* feminina à aparência, como pôde ser observado, depende do sentido que atribui coerência a essa correspondência entre os elementos em si escolhidos para compor a aparência e um contexto situacional específico em torno dos significados de ser mulher. Dessa forma, a construção da aparência feminina transexual investigada ocorre de maneira diferente em diferentes momentos do curso de vida. Vê-se que são distintos os motivos que legitimam a estilização da aparência feminina em detrimento das outras modalidades performáticas.

O distanciamento do imaginário depreciativo existente em torno das travestis levou a participante do estudo a construir uma aparência cujo significado distintivo é assegurado pelo diagnóstico da transexualidade e a realização da cirurgia, conforme era seu desejo. Esse contexto a protegeu do universo da marginalização e discriminação, mostrando o quanto ainda precisamos nos sensibilizar para a verticalidade dos olhares hierarquizados, voltados aos diferentes grupos trans e o quanto eles se reproduzem dentro dos próprios grupos. Sua aparência, composta por seios fartos, quadris largos, traços delicados da face, cabelos compridos e ausência de características masculinas, representava no grupo de terapia a que frequentava mais aproximação com o universo

feminino do que as outras transexuais presentes; posto que ainda estavam passando por modificações corporais e pelo território de diferentes desconfianças do próprio grupo e dos especialistas. Assim pareceu se dar a transexualidade naquele universo, naquele momento. Para conseguirem a cirurgia e terem acesso ao tratamento hormonal, as integrantes do grupo deveriam ser diagnosticadas como transexuais e, por isso, qualquer menção a outra identidade de gênero, como a travesti, era evitada. Perceber esses múltiplos universos e a constituição desses subgrupos ampliam o olhar para a condição humana e sua multiplicidade de determinantes, em geral.

Os limites da livre manifestação da autonomia, perpassada pela normatização inclusive de uma aparência heteronormativa, preocupam Ventura e Schramm (2009, p. 88), uma vez que as pessoas excluídas dessa mentalidade e processo institucional podem acabar buscando:

[...] modificações corporais (implante e aplicação de silicone, ingestão de hormônio e outros) no mercado clandestino ou as realizam elas mesmas, o que implica riscos e mesmo danos irreversíveis para a saúde e integridade física [...] no momento em que condiciona o acesso às modificações corporais para a alteração da identidade sexual à confirmação do diagnóstico psiquiátrico de transexualismo, que tem como principal critério definidor o desejo de a pessoa modificar a genitália para a do sexo oposto, centrando a meta terapêutica na cirurgia da genitália.

Em síntese, concepções hierarquizadas sobre classe, escolaridade, idade e gênero são articuladas através da constituição da aparência enquanto manifestação sociocultural e identitária, incluindo o escopo institucional proveniente do poder público, como no caso relatado. Conforme percebido, ter realizado intervenções prévias na aparência, de alguma forma, já alinhava Fernanda a uma expectativa técnica do diagnóstico, a colocando em suposta vantagem.

Neste estudo, pôde-se perceber que a aparência pode ser entendida como uma variável complexa, que nos sensibiliza a compreender os sistemas classificatórios para além de variáveis isoladas, como o próprio gênero e o sexo, o que aqui interessava discutir. Ações de atenção e proteção podem observar e utilizar a construção da aparência

e seus significados de maneira mais ampla e como forma de visibilidade e acesso a universos como o investigado, estimulando a autonomia e o respeito às diversidades. Portanto, a aparência pode ser vista como uma das formas mais visíveis e sensíveis pelas quais os indivíduos se apropriam simbolicamente do mundo social e se relacionam com diversos agentes sociais, em busca de legitimação e aceitação identitária, perante sua época e ao longo de todo o processo de envelhecimento.

Referências

- Arán, M., & Murta, D. (2009). Do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às redescrições da experiência de transexualidade: uma reflexão sobre gênero, tecnologia e saúde, *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 19(1), 15-41. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312009000100003>.
- Arán, M., Murta, D., & Lionço, T. (2009). Transexualidade e saúde pública no Brasil, *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(4), 1141-1149. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232009000400020>.
- Arán, M., Zaidhaft, S., & Murta, D. (2008). Transexualidade: corpo, subjetividade e saúde coletiva, *Psicologia & Sociedade*, 20(1), 70-79. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822008000100008>.
- Barbosa, B. C. (2010). *Nomes e diferenças: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual*. Orientador: Prof. Dr. Júlio Assis Simões. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Dissertação de mestrado em Antropologia Social Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-09032010-115929/pt-br.php>.
- Bento, B. (2006) *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro, RJ: Garamond.
- Benedetti, M. (2005). *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro, RJ: Garamond.
- Brah, A. (2006). Diferença, diversidade, diferenciação, *Cadernos Pagu*, 26, 329-376. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30396.pdf>.
- Bucchioni, T. H. A. (2016). *Laerte 'vestido de mulher': uma investigação sobre a representação de gênero e sexualidade na mídia* [on-line]. Orientadora Profa. Dra. Heloísa Buarque de Almeida. São Paulo, SP: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Recuperado em 28 abril, 2018, de: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-13032017-105701>.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2009). Desdiagnosticando o gênero. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 19(1), 95-126. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312009000100006>.
- Yoshioka, T. F. L., Lopes, A., & Almeida, H. B. de. (2019). Envelhecimento e aparência: percepções de uma mulher transexual heterossexual. *Revista Kairós-Gerontologia*, 22(N.º Especial 26), Temático: "Envelhecimento e Aparência", 59-100. Print ISSN 1516-2567. ISSN e 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUCSP

- Castro, G. G. S. (2017). Precisamos discutir sobre o idadismo. *Mais 60: Estudos sobre o envelhecimento*, 37(67), 38-55. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://www.sescsp.org.br/files/artigo/ff0eed41/580d/49c2/b5d5/66e88d2ef551.pdf>.
- Crane, D. (2006). *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo, SP: Editora Senac.
- Foucault, M. (1977). *História da Sexualidade: A vontade de saber, Vol. 1*, Rio de Janeiro, RJ: Graal.
- Geertz, C. (2008). *A interpretação das culturas*. (13ª reimpressão). Rio de Janeiro, RJ: LTC.
- Henning, C. E. (2008). *As diferenças na diferença: hierarquia e interseções de geração, gênero, classe, raça e corporalidade em bares e boates GLS de Florianópolis, SC*. Orientadora: Profa. Dra. Sônia Weidner Maluf. Florianópolis, SC: Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Recuperado em 10 janeiro, 2018, de: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/92044>.
- Machado, P. S. (2005). O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural. *Cadernos Pagu*, 24, 249-281. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332005000100012>.
- Neri, A. L. (2014). *Palavras-chave em Gerontologia*. Campinas, SP: Alínea.
- Pinto, M. J. C. (2008). *A vivência afetivo-sexual de mulheres transgenitalizadas*. Orientadora Maria Alves de Toledo Bruns. Ribeirão Preto, SP: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo. Doutorado em Ciências (Psicologia) Recuperado em 15 janeiro, 2018, de: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-27052008-141851/pt-br.php>.
- Rocon, P. C., Sodré, F., Zamboni, J., Rodrigues, A., & Roseiro, M. C. F. B (2018). O que esperam pessoas trans do Sistema Único de Saúde? *Interface*, 22(64), 43-53. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://www.revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh/article/download/114/73/>.
- Sabatine, T. T. (2017). *Só as fortes sobrevivem!: envelhecimento, experiências geracionais e relacionamento entre travestis mais velhas e mais jovens* [on-line]. Orientador: Prof. Dr. Júlio Assis Simões. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Tese de doutorado em Antropologia Social. Recuperado em 28 abril, 2018, de: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-19122017-191733/pt-br.php>.
- Santos, M. F. L. (2011). A invenção do dispositivo da transexualidade: produção de “verdade” e experiência trans. *Revista em Pauta*, 9(28), 117-130.
- Scott, J. (1990). Gênero: uma categoria útil de análise histórica, *Educação e Realidade*, 16(2), 5-22. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>.

Simões, J. A. (2011). Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo. *Revista A Terceira Idade*, 22(51), 7-19. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: https://www.sescsp.org.br/files/edicao_revista/88463fcb-a956-4d79-ae84-25c3b6e9d274.pdf.

Souza, G. M. (1987). *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Stolcke, V. (1991). Sexo está para gênero assim como raça para etnicidade? *Estudos Afro-Asiáticos*, 20, 101-119. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/373812/mod_resource/content/1/sexo%20g%C3%A9nero%20ra%C3%A7a%20etnicidade.pdf.

Strathern, M. (2007). *O Gênero da Dádiva*. Campinas, SP: Ed. Unicamp.

Val, A. C., Melo, A. P. S., Grande-Fullana, I., & Gómez-Gil, E. (2010). Transtorno de identidade de gênero (TIG) e orientação sexual. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 32(2), 192-193. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462010000200016>.

Vale de Almeida, M. (1996). Gênero, Masculinidade e Poder: revendo um caso do sul de Portugal, *Anuário Antropológico*, 95, 161-190. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas1995/anuario95_migueldealmeida.pdf.

Ventura, M., & Schramm, F. R. (2009). Limites e possibilidades do exercício da autonomia nas práticas terapêuticas de modificação corporal e alteração da identidade sexual. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 19(1), 65-93. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312009000100005>.

Yokomizo, P., & Lopes, A. (2019). Aparência: uma revisão bibliográfica e proposta conceitual. *Dobras*, 12(16), 228-244. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/922>.

Thais Fernanda Luz Yoshioka – Graduação em Têxtil e Moda e colaboradora do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS), ambos da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP), Brasil.

E-mail: thais.yhk@gmail.com

Andrea Lopes – Antropóloga, docente da Pós-Graduação em Gerontologia e das Graduações em Gerontologia e Têxtil e Moda. Fundadora e coordenadora do grupo EAPS. Todos da EACH/USP, Brasil.

E-mail: andrealopes@usp.br

Heloísa Buarque de Almeida – Docente de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, Brasil. Orientadora da pesquisa.

E-mail: hbuarque@usp.br

Envelhecimento e aparência: a experiência de indianos imigrantes da cidade de São Paulo, Brasil

*Ageing and appearance: the experience of
Indian immigrants in the city of São Paulo, Brazil*

*Envejecimiento y apariencia: la experiencia de
inmigrantes indios de la ciudad de São Paulo, Brasil*

Carolina Barreta Caio
Patrícia Yokomizo
Andrea Lopes

RESUMO: A imigração pode representar mudanças no curso de vida. Investigou-se a construção da aparência ao longo do envelhecimento na percepção de indianos imigrados para o Brasil na juventude. Uso do método etnográfico. Foram entrevistadas oito pessoas de 56 anos e mais de idade. O processo de construção da aparência foi caracterizado pela ruptura de tradições, apropriações e significados do corpo, influenciada pelo contato intercultural e a necessidade de adaptação e engajamento.

Palavras-chave: Envelhecimento; Aparência; Imigração.

ABSTRACT: *Immigration may cause changes in life course. This research aims to characterize the personal appearance over the aging of Indians who immigrates from India to Brazil during youth. It was oriented in the ethnographic method. Eight immigrants aged 56 and over were interviewed. The process of construction of appearance was characterized by the breakdown of traditions, appropriations, and meanings of the body influenced by the intercultural contact, the necessity of adaptation and social engagement.*

Keywords: *Aging; Appearance; Immigration.*

RESUMEN: *la inmigración puede promover cambios en el curso de vida. Se investigó la construcción de la apariencia a lo largo del envejecimiento de inmigrantes indios que fueron a vivir en Brasil en la juventud. Se utilizó de método etnográfico. Fueron entrevistadas ocho personas de 56 años y más. El proceso de construcción de la apariencia fue caracterizado por el rompimiento con tradiciones, apropiaciones y significados del cuerpo influenciado por el contacto intercultural y la necesidad de adaptación y involucramiento social.*

Palabras clave: *Envejecimiento; Apariencia; Inmigración.*

Introdução

A capacidade de consumo, a disponibilidade de tempo e outros diversos recursos sociais que idosos podem compartilhar têm se tornado, de forma crescente e cada vez mais legitimada a partir do final do século XX, relevantes para muitas famílias, comunidades e países (Oliveira, & Santos, 2009). Além disso, com o aumento da expectativa de vida (Miranda, Mendes, & Silva, 2016; Santos, Pilatti, Pedroso, Carvalho, & Guimarães, 2018), a velhice tornou-se, assim conhecida, como um dos períodos mais extensos do curso do envelhecimento em diferentes contextos socioculturais. No entanto, investimentos devem envolver preocupações e oportunidades das mais variadas, visando a garantir uma boa e significativa condição de vida aos mais diferentes perfis de idosos.

No Brasil, segundo o Estatuto do Idoso (2003), a velhice inicia-se aos 60 anos. No entanto, outros critérios de naturezas diversas, convencionados pelos grupos sociais em uma dada época, também colaboram na construção e percepção da velhice. Tratam-se de importantes referências na compreensão dos seus significados, constituição de papéis e espaços sociais para os idosos de diferentes idades (Blessmann, 2004).

Nessa linha, a velhice pode ser entendida como uma etapa do curso da vida construída socialmente (Debert, 2003; 2010). Ao longo do envelhecimento, os aspectos próprios dos cenários socioculturais se correlacionam dinamicamente com variáveis de outras naturezas, como aquelas de ordem biológica e psicológica (Santos, Lopes, & Neri, 2007; Neri, 2008). Uma variável complexa, que reúne, e é fruto desses determinantes multifacetados ao longo da sua composição no curso da vida, é a aparência.

A compreensão da aparência, conforme Crane (2006), está para além das vestimentas e adornos, sendo composta também por crenças, tradições, papéis sociais, comportamentos, atitudes, biótipo, experiências diversas e convenções. Estes são os elementos que, por sua vez, contribuem para a construção da identidade. Nessa direção, para efeitos desta pesquisa, entende-se aparência conforme definido por Yokomizo e Lopes (2019, p. 239): “conjunto de aspectos físicos, comportamentais, atitudinais, estéticos e simbólicos construídos e externalizados pelos indivíduos ou grupos, compondo sua apresentação pessoal ou coletiva”.

Na sociedade brasileira, agentes sociais importantes na promoção das representações sobre a aparência são, em geral, as mídias (Castro, 2016; Kuschick, & Machado, 2016) e, em particular, a propaganda (Marcelja, 2012). Tratam-se de fortes e privilegiadas formadoras de opiniões em suas amplas possibilidades de veículos. Nesses meios, a promoção da aparência entre, e voltada a, idosos acaba dialogando e retroalimentando o leque de imagens disponíveis socialmente, utilizadas recorrentemente para classificar essa população (Oliveira, & Santos, 2009).

Debert (2003) analisou as imagens de velhos na propaganda no começo dos anos 2000 e sinalizou que, no Brasil, as imagens e representações da velhice eram organizadas e apresentadas de maneira antagônica, como exclusivamente de dependência, por um lado, ou de poder, por outro. A composição de um leque de possibilidades diversificadas de representações da aparência, envolvendo idosos acabava sendo dicotomizada, não incluindo, possivelmente, a totalidade das experiências de ser velho. Estudos subsequentes e mesmos os mais recentes sobre a dicotomização da apresentação pessoal e coletiva da velhice presentes no imaginário social mostraram, no entanto, que passados quase 15 anos a situação não se modificou muito (Laranjeira, 2010; Plens, Domingues, Batistoni, & Lopes, 2012; Piccoli, Lopes, Araújo, & Graeff, 2012; Silva, Cachioni, & Lopes, 2012; Camarano, 2016; Fin, Portella, & Scortegagna, 2017).

Em seu estudo, Marcelja (2012) destacou que o posicionamento e a promoção vivida em torno do culto à juventude, apareciam também reforçados nas novelas e revistas, especialmente às voltadas para o público feminino (Marcelja, 2012). Nesse sentido, vivia-se em uma sociedade em que, para ser considerado bonito, era preciso ser jovem, sexy, energético, magro e atlético (Slevin, 2010), pois nem todo o tipo de aparência seria valorizada. A beleza jovial tem se tornado algo a ser conquistado e

consumido pelos indivíduos contemporâneos, principalmente nos grandes centros urbanos (Ferreira, & Medeiros, 2011).

Embora a juventude tenha sido cultuada por diferentes sociedades, em distintos tempos (Oliveira, & Santos, 2009), atualmente, percebe-se a mercantilização desta e das características consideradas positivas relacionadas a este momento da vida de forma cada vez mais ampliada a todas as classes sociais. Vê-se, de inúmeras maneiras, o acesso cada vez mais rápido, barato e popular a produtos e serviços que supostamente garantem manter ou retomar a aparência e performance típicas da juventude. Em 2012, observava-se que uma revista brasileira popular, voltada para a temática da saúde, apresentou comunicado oficial da Sociedade Brasileira de Dermatologia que criticava o avanço dos sites de compra coletiva, os quais vendiam indiscriminadamente pacotes chamados de rejuvenescimento. Defendiam que eram realizados podiam ser realizados sem competência, causando diversos transtornos aos consumidores.

O alcance de um padrão de normalidade juvenil (Machado-Borges, 2009), nos termos que o idealizamos, convida não apenas velhos a parecer jovens, mas crianças a parecer mais velhas. A sexualização infantil também vem colaborando na produção de intervenções tecnológicas e indiscriminadas. Essas, buscam alcançar o corpo idealizado, contrário ao fato de que somos heterogêneos em múltiplos aspectos, dado minimamente pela multiplicidade de nossas relações sociais. Nesse caminho, Pontes (2004, p. 255-256) investigou as representações das mulheres brasileiras na mídia portuguesa e apontou:

Esta forma de etnicidade encontra-se bastante relacionada a uma classificação de que tipo de estrangeiros é desejável ou indesejável em Portugal. Tal esquema classificatório reproduz largamente a hierarquização centro/periferia, norte/sul, capital/trabalho, branco/negro relacionada à distribuição do poder político e econômico mundial. Dentro deste esquema, a mulher brasileira imigrante em Portugal ocupa uma posição de pobre não branca, sendo representada segundo um discurso da sensualidade tropical e exótica, no qual as diferenças de gênero, classe e etnicidade são sexualizadas e essencializadas.

Entende-se, assim, que a eleição da percepção de um determinado padrão de beleza como sendo o jovial ou legítimo relacionam-se diretamente às noções e crenças em torno de aspectos como saúde, sucesso, ganhos e pertencimento. Mercadologicamente, são traçadas metas idealizadas, postas no centro de algo entendido como convenção silenciosa e coletiva, aglutinadora de diferenças, marcadora de diferentes possibilidades de bem-estar, que devem ser alcançadas por todas as idades. Nesse contexto, desqualifica-se a heterogeneidade dos indivíduos e seus gostos pessoais, além de perdas, escolhas, oportunidades e dificuldades de acesso por falta de recursos diversos, vivenciadas igualmente por todas as idades. Especialmente, em países dotados de significativa desigualdade, como é ainda o caso do Brasil. Portanto, realidade esta que pode estar muito distante da totalidade e diversidade de uma boa parte de velhos e não velhos (Blessmann, 2004).

Em seu estudo, Twigg (2010) questionou os *designers* da revista feminina Vogue a respeito do papel de idosas neste veículo de comunicação. Eles afirmaram abertamente que não havia interesse algum em idosas, porque não eram *sexy* como as jovens. Jackson e O’Neal (1994), no final do século passado, já apontavam que, mudanças corporais – como o aparecimento de rugas, cabelos brancos e aumento da massa corporal, aspectos aparentes do vivo e dinâmico processo de envelhecimento – eram, para muitas pessoas, na grande maioria das vezes, temidos, negados e escondidos.

A falta de discussão aberta e a construção de uma crítica propositiva em torno do imaginário sobre a aparência de idosos, em diferentes espaços sociais e realizado por diversos agentes sociais, reforçam a negação desse momento da vida. Conteúdos midiáticos diversos alimentam essa lógica porque encontram, certamente, eco e interesse, principalmente por parte dos anunciantes.

Esses desencontros entre realidade e idealização, desejo e possibilidade, sustentam uma equação perversa: pela primeira vez na história do homem, vive-se tanto, porém, ao mesmo tempo, quer-se parecer cada vez mais jovem ou congelado no tempo, utilizando-se diversas tecnologias que garantam uma espécie de juventude eterna. Não se trata aqui de negar a importância do autocuidado, da saúde, da autoestima, da prevenção e de uma aparência saudável, cujo senso de bem-estar se relaciona com a realidade posta. A proposta última é não encapsular essas ações e desejos em torno de uma só modalidade, a saber, parecer artificial e perigosamente mais jovem ou mais velho do que se é propriamente, apenas para atender a um padrão tido como correto e universal. Trata-se de

um contexto quase etnocêntrico, em que uma etnia se considera superior às outras e subjuga, muitas vezes com tipos de violência diversas, o grupo que não se assemelha a ela. Certamente, a história humana já tem muitas atrocidades para contar e combater nesse sentido.

A negação da atual condição pode afetar a qualidade de vida das pessoas. Conforme Twigg (2010), há um impacto negativo em idosos que vivem a cultura do medo de envelhecer. A negação da velhice pode ser resultado de uma sociedade que há muito carrega uma visão negativa da velhice, salvaguardando para a juventude exclusivamente aspectos considerados positivos.

Como dito, a busca e a mercantilização da juventude perdida têm sido ancoradas em métodos não convencionais, muitas vezes combinados sem orientação e de forma excessiva, como cirurgias plásticas, cosméticos, dietas diversas, vitaminas, atividades físicas e inúmeros tratamentos estéticos (Pio, 2009). Trata-se de formas muitas vezes prejudiciais e perversas de convidar as pessoas mais velhas a continuar consumindo uma aparência juvenil e, assim, manter-se engajados socialmente.

Essa modalidade de trato e proposta de uma estética ditatorial da velhice tem mais servido, a todo o custo, para evitar o isolamento por conta do preconceito social, do que propriamente retardar ou frear um processo que, até o momento, é inexorável. Afinal, quem deseje parecer velho frente à compreensão de que este momento da vida é apenas constituído de perdas, decadência e exclusão? Métodos antienvelhecimento passam a ser acionados como passaporte de engajamento social e intergeracional na concepção e desejos coletivos, afetando diretamente muitos idosos que não querem, ou não podem, de alguma maneira, atender ao padrão desejado e eleito como aquele a ser almejado (Slevin, 2010; Marcelja, 2012).

O problema, portanto, se estende, e pode agir em espiral, pelo fato de que quanto mais se nega a velhice, menos se dispõe de espaços e papéis significativos de socialização aos mais velhos. No final, se não existe velhice, por que é preciso organizar-se para atendê-la em sua complexidade e diversidade? Assim, quanto menos oportunidades de engajamento tem-se à disposição, mais se impulsiona a negação. O ciclo pode não ter fim.

Infelizmente, o mesmo não pode ser dito sobre os diversos desafios que os diferentes perfis de idosos têm apresentado. Muitas vezes, veem-se situações de vulnerabilidade social, como a violência contra a pessoa idosa, presente nas revisões de

literatura apresentadas por Santos, Silva, Carvalho, & Menezes (2007) e Sousa, *et al.* (2010). Igualmente, no trato despreparado em torno da sexualidade na velhice. Nessa última frente, vê-se a falta de uso de preservativo e o uso desorientado de estimulantes, no caso dos homens idosos, ocasionando aumento das doenças sexualmente transmissíveis (Camargo, Torres, & Biasus, 2009; Neto, Nakamura, Cortez, & Yamaguchi, 2015). Ainda, o despreparo dos agentes públicos na atenção ao idoso, expressos na pesquisa de Diniz e Saldanha (2008).

Assim, cada grupo constrói acordos culturais compostos por inúmeras especificidades no tempo e no espaço. A cultura é rota e guia de trocas, expectativas, pensamentos, hábitos, punições, crenças e atitudes. Nesse contexto, para Ávila, Guerreiro e Meneses (2007), crenças culturais, como o culto à juventude no Ocidente, tratado até aqui, contribuem para a percepção de qualidade de vida entre idosos. Se discutido que pessoas de diferentes culturas interpretam o envelhecimento e a velhice de maneiras distintas, qual a cultura das aparências que se deseja construir em torno das múltiplas possibilidades de apresentação pessoal e coletiva da velhice?

Na Antiguidade, grupos radicais, como de idosos das ilhas Fiji, se suicidavam, pois acreditavam não ter mais utilidade alguma. Entre os Dinkas, situados no Sudão, os velhos eram enterrados vivos pelo mesmo motivo. Esses rituais ocorriam de acordo com as crenças de cada grupo (Beauvoir, 1990¹ como citada em Oliveira, & Santos, 2009). Esses exemplos de concepção e manejo da velhice não tratam de apontar uma maneira certa ou errada de se encarar o envelhecimento, mas de sinalizar a complexidade do universo simbólico produzido por diferentes grupos humanos, em torno desse período da vida, em diferentes épocas da humanidade. Tais esferas são responsáveis por estruturar tradições e crenças que, por sua vez, acabam por conduzir cursos de vida e formas de produção ou não de bem-estar para seus membros, inclusive em termos da aparência. Nesse contexto, não podemos perder de vista que, pelo fato de as relações sociais serem dinâmicas, as culturas são vivas e não se cristalizam no tempo. Por isso, relativizá-las e repensá-las em termos de compreender se seus acordos contemplam ou não a diversidade de seus membros faz-se necessário, especialmente em termos de gestão do curso da vida.

¹ Beauvoir, S. (1990). *A velhice*. (3ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.

A cultura ocidental atual, incluindo-se a cultura brasileira, é fortemente guiada pelo sistema capitalista, que incentiva as pessoas a consumir, sendo estas, muitas vezes, respeitadas pelo que possuem materialmente (Oliveira, & Santos, 2009). Melo, Siqueira e Silveira (2017), a partir de estudos sobre arranjos familiares de idosos, apontam que entender as relações de consumo na velhice pode melhorar a oferta e satisfação desse segmento. Infelizmente, na direção oposta, os conceitos de envelhecimento saudável (Cupertino, Rosa, & Ribeiro, 2007) e ativo (Organização Mundial da Saúde, 2005) são, muitas vezes, erroneamente apenas relacionados com produtividade econômica e consumo, seja de produtos, serviços ou estilos de vida (Ribeiro, 2012). Com isso, construir a aparência, pode se tornar um exercício de consumo de algo obrigatório, naturalizado, quase que um dever moral (Slevin, 2010), marcadamente de responsabilidade individual (Debert, 2003).

Autocontrole e poder são simbolizados nos corpos considerados em boa forma (Slevin, 2010) e que apresentam *performance* fora do esperado para as diversas idades. Nesse sentido, Rabinowitz (2008) entende que, na sociedade atual, manter-se ativo, o que se compreende especialmente manter-se inserido no mercado de trabalho ou nas formas esperadas de sucesso na velhice; trata-se de uma forma de combater sentimentos de indiferença, isolamento e rejeição. A sociedade contemporânea é também uma sociedade do efêmero. Imagens e estilos de vida são larga e rapidamente disseminados e consumidos quase sem escolha, resistência, crítica, contestação ou consciência. Os indivíduos tornam-se coautores de discursos e percepções de mundo que têm por característica central a superficialidade (Sant'Anna, 2009), o descartável e o imediatismo.

No entanto, sabe-se que a heterogeneidade da velhice (Blessmann, 2004) solicita que diversas possibilidades envolvendo as múltiplas velhices estejam disponíveis socialmente, dando visibilidade e legitimação das diferentes formas de parecer e apresentar-se como se vive a velhice e suas particularidades. Uma maneira de identificar a heterogeneidade do curso da vida humana e as diversas e contínuas formas de construção da aparência é a investigação de grupos imigrantes e as características que compõem esse processo. Trata-se de refletir como o estranho se relaciona com os padrões e acordos socioculturais, previamente convencionados, desconstruindo o familiar e o normatizado.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Censo Demográfico de 2000 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019a) o número de imigrantes internacionais foi de 143.644 pessoas. O Censo Demográfico 2010 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019b) registrou no Brasil um total de 431.319 de imigrantes, estando esses mais concentrados nas áreas urbanas, sendo quase metade, 205.505, residindo no Estado de São Paulo. Na atualidade, o aumento dos fluxos migratórios são ponto de pauta internacional e interesse de debate em diferentes frentes, especialmente visando a repensar o processo de envelhecimento e seus desafios.

Assim, a presente pesquisa buscou contribuir para a ampliação e maior entendimento de aspectos socioculturais presentes e relacionados com o processo de envelhecimento, no âmbito da construção da aparência nas relações entre imigrantes e nativos. O objetivo foi caracterizar a construção da aparência ao longo do curso de vida de indianos residentes na cidade de São Paulo, que imigraram ao Brasil na juventude.

Buscou-se reforçar a percepção acerca da heterogeneidade do curso da vida humana, ancorando a reflexão na experiência de culturas imigratórias não proeminentes, como, no caso brasileiro, os indianos. Para estes, a cultura de origem também valoriza, de modo diferenciado, investimentos na aparência diante da constituição das identidades nacionais.

Além disso, através da compreensão e apreciação do outro, cuja caracterização e significados da aparência podem ajudar a descrever, a pesquisa visou a promover conhecimentos que possibilitassem uma convivência pacífica e a tolerância entre pessoas de diferentes culturas, em diferentes idades, com diferentes perfis, ao longo de todo o processo do envelhecimento. Por fim, pretende-se incentivar políticas, espaços e oportunidades sociais que respeitem, legitimem e potencializem a diversidade.

Método

Pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, de inspiração etnográfica na coleta, tratamento e análise dos dados. Em linhas gerais, este método antropológico busca selecionar informantes, mapear grupos e seus respectivos universos simbólicos, interpretando significados, mitos, costumes e crenças. O objetivo é descrever densamente esses grupos, tratando de apresentar elementos que compõem a operacionalização de sua dinâmica e lógica de funcionamento (Geertz, 2008).

A pesquisa utilizou três técnicas etnográficas: observação livre, observação participante e entrevista em profundidade. Adotou-se caderno de campo. Por se tratar de um grupo de imigrantes pouco expressivo na cidade de São Paulo, buscou-se identificar informantes preferenciais em instituições indianas da cidade. A partir desse contato, obteve-se a indicação sucessiva e sequencial de novos participantes, configurando o chamado método bola de neve. O ponto de saturação foi alcançado, indicando a finalização das entrevistas (Baldin, & Munhoz, 2011).

O primeiro contato com o campo foi uma visita ao Consulado Geral da Índia, em São Paulo. Em seguida, participou-se do evento chamando Baisakhi, Centro Cultural da Índia, localizado na mesma cidade. A partir dos contatos feitos no evento, foi possível chegar aos informantes preferenciais.

As entrevistas foram ancoradas em dois roteiros semiestruturados. O primeiro serviu para entrevistar os informantes preferenciais, conhecedores do campo e que puderam viabilizar uma familiarização prévia, assim como o contato com os futuros participantes da pesquisa. O instrumento foi organizado em cinco questões abertas, que buscavam explorar os temas: envelhecimento, velhice, aparência, cultura indiana e imigração indiana. Foram elaboradas versões em português e inglês, pois um dos informantes preferenciais não falava português.

Nessa fase de reconhecimento do campo foi possível entrevistar duas pessoas. A primeira trabalhava no Centro Cultural da Índia, vinculado ao Consulado da Índia, em São Paulo. A segunda pessoa era filha de indianos e envolvida com a cultura indiana no Brasil. No entanto, nasceu na África do Sul e imigrou ao Brasil com 20 anos de idade. Ambos tinham acima de 50 anos.

O segundo roteiro, direcionado aos participantes, contou com um leque de 32 questões, organizadas em três blocos: 1) informações socioeconômicas; 2) informações sobre imigração; e 3) percepções sobre envelhecimento e aparência. Foi aplicada uma versão piloto. Buscou-se atender à preferência e à disponibilidade dos envolvidos, concentrando-se nas residências e, apenas uma delas, a seu pedido, em um *shopping* da cidade de São Paulo. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas. As informações socioeconômicas foram preenchidas pelos próprios participantes.

Os participantes da pesquisa foram oito imigrantes indianos, com idades entre 56 e 80 anos, sendo quatro homens e quatro mulheres. Imigraram para o Brasil com idades

entre 20 e 30 anos, vivendo durante quase o mesmo tempo no Brasil. Todos eram casados e tinham filhos, com exceção de uma das mulheres, que era viúva e não teve filhos. Somente um indiano era casado com brasileira; os outros eram casados com indianos. A escolaridade variou entre ensino superior incompleto e doutorado. Os homens vieram ao Brasil a trabalho e as mulheres para acompanhar seus maridos.

Os informantes preferenciais, assim como os participantes, assinaram o Termo de Consentimento Informado, versão em português e inglês. Tanto o termo, como o roteiro em inglês, contou com a revisão de duas nativas na língua.

Resultados e Discussão

O processo de imigração caracteriza-se como o movimento de entrada, permanente ou provisório, em outro país. Os imigrantes trazem consigo uma diversidade de tradições, culturas, línguas e um conjunto de experiências advindas do passado e suas culturas de origem (Rabinowitz, 2008).

A Índia é um país localizado no sul asiático. Para os indianos, a identidade e a organização social são fortemente marcadas pela construção da aparência, especialmente em se tratando de vestuário e acessórios. Nessa cultura, algumas mulheres usam alguns inúmeros e diferentes ornamentos, um sinal de riqueza e *status* social. Adornar-se está ligado também aos homens, seguindo a tradição do passado de vestir joias diversas, como colares de pérola, broches, anéis e numerosos braceletes (Carrière, 2009).

Além das questões de gênero, no contexto indiano, fala-se com naturalidade da beleza de mulheres idosas. Segundo Carrière (2009), a beleza chega somente através da idade, sendo merecida e adquirida. O jovem, ao contrário do velho, não é considerado belo, mas *sexy*. Nesse sentido, como se constitui a construção e os predicados da aparência ao longo do envelhecimento de imigrantes indianos, considerando-se que, no Brasil, o culto do corpo juvenil *sexy* e belo, atrelado “aos referenciais de felicidade e sucesso” (Lopes, & Mendonça, 2016, p. 20), ainda largamente prevalece?

O tratamento e a análise dos dados permitiram a identificação de uma ampla e interconectada categoria de análise relacionada com a temática Envelhecimento e Aparência denominada: Imigração, contato intercultural e adaptação. Esse universo de investigação foi organizado em três subcategorias: Significado de aparência, Insegurança e Constrangimento.

Ao relatar a história de construção da sua própria aparência, parte dos entrevistados afirmaram que sempre tiveram uma aparência ocidentalizada no que diz respeito ao vestuário, mesmo quando viviam na Índia. Um deles apontou: “Roupas, eu diria que quase como aqui no Brasil. Uma camisa, uma blusa. E lá (Índia), a gente usa mais *shorts*, porque lá é mais calor”.

A maioria desses tipos de relatos eram de indianos que viveram em cidades grandes, como Mumbai, bastante ocidentalizada. Um dos entrevistados afirmou que usar roupas tradicionais estava mais relacionado com a vida no interior: “Em Mumbai, a maioria não usa (roupas tradicionais indianas). Porque aquelas roupas só se usam ainda hoje mais no interior”.

A globalização foi vista como a principal influência na ocidentalização da aparência nas cidades grandes indianas. A influência de viver nessas cidades vem a permitir que seus moradores tenham um número maior de experiências de intercâmbio com culturas do Ocidente:

“Sim, sempre usava roupa mais ocidental. Roupa indiana, só para eventos, festa, alguma coisa assim, mais formal [...] porque, vamos dizer, nas cidades grandes, com a globalização, viagens e tanta influência ocidental [...] e pra ser prático e por causa do clima [...] todo o mundo tão moderno.”

Assim, foi relatado que modificações, ou mesmo as tradições relacionadas com a aparência ao longo da vida, dependiam da localidade (metrópole ou cidade de interior). A partir da noção de globalização e seus impactos, o vestuário ocidental relacionou-se com o que denominavam modernidade. Crane (2006) aponta que o significado da aparência varia de cultura para cultura, através de experiências diversas, assim como seus valores. As entrevistas mostraram que, ao serem questionados a respeito do que é aparência, os entrevistados a definem em termos de roupas, língua, costume religioso e aspectos físicos e culturais, em geral.

Ainda que alguns entrevistados tenham afirmado que já conviviam com as formas e maneiras ocidentais de se vestir desde quando viviam na Índia, houve também aqueles que relataram a necessidade de adaptação pós-imigração. Principalmente, em termos do vestuário, tendo em vista o contato com a cultura brasileira.

Em termos de aparência, para o grupo entrevistado é de grande relevância destacar que a adaptação não girava somente em torno do vestuário, mas principalmente em termos de cuidados pessoais que deviam compor o trato com a aparência. Apesar do uso anterior de roupas ocidentais, os usos do vestuário ocidental e a apropriação dos corpos, no período pós-imigração relatou-se que esses aspectos eram ressignificados. Como foi relatado pelos entrevistados, a adaptação de fato ocorria por necessidade de reconhecimento e oportunidades de engajamento social, sendo, em alguns casos, não por vontade própria. Um participante apontou: “[...] a maioria mudou, até cabelo, hidratou, cortou [...] e o brasileiro, ele olha pra você. Então você tem que se vestir (bem). Por isso que a gente adaptou, eu acho”.

A atenção excessiva dispensada à aparência por parte dos brasileiros, na perspectiva dos entrevistados, também foi um aspecto destacado. Eles afirmaram que o povo brasileiro, independentemente do sexo e da classe social, comparativamente, era entendido como muito vaidoso. Alegaram que notavam uma preocupação exacerbada com a aparência física e que as pessoas estavam sempre vestidas para chamar a atenção. No caso das mulheres brasileiras, percebiam que havia muitos cuidados com o corpo, conforme relatou uma entrevistada:

“As brasileiras se preocupam muito com os outros. Se preocupam muito com o cabelo, com rosto, com as unhas. Então, é uma pessoa que acho que se preocupa com roupa, com tudo, eu acho. E eu acho que de tudo que é nível, não precisa ser só rica, pobre (também). Todo mundo eu acho que se preocupa muito com o corpo.”

Apesar do tom de crítica impresso nas entrevistas, alguns participantes afirmaram que houve mudanças na aparência após a imigração, entendida como resultado de aprendizado intercultural, tais como: cuidados com a unha, com o cabelo, com a pele e com as roupas, muitas vezes seguindo as tendências de moda existentes no Brasil. Destacou-se inclusive o uso de desodorante a partir da imigração, mesmo considerando que a Índia é um país ainda mais quente que o Brasil.

Há, portanto, uma dualidade entre deixar os hábitos da cultura de origem e a adoção, mesmo que por vezes permeadas de críticas, de novas posturas e escolhas, no que tange aos significados e práticas em torno da aparência, presentes na cultura de destino: *“assim, brasileiro se veste bem, e sempre deixa sua pele bem-tratada. Isso a gente não fazia muito na Índia não, mas agora a gente aprendeu”*.

Os entrevistados afirmaram, em seus relatos, que imigrantes indianos que viviam no Brasil havia muito tempo não mantinham tradições indianas e usavam vestuário tradicional indiano somente em eventos, confirmando uma prática já realizada nas cidades grandes da Índia. Esse fato foi percebido no momento das entrevistas. Durante a coleta de dados, todos os entrevistados estavam vestidos de maneira ocidental. Um deles apontou: *“indianos imigrantes idosos que vieram jovens como eu, e passaram a maior parte do tempo aqui, mantêm muito pouco as tradições indianas. Eles usam roupa indiana num evento indiano, numa festa de ano, ou coisa assim”*.

O forte apelo a uma cultura mais homogênea da aparência no Brasil, especialmente nas grandes cidades, mostra, através das percepções dos imigrantes indianos, a importância e a presença desta lógica unificadora na vida dos brasileiros. No entanto, no caso dos imigrantes entrevistados, percebeu-se que não havia um total rompimento com a aparência indiana e seus sentidos ao longo da vida. Essa observação foi reforçada por ocasião da visita à maioria nas casas onde foram realizadas as entrevistas. As residências eram sempre adornadas com uma decoração típica indiana, com enfeites, quadros e altares indianos, marcando o vínculo com a cultura de origem, mesmo depois de muitos anos de imigração, do contato intercultural e das iniciativas e estratégias de adaptação.

É possível que, para alguns imigrantes, os investimentos em termos de adaptação social fossem marcados e primeiramente impressos na aparência, no corpo que transitava e se relacionava com a comunidade receptora. No entanto, era na esfera privada que os hábitos e costumes permaneciam quase inalterados. O uso de roupas tradicionais apenas nos eventos indianos reforçou essa compreensão da relação imigração-contato-adaptação e público-privado. A aparência organizava-se de forma a mediar a sobrevivência física e simbólica na nova cultura, colaborando para a não desconstrução plena das raízes de suas identidades, ao preservar um locus de expressão e identidade da cultura de origem.

Assim, mesmo optando e percebendo ganhos, frutos do contato intercultural, as adaptações muitas vezes não eram desejadas, mas impostas. A roupa ocidental, por exemplo, era muito distinta da tradicional indiana, principalmente para mulheres. A roupa tradicional indiana feminina, conhecida como sári, trata-se de um drapeado usado juntamente com um pequeno bolero. Debaixo do tecido que busca cobrir o corpo feminino, inclusive pernas, o umbigo é mostrado com naturalidade, isso porque o tecido não cobre o tronco todo e o bolero é curto (Carrière, 2009). No relato abaixo, a entrevistada afirmou os diferentes significados atribuídos ao corpo, ao considerar mais expositivo vestir calças, pois expunha as pernas ao marcá-las, do que propriamente mostrar o umbigo. Ela apontou que foi preciso se adaptar ao vestuário brasileiro:

“[...] eu não tinha vontade de usar calça, porque é expor muito a perna. Então, nunca queria porque nossa roupa (indiana tradicional), ela esconde muito. Mas parei de usar (quando imigrou) e comecei a usar calça e batas longas pra cobrir [...] Então, aquela roupa (tradicional indiana), tudo deixei e comecei a usar calça comprida.

O tema da insegurança também estava presente nas falas dos entrevistados em termos da adaptação necessária e, em alguns casos, esteve relacionada com a telenovela Caminho das Índias, transmitida pela Rede Globo e ganhadora do prêmio Emmy 2009, destinado a programas televisivos. A telenovela mostrava famílias indianas muito ricas e detentoras de muitas joias. Estereótipos que, muitas vezes, acabam por tornar o estranho exótico (Poletto, & Galindo, 2012), vulnerável a sorte de todo o tipo de fantasia. Os relatos a respeito de insegurança em se apresentar com a aparência tradicional indiana foram percebidos quando os entrevistados trataram da referida telenovela. Um deles desabafou:

“[...] mas de resto assim, nem nessa rua sabem que sou indiana (onde mora), por causa do medo. Assim, naquela época (da novela), eles estavam mostrando muitas joias, tudo. Aí eu não queria nem falar que eu era indiana. Eu fiquei com medo.”

Um dado interessante que foi relatado por alguns entrevistados é o de que em outras metrópoles, como Nova Iorque e Londres, imigrantes indianos costumavam vestir-se com roupas indianas. Então, era comum caminhar na rua e ver uma mulher vestindo sári ou um homem usando turbante. Tal fato reforça novamente a tendência uniformizadora da cultura brasileira em termos de construção da aparência, como também a ausência de ameaça naquelas cidades à integridade física, por conta da diferença em termos da expressão étnica dos corpos: *“Aqui (Brasil) é mais perigoso. Aqui tem mais assalto, essas coisas, mas lá (Nova Iorque e Londres) não. Lá [...] as mulheres assim, usam roupa tradicional no dia a dia”*.

A mesma entrevistada reforçou a presença de um sentimento de insegurança ao utilizar vestuário tradicional na cidade de São Paulo, especialmente por achar que as pessoas tinham o costume de associar imigrantes a uma boa situação financeira no Brasil: *“porque as pessoas acham que estrangeiro tem muito dinheiro, tem muitas joias. Então, eles veem na televisão e pensam que estrangeiros sempre têm dólares. Porque a roupa chama a atenção”*.

A insegurança gerava uma necessidade no que se diz respeito à ruptura da vestimenta tradicional. Igualmente, no modo de se comportar como indiano perante os desconhecidos.

Além das mudanças motivadas pela insegurança, o constrangimento também foi identificado como um aspecto que influenciou nos rumos da construção de aparência pós-imigração. Um entrevistado, cuja primeira residência no Brasil foi uma cidade do interior de São Paulo, descreveu uma situação em que a esposa foi vítima de constrangimento:

“A minha mulher, quando a gente chegou em São José (cidade do interior de São Paulo), ela usava roupa (tradicional indiana) por um bom tempo. Dois anos ela usou roupa tradicional. (Mas) saía na rua eles (brasileiros) falavam: “Poxa, Carnaval chegou mais cedo, né?”

A própria mulher do entrevistado, a qual foi a vítima dessa situação, diz que mudou sua forma de se vestir, por não se sentir bem, e para não mais ser motivo de piadas. No entanto, ela não identificava os olhares e as piadas como ofensas: *“é, porque olhava muito, olhava muito [...] e se vai fazer mais uma piada alguma coisa eu também não ia gostar. Então, eu parei de usar. Mas ninguém chegou a ofender”*.

Com isso, notou-se que o constrangimento de se sentir diferente, atraindo olhares tão curiosos e comentários desagradáveis, era outro motivo que podia fazer com que os imigrantes passassem a se desvencilhar da aparência tradicional indiana e adaptar-se ao modo local.

Em síntese, percebeu-se que a imigração se tornou um aspecto significativo na vida dos entrevistados, na medida em que conviviam com a cultura brasileira. Apesar das diferenças e semelhanças, o contato intercultural provocou mudanças importantes no curso da vida desse grupo de imigrantes, especialmente no que aqui interessa: a construção da aparência. Para Aggoun (2002), as diferenças podem constituir-se e organizar-se de várias maneiras, dependendo da natureza e qualidade do contato realizado, gerando inúmeras formas de adaptação.

Os dados obtidos apontaram que foi na década de 1970 que um grande grupo de indianos imigrou ao Brasil, incluindo os participantes desta pesquisa. Esses imigrantes passaram mais tempo de suas vidas no Brasil, em comparação com o tempo que viveram na Índia, buscando interagir e adaptar-se à cultura brasileira. Mesmo alguns entrevistados, afirmando que o impacto da globalização tinha influenciado indianos no que se diz respeito ao vestuário, à construção da aparência, à atenção ao corpo e à apresentação pessoal ao longo da vida destas pessoas; no pós-imigração eram caracterizadas pela ruptura de costumes e significados vividos e trazidos da Índia. A motivação era muitas vezes imposta pela imigração, pelo contato com a cultura local e a necessidade de adaptação, visando ao engajamento social.

Os imigrantes indianos não mantinham a aparência tradicional do país de origem também por razões de insegurança e constrangimento. Afirmaram que se vestiam conforme a tradição indiana somente em dias de eventos e festas.

O levantamento bibliográfico apontou, para fins de comparação, que havia pesquisas internacionais sobre indianos imigrantes em países como Canadá e Estados Unidos, porém não necessariamente com idosos ou sobre a aparência. No geral, as poucas pesquisas brasileiras encontradas sobre imigrantes idosos não focavam os indianos, mas sim imigrantes de outras nacionalidades, como russos e espanhóis. Portanto, percebeu-se uma escassez de estudos relacionando envelhecimento, aparência e imigração.

Assim como no Canadá e nos Estados Unidos, o perfil dos entrevistados indianos imigrantes no Brasil era de pessoas altamente qualificadas, ou seja, profissionais formados e aptos ao mercado de trabalho local (Li, & Lo, 2012). Essa realidade é muito

diferente da realidade vivenciada por imigrantes espanhóis, no final dos anos 50, no Brasil. No caso desse grupo, eram pessoas que vieram com poucos recursos para trabalhar como mão de obra barata (Bernal, 2012).

Na pesquisa com mulheres Kabyles, grupo étnico proveniente do norte da Argélia e imigrantes na França, mostrou-se a dificuldade por parte destas pessoas em dominar os códigos culturais franceses. Segundo o autor, esse domínio facilitaria o engajamento social (Aggoun, 2002). O mesmo não foi observado entre os imigrantes indianos entrevistados, pois notou-se a adaptação quanto às normas de construção da aparência, por exemplo, mesmo que não necessariamente com facilidade e desejo, especialmente no que tange ao vestuário. A adaptação também era marcante quanto à língua e até mesmo através da obtenção de trabalho formal, o que possivelmente tinha facilitado a integração.

No estudo de Bernal (2012) com espanhóis imigrantes no Brasil, uma imigrante espanhola idosa afirmou nunca ter sido discriminada desde que havia imigrado, mesmo quando não dominava o idioma. No caso dos indianos entrevistados, apesar de sofrerem com o impacto do que identificavam como vaidade, eles afirmaram não enfrentar problemas de discriminação, como acontece, segundo eles, com indianos imigrantes em Nova Iorque e Londres. Nesse sentido, percebeu-se que a discriminação, exclusão e sentimento de ameaça vivenciados pelos imigrantes indianos entrevistados através da ruptura com certos valores de sua cultura de origem e com o ajuste a padrões brasileiros, especialmente relacionados à aparência, visando ao envolvimento social, segurança e respeito.

Em sua pesquisa sobre indianos imigrantes nos Estados Unidos, Gupta (1997) investigou o significado de ser indiana para mulheres que se consideravam indianas, pois tinham pais indianos, mas que nasceram nos Estados Unidos. Uma das entrevistadas relatou que, quando criança, outros estudantes esperavam a ela e a seus irmãos para bater neles após as aulas. Ela afirmou que sentia preconceito vindo de todos os lugares (Gupta, 1997). O estudo reforça o sentimento e a condição de insegurança vivida por grande parte dos imigrantes, alcançando cenários de xenofobia.

No estudo entre os imigrantes brasileiros, apesar de identificar a presença da insegurança, suas características originais eram mais associadas ao exotismo ou idealização do *status* privilegiado desse tipo de estrangeiro. Tal fato gerava insegurança mais em termos da adequação de suas aparências, especialmente pelo interesse alheio em

sua suposta riqueza material, do que propriamente a questões referentes à raça, xenofobia e consequentes atos de violência.

Estudo com imigrantes russas mostrou que, quando questionadas sobre a adaptação no Brasil, uma das idosas afirmou que estranhava muito no início, além da língua, que era muito diferente. Na questão de aparência, afirmaram que os homens brasileiros eram todos baixos, de bigode, ao contrário dos russos que eram altos. Além disso, afirmaram que o povo brasileiro era bom e muito hospitaleiro (Rabinowitz, 2008).

Na Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural da UNESCO, o artigo 2º afirma que, em nossas sociedades cada vez mais diversificadas, é essencial assegurar uma interação harmoniosa entre as pessoas com pluralismo, diversidade e dinâmica cultural de identidades, bem como sua boa vontade em conviver (Varenes, 2003). Portanto, a aparência aponta ser uma forte variável a ser mensurada no que se refere à qualidade de vida e bem-estar ao longo do curso da vida, especialmente entre imigrantes. No entanto, ela não se apresenta no imaginário popular e científico dessa maneira, sendo percebida, muitas vezes, como um aspecto supérfluo e fútil do cotidiano, dificultando a maneira de avaliá-la e legitimá-la. Isso se acentua ainda mais com o impacto da imigração e os resultados do contato intercultural, especialmente porque se entende que a construção da aparência ao longo da vida é influenciada diretamente pelo contexto sociocultural em quem o indivíduo está inserido.

Considerações finais

A presente pesquisa exploratória buscou levantar pistas, visando à melhor compreensão do papel da imigração e do contato com uma nova cultura na construção da aparência ao longo do envelhecimento dos participantes. A oportunidade nos leva a questionar o modo de vida a que, muitas vezes, o imigrante é levado a operacionalizar visando ao pertencimento, segurança e engajamento social. Os resultados apontaram que a construção da aparência de imigrantes indianos idosos no Brasil era caracterizada pela ruptura de costumes e apropriações, usos e significados do corpo e da apresentação pessoal, influenciada pela imigração, pelo contato com a cultura brasileira e a necessidade, muitas vezes, de adaptação.

Estudos sobre imigração e efeitos no envelhecimento precisam ser cada vez mais realizados. Trata-se de duas características da atualidade que estão alterando a

composição e características da população mundial. Com o aumento gradual do número de idosos e seu *status* social, bem como o aumento do fluxo imigratório, a compreensão da variável aparência apresenta-se forte aliada no que tange ao alcance da dimensão desses contextos, buscando melhorar a gestão das relações interculturais e a produção de bem-estar entre os diferentes. Isso porque envelhecer e imigrar são aspectos da vida que alteram a compreensão de aparência, organizando pistas preciosas de promoção da atenção: o primeiro, devido a mudanças de ordem biopsicossocial e, o segundo, devido a necessidade de adaptação, visando o engajamento social. Por isso, sugere-se mais sensibilidade para os aspectos provenientes da variável aparência, considerando-a relevante para a compreensão desta e outras temáticas gerontológicas.

Varenes (2003) afirma que um dos mais visíveis e significantes aspectos da globalização é o aumento de migrações, ou seja, pessoas se mudando para outras regiões do próprio país, e até mesmo para fora, à procura de melhores oportunidades e estilos de vida. Assim, é importante a criação de políticas nacionais e internacionais que visem à proteção e à inclusão dessas populações, promovendo a qualidade de vida e a preservação das escolhas pessoais e étnicas. Iniciativas como a da Segunda Conferência sobre Envelhecimento, realizada em Madrid em 2002, que resultou no Plano de Madrid, sugeriu parcerias internacionais que salvaguardassem os princípios básicos de engajamento dos idosos na sociedade e a criação de um entorno favorável ao envelhecimento (Viude, 2009). O plano, ao tratar de migrações, também abrangeu os imigrantes idosos que envelhecem em uma sociedade diferente da qual nasceram. Contudo, o presente estudo sugere que, dez anos depois, no Brasil, ainda pouco foi realizado nessa direção.

O Brasil, país que se considera e ostenta no cenário internacional o entendimento de um país miscigenado, apresenta dificuldades no trato e atenção especialmente simbólica da população imigrante, como os indianos alvos desta pesquisa. Para estes, a promoção da livre apresentação pessoal e da aparência étnica tradicional não existia sem ser acompanhada por um sentimento de insegurança e constrangimento, gerando uma forte necessidade de adaptação para se sentir engajado. Esse cenário acabou impulsionando um conjunto de experiências, crise de identidade e estados negativos, que podem acompanhar certos imigrantes por grande parte do curso de suas vidas em nosso país.

Referências

Aggoun, A. (2002). Envelhecimento e imigração: o caso das mulheres Kabyles na França. Porto Alegre. *Revista Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*, 4, 21-41. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <file:///C:/Users/Dados/Downloads/4717-15095-1-PB.pdf>.

Ávila, A., Guerra, M., & Meneses, M. (2007). Se o velho é outro, quem sou eu? A construção da autoimagem na velhice. *Pensamento Psicológico*, 3(8), 7-18. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://www.redalyc.org/pdf/801/80130802.pdf>.

Baldin, N., & Munhoz, E.M.B. (2011). Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: *X Congresso Nacional de Educação - Educere*. Curitiba, PR: Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Blessmann, E. (2004). Corporeidade e envelhecimento: o significado do corpo na velhice. *Revista Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*, 6, 21-39. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <file:///C:/Users/Dados/Downloads/4737-15159-1-PB.pdf>.

Bernal, M., González, A., Valencia, S. Pinzón, S., Moreno, C., Sagués, A., & Kalache, A. (2011). Envelhecendo na América Latina: narrativas e histórias de migrantes andaluzes. In: Trench, B., & Rosa, E. C. (Orgs.). *Nós e os outros: Envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisas*, 243-266. São Paulo, SP: Instituto de Saúde.

Bordignon, G. (2011). Plano de Educação Nacional: O Planejamento Educacional no Brasil. Fórum Nacional de Educação. Recuperado em 5 setembro, 2019, de: http://fne.mec.gov.br/images/pdf/planejamento_educacional_brasil.pdf.

Camarano, A. A. (2016). Living longer: Are we getting older or younger for longer? *Vibrant*, 13(1), 155-175. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-43412016v13n1p155>.

Camargo, B. V., Lucena, T. T., & Biasus, F. (2009). Práticas sexuais, conhecimento sobre HIV/AIDS e atitudes a respeito da relação amorosa e prevenção entre adultos com mais de 50 anos do sul do Brasil. *Liberabit*, 15(2), 171-180. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1729-48272009000200011.

Castro, G. G. S. (2016). O idadismo como viés cultural: refletindo sobre a produção de sentidos para a velhice em nossos dias. *Galaxia*, 31, 79-91. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542016120675>.

Carrière, J. (2009). *Índia: crenças, costumes e a sabedoria de uma das civilizações mais antigas do mundo*. São Paulo, SP: Editora Ediouro.

Crane, D. (2006). *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo, SP: Editora SENAC.

Cupertino, A. P. F. B., Rosa, F. H. M., & Ribeiro, P. C. C. (2007). Definição de Envelhecimento Saudável na Perspectiva de Indivíduos Idosos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(1), 81-86. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722007000100011>.

- Debert, G. (2003). O velho na propaganda. *Cadernos Pagu*, 21, 133-155. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n21/n21a07.pdf>.
- Debert, G. (2010). A dissolução a vida adulta e a juventude como valor. *Horizontes Antropológicos*, 16(34), 49-70. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832010000200003>.
- Diniz, R. F., & Saldanha, A. A. W. (2008). Aids e velhice: crenças e atitudes de agentes comunitários de saúde. *Temas Psicológicos*, 16(2), 187-198. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v16n2/v16n2a04.pdf>.
- Estatuto do Idoso. *Lei n.º 10.741 de 01 de outubro de 2003*. Brasília (DF): Senado Federal, 2003.
- Ferreira, N., & Medeiros, S. (2011). A relação entre o envelhecer e a demanda pela beleza jovial: dificultando a velhice. *Revista Portal de Divulgação*, 6, 15-20. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/article/view/97>.
- Fin, T. C., Portella, M. R., & Scortegagna, S. A. (2017). Velhice e beleza corporal das idosas: conversa entre mulheres. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 20(1), 77-87. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562017020.150096>.
- Geertz, C. (2008). *A interpretação das culturas*. (13ª reimpressão). Rio de Janeiro, RJ: Editora LTC.
- Gupta, M. (1997). What is Indian about you? A Gendered, Transnational Approach to Ethnicity. *Gender and Society*, 11(5), 572-596. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://psycnet.apa.org/record/1997-43787-002>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019a). *Censo Demográfico: Resultados Gerais da Amostra 2000*. Recuperado em 3 agosto, 2019, de: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2019b). *Censo 2010: migração*. Rio de Janeiro, RJ: IBGE. Recuperado em 03 agosto, 2019, de: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/24007?detalhes=true>.
- Jackson H., & O'Neal, G. (1994). Dress and appearance responses to perceptions of aging. *Clothing and Textile Research Journal*, 12(4), 8-15. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0887302X9401200402>.
- Kuschick, C. L. B. R., & Machado, F. V. K. (2016). Compre, leia, siga e rejuvenesça! Sobre os sentidos movimentados e construídos por Veja acerca da velhice ao longo de sua história (1968-2014). *Galaxia*, 32, 138-150. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://www.scielo.br/pdf/gal/n32/1982-2553-galaxia-32-00138.pdf>.
- Laranjeira, C. A. (2010). “Velhos são os Trapos”: do positivismo clássico à nova era. *Saúde e Sociedade*, 19(4), 763-770. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/sa-usoc/v19n4/04.pdf.

Li, W., & Lo, L. (2012). New geographies of migration?: A Canada-U.S. Comparison of Highly Skilled Chinese and Indian Migration. Project Muse. *Journal of Asian American Studies*, 15(1), 1-34. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: DOI: 10.1353/jaas.2012.0005.

Lopes, A. F., & Mendonça, E. S. (2016). Ser jovem, ser belo: a juventude sob holofotes na sociedade contemporânea. *Revista Subjetividades*, 16(2), 20-33. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.16.2.20-33>.

Machado-Borges, T. (2009). Um olhar antropológico sobre a mídia, cirurgia íntima e normalidade. *Avá: Revista de Antropologia*, 19, 258-286.

Marcelja, K. (2012). *A beleza como passe intergeracional*. São Paulo, SP: Dissertação de mestrado em Gerontologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP.

Melo, N. C. V., Teixeira, K. M. D., & Silveira, M. B. (2017). Consumo e perfil social e demográfico dos diferentes arranjos domiciliares de idosos no Brasil: análises a partir dos dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 20(5), 607-617. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562017020.170047>.

Miranda, G. M. D., Mendes, A. C. G., & Silva, A. L. A. (2016). O envelhecimento populacional brasileiro: desafios e consequências atuais e futuras. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 19(3), 507-519. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-98232016019.150140>.

Neri, A. L. (2008). *Palavras-chave em Gerontologia*. Campinas, SP: Alínea.

Neto, J. D., Nakamura, A. S., Cortez, L. E. R., & Yamaguchi, M. U. (2015). Doenças sexualmente transmissíveis em idosos: uma revisão sistemática. *Ciência e Saúde Coletiva*, 20(12), 3853-3864. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-812320152012.17602014>.

Oliveira, S., & Santos, G. (2009). Construção sócio-histórica e midiática da velhice. Passo Fundo, RS: *RBCEH*, 6(3), 422-428. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/169>.

Organização Mundial da Saúde (2005). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília, DF: Organização Pan-Americana da Saúde.

Pio, C. (2009). Da beleza do corpo à beleza da alma. São Paulo, SP: *A Terceira Idade*, SESC-SP, 20(44), 33-46.

Picolli, M., Lopes, A., Araújo, J. R. C., & Graeff, B. (2012). Idosos “roqueiros” e a juventude eterna: pistas para reflexão. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(N.º Especial 13, Temático “Vulnerabilidade/Envelhecimento e Velhice: Aspectos Biopsicossociais”), 291-312. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/17308>.

Plens, J., Accioly, M., Batistoni, S., & Lopes, A. (2012). Envelhecimento, engajamento e aparência: percepções de idosas participantes de um núcleo de convivência de idosos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(N.º Especial 13, Temático “Vulnerabilidade/Envelhecimento e Velhice: Aspectos Biopsicossociais”), 269-289. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/17307/30497>.

Poletto, C., & Galindo D. (2012). “Passagem para a Índia”: Fotografias que acenam e circulam indianidades no Brasil. *In: Anais do V Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual*, Goiânia, GO, UFG, FAV, 929-944.

Pontes, L. (2004). Mulheres brasileiras na mídia portuguesa. *Cadernos Pagu*, 23, 229-256. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n23/n23a08.pdf>.

Rabinowitz, D. (2008). *Um olhar sobre a vida de imigrantes russos idosos*. Dissertação de mestrado em Gerontologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Ribeiro, O. (2012). O envelhecimento “ativo” e os constrangimentos da sua definição *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 2(N.º temático: Envelhecimento demográfico), 33-52. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10580.pdf>.

Sant’Anna, M. (2009). *Teoria de moda: sociedade, imagem e consumo*. (2ª edição revisada e atualizada). São Paulo, SP: Estação das Letras e Cores.

Santos, G. A., Lopes, A., & Neri, A. L. (2007). Escolaridade, raça e etnia: elementos de exclusão social de idosos. *In: Neri, A. L. (Org.). Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo, SP: Editora Fundação Perseu Abramo: Edições SESCSP, 65-80.

Santos, A. C. P. O., Silva, A. C., Carvalho, S. L., & Menezes, M. R. (2007). A construção da violência contra idosos. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 10(1), 115-127. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/_artigos/127.pdf.

Santos, C. B., Pilatti, L. A., Pedroso, B., Carvalho, D. R., & Guimarães, A.M. (2018). Previsão do Índice de Desenvolvimento Humano e da expectativa de vida nos países da América Latina por meio de técnicas de mineração de dados. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(11), 3745-3756. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/previsao-do-indice-de-desenvolvimento-humano-e-da-expectativa-de-vida-nos-paises-da-america-latina-por-meio-de-tecnicas-de-mineracao-de-dados/15947?id=15947>.

Silva, N. P., Cachioni, M., & Lopes, A. (2012). Velhice, imagem e aparência: a experiência de idosos da UNATI EACH/USP. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(N.º Especial 14, Temático “Universidade Aberta à Terceira Idade e Velhice), 235-257. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/15251/11377>.

Slevin, K. (2010). “If I had lots of money... I’d have a body makeover”: managing the aging body. *Social Forces*, 88(3), 1003-1020. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://doi.org/10.1353/sof.0.0302>.

Sousa, D. J., White, H. J., Soares, L.M., Nicolosi, G. T., Cintra, F. A., & D’Elboux, M. J. (2010). Maus-tratos contra idosos: atualização dos estudos brasileiros. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 13(2), 321-328. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-98232010000200016>.

Twigg, J. (2010). How does Vogue negotiate age?: Fashion, the Body and the Older Woman. *Fashion Theory: The Journal of Dress, Body & Culture*, 14(4), 471-490. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://doi.org/10.2752/175174110X12792058833898>.

Varenes, F. (2003). *Strangers in Foreign Lands: Diversity, Vulnerability and the Rights of Migrants*. United Nations Educational Scientific and Cultural Organization (UNESCO).

Viude, A. (2009). Envelhecimento, cultura e sociedade. São Paulo, SP: *Revista Kairós-Gerontologia*, 12(N.º Especial 4, Temático “Graduação em Gerontologia: desafios e perspectivas”), 59-70. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/2528/1612>.

Yokomizo, P., & Lopes, A. (2019). Aparência: uma revisão bibliográfica e proposta conceitual. *Dobras*, 12(16), 228-244. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/922>.

Carolina Barreta Caio – Graduação em Gerontologia e colaboradora do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS), ambos da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP). Graduação em Relações Internacionais, Universidade Anhembi Morumbi, Brasil.
E-mail: carolinacaio@hotmail.com

Patrícia Yokomizo – Graduação em Têxtil e Moda. Mestre em Gerontologia, fundadora e membro do grupo EAPS, todos da EACH/USP, Brasil.
E-mail: pati@usp.br

Andrea Lopes – Antropóloga, docente da Pós-Graduação em Gerontologia e das Graduações em Gerontologia e Têxtil e Moda. Fundadora e coordenadora do grupo EAPS. Todos da EACH/USP, Brasil. Orientadora da pesquisa.
E-mail: andrealopes@usp.br

Significados de aparência e o perfil socioeconômico de idosos aposentados associados ao SINDNAPI

Meanings of appearance and socioeconomic profile of retired elderly people associated with SINDNAPI, Brazil

Apariencia, significados y perfil socioeconómico de mayores jubilados asociados al SINDNAPI, Brasil

Aparecida Costa da Silva
Patrícia Yokomizo
Andrea Lopes

RESUMO: O culto ao corpo associado à aparência juvenil ainda se trata de uma máxima no Brasil. O estudo buscou identificar os significados de aparência e o perfil socioeconômico de idosos aposentados associados ao SINDNAPI, seção São Paulo. Orientações do método etnográfico e aplicação de formulário misto junto a 200 participantes: maioria de homens, baixa renda e escolaridade, sem participação em atividades sociais. Obteve-se a relevância e os significados positivos quanto à própria aparência, independentemente das variáveis analisadas.

Palavras-chave: Aparência; Significados; Idosos aposentados.

ABSTRACT: *The worship of body and youthful appearance still very appreciated in Brazilian culture. This study aimed to identify the meanings of appearance and socioeconomic profile of retired seniors from the SINDNAPI, Brazil, a retirees' association. It was oriented by the ethnographic method and a mixed form was applied to 200 participants. Most were men, with low income and education, without participation in social activities. It was found relevance and positive meanings regarding their appearance, regardless of the variables analyzed.*

Keywords: *Appearance; Meanings; Retirees.*

RESUMEN: *El culto al cuerpo joven sigue siendo una obsesión en Brasil. En este estudio se buscó identificar los significados de la apariencia y el perfil socioeconómico de los mayores jubilados de la asociación SINDNAPI de São Paulo, Brasil. Se orientó por el método etnográfico y hubo la aplicación de un formulario mixto en 200 ancianos. La mayoría eran hombres de bajos ingresos y nivel de escolaridad que no participaban de actividades sociales. Se obtuvo que la apariencia era relevante y detenía de significados positivos independientemente de las variables y distintos perfiles investigados.*

Palabras clave: *Apariencia; Significados; Mayores jubilados.*

Introdução

O culto ao corpo, especialmente ao corpo jovem, considerado belo e perfeito, tem sido exercido e incentivado com frequência em nossa sociedade nas últimas décadas por diferentes grupos etários (Dantas, 2011; Frois, Moreira, & Stengel, 2011; Lopes, & Mendonça, 2016). Ao mesmo tempo, nesse mesmo período, as imagens negativas da velhice passam a ser relativizadas com concepções positivas, alcançando certo *status* de universalidade, podendo dificultar a criação de imagens mais realistas e que contemplem a heterogeneidade da velhice (Lopes, 2000; Silva, *et al.*, 2012; Costa, & Soares, 2016).

De acordo com Goldenberg (2011), no Brasil o corpo é visto como um capital simbólico, econômico e social. Porém, esse corpo não se trata de um corpo qualquer. A autora se refere a um corpo que deve ser jovem, *sexy*, magro e em boa forma.

Complementa dizendo que no Brasil essa crença do corpo como capital produz uma cultura que tem proporcionado grandes investimentos na forma física, levando inúmeras pessoas a sentir insatisfação com a própria aparência.

O culto à beleza jovem é algo muito incentivado especialmente para as mulheres. Como cita Marcelja (2012), a luta pela beleza e a indústria que vem se formando ao redor deste valor colocam a mulher da meia-idade ou a idosa em condições de coexistir e, no limite, competir de igual para igual com as mulheres mais jovens (Fin, Portella, & Scortegagna, 2017). Por conta disso, Audino e Schmitz (2012) apontam que muitas mulheres quando chegam à meia-idade e à velhice têm buscado cada vez mais por cirurgias plásticas, além de inúmeros outros tratamentos estéticos (Fin, Portella, Scortegagna, & Frighetto, 2015). Os autores completam que a insatisfação com o corpo, assim como as imagens da meia-idade e da velhice, podem afetar notavelmente as vidas dessas pessoas, tendo em vista que na cultura ocidental o corpo velho é associado a algo frágil, infértil e feio, ou seja, a algo negativo, sem valor. Nesse contexto, Marcelja (2012) menciona que existe uma relação entre envelhecimento e beleza que acaba despertando admiração ou comoção. Isso tende a acontecer entre mulheres que sempre foram consideradas belas.

O estudo de Plens, *et al.* (2012) chama a atenção, pois as autoras mencionam que a atenção voltada à aparência se mostrou vinculada à promoção de bem-estar entre as idosas entrevistadas. A maneira como se vestiam, se comportavam, arrumavam o cabelo, usavam maquiagem, cuidavam do corpo, ou seja, a aparência que organizavam e apresentavam no núcleo de convivência a que pertenciam estimulava o convívio social e o senso de pertencimento. Para as autoras, a aparência é influenciada por repertórios de imagens criadas pela sociedade em um determinado período histórico, a partir de aspectos sociais e culturais essenciais para sua construção e legitimação. Yokomizo e Lopes (2018), em revisão narrativa, indicam que as mídias têm sido os agentes de educação informal mais estudados, devido especialmente a sua influência nas noções de envelhecimento e velhice.

Assim, pode-se entender que a aparência é fruto de um processo histórico e cultural que sofre mudanças ao longo dos séculos, vindo a se tornar meio, tanto de inclusão e adoração, como de exclusão e distinção.

De acordo com levantamento histórico realizado por Leventon (2009), no Egito entre 3.000 a.C. a 1.550 a.C. as vestimentas egípcias mantiveram-se inalteradas. Peças drapeadas eram comuns e alguns modelos eram utilizados tanto por homens como por mulheres. Durante a Grécia de 500-300 a.C. os gregos usavam lã e linho para produzir suas roupas, baseados em modelos sem corte, relativamente leves e com caimento fluido. A autora também acrescenta que, durante o Império Romano séculos III e IV d.C., soldados romanos usavam túnicas mais compridas que as dos homens civis.

No entanto, os escravos eram identificados pelos calçados que usavam, ou pela ausência deles, pois eram proibidos de vestir calcei (sapatos romanos de cano alto). Ainda, os povos romanos puderam usufruir dos inúmeros trajes dos seus vizinhos do Mediterrâneo, principalmente dos etruscos e dos gregos.

Durante o período da Idade Média, no século XI, foi possível perceber que os trajes europeus de alguns grupos sociais se tornaram cada vez mais exuberantes, produzidos a partir de uma quantidade variável de materiais e elementos decorativos. Entre os séculos XII e XIV, os modelos passaram a ser mais ajustados à silhueta. Essas mudanças foram possíveis devido às influências trazidas do Oriente Médio pelas Cruzadas e, por outro lado, ao desenvolvimento de uma classe média urbana. No século XV, período da Renascença, as roupas eram baseadas em tapeçarias, com uma mistura de trajes aristotélicos, além da grande influência do modelo gótico, com linhas mais amplas e largas na silhueta. Esse período sofreu uma grande influência da cultura e arte, que cresciam fortemente nesse período na Itália.

Durante o século XVII, o algodão, nativo do sul da Ásia, espalhou-se pelo sudeste do continente, pelo Japão e pela China, substituindo outras fibras na fabricação de roupas para as classes baixas. Os tecidos eram utilizados com ou sem costuras e cortes, porém os retalhos nunca eram desperdiçados. Leventon (2009) também acrescenta que no período do século XVI a XVII, nas regiões como Pérsia, Ásia Central e Anatólia, as vestimentas tanto masculinas como femininas, tinham elementos comuns como: robes curtos ou longos, camisa larga ou camiseta sobre calças largas, entre outros.

Em síntese, Leventon (2009) aponta uma trajetória histórica da construção da aparência, por meio dos vestuários, adornos e comportamentos, que sofreu transformações ao longo dos séculos. Essas mudanças ocorreram pela influência de várias

questões, como condições climáticas, classe social, influências artísticas, condição de gênero, dentre outras.

Assim como a aparência, a compreensão de velhice também vem sofrendo mudanças ao longo do tempo. Tratando dos séculos mais recentes, o final do século XIX e início do XX foi um período muito marcado por estudos darwinianos, como destacam Félix e Santos (2011). De acordo com esses autores, a lógica darwiniana negava a possibilidade do desenvolvimento durante a velhice. Quanto ao século XXI, Guerra e Caldas (2010) apontam que, desde o início desse período, tem se visto com frequência imagens de pessoas na velhice que buscam representar e sensibilizar o imaginário social, apresentando este momento da vida como um período exclusivo de declínios e associado a patologias, além das dependências físicas, emocionais e psicológicas.

Segundo Belchior e Santana (2013), embora a velhice na atualidade possa estar atrelada a um período de perdas, também pode configurar um momento de ganhos e aquisições, os quais muitas vezes passam despercebidos e não são valorizados (Freitas, Queiroz, & Sousa, 2010). Essa lógica dicotômica entre perdas e ganhos pode incluir a forma como a estética da velhice vem sendo construída na atualidade.

Para Plens, *et al.* (2012) assiste-se na sociedade brasileira a um ciclo de sedução e impulsão a seguir um modelo juvenil idealizado, proposto por vários atores e instituições sociais, dentre eles, as mídias, a publicidade e a moda. Essa lógica ancora-se na suposta proposição coletiva de que o rejuvenescimento é essencial e possível, gerando *status* e reconhecimento social, mesmo perante o contraditório desejo do aumento sucessivo da expectativa de vida, ou seja, do avanço da velhice. Aguiar, Camargo e Bousfield (2018, p. 498), ao estudarem as representações sociais do envelhecimento e o rejuvenescimento entre mulheres de meia-idade, perceberam que a noção de “bom envelhecimento não é apenas desejável, mas se estabelece como uma norma a ser seguida”.

Almeida e Lourenço (2009) destacam que o culto à juventude funciona como um promotor e cristalizador dessas atitudes contraditórias. Permeia a velhice de estereótipos e preconceitos, sendo negativos ou maximizados, que a reduzem a um período apenas de declínios e perdas ou ganhos exclusivos, como o uso do tempo livre muitas vezes, sem sentido. Os estímulos e ações negativas apresentadas e convencionadas em nosso dia a dia podem contribuir para que idosos tenham receio de afirmar a sua imagem de velho,

em sua complexidade biopsicossocial, optando por procurar, provar, muitas vezes, que vivem a chamada popularmente melhor idade.

Ferreira, *et al.* (2014) indicam que campanhas publicitárias têm estimulado idosos a adquirir novos hábitos de consumo, para manter o corpo saudável. Trata-se de exercitar o chamado espírito jovem, através da participação social e exercício de valores convencionados e ditos como modernos a um determinado segmento etário. A partir de então, inúmeros produtos que promovem a ideia do *anti-aging* ou anti-idade, como cosméticos, centros de lazer, agências específicas de turismo, serviços bancários, eletrodomésticos, dentre outros, são criados e direcionados ao consumo dessa população específica.

De acordo com Goldenberg (2011), doenças como bulimia e anorexia se tornaram praticamente uma epidemia entre grupos mais jovens nos últimos anos, por conta de tratar-se de uma geração que cresceu, buscando imitar o corpo de modelos muito magras, como Linda Evangelista, Cindy Crawford, Gisele Bündchen, entre outras.

Dentre os mais velhos, Guerra e Caldas (2010) destacam que parte dos velhos têm tentado evitar a classificação de velhice, tal como posta nos últimos anos. Coexistem o uso de mecanismos tradicionais, com pintar os cabelos brancos, com novas tecnologias, como procedimentos cirúrgicos invasivos, buscando reproduzir uma aparência jovial, negando a própria velhice e o próprio processo de envelhecimento. Por outro lado, mais recentemente vê-se a constituição da chamada revolução grisalha no Brasil, que procura debater e questionar normas e padrões em torno da apresentação social em idades maduras. Nesse cenário, Araujo (2019) investigou a promoção desse aspecto da aparência realizada por mídias digitais e suas tensões, indicando que ao mesmo tempo que transitar para os cabelos brancos pode oportunizar mudanças, igualmente estas vêm a ser ancoradas em ícones públicos de beleza, a que tudo é permitido e cultuado. Tal contraposição tem ocorrido mesmo que o envelhecimento seja um processo contínuo e inevitável.

Portanto, segundo Marcelja (2012), lutar contra o tempo é lutar contra si próprio, sendo que a derrota é certa. Para Plens, *et al.* (2012), aspectos sociais e culturais são importantes para a construção da aparência, havendo transformações ao longo do envelhecimento, em termos de vaidade, atitudes e comportamentos.

Ao problematizar o culto à aparência juvenil, não se trata aqui de condenar os cuidados com a aparência e as escolhas individuais. A proposta é refletir o quanto esse movimento e dinâmica social vêm, de fato, revelando a diversidade na velhice, suas potências e dificuldades, demandas e contribuições.

No limite, busca-se estimular um campo fértil de debate em torno da construção de uma estética democrática da velhice na atualidade. Nessa direção, o objetivo do presente trabalho foi identificar os significados de aparência e o perfil socioeconômico de idosos aposentados associados ao Sindicato Nacional dos Aposentados, Pensionistas e Idosos (SINDNAPI).

Debater e questionar mitos, estereótipos e uma dinâmica acerca da aparência na velhice pode proporcionar reflexos positivos na vida dos idosos. Trata-se de buscar debater estratégias de promoção da autoestima e engajamento social dos idosos em sua complexidade, sem negar a confluência entre perdas e os ganhos que ocorrem ao longo da vida.

Por fim, almeja-se que estudos dessa natureza possam colaborar para a compreensão da aparência como ferramenta de gestão em espaços voltados para idosos. Observar e entender como estes se apresentam socialmente, que investimentos e concepções têm sobre a própria aparência, pode ajudar gestores a dialogar sobre crenças, atitudes, desejos, limitações, medos, dificuldades e possibilidades.

Método

O referido estudo trata-se de uma pesquisa de natureza exploratória e descritiva. A coleta de dados contou com a realização das técnicas etnográficas de observação livre e participante (Geertz, 2008), em especial, no momento de aplicação do formulário. Conversas informais foram anotadas em caderno de campo. Essas técnicas serviram como aproximação e familiarização com campo e as dinâmicas de atendimento do Sindicato Nacional dos Aposentados, Pensionistas e Idosos da Força Sindical (SINDNAPI).

Além disso, foi aplicado um formulário organizado em dois blocos, contendo nove questões fechadas, uma questão escalar e outra aberta. O primeiro bloco tratou do perfil socioeconômico e envolveu a investigação das variáveis: idade; identidade de gênero; escolaridade; renda familiar; e envolvimento em atividades sociais, esportivas e

familiares regulares. O segundo bloco explorou o âmbito da aparência: importância; percepção de aparência e definição sobre a própria aparência; desejo da realização de plástica; e investimentos financeiros. Realização de teste-piloto, comentado e aprovado pelos dois idosos participantes, gerando pequenos ajustes.

Os participantes tinham 60 anos e mais de idade, eram aposentados(as) da Previdência Social por tempo de contribuição e associados ao SINDNAPI, frequentadores da Seção São Paulo.

Os dados foram coletados na sede do SINDNAPI, São Paulo, em 2015. Na época, o SINDNAPI possuía aproximadamente 200.000 sócios em todo o país, sendo o maior sindicato de aposentados da América Latina. Detinha representações em três esferas: nacional, municipal e estadual, sendo coordenado nacionalmente por um único presidente. A sede prestava atendimento direcionado especialmente a três áreas: jurídica, plano de saúde e colônia de férias¹. A instituição foi escolhida devido a sua abrangência e diversidade de associados, concentrando grande número de aposentados. Obteve-se aprovação e apoio institucional.

O setor de atendimento ao público do SINDNAPI realizava, em média, 100 atendimentos diários, de segunda a sexta-feira, conforme relatado na ocasião pela diretoria. Considerando-se os atendimentos mensais, realizou-se cálculo amostral que indicou a necessidade de 169 entrevistados. Para garantir eventuais perdas, foram obtidos 200 participantes, selecionados por conveniência.

O tratamento e a análise das respostas provenientes das perguntas fechadas e escalas foram ancorados em estatística descritiva. Os resultados das questões abertas, das observações de campo e conversas informais foram tratados e analisados conforme as orientações de Geertz (2008). Buscou-se organizar categorias em torno das principais menções dos participantes, com avaliação de dois juízes. Contou-se posteriormente a frequência.

Todos os participantes da pesquisa concordaram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi apresentado antes da aplicação do formulário. Os participantes ficaram com uma cópia do termo.

¹ Disponível em <http://sindicatodosaposentados.org.br/historia>. Acessado em 8 de novembro de 2015.

Resultados

A amostra foi composta por 200 idosos. Desse grupo, 75% se identificavam como homens e 25% mulheres, sendo uma transexual.

Em termos etários, 52,5% dos entrevistados tinham idades entre 60 e 69 anos, seguidos de 39,5% que apresentou idades entre 70 e 79 anos. Por fim, 8% estavam concentrados em idades de 80 e 89 anos.

Em termos de escolaridade, 50,5% dos entrevistados relataram ter ensino fundamental ou menos; 21% secundário incompleto; 13,5% secundário completo; 7,5% universitário completo; e 4% secundário incompleto. 2,5% eram analfabetos e apenas 1% dos participantes disse ter completado a pós-graduação.

A renda mensal, somando todos os rendimentos da casa, predominou entre um e dois salários mínimos (em 2015, entre 788 e 1576 reais), representado por 36% da amostra. O segundo maior grupo (27,2%) apareceu com renda mensal entre dois e três salários mínimos, ou de 1577 a 2364 reais. Enquanto 21% possuía uma renda entre três e seis salários (2365 a 4728 reais), 13,3% disseram ter renda acima de seis salários (mais de 4728 reais). Por fim, 1,5% dos participantes mencionaram ter renda menor do que um salário mínimo (então, 788 reais).

Em relação ao envolvimento dos idosos com atividades semanais esportivas ou familiares desde que se aposentaram, 55,5% dos entrevistados disseram que não estavam envolvidos em nenhuma atividade. Já 44,5% disseram que estavam envolvidos/engajados com atividades após a aposentadoria.

Ao serem questionados sobre a aparência e seus significados, 56,5% dos entrevistados disseram que consideravam a aparência importante; 22,5% extremamente importante; 13,5% mais ou menos importante; 5% pouco importante; enquanto 2,5% mencionaram que a aparência não é nada importante. Ou seja, em torno de 78% dava importância para a própria aparência.

Nesse sentido, a grande maioria dos participantes (90,0%) também disse gostar da própria aparência. Enquanto 5% consideraram sua aparência indiferente; 3,5% não gostavam da própria aparência; e 1,5% não souberam responder. Com relação ao significado de aparência, identificaram-se três grupos: os que tinham uma compreensão positiva (89%); indiferente (8%); e negativa (3%).

Dentre os que relataram ter uma compreensão positiva da aparência, encontraram-se as principais menções: boa, linda, felicidade, satisfação, ótima, maravilhosa, cheirosa, entre outros. Entre os que apontaram uma compreensão negativa da própria aparência, encontraram-se: acabado, feio, horrível, ruim, velho, cansaço, entre outros. Os indiferentes ou que não souberam responder quando questionados sobre os significados da aparência, apontaram: sei lá, sem definição etc.

Mesmo sendo importante e vista positivamente para a maioria, em relação a investimentos financeiros na aparência, 52% dos participantes disseram não investir na própria aparência, enquanto 48% disseram que investiam.

Na última pergunta, quando foram questionados caso tivessem recursos financeiros se fariam plástica por estética e, se sim, onde, as respostas foram: 59,8% dos participantes disseram que não fariam nenhuma plástica; enquanto 20,7% disseram que sim; seguidos de 19,2% que além de concordar, disseram em qual parte do corpo fariam plástica. Dentre esses participantes, 1,6% apontou já ter feito plástica por estética, especialmente no rosto. Apenas 0,4% não se manifestou. Dentre os locais indicados, 1,2% dos entrevistados disseram que fariam em todas as partes do corpo. Do restante, 12,8% fariam na cabeça e pescoço, como rosto, careca, pálpebras, rugas, dentes, nariz e boca. Outros 3,6% fariam no restante do corpo, como braço, abdômen e seios. No total, 39,9% fariam intervenções. Em suma, 39,9% já fizeram ou fariam plástica.

Em síntese, obteve-se uma grande maioria de homens, pessoas com idades entre 60 e 69 anos (52,2%); com ensino fundamental (50,5%); renda entre um a dois salários mínimos (36,9%); sem envolvimento em atividades semanais, esportivas ou familiares (55,5%). Quando questionados sobre a aparência e seus significados, quase 78% consideraram sua aparência importante/muito importante; e 90% gostavam da própria aparência. Com relação ao significado da aparência, 89% da amostra respondeu ter uma compreensão positiva da aparência. Por outro lado, quando questionados sobre possíveis investimentos na aparência, o correspondente a 52% dos participantes afirmou não investir na própria aparência. Sobretudo, ao serem questionados a respeito de possíveis intervenções cirúrgicas na aparência, caso tivessem recursos financeiros, a maioria dos entrevistados (59,8%) mencionou que não faria nenhuma plástica. Contudo, quase 40% da amostra disse que faria cirurgia plástica, especialmente no rosto.

Discussão

A partir dos resultados alcançados, percebeu-se que o público que mais frequentou o SINDNAPI no momento da pesquisa tinha idades entre 60 a 69 anos, ou seja, os chamados idosos jovens. Não foram encontradas pessoas com 90 anos e mais. De acordo com Campos (2012), a partir da quarta idade é possível que aumente o isolamento social, pois na maioria das vezes, muitas das pessoas que pertencem a esse grupo etário estão suscetíveis de receber cuidados de terceiros, além de se tornarem invisíveis à sociedade.

Diferentemente da recorrente e maior presença de mulheres nos espaços públicos, caracterizando a chamada feminização da velhice, no local foi encontrado uma maioria de homens. De acordo com Neri (2014), a feminização significa maior presença relativa de mulheres na população acima de 60 anos, além do aumento da expectativa de vida feminina em comparação aos homens.

Outro dado relevante é a falta de envolvimento da maioria (55,5%) dos participantes em atividades sociais desde que se aposentaram. Pode-se entender que isso aconteça justamente em função da falta de espaços disponíveis para os idosos, em especial para os homens. Através desse dado, pode-se inferir que a falta de engajamento por parte dessa população específica pode estar ligada à ausência de espaços públicos que ofereçam atividades, por questões financeiras, falta de divulgação, ou até mesmo pela falta de interesse. Vale destacar que a grande maioria dos participantes, quando questionados informalmente sobre a falta de participação, alegou que desconhecia as atividades oferecidas pelo Sindicato ou aquelas que são oferecidas próximas de sua residência.

A falta de participação dos idosos pode comprometer a qualidade de vida dessas pessoas, como mencionam Freitas, *et al.* (2012), dizendo que o isolamento social pode acarretar danos à qualidade de vida, comprometendo o bem-estar e a saúde do idoso. Tavares e Silveira (2014) ressaltam que, a partir do momento em que as pessoas se aposentam, o tempo e o ritmo da vida se alteram.

Com isso, na maioria das vezes as horas do despertar, deitar, dos cuidados corporais, das refeições, e também dos encontros familiares e com os amigos, entram em um novo ciclo de exigências e procuram se reajustar.

O estudo de Gonzales e Seid (2014) destaca a importância de criarem ações amplas e efetivas, buscando promover e incentivar o envelhecimento e a velhice saudável, para que, desta maneira, idosos consigam manter a independência e a autonomia por mais tempo. Nesse sentido, a criação de espaços que ofereçam atividades para os idosos é necessária para promover o bem-estar e fortalecer os vínculos afetivos e de amizades, como foi relatado por alguns idosos nas conversas informais:

“Vivo depressiva desde que perdi o meu filho assassinado na porta de casa. Venho para o Sindicato e vou na igreja para tentar aliviar minhas dores.”

Ainda, outro participante relatou de maneira emocionada:

“Moro sozinho. Minha esposa faleceu. Não tenho filhos e a maioria dos meus familiares já faleceram ou não moram no Brasil. Venho para o Sindicato para me distrair. Aqui tenho apenas dois amigos. Só que um deles faleceu e o outro está doente.” (lágrimas).

Outros igualmente relataram que buscavam no Sindicato uma maneira de fugir da solidão e da exclusão social:

“Minha filha, moro sozinha, nunca me casei, nem tenho filho. Recebo um salário mínimo de aposentadoria e faço milagre com esse dinheirinho. Pago aluguel, conta de água e luz. Preciso ainda me alimentar, pago uma pequena taxa para o Sindicato e não tenho nada em minha casa. Não tenho mesa, nem cadeira. Como vou receber alguém na minha casa? Claro que me sinto sozinha, venho para o Sindicato para fugir da minha solidão (risos e lágrimas).”

Em suma, diversos entrevistados relataram redes sociais frágeis ou quase inexistentes. Moravam sozinhos, não tiveram filhos e o cônjuge faleceu. Por isso, sentiam-se isolados socialmente e enxergavam no Sindicato uma alternativa para fugir da solidão e da exclusão social.

Mesmo a grande maioria, tendo diversas dificuldades e desafios, muitos ligados à sobrevivência, os dados apontaram que a aparência era importante para a maioria dos entrevistados. Essa informação corrobora os resultados encontrados no estudo de Plens, *et al.* (2012), que obtiveram a afirmação de que a aparência era importante para todas as participantes idosas da pesquisa, realizada em um núcleo de convivência para idosos em São Paulo.

Quando questionados se gostavam da própria aparência, o dado foi reforçado. A maioria dos aposentados do SINDNAPI participantes da pesquisa respondeu que sim. Percebeu-se, através dos resultados, que a aparência era uma variável significativa na vida desses idosos, pois a maioria relatou ter uma compreensão positiva da própria aparência. Algumas manifestações dos idosos participantes no ato da abordagem revelaram esse posicionamento: “*Gosto da minha aparência. Ela lembra o meu pai*”. Ou, ainda: “*Se eu não achar minha aparência importante, quem vai achá-la?*”

Silva e Caminha (2012) relatam que a percepção que uma pessoa tem de sua imagem é construída a partir de inúmeros aspectos biopsicossociais, como por exemplo: as experiências ao longo da vida, aspectos culturais, sociais, dentre outros. Além disso, os autores completam dizendo que o envelhecimento influencia de maneira significativa na construção da autoimagem corporal.

Mesmo dando importância para a própria aparência, ao serem questionados sobre possíveis investimentos financeiros neste sentido, a maioria dos idosos relatou que não investia na própria aparência. Devemos lembrar que a maioria recebia, no máximo, dois salários mínimos. No estudo de Tavares e Silveira (2014), os idosos de classes populares convivem com uma baixa renda e, na maioria das vezes, são a principal fonte financeira da família. Assim, esses idosos acabam não sendo vistos como um grupo de consumidores. Pode-se pensar que pouco tem se atendido a suas necessidades de apresentação social, como se esta talvez não fosse inclusive integrante das necessidades de sobrevivência.

No entanto, observou-se que, mesmo dando importância à própria aparência, não necessariamente isso implica em modificá-la. Através dos dados coletados, a maioria dos participantes mencionou que não faria cirurgia por estética, mesmo se tivessem recursos financeiros.

Esse dado colabora e questiona o debate presente na literatura em torno dos inúmeros procedimentos de rejuvenescimento dos corpos velhos. Conforme Silva, *et al.* (2012), as cirurgias plásticas ou a promoção de produtos variados, tornam-se mecanismos para reforçar a tentativa de esconder ou fugir das marcas do envelhecimento, como algo que deva ser negado.

Argimon, *et al.* (2011) destacam que, a partir do momento em que a velhice está associada à dependência e decadência, é comum que as pessoas quando chegam nesse período comecem a esconder sua identidade, ou seja, passam a negar as características do envelhecimento. Observou-se, ainda, que apesar de a grande maioria dos entrevistados afirmar que não fariam cirurgia caso tivessem recursos financeiros, quase 40% faria ou fez, a maioria no rosto. Um pequeno grupo de mulheres (1,6%) afirmaram, inclusive, que fariam cirurgia nos seios. Trata-se de partes importantes para a identidade do corpo feminino.

De acordo com Goldenberg (2011), o Brasil é o segundo país no mundo que faz uso de *botox* e próteses de silicone, perdendo apenas para os Estados Unidos. Castro, Antunes, Brito e Camargo (2016, p. 319) apontam que a pressão social voltada para as mulheres organiza sistemas representacionais que “justificam a adoção de práticas de rejuvenescimento”.

Para Audino e Schmitz (2012), o envelhecimento tem proporcionado inúmeras preocupações com a aparência, especialmente por parte das mulheres após a menopausa. Algumas mulheres não estão contentes com as transformações que acontecem em seus corpos ao longo da vida, sentindo, na maioria das vezes, insatisfação com o próprio corpo.

Por sua vez, a autoestima pode acabar sendo comprometida. Marcelja (2012) destaca que marcas expressivas da pós-modernidade são alternadas entre a redução da vida útil e a revisão permanente de princípios e conhecimentos, sendo que algumas pessoas buscam refletir sobre suas próprias vidas com vistas a trazer sentido a elas, principalmente ao próprio corpo.

Em síntese, os dados apontaram que a importância da aparência dos participantes na velhice não parecia estar relacionada com renda, escolaridade e nível de participação social. Em outras palavras, a aparência era importante para boa parte dos entrevistados, mesmo que de diferentes perfis socioeconômicos.

A variável aparência permitiu também perceber a diversidade de opiniões e atitudes quanto ao próprio envelhecimento e composição da apresentação pessoal. Finalmente, a compreensão da relevância e significado relativo a esse aspecto da vida dos envolvidos na pesquisa pode colaborar na promoção do bem-estar e da qualidade de vida dessas pessoas em termos de gestão gerontológica.

Conclusões

Apesar da pouca literatura sobre o tema Aparência e Envelhecimento disponível, esta apareceu como uma variável importante na vida dos idosos participantes. Renda, escolaridade e participação social pareceram não influenciar nos significados de aparência.

Considera-se importante a realização de novos estudos, cuja temática Aparência e significados na velhice seja promovida e incentivada, para que esse segmento social possa ser ouvido, valorizado e atendido em suas demandas, perfis, desejos e possibilidades de apresentar-se socialmente. Promover o atendimento de necessidades de apresentação pessoal pode proporcionar o engajamento, a autoestima, autonomia, independência e, no limite, fomentar uma estética da velhice mais ampla e diversificada na atualidade.

Referências

- Aguiar, A., Camargo, B.V., & Bousfield, A. B. S. (2018). Envelhecimento e prática de rejuvenescimento: Estudo de representações sociais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(3), 494-506. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v38n3/1982-3703-pcp-38-3-0494.pdf>.
- Almeida, T., & Lourenço, M. L. (2009). Reflexões: conceitos, estereótipos e mitos acerca da velhice. *RBCEH*, 6(2), 233-244. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: DOI: <https://doi.org/10.5335/rbceh.2012.171>.
- Araujo, D. C. (2019). A revolução grisalha: mulheres (re)semantizando signos do envelhecimento. *Revista Dobras*, 12(25), 130-143. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/857>.

- Arginon, I. I. L., Pizzinato, A., Ecker, D. D., Lindern, D., & Torres, S. (2011). Velhice e Identidade: Significações de Mulheres Idosas. *Revista Kairós-Gerontologia*, 14(4), 79-99. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/10052/7481>.
- Audino, M. C. F., & Schmitz, A. (2012). Cirurgia plástica e envelhecimento. *RBCEH*, 9(1), 21-26. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <file:///C:/Users/Dados/Downloads/2789-Texto%20do%20artigo-12101-1-10-20131009.pdf>.
- Belchior, C. G., & Santana, C. S. (2013). A velhice nas telas do cinema: um olhar sobre a mudança dos papéis ocupacionais dos idosos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 16(1), 93-116. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/20343/15100>.
- Campos, P. C. (2012). Ecologia Humana. O papel da Comunicação na qualidade de vida da pessoa idosa: Considerações sobre o Corpo e Mente na Terceira Idade. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(3), 193-208. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/13115/9643>.
- Castro, A., Antunes, L., Brito, A. M. M., & Camargo, B. V. (2016). Representações sociais do envelhecimento e do rejuvenescimento para mulheres que adotam práticas de rejuvenescimento. *Revista Psico*, 47(4), 319-330. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <file:///C:/Users/Dados/Downloads/22495-107099-1-PB.pdf>.
- Costa, D. G. S., & Soares, N. (2016). Envelhecimento e Velhices: heterogeneidade no tempo do capital. *Serviço Social e Realidade*, 25(2), 57-68. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://ojs.franca.unesp.br/index.php/SSR/article/view/2519>.
- Dantas, J. B. (2011). Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 11(3), 898-912. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812011000300010.
- Felix, L. B., & Santos, M. F. S. (2011). A velhice na mídia escrita: um estudo em representações sociais. *RBCEH*, 8(3), 363-374. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <file:///C:/Users/Dados/Downloads/1541-Texto%20do%20artigo-10921-1-10-20130326.pdf>.
- Ferreira, M. G., Bianchi, M., Menegócio, A. M., & Zago, G. M. (2014). Desconstruindo a imagem do idoso nos meios midiáticos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 17(4), 211-223. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/23868/17127>.
- Fin, T. C., Portella, M. R., Scortegagna, S. A., & Frighetto, J. (2015). Estética e expectativas sociais: o posicionamento da mulher idosa sobre os recursos estéticos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 18(4), 133-149. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/27683/19510>.
- Fin, T. C., Portella, M. R., & Scortegagna, S. A. (2017). Velhice e beleza corporal das idosas: conversa entre mulheres. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 20(1), 77-87. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562017020.150096>.

Freitas, A. M. S. M., Moura, P. V., Silva, E. A. P. C., Cartaxo, H. G. O., Silva, P. P. C., Caminha, I. O., & Smethurst, W. S. (2012). Identidade do Idoso: Representações no Discurso do corpo que envelhece. *Revista Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*, 17(1), 19-35. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/20778>.

Freitas, M. C., Queiroz, T. A., & Sousa, J. A. V. (2010). O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos. *Revista Brasileira de Enfermagem da USP*, 44(2), 407-412. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342010000200024>.

Frois, E., Moreira, J., & Stengel, M. (2011). Mídias e a imagem corporal na adolescência: o corpo em discussão. *Psicologia em Estudo*, 16(1), 71-77. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n1/a09v16n1.pdf>.

Geertz, C. (2008). *A interpretação das culturas*. (13ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Editora LTC.

Goldenberg, M. (2011). Afinal, o que quer a mulher brasileira? *Psicologia Clínica*, 23(1) 47-64. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-56652011000100004&lng=pt&nrm=iso.

Gonzalez, L. M. B., & Seidl, E. M. F. (2014). Envelhecimento ativo e apoio social entre homens participantes de um Centro de Convivência para Idosos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 17(4), 119-139. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/23650/16953>.

Guerra, A. C. L. C., & Caldas, C. P. (2010). Dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento: a percepção do sujeito idoso. *Revista Ciência e Saúde*, 15(6), 2931-2940. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000600031>.

Leventon, M. (2009). *História do Vestuário*. São Paulo, SP: Publifolha.

Lopes, A. (2000). *Os desafios da Gerontologia no Brasil*. Campinas, SP: Átomo e Alínea.

Lopes, A. F., & Mendonça, E. S. (2016). Ser jovem, ser belo: a juventude sob holofotes na sociedade contemporânea. *Revista Subjetividades*, 16(2), 21-33. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.16.2.20-33>.

Marcelja, K. G. (2012). *A beleza como passaporte intergeracional*. Tese de mestrado em Gerontologia Social. Programa de Pós-Graduação em Gerontologia, PUC- SP.

Neri, A. L. (2014). *Palavras-chave em Gerontologia*. (4ª ed.). Campinas, SP: Alínea.

Plens, J., Accioly, M., Batistoni, S., & Lopes, A. (2012). Envelhecimento, engajamento e aparência: percepções de idosas participantes de um núcleo de convivência de idosos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(N.º Especial 13, Temático “Vulnerabilidade/Envelhecimento e Velhice: Aspectos Biopsicossociais”), 269-289. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/17307/30497>.

Silva, N. P., Cachioni, M., & Lopes, A. (2012). Velhice, imagem e aparência: a experiência de idosos da UNATI EACH/USP. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(N.º Especial 14, Temático “Universidade Aberta à Terceira Idade e Velhice), 235-257. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/15251/11377>.

Silva, G. M., & Caminha, I. O. (2012). Avaliação da imagem corporal de idosos brasileiros: uma revisão sistemática. *Revista Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*, 17(2), 233-249. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/24287>.

Tavares, O., & Silveira, V. (2014). Experiências de envelhecimento no ambiente de praia. *Revista Kairós-Gerontologia*, 17(3), 271-284. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/22302/16255>.

Yokomizo, P., & Lopes, A. (2018). As mídias como agentes de educação informal no envelhecimento: pistas para investigação. *Revista Mídia e Cotidiano*, 12(3), 293-311. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/13342>.

Aparecida Costa da Silva – Graduação em Gerontologia e colaboradora do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS), ambos da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP), Brasil.

E-mail: cida.danca@gmail.com

Patrícia Yokomizo – Graduação em Têxtil e Moda. Mestre em Gerontologia, fundadora e membro do grupo EAPS, todos da EACH/USP, Brasil.

E-mail: pati@usp.br

Andrea Lopes – Antropóloga, docente da Pós-Graduação em Gerontologia e das Graduações em Gerontologia e Têxtil e Moda. Fundadora e coordenadora do grupo EAPS. Todos da EACH/USP, Brasil. Orientadora da pesquisa.

E-mail: andrealopes@usp.br

Aparência, vestuário e modo de vestir: pistas para a investigação da velhice*

*Appearance, clothing, and dressing:
clues to investigate the old age*

*Apariència, vestuario y modo de vestir:
pistas para investigar la vejez*

Mariana de Oliveira
Patrícia Yokomizo
Andrea Lopes

RESUMO: O vestuário pode ser entendido como uma forma de comunicação e constituição da identidade de gênero ao longo do envelhecimento. A pesquisa buscou caracterizar a relação que as mulheres estabelecem com o vestuário na velhice. Utilização do método etnográfico na familiarização com campo e posterior aplicação de questionário misto. As participantes foram idosas frequentadoras da oficina de teatro da UATI EACH/USP, Brasil. O vestuário foi visto como importante para a composição da aparência na velhice. Constataram-se mudanças nas escolhas de vestuário, decorrentes, especialmente, da percepção de transformações corporais ocorridas ao longo do envelhecimento. A criação de novas estratégias no modo de se vestir nesse período da vida esteve ancorada na tensão entre negação da velhice e adequação etária. Os dados apontaram forte desejo de consumo, principalmente por peças que atendessem a demandas ergonômicas e estéticas, trazendo conforto. Salienta-se a relevância da aparência, sobretudo o vestuário, para a compreensão de aspectos socioculturais da velhice feminina.

Palavras-chave: Aparência; Vestuário; Mulher idosa.

* Pesquisa financiada pelo Programa Unificado de Bolsas (PUB) da Universidade de São Paulo.

ABSTRACT: *Clothing can be understood as a way to communicate and constitute a gender identity throughout the aging. This research aimed to characterize the relationship between women and clothing in old age. It was used an ethnographic method in the familiarization with the field and, subsequently, a mixed questionnaire. The participants were elderly women attending the theater workshop of the University for Seniors, from the School of Arts, Sciences, and Humanities from the University of São Paulo, Brazil. Clothing was seen as important for the composition of personal appearance in female old age. It was observed changes in the choices of clothing due to aging, especially the body aging. New strategies for dressing in old age were based on the tension between the denial of old age and the age adequacy. Data indicated a strong desire for consumption, especially for garments that meet ergonomic and aesthetic demands that bring comfort. It is emphasized the relevance of appearance, especially clothing, in the understanding of sociocultural aspects of female old age.*

Keywords: *Appearance; Clothing; Old woman.*

RESUMEN: *El vestuario es una manera de comunicarse y de constituir la identidad de género a lo largo del envejecimiento. En este artículo se presenta un estudio acerca de la relación que mujeres mayores establecen con su ropa. Se utilizó el método etnográfico en la familiarización con el campo y en la aplicación de un cuestionario mixto. Las participantes eran mujeres mayores que participaban de un taller de teatro de la Universidad para Mayores (UATI), de la Escuela de Artes, Ciencias y Humanidades de la Universidad de São Paulo, Brasil. El vestuario fue considerado importante para la composición de sus apariencias en la vejez. Fueron observados cambios en las prendas elegidas a lo largo de la vida, especialmente en razón del envejecimiento de sus cuerpos. Sus estrategias para vestirse en la vejez estaban relacionadas a una tensión entre la negación de la ancianidad y la adecuación de edad. Los datos apuntaron que a las mujeres investigadas les gustaba comprar ropa y lo hacían principalmente cuando encontraban prendas cómodas y adecuadas no solo a sus cuerpos sino también a su gusto personal. Finalmente, se señala la relevancia de la apariencia para la comprensión de aspectos socioculturales de la vejez femenina.*

Palabras-clave: *Apariencia; Vestuario; Mujeres mayores.*

Introdução

A visibilidade, o reconhecimento e a legitimação do envelhecimento populacional têm ocasionado práticas e discussões nas mais diversas áreas profissionais e acadêmicas sobre o processo de envelhecimento e a velhice (Minayo, 2019). Nesse sentido, o aumento da população idosa na atualidade e o interesse em torno desse segmento vêm evidenciando como a velhice pode representar uma pluralidade de experiências e oportunidades (Costa, & Soares, 2016).

Neri (2014) aponta que a heterogeneidade entre os velhos não só existe, como tende a aumentar durante o processo de envelhecimento, devido à interação e à sobreposição de efeitos, como: situação econômica, educacional, diversidade de estilos e papéis sociais. Ainda que as situações vivenciadas por idosos compartilhem aspectos em comum — como o avanço da idade cronológica e um conjunto de mudanças —, são elaboradas formas de enfrentamento e significados particulares a cada indivíduo, em cada período da vida.

Nesse sentido, a criação histórica dos grupos etários aponta para os diversos tipos de construção e representação da vida em diferentes contextos e períodos. A idade cronológica, como critério organizador da vida social, simboliza mudanças diversas individuais e coletivas ao longo do processo de envelhecimento (Rodriguez, 1994¹ como citado em Stray, *et al.*, 1999; Debert, 2004). Transformações ocorridas na percepção do envelhecimento relacionam-se igualmente com os distintos modos como a velhice é vivenciada na atualidade (Santana, & Belchior, 2013; Pollini, 2014).

Um dos marcadores da heterogeneidade na velhice envolve a identidade de gênero (Korin, 2001² como citado em Rodrigues, Mendes, Silva, & Crespo, 2016), constituída a partir de acordos culturais, que atribuem espaços e papéis sociais distintos (Coutinho, Tomazeti, & Acosta, 2013). Trata-se de uma construção social determinante na organização coletiva, restringindo ou consentindo certos comportamentos, oportunidades e direitos, a depender da identidade do interlocutor, conforme Neri (2014). Para a autora, nota-se entre os idosos uma maior presença de mulheres em relação aos homens, com o aumento inclusive da sua maior presença na vida econômica.

¹ Rodriguez, J. A. (1994). *Envejecimiento y familia*. Madrid, España: Siglo XXI.

² Korin, D. (2001). Novas perspectivas de gênero em saúde. *Adolescência Latinoamericana*, 2(2), 67-79.

A identidade de gênero organiza-se também como marcador social no que tange à construção da aparência, expressando, de diferentes maneiras, a diversidade. Mediante às diferentes formas e modos de apresentação pessoal, Crane (2006) aponta que o vestuário pode exercer função relevante na composição da dinâmica social. Espécie de cultura não verbal, vem a refletir características dos grupos sociais e suas interações.

No entanto, ainda são poucos os estudos nacionais e internacionais envolvendo a temática envelhecimento e aparência, conforme apontam Yokomizo e Lopes (2019). As autoras entendem que a aparência se trata de “[...] um conjunto de aspectos físicos, comportamentais, atitudinais, estéticos e simbólicos construídos e externalizados pelos indivíduos ou grupos, compondo sua apresentação pessoal e coletiva” (p. 239). Também indicam que a construção da aparência resulta das relações socioculturais, estabelecidas ou não, no decorrer do envelhecimento. Na dinâmica dessas relações, a aparência pode indicar o fluxo do exercício de papéis sociais, emoções, compreensões de beleza e modalidades de engajamento social. Por fim, as autoras concluem que a aparência desempenha papel importante na apresentação pública e comunicação de códigos socioculturais.

Conforme Crane (2006), o vestuário é um dos elementos centrais na composição da aparência. Mais do que proteção aos corpos, confere sentido, expressa identidades e também aspirações pessoais ou coletivas. Nesse sentido, a presente investigação buscou levantar pistas sobre a relação entre mulheres idosas e suas vestes. Dessa forma, procurou-se entender como o vestuário, ao longo de suas vidas, vem a refletir seu próprio envelhecimento e concepções de velhice, bem como os modos considerados apropriados de ser mulher e velha na sociedade brasileira.

Método

Estudo exploratório e descritivo. A familiarização com o campo baseou-se nas orientações do método etnográfico, proposto por Geertz (1989), que estimula a incorporação do pesquisador na cultura analisada, para que o mesmo busque estabelecer relações, valorizar os discursos e caracterizar as percepções e acordos sociais. O método implica na inserção do pesquisador na cultura a ser analisada, de forma que possa observar e compreender a teia de relações estabelecidas, a composição dos discursos e acordos sociais. Com isso, busca-se investigar os significados, crenças, hábitos e códigos

presentes na vivência do grupo de interesse (Lopes, 2000). As técnicas etnográficas iniciais utilizadas foram observações livre e participante e conversas informais. Houve uso de um caderno de campo.

Na etapa seguinte foi aplicado questionário misto, composto por 28 questões, sendo 26 fechadas e duas discursivas, organizadas em dois blocos. No primeiro bloco investigaram-se as variáveis: idade, renda mensal, escolaridade, estado civil, filhos e netos, coresidência, aposentadoria e envolvimento regular com atividades remuneradas, sociais, esportivas e familiares. No segundo bloco, questionou-se sobre a importância da aparência, possíveis mudanças e motivos. O foco foi o vestuário.

A pesquisa foi realizada nas duas turmas do segundo semestre de 2017 da oficina de teatro da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP). As UATIs são espaços de educação não-formal que visam, além do aprendizado, a experiências de socialização e lazer (Cachioni, 2012).

No total, a oficina envolvia no período investigado 40 idosos, a maioria mulheres. Obteve-se a participação voluntária na pesquisa de 33 mulheres idosas (82,5%). O perfil do grupo investigado foi de 70% de mulheres com idades entre 60 e 69 anos; seguido de 24% entre 70 e 79 anos. Por fim, 6% das entrevistadas tinham mais de 80 anos.

A maioria (48%) relatou renda mensal entre um e três salários mínimos; seguido de 27%, que indicou receber acima de três salários mínimos. Vinte um por cento recebia até um salário mínimo. Alguns participantes não declararam a renda. Com relação à escolaridade, foram identificados três subgrupos, sendo um formado pelos que relataram ter realizado até o ensino fundamental completo (18%); outro, pelos que concluíram o ensino médio (39,5%); e, finalmente, os que detinham de 42,5% ensino superior.

Sobre o estado civil, 79% relataram experiência conjugal, mesmo que na condição de casadas, viúvas ou divorciadas. Apenas sete (21%) idosas sinalizaram ser solteiras. A maioria das participantes possuía filhos (76%); e oito delas não (24%). Nesse sentido, 54,5% (18) não possuíam netos; enquanto 45,5% indicaram ser avós.

A maioria das participantes, correspondendo a 22 pessoas (67%), morava com suas famílias e/ou o cônjuge; sendo que 33% (11) relataram morar sozinhas. No total, 94% (31) das mulheres eram aposentadas; e, destas, 76% (25) não exercia atividade remunerada. Quando questionadas sobre a quantidade e o tipo de atividades que realizavam semanalmente, 88% (29) indicaram realizar mais de três atividades,

destacando-se, em primeiro lugar, atividades educativas. Em segundo e terceiro lugares, respectivamente, atividades físicas e religiosas. Os envolvimento, familiar e cultural, foram menos expressivos, e a atividade voluntária foi pouco indicada.

Por fim, sete idosas voluntariamente se dispuseram a participar de entrevista em profundidade, que partiu da discussão do acervo pessoal, envolvendo fotos e peças do vestuário. O ponto de saturação foi alcançado.

Resultados e Discussão

Os dados coletados apontaram que a maioria das idosas consideravam o vestuário importante para a construção da aparência na velhice (76%). Essa afirmação corrobora os resultados de outras pesquisas em que mulheres revelaram ter preocupação e dedicação com a própria aparência, que pode ser construída não apenas pelo uso das roupas, mas também de cosméticos, manutenção de hábitos saudáveis, autoestima e comportamento (Plens, Domingues, Batistoni, & Lopes, 2012; Witczak, Zamberlan, & Sparemberger, 2013; Marinho, & Reis, 2016). No entanto, apesar de serem vastas as maneiras e os elementos para a construção da aparência, esta ainda tem a roupa como instrumento essencial para sua composição (Queiroz, & Lopes, 2015; Petenussi, 2016; Prodanov, & Reinke, 2016), alavancando a indústria do vestuário e configurando artigo de grande interesse entre a maioria das sociedades (Rocha, 2013).

Araújo e Leoratto (2013) defendem o papel comunicador que a roupa tem e sua interação com o corpo ao ressignificá-lo. Observou-se, na pesquisa entre as idosas investigadas, que a apresentação que faziam de suas colegas envolvia citar suas peculiaridades através da forma como se vestiam (Seferin, & Linden, 2014). Vestir-se, segundo Sahlins (2003³ como citado em Petenussi, 2016), permite-nos interagir socialmente e expressar a própria identidade e o senso de pertencimento local (Silva, 2013). Este ato, que é repleto de significados e intenções, conscientes e inconscientes (Fischer-Mirkin⁴, 2001, como citado em Araújo, & Leoratto, 2013), revela um dos modos pelo qual o indivíduo se comunica em sociedade. Observou-se que, para algumas idosas, participar das atividades da universidade tornou o vestir-se mais dinâmico e complexo, frente às experiências anteriores, mais restritas à esfera familiar.

³ Sahlins, M. (2003). *La pensée bourgeoise. Cultura e razão prática*, Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 166-203.

⁴ Fischer-Mirkin, T. (2001). *O código do vestir: os significados ocultos da roupa feminina*. Rio de Janeiro, RJ: Rocco.

O conforto foi indicado como o aspecto mais esperado na escolha do vestuário. Vianna e Quaresma (2015) comentam a importância desse quesito na produção de roupas para idosos. Apontam que, na fabricação de uma peça, a modelagem, o tecido e a ergonomia têm a mesma importância. O mesmo dado foi encontrado na pesquisa com as idosas da UATI, quando apontaram que, para além do conforto, prezavam pela “modelagem”, o tipo de “tecido”, o “ato ergonômico” e a “praticidade”. As autoras ainda indicam que os detalhes técnicos na produção do vestuário na atualidade são insuficientes para produzir uma roupa com qualidade que atenda às demandas, necessidades e aspirações dos idosos (Vianna, & Quaresma, 2015). Nesse contexto, uma das participantes da pesquisa apontou:

“É difícil encontrar roupa bonita para o idoso, porque são quase todas iguais: não gosto das calças com elástico, das blusas moles, das estampas e dos modelos. Acho que mesmo idosas podemos usar roupas bonitas.”

A partir das dificuldades observadas na pesquisa, questiona-se quão tem sido ouvidas as mulheres idosas, no que tange a suas expectativas e desejos relacionados à composição da aparência. Fischer, Vicker e Teixeira (2009), inspirados nas predileções de idosas inscritas em uma faculdade sênior brasileira quanto ao vestuário, se propuseram a planejar uma coleção de roupas. A partir da experiência, apontaram que é possível elaborar produtos que trabalhem a ergonomia juntamente à estética, compreendendo que a última se estabelece de acordo com diversos fatores culturais, escolhas e desejos individuais. Possivelmente, mediante esse trabalho, pode-se pensar que pouco se oferta porque poucos se dispõem a saber sobre os perfis e demandas desse segmento idoso.

Sobre as mudanças na construção da aparência, 79% das entrevistadas alteraram a forma de se vestir na velhice. Dentre os motivos que as fizeram mudar, destacam-se o senso de adequação etária e as mudanças corporais, que observaram com o avanço do processo de envelhecimento e o aumento do peso. Segundo elas, vinha sendo necessário se policiar quanto à construção da aparência, para não desagradar nem chamar a atenção alheia. Nesse sentido, a expressão “senso de ridículo” foi relatada por diversas idosas. Slongo, Albrecht, Lavouras, Esteves e Barcelos (2009) analisaram a relação de mulheres velhas com a moda, e observaram que as participantes também realizavam suas escolhas ancoradas no receio de parecerem inapropriadas para a idade. Sinalizaram, com essa noção, sentir medo de não serem aceitas socialmente.

Na presente pesquisa, algumas participantes relataram preferir a discrição e a simplicidade nas roupas, com o intuito de não chamar a atenção, vestindo-se da forma que consideravam adequada para a idade. O seguinte relato ilustra o que consideravam senso de adequação etária: *“Pra moça, tudo fica bonito. Agora uma mulher mais velha precisa saber se vestir, senão fica ridícula”*.

Araújo e Barbosa (2016), em estudo com mulheres de idades entre 45 e 64 anos, apontam que tal associação pode não ser comum apenas entre idosas, mas também entre mulheres de meia-idade. O grupo investigado relatou que a idade cronológica era determinante para a construção da aparência, em virtude das alterações do corpo durante o envelhecimento, que, segundo elas, trouxeram a necessidade de mudar a forma de se apresentar socialmente.

O ato de vestir um corpo em constante mudança mostra que este não se trata apenas de um suporte para roupas, mas traz consigo uma série de significados marcados pela cultura, gênero, idade, entre outros fatores (Araújo, & Leoratto, 2013). O próximo relato traduz a relação entre o senso de adequação etária e as mudanças corporais:

“Uma senhora vai comprar roupa de mocinha? Aí não dá, né? Não saio com as pernas de fora, de jeito nenhum! Por causa das varizes. Hoje peso 75 kilos, fica difícil encontrar roupas para as mais gordinhas.”

Segundo Del Priore (2000⁵, como citado em Araújo, & Leoratto, 2013), na pós-modernidade, o corpo se torna objeto para mostrar a moda e não o contrário. Dessa forma, no cotidiano, são apresentadas diversas regras sobre como o corpo deve estar fisicamente cuidado para veicular determinadas noções de saúde e moda (Tonarque, 2012⁶, como citado em Queiroz, & Lopes, 2015). Nesse cenário, o corpo feminino vem a sofrer as mais variadas influências do meio social, tendo em vista os padrões de beleza de uma determinada época. Uma participante compartilhou que: *“A gente fica com o corpo esquisito. As roupas não ficam bem por causa da barriga e da postura diferente”*.

De uma forma geral, os relatos indicaram que as entrevistadas realizaram mudanças nos estilos de peça, modelagem, comprimento e numeração. Passaram a usar

⁵ Del Priore, M. (2000). *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo, SP: Senac.

⁶ Tonarque, S. A. (2012). *Velhice e moda: incursões históricas e realidade atual*. Dissertação de mestrado em Gerontologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

peças mais largas, de corte reto, com mangas, sem decotes e de tamanhos maiores, com o objetivo de esconder o corpo que consideravam ter engordado e/ou envelhecido. Seferin e Linden (2014) apontam que, entre as mulheres, os investimentos na aparência são significativos e estão presentes na dinâmica de como elas observam e são observadas, visando a uma busca, por vezes, contraditória e complexa de integração e singularização. Coutinho, Tomazeti e Acosta (2013, p. 232) apontam que a construção social do corpo, como um elemento que compõe a aparência, reforça a heterogeneidade na vida social:

Temos a visível noção de que o corpo é social e culturalmente constituído. Com isso, ao analisar a representação social do corpo, conclui-se que há várias estruturas sociais, em que cada uma atribui ao corpo humano um sentido particular e este pode não ser o mesmo para as diferentes sociedades que carregam culturas diferentes.

Foi possível notar nos relatos que, para além do corpo envelhecido, ser gorda também gerava impacto na aparência, como relatado a seguir:

“Olha, eu cuido muito do corpo, né? [...] porque eu não admito que eu tenha, no caso, gordura excessiva, não só pela aparência, também pela saúde, né?”

Notou-se que a questão do peso é primordialmente relatada como empecilho à boa aparência, para depois ser relacionada à saúde. Todas as entrevistadas encontraram dificuldades em apontar satisfação com a aparência de seus corpos e expressaram um incômodo diante das alterações corporais ocorridas, como o aumento de peso e mudanças adjuntas ao processo de envelhecimento. Bitencourt (2015) defende que essa insatisfação com o corpo tende a aumentar ao passar dos anos, quando comparado ao modelo de beleza único do corpo magro e jovem. No caso, tal descontentamento se dava, ainda, pelo entendimento de que o corpo envelhecido e mais gordo ou flácido impossibilita o uso ou bom caimento de peças e estilos almejados pelas participantes.

Sobre o corpo na velhice, sabe-se que podem ocorrer alterações que afetam a sua estrutura corpórea, como a curvatura da coluna e as mudanças nos tecidos gordurosos do corpo (Menezes, & Marucci, 2005). Diante das mudanças da aparência corpórea na velhice, as mulheres investigadas relataram algumas mudanças na pele, adquiridas com o processo de envelhecimento e que geraram incômodo, como no caso seguinte:

“Ah, dá uma olhada aí. É um monte de pintas aí em cima. Essas pintinhas começaram agora por causa da idade. A dermatologista falou que é típica da pele negra. Quando vai ficando com mais idade, elas vão surgindo. Antes, as costas era limpinha. E elas não saem, viu?”

Entre a maioria das participantes, alterações como essas provocaram mudanças na composição de suas aparências. No caso acima, a estratégia da idosa foi começar a usar somente roupas com manga. Viu-se nos relatos a concepção de que o corpo envelhecido dificultava a composição de uma aparência considerada agradável e que, por isso, precisava ser coberto ou disfarçado.

Assim, de modo geral, as idosas relataram que a aparência era importante em suas vidas. A princípio, informaram estar satisfeitas com sua apresentação pessoal. Porém, ao longo das entrevistas, fizeram ressalvas sobre o que as incomodava em seus corpos e expuseram os desafios de construir a aparência nesse período da vida, de modo especial no que tange à oferta e escolhas de vestuário.

Em complemento, os cuidados com a aparência, mesmo que mínimos, foram percebidos como uma tarefa *sine qua non*: *“Eu sou básica, mas eu acho que a gente tem que manter a aparência no sentido de higiene, né?”*. Nesse contexto, o desempenho da condição de gênero da mulher idosa na construção da aparência relaciona-se com as impressões que ela procura transmitir ou negociar em sociedade. A busca pela convivência pode operar através da *performance* das semelhanças e a garantia de uma identidade valorada mediante o coletivo (Moura, & Souza, 2012).

Coutinho, Tomazeti e Acosta (2013) explicam que, no que tange ao corpo, este pode carregar valores, positivos ou negativos, mediante às vivências apreendidas e reforçadas na vida social. Dessa forma, a devoção ao corpo perfeito, que imprime o ideal de beleza externado no corpo jovem e magro, leva as pessoas à desvalorização de suas características e belezas particulares. Tal qual a velhice, os relatos de insatisfação associados ao peso foram culturalmente absorvidos e expressados pelas participantes, que acreditavam em um cenário de possibilidades para o corpo magro e restrições para o corpo gordo, principalmente em termos de vestuário:

“Eu comprei uma calça [...] e ficou ridícula em mim. Eu tirei. Não caiu bem. Eu acho que gordo se veste do jeito que dá prá se vestir, ele só

não fica bonito, né? [...] o magro, o corpo dele fica melhor a roupa. Toda roupa cai bem.”

O estereótipo do corpo magro como bonito e o gordo como feio certamente influenciou na ausência de questionamentos sobre a como as roupas poderiam melhorar em modelagem e tamanho para atender bem aos variados corpos e realçar suas belezas. Entre a maioria das entrevistadas, foi presente a concepção de que é preciso se adaptar à roupa, e não o contrário, buscando-se, assim, estratégias de disfarce. No entanto, a preocupação em cobrir o corpo não excluiu a atenção que essas mulheres tinham com o *design* das roupas que procuravam usar, de forma que mencionaram a escassez de estilos e propostas atraentes a públicos que não magros ou jovens, conforme o exemplo a seguir:

“As roupas confeccionadas para as pessoas que estão acima do peso são sempre muito feias, malfeitas e muito acima do preço. Contando também que é difícil encontrar e quando encontramos somos obrigadas a comprar, porque não temos outras opções. Esse quadro precisa ser mudado!”

Prodanov e Reinke (2016) comentam que os roupas desenvolvidas para idosas costumam apresentar um aspecto clássico, de desenvolvimento direcionado ao conforto, desconsiderando a estética. Os autores ainda defendem que, com as mudanças biológicas e psicossociais que a velhice envolve, as opções de roupas voltadas às mulheres velhas se tornam mais limitadas, fazendo com que muitas mudem seu modo de se vestir e estilo de forma pouco satisfatória.

O seguinte relato de uma das participantes diz respeito à produção atual de moda para idosas, na sua percepção: *“Parece que pra pessoas que já chegaram à meia-idade, os fabricantes só fazem roupas feias, sem cortes significativos e sem expressão e cores muito ruins. Por isso, é difícil de comprar”*.

Por outro lado, dentre as idosas mais jovens do teatro, com idades entre 60 e 69 anos, que relataram não ter realizado mudanças na forma de se vestir na velhice (21%), o motivo foi porque não se percebiam velhas, expressando: *“me sinto jovem”* e *“não me sinto velha para isso (mudar)”*. A noção de mudança parece associada apenas com perdas, que os outros, os mais velhos, devem administrar. Nessa direção, o vestuário passa a ser considerado uma estratégia e marcador da diferença intergeracional, inclusive dentro do próprio grupo. Durante todo o processo de envelhecimento torna-se necessário compensar

perdas e vivenciar desafios mediante às mudanças sociais, físicas, mentais e ambientais (Voelcker, 2017). Da mesma forma, é importante que se reconheça igualmente ganhos, a fim de mantê-los e reafirmá-los. Na dinâmica entre perdas e ganhos, a diversidade promove a organização de diferentes estratégias com que cada indivíduo percebe, sente e relaciona-se com a própria existência.

Marcelja (2012) indica que essa geração mais jovem de idosos foi pioneira na criação da cultura da juventude, nos idos pós-segunda guerra mundial. Compreende-se que muitas dessas mulheres amadureceram e viveram em uma cultura de consumo inspirada na valorização da juventude. Isso pode fomentar a concepção e desejo de se manter jovem e incluída nessa condição, ainda mais valorizada socialmente na atualidade. No entanto, os padrões de aparência juvenil difundidos por diversos agentes sociais podem despertar comportamentos negativos sobre a forma como as diferentes mulheres idosas veem a si próprias, a regulação de suas emoções e seus processos de escolha (Plens, Domingues, Batistoni, & Lopes, 2012). Também são capazes de influenciar a forma como compreendem o processo de envelhecimento, podendo gerar restrições e repreensões sobre o comportamento e apresentação social de si mesmas e dos outros. É importante que se reflita sobre a integração e exclusão social que a aparência pode empreender, bem como seu valor se constrói e desconstrói ao longo do tempo, envolvendo os indivíduos e grupos sociais.

Outro relato unânime entre as idosas foi a dificuldade na construção da aparência com relação à idade que tinham. Elas demonstraram contradição entre o que acreditavam que deviam apresentar na velhice e a forma como gostariam de aparentar juventude, afastando-se, assim, do reconhecimento como velha:

“Tomo cuidado pra não usar coisa que não condiz com a minha idade. Tenho uma relação muito boa com a minha maneira de me vestir porque apesar de eu ter 67 anos, eu não consigo usar roupa de vovó.”

Esses e outros relatos das participantes demonstraram uma possível crise de identidade em relação à velhice. Tal conflito é exemplificado pelo conceito de inadequação etária. A crença de que a juventude é um estado de espírito, que pode ser alcançado e mantido com o passar do tempo, transformou essa noção em uma solução para a negação da velhice (Marcelja, 2012). O fato de as entrevistadas apontarem condições e implicações negativas sobre o que consideravam velho possibilitou perceber

que não se identificavam como tal. A palavra velhice, ainda usada de modo pejorativo, declarava uma concepção de decadência e fragilidade que não era atraente ou representativo às idosas.

As participantes indicaram a consciência que tinham sobre as expectativas sociais na aparência da própria idade e o que consideravam correto aparentar neste momento da vida: *“Hoje eu jamais sairia com um top de barriga de fora, uma minissaia, mas eu procuro estar elegante e jovem dentro da minha idade”*.

As crenças compartilhadas socialmente levam os indivíduos a considerar a velhice como um período de incapacidades, ausência de possibilidades e sinônimo de fealdade (Sánchez, 2013). Assim, a identidade dos idosos vem a ser construída pela contraposição da identidade dos jovens, opondo qualidades que parecem pertencer apenas a eles, como atividade, força, potência e beleza. No imaginário social é presente o conceito de que os jovens são atualizados e sabem reconhecer o que é moderno. E que o velho, em oposição, é lembrado como sujeito que vive do passado e pouco entende de tecnologia ou moda. Crane (2006) defende que até mesmo as roupas usadas pelos jovens, criadas e inspiradas em seu estilo, são frequentemente trocadas por outra versão mais nova, rapidamente, ao passo que os modelos anteriores são difundidos e usados entre grupos mais velhos.

Nesse espaço de valorização do novo e da juventude, o mercado de consumo encontra lugar para criar e estimular um movimento de compra ambicionado pela busca da validação social. Acontece que tentar alcançar um *status* por meio do consumo implica ver o declínio rápido de um produto em detrimento do nascimento de outras necessidades e desejos, na disposição de produtos baratos e descartáveis (Calíope, Paris, & Leocádio, 2017). Diante desse cenário entre algumas idosas, o consumo excessivo e inconsciente, ocasionou um acúmulo de produtos para a aparência:

“Pra você ter ideia eu tenho três guarda roupas. Desfiz de um, só que não tá dando em dois, não dá, e eu saio e volto com a sacolinha. É eu sou meio compulsiva. Sem necessidade eu compro.”

Delboni, Joaquim, Ploner e Cyrino (2013) discutem que é copiosamente propagada, pelas mídias, a ideia de que o consumo garante *status* superior e jovialidade. Além dessa questão, o momento financeiro em que as idosas se encontravam foi relatado como mais favorável do que no passado. Dessa forma, torna-se compreensível que

algumas idosas percam o controle sobre o consumo, baseando-se na crença de alcance da juventude eterna e no conflito sobre a forma de compor a aparência na velhice.

Mesmo relatando frustração e dificuldade de escolher vestuários que agradassem, as participantes relataram que, quando acreditavam não ter uma peça adequada para alguma ocasião, investiam na compra de um novo vestuário (75%), independentemente da renda. O potencial para o consumo aparece também nas pesquisas de Machado, *et al.* (2016) e Bernardo e Pepece (2014). Em ambos os estudos, as idosas revelaram que estavam aptas a consumir em variadas lojas, desde que suas necessidades e desejos fossem satisfeitos. As idosas da oficina investigada apontaram expectativa na mesma direção: *“Eu uso o que gosto, o que me cai bem. Vai desde feirinha da madrugada até Zara ou Morena Rosa [...]. Marca não importa”*. A observação e a legitimação das demandas e interesses de consumo desse segmento podem oportunizar suas escolhas e diversidade de perfis (Petenucci, 2016): *“Ah, eu acredito [...]. Acho que temos que estar é bem! [...] Gostar daquilo que você está apresentando pra estar feliz, pra expressar alegria”*.

Nesse sentido, Cheva e Lugli (2018, p. 36), em pesquisa utilizando o *design* participativo com idosas entre 60 e 80 anos de idade, apontam que o público idoso está aberto a novas experiências e produtos:

[...] percebe-se a falta de um olhar mais sensível, por parte dos designers, sobre o público idoso. É necessária uma maior compreensão sobre o conceito de terceira idade, sobre o envelhecer e suas reais necessidades. O processo (design participativo) gerou resultados significativos, apontando que pequenas doses de informação de moda – por exemplo, tendências, cores mais vivas e detalhes diferenciados – podem ser aceitas por esse público, geralmente estigmatizado como conversador.

Por fim, uma segunda estratégia revelada pelas entrevistadas (60%) no ato de vestir-se foi a busca do auxílio de terceiros, seja no empréstimo de roupas ou no aconselhamento na composição do visual entre familiares e amigos. Assim, o aumento do engajamento, de vínculos sociais, pode servir de suporte, inclusive, na construção da apresentação social (Bernardo, & Pepece, 2014; Queiroz, & Lopes, 2015). Esse foi um dado relatado pelas participantes como transformador da aparência. Para Sánchez e Monchietti (2013), os espaços coletivos indicam o constante encontro entre os indivíduos,

que harmonizam ou desafiam suas personalidades, transformando-as ou reafirmando-as. No relato das idosas, o surgimento de espaços de socialização e a consequente participação em atividades sociais trouxeram novas possibilidades de apresentação da aparência. A seguinte fala expressa a visão sobre essa mudança na atualidade:

“No dia da matrícula (da UATI) veio uma (idoso) mostrando a camiseta do turismo. [...]. Então cê vê que a saída deles (dos idosos), da rotina, da vidinha parada [...] tá ajudando eles a se ornamentar.

Santana e Belchior (2013) defendem que vem se tornando possível para os idosos a realização de diversas atividades fora do âmbito familiar. Nesse sentido, muitas mulheres mais velhas, em particular, conviveram ao longo do envelhecimento em espaços de socialização, cuja construção da aparência e feminilidade eram limitadas pela família. Por conseguinte, os papéis sociais ofertados à mulher estavam arraigados à imagem de que ela deveria estar restrita ao espaço privado do lar (Schemes, Duarte, & Magalhães, 2015), visando a desempenhar determinado tipo de feminilidade:

Sou totalmente feminina, porque a mulher tem que [...] não tem. Ela é, né? [...]. Não sei se é a delicadeza. Eu sou assim, cresci desse jeito com minha mãe falando “quando você está sentada, fecha as perninhas, não deixa o vestido aqui em cima. Puxa ele”. Então, a gente se acostuma.

A naturalização dos papéis sociais e comportamentos femininos incentivou para que estes fossem desempenhados sem questionamentos. No entanto, esse estado de conformidade gera conflitos na própria condição de ser mulher com o passar dos anos (Martins, 2010). A moda, por exemplo, coloca o indivíduo como responsável pela construção da sua aparência, na busca por aprovação dos grupos sociais em que está inserido. Ela exerce um papel importante na construção da identidade de cada sujeito e está suscetível às mudanças e às necessidades de cada época (Ferreira, 2016). Diante dos padrões normalmente atribuídos à aparência feminina dessa geração, o uso de roupas comportadas e sérias costuma definir a identidade adequada da mulher idosa (Prodanov, & Reinke, 2016), como na fala:

“Eu usando (roupas) do jeito que eu uso. Acho que as pessoas olham pra mim e pensam ‘é uma mulher de respeito, né?’. Pela minha idade

eu estou vestindo uma roupa que não chama a atenção. Não estou sendo vulgar.”

O uso de roupas que cubram o corpo foi revelado não somente pelo fato de serem consideradas ideais para a idade, mas também como estratégias de disfarce do corpo que, na concepção das idosas, deve ser mostrado enquanto novo e mascarado, quando velho. Sendo assim, foi relatado o uso de roupas com modelagem menos cinturada, com corte mais reto e que cobrisse mais as regiões das costas, busto e braços. Além do uso de peças com cores mais sóbrias e com tons escuros.

Diversificados elementos e comportamentos foram considerados fundamentais à aparência das idosas, revelando o potencial significativo que essa variável tem para a compreensão do contexto sociocultural e suas mais variadas influências na dinâmica social. A pesquisa também contribuiu para o entendimento dos papéis sociais de gênero, firmados na atualidade e na trajetória de vida das entrevistadas e seu impacto na construção da aparência.

No que tange ao vestuário e modo de vestir, as mudanças no corpo ocasionadas pelo envelhecimento foram alvo frequente de reclamações quanto à composição da aparência. Como estratégias, surgiram a possibilidade de disfarce e abandono de determinadas peças, por considerarem não condizentes com a idade. Também foi relatada a concepção de que o corpo magro é o modelo adequado para a aparência, principalmente por um melhor caimento das roupas, e de que o corpo gordo necessita cautela sobre a apresentação pessoal, visto que não é considerado bonito em relação ao prestígio que o corpo magro recebe. Tais discursos sobre a velhice e estrutura física expressaram a ausência de senso crítico quanto à defasagem na modelagem das roupas, que não têm se adequando aos diferentes corpos.

Por fim, foi compreendido que o mercado, por vezes, se ampara sobre o mito da juventude eterna para influenciar o consumo, sugerindo o alcance e manutenção da juventude através da aquisição de produtos que rapidamente se tornam obsoletos e descartáveis. É nesse cenário de incentivo à fuga da velhice que escolhas, medos e preconceitos são relevados, podendo elevar o *status* do consumo como único meio valorativo, capaz de suprir necessidades e vontades.

Conclusão

Os dados revelaram a importância que as roupas têm na vida das participantes, por desempenharem um papel central na composição da aparência. É importante destacar que o vestuário é um potente objeto de expressão pessoal, reunindo aspectos advindos das relações cotidianas, noções de mundo e acordos estabelecidos em sociedade.

As mudanças advindas do dinâmico processo de envelhecimento, especialmente as corporais, quando não aceitas, representaram uma forma de censura sobre como as idosas deveriam compor a própria aparência. O conceito de beleza, fundamentado na juventude e no corpo magro, revelou a complexidade existente nas relações intergeracionais atuais e sua reverberação na aparência das mulheres entrevistadas. Os obstáculos narrados as impediam de administrar uma vivência mais satisfatória na velhice. O senso de adequação etária era a estratégia que a maioria do grupo organizava perante os desafios do vestir. O potencial de consumo relacionou-se com uma proposta ergonômica satisfatória, ajustada ao conforto, tipo de tecido e modelagem.

Tendo em vista os resultados obtidos, considera-se importante que se investiguem a expressão e a participação da velhice no mercado de consumo de vestuário. Também, que se criem novos meios de propagar o incentivo ao autoconhecimento, além de ofertar distintas possibilidades de apresentação social e percepção da própria aparência na atual idade e corpo. A velhice é heterogênea e, portanto, não contém apenas um só modelo-padrão para ser reproduzido e/ou vivenciado de forma satisfatória.

Nesta pesquisa, tornou-se possível entender a importância que a aparência ocupava na compreensão da velhice e no processo de envelhecimento das mulheres investigadas. Observou-se que a variável aparência pode servir de instrumental gerontológico na atenção à velhice feminina. Assim, aconselha-se que sejam realizados novos estudos sobre a construção da aparência na velhice, investigando outros grupos sociais e seus modos de engajar-se socialmente através da apresentação pessoal. Por fim, sugere-se ainda investir na diversificação dos modos de vestir e compor a aparência, especialmente entre idosos, considerando-se a heterogeneidade dos indivíduos e possibilitando ofertar a todos, e ao longo da vida, roupas mais interessantes, significativas, desejáveis, confortáveis, seguras e representativas de quem são.

Referências

- Araújo, D. C., & Barbosa, G. (2016). Mulheres maduras e moda: apropriações e (re) significações. *Caderno Espaço Feminino*, 29(2), 68-78. Recuperado em 30 novembro, 2018, de: <file:///C:/Users/Dados/AppData/Local/Temp/34942-Texto%20do%20artigo-154534-1-10-20170126.pdf>.
- Araújo, D. C., & Leoratto, D. (2013). Alterações da silhueta feminina: A influência da moda. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 35(3), 717-739. Recuperado em 30 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32892013000300014>.
- Bernardo, P., & Pepece, O. M. C. (2014). Moda para a terceira idade: a roupa adequada para cada ocasião. *Revista Projética*, 5(1), 57-74. Recuperado em 30 novembro, 2018, de: DOI: <http://dx.doi.org/10.5433/2236-2207.2014v5n1p57>.
- Bitencourt, S. M. (2015). Gênero e envelhecimento: reflexões sobre o corpo que envelheceu. *Revista Kairós-Gerontologia*, 18(2), 443-458. Recuperado em 30 novembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/28476/20000>.
- Cachioni, M. (2012). Universidades Abertas à Terceira Idade como contextos de convivência e aprendizagem: implicações para o bem-estar subjetivo e o bem-estar psicológico. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(7), 23-32. Recuperado em 30 novembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/15227/11356>.
- Cheva, A. F., & Lugli, D. M. (2018). Desenvolvimento de produtos de moda para o público da terceira idade a partir de ferramentas do *design* participativo. *Revista Projética*, 9(1), 25-38. Recuperado em 30 novembro, 2018, de: DOI: 10.5433/2236-2207.2018v9n1p25.
- Calíope, T. S., Paris, I. E., & Leocádio, A. L. (2017). Comportamento de consumo de moda: motivações e atributos no descarte de roupas usadas. *E&G Economia e Gestão*, 17(47), 44-64. Recuperado em 30 novembro, 2018, de: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/economiaegestao/article/view/P.1984-6606.2017v17n47p44>.
- Costa, D. G. S., & Soares, N. (2016). Envelhecimento e velhices: heterogeneidade no tempo do capital. *Revista Serviço Social e Realidade*, 25(2), 57-68. Recuperado em 30 novembro, 2018, de: <https://ojs.franca.unesp.br/index.php/SSR/article/view/2519>.
- Crane, D. (2006). *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidades das roupas*. São Paulo, SP: Senac.
- Coutinho, R. X., Tomazeti, R. V., & Acosta, M. A. F. (2013). Representação de corpo na velhice: o corpo real *versus* o corpo social. *Revista Kairós-Gerontologia*, 16(4), 215-236. Recuperado em 30 novembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/19665/14537>.
- Debert, G. G. (2004). *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo.
- Delboni, B. S., Joaquim, S. B., Ploner, S. K., & Cyrino, L. A. R. (2013). Gerascofobia - o medo de envelhecer na contemporaneidade. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 10(2), 203-214. Recuperado em 30 novembro, 2018, de: <http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/3320>.

Ferreira, N. F. (2016). *O ornamento como reflexo de seu tempo: percurso através da história*. Dissertação de mestrado, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo (SP): Biblioteca Digital USP.

Fischer, M., Victor, C. G., & Teixeira, C. (2009). *Moda para terceira idade: concebendo uma coleção a partir do estudo de caso em uma Faculdade Sênior*. (Trabalho de Conclusão de Curso não publicado). Faculdade de Arte e Design. Divinópolis, Minas Gerais.

Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, RJ: LTC.

Lopes, A. (2000). *Os desafios da Gerontologia no Brasil*. Campinas, SP: Alínea.

Machado, A. H., Casarin, V. A., Miranda, R. L., Franco, M. B., Santos, A. V., & Wbatuba, B. B. R. (2016). O comportamento de consumo de vestuário de um grupo de terceira idade: estudo de caso em um município do Estado do Rio Grande do Sul. *Revista Espacios*, 37(5), 19-31. Recuperado em 30 novembro, 2018, de: <https://www.revistaespacios.com/a16v37n05/16370519.html>.

Marcelja, K. G. (2012). *A beleza como passaporte intergeracional*. Dissertação de mestrado em Gerontologia Social. São Paulo, SP: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Recuperado em 30 novembro, 2018, de: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12405>.

Marinho, M. S., & Reis, L. A. (2016). Velhice e aparência: a percepção da identidade de idosas longevas. *Revista Kairós-Gerontologia*, 19(1), 145-160. Recuperado em 30 novembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/29479>.

Menezes, T. N., & Marucci, M. F. N. (2005). Antropometria de idosos residentes em instituições geriátricas. *Revista Saúde Pública*, 39(2), 169-175. Recuperado em 30 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102005000200005>.

Minayo, M. C. S. (2019). O imperativo de cuidar da pessoa idosa dependente. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*, 24(1), 247-252. Recuperado em 30 novembro, 2018, de: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018241.29912018>.

Martins, E. S. (2010). Os papéis sociais na formação do cenário social e da identidade. *Revista Kínesis*, 2(4), 40-52. Recuperado em 30 novembro, 2018, de: <http://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/4905>.

Moura, G. A., & Souza, L. K. (2012). Autoimagem, socialização, tempo livre e lazer: quatro desafios à velhice. *Revista Textos & Contextos*, 11(1), 172-183. Recuperado em 30 novembro, 2018, de: [file:///C:/Users/Dados/Downloads/9492-43409-2-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Dados/Downloads/9492-43409-2-PB%20(2).pdf).

Neri, A. L. (2014). *Palavras-chave em Gerontologia*. Campinas, SP: Átomo e Alínea.

Petenussi, F. R. (2016). Repensando a relação consumo, corpo e aparência. Córdoba, Argentina: *Astrolabio Nueva Época*, 16, 147-166. Recuperado em 30 novembro, 2018, de: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/astrolabio/article/view/14279>.

Plens, J., Accioly, M., Batistoni, S., & Lopes, A. (2012). Envelhecimento, engajamento e aparência: percepções de idosas participantes de um núcleo de convivência de idosos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(N.º Especial 13, Temático “Vulnerabilidade/Envelhecimento e Velhice: Aspectos Biopsicossociais”), 269-289. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/17307/30497>.

- Pollini, D. (2014). O envelhecimento e a moda: tecendo reflexões. *Mais 60 - Estudos Sobre Envelhecimento*, 25(61), 8-25. Recuperado em 30 novembro, 2018, de: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/8894_o+envelhecimento+e+a+moda+tecendo+r+eflexoes.
- Prodanov, L. S., & Reinke, C. (2016). A mulher madura e o consumo de moda no Brasil, *Revista Prâksis*, 13(1), 121-137. Recuperado em 30 novembro, 2018, de: <file:///C:/Users/Dados/AppData/Local/Temp/439-1103-1-PB.pdf>.
- Queiroz, L. N., & Lopes, R. G. C. (2015). *Moda exclusiva*. São Paulo, SP: *Revista Portal de Divulgação*, 46, 78-82.
- Rocha, M. A. V. (2013). O modelo CEVI para o design de moda-vestuário: corpo, estilo de vida e identidade. *Moda Palavra*, 6(12), 80-92. Recuperado em 30 novembro, 2018, de: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/3476/6850>.
- Rodrigues, R., Mendes, I., Silva, C., & Crespo, S. (2016). Recursos sociais e económicos nas pessoas muito idosas: diferenças de género. *Revista Kairós-Gerontologia*, 19(4), 09-28. Recuperado em 30 novembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/31357/21893>.
- Santana, C. S., & Belchior, C. G. (2013). A velhice nas telas do cinema: um olhar sobre a mudança dos papéis ocupacionais dos idosos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 16(1), 93-116. Recuperado em 30 novembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/20343/15100>.
- Sánchez, M. L., & Monchietti, A. (2013). Envejecer y parecer joven: obstáculos y consecuencias. *Revista Kairós Gerontologia*, 16(2), 09-19. Recuperado em 30 novembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/19777>.
- Schemes, C., Duarte, P. H. S., & Magalhães, M. L. (2015). Anseios e desejos: mulher madura e a moda como construção social. *Revista Prâksis*, 12(2), 146-158. Recuperado em 30 novembro, 2018, de: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraksis/article/viewFile/401/1627>.
- Seferin, M. T., & Linden, J. C. S. V. D. (2014). Você é o que você veste: relações simbólicas entre produtos de moda e identidades. *Blucher Design Proceedings*, 1(4), 1-9. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: DOI: 10.5151/designpro-ped-00862.
- Silva, E. K. R. (2013). Moda, informação e cultura. *Revista IARA*, 6(1), 66-89. Recuperado em 30 novembro, 2018, de: http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2015/01/05_IARA_vol6_n1_Artigo.pdf.
- Slongo, L. A., Albrecht, C. F., Lavouras, D. F., Esteves, P., & Barcelos, R. H. (2009). Moda para a consumidora da terceira idade. *Anais do XXXIII EnANPAD*, 33, 1-16.
- Stray, M. N., Mattos, F. M. B., Medeiros, P. F., Cardoso, L. W., Mello, D. C., Stefani, M., & Torres, S. B. (1999). Velhice e casamento, vivências e visões. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 2, 23-34. Recuperado em 30 novembro, 2018, de: <file:///C:/Users/Dados/AppData/Local/Temp/5472-17402-1-PB.pdf>.
- Vianna, C., & Quaresma, M. (2015). Ergonomia: conforto têxtil no vestuário do idoso. *Anais do 15º Ergodesign & Usihc, Blucher Design Proceedings*, 2(1), 1662-1670. Recuperado em 30 novembro, 2018, de: <http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/15ergodesign/231-E144.pdf>.

Voelcker, I. (2006). Conseguir superar e tirar forças das entranhas do teu ser: Resiliência e Gerontologia. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 20(5), 605-606. Recuperado em 30 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562017020.170148>.

Witczak, P. E., Zamberlan, L., & Sparemberger, A. (2013). A beleza feminina e o envelhecer: O comportamento de idosas no consumo de produtos e o significado do belo. XXXIII Encontro Nacional de Engenharia de Produção, 1-16. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <file:///C:/Users/Dados/AppData/Local/Temp/2051-Texto%20do%20artigo-8306-1-10-20130812.pdf>.

Yokomizo, P., & Lopes, A. (2019). Aparência: uma revisão bibliográfica e proposta conceitual. *Revista Dobras*, 12(16), 228-244. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/922>.

Mariana de Oliveira – Graduação em Gerontologia e colaboradora do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS), ambos da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP), Brasil.

E-mail: mariana.oliveira2@usp.br

Patrícia Yokomizo – Graduação em Têxtil e Moda. Mestre em Gerontologia, fundadora e membro do grupo EAPS, todos da EACH/USP, Brasil.

E-mail: pati@usp.br

Andrea Lopes – Antropóloga, docente da Pós-Graduação em Gerontologia e das Graduações em Gerontologia e Têxtil e Moda. Fundadora e coordenadora do grupo EAPS. Todos da EACH/USP, Brasil. Orientadora da pesquisa.

E-mail: andrealopes@usp.br

Velhice masculina: construção e significados da aparência entre idosos da UATI EACH/USP*

Male old age: construction and meanings of appearance among UATI EACH/USP elderly men, Brazil

Vejez masculina: construcción y significado de la apariencia entre hombres mayores de la UATI EACH/USP, Brasil

Leônidas Silva Ramos
Patrícia Yokomizo
Andrea Lopes

RESUMO: A aparência na velhice ainda é pouco investigada e abordada na literatura gerontológica brasileira, especialmente no que tange ao universo masculino. Assim, buscou-se caracterizar a construção e significados da aparência para homens idosos. Orientação etnográfica, com uso das técnicas de observação, registro fotográfico e entrevista em profundidade. Participação de nove homens idosos integrantes da UATI EACH/USP. Identificaram-se três categorias norteadoras, vinculadas ao âmbito do engajamento social: 1) masculinidade, corpo e trabalho; 2) conjugalidade; e 3) negação da velhice e inadequação etária. Os principais influenciadores foram as esposas, os tipos de ocasião e o envolvimento social. A construção da aparência e seus significados ocupavam relevante papel na compreensão do processo de envelhecimento e da velhice dos participantes da pesquisa.

Palavras-chave: Envelhecimento masculino; Aparência; Significados.

* Pesquisa financiada pelo Programa Unificado de Bolsas (PUB) da Universidade de São Paulo.

ABSTRACT: *The appearance in old age is still little investigated and approached in the Brazilian gerontological literature, especially regarding the male universe. This study aimed to characterize the construction and meanings of appearance for elderly men. Ethnographic orientation, using observation techniques, photographic record, and in-depth interview. Participation of nine men from the University for Seniors (UATI), from the School of Arts, Sciences, and Humanities - University of São Paulo, Brazil. Three categories were identified and linked to the scope of social engagement: 1) masculinity, body, and work; 2) conjugality; and 3) denial of old age and age inadequacy. The main influencers were their wives, the occasions, and the opportunities for social involvement. The construction of appearance and its meanings played a relevant role in understanding the process of aging and the old age of the participants.*

Keywords: *Male aging; Appearance; Meanings.*

RESUMEN: *La apariencia en la vejez todavía es poco investigada y discutida en la literatura gerontológica brasileña, especialmente en lo que se refiere al universo masculino. En esa investigación se buscó caracterizar la construcción y los significados de la apariencia de hombres mayores. Se utilizó de método etnográfico y técnicas de observación, registro fotográfico y entrevista en profundidad. Participaron del estudio nueve hombres mayores de la Universidad para Mayores (UATI) de la Escuela de Artes, Ciencias y Humanidades de la Universidad de São Paulo, Brasil. Fueron identificadas tres categorías, las cuales estaban relacionadas al ámbito del involucramiento social: 1) masculinidad, cuerpo y trabajo; 2) cónyuge; y 3) la negación de la vejez y inadecuación de edad. Los más influyentes en el contexto investigado fueron las esposas, las ocasiones y el involucramiento social. Se considera que la construcción de la apariencia y sus significados fueron relevantes a la comprensión del proceso de envejecimiento y de la vejez de los participantes.*

Palabras clave: *Envejecimiento masculino; Apariencia; Significados.*

Introdução

“Por que gosto da minha aparência? Porque faz parte da vida. As roupas [...] elas deixam você vistoso. As cores. Você combinado com seu estilo. Ela te deixa melhor. Ela deixa você assim. E a roupa, ela abre portas igual outras coisas na vida da pessoa.”
(Trecho do relato de participante da pesquisa).

O entendimento das condições em que estão envelhecendo os idosos brasileiros desponta para a identificação e ampliação de ações estratégicas para potencializar os diferentes significados de velhice, a satisfação com a vida e a redução dos comprometimentos à saúde. Essa compreensão envolve não somente investigações que atendam dimensões e variáveis biopsicológicas, bastante privilegiadas em estudos gerontológicos, mas igualmente socioculturais (Santana, & Belchior, 2013).

Nesse sentido, sabe-se que a velhice é marcada por mudanças, caracterizada por perdas e ganhos, considerando-se o escopo de uma determinada sociedade e tempo histórico (Neri, 2006; Neri, & Jorge, 2006). Desse modo, consoante às percepções e correlações biopsicológicas do envelhecimento, a heterogeneidade, presente nas múltiplas e complexas possibilidades de ser velho, no século XXI possui um alto potencial em termos da formulação de significados que serão importantes nas interpretações sociais, culturais e econômicas sobre o processo de envelhecer.

Como visto por Nogueira e Alcântara (2014), a velhice não se constitui de forma homogênea, mas, sim, a partir de perfis e condições de vida que podem levar os idosos a assumir diversas faces, de acordo e diretamente relacionadas com os desafios do processo de envelhecimento de um determinado período histórico. Segundo Debert (2013) e Marinho e Reis (2016), essa dinâmica difere de sociedade para sociedade, possibilitando a atribuição de significados específicos a cada período do curso de vida.

A cultura se refere aos significados construídos e compartilhados de uma sociedade, que se desenvolvem historicamente, e são expressos nas tradições, nas artes, na língua, nos rituais e nas expectativas sobre o comportamento individual e do grupo (Centro Internacional de Longevidade, 2015).

O modo como cada indivíduo se relacionará e reagirá à própria velhice tende a condizer com as experiências que vivenciou ao longo do processo de envelhecimento, assim como às relações interpessoais e com o mundo que se construiu no decorrer de sua existência (Klueger, 2017).

No Brasil, conforme a Política Nacional do Idoso (PNI), Capítulo I, Art. 2º, define-se como idoso a pessoa com idade igual ou superior a sessenta anos (Lei n.º 8.442, 1994). Segundo Debert (1994), as categorias de idade cronológica são construídas socialmente, tendo relevância quanto ao estabelecimento de direitos e deveres. O aumento da expectativa de vida e a atenção aos idosos vêm relacionando-se com uma noção de velhice que pode representar uma pluralidade de experiências.

Neri (2014) aponta que a heterogeneidade na velhice não só existe como tende a aumentar, devido à interação e sobreposição de efeitos como: a situação econômica, educacional, a diversidade de estilos, papéis sociais. Mesmo que as situações vividas por idosos carreguem pontos em comum como, por exemplo, a idade cronológica e perdas específicas, são elaborados tanto formas de enfrentamento quanto significados particulares a cada, e por cada, indivíduo, a partir da combinação harmoniosa ou desafiadora entre múltiplas variáveis biopsicossocioculturais.

A identidade de gênero é uma variável que se apresenta no debate em torno da configuração de papéis e espaços sociais na velhice que, somados a outras variáveis, como idade cronológica e geração (Coutinho, *et al.*, 2013), marcam a heterogeneidade desse segmento social. Na atualidade, nota-se que, dentre os idosos, há uma maioria de mulheres (Neri, 2014). Esse fenômeno tem atraído a atenção de pesquisadores e gerado um aumento das pesquisas com esse público, especialmente visando a identificar demandas e características típicas do universo das atuais idosas.

Silva (2013) comenta que, com o objetivo de formar uma identidade, ou marcar um *status* social, o investimento na aparência se tornou eficaz desde o início do século XVI. A partir de então, passaram a ser mais constantes as modificações no vestuário, nos adornos e comportamentos, especialmente entre as mulheres. Seferin e Linden (2014) apontam que, dentre estas, os investimentos na aparência estão presentes na dinâmica de como observam e são observadas, visando à busca contraditória e complexa de integração e singularização.

Coutinho e colaboradores (2013, p. 232) completam que a construção social do corpo, como um elemento que compõe a aparência, reforça a heterogeneidade na vida social:

Temos a visível noção de que o corpo é social e culturalmente constituído. Com isso, ao analisar a representação social do corpo, conclui-se que há várias estruturas sociais, em que cada uma atribui ao corpo humano um sentido particular e este pode não ser o mesmo para as diferentes sociedades que carregam culturas diferentes.

Plens, Domingues, Batistoni e Lopes (2012), ancoradas em Crane¹ (2006), manifestam que tais modificações, atuantes na construção da aparência, ocorrem de acordo com as mais diversas experiências do indivíduo ao longo do curso da vida. Nessa dinâmica inserem-se estímulos internos e externos, que se relacionam com fatores históricos, econômicos, familiares, entre outros.

Dessa forma, as atitudes e mentalidades que a sociedade cria em relação aos idosos podem influenciar na percepção que estes têm de si mesmos (Fernandes, 2012). Nesse sentido, a compreensão de velhice representada exclusivamente pela decadência física e que inclui rugas e cabelos brancos, como noções vinculadas à ideia de limitações, inutilidade, teimosia, acomodação, falta de propósito e capacidade de arriscar, vem sendo questionada (Marinho, & Reis, 2016).

Para Plens e colaboradores (2012), a influência desses aspectos sobre a construção da aparência contribui para a formação das identidades individuais, expressas na indumentária, nos papéis e espaços sociais, nos comportamentos, expectativas e, certamente, no desempenho de tarefas sociais.

No que tange às pesquisas sobre aparência, as mulheres novamente têm sido protagonistas, de modo que ainda pouco se sabe sobre a atenção e os investimentos em torno da aparência masculina ao longo da vida e, especialmente, na velhice. No estudo de Pereira e Penalva (2014), há indícios de que homens têm se relacionado com ações de autocuidado, segundo uma noção de rejuvenescimento e sentimentos juvenis.

Em complemento ao debate sobre aparência na velhice, Debert (2004) aponta que os idosos são convencidos pelos contextos socioculturais atuais a assumirem a responsabilidade pela sua própria condição.

¹ Crane, D. (2006). *A Moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo, SP: Ed. Senac.

Esse contraste é visualizado na sociedade contemporânea e consumista, cujo padrão, associado ao que é popularmente entendido como envelhecimento positivo, é considerado aquele que mais se aproxima do ideal de beleza juvenil e vigor físico, distanciando-se do que é considerado patológico ou fora dos padrões impostos pela sociedade e pelos meios midiáticos (Delboni, *et al.*, 2013; Viana-Andrade, 2013; Coutinho, *et al.*, 2013).

As formas de apresentação pessoal produzidas pela, e em torno da, velhice tendem a influenciar a construção da aparência em idosos, podendo ser um agente modificador na percepção do envelhecimento, assim como um reforço ou não de estereótipos atribuídos à aparência na velhice (Silva, *et al.*, 2012).

Nesse contexto, o corpo é comumente entendido como um marcador etário. Tem coexistindo, de um lado, o corpo biológico, que passa por diversas alterações ao longo da vida. De outro, observa-se a concepção de um corpo simbólico-afetivo construído socialmente, entendido no seu contexto, sendo próprio de cada indivíduo, a partir de oportunidades e restrições que este experimenta nas relações que realiza ou não (Perez-Damian, 2013). Também é nele, e com ele, que o indivíduo constrói a própria aparência (Sabaté, 2016; Couto, 2012). No entanto, nem sempre ambos os corpos, o biológico e o simbólico-afetivo, coexistem de maneira harmônica e sintonizada.

Resultados de Aboim (2014) demonstraram que a perda de atributos físicos e da considerada beleza corpórea parece ser muito menos importante nos homens do que sucede com as mulheres.

Entretanto, também é verificado que há uma escassez de pesquisas e reflexões sobre como a população idosa masculina lida com a satisfação e a construção de significados em torno da sua aparência, verificando-se o que se constata na questão da afirmação de uma masculinidade pautada no trabalho. Entendeu-se que os homens possuem a necessidade de afirmar sua identidade de gênero, mais talvez do que etária.

Conforme aponta a literatura (Debert, 2004; Lopes, *et al.*, 2007; Santos, 2015), a aparência de homens idosos brasileiros tem estado intimamente relacionada com a experiência de trabalho, assim como na representação em categorias de aposentados. Portanto, faz-se necessário incrementar a compreensão do envelhecimento de maneira mais adequada às diversas realidades, uma vez que é marcado tanto por perdas e mudanças como igualmente a novas conquistas (Ferreira, *et al.*, 2014).

A forma como homens e também mulheres vivenciam a velhice a partir do prisma envolvendo a imagem do corpo, a satisfação e cuidado com a aparência é construída a partir das relações sociais estabelecidas, bem como nos modos de se apropriar das modas e dos sentidos que são atribuídos a ela (Jankowki, *et al.*, 2014; Tavares, & Silveira, 2014; Frederick, *et al.*, 2016; Shephard, *et al.*, 2016). Assim, pensar em identidade na velhice perante os diversos contextos sociais a que os idosos pertencem pode valer-se do modo como se desenvolvem a construção de significados expressos pela própria aparência. Nesse sentido, como se organizam e quais os significados construídos na aparência, enquanto exercício identitário na velhice masculina, na atualidade?

O envolvimento com a construção da aparência pode reverberar sobre a qualidade de vida, a autoestima e relações sociais, em qualquer momento da vida, conforme defendem Fin, Portella e Scortegagna (2017). No entanto, na Gerontologia, constata-se que esse tema ainda é pouco explorado. Faz-se necessário que tal debate ganhe cor e acompanhe a construção, por vezes silenciosa, dos novos modos e significados de envelhecer (Menezes, *et al.*, 2014; Pollini, 2014; Monteleone, *et al.*, 2015). Assim, o objetivo do presente estudo foi caracterizar a construção e os significados da aparência, no caso, para homens idosos.

Método

Pesquisa de caráter exploratório, descritivo e qualitativo, dividindo-se em três etapas. A coleta, tratamento e análise dos dados basearam-se nas orientações do método etnográfico proposto por Geertz (2008). Esse método propõe a inserção do investigador no grupo investigado, buscando a dinâmica dos vínculos, a composição dos discursos, a caracterização das compreensões e acordos sociais, selecionando os informantes, visando identificar e compreender significados, crenças, hábitos e códigos. Possibilita, assim, explorar atitudes, comportamentos e opiniões presentes no universo pesquisado.

A pesquisa foi realizada nas oficinas teatrais do Programa Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH), da Universidade de São Paulo (USP). Inicialmente, foi realizada uma familiarização com o campo. As técnicas etnográficas utilizadas nessa fase foram a observação livre e participante, como também o registro de conversas informais em caderno de campo.

Houve participação semanal nas aulas de ambas as oficinas de teatro oferecidas no semestre.

Na segunda etapa, foi aplicado um questionário composto por 17 questões abertas e fechadas, organizado em dois blocos, a todos os participantes homens, em apenas um só encontro: Bloco I - perfil socioeconômico: idade; escolaridade; renda familiar; estado civil; filhos e netos; coresidência; aposentadoria; envolvimento em atividades remuneradas, sociais, esportivas e familiares regulares; Bloco II – construção da aparência e significados.

Na terceira etapa foi realizada entrevista em profundidade com cada participante, com auxílio de um roteiro semiestruturado, inspirado nos dados obtidos nas duas primeiras etapas e na literatura pertinente. Nessa última fase, ainda, utilizou-se pesquisa no acervo pessoal dos participantes e registro fotográfico das composições que estes vestiam nas entrevistas. A composição desses esforços fez alcançar o ponto de saturação.

No total, participaram da pesquisa os nove idosos homens envolvidos nas duas oficinas de teatro. As idades variaram entre 60 e 82 anos. Dentre eles, cinco idosos tinham idade entre 60 e 69; um idoso com 76 anos, e três idosos com idade igual ou superior a 80 anos. Todos afirmaram estar aposentados.

Sobre a renda mensal, um idoso recebia até um salário mínimo; cinco idosos, dois e três salários; e dois idosos, acima de quatro salários mínimos. Um idoso não respondeu à questão sobre renda. Com relação à escolaridade, dois idosos possuíam ensino fundamental completo; quatro idosos tinham ensino médio completo; e três deles, ensino superior completo.

Em relação ao estado civil, seis idosos indicaram ser casados. Dois eram viúvos, sendo que um deles relatou encontrar-se com uma companheira no momento de realização do estudo. Finalmente, um solteiro, coresidente com uma companheira. Sete afirmaram possuir filhos e netos. Todos os idosos estavam comprometidos com diferentes atividades, além da UATI.

Resultados e Discussão

O estudo identificou três categorias de análise, a saber, presentes no contexto do engajamento social: 1) masculinidade, corpo e trabalho; 2) conjugalidade; e 3) negação da velhice decadente e senso de inadequação etária.

Masculinidade, corpo e trabalho

As definições de masculinidade são consideradas construções culturais e dinâmicas, por meio das quais os indivíduos negociam crenças, interpretam experiências e geram comportamentos e atitudes (Coelho, *et al.*, 2016). Nesse sentido, mesmo referindo-se a uma mentalidade coletiva de masculinidade, os homens entrevistados relataram diferentes experiências de vida, apontando uma multiplicidade de percepções e revelando a heterogeneidade dos significados dessa concepção, quando vinculados especialmente à composição da aparência.

Nogueira e Alcântara (2014) sinalizam que, na velhice, a reafirmação da identidade de gênero pode ser relevante para os homens. Nesse sentido, Medeiros e colaboradores (2014) discutem sobre o padrão normativo masculino, que reforça o machismo e a competição na velhice, frente ao repertório feminino, mais autorizado ao descontrole emocional e subjetivo. Esse cenário foi observado nos discursos dos idosos investigados, simbolizando uma tensão entre a construção de uma noção masculina de velhice e a manutenção da concepção de masculinidade própria de períodos anteriores de suas vidas, ainda valorizada.

O contexto social pode exercer a valorização ou não de comportamentos considerados masculinos, limitando ou facilitando a utilização de recursos e escolhas individuais nas situações de mudanças decorridas com a velhice (Maravilha, *et al.*, 2013).

Aboim (2014) aponta que a perda de atributos físicos e de força corporal para os homens parece ser mais importante do que se sucede com as mulheres idosas, podendo ser um fator decisório em relação à satisfação dos homens em relação à sua aparência. Em concordância a este estudo, os homens idosos investigados narraram que procuravam reinventar os modos de masculinidade na velhice, sendo o corpo e seus cuidados um eixo definidor para vivenciar da melhor maneira esse período da vida.

Assim, a percepção de uma crise do autoconceito de masculinidade envolveu-se mais com a percepção de perdas biológicas e funcionais advindas com o processo de envelhecimento do que propriamente mudanças ocorridas nos papéis sociais.

Nesse contexto, cuidar da apresentação pessoal passa ser uma estratégia de autocuidado, como relatado por um participante: *“O homem tá se cuidando mais. Acho que chega numa idade que você tem que se cuidar, andar com uma roupa boa e estar sempre limpo, com o cabelo cortado. A mulher tem mais com isso, mas a gente também gosta de se cuidar”*.

Nessa direção, como visto por Dantas (2017), os idosos entrevistados também se mostraram mais atentos ao desempenho da força física e do vigor, considerados por eles sinais exteriores de sucesso e bem-estar na velhice. Os discursos sobre o envelhecimento se relacionaram com as noções de ativo, saudável e produtivo.

Pôde-se constatar, no grupo, recorrentes relatos do envolvimento em atividades físicas e esportivas, além de outras atividades cotidianas, que exigem a manutenção da funcionalidade corporal: *“É importante praticar esporte, nessa idade [...] Manter esse hábito pra ter uma aparência melhor, né?”*.

Assim, quando questionados sobre o que mais valorizavam em suas aparências, a maioria dos homens afirmou uma satisfação em relação ao corpo, associando essa percepção positiva com os investimentos em torno da aparência.

Um idoso revelou que o que mais gostava em sua aparência eram as sobrancelhas, por chamar a atenção dos outros: *“Na minha aparência? Eu gosto da minha sobrancelha. Todo mundo fala dela. Fazer o quê?”*.

Para esse grupo de idosos, manter-se ativo, o que significa especialmente força e saúde, constitui um importante fator de qualidade de vida. Eles apontam que o homem que não cuida do corpo pode ser visto como motivo de vergonha e desleixo:

“Veja bem, se você não tem um corpo bom não pode fazer nada, nem sair de casa. Eu cuido do meu corpo porque quero estar sempre bem, que os outros me vejam que estou bem”.

Observou-se que o corpo e seus cuidados possibilitavam a garantia de manter-se envolvido socialmente na velhice, revelando a importância da aparência como estratégia de manutenção dos vínculos sociais (Fin, *et al.*, 2017): “*Sim, é importante continuar ativo (o idoso homem). (Ele tem que estar) fazendo alguma coisa. Eu faço ginástica para ter o corpo ágil. Pra fazer alguma coisa*”. Outro idoso confirma: “(O homem idoso) *tem que ter saúde. O corpo tem que tá bem pra poder sair, usar as roupas que gosta [...]. É isso que eu penso, saúde em primeiro lugar*”.

Para Bitencourt (2015), os cuidados com o corpo também implicam adesão aos padrões normativos de como devemos nos apresentar socialmente a partir de diferentes variáveis sociais, como geração, gênero e classe social. Os recorrentes discursos em torno da saúde para os idosos investigados na UATI podem ser associados com os resultados apontados por Hervik e Fasting (2017), com homens expressando a aparência de acordo com o *healthismo*, isto é, a responsabilidade do indivíduo por alcançar uma boa saúde.

A associação entre corpo, saúde e apresentação social pôde ser percebida no seguinte relato: “Na nossa idade, temos que olhar melhor pro corpo, a saúde [...]. Sem exagerar, se quisermos continuar bem-vistos”. P

Para o grupo de idosos, ainda, o vestuário deve se apresentar limpo para transparecer a percepção de cuidados com a saúde corporal. O cenário desses investimentos, no geral, estava associado à manutenção e criação de novos vínculos sociais.

Fontes e colaboradores (2012) apontam que as escolhas do vestuário masculino dialogam com os padrões comportamentais de cada homem, porém dentro de um arcabouço sociocultural ditado pelas relações com os papéis de gênero envolvidos nessa modalidade de consumo.

Assim, o processo de aquisição de vestuário para o homem, conforme Vieira-Sena (2011), atinge as representações dos sujeitos em torno da masculinidade construída no contexto sociocultural ao qual se inserem. A percepção em torno do consumo do vestuário e manutenção dos significados edificantes da noção de masculinidade pode ser visualizada através do relato: “*A gravata e o terno mostram certo poder (para o homem). Sempre chamam a atenção. Mostra poder do homem. Para mim esse é o padrão masculino*”.

Nesse sentido, o olhar do outro é um fator que reafirma a presença da aceitação para os homens idosos nos ambientes em que se inserem: *“Se você tem outras roupas, por que você vai à igreja de bermuda? Você quer [...] que mensagem você quer passar. Não é interessante”*.

Ludorf e Ortega (2013) entendem que as percepções em torno do corpo masculino são mais sentidas em virtude das características relacionadas ao mundo do trabalho para o homem, inclusive na velhice. Observou-se que o corpo e sua acepção masculina do vestir para os idosos investigados são valorizados, especialmente, de acordo com suas percepções em torno do envolvimento com o trabalho laboral realizado ao longo da vida. Ou seja, os idosos relataram expressar sua noção de masculinidade na construção de suas aparências através de peças do vestuário diretamente envolvidas com o mundo do trabalho que executaram antes da aposentadoria: uniformes, ternos, jalecos e fardas. *“Eu sempre usei bombeta nos trabalhos de segurança que fazia porque era obrigatório. Até hoje continuo utilizando porque gosto”*. O Painel 1 ilustra a afeição do idoso por chapéus até a atualidade:

Painel 1: Idoso utilizando atualmente acessório com referências ao mundo do trabalho.



Fonte: Acervo pessoal e foto de Leônidas Ramos (2018)

Partindo dos dados coletados, foi possível avaliar que os idosos valorizavam não apenas as questões envolvendo o corpo, mas as relações que o corpo estabeleceu ao longo da vida laboral e a forma determinada de vestir-se neste domínio da vida. Ferrari (2013) indica que as roupas, de certo modo, possuem um fator identitário, de acordo com a função ocupada pelo homem no mundo do trabalho. Um idoso destacou: *“Olha, eu sempre usei essa roupa quando trabalhava. Sempre gostei. Me achava apto pra fazer aquilo que me era encarregado. É importante manter um padrão até nessa idade”*.

Para Arcoverde (2014), a vontade de pertencer a determinado grupo dialoga com as exigências operadas pelo uso do vestuário. O respaldo através das experiências provenientes da identidade laboral pareceu determinante na construção masculina do vestir, ser visto e aceito entre o grupo entrevistado: *“Uso essas roupas americanas porque eu utilizava muito na época em que morava e trabalhava nos Estados Unidos. Atravessava o país num caminhão”*.

Outro idoso apontou que o trabalho, através da utilização do corpo, teve fundamental importância ao longo de sua vida, reverberando na maneira em como compunha a aparência na velhice. O Painel 2 ilustra duas passagens de sua vida, utilizando roupas consideradas como modelo esportivo para o idoso. A primeira destinada ao trabalho e a segunda às atividades da UATI:

Painel 2: Idoso utilizando roupas esportivas para o trabalho na juventude e atualmente na UATI



Fonte: Acervo pessoal e foto de Leônidas Ramos (2018)

Parte dos idosos investigados, mesmo sendo aposentados, afirmaram continuar exercendo trabalhos esporádicos, na velhice. Para eles, a influência da escolha das roupas na atualidade ainda pode decorrer da importância do trabalho em suas vidas. Tendo como base a tríade corpo-masculinidade-trabalho, um idoso comentou que a aparência masculina no trabalho incide sobre o que entende como legitimidade dos recursos pessoais e sociais: *“Se você tem uma determinada roupa, você tem contatos. Se você tem esses contatos, você tem mais acesso ao trabalho que quer exercer”*.

A praticidade, conforto e simplicidade na construção da aparência masculina também surgiu nos relatos: *“Olha [...] Sinceramente sou uma pessoa muito simples. Para mim [...] Não realizei mudanças”*. A informalidade acompanhada pela moda nas últimas décadas também faz parte da construção do vestuário dos idosos entrevistados, quando as roupas passaram a valorizar elementos como a praticidade do movimento e conforto, de acordo com as situações diárias (Pollini, 2014).

A opção pelo conforto está presente nos seguintes relatos: *“Uso essas roupas porque são confortáveis para mim, me sinto bem com elas”* e *“Gosto de usar marcas, desde que ela seja confortável”*. Em geral, apontaram que o estilo esportivo é o que mais atende a essas demandas.

O ritmo das atividades cotidianas atuais conduz ao uso de determinadas peças do vestuário masculino como o tênis esportivo, bermudas e camisetas sem mangas, como visto neste relato: *“É que eu gosto de vestir calças assim (apontando para a peça), folgada, não gosto de roupa apertada. E gosto muito de camisetas que não seja estampada”*.

Apesar de ainda relacionar-se com o mundo do trabalho, mesmo que em oposição, apenas um idoso afirmou que quis distanciar-se do estilo laboral e poder, assim, cuidar da aparência de uma maneira menos centrada e regrada pelos uniformes-padrão do local em que trabalha.

Fotos do mundo do trabalho na construção civil e observações de campo apontaram gostos e um estilo atual comparativamente diferente, mais colorido e despojado. Nesse caso, o uniforme seria um impedimento de experimentar novos estilos, acessíveis somente na aposentadoria. Em seu relato, o idoso desabafa: *“Realmente, eu só usava um tipo de uniforme. Aquilo cansa uma hora. Quero usar aquilo que eu gosto”*. A Figura 1 apresenta sua atual forma de se vestir:

Figura 1: Participante exibindo suas atuais vestimentas



Fonte: Leônidas Ramos (2018)

Em síntese, no geral, observou-se que os homens entrevistados retrataram a construção da própria aparência através do vínculo simbólico e afetivo que ainda mantinham com o universo do trabalho, ou não no caso de uma exceção, ressaltando o corpo e seus cuidados, como estratégias de atenção e manutenção de uma aparência considerada saudável, funcional, apreciada e aceita socialmente. Essa dinâmica compunha as noções de masculinidade percebidas e vivenciadas pelos investigados, possibilitando a construção de estilos e significados de aparência na velhice.

Conjugalidade

A maioria dos idosos investigados encontrava-se em relações conjugais estáveis, com a exceção de um idoso. Observou-se que a relação conjugal e a influência das companheiras foram outros elementos presentes na construção da aparência dos idosos. Em sua maioria, afirmaram não frequentar lojas de roupas ou acompanhar as tendências da moda masculina. Afirmaram ganhar roupas de outros familiares, em especial das mulheres, mas também de filhos e filhas, atendendo aos respectivos estilos. No relato de um deles, é possível encontrar a influência do filho na construção da aparência, para que possa participar de eventos sociais: *“Vai ter o casamento agora do meu neto. E [...] meu filho vai comprar uma calça nova para eu usar nesse dia”*.

Diferentemente do que foi visto por Plens, *et al.* (2012), em que a maioria de mulheres idosas de um centro de convivência afirmaram investir financeiramente na aparência, os homens idosos, em sua maioria, não destinavam tempo e dinheiro na composição da aparência. Para eles, existiam outros investimentos de maior importância nessa fase da vida, de forma a frequentar poucas lojas de roupas ou espaços destinados ao cuidado da aparência, repassando essa função à esposa ou outros familiares. Para os entrevistados, especialmente as esposas figuram como influenciadoras na hora de compor o vestuário masculino, podendo estar associado com a ideia de união de longa duração e pela manutenção de comportamentos da aparência adequados. Mesmo buscando defender a própria autonomia na construção da aparência, o investimento vinha em oposição às opiniões das esposas: *“Ela dá opinião, mas como não pode lidar comigo, me deixa ir do jeito que eu gosto de me vestir”*. Outro idoso também refutava as críticas que recebia da esposa em torno da composição do vestuário: *“Sem palpites. Eu sou o dono do meu nariz. Ela pode criticar, mas eu vou sair como eu quero”*.

Como visto, alguns homens idosos admitiram as influências das mulheres nas escolhas que faziam na composição do vestuário. No entanto, alguns idosos afirmaram apenas receber opinião e continuavam utilizando o que gostavam. De qualquer forma, a construção da aparência passa pelo universo da conjugalidade. Como exemplo, apesar desse sentimento de autonomia e contraposição, os homens do estudo pareciam, de fato, influenciados pelas companheiras, seja compondo ou não, como analisado nos relatos obtidos em evento da UATI, na presença das esposas: *“Ela sabe que eu gosto de me vestir assim no dia a dia, bem simples. Mas quando vamos a um casamento, por exemplo, ela usa um vestido mais social. Então, eu vou lá e coloco o terno, a gravata [...]”*.

Em alguns relatos, as companheiras dos homens entrevistados também exerciam o cuidado com a manutenção da aparência, como o corte de cabelo: *“Não (frequento barbeiros). Minha esposa já é a minha cabelereira e barbeira”*; *“Sim, ajuda (a cortar o cabelo). Apara, faz um cortezinho. Apara o rabo (de cavalo)”*.

Por fim, quando indagados sobre como visualizavam a aparência de outros homens idosos, alguns entrevistados apontaram que certos idosos necessitavam manter relações conjugais para exercer também a manutenção e os cuidados sobre suas aparências. Por exemplo, para um dos idosos, quando questionado sobre os principais significados do vestuário, sua primeira resposta referiu-se à influência feminina na

manutenção de uma boa aparência na velhice: *“Minha esposa sempre diz: ‘Você tem que se vestir melhor, tem que usar isso e aquilo’”*.

A aparência esteve relacionada também ao exercício da conquista e meandros conjugais. Observou-se que, para o grupo, o homem idoso que não possui relações com uma mulher pode ser visto como mal-cuidado e fragilizado. As mulheres surgem como razão para os investimentos na apresentação pessoal. Desse modo, os homens idosos não influenciados por uma figura feminina, na visão deles, parecem não cuidar da aparência e estariam mais propensos a ter patologias, ser isolado socialmente e encontrar-se viúvo ou sem companheira: *“[...] falo da minha esposa, minha empresária e enfermeira. Aquela que dá o remedinho das 10 pra mim e mingauzinho para eu dormir”* ou, ainda: *“A maioria dos homens não se cuida. Quem se cuida mais são as mulheres e elas que acabam cuidando dos homens”*.

Fontes, *et al.* (2012) discorrem que a mulher influencia o consumo dos homens de elementos da aparência de diferentes maneiras: como especialista (apresentando e introduzindo os comportamentos de consumo) e como parceira (validando as práticas do homem). A influência feminina presente na composição da aparência masculina pôde ser confirmada através do seguinte relato: *“Você sabe a quem eu pergunto com que roupa eu vou vestir? Pra minha esposa. [Eu pergunto a ela: ‘Que roupa você acha que eu deva por?’”*. A opinião feminina também surge no próximo relato: *“Às vezes tenho críticas da minha mulher [...] (pergunto) sobre a roupa que estou usando para ver o que ela fala”*.

Os homens investigados relataram que, ao participarem de eventos acompanhados de suas cônjuges, procuravam combinar os estilos de vestir as roupas. As esposas exerciam influência na forma como ambos deviam se apresentar, na condição de casal: *“Quando vou dançar com minha mulher, costumo não repetir, mas complementar o que ela está vestindo, para formamos um casal bem apresentável. Tem que ter isso no casamento também”*.

Em evento promovido pela UATI, alguns homens compareceram acompanhados de suas esposas e pôde-se verificar as influências da mulher nos comportamentos vinculados à aparência dos idosos. Observou-se que as mulheres trouxeram alguns elementos da aparência como: pentes, pulseiras, braceletes. Era importante, para ambos, a manutenção e cuidados com aquilo que vestiam e usavam em público, para representar não apenas as individualidades de cada um, mas objetivando apresentar uma união satisfatória: *“São 56 anos de casamento (risadas). Ê [...] (Ela) está super-habituada*

comigo". Por fim, vemos: "*Acho importante estarmos bem alinhados na vestimenta, pra nossa idade, sabe?*".

Os relatos dos idosos investigados ressaltaram ainda a importância da aparência masculina como um fator de conquista e sedução, em que o homem utiliza elementos do vestuário para despertar o interesse. Aparentar estabilidade através da vestimenta, além de uma forma de ser aceito socialmente e exercitar a masculinidade, também significa ser atraente para as mulheres: "*As mulheres, por exemplo [...] os caras acham que mulher gosta. A mulher vê estabilidade no cara que está bem vestido. Em qualquer fase da vida*".

Negação da velhice decadente e senso de inadequação etária

Os atuais contextos de construção da aparência continuam investindo na dicotomia entre juventude e velhice, fazendo com que idosos busquem roupas e acessórios que se adaptem ao corpo velho, mesmo que através do consumo de produtos e serviços considerados joviais (Tavares, & Silveira, 2014; Queiroz, & Lopes, 2015). Observou-se que a sedução de se aparentar mais jovem do que a própria idade, trata-se de um dilema presente nos relatos dos idosos investigados, especialmente em termos da escolha de determinadas peças do vestuário e a preocupação dada, por exemplo, à barba e ao cabelo. De uma forma geral, o ideal de aparência masculina deste grupo esteve ancorado em um escopo de negação da velhice decadente, e na valorização dos atributos considerados socialmente típicos da juventude, como força e virilidade.

Identificar-se como idoso através da aparência se apresentou como uma dificuldade recorrentemente encontrada entre os idosos do presente estudo. A aparência pode atuar como território ou estratégia de ressignificação da vida nesse período: "*Depois eu comecei a procurar um tipo de roupa que me identificava ao homem maduro. Ao homem [...] não idoso*". Parecer jovem está associado, inclusive, a dominar e expressar valores associados à juventude, como uma sensação ou sentimento e não necessariamente a um período da vida, como nas palavras de outro idoso: "[Por] *estar bem vestido ou vestir roupa de acordo com a juventude, uma pessoa velha pode se sentir mais jovem*".

O conflito vinculado ao senso de inadequação etária quando na busca de opções e formas de apresentar-se socialmente, demonstra um desconforto entre escolher roupas entendidas como adequadas para a idade atual e, ao mesmo tempo, manter estilos

construídos e adotados ao longo da vida. Percebeu-se, ao mesmo tempo, uma flutuação das considerações a respeito do conflito, ao apontarem que também não queriam ser considerados idosos que se vestem como jovens, ao mesmo tempo que queriam evitar estilos associados ao que consideravam velhice decadente. Essa tensão identitária foi expressa por um dos idosos: *“Eu me visto de uma forma, mas não posso parecer nem (velho) muito acabado, nem muito menino, garotão. Que aí não passo respeito algum”*. Os cuidados com o corpo, como visto anteriormente como um dos principais aspectos da aparência, são retomados para reforçar essas reflexões: *“Você chega numa idade e tem que tomar cuidado para não parecer ridículo e nem muito desleixado”*.

Em concordância ao estudo de Noser e colaboradores (2017), parecer mais jovem pode, de certa forma, estimular a integração social, bem como promover impactos positivos para a saúde, uma vez que os vincula ao entendido como socialmente desejável. O seguinte relato também ilustra essa preocupação dos homens em como aparentar-se na velhice: *“Eu não quero parecer acabado. Pra minha idade parecer acabado é muito fácil. Aí tem que cuidar pra ficar ao menos parecido como era antes, sabe?”*.

Entende-se que parecer mais jovem gera no imaginário a garantia de manutenção dos vínculos e espaços já conquistados, mesmo que alguns deles sejam suportados por uma linha tênue, como a antiga rotina do mundo do trabalho. De certa forma, pode-se pensar nesses termos, uma denúncia à dificuldade de fazer circular sua nova condição e complexidade, mediante a carência de oportunidades e modelos igualmente significativos de apresentar-se velho de forma reconhecida e legitimada socialmente. A tensão entre a falta de repertório de como apresentar-se socialmente, e a inquietação com a imagem de velhice decadente, podem ser vistas no relato de um dos idosos ao se referenciar à UATI: *“(Eu) sempre escolho aquilo que convém para o momento, mas também não vou usar uma roupa mais antiquada, mais antiga, só porque estou num lugar só de velhos, como aqui”*.

Para alguns idosos, o sentimento de parecer mais jovem pode se tratar de uma forma de vincular-se socialmente, fruto resultante da tarefa de equilibrar, muitas vezes na condição exclusiva de empreendimento e mérito pessoal, ganhos e perdas do processo de envelhecimento (Junior, & Freitas, 2012; Silva, et al., 2012): *“Eu tenho até pena de gente da minha idade que tá mal cuidada, mas eu também uso roupas de gente jovem. Deve ser isso que eu estou sempre por dentro”*.

Manter-se ativo após a aposentadoria, outro valor associado a comportar-se como jovem, considerado atualizado, pareceu amenizar sensações negativas vinculadas ao que é entendido como velhice, sempre sob a ótica da decadência, não como um período do curso de vida de condição legalmente etária.

A responsabilidade pelo autocuidado com a aparência, tendo como medida parecer mais jovem, esteve vinculado a diferentes crenças apresentadas pelos entrevistados, que atuavam, por exemplo, na escolha das roupas e acessórios: *“Acredito que sim (a opção pelos cuidados da aparência na velhice), porque graças a isso não parecemos alguém ‘antigo’”*. Ainda, serve como forma de percepção do outro: *“Alguns, cuidam-se. Outros abandonam-se. Relaxam, né? Aqui mesmo (UATI) tem pessoas que se cuidam bem. Iguais a mim, que se cuidam bem. E outros, nem barba fazem”*.

Vivenciar a velhice de maneira plena significava investir em uma mentalidade e ser considerado de espírito jovem, conforme foi observado em campo. Os entrevistados consideravam-se idosos com espírito jovem, devido, em grande parte, ao envolvimento em diferentes atividades em que podiam trabalhar o corpo e conviver com outras pessoas. Tarefas e oportunidades sociais que pareciam não pertencer à velhice. O velho, visto essencialmente a partir da decadência e fragilidade, nesse sentido, seria o outro, experienciando a vulnerabilidade e a falta de cuidados com a aparência (Marinho, *et al.*, 2016). Assim, os homens idosos que não mantêm uma boa aparência, na ótica dos entrevistados, estariam mais propensos a ter mais fragilidades e serem isolados socialmente, como visto no seguinte relato:

“Quem tá aqui se cuida, cuida da aparência, da saúde, do corpo [...]. Agora, gente que tá em casa, no asilo, da minha idade ou mais novo, não se cuida. Não faz nada pra mudar, nem sai de casa ou conversa com os filhos. Aí, o cabra fica doente mesmo.”

Novamente, retoma-se a importância do corpo e da produtividade para esses homens, agora utilizados como confirmação da negação de uma velhice que não desejariam experimentar. Em estudo conduzido com homens idosos, Fernandes e Garcia (2011) encontraram, nos relatos, atributos que referenciavam a funcionalidade e a atividade, negando a velhice através do discurso sobre um ideal de corpo ativo e saudável que não pode, inclusive, pertencer à velhice.

Foi possível identificar a mesma afirmação através do seguinte relato: *“Eu diria que (os idosos) pensam em estar melhor. Em querer viver a vida, em se sentir jovem, em participar, em ser respeitado”*. O que tradicionalmente vem sendo considerado como atributo de jovens, parece não poder pertencer igualmente a outros períodos da vida.

Assim, foi perceptível que, apesar das diferenças individuais na forma de construir a aparência na velhice, os homens idosos apresentavam um ideal comum de velhice aceitável, ancorado nas noções de independência, estabilidade financeira e emocional, envolvimento em atividades sociais e culturais e a preocupação com a saúde e cuidados do corpo: *“A gente tem que se cuidar se quiser estar nos lugares, usar umas roupas mais ousadas. Aparecer pra ser visto”*.

Portanto, a idade cronológica, marco da organização social do curso de vida a partir do século XX (Debert, 2010; 2013), não parece ser um marcador social identitário forte, significativo, aglutinador, legítimo e suficiente no que tange à construção da identidade e apresentação social dos idosos entrevistados, tal como previsto pela Política Nacional do Idoso (Lei n.º 8.442, 1994), ao indicar que a velhice se inicia aos 60 anos de idade.

No entanto, no âmbito ordenador desse cenário jurídico em termos de distribuição de direitos e deveres, vale discutir: 1) o quanto a negação da própria condição – que pode ser entendida como um conjunto de questionamentos sobre o esvaziamento de satisfação identitária significativa e representativa, perante os modelos dicotômicos disponíveis de velhice – não poderia, mais do que fertilizar novos modelos de velhice, fragilizar e destituir um conjunto de direitos políticos já conquistados por esse segmento?; 2) Uma vez que velho é o outro, não se reconhecer como agente político relevante, parte desse segmento social e promotor dessas conquistas, não pode enfraquecer a legitimidade de suas mais variadas demandas? Na base desse conflito e tensões, certamente, repousa o idadismo (Castro, 2015; Mendonça, & Castro, 2016; Souza-Guides, & Lodovici, 2018).

Em estudo conduzido com idosos que se consideravam roqueiros, Piccoli, *et al.* (2012) encontrou nos relatos a mesma tensão expressa pelos idosos da UATI. A crença no conceito de eterna juventude se misturavam com os questionamentos sobre a própria idade e o fato de não se considerarem uma pessoa idosa, vista do espectro da decadência e ausência de cuidado pessoal.

Conforme visto no estudo junto aos idosos da UATI, Coutinho e colaboradores (2013) compreendem que, no contexto de velhice masculina, os principais elementos que determinariam os cuidados da aparência seriam a manutenção de uma vida socialmente produtiva. Associa-se o envolvimento social e apresentação adequada da aparência como estratégias para afastar estereótipos negativos da velhice, a saber, a decadência física e o isolamento social. Surgem novamente nesse contexto, conforme já mencionado, expressões como mentalidade jovem e ousada, entre outras, conforme visualizado no seguinte relato: *“Quem tá envolvido em alguma coisa, tá sempre com espírito e cabeça jovem. Pode ter 90 anos que se o corpo tá funcionando a cabeça tem que acompanhar esse ritmo”*.

Assim, o tipo de local frequentado também influenciava o tipo de roupa a ser vestida. Observou-se uma distinção entre as chamadas roupas casuais, usadas no dia a dia, e as roupas de ocasiões especiais, sejam de caráter laboral, educacional, esportivo, religioso ou familiar. Para os homens idosos entrevistados, existiam certos tipos de roupas e peças do vestuário que causavam impactos positivos ou negativos nos lugares em que se apresentavam, dependendo das mensagens que determinado traje quer passar: *“A presença, né? O bem-vestir é uma presença”*.

Para a maioria dos idosos deste estudo, a aparência era construída em torno da apresentação social e do propósito que o homem, independentemente da idade, queria passar em um determinado contexto em que estivesse inserido. Formam-se, desse modo, acordos sociais em torno de padrões, estilos e comportamentos socialmente aceitos que são, muitas vezes, negociáveis com o que simbolicamente se quer comunicar com a aparência: *“Se você está vestindo determinado tipo de roupa, causa uma impressão que pode ser boa ou ruim, depende do que o cara quer”*. Esse jogo entre indivíduos e coletividade esteve presente nas conversas informais. Estar sempre bem-vestido parecia importante para causar impacto ao se apresentar socialmente, obtendo o respeito dos outros e vice-versa.

Portanto, considera-se que o senso de inadequação etária, diante da tensão identitária jovem-velho, na construção da aparência dos idosos entrevistados, pode ser visto como uma forma conflituosa de resistência-aceitação de mudanças no vestuário na velhice sem, ao mesmo tempo, distanciar-se da imagem do idoso considerado legítimo nos locais em que circula, nem da imagem que tem de si próprio e de suas histórias.

A negação da velhice, tão discutida pela literatura, pode ser considerada, nesta pesquisa, como uma pista para possíveis questionamentos e formas de resistência por parte dos idosos aos modelos dicotômicos do envelhecer, buscando garantir, mesmo que, sem um projeto claro, a heterogeneidade da velhice ao questionar mecanismos juvenis de distinção que podem ser opressores.

Neste contexto masculino, o autocuidado com a aparência vincula-se à noção de que o exercício da masculinidade representa vigor físico. Em um fluxo de retroalimentação, organizar a busca, ocupação e manutenção de novos espaços e papéis sociais entendidos como significativos nesse momento da vida podem ser traduzidos em melhores cuidados com a aparência e vice-versa. O engajamento em atividades diversas, como as que são oferecidas pelas UATIs, é considerado uma estratégia eficaz contra sentimentos negativos e isolamento que acometem os idosos homens, tal como entendido pelos participantes, no presente estudo entendido como rejuvenescimento.

A aparência é, assim, uma forma de explicitar e legitimar essa conquista quase que pessoal, mesmo que dependente da avaliação dos companheiros e, no limite privado, das esposas. Assim, resta perguntar se o desafio está na velhice e sua suposta noção de decadência, ou na decadência de ofertas sociais de modelos significativos de apresentar-se e desejar-se velho, sem que, para isso, deva-se recorrer a modelos que não tratam, em sua complexidade, necessariamente de quem se é? A negação é da velhice ou trata-se de uma luta por reconhecimento identitário, direito ao exercício da heterogeneidade e da própria noção de existência?

Por fim, salienta-se ainda, nesta direção que, após algum tempo no campo, observou-se que alguns dos participantes começaram a modificar o modo como se vestiam, aguardando o momento das entrevistas. O ambiente de escuta, debate, reflexão e compreensão em torno da forma e os sentidos de como se apresentavam socialmente mostrou-se como aspecto motivador aos participantes, inclusive fortalecendo a relação entre eles. Apesar da heterogeneidade apresentada pelos idosos em termos de composição de suas aparências, os encontros igualmente se mostravam como espaço de busca por aceitação e afirmação, a respeito de pequenas mudanças que iam realizando ao longo do tempo da pesquisa em seus corpos e composição do vestuário. Essa dinâmica demonstra, mais uma vez, a importância da aparência em suas vidas e, atualmente, na velhice, especialmente como forma de comunicação e expressão pessoal.

Considerações finais

O presente estudo teve como intuito caracterizar a construção e os significados da aparência para um grupo de idosos homens participantes de oficinas de teatro da UATI EACH/USP, localizada no município de São Paulo. No geral, os dados revelaram que a trajetória da aparência e seus significados relacionavam-se com a vida laboral, as noções de masculinidade e a importância do autocuidado com o corpo, muitas vezes exercido parcialmente pelas esposas. Esses elementos colaboraram para a edificação de um estilo próprio, que buscava marcar a expressão e legitimidade de suas identidades, dinâmica que, por vezes, é bastante conflituosa, mediante os desafios da dicotomia jovem-velho.

Nesse sentido, ao final, o estudo questiona, inclusive, se de fato os idosos negam a velhice ou se usam do artifício de exaltação e culto aos atributos do estilo juvenil como forma ainda pouco clara de resistir aos poucos modelos de apresentação pessoal na velhice disponíveis, uma vez que igualmente não querem se parecer inadequados para a idade, a ponto de não serem vistos com seriedade. Em complemento, observou-se a falta de modelos sociais atualizados e que compreendessem as múltiplas possibilidades de se parecer velho. Debates sobre as crenças e acordos em torno do que se entende sobre velhice devem ser realizados.

Assim, apesar da heterogeneidade das experiências do envelhecer e dos estilos constituídos, observou-se, nos discursos dos participantes, uma tensão entre negar a noção de velhice decadente e experimentar um senso de inadequação etária, presentes nas experiências de engajamento de que participavam.

Nesse sentido, ressalta-se que o tipo de ocasião e envolvimento influenciavam a forma como se apresentavam socialmente, fortalecendo a satisfação de se manterem pertencentes também enquanto idosos. Ainda, observou-se que o consumo em torno da aparência era mais tímido, quando comparado aos estudos envolvendo mulheres idosas. Mesmo assim, investimentos na aparência surgiam como um modo de se sentirem engajados nesse momento da vida, impulsionando o estabelecimento de novos contatos, *status* e oportunidades.

A conjugalidade também marcava a forma como a aparência era construída na percepção dos entrevistados.

Destaca-se que as companheiras da maioria dos idosos estiveram presentes em diferentes momentos dos relatos sobre as trajetórias da construção de suas aparências, especialmente como forma de afirmação de uma masculinidade pautada na virilidade e sexualidade heteronormativa. A conjugalidade também estimulava a satisfação e a manutenção da apresentação pessoal.

Assim, a pesquisa observou que a compreensão de como a aparência influencia a vida dos idosos pode funcionar como recurso estratégico na gestão gerontológica de espaços formais e informais que atendem a essa população, especialmente os educativos. Ao associar a inserção de idosos com a construção dos significados da aparência na velhice, a literatura apresenta lacunas quanto ao papel das UATIs, um dos mecanismos sociais de inclusão já consolidado em diversas regiões do Brasil, como a cidade de São Paulo. É preciso também desenvolver uma visão crítica deste processo, para saber identificar os signos que retratam com fidedignidade as diferentes formas como os idosos podem e querem se apresentar socialmente. A construção da aparência e os seus significados, ainda, podem ser um ponto de partida importante para a discussão de estereótipos e mitos relacionados à velhice na atualidade, especialmente visando a investigar estratégias e medidas para combater as atitudes negativas em relação a esse segmento socioetário.

Aproximar-se da realidade sociocultural de homens idosos busca promover, por fim, um entendimento de que a velhice, tal qual o envelhecimento, tem perdas e ganhos, e que ambos são marcados pela heterogeneidade. Delinear essas possibilidades através da compreensão da aparência pode oportunizar bem-estar e diferentes formas de apresentação e engajamento social na velhice. Resumindo, conhecer como se dá a construção da aparência e seus significados no envelhecimento masculino do perfil de idoso aqui investigado apontou o potencial desta variável na promoção da identidade na velhice. Indica-se que novos estudos sejam realizados sobre a temática tão pouco investigada, especialmente estudos comparativos com outras modalidades de engajamento social, outros perfis de idosos homens e, inclusive, idosos isolados do convívio comunitário.

Assim, o estudo buscou entender que o ser humano não é um ser passivo, na medida que age ativamente em suas relações, construindo a si e participando da construção dos que estão ao seu redor.

Como afirma Sartre (2007, p. 339): “Com efeito, captar-me como *sendo visto* é captar-me como sendo visto *no mundo* e a partir do mundo”.

Nessa direção, importa desconstruir a visão pejorativa que ainda existe no que se refere à noção de velhice, como igualmente frente à idealização desse momento da vida. Ou seja, como a compreensão de nós mesmos passa irrefutavelmente pelo outro, manter uma compreensão negativa da velhice aumenta a tensão em torno deste momento de vida, dificultando uma vivência consciente, integrada, identitária e planejada. Por outro lado, exaltar a velhice como a chamada melhor fase da vida é também negar toda uma gama de alterações e desafios que são intrínsecos a este momento, muitas vezes, organizados e resolvidos de forma privada. Portanto, debater a dinâmica complexidade do que classificamos como velhice e compreendê-la como uma facticidade, de âmbito singular e coletivo, mesmo que no limite apenas do exercício discursivo, pode ser um caminho para a clareza das mentalidades e a gestão mais efetiva do processo do envelhecimento, desde idades iniciais do curso da vida.

Em síntese, a pesquisa procurou estimular o diálogo sobre a velhice em sua completude, com todas as possibilidades e dificuldades que podem ser vivenciadas pelos idosos, de forma ampla e em suas singularidades. Incluir nesse debate as diversas faixas etárias é fundamental. Afinal, quem somos nós, em qualquer que seja a idade, senão os mais velhos do amanhã?

Referências

Aboim, S. (2014). Narrativas do envelhecimento: ser velho na sociedade contemporânea. *Tempo Social Revista de Sociologia da USP*, 26(1), 207-232. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702014000100013>.

Arcoverde, M. (2014). Moda: tecendo outras possibilidades na construção das identidades de gênero. (2ª ed.). *Revista Periódicus*, 1-14. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/12894>.

Bitencourt, S. M. (2015). Gênero e envelhecimento: reflexões sobre o corpo que envelheceu. *Revista Kairós-Gerontologia*, 18(2), 443-458. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/28476/20000>.

Lei n.º 8.442 de 04 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Recuperado de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18842.htm.

Castro, G. G. S. (2015). Precisamos discutir sobre o idadismo. *Revista Comunicação e Educação*, ano XX, 2, 101-114. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <file:///C:/Users/Dados/Downloads/Dialnet-PrecisamosDiscutirOIdadismoNaComunicacao-6072172.pdf>.

Centro Internacional de Longevidade, Brasil (2015). *Envelhecimento Ativo: um marco político em resposta à revolução da longevidade*. Rio de Janeiro, RJ.

Coelho, J. S., Giacomini, K. C., & Firmo, J. O. A. (2016). O cuidado em saúde na velhice: a visão do homem. *Revista Saúde Social*, 25(2), 408-421. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902016142920>.

Coutinho, R. X., Tomazeti, R. V., & Acosta, M. A. F. (2013). Representação de corpo na velhice: o corpo real *versus* o corpo social. *Revista Kairós-Gerontologia*, 16(4), 215-236. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/19665/14537>.

Couto, E. S. (2014). Corpos voláteis, corpos perfeitos: estudos sobre estéticas, pedagogias e políticas do pós-humano. Salvador, BA: EDUFBA. *Conjectura: Filos. Educ., Caxias do Sul*, 19(1), 195-200. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902016142920.file:///C:/Users/Dados/Downloads/2463-8982-1-PB.pdf>.

Dantas, S. G. (2017). O envelhecimento na tela: o discurso da velhice ativa em programas de TV e documentários. *Revista Novos Olhares*, 6(1), 101-114. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/131139>.

Debert, G. G. (1994). Gênero e envelhecimento. *Revista Estudos Feministas*, 2(3), 33-51. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16288>.

Debert, G. G. (2004). *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP.

Debert, G. G. (2010). A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. *Horizontes Antropológicos*, 16(34), 49-70. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832010000200003>.

Debert, G. G. (2013). A Antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: M. L. M. Barros *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro RJ: FGV, 49-68.

Delboni, B. S., Joaquim, S. B., Ploner, K. S., & Cyrino, L. A. R. (2013). Gerascofobia - o medo de envelhecer na contemporaneidade. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 10(2), 203-214. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/3320>.

Fernandes, M. das G. M., & Garcia, L. G. (2011). O corpo envelhecido na percepção de homens idosos. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 64(3), 472-477. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v64n3/v64n3a10.pdf>.

Fernandes, N. (2012). *Avaliação da discriminação social de pessoas idosas*. Dissertação de mestrado em Psicologia. Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal.

Ferrari, F. B. (2013). O homem contemporâneo e sua relação com a moda. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização. Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Artes e Design. Especialização em Moda, Cultura de Moda e Arte.

- Ferreira, M. G., Bianchi, M., Menegócio, A. M. M., & Zago, G. M. (2014). Desconstruindo a imagem do idoso nos meios midiáticos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 17(4), 211-223. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/23868/17127>.
- Fin, T. C., Portella, M. R., & Scortegagna, S. A. (2017). Velhice e beleza corporal das idosas: conversa entre mulheres. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 20(1), 77-87. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562017020.150096>.
- Fontes, O. de A., Borelli, F. C., & Casotti, L. M. (2012). Como ser homem e ser belo? Um estudo exploratório sobre a relação entre masculinidade e o consumo de beleza. *Revista Eletrônica de Administração*, 18(2), 400-432. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-23112012000200005>.
- Frederick, D. A., Sandhu, G., Scott, T., & Akbari, Y. (2016). Reducing the negative effects of media exposure on body image: testing the effectiveness of subverting and disclaimer labels. *Brief research report in body Image*, 17, 171-174. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: doi: 10.1016/j.bodyim.2016.03.009.
- Geertz, C. (2008). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan.
- Hervik, S. E., & Fasting K. (2014). 'It is passable, I suppose': adult Norwegian men's notions of their own bodies. *International Review for the Sociology of Sport*, 51(7), 800-816. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1012690214557709>.
- Jankowki, G. S., Diedrichs, P. C., Williamson, H., Christopher, G., & Harcourt, D. (2014). Looking age-appropriate while growing old gracefully: a qualitative study of ageing and body image among older adults. *Journal of Health Psychology*, 21(4), 550-561. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: doi: 10.1177/1359105314531468.
- Junior, A. M., & Freitas, S. A. de. (2012). Envelhecimento e consumo: as representações da velhice feminina no discurso midiático. *Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*, 17(1), 275-291. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/27746>.
- Klueger, C. M. B. (2017). Reflexões iniciais sobre a Velhice. *Revista Portal de Divulgação*, 51, Ano VII.
- Lopes, F. A. S. M., & Jesus, J. C. L. (2007). Gênero e envelhecimento: algumas particularidades da participação de mulheres e homens idosos em grupo. *V Jornada Internacional de Políticas Públicas*, UFMA.
- Lopes, M. S., Arantes, R. C., & Lopes, R. G. da C. (2007). Um breve ensaio sobre a aceitação da beleza na efemeridade dos corpos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 10(20), 45-61. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/2589/1643>.
- Ludorf, S. M. A., & Ortega, F. J. G. (2013). Marcas no corpo, cansaço e experiência: nuances do envelhecer como professor de Educação Física. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 17(46), 661-675. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832013005000019>.

Maravilha, L. M. M., Santos, M. de F. de S., Gouveia, R., & Almeida, A. M. de O. (2013). As representações sociais de envelhecimento masculino e as diferentes vivências da sexualidade. *RBCEH*, 10(1), 79-91. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <file:///C:/Users/Dados/Downloads/1905-Texto%20do%20artigo-13485-1-10-20140516.pdf>.

Marinho, M. dos S., & Reis, L. A. dos. (2016). Velhice e aparência: a percepção da identidade de idosas longevas. *Revista Kairós-Gerontologia*, 19(1), 145-160. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/29479/20569>.

Marinho, M. S., Chaves, R. N., Souza Filho, A. R., & Reis, L. A. dos. (2016). Identidades de idosos longevos: significados atribuídos a ser velho *Argum.*, 8(3), 146-158. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: DOI: <http://dx.doi.org/10.18315/argumentum.v8i3.13693>.

Medeiros, P. A., Streit, I. A., Sandreschi, P. F., Fortunato, A. R., & Mazo, G. Z. (2014). Participação masculina em modalidades de atividades físicas de um Programa para idosos: um estudo longitudinal. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(8), 3479-3488. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: DOI: 10.1590/1413-81232014198.16252013.

Mendonça, M. C., & Castro, G. G. S. (2016). Envelhecimento, idadismo e invisibilidade dos idosos na mídia. Entrevista com Laura Hurd Clarke. *Revista Comunicação, Mídia e Consumo*, 13(38), 151-155. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/1173>.

Menezes, T. N. de, Brito, K. Q. D., Oliveira, E. C. T., & Pedraza, D.F. (2014). Percepção da imagem corporal e fatores associados em idosos residentes em município do nordeste brasileiro: um estudo populacional. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(8), 3451-3460. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232014198.15072013>.

Monteleone, T.V., Witter, C., & Gama, E. F. (2015). Representação social de idosos: análise das imagens publicadas no discurso midiático. *Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*, 20(3), 921-937. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/48330>.

Neri, A. L. (2006). O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento. *Temas de Psicologia*, 14(1), 17-34. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2006000100005.

Neri, A. L. (2014). *Palavras-chave em Gerontologia*. Campinas, SP: Átomo e Alínea.

Neri, A. L., & Jorge, M. D. (2006). Atitudes e conhecimentos em relação à velhice em estudantes de graduação em educação e em saúde: subsídios ao planejamento curricular. *Estudos de Psicologia*, 23(2), 127-137. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2006000200003>.

Nogueira, I. R. R., & Alcântara, A. O. (2014). Envelhecimento do homem: de qual velhice estamos falando? *Revista Kairós-Gerontologia*, 17(1), 263-282. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/21203/15497>.

Noser, E. N., Walther, A., & Ehlert, U. (2017). Are psychosocial resources associated with perceived facial aging in men? *Gerontology & Geriatric Medicine*, 3, 1-10. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://doi.org/10.1177/2333721417714875>.

Pereira, C. S., & Penalva, G. A. (2014). Nem todas querem ser Madonna: representações sociais da mulher carioca, de 50 anos ou mais. *Estudos Feministas*, 22(1), 173-193.

Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2014000100010>.

Perez-Damian, A. (2013). El cuerpo como territorio de combate contra el envejecimiento (Resenha). *Convergencia, Revista de Ciencias Sociales*, 61, 255-259. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://www.redalyc.org/pdf/105/10524674011.pdf>.

Picolli, M., Lopes, A., Araújo, J. R. C., & Graeff, B. (2012). Idosos “roqueiros” e a juventude eterna: pistas para reflexão. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(N.º Especial 13, Temático “Vulnerabilidade/Envelhecimento e Velhice: Aspectos Biopsicossociais”), 291-312. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/17308>.

Plens, J., Accioly, M., Batistoni, S., & Lopes, A. (2012). Envelhecimento, engajamento e aparência: percepções de idosas participantes de um núcleo de convivência de idosos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(N.º Especial 13, Temático “Vulnerabilidade/Envelhecimento e Velhice: Aspectos Biopsicossociais”), 269-289. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/17307/30497>.

Pollini, D. (2014). O envelhecimento e a moda: tecendo reflexões. *Mais 60 - Estudos Sobre Envelhecimento*, 25(61), 8-25. Recuperado em 30 novembro, 2018, de: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/8894_o+envelhecimento+e+a+moda+tecendo+reflexoes.

Queiroz, L. N. de, & Lopes, R. G. da C. (2015). Moda Exclusiva. *Revista Portal de Divulgação*, 46, 78-82.

Sabaté, R. C. D. (2016). Envelhecimento e sociedade: um debate sobre o lugar do idoso no Brasil contemporâneo. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, SP.

Santana, C. da S., & Belchior, C. G. (2013). A velhice nas telas do cinema: um olhar sobre a mudança dos papéis ocupacionais dos idosos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 16(1), 93-116. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/20343/15100>.

Santos, P. M. (2015). Lazer e grupos de convivência para idosos: um estudo sobre a participação de homens em Florianópolis, SC. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos. Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Florianópolis, SC.

Seferin, M. T., & Linden, J. C. S. V. D. (2014). Você é o que você veste: relações simbólicas entre produtos de moda e identidades. *Blucher Design Proceedings*, 1(4), 1-9. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: DOI: 10.5151/designpro-ped-00862.

Shephard, A., Pookulangara, S., Kinley, T.R., & Josiam, B. M. (2016). Media influence, fashion and shopping: a gender perspective. *Journal of Fashion Marketing and Management*, 20(1), 4-18. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: DOI: 10.1108/JFMM-09-2014-0068.

Silva, E. K. R. (2013). Moda, informação e cultura. *Revista IARA*, 6(1), 66-89. Recuperado em 30 novembro, 2018, de: http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2015/01/05_IARA_vol6_n1_Artigo.pdf.

Silva, N. P., Cachioni, M., & Lopes, A. (2012). Velhice, imagem e aparência: a experiência de idosos da UNATI EACH/USP. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(7), 235-257. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/15251/11377>.

Silva, W. V. (2016). Sexualidade na terceira idade: o olhar da sociedade sobre o idoso. Tese de Bacharelado em Serviço Social. Centro Universitário Tabosa de Almeida. ASCES/UNITA, Caruaru, PE.

Souza-Guides, A. C. N. de, & Lodovici, F. M. M. (2018). O Idadismo/Ageísmo sob a escuta dos idosos: efeitos de sentido e a utopia de um novo envelhecer. Lodovici, F. M. M. (2018). (Org.). *Envelhecimento e Cuidados – uma chave para o viver*. São Paulo, SP: Portal Edições.

Tavares, O., & Silveira, V. (2014). Experiências de envelhecimento na praia. *Revista Kairós-Gerontologia*, 17(3), 271-284. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/22302/16255>

Vargas, A. C., & Portella, M. R. (2013). O diferencial de um grupo de convivência: equilíbrio e proporcionalidade entre os gêneros. *Revista Kairós-Gerontologia*, 16(3), 227-238. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/18546/13733>

Viana, H. B., & Andrade, J. S. S. de. (2013). Fotografia e imagem corporal na maturidade. *Revista Kairós-Gerontologia*, 16(4), 103-123. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/19632/14505>.

Vieira-Sena, T. A. (2011). Construção da identidade masculina contemporânea por meio da roupa íntima. Dissertação de mestrado em Design. Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo.

Leônidas Silva Ramos – Graduação em Gerontologia e colaborador do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS), ambos da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP).
E-mail: leonidas.ramos@usp.br

Patrícia Yokomizo – Graduação em Têxtil e Moda. Mestre em Gerontologia, fundadora e membro do grupo EAPS, todos da EACH/USP, Brasil.
E-mail: pati@usp.br

Andrea Lopes – Antropóloga, docente da Pós-Graduação em Gerontologia e das Graduações em Gerontologia e Têxtil e Moda. Fundadora e coordenadora do grupo EAPS. Todos da EACH/USP, Brasil. Orientadora da pesquisa.

E-mail: andrealopes@usp.br

Relato de experiência de extensão: com que roupa eu vou?

Extension experience report: what clothes should I go with?

Informe de una experiencia de extensión: ¿con qué ropa me voy?

Renan Rodrigues de Almeida
Mariana de Oliveira
Patrícia Yokomizo
Andrea Lopes

RESUMO: O artigo apresenta a experiência pedagógica e gerontológica de uma oficina-piloto de extensão universitária, criada e desenvolvida pelo grupo EAPS/USP. O objetivo central da oficina foi explorar a construção da aparência e seus significados ao longo do processo de envelhecimento das nove participantes idosas, sob a monitoria individualizada de alunos de graduação, pós-graduação e profissionais convidados. A experiência apontou o potencial da variável aparência no âmbito da gestão gerontológica, capaz de sensibilizar e promover reflexões a respeito da diversidade do envelhecimento e o debate de mitos e estereótipos da velhice.

Palavras-chave: Envelhecimento; Aparência; Extensão.

ABSTRACT: *The article presents the pedagogical and gerontological experience of a university extension pilot workshop, created and developed by the EAPS/USP group, Brazil. The main objective was to explore the construction of appearance and its meanings along the aging process of the nine elderly participants, under the individualized monitoring of undergraduate and postgraduate students and invited professionals. The experience showed the potential of the appearance variable in gerontological management, being capable of sensitizing and promoting reflections about the diversity of aging and the debate of myths and stereotypes of old age.*

Keywords: *Aging; Appearance; Elderly.*

RESUMEN: *El artículo presenta la experiencia pedagógica y gerontológica de un taller piloto de extensión universitaria, creado y desarrollado por el grupo EAPS/USP, Brasil. El objetivo principal fue explorar la construcción de la apariencia y sus significados a lo largo del proceso de envejecimiento de los nueve mayores participantes, bajo el asesoramiento individual de estudiantes de grado y posgrado y profesionales invitados. La experiencia señaló el potencial de la variable apariencia en la gestión gerontológica, de manera a ser capaz de sensibilizar y promover reflexiones acerca de la diversidad del envejecimiento y el debate sobre mitos y estereotipos de la vejez.*

Palabras clave: *Envejecimiento; Apariencia; Mayores.*

Introdução

O artigo relata a experiência-piloto da oficina pedagógica e gerontológica de extensão universitária intitulada Envelhecimento e Aparência: com que roupa eu vou?, realizada na Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP). A proposta foi criada e desenvolvida pelo grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS), coordenado pela Prof.^a Dr.^a Andrea Lopes. Os encontros foram realizados semanalmente ao longo do primeiro semestre de 2018.

O EAPS foi fundado na EACH/USP em 2009. Tem como objetivos investigar e promover a temática Envelhecimento e Aparência no âmbito das variáveis socioculturais. Na instituição, o grupo ainda coordena duas disciplinas de graduação, sendo a primeira obrigatória em Gerontologia, denominada Aspectos Socioculturais do Envelhecimento. A segunda é optativa livre e intitula-se Envelhecimento e Aparência, oferecida conjuntamente ao curso de Têxtil e Moda.

O presente relato baseia-se na contínua coleta de dados acerca das ações, debates, reuniões de supervisão e resultados vivenciados na experiência-piloto. A seguir, será apresentada a estrutura da oficina: objetivos, participantes, formato pedagógico e atividades desenvolvidas a cada encontro. Ao final, apresenta-se uma tabela que sintetiza a experiência.

Mesmo que a coleta não tenha sido metodologicamente sistemática, visto que foi realizada pelos monitores de maneira espontânea e voluntária, destaca-se que o relato

busca registrar pistas e possibilidades de desdobramentos que a oficina motivou. Destaca-se que os dados também não foram discutidos em profundidade, por não ser o foco deste relato, apenas sob a luz de bibliografia básica utilizada pelo grupo e apresentada ao longo do relato. Uma avaliação mais rigorosa envolvendo a experiência de idosos e monitores deve acontecer em uma nova versão, com o auxílio de um bolsista de iniciação científica. Há a intenção de realizar uma próxima oficina apenas com homens idosos e, no ano seguinte, envolvendo diferentes identidades de gênero e perfis socioeconômicos.

Envelhecimento e Aparência: com que roupa eu vou?

O objetivo central da oficina Envelhecimento e Aparência: com que roupa eu vou? foi envolver e sensibilizar as idosas para os aspectos socioculturais relacionados à construção e significados da aparência ao longo do envelhecimento e, sobretudo, na velhice. No total, reuniram-se nove idosas com diferentes perfis socioeconômicos. Cada uma foi acompanhada semanalmente pelo(s) mesmo(s) monitor(es) ao longo de um semestre letivo.

A oficina contou com 15 monitores voluntários, igualmente de diferentes perfis socioeconômicos, sendo 10 provenientes dos cursos de graduação e cinco de pós-graduação. Dentre os alunos da graduação, três colaboraram com a coordenação da oficina, sendo uma delas proveniente do curso de Têxtil e Moda. Destaca-se que, entre os monitores, duas voluntárias eram convidadas externas à universidade. A fotógrafa Marliete Rodrigues, igualmente voluntária, registrou todas as atividades realizadas. Além disso, por estímulo da coordenadora, alguns voluntários realizaram intervenções em diferentes encontros, como palestras e dinâmicas em grupo.

Formato pedagógico de cada encontro: objetivos, atividades e resultados

A oficina totalizou 14 encontros de duas horas semanais, intercalados entre aulas teóricas e práticas. Destaca-se que, após cada encontro, quando possível e necessário, eram realizadas reuniões de supervisão, em torno de 30 minutos, sob liderança da coordenadora.

A proposta foi organizada em três partes: (1) familiarização, sensibilização e criação de vínculos; (2) caracterização da trajetória da aparência e seus significados; (3) construção da aparência na velhice presente e futura. Os encontros foram cunhados especialmente na abordagem gerontológica do envelhecimento. Os seguintes paradigmas antropológicos serviram de base para a construção das aulas teóricas: cultura (Cuche, 1998), construção sociocultural (Debert, 2012), interdependência (Elias, 1994) e heterogeneidade (Neri, 2007). O conceito de aparência que norteou as discussões e reflexões será apresentado adiante. A seguir, será descrito cada encontro.

1º Encontro: Apresentação

No primeiro encontro foram apresentados os integrantes do grupo EAPS, a proposta da oficina, os monitores voluntários e as idosas, que também sinalizaram suas expectativas quanto à experiência. Ressalta-se que a coordenadora pediu que cada integrante indicasse um talento, que foi estimulado a ser compartilhado ao longo dos encontros, diversificando, dinamizando e personificando a oficina.

Um idoso e uma idosa compareceram à oficina sem realizar inscrição, revelando o interesse de mais idosos da UATI pela temática. Entretanto, como não havia monitores suficientes para acompanhá-los, os dois idosos não puderam participar. Nesse sentido, destaca-se que, ao término do semestre, além de pedir a continuação da oficina, as idosas insistiram na realização de uma segunda edição, envolvendo ainda outros tantos colegas que não puderam participar da versão-piloto e que foram ficando muito motivados com os relatos semanais que as participantes compartilhavam.

Esse destaque é mencionado, pois revela o interesse de participação por parte dos mais diversos idosos em atividades envolvendo a temática Envelhecimento e Aparência. De modo geral, a convivência com os idosos fez notar a quase ausência de espaços de informação, debate, educação significativa e reflexão sobre questões envolvendo a construção da aparência, sobretudo na velhice.

Nesse encontro, as participantes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após leitura em grupo, foram esclarecidas e acordadas as proposições do termo, recebendo assinatura das idosas.

A coordenadora, após a apresentação da oficina, indicou quais conceitos teóricos iriam estruturar a proposta, tratados no próximo encontro. Na sequência, foram realizadas

fotos individuais — para efeito de registro inicial — e com grande parte do grupo, inclusive os dois idosos extras interessados, como mostra a Figura 1:

Figura 1: Maioria dos participantes da oficina e dois idosos interessados



Fonte: Renan Rodrigues de Almeida (2018)

Por fim, a montagem dos grupos de trabalho foi organizada na primeira reunião de supervisão. Os monitores, com base no perfil e expectativas das idosas, sugeriram com quais participantes gostariam de trabalhar ao longo do semestre.

2º Encontro: Envelhecimento e Velhice

No segundo dia da oficina, foram apresentados pela coordenadora e discutidos com todo o grupo o conceito gerontológico de Envelhecimento e o antropológico de Velhice. Sentados em roda, iniciou-se a aula teórica com a pergunta norteadora: envelhecimento é sinônimo de velhice?

A coordenadora compartilhou que, do ponto de vista gerontológico, o envelhecimento é um processo dinâmico, singular e multifatorial que ocorre durante toda a vida (Neri, 2014). Ele é caracterizado por alterações biológicas, psicológicas e socioculturais (Santos, 2004; Netto, 2016). Uchôa, Firmo, & Lima-Costa, 2002), fundamentados em Corin (1985)¹, entendem que o envelhecimento tem sido categorizado e representado nas interações entre cultura, indivíduo e marcadores biológicos. Os aspectos socioetários, portanto, são constituídos nessa dinâmica. Para efeitos da oficina, indicou-se a noção de que a velhice é uma categoria etária construída socioculturalmente

¹ Corin, E. (1985). Définisseurs culturels et repères individuels: le rapport au corps chez les personnes âgées. *International Journal of Psychology*, 20, 471-500.

(Uchôa, Firmo, & Lima-Costa, 2002; Debert, 2012; Prodanov, & Reinke, 2016), sinalizando que, no Brasil, define-se que velho é a pessoa com 60 anos ou mais de idade (Brasil, 2010).

Ao abrir a discussão, uma participante manifestou o sentimento de não pertencimento à velhice, apesar de possuir mais de 60 anos de idade. Defendeu que seu comportamento, ou melhor, seu modo de pensar, estava relacionado a segmentos sociais mais jovens: *“Eu não me vejo assim [...] na velhice. Eu tenho uma outra cabeça”*. Outra participante relacionou velhice ao fim da vida: *“A gente tá assim, alegre [...] mas a gente sabe que tá chegando [a velhice]. O fim do túnel”*. Para Netto (2016), essa relação pode corresponder a uma visão exclusivamente biogerontológica, cujo envelhecimento leva apenas à percepção de perdas de natureza capacidade funcional (Netto, 2016). Para Machado e Oliveira (2015), envolve a negação da velhice como reação à exclusão social que as pessoas velhas ainda vivem. A coordenadora ouviu a todos e convidou as participantes a experimentarem a oficina a partir desses dois conceitos teóricos apresentados.

Após a aula teórica, foram anunciados os grupos de trabalho e realizada uma dinâmica fora da sala de aula. Os grupos se espalharam pelo corredor do respectivo andar, se posicionando lado a lado, de mãos dadas (Painel 1):

Painel 1: Dinâmica entre monitores e idosas sobre lembranças significativas da aparência ao longo da vida



Fonte: Marliete Rodrigues (2018)

Começando com as idosas, cada integrante dos grupos deveria compartilhar a recordação mais antiga seguida de outra mais recente da vida, cuja própria aparência foi

muito significativa, relatando como estava vestido, qual era a situação, quais os motivos e significados da lembrança. Seguindo essa lógica, idosos e monitores compartilharam suas memórias gerais sobre a aparência, buscando se reconhecer nesse processo. A cada informação davam um passo à frente, intercalando as falas. A proposta visou a: (1) sensibilizar e estimular a memória para a temática; (2) apresentar informações sobre as trajetórias das aparências, buscando familiarizar o(s) parceiro(s) de grupo; (3) oportunizar a aproximação e a construção de empatia e confiança; e (4) revelar a aparência atual como fruto de um percurso que vem se dando ao longo do envelhecimento, repleta de sentidos e mensagens.

Ao final, todos retornaram à sala e fizeram um debate sobre os conceitos teóricos apresentados, frente à atividade realizada. A dinâmica possibilitou, por fim, a atenção ao conceito de Aparência como um aspecto complexo do envelhecimento, a ser apresentado e discutido no próximo encontro.

3º Encontro: Com que roupa?

O tema da terceira aula foi o conceito de Aparência. Um monitor deu início, ao apresentar a pesquisa realizada por Piccoli, Lopes, Araújo e Graeff (2012). O artigo trata da percepção de idosos que se autointitulavam roqueiros desde a juventude e que percebiam neste estilo uma forma de manifestação positiva de jovialidade. Após discussão, os respectivos grupos foram formados. A proposta foi recuperar os frutos da atividade realizada no último encontro. Perguntou-se às idosas se elas tinham algum estilo com o qual também se identificavam ainda hoje. Buscou-se avaliar com mais cuidado se elas, de alguma forma, negavam a velhice e igualmente reforçavam algum comportamento considerado como típico de segmentos mais jovens (Marcelja, 2012; Prodanov, & Reinke, 2016; Barcelos, Steves, & Slongo, 2016).

As idosas relataram com mais detalhes os elementos que usavam na composição da aparência ao longo do curso de vida. Após esse exercício inicial de aquecimento, a coordenadora apresentou uma síntese já em estágio avançado sobre a revisão de literatura nacional e internacional realizada pelo EAPS, a respeito da temática Envelhecimento e Aparência, atualmente publicado por Yokomizo e Lopes (2019).

A apresentação culminou em um debate, a partir de provocações que levassem as idosas a compartilhar suas próprias percepções, crenças e atitudes relativas às respectivas apresentações pessoais, perante o conhecimento apresentado.

Concluindo o debate, a coordenadora compartilhou que a literatura investigada não era conclusiva quanto a uma noção sobre o conceito de Aparência. Observou-se que oscilava entre as concepções de corpo, beleza, roupa, autoimagem, autoestima, entre outras. Dentre os textos levantados, destacou um estudo do EAPS em um núcleo de convivência para idosos em São Paulo, que apontou que a aparência pôde revelar o caráter heterogêneo da velhice, especialmente no que se refere ao seu universo simbólico (Plens, Domingues, Batistoni, & Lopes, 2012). Destaca-se que a revisão culminou na apresentação e discussão de um conceito original de Aparência, a saber: “conjunto de aspectos físicos, comportamentais, atitudinais, estéticos e simbólicos construídos e externalizados pelos indivíduos ou grupos, compondo sua apresentação pessoal ou coletiva” (Yokomizo, & Lopes, 2019, p. 239).

Dando continuidade, os participantes se dispuseram em círculo para realizar a dinâmica Quem sou eu quando me sinto maravilhosa? Destaca-se que, na semana anterior, todos foram convidados a comparecer, no terceiro encontro, vestidos de forma que se sentissem maravilhosos. A grande maioria aderiu à proposta. Assim, cada participante se direcionou ao centro, apresentando sua vestimenta e respondendo ao principal motivo pelo qual se sentia maravilhoso(a) e uma eventual ocasião marcante que ele(a) estava vestido(a) da mesma maneira (Painel 2). Em seguida, fazia a pergunta: quem era ela quando se sentia maravilhosa? O outro participante era conduzido ao centro do círculo:

Painel 2: Dinâmica “Quem sou eu quando me sinto maravilhosa?”



Fonte: Marliete Rodrigues (2018)

Respondendo a essas duas perguntas, uma idosa relatou que se sentia a pessoa mais importante do mundo com seu vestido azul plissado. Compartilhou que a maturidade deu a ela segurança para fazer as “coisas”, e socializar. Outra idosa mencionou: “Assim [apontando para a roupa que estava vestindo], *eu estou pronta pra tudo. Uma pessoa bem resolvida. Me sinto dona do mundo [...] Gosto de calça bem livre prá poder fazer o que quiser*”.

Ao final da apresentação de todos os participantes, ao som das canções do chamado carinhosamente por elas “Rei Roberto Carlos”, iniciou-se o baile, conforme ilustra a Figura 2:

Figura 2: Baile parte da dinâmica “Quem sou eu quando me sinto maravilhoso(a)?”



Fonte: Marliete Rodrigues (2018)

Ao término do encontro, observou-se grande euforia entre os participantes, sessões de fotos, manifestações de afeto e elogios múltiplos. Uma das idosas mais tímidas do grupo mencionou que a dança é o momento em que se sentia mais maravilhosa, à vontade, apontando para o próprio vestuário.

Como resultados alcançados, observou-se a sensibilização à autopercepção sobre a construção da aparência e noções positivas de si. Observou-se que, ao compartilhar e ouvir os relatos das colegas e monitores, as idosas se sensibilizaram que a aparência é uma construção sócio-histórica e uma forma de comunicação e pertencimento, voltada a papéis, espaços e expectativas sociais e pessoais (Yokomizo, & Lopes, 2019).

4º Encontro: homens, gregários e simbólicos seres

Este encontro tratou sobre participação, envolvimento, papéis, espaços e expectativas sociais e pessoais criadas, vivenciadas e institucionalizadas socioculturalmente. A coordenadora tratou da noção antropológica que compreende o ser humano como um ser relacional e simbólico (Debert, 2012), destacando-se os resultados de pesquisas que apontam a importância dos vínculos e engajamentos sociais ao longo do envelhecimento e na velhice, em especial (Pinto, & Neri, 2017; Machado, Campos, & Rabelo, 2013; Guerra, & Caldas, 2010).

Os espaços e papéis citados por elas representaram tanto experiências próprias, como possibilidades de acessos para os idosos, em geral. Abrangiam diferentes categorias, como educação, lazer, arte e trabalho. A Tabela 1 indica a síntese dos exemplos citados.

Tabela 1 - Espaços e papéis para idosos de São Paulo mencionados pelas participantes

Espaços	Papéis
Biblioteca	Aluno/leitor
Igreja	Religioso
Incubadora (projetos)	Empreendedor
Academia de dança	Dançarino
SESC	Esportista
Instituições de projetos voluntários	Voluntário
Rua	Corredor

Fonte: Renan Rodrigues de Almeida (2019)

Ressaltou-se que os atuais idosos não têm referências sobre como viver a velhice, um dos períodos cada vez mais longos do curso de vida contemporâneo, devido ao aumento da expectativa de vida (Gorzoni, & Fabbri, 2013). Isto é, identificam como ausentes uma gama de modelos que podem contemplá-los em suas diferenças e orientá-los socialmente de forma significativa e inclusiva nesse período da vida (Marcelja, 2012;

Silva, 2008; Rodrigues, & Soares, 2006). Uma participante completou: “*Nós [os velhos] somos as experiências. Nós estamos sendo as cobaias*”.

Para outra participante, a chegada à velhice provocou um novo sentido sobre o cumprimento de papéis sociais. Ela mencionou um desejo de promover a representatividade social da velhice no momento de vida em que se encontra, entendendo essa oportunidade como o exercício de sua autonomia perante papéis sociais que percebia como simples destinatária: “*Vivi muito cumprindo os papéis [sociais]. Agora faço o que quiser [...]. Eu quero ser uma boa representante dos 60 mais*”.

A noção de representação relatada incluía o trato com a própria aparência, uma vez que a idosa entendia que a forma como se apresentava socialmente comunicava significados e atitudes sobre como é ser velho no século XXI. Espaços e papéis sociais na velhice são condições sociais criadas a partir de crenças, convenções e dinâmicas que coexistem na sociedade. Dando continuidade, a mesma idosa completou: “*as roupas devem contar uma história*”. Nesse elo entre vestimenta e relações sociais, Pires, Vicentini e Avelar (2015, p. 84) afirmam que: “*percebemos o mundo através da nossa roupa e essa, por sua vez, condiciona nossa relação com o entorno circundante*”.

5º Encontro: dia do baú

Para conhecer mais a história de vida das idosas através da construção das aparências, planejou-se o encontro intitulado Dia do baú. As participantes foram convidadas a trazer e revisitar, juntamente com o(s) respectivo(s) monitor(es), objetos, fotos, arquivos e lembranças significativas (Painel 3). Buscou-se relembrar e reconstituir experiências vividas e observá-las sob o âmbito da trajetória da própria aparência. Todas narraram histórias e aspectos da personalidade, ao compartilhar o que haviam trazido e vivenciado ao retomar essas imagens.

Painel 3 – Idosas relembrando momentos da vida através dos seus acervos fotográficos



Fonte: Marliete Rodrigues (2018)

Uma delas relatou ser “*mais apaixonada*” por blusas e disse que adorava saltos, embora não os use mais “*devido à idade*”. Ela compartilhou que sempre foi e continua a ser consumista, sendo que esse ato de consumir está ligado a seu nível de autoestima: “*Enquanto eu tô com vontade de comprar, significa que a minha autoestima tá alta*”. Completando, outra idosa também mencionou ter deixado de usar determinadas peças de roupa em razão da idade. Apontou não gostar de usar roupa decotada, pois disse que passou o momento para se apresentar com esse tipo de modelo.

Em síntese, ao refletir com os monitores sobre seu acervo, as participantes observaram e narraram mudanças na aparência ao longo do envelhecimento. A forma de apresentação mudou, conforme mudanças de gostos, transformações do corpo e expectativas sociais quanto a aparência, como a maioria indicou em suas falas.

6º Encontro: os sentidos

As mudanças corporais podem impactar as formas de se vestir (Silva Junior, & Oliveira, 2016) e vice-versa (Araújo, & Leoratto, 2013). Para discutir essa correlação, uma monitora de pós-graduação, fonoaudióloga, fez uma apresentação sobre os cinco sentidos do corpo humano: visão, audição, paladar, olfato e tato. Ela apontou e debateu as alterações orgânicas ao longo do envelhecimento.

As idosas contribuíram ao compartilhar experiências relacionadas às transformações biológicas dos sentidos. Uma idosa mencionou que, antigamente, era “*feio*” usar óculos, devido ao preconceito em torno desse acessório. Já a idosa mais velha da turma relatou a perda de 70% da audição devido a dois infartos. Por isso, necessitou usar aparelho auditivo. Ela informou que sua “*vontade de viver*” era maior que uma “*possível vergonha*” de usar o aparelho. Ao dizer que foi à loja e colocou o aparelho, ela mencionou: “*Parecia que eu estava enxergando, enxergando o som [...]. Me senti assim, muito livre, vivendo outra vez*” (Figura 3).

Figura 3: Participante compartilhando sua experiência com o uso de aparelho auditivo



Fonte: Marliete Rodrigues (2018)

O relato pareceu fortalecer a relação que todas tinham com as próprias perdas, narradas ao longo da oficina. Aproveitando a oportunidade, a monitora apresentou diferentes modelos de aparelho auditivo.

Como resultado da atividade, observou-se que as idosas compreenderam os efeitos que as alterações sensoriais ao longo do envelhecimento podem ter sobre a construção da aparência e seus significados. A monitora ainda destacou que, devido à vergonha e ao preconceito, muitos idosos adiam a busca por diagnóstico de perda auditiva ou mesmo o uso do aparelho, que vem a surtir isolamento. E, infelizmente, com o passar dos anos sem cuidados, são ocasionados danos biológicos irrecuperáveis. Conforme encaminhado pela coordenadora, a gestão da dinâmica construção da aparência e novos significados, mediante diversas transformações, podem trazer ganhos pessoais, sociais e funcionais valiosos para qualidade de vida do idoso. Para fechar, uma idosa sinalizou que há anos havia perdido o paladar e passou a receber suporte da família e amigos, culminando em diversas estratégias de adaptação.

O sexto encontro encerrou a etapa de familiarização do grupo, caracterização geral dos perfis e conceituação teórica. A próxima etapa da oficina dedicou-se ao detalhamento da trajetória construída pelas participantes de suas aparências ao longo da vida, visando relacionar-se com o passado de maneira crítica para, assim, buscar estabelecer uma visão objetiva sobre o atual momento de suas vidas.

7º Encontro: infância

Para dar início às discussões sobre os tradicionais períodos da vida e possíveis mudanças associadas, o sétimo encontro tratou prioritariamente sobre a infância das participantes. A coordenadora contou brevemente sobre os períodos da vida no contexto medieval, apontando que a infância, entendida como categoria social, teve sua construção a partir do século XIII, ainda dinamicamente constituída nos dias atuais (Aries, 2010; Debert, 2012).

Para o encontro, foi solicitado que as idosas trouxessem fotos para compartilhar as histórias da infância e mostrar o que vestiam na época aos respectivos monitores. Uma senhora foi bem detalhista no relato sobre sua aparência quando criança. Ela disse que se vestia com *short*, camiseta e vestido. Seu pai comprava tecido na cidade e a irmã mais velha costurava as roupas. O vestuário que marcou sua infância foi um vestido de chita com fundo verde, elástico, babado e estampa de flor, junto a um sapato vermelho com laço. Em contrapartida, outra contou que sua infância foi marcada por poucas alternativas de vestuário, resumidas a que lhe servia das doações recebidas. Além disso, ela não se lembrava de cores específicas que contemplassem sua infância, nem de cores que gostava.

Posteriormente, para que todos pudessem participar juntos, a coordenadora propôs uma atividade fora da sala de aula. Os participantes foram dispostos em dois círculos, sendo um maior, formado apenas pelos monitores e, internamente, um menor, formado apenas pelas idosas. As senhoras ficaram frente a frente aos monitores, como indica o Painel 4:

Painel 4: Dinâmica sobre a infância



Fonte: Marliete Rodrigues (2018)

A proposta da dinâmica foi que as idosas conversassem com o monitor à frente sobre um momento marcante da infância. Durante as conversas, a coordenadora

interrompia com palmas e dizia para elas rodarem o círculo até que ela mandasse parar. Em seguida, deveriam continuar narrando suas memórias sobre a infância a outro monitor. Assim sucessivamente, até que voltassem à formação original. Destaca-se que a grande maioria dos monitores eram jovens com idades em torno dos vinte anos.

Alguns exemplos de palavras e expressões ditas pelas idosas foram: “brincadeira”, “felicidade”, “banho no lago”, “andar a cavalo”, “aprender a ler pra quê? Tem que ajudar no serviço” e “irmãos, avó, carinho”. Portanto, através da dinâmica e das conversas entre monitores e idosas, estas puderam expor a relação que o estilo e condições de vida levaram durante a infância e possíveis impactos ocasionados na construção da aparência ao longo da trajetória de vida, inclusive, na atualidade.

8º Encontro: da infância à vida adulta

No oitavo encontro, dando continuidade à atividade da semana anterior, as idosas levaram fotografias e contaram para seus monitores algumas histórias das experiências vividas a partir do que consideravam o término da infância. Dentre os relatos até a chegada à vida adulta, passando pela juventude, observaram-se falas sobre comportamento, crenças, oportunidades, frustrações, estratégias, vinculados à construção da aparência feminina e os respectivos papéis esperados socialmente para as mulheres.

Uma idosa disse que, a partir dos 14 anos começou a pintar as unhas, a se “*afeminar*”. Outra relatou que foi ensinada a se maquiar dos 16 aos 17 anos, quando trabalhou como copeira para uma família e começou a atuar como acompanhante de uma moça que tinha por volta de 20 anos. Uma participante ainda ressaltou o uso do batom durante a juventude e vida adulta e disse que era uma “*marca*” que permanecia. Para ela, essa característica era um importante indício de quando começou a entender-se mais feminina e mulher, pois relatou que sempre gostou de ser diferente.

Crane (2006) aponta que o mundo do trabalho também é um importante marcador na aparência da vida adulta. Por conviver com muitos homens desde quando ingressou no mercado de trabalho, uma idosa apontou que sua postura e aparência mudaram e se refletiam até então na forma como se apresentava, mesmo estando aposentada. Ela relatou que, desde aquele momento de vida, vinha usando calça social e camisas. No geral, não usava roupas que deixassem à mostra partes do corpo.

Também buscava manter um comportamento sério e introspectivo, que entendia como condizente com o exercício do seu cargo na antiga loja de departamentos Mappin, a qual era localizada no centro da cidade de São Paulo (Figura 4). Crane (2006, p. 22) diz que "*as roupas, como artefatos, 'criam' comportamentos por sua capacidade de impor identidades sociais e permitir que as pessoas afirmem identidades sociais latentes*".

Figura 4: Aparência de uma das participantes influenciada pelo mundo do trabalho



Fonte: Marliete Rodrigues (2018)

Por fim, as idosas expressaram a mudança na vida delas a partir do momento em que indicaram que começaram a se "*afeminar*". A apresentação delas no momento de vida atual; portanto, comunica aspectos da personalidade, estilo de vida, papéis e profissão.

9º Encontro: velhice

Para introduzir a discussão da construção da aparência e seus significados no atual período de suas vidas, monitores e idosas dispuseram-se em círculo e a coordenadora, sentada em uma cadeira giratória, posicionou-se no meio da roda. Representando simbolicamente a velhice, perguntou a todos: "*Eu sou velho porque...*". Para responder à pergunta, cada participante se deslocava espontaneamente ao centro, tocava na coordenadora, argumentava e voltava ao seu lugar, indicando no retorno à próxima pessoa a se manifestar. As falas de todos os participantes intercalaram-se entre aspectos positivos da velhice, como maior tempo para viajar e ter sabedoria, e negativos, como perda de memória e doença (Figura 5):

Figura 5: Dinâmica “Eu sou velho porque...”



Fonte: Marliete Rodrigues (2018)

Após a participação de todos, a coordenadora apresentou a provocação daquela atividade. Ainda no centro da roda, ela foi enfatizando a oscilação entre perdas e ganhos da velhice, ancorada nas proposições do psicólogo alemão Paul Baltes (Neri, 2006). Destacou o caráter subjetivo das falas e a ausência de concepções que vinculassem objetivamente a velhice a um período etário, conforme aponta o Estatuto do Idoso (Brasil, 2013). Em seguida, distribuiu uma cópia do Estatuto a cada uma das participantes idosas (Figura 6) e solicitou que, para o próximo encontro, organizassem reflexões, dúvidas e críticas quanto a esse instrumento de proteção à pessoa idosa.

Figura 6: Participante recebendo Estatuto do Idoso da monitora



Foto: Marliete Rodrigues (2018)

Para concluir a dinâmica, a coordenadora incentivou uma das idosas a tocá-la e permanecer parada. Com o apoio da cadeira giratória, foi envolvendo um a um, dispondo

o grupo em formato de caracol (Figura 7). Essa ação final serviu para simbolizar: (1) a teia de relações em que todos estão integrados perante os acordos sociais que são estabelecidos; (2) a importância de a pessoa idosa estar presente nos vínculos sociais como participante legítima e ativa, especialmente conhecendo e defendendo seus direitos adquiridos por meio de inúmeras mobilizações ao longo dos últimos 50 anos no Brasil (Lopes, 2000; Rauth, & Py, 2016); e (3) estimular as idosas a se perceberem como parte de um segmento político-etário relevante.

Figura 7: Conclusão da dinâmica: “Eu sou velho porque...”



Foto: Marliete Rodrigues (2018)

Na segunda parte do encontro, as idosas se reuniram com seus respectivos monitores para mostrar fotos, peças de roupas e acessórios que contemplavam o momento atual de suas vidas. Em cada objeto, registrou-se uma história; em cada história, um aprendizado; em cada aprendizado, havia uma roupa portadora de mensagens, expectativas, crenças e atitudes, oportunidades e ausências.

No geral, as idosas relataram muitos aspectos positivos da velhice. Uma delas, aos 64 anos, suspeitando de depressão, começou a sair com as amigas, com incentivo dos filhos. Os encontros a motivaram a retomar a atenção e o autocuidado com a aparência, ainda que tivesse medo de “*ganhar o rótulo de viúva assanhada*”. Ela disse que, na velhice, passou a frequentar a UATI, bingos e bailes e a se preocupar mais como se apresentava socialmente, cuja mudança “*fez com que se sentisse mais jovem*”.

Essa concepção ilustra que a participação social do idoso era concebida por ela como uma ação relacionada e permitida aos mais jovens. Ou seja, muitas vezes, a pessoa idosa, para se sentir pertencente a seu grupo social diferente do esperado para a sua faixa

etária, procura adquirir uma espécie de passaporte geracional, conforme discute Marcelja (2012), quando trata do senso de beleza juvenil nas relações intergeracionais. Debert (1997, 2012) afirma que o mito da juventude eterna e a valorização juvenil reforçam os laços simbólicos que parecem constituir privilégios de relação e poder. Discute ainda a autora trocas relacionais que são intolerantes às diferenças etárias.

Outra relação destacada por uma das idosas na velhice foi a conquista do senso de liberdade, tanto para ocupar seu tempo livre, como na escolha das roupas para frequentar os novos lugares que passou a conhecer. Ou seja, menciona que seus 60 anos foram “*libertadores*” e agora ela pode frequentar a UATI, o Centro de Referência da Cidadania do Idoso (CRECI), o Serviço Social do Comércio (SESC), entre outros espaços. Ressaltou usar, na velhice, roupas mais confortáveis, mas escolhidas pela marca.

Ainda em termos de conforto, algumas idosas comentaram sobre seus calçados. Uma delas disse que usava, então, sapatos mais baixos, mas que ainda estavam “*na moda*”. Porém, quando jovem, usava sempre sapatos com salto alto. Outra idosa também relatou que começou a dar mais valor para o conforto dos pés na velhice e ressaltou que só usava calçados Rainha, pois eles eram “*confortabilíssimos*”. Uma terceira senhora mencionou que depois dos 60 anos entrou na “*fase das Melissas*” e que, além disso, os cabelos brancos deram uma marca a ela.

Os relatos revelaram que as idosas se sensibilizaram ao longo dos encontros quanto à noção de velhice como construção sociocultural e ao próprio momento de vida que estavam vivenciando. Em suma, se dispuseram a debater com mais assertividade os aspectos positivos e negativos da velhice, utilizando o debate em torno das trajetórias das próprias aparências como caminho na construção de significados de vida.

10º Encontro: Painéis de quem sou

Considerando toda a vivência e reconhecimento das trajetórias das idosas através de suas aparências até a velhice, nesse encontro a atividade foi elaborar os intitulados Painéis de quem sou. Para montá-los, as idosas levaram diversos materiais, como revistas, desenhos, colas, acessórios e fotos. Alguns monitores imprimiram palavras e frases ditas pelas idosas que acompanharam para inspirar e ajudar na construção.

A proposta foi que os painéis elaborados pelos respectivos monitores na frente das idosas, que deveriam apenas observar, representassem uma síntese das trajetórias de vida narradas através da própria aparência. A meta foi oportunizar que as idosas analisassem de forma ampla a impressão que tinham gerado nos monitores, sobre si mesmas, além das impressões que os outros participantes teriam delas na etapa seguinte da dinâmica. Vale dizer que as idosas ficaram muito estimuladas, curiosas, e com grande dificuldade para conter comentários e manifestações diversas.

Ao final, os painéis foram expostos lado a lado na parede do corredor do prédio para que cada idosa e os monitores pudessem apreciar todos os painéis (Painel 5). Elas deveriam, ainda, se apresentar aos participantes da oficina por meio do painel que representava a trajetória da sua própria aparência, do ponto de vista do(s) respectivo(s) monitor(es).

Painel 5 – Dinâmica “Painéis de quem sou”



Fonte: Marliete Rodrigues (2018)

Como resultado, todas se sentiram contempladas e representadas em cada criação, como no relato de uma idosa: “*Achei muito bom! Foi muito bem trabalhado. Parece comigo mesmo. Tem a minha cara (risos)*”. Outra ainda mencionou: “*Fiquei feliz que minhas verdades estão aqui (painel). Essa sou eu*”.

Algumas idosas choraram como expressão de muita emoção. Outras discursaram sobre a importância da relação entre diferentes gerações na construção do momento de vida atual delas e da compreensão de toda a trajetória que tiveram. Uma senhora relatou que o contato com gerações mais novas dão “energia” aos idosos. Observou-se um processo de resignificação da vida, que partiu das trocas intergeracionais (Ferrigno, & Côrte, 2016; Lodovici, *et al.*, 2018).

Este encontro encerrou a segunda parte da oficina, centrada na trajetória detalhada e sensível do curso de vida das idosas até então, tendo como mote a construção da aparência e seus significados. A terceira e última parte da proposta envolveu estimular e auxiliar as idosas a pensar estratégias de construção de suas aparências no presente, a partir do consenso elaborado de quem elas eram. Com isso, faltava também agora orquestrar com que roupa elas iriam partir rumo ao futuro, promovendo novas perspectivas e senso de propósito de vida.

11º Encontro: Aparência na velhice em foco - maquiagem e publicidade

No início do encontro foi apresentada uma nova monitora voluntária externa à instituição, convidada pela coordenadora. A nova integrante era psicóloga e especializada em Gerontologia. Participava naquele semestre como ouvinte na disciplina Aspectos Socioculturais do Envelhecimento, ofertada pelo grupo EAPS. Soube da oficina e quis colaborar. Ela foi alocada com uma idosa cuja monitora estava com dificuldades para comparecer no horário.

Em seguida, uma monitora de graduação, encarregou-se de tratar do tema maquiagem, sua especialidade. Sua proposta foi exibir diferentes técnicas usadas para se maquiar, a fim de realçar características desejadas, como a aplicação de produtos iluminadores e maquiagem para diferentes tipos de olhos. As idosas ficaram muito interessadas.

Como segunda atividade, uma monitora publicitária, igualmente convidada externa, apresentou como as aparências femininas, em geral, e de idosos, em particular, vinham sendo expressas pela publicidade. A discussão se pautou em como as representações das mulheres, sobretudo das idosas, não condiziam com a realidade deste segmento social.

Concluiu-se que a propagação de uma imagem específica de feminino incentiva o consumo. A turma apontou que percebiam a produção de padrões de beleza em todas as idades que eram socialmente mais aceitáveis que outras. Usualmente, essa estratégia era usada para a venda de produtos ligados à aparência jovial, como cosméticos, roupas e calçados (Marcelja, 2012). O poder de consumo se tornou uma forma de diferenciação e confirmação de identidades massificadas. No entanto, a profissional apontou que ainda que a mensagem publicitária, no geral, permanecesse fortemente ligada à noção de

juventude eterna, o público estava mudando, pois os velhos estavam sendo vistos também como consumidores ativos.

Durante as apresentações e os debates, as idosas concordaram com a existência de padrões de beleza uniformizados pela publicidade atual. Entretanto, relatavam que seria necessário trabalhar com os diferentes tipos de beleza, reforçando o conceito de heterogeneidade, um dos paradigmas conceituais da oficina.

Nesse sentido, Marceja (2012) diz que o *marketing* tem buscado atender às diferenças na aparência para vender produtos voltados tanto para o rosto quanto para o corpo, por exemplo. Contudo, ao final, uma idosa relatou que ainda é muito abrangente a exposição de padrões específicos de beleza, compondo o imaginário social sobre o que é ter ou adquirir beleza (idem). A participante disse: “[...] *eles inventam muita coisa, sabe, aí a pessoa acaba ficando com vontade*”.

Debert (1997) relata que a publicidade convence, defendendo que as mudanças corporais não são naturais e podem ser mutáveis. Segundo essa ideia publicitária, a aparência desejada pode ser alcançada e é tida como responsabilidade individual. Todavia, nenhuma idosa se sentiu contemplada com a forma com que a mulher, sobretudo a idosa, é representada pela publicidade, no geral.

Crane (2006) compreende que as fotografias da moda iludem as mulheres devido à criação de desejos irrealistas, cuja maioria feminina não consegue satisfazer. A autora ainda afirma que, de modo geral, “as mulheres mais velhas são mais críticas a representações de mídia do que as mais jovens” (p. 205). Por fim, pela exposição excessiva e diária de determinados padrões, as idosas compreenderam que há uma linha tênue entre a aparência desejada e a esperada socialmente.

12º Encontro: Envelhecimento, moda e sustentabilidade

Nesse encontro, dando continuidade ao debate anterior da imagem feminina na publicidade, duas monitoras de graduação, respectivamente de Gerontologia e Têxtil e Moda, prepararam uma apresentação inicial sobre a construção da aparência a partir da perspectiva da moda. Elas exibiram brevemente a mudança da vestimenta feminina na sociedade ocidental ao longo do século XX, destacando como as idosas se vestiam no passado, de modo geral, e como têm se vestido no século XXI. Além disso, ressaltaram as funções das roupas, como proteção e vaidade. Sobre o tema, Soares (2011) exhibe que

as vestimentas dão proteção e conforto. Ainda, segundo o autor, elas também criam desejos e expressam aspectos biopsicossociais dos indivíduos. Melo (2015) também assume as funções das roupas como proteção, decoração e realce dos “atrativos sexuais do seu portador” (p. 19).

As monitoras ainda discutiram sobre o ciclo do consumo excessivo e os danos em termos do descarte de roupas. Também ilustraram o tempo de decomposição de alguns materiais usados na produção de roupas, algo que motivo de surpresa para as participantes. A coordenadora ressaltou que a produção em massa, típica do sistema capitalista, barateia os processos (muitas vezes, ainda provenientes de trabalho escravo), relacionando-se com a homogeneização de padrões estimulados pela publicidade, discutida na aula passada. Uma idosa relatou sua experiência quanto ao consumo de moda na atual fase da vida e o quanto não se sente representada:

“[...] quanto às roupas, modelagens, calçados [...] dá licença, isso está um lixo. Por que eu faço curso de corte e costura? Eu não acho uma peça que seja boa pra mim [...]. É, no geral, porque eu tenho o meu estilo, aí fora, não tem o meu estilo [...]. Eles cortam e é padrão. “Serviu? Serviu. Não serviu? Se vire”.

Outra participante exibiu uma opinião favorável à sua relação com a moda na velhice. No entanto, compartilhou que também faz ajustes nas roupas, quando necessário: *“Eu já acho uma maravilha [...]. Se tá com algum problema, eu mando pra costureira”.*

Foi observado que as idosas aprenderam – por questões econômicas, familiares e culturais – a reutilizar, reformar, emprestar, doar e manter peças bem-conservadas no guarda-roupa, sendo que muitas tinham mães costureiras ou aprenderam a costurar desde muito novas. Crane (2006) aponta que as mulheres do século XIX possuíam grande conhecimento sobre costura, ainda que optassem por criar ou não suas vestimentas. Por isso, para as idosas, concluiu-se que a relação que estabeleceram com as roupas ao longo de suas trajetórias tinham outros significados. Uma idosa expôs que tinha um tecido guardado para fazer uma peça quando emagrecesse. Todavia, esse tecido estava guardado há mais de um ano. Mesmo sem ações que contribuíssem para o seu emagrecimento, ela disse ter muito apego ao tecido e à ideia de que poderia usá-lo quando emagrecesse.

O encontro culminou com uma reflexão sobre aspectos práticos e éticos sobre as ações que cada um exercia em termos de conservação e descarte de peças do vestuário.

Uma idosa ressaltou a importância dos encontros, sobretudo deste, para reavaliar o seu consumo e uso, conscientes e significativos, das suas vestimentas.

13º Encontro: Reciclagem e customização

Após a apresentação e o debate sobre envelhecimento, moda e sustentabilidade, o desafio deste encontro foi a reciclagem e customização. No dia, as participantes doaram para o grupo roupas, acessórios e materiais diversos dos quais queriam desfazer-se. A intenção foi trocar peças que servissem para a customização e consequente criação de uma nova peça de roupa com os respectivos monitores, resumindo o significado da experiência da oficina. A análise do acervo pessoal foi realizada ao longo da semana e visou a refletir sobre os efeitos que a oficina trouxe para a vida das participantes no presente. Com isso, estimulá-las a organizar com mais domínio, originalidade e autonomia a futura trajetória de suas aparências.

A atividade que deu início ao encontro foi uma conversa entre todos sobre os motivos e significados das doações das peças. Em seguida, montou-se uma espécie de banca das trocas. Cada idosa foi convidada a escolher uma nova peça que desse suporte à customização.

Na segunda atividade, cada participante conversou sobre a experiência da oficina com seu respectivo monitor. O diálogo serviu de ferramenta para que os monitores pudessem ajudá-las durante a customização e construção dos sentidos que a nova peça transmitiria como mensagem. A penúltima atividade do encontro foi que cada idosa encontrasse uma palavra que igualmente definisse sua experiência ao longo do semestre. Entretanto, essa reflexão se estendeu até o próximo encontro e foi sugerida também aos monitores.

Customizar foi a última atividade (Painel 6). A dinâmica foi iniciada, mas finalizada durante a semana até o encontro seguinte, no qual elas desfilariam. Esse exercício continuado servia para que iniciassem a despedida do grupo e refletissem o quanto haviam absorvido da oficina.

Painel 6: Idosas customizando as peças que representavam a experiência na oficina

Fonte: Marliete Rodrigues (2018)

14º Encontro: Desfile de encerramento

No último encontro, a primeira atividade que envolveu todas as participantes foi desfilarem com as peças customizadas. Os monitores compuseram uma espécie de passarela, posicionando-se lado a lado. Uma música foi acionada e, uma a uma, anunciadas pela coordenadora, as idosas entravam desfilando sua peça. Em seguida, foi a vez dos monitores. Sendo filmados e fotografados, envoltos em muitas palmas e elogios, ao final da passarela deveriam olhar para a câmera e mencionar a palavra-síntese que definiram como representativa da experiência na oficina. As mencionadas pelas idosas foram: alegria, autoestima, brilho, confiança, fantástico, protagonismo, restauro, valorização e alegria. A esfera de segurança, confiança e intimidade que foi criada ao longo da oficina estimulou para que todos se sentissem autoconfiantes, à vontade e se divertissem, inclusive os mais tímidos e reservados. O último a desfilarem, em clima de suspense, foi o único homem da oficina, ocasionando manifestações efusivas na plateia (Painel 7).

Painel 7: Desfile das participantes idosas

Fonte: Marliete Rodrigues (2018)

Em seguida, cada monitor fez um registro em áudio do relato de sua respectiva idosa sobre a experiência e a avaliação da oficina. Ao final das gravações, foram feitas fotografias individuais e em grupo de todos os participantes. Em um grande círculo, os participantes avaliaram a oficina e trouxeram contribuições diversas. Além disso, cada integrante recebeu um certificado de participação na oficina elaborado pela coordenadora. Entre abraços e sorrisos, deu-se por encerrada a oficina Com que roupa eu vou? Para concluir, a equipe se reuniu para avaliar a experiência, entendida como positiva e propositiva a todos.

Conquistas, limitações e síntese da estrutura da oficina

Após o último encontro, as idosas foram convidadas a participar de um desfile, ilustrando a apresentação da oficina-piloto no V Congresso Latinoamericano de Universidades com Carreira em Gerontologia, no mesmo ano, realizado na EACH/USP. Elas tiveram liberdade para compor o modelo que melhor comunicasse com que roupa elas deveriam desfilar para apresentar quem eram, refletindo a provocação inicial da oficina.

Além disso, logo em seguida, foi realizada a abertura oficial de uma exposição dos frutos da oficina na biblioteca da EACH/USP, com vigência de três semanas. Uma parte da exposição apresentou os modelos customizados. Foram disponibilizados manequins para expor as peças criadas. Essas foram ambientalizadas em uma espécie de sala de estar, logo na entrada da biblioteca. Na referida sala, foi posicionada uma televisão e exibida uma grande parte dos registros fotográficos realizados ao longo do semestre.

Outra frente da exposição foram os Painéis de quem sou, criados no 10º encontro. Além disso, um dos monitores desenhou retratos individuais das idosas, bem como acrósticos baseados tanto nas palavras-síntese ditas por elas no 14º encontro, como na trajetória de suas aparências ao longo da vida narrada a cada encontro. Por fim, trabalhos científicos realizados por integrantes do EAPS e igualmente apresentados no Congresso foram expostos no formato de pôster. A Figura 1, a seguir, exhibe o convite on-line à exposição da oficina.

Figura 7: Convite à exposição da oficina



Fonte: Marliete Rodrigues, Andrea Lopes (2018)

Destaca-se a presença não apenas da comunidade EACH na exposição, mas também de membros externos presentes no Congresso. Em especial, participantes de grande parte da América Latina, envolvidos no estudo ou atenção a idosos. As participantes ficaram muito emocionadas! Nesse dia, as idosas ganharam de recordação a versão original do desenho e do acróstico, bem como um caderno de anotações feito manualmente por uma das monitoras. O intuito era que servisse de diário das reflexões e investimentos na aparência e seus significados desse dia em diante.

A Figura 8 marca a imagem do banner de abertura da exposição, com a presença das nove participantes da oficina, dando às boas-vindas aos convidados:

Figura 8: Banner de recepção dos convidados da exposição da oficina



Foto: Marliete Rodrigues (2018)

Após o êxito da oficina, o grupo EAPS criou um perfil no Facebook² para compartilhar informações diversas do grupo e suas atividades, assim como assuntos e matérias relacionadas à temática Envelhecimento, Significado e Aparência.

Outra conquista que a versão-piloto da oficina impulsionou ao envolver alunos de graduação, pós-graduação, profissionais externos e idosos da UATI, foi o envio e aprovação institucional de uma proposta híbrida das versões da oficina e da disciplina optativa denominada Envelhecimento e Aparência, também na oferta de disciplinas optativas do curso de Pós-Graduação em Gerontologia. Ou seja, a disciplina deve envolver, portanto, alunos graduação, pós-graduação e extensão. Na proposta, os alunos da graduação de ambos os cursos deveriam atuar diretamente com os participantes idosos e os alunos da pós-graduação se responsabilizariam pela condução das duplas e das discussões teóricas. A iniciativa continuaria a ser coordenada pela docente responsável.

Atualmente, o grupo EAPS tem acompanhado, por meio das redes sociais, as idosas participantes da versão-piloto, a fim de observar possíveis efeitos da oficina nas postagens. No geral, observa-se que parte delas aumentou o número de postagens, compartilhando fotos de passeios, *looks* e cursos, ressaltando sentimentos de felicidade e descoberta pessoal.

Por último, para ilustrar toda a proposta, apresenta-se uma síntese de cada encontro (Tabela 2), para efeitos didáticos:

Tabela 2 - Síntese dos encontros da oficina

Encontros	Objetivos	Atividades	Resultados
1º	Apresentar o EAPS, a proposta da oficina, os monitores, as idosas e seus talentos.	Roda de conversa. Registro fotográfico em grupo e individual de todos os participantes.	Entusiasmo das idosas e monitores pela oficina. Leitura e assinatura do TCLE.
2º	Apresentar e discutir o conceito gerontológico de Envelhecimento e o antropológico de Velhice.	Aula sobre Gerontologia. Dinâmica entre idosos e monitores sobre lembranças significativas da aparência.	Compreensão sobre as diferenças dos conceitos abordados. Relatos da sensação de não pertencimento à atual categoria social. Importância das relações entre diferentes gerações.

² Disponível em: <http://www.facebook.com/grupoeaps>.

3º	Apresentar e discutir o tema Aparência.	Atividade Quem sou eu quando me sinto maravilhosa? Baile.	Sensibilização sobre a construção da aparência e seus significados. Aparência como forma de comunicação e pertencimento social.
4º	Discutir sobre os humanos como seres relacionais. Discutir sobre a participação do idoso na sociedade ocidental.	Aula sobre trocas relacionais. Registro das participantes sobre espaços e papéis sociais para idosos em São Paulo.	Inexistência de modelos de velhice. Novos papéis e espaços para idosos. Participação social também como expressão da aparência.
5º	Recordar lembranças das trajetórias das idosas sob o viés da aparência.	Registro de fotos, arquivos e objetos do acervo pessoal.	Observação de mudanças na aparência ao longo do envelhecimento.
6º	Apresentar as alterações sensoriais e discutir os impactos na aparência.	Apresentação sobre os sentidos do corpo humano.	Compreensão do impacto das alterações sensoriais sobre a (re) construção da aparência.
7º	Apresentar e discutir a infância como categoria social construída socialmente.	Aula sobre a construção social da infância. Dinâmica sobre lembranças da infância e reflexos na aparência.	Estilo de vida durante a infância e impactos na construção da aparência.
8º	Apresentar e discutir a juventude e fase adulta como categorias sociais.	Conversas entre monitores e idosas sobre a juventude e fase adulta.	Como estilos de vida e profissões impactam na construção da aparência durante essas etapas.
9º	Apresentar e discutir a velhice como categoria social e sensibilizar as idosas sobre o momento atual de suas vidas.	Dinâmica Eu sou velho por quê? Conversas entre monitores e idosas.	Sensação de pertencimento social. Riscos da valorização do mito da juventude eterna. Novas preocupações com a aparência.
10º	Revelar as percepções dos monitores baseadas na narração de histórias das idosas.	Criação e exposição dos Painéis de quem sou. Relatos das idosas sobre a produção dos monitores.	Representação positiva das idosas pelos monitores. Importância da intergeracionalidade.
11º	Apresentar técnicas de maquiagem para realces desejados. Expor como a aparência feminina e as idosas são	Apresentações sobre maquiagem e aparência feminina e de idosas na publicidade.	Influência excessiva e abusiva da mídia na produção da aparência. Afirmação da própria beleza e aparência.

	expressas pela publicidade.		
12º	Apresentar a construção da aparência através da moda.	Apresentações sobre moda, vestimenta, consumo e descarte.	Homogeneização da produção de roupas. Reavaliação de consumo e descarte de roupas.
13º	Criar uma peça que resumisse a experiência da oficina sobre a aparência no momento de vida atual.	Doações de peças. Conversas entre monitores e idosas sobre a oficina. Reflexão sobre a palavra-síntese. Customização.	Relato sobre os motivos e significado das doações. Satisfação das peças a serem finalizadas.
14º	Propor uma atividade sintetizadora da oficina. Ilustrar as palavras escolhidas por todos os participantes, sobretudo as idosas.	Desfile e palavra-síntese sobre a experiência da oficina. Fotografias em grupo e individuais. Registro em áudio da experiência das idosas na oficina.	Influência positiva da oficina na construção da aparência e seus significados. Sensibilidade em vestir-se de acordo com as próprias vontades e para si próprias. Reafirmação da importância da heterogeneidade.

Fonte: Renan Rodrigues de Almeida, & Andrea Lopes (2019)

De certa forma, a falta de uma avaliação mais sistemática antes, durante e depois da experiência não faz com que essa experiência-piloto seja generalizável. No entanto, espera-se que a estrutura da proposta inspire novas iniciativas, envolvendo a temática Envelhecimento e Aparência. Para isso, sugere-se a leitura inicial dos textos presentes nas referências bibliográficas.

Por se tratar de uma experiência-piloto, o grupo EAPS organizou os encontros de forma livre e mais flexível, procurando incluir os interesses, talentos e perfis dos próprios participantes na condução das dinâmicas. Isto é, apesar de uma estrutura conceitual cadenciada e concebida previamente com base nas pesquisas realizadas pelo EAPS, não houve uma sistematização quanto às dinâmicas e didáticas adotadas. Optou-se por valorizar os diversos momentos, expectativas e solicitações do grupo.

O número relativamente reduzido de monitores impediu a participação de mais idosos, uma vez que o acompanhamento é individualizado na maioria do tempo. Essa opção restringe a amplitude de dados quantitativos. No entanto, entendeu-se que, se o número de idosos participantes fosse maior, talvez a intensidade e oportunidade de expressão do grupo em todos os encontros fossem comprometidas. Assim, como é

proveniente do perfil antropológico do EAPS, valorizou-se a coleta qualitativa, mesmo que espontânea.

Por fim, outra limitação foi o fato de a oficina ter sido oferecida no período da manhã, o que impossibilitou a participação de um maior número de monitores provenientes do curso de Têxtil e Moda, que é matutino. Essa realidade deu um peso maior à abordagem gerontológica do que à proveniente do campo da moda, da qual algumas idosas sentiram falta. Elas sinalizaram, por exemplo, que gostariam de mais dicas de como se vestir e compor *looks*.

Conclusão

A oficina-piloto Envelhecimento e Aparência: com que roupa eu vou?, proposta e desenvolvida pelo grupo EAPS, foi bem recebida pelos envolvidos e por outros idosos da UATI EACH/USP que manifestaram interesse por essa atividade e se dispuseram a participar dela em futuras edições. A experiência proporcionou às idosas conhecer aspectos teórico-práticos referentes à temática Aparência e Envelhecimento, tanto no âmbito da velhice, como no âmbito das próprias trajetórias pessoais das participantes.

A intervenção estimulou as idosas a reafirmar ou ressignificar suas trajetórias, gostos, estilos, crenças e projetos de futuro quanto à forma que desejavam se apresentar socialmente. Estruturou-se a liberdade para a composição de uma noção original e significativa de beleza na velhice, fortalecendo-as para a identificação e o debate sobre mitos e estereótipos.

Ainda, relataram compreender que a construção da aparência existe para além do ato de vestir uma roupa. Esse investimento também reflete tanto suas trajetórias de vida quanto as influenciam a continuar prestigiando os próprios recursos e percursos de maneira digna e significativa. A aparência como forma de engajamento social e veículo de mensagens de quem são e o que desejam foi aparecendo ao longo dos encontros em um crescente bastante entusiasmado.

Por fim, observou-se que a oficina tornou as idosas mais aptas, disponíveis e autônomas no exercício de reconhecer e administrar perdas e ganhos, na atual fase de suas vidas.

Nesse sentido, a experiência de gerar laços de amizade significativos com os pares etários e pessoas mais jovens gerou senso de pertença e competência social, principal estratégia utilizada nos inúmeros momentos em que se sentiram motivadas a compartilhar desafios e dificuldades ou celebrar conjuntamente alegrias e conquistas.

Referências

Araújo, D. C., & Leoratto, D. (2013). Alterações da silhueta feminina. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, 35(3), 717-739. Recuperado em 30 outubro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32892013000300014>.

Aries, P. (2010). *História social da criança e da família*. D. Flaksman, Trad. (2ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Dora Flaksman, Editora LTC.

Barcelos, R. H., Esteves, P. S., & Slongo, L. A. (2016). A consumidora da terceira idade: moda e identidade. *International Journal of Business & Marketing*, 1(2), 3-18. Recuperado em 30 outubro, 2018, de: <http://www.ijbmk.org/index.php/ijbmk/article/view/10>.

Brasil. Ministério da Saúde. (2013). *Estatuto do Idoso*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, (3ª ed., 2ª reimpr.).

Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. (2010). *Política Nacional do Idoso*. Lei n.º 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Brasília, DF.

Ferrigno, J. C., & Côrte, B., (2016). Programas Intergeracionais: estímulo à integração do idoso às demais gerações. In: Freitas, E. V., & Py, L. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*, 1526-1534. (4ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan.

Crane, D. (2006). *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. (2ª ed.). São Paulo, SP: Editora Senac.

Cuche, D. (1998). *Noção de cultura nas Ciências Sociais*. São Paulo, SP: EDUSC.

Debert, G. G. (1997). A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 12(34), 39-56. Recuperado em 30 outubro, 2018, de: http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/34/rbcs34_03.pdf.

Debert, G. G. (2012). *A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento*. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo.

Elias, N. (1994). *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Fuentes, S. A.M. P. S. (2018). *Tecendo o chamado de Atena e Aracne: Atividades em oficinas desenhadas para o segmento idoso*. São Paulo, SP: Portal Edições, 2018.

Gorzoni, M. L., & Fabbri, R. M. A. (2013). *Livro de bolso de Geriatria*. São Paulo, SP: Atheneu.

- Guerra, A. C. L. C., & Caldas, C. P. (2010). Dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento: a percepção do sujeito idoso. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15(6), 2931-2940. Recuperado em 30 outubro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000600031>.
- Lodovici, F. M. M., Fuentes, S. A. M. P. S., Silveira, N. D. R., & Concone, M. H. V. B. (2018). Práticas intergeracionais e Longevidade. São Paulo, SP: PUC-SP: *Revista Kairós-Gerontologia*, 21(4), 481-503. ISSNprint 1516-2567. ISSNe 2176-901X. Recuperado em 30 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/45980/30480>.
- Lopes, A. (2000). *Os desafios da Gerontologia no Brasil*. Campinas, SP: Alínea.
- Machado, J. G. O., Campos, C. G. O., & Rabelo, D. F. (2013). Treino de habilidades sociais em idosos institucionalizados. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 4(2), 258-265. Recuperado em 30 outubro, 2018, de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072013000200009.
- Machado, A. K. C., & Oliveira, H. C. (2015). *A exclusão social da pessoa idosa e o despreparo para lidar com o envelhecimento humano*. Paraíba, SP: Anais CIEH, 2(1).
- Marcelja, K. G. (2012). *A Beleza como Passaporte Intergeracional*. Dissertação de mestrado em Gerontologia Social. São Paulo, SP: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Melo, G. M. S. (2015). *A roupa e a morte*. Dissertação de mestrado em Ciências. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. São Paulo, SP: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Neri, A. L. (2006). O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento. *Temas em Psicologia*, 14(1), 17-34. Recuperado em 30 outubro, 2018, de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2006000100005.
- Neri, A. L. (2007). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na 3ª idade*. São Paulo: SESC Nacional e Perseu Abramo.
- Neri, A. L. (2014). *Palavras-chave em Gerontologia*. 4.edição. São Paulo, Campinas: Alínea.
- Netto, M. P. (2016) Estudo da Velhice: histórico, definição do campo e termos básicos. In: Freitas, E. V., & Py, L. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. (4ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2-12.
- Picolli, M., Lopes, A., Araújo, J. R. C., & Graeff, B. (2012). Idosos “roqueiros” e a juventude eterna: pistas para reflexão. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(N.º Especial 13, Temático “Vulnerabilidade/Envelhecimento e Velhice: Aspectos Biopsicossociais”), 291-312. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/17308>.
- Pinto, J. M., & Neri, A. L. (2017). Trajetórias da participação social na velhice: uma revisão sistemática da literatura. *Rev. Bras. Geriatria Gerontologia*, 20(2), 260-273. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: http://www.scielo.br/pdf/rbagg/v20n2/pt_1809-9823-rbagg-20-02-00259.pdf.
- Pires, B. F., Vicentini, C. G., & Avelar, S. (2015). *Moda, vestimenta, corpo*. São Paulo, SP: Estação das Letras e Cores.

- Plens, J., Accioly, M., Batistoni, S., & Lopes, A. (2012). Envelhecimento, engajamento e aparência: percepções de idosas participantes de um núcleo de convivência de idosos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(N.º Especial 13, Temático “Vulnerabilidade/Envelhecimento e Velhice: Aspectos Biopsicossociais”), 269-289. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/17307/30497>.
- Prodanov, L. S., & Reinke, C. (2016). A mulher madura e o consumo de moda no Brasil. *Revista PRÂKSIS*, 1, 121-137. Recuperado em 30 outubro, 2018, de: [file:///C:/Users/Dados/Downloads/439-1103-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Dados/Downloads/439-1103-1-PB%20(1).pdf).
- Rauth, J., & Py, L. (2016). A história por trás da lei: O histórico, as articulações de movimentos sociais e científicos, e as lideranças políticas envolvidas no processo de constituição da Política Nacional do Idoso. In: Alcântara, A. O., Camarano, A. A., & Giacomini, K. C. (Orgs.). *Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões*. Rio de Janeiro: IPEA, 51-62.
- Rodrigues, L. S., & Soares, G.A. (2006). Velho, idoso e terceira idade na sociedade contemporânea. *Revista Ágora*, 4, 1-12. Recuperado em 30 outubro, 2018, de: <file:///C:/Users/Dados/Downloads/1901-Texto%20do%20artigo-3041-1-10-20111214.pdf>.
- Santos, S. S. C. (2004). A Gerontologia à luz da complexidade de Edgar Morin. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*. Volume especial outubro, 22-35.
- Silva, L. R. F. (2008). Terceira idade: nova identidade, reinvenção da velhice ou experiência geracional? *Revista de Saúde Coletiva Physis*, 18(4), 801-815. Recuperado em 30 outubro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312008000400011>.
- Silva Junior, J. A., & Oliveira, T.C.S. (2016). Modelagem para idosas: proposta de uma peça de vestuário com diretrizes ergonômicas. *12º Colóquio de Moda, 9ª Edição Internacional, 3º Congresso de Iniciação Científica em Design e Moda*, 1-16.
- Soares, C. L. (2011). As roupas destinadas aos exercícios físicos e ao esporte: nova sensibilidade, nova educação do corpo (Brasil, 1920-1940). *Revista Pro-Posições*, 22(3), 81-96. Recuperado em 30 outubro, 2018, de: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v22n3/07.pdf>.
- Uchôa, E., Firmo, J. O. A., & Lima-Costa, M. F. (2002). F. Envelhecimento e Saúde: experiência e construção cultural. In Minayo, M. C. S.; Coimbra-Junior, C. E. A. (Orgs.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Fiocruz, 25-36.
- Yokomizo, P., & Lopes, A. (2019). Aparência: uma revisão bibliográfica e proposta conceitual. *Dobras*, 12(16), 228-244. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/922>.

Renan Rodrigues de Almeida – Graduação em Gerontologia e colaborador do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS), ambos da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP), Brasil.

E-mail: renan.rodrigues.almeida@usp.br

Mariana de Oliveira – Graduação em Gerontologia e colaboradora do grupo (EAPS), ambos da EACH/USP, Brasil.

E-mail: mariana2.oliveira@usp.br

Patrícia Yokomizo – Graduação em Têxtil e Moda, mestre em Gerontologia, fundadora e membro do grupo EAPS, todos da EACH/USP, Brasil.

E-mail: pati@usp.br

Andrea Lopes – Antropóloga, docente da Pós-Graduação em Gerontologia e das Graduações em Gerontologia e Têxtil e Moda. Fundadora e coordenadora do grupo EAPS. Todos da EACH/USP, Brasil. Orientadora da pesquisa e coordenadora da oficina.

E-mail: andrealopes@usp.br

Construção da aparência e seus significados para os vencedores do Mister IPGG 2017, Brasil*

Construction of appearance and its meanings to winners of Mister IPGG 2017, Brazil

Creación de apariencia y sus significados para los ganadores Mister IPGG 2017, Brasil

Silvana Bassi Ramos
Andrea Lopes

RESUMO: Caracterização da construção da aparência e seus significados para homens idosos, visando à participação no concurso de *Mister IPGG*. Estudo de caso exploratório e de inspiração etnográfica. O investimento na aparência aconteceu ao longo de toda a vida, intensificando-se com a participação no concurso. Os significados foram elegância, tradição e dignidade. A promoção da aparência e seus significados na velhice masculina demonstraram oportunizar a criação e o usufruto de papéis, espaços e engajamento social vistos como positivos pelos vencedores.

Palavras-chave: Homens idosos; Aparência; Significados.

* O artigo faz parte de pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Universidade de São Paulo. O respectivo Programa recebe financiamento (Código 001) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil.

ABSTRACT: *This study presents a characterization of the construction of appearance and its meanings for male older adults that participated in the Mister IPGG contest, Brazil. It is an exploratory and ethnographic case study. The investments in the personal appearance were made throughout life, being intensified by the participation in the contest. The meanings related to their appearances were elegance, tradition, and dignity. The promotion of appearance care and its meanings among male old aged demonstrated itself as an opportunity to create roles, and room for social engagement which were seen as positive attributes by the winners.*

Keywords: *Male older adults; Appearance; Meanings.*

RESUMEN: *El estudio presenta una caracterización de la construcción de la apariencia y sus significados entre hombres mayores que participaron del concurso Mister IPGG, Brasil. Estudio de caso exploratorio y etnográfico. La inversión en la apariencia sucedió a lo largo de la vida, intensificándose con la participación en el concurso. Los significados relacionados a la apariencia eran elegancia, tradición y dignidad. La promoción del cuidado de la apariencia personal y sus significados se presentó como una oportunidad de crear roles, espacios y involucramiento social en la vejez masculina, atributos que fueron considerados como positivos por los ganadores.*

Palabras clave: *Hombres mayores; Apariencia; Significados.*

Introdução

As populações de diferentes partes do mundo vêm vivenciando o aumento da expectativa de vida (Neri, 2014). No Brasil, a Política Nacional do Idoso (PNI), através do capítulo I, art. 2º (Brasil, 2010), marca legalmente a velhice como uma categoria social, que se inicia aos sessenta anos. Dessa forma, tal limite regulatório concede um contorno etário a essa experiência do processo de envelhecimento (Silva, Cachioni, & Lopes, 2012).

Para Debert (1999), a velhice é uma concepção sociocultural. A posição que o velho ocupa na sociedade e o tratamento que recebe dos mais jovens ganham significados de acordo com os diferentes contextos históricos, sociais e culturais.

Assim, como verificado por Nogueira e Alcântara (2014), a velhice é heterogênea, apresentando vários perfis e estilos de vida.

Na atualidade, com o sucessivo aumento da expectativa de vida a partir do século XX, observa-se que a chamada velhice abrange desde os indivíduos nascidos nas primeiras décadas do século XX até por volta de meados do século. Portanto, trata-se de um segmento social complexo e intergeracional, composto por indivíduos que apresentaram laços de parentalidade, como pais, filhos ou netos; igualmente, que participaram e viveram ativamente diversas e diferentes mudanças sociais significativas. Entre elas, novos modelos de famílias, casamento, estilo de vida, papéis de gênero, mercado de trabalho, comunicação, comportamento sexual, tecnológicos em diferentes áreas, dentre outras.

No bojo dessas mudanças, observa-se igualmente mudanças de mentalidade e crenças sobre a concepção e a percepção da velhice. Nota-se a criação de diferentes modelos e modos de vivenciar a velhice, ancorados em experiências, atitudes, oportunidades e expectativas sociais em mudança, consolidando novas possibilidades de pertencer a esse segmento (Silva, Cachioni, & Lopes, 2012).

De acordo com Camarano, Kanso e Fernandes (2014), o crescimento da participação do velho e sua diversidade na sociedade brasileira possibilita ganhos e conquistas diversas, gerando igualmente benefícios nas condições físicas e mentais dessa população.

Segundo observam Silva e Pirolo (2017) em seu estudo, os próprios idosos estão adotando medidas que consideram importantes para manterem-se saudáveis. Algumas ações envolvem a preocupação com a saúde física, os relacionamentos sociais, a saúde emocional, alimentação adequada, prática de exercícios e, inclusive, a prática religiosa. Para o grupo pesquisado, essas medidas trazem como consequência a manutenção da autonomia ao longo da vida.

Nesse contexto, o envolvimento em atividades sociais tem mostrado diferenças entre a velhice de homens e de mulheres. A pesquisa de Sousa, Lima, Cesar e Barros (2018) identificou em um grupo de idosos, cuja prevalência etária era de 60 a 69 anos, que as mulheres demonstraram maior envolvimento social, com o predomínio da frequência semanal a cultos religiosos. Já os homens estavam mais voltados para a participação no mercado de trabalho e para algumas atividades físicas, ainda dentro da dimensão laboral.

A pesquisa sugere que o engajamento de idosos em atividades sociais só se torna efetivo se for adaptado e apropriado às questões de gênero e etárias, promovendo o sentimento de realização e pertencimento.

O estudo de Wichmann, Couto, Areosa e Montanes (2013), realizado no Brasil e na Espanha no período de 2009 a 2011, procurou descrever o nível de satisfação de idosos que participavam de grupos ou centros de convivência. Destaca-se que o estudo apresentou prevalência masculina no caso espanhol. Os dados revelaram o quão era importante para os idosos estarem integrados a uma rede social. Em vários relatos constatou-se que os participantes, “antes de frequentarem os grupos, viviam com dores que os impediam de realizar atividades comuns da vida diária” (p. 831).

O envolvimento social é marcado pela compreensão e acordos que temos dos papéis e espaços disponíveis de interação em determinada época e cultura. A velhice, da mesma maneira, é marcada por um tempo, um *status*, diferentes nomenclaturas, papéis e, ainda, diversos estereótipos. Marinho, Chaves, Souza e Reis (2016) afirmam que, embora estereótipos vinculados à velhice ainda estejam presentes no imaginário social, as pesquisas com populações idosas vêm refutando ideias generalistas e simplistas do envelhecimento. Conforme Vieira e Lima (2015), estereótipos e crenças acerca dos idosos acarretam determinadas atitudes e comportamentos que ignoram as particularidades desse segmento, em suas diferentes condições de vida.

Nessa seara, um dos aspectos relacionados à percepção que temos da velhice relaciona-se com a forma como os idosos se apresentam socialmente ou, ao menos, o leque de possibilidades de apresentação pessoal disponível para esse segmento socioetário. A aparência pode ser entendida como uma referência visual dos indivíduos, que demonstram sua relação com o tempo e o espaço em que vivem por meio de roupas, acessórios, penteados, maquiagens etc. Conforme indica Crane (2006, p. 240), a aparência “vai muito além de roupas, indumentárias, incluindo também papéis, comportamentos e tarefas sociais [...] nos levando, então, a dizer que a aparência é socioculturalmente construída e que sofre influências externas e internas”.

Compartilhando e avançando nesse posicionamento, Yokomizo e Lopes (2019, p. 239) realizaram revisão nacional e internacional da literatura e propõem um conceito original para o termo aparência: “conjunto de aspectos físicos, comportamentais, atitudinais, estéticos e simbólicos construídos e externalizados pelos indivíduos ou grupos, compondo sua apresentação pessoal ou coletiva”. As autoras ainda apontam que

a noção de aparência ainda envolve comunicação, pertencimento ou isolamento social. O conceito, de natureza multideterminada, permite inclusive uma visão ampla das possibilidades de percepção da velhice e como integrá-la e apresentá-la socialmente em termos da sua diversidade. Nesse sentido, dar destaque e compreender melhor o universo masculino do envelhecimento faz-se tarefa relevante mediante às peculiaridades desse grupo, ainda tão ausente dos estudos gerontológicos.

Destaca-se que, ao explorar a temática envelhecimento masculino e aparência através da literatura especializada, percebeu-se que o foco dos estudos está voltado especialmente para as questões de saúde (Ferreira, Neves, & Tavares, 2014); declínio da funcionalidade e combate ao surgimento de doenças (Vieira, Cardoso, & Guimarães, 2016; Gouveia, Antunes, Bortolozzi, Marques, & Bertolini, 2017); e estado emocional (Figueira, Haddad, Gvozdz, & Pissinati, 2017). Averiguou-se pouco interesse no que se refere aos seus aspectos socioculturais e simbólicos, como especialmente nas formas de construção, significados e modalidades de apresentação social da velhice masculina.

Dessa forma, o objetivo do presente trabalho é caracterizar, na percepção dos vencedores, a construção da aparência e seus significados visando à participação e obtenção do título de *Mister*, edição do concurso realizada em 2017 no Instituto Paulista de Geriatria e Gerontologia (IPGG) José Ermínio de Moraes.

Método

A pesquisa foi inspirada no método etnográfico proposto por Geertz (2008). Trata-se de estudo de caso, qualitativo, nos moldes exploratório e descritivo. Utilizou-se observação livre e participante, conversas informais, entrevista em profundidade e documentos provenientes de acervo pessoal, como notícias midiáticas e registros fotográficos. Uso de caderno de campo. Visando a estruturar a coleta de dados, utilizou-se roteiro semiestruturado organizado em 23 perguntas abertas sobre a construção e os significados da aparência e 13 fechadas sobre o perfil socioeconômico e envolvimento com o IPGG. O ponto de saturação foi alcançado.

A pesquisa obteve a aprovação do Comitê de Ética em Humanos da Escola de Artes, Ciências e Humanidades¹ e foi realizada na sede do IPGG, no bairro de São Miguel

¹ Pesquisa registrada com o número de Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 79873117500005390, em novembro de 2017.

Paulista, cidade de São Paulo. Contou com a autorização da diretoria e apoio dos líderes do Núcleo de Convivência. Obteve-se todo o suporte necessário, como o contato dos participantes da pesquisa e sala reservada para as entrevistas. O período de coleta foi de maio a agosto de 2018.

Primeiramente denominado de Centro de Referência do Idoso (CRI), o IPGG foi o primeiro equipamento voltado à assistência à saúde da pessoa idosa na cidade de São Paulo, mantido pela Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. Foi criado através do Decreto nº 46.206, de 23 de outubro de 2001. A nova denominação surgiu através do Decreto nº 54.193, publicado em 03 de abril de 2009. Tem como missão promover o envelhecimento saudável e a integração social da pessoa idosa².

Participaram da pesquisa os vencedores do concurso de *Mister IPGG 2017* nas categorias *Mister Timidez*, *Mister Sorriso*, *Mister Simpatia*, *Mister Elegância*, *Mister Beleza* e o finalista que obteve maior pontuação, o *Mister IPGG*. Infelizmente, o ganhador do *Mister Simpatia* não conseguiu participar da pesquisa, por motivo de enfermidade. A identificação dos participantes foi codificada, visando a resguardar o anonimato.

O perfil médio socioeconômico do grupo assim se compôs: idade em torno dos 76 anos; escolaridade e renda entre média e baixa; quatro casados e um viúvo; e residentes com seus familiares próximo à região do IPGG. Apenas um ganhador morava em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) no bairro do Itaim Paulista. Esse participante foi entrevistado na instituição. Todos eram aposentados, sendo que dois deles continuavam a desempenhar atividades remuneradas. Por fim, relataram exercer semanalmente atividades físicas ou esportivas, familiares, culturais, de lazer e religiosas, inclusive no próprio IPGG.

A seguir, apresenta-se uma etnografia breve, que trata, especialmente, da dinâmica de retroalimentação presente na construção da aparência e seus significados, visando à obtenção do título de *Mister IPGG*, a partir da experiência do grupo de vencedores da edição 2017.

² Disponível em <<http://www.saude.sp.gov.br/instituto-paulista-de-geriatria-e-gerontologia-ipgg-jose-ermirio-de-moraes/institucional/historico>>. Acesso em 25/01/2019.

Construção da aparência de *Mister* e seus significados

Ao tratar sobre o processo de construção da aparência e seus significados visando à obtenção do título de *Mister* IPGG, percebe-se primeiramente que a composição da apresentação pessoal no atual momento de vida dos vencedores é fortemente marcada por eventos vividos ao longo do processo do envelhecimento. Ou seja, os participantes mencionaram que sua aparência atual era fruto de experiências, oportunidades, ações e escolhas realizadas ao longo de toda a vida.

Dessa forma, ainda, constatou-se que os investimentos na aparência fazem parte de uma dinâmica interdependente entre os participantes e o contexto em que viveram e vivem (Elias, & Scotson, 1994). Essa dinâmica permanece ativa também em idades avançadas, de um modo singular (Debert, 1999), marcada por papéis, espaços e relações sociais diversas.

Além da motivação intrínseca, construída ao longo da vida, por ocasião da participação no concurso observou-se que aumentam significativamente os cuidados que os *misteres* têm com o corpo, as vestimentas e, de modo geral, a aparência. Uma das razões é que, em uma das etapas de preparação dos candidatos para o desfile, eles recebem minicursos elaborados pelos profissionais que estagiam no IPGG, provenientes das mais diversas áreas de formação. Dentre os assuntos, destacam-se: técnicas de relaxamento; cuidados com o corpo, em especial, a pele; higiene pessoal; maneiras de caminhar pela passarela etc.

Assim, conforme relataram, esses conhecimentos tornam-se parte do cotidiano do homem que se candidata para ser um *Mister*. Nessa direção, eles afirmaram que gostavam de se arrumar para sair de casa, cuidando da barba e cabelo. Para isso, utilizam perfumes, desodorantes e cremes para o rosto. Igualmente, prezavam por andar com uma postura ereta. Ainda, relataram gostar de comprar roupas e observar vitrines. Alguns utilizam *sites* específicos na internet para comprar ou apenas para acompanhar as novidades do universo da moda. Um deles fez questão de ter seus ternos confeccionados por um alfaiate. O participante II declara:

“Gosto de andar com roupas combinando, gosto de arrumar bem, desde a minha juventude, esse é o meu natural [...]. Eu não faço isso para as pessoas me olharem. Mas, eu também não posso deixar de

notar que está todo mundo olhando para mim. Isso não me incomoda [...] gostaria que todos os homens se vestissem elegantemente.”

O participante I3 revela a repercussão que a conquista do título traz aos vencedores:

“Quanto mais você participa dos concursos, mais você passa a ser reconhecido pelas pessoas, com a divulgação do evento pela internet e na televisão. E, também, até as agências de modelos chamam, ou melhor, convidam para fazer o book de fotos. Mas eu não fiz.”

Quanto aos frutos advindos da experiência de conquistar o título, pode-se perceber uma sucessão de aspectos considerados por eles como positivos e recompensadores, como: *maravilhoso; muito gratificante; emocionante; experiência muito boa e benéfica; vitória inesquecível; você é um vencedor; você é importante; você é um ídolo; você é reconhecido e recebe aplausos.*

Assim, marcando uma noção significativa do envolvimento, os participantes foram unânimes em afirmar que ser finalista do *Mister IPGG* só traz benefícios, especialmente para a saúde física e mental. Essa percepção reforça o desejo de vínculo permanente com os concursos promovidos pelo IPGG. Destaca-se que, dos cinco vencedores da edição de 2017 investigada, apenas dois concorreram pela primeira vez. Os outros três já haviam participado de edições anteriores do concurso.

Dessa forma, percebe-se que a construção da aparência, visando à participação no concurso é processual. Alimenta motivações intrínsecas, como manter-se reconhecido e apreciado. Também, atende a motivações extrínsecas, como aquelas advindas da relação e conhecimento transmitido pelos estagiários e responsáveis pelo concurso. Os benefícios, frutos dessa experiência de apresentação pessoal, envolvem menções consideradas positivas. Os cuidados com o corpo e as vestimentas são o ponto central das ações, permeados pela dinâmica de retroalimentação entre investir na aparência e seus benefícios de participar do concurso, apresentados, a seguir.

Corpo de *Mister*: percepções sobre o autocuidado

No início deste século, Twigg (2004) indicou a necessidade de reconhecer e investigar a complexidade e a pluralidade dos significados socioculturais do corpo e, por

consequente, do processo de envelhecimento. Recentemente, Carmagnanis (2016) apontou que as percepções associadas à velhice vêm passando por diversas transformações e novas possibilidades de nomeação, cuidado, sociabilidade e lazer, ofertando a esse segmento social maior visibilidade. Destacou que as representações sobre a velhice mudam e ganham significados diferentes, de acordo com o contexto social, histórico e cultural.

Para os *Misteres* IPGG 2017, o autocuidado com o corpo é feito de forma sistemática, e não se trata apenas de um procedimento para participar do concurso, segundo relatou a maioria dos participantes. Porém, certamente, a maior sensibilidade, prática e intimidade com esse hábito encontram, na identificação e legitimação com essa modalidade de engajamento social, celeiro fértil.

O participante I3, que também está envolvido com a participação em maratonas, relata que esses cuidados incluem uma alimentação com cardápio adaptado para esportistas, com restrição de açúcares e moderação no consumo de carne vermelha e sal. Ele também faz uso de protetores solares específicos para cada região do corpo, que cumprem a função de proteger dos raios solares e do vento. Em suas palavras, destaca: *“Quando eu vou para as corridas uso cremes porque o sol e o vento podem ferir a pele [...], existem cremes específicos para isso”*. Outro aspecto enfatizado por ele foi a sua genética. Para ele, a mistura de raças e etnias favoreceu o seu porte físico: *“Na minha família tem espanhol, tem italiano, afrodescendente, índio, mestiço, pernambucano e paraibano [...] a genética é boa”*.

De maneira geral, os participantes descrevem os cuidados com o corpo sublinhando hábitos, que são igualmente mencionados na preparação do concurso, conforme mencionado anteriormente: usam creme para fazer a barba; outro, após a barba aparada; passam sempre desodorante depois do banho; e, usam perfume quando saem a passeio. O participante I2 relatou que sempre cuida da barba e mantém os cabelos ajeitados e cortados, mas que, para participar do concurso, decidiu algo diferente:

“Um dia antes do concurso pedi para as meninas (funcionárias da ILPI) me levarem ao barbeiro. Fiz a barba com navalha porque é melhor, fica bem-feitinha. Cortei o cabelo, para ficar mais bonito pro dia seguinte no concurso.” (I2)

Percebe-se a preocupação, por parte desse senhor, em apresentar-se no que significa, para ele, sua melhor forma para participar do concurso. Já para o participante I5, o uso do creme da marca Nívea é considerado sagrado, hábito que faz parte da sua rotina: “*eu uso duas vezes por dia, pela manhã, após tomar banho e à noite, ao deitar*”. Outros participantes relataram usar cremes para o rosto, mas não com a mesma frequência. No que tange ainda ao uso de cosméticos, todos afirmaram gostar de usar xampu e algum tipo de condicionador para deixar os cabelos macios. Entretanto, o *Mister* I3 fez questão de relatar que não usa xampu normal. Comentou que usa um xampu específico da marca Paul Mitchell para cabelos tingidos e um creme específico antiqueda. Para ele, a preocupação de ficar careca era mais acentuada do que em outros participantes. Segundo Sant’Anna (2014, p. 181), “muitos senhores foram conquistados pelas grandes marcas de cosméticos que investiram em linhas de produtos exclusivos para eles”.

Os termos corpo e beleza equivalem a elementos fundamentais para a constituição da aparência na atualidade e, comumente, recebem notória menção ou centralidade em pesquisas que tratam da temática aparência e envelhecimento. Para Castilho (2014), o corpo torna-se um dos instrumentos de *performance* da aparência. Atualmente, detém especial importância e sobrevalorização, sendo destaque no cinema, nas diversas mídias, no mundo da música e da moda, nos anúncios de cosméticos, de produtos *light*, de dietas, de cirurgias estéticas, entre outros. No entanto, revela que o corpo veio sempre a constituir, historicamente, um objeto de culto. Ainda, entende o gerenciamento da aparência como uma prática cultural imbuída de significados e objetivos e, também, como um indicador de competência cultural e simbólica (Castilho, 2014).

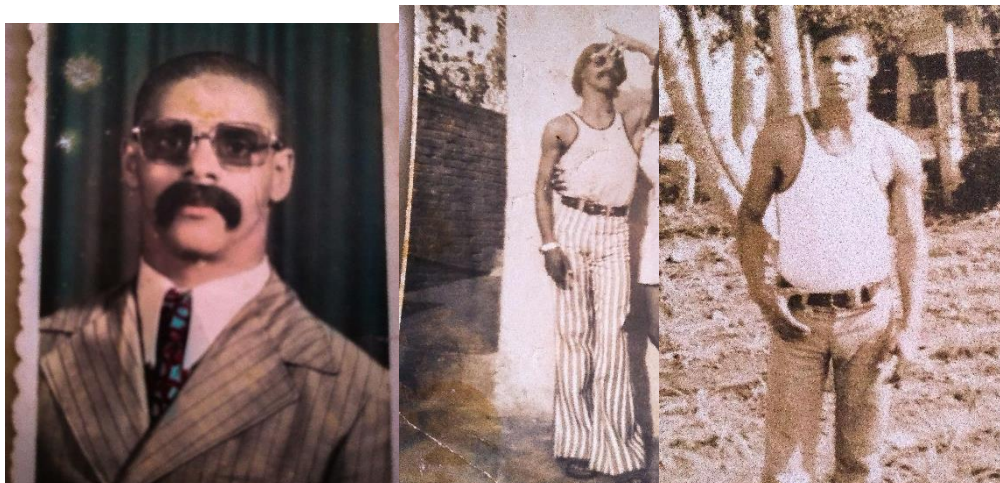
Em termos do culto ao corpo, o participante I5 foi um dos que mais se manifestou mediante o assunto. Durante as entrevistas, ele fez questão de comentar que, quando jovem, era pugilista, e que, devido à prática do esporte, sempre teve braços musculosos. Compartilhou fotos de reportagens da época e medalhas que ganhou em torneios. Dentre as fotos exibidas, uma chamou a atenção, em especial. Ao ser questionado sobre aquela foto, ele relatou:

“O bigode [...] eu sempre sonhei em ter um bigode, só que não tinha. Tanto é que, quando eu era jovem, fui ao centro (da cidade, São Paulo) [...] eu cheguei na grande galeria, hoje conhecida como galeria do rock, e eu comprei um bigode postiço, uma peruca e uma costeleta.

Hoje eu tenho meu bigode, mas naquela época eu não tinha. Aí eu comprei.” (I5).

O Painel 1 reúne, respectivamente fotos do *Mister I5* com e sem o bigode posticho, como também com a peruca de cabelos lisos e a camiseta regata, com os músculos à mostra.

Painel 1. Fotos do participante I5 na década de 1970



Fonte: Acervo pessoal do participante I5

Os cuidados, que já são de longo prazo, são estimulados com a oportunidade do concurso em suas vidas na velhice. Os vencedores reconhecem que a participação no concurso requer uma preocupação permanente com a aparência. Em alguns relatos, eles deram ênfase ao que consideram estratégias importantes para a manutenção de sua aparência. Entre elas estão: apresentar-se bem; ter boa postura e um caminhar ereto; e, usar roupas e sapatos adequados e limpos. O participante I5 prossegue, trazendo riquezas de detalhes sobre sua preocupação e constante vigilância com a própria aparência:

“Eu sempre me preocupei com minha aparência, sempre tive um certo grau de vaidade [risos]. Eu sempre passei cremes. Agora o que mudou foi a minha postura. Por isso, quando eu passo por uma vitrine que tem um espelho, eu dou uma olhada para ver se estou com a postura correta. Se estou andando corretamente ou inclinado [risos]. Normalmente quando a gente descuida, já tá curvado.” (I5).

O autocuidado do corpo como uma estratégia de manutenção do que consideram uma boa aparência garante, na percepção dos entrevistados, boas condições de disputa. Para eles, o corpo de um *Mister* é admirado pelas pessoas, especialmente seus pares etários e de gênero. Conforme mencionou I5, “[sou] até copiado na maneira de se vestir, de falar e de andar. Isso é bom!”. O engajamento no concurso acaba por legitimar suas crenças através da recompensa do reconhecimento e legitimação social.

Com isso, nota-se através das narrativas que não se constrói a aparência de *Mister* de forma imediata. Trata-se de um processo que vem sendo construído cotidianamente ao longo da vida e de inúmeros rituais. As experiências vividas antes, durante e após a passagem pelos concursos, para cada um desses participantes, fornecem suporte e sustentação para gerenciarem sua aparência e seus significados simbólicos. Nesse tipo de investimento biopsicossocial, observou-se que, quanto mais participavam, mais queriam participar. A promoção do bem-estar parece ser a linha que costura a busca pelo título.

Vestimentas e adornos: escolha e manutenção

O modelo de homem ocidental, de acordo com Caldas (1997), foi herdado da sociedade patriarcal, da burguesia clássica, trazido pela Revolução Industrial, “cabendo ao homem ser: forte, provedor, poderoso, político e, ao mesmo tempo, deve se afastar daquilo que remete ao universo feminino” (pp. 49-50).

Eco (1982) aponta que a vestimenta masculina sofreu grande interferência em dois momentos históricos no ocidente: a Revolução Francesa (1789-1799) e o desenvolvimento da civilização industrial. Antes da Revolução Francesa, a vestimenta apresentava luxo e ostentação; depois, tornou-se mais simples, porém requintada e elegante (Schemes, Rodrigues, & Keske, 2009).

Segundo Crane (2006), alguns valores designados até hoje para a masculinidade foram delineados ainda no século XIX. Os estilos de vestimenta masculina seguiram uma tradição restrita e limitada, sempre voltada para o passado.

Segundo Barnard (2003, p. 178), “a vestimenta era uma das maneiras de construir esse tipo de identidade de gênero”. Ainda segunda a autora, a vestimenta pode revelar como o homem usou do vestir-se para a construção de sua aparência, edificando-a em um ato comunicativo, rearticulando sua posição em dado contexto.

Segundo Cidreira (2005, p. 29), “a vestimenta é uma linguagem, capaz de propor significações. Então, é necessário que o indivíduo tenha consciência de que sua vestimenta é um texto e que terá significados para quem recebe a informação”.

Assim, percebe-se que, para esse grupo de idosos, a vestimenta é relevante e muito significativa e está embasada na cultura à qual eles pertencem ao longo do processo de envelhecimento.

O aspecto étnico se faz notório no relato do participante I1, de ascendência italiana por parte materna, e portuguesa por parte paterna. Ele apontou que a relação entendida como cuidadosa com a aparência vem mesmo antes de ele nascer, dado à importância da vestimenta no meio de sua parentela. Dos tempos “*menino de calças curtas*”, ele se lembra dos “ *finais de semana com a casa repleta, e tios, tias, primos e avós, todos muito elegantes*”. Segue a narrativa abaixo:

“Se você procurar saber o que foi São Paulo no princípio do século passado, no Brás onde eu morava, de cada três pessoas duas eram italianas. Então, nós estávamos muito fincados na cultura europeia, nossa cultura, nossos teatros, atores [...]. Eu via minhas primas por parte da minha mãe, as italianadas, os meus parentes por parte do meu pai eram portugueses. Então, eu era criança, eu via as mulheres muito bem arrumadas, muito, demais. Aquilo eu não vou esquecer nunca. E foi aquilo que passaram para os filhos, elas já eram descendentes de primeira, segunda e terceira gerações. Vi passando. Então, isso está dentro de mim, eu recebi do meio que eu vivi, da minha família.” (I1).

Para ilustrar suas memórias, respectivamente, o Painel 2 mostra o referido *Mister* usando o traje branco do dia do concurso, semelhante ao seu traje no dia da entrevista.

Painel 2. Participante I1 exibindo seus trajes



Fonte: Acervo pessoal do participante I1

Para efeitos de ilustração sócio-histórica da relevância dos contextos culturais vivenciados, o Painel 3 apresenta imagens do livro *100 Anos de Moda Masculina*. O modelo da esquerda veste um traje de três peças, chapéu e sapatos brancos, parecidos com os exibidos pelo *Mister I1*. Um terno branco de linho era um traje confortável para homens no verão ou para férias no ano de 1905. Já o anúncio de 1935 para *Mayfair Gentleman and America Sartorial Designer* apresenta ternos de passeio (imagem da direita), dominados pelo modo formal de se vestir.

Painel 3 – À esquerda, modelo de 1905 e à direita anúncio para revista de 1935



Fonte: Blackman (2014, pp. 31, 42)

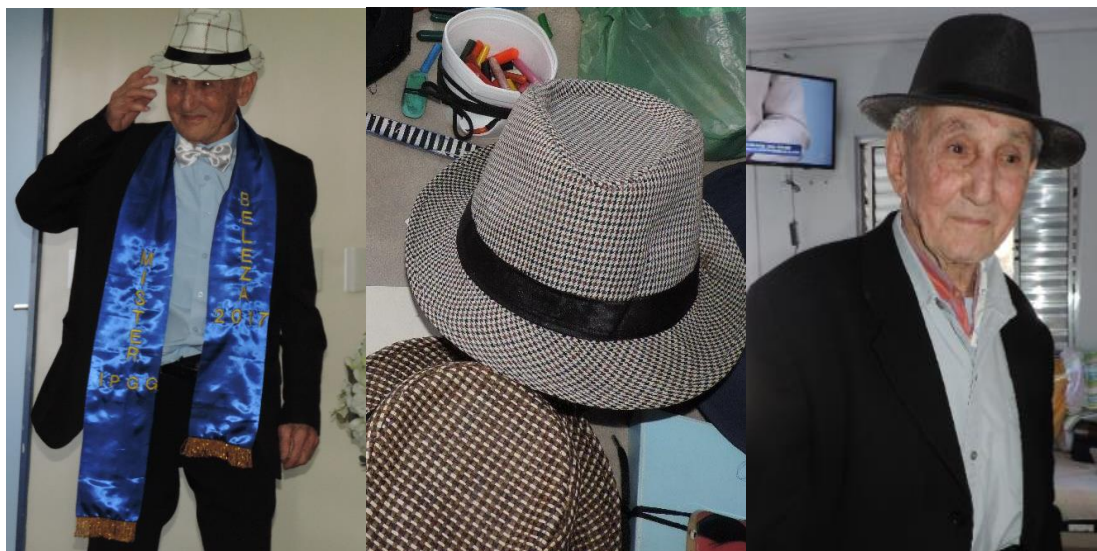
Desse modo, percebe-se que a vestimenta do participante II está embasada na cultura trazida pelos seus ancestrais e pelo meio sociocultural em que foi criado. Em suas narrativas, II sempre declarou a elegância dos trajes femininos, nas suas primas, nas moças de sua juventude, e também dos dias atuais: “*gosto de apreciar uma mulher bem vestida, elegante*”. Para ele, o terno simboliza isso: elegância. Segundo Blackman (2014), o terno é a peça do guarda-roupa de maior permanência de todos os tempos. Porém, se faz necessário ressaltar o fato de ser uma peça em constante adaptação. Com isso, ele se torna uma peça de vestuário bem dinâmica.

Frequentemente, a roupa indica o *status* e a importância que uma pessoa tem dentro de um grupo, conforme as normas e regras estabelecidas. As pessoas do grupo, então, emitem julgamentos e organizam expectativas com base no que as outras estão vestindo e vice-versa. Assim, muitas vezes, o *status* pode ser adquirido ou alcançado, assim como as diversas formas de exclusão e punições. As culturas, em geral, usam a vestimenta para distinguir gênero, religião, grau de parentesco e estado civil. Ainda, são utilizadas para indicar ou definir papéis sociais (Barnard, 2003).

A relação com vestimentas e os adornos podem ser consideradas práticas significativas da vida cotidiana, assim como a arte, a filosofia e a publicidade. São algumas das maneiras pelas quais “a ordem social é experimentada, explorada, comunicada e reproduzida” (Barnard, 2003, p. 63). Ainda de acordo com o autor, a indumentária é um meio pelo qual as pessoas se comunicam, deixando fazer-se ver não apenas os sentimentos, mas também seus valores, esperanças e crenças vinculadas, especialmente, com os grupos sociais aos quais pertencem, dependem e/ou prezam.

O Painel 4 contribui para afirmar como os acessórios usados pelos *Misteres*, por exemplo, indicam *status* para aqueles que os escolhem e exibem. O participante I3 fez questão de colocar seu chapéu no dia do concurso, bem como no ano seguinte, quando voltou ao IPGG para entregar a faixa para o vencedor da edição 2018 (foto à esquerda). Também fez questão de mostrar sua coleção de chapéus, relatando que, na sua mocidade, era importante e bonito usar essa peça do vestuário (foto central). Por fim, no dia na entrevista, ele igualmente pediu para que seu registro fotográfico fosse realizado de chapéu (foto à direita).

Painel 4. Figuras 8, 9 e 10 do participante I2 exibindo o seu apreço pelo uso de chapéus



Fonte: Acervo pessoal do participante I2

Assim, para os participantes, as vestimentas exerciam, portanto, um papel fundamental em suas vidas. Todos eles foram unânimes em dizer frases como: “o homem deve investir no seu guarda roupa” ou “estar sempre bem vestido, combinando as cores da camisa, com a calça e a gravata, o sapato com a meia”.

A maioria dos participantes preferiam usar roupas consideradas formais, como: camisa de manga longa, compondo com calça e sapato social. O participante I1, nas ocasiões das suas entrevistas, sempre se apresentou de terno e gravata. Ao ser questionado por “que usava terno, ele respondeu:

“É muito comum pra mim. Quando eu vou em algum lugar eu me apresento do jeito que eu ando. Eu sempre recebo elogios [...]. Eu vejo que algumas pessoas notam minhas vestimentas, algumas elogiam [...] as pessoas notam quando você está bem vestido.” (I1)

Ele também afirmou que, desde solteiro, se veste dessa maneira:

“É como eu falei para você. Desde solteiro eu me vestia muito bem. Naquela época, eu usava meia sem elástico e caía, ia lá no tornozelo. Então, eu usava uma liga para segurar a meia. Os cavalheiros usavam ligas, bem abaixo do joelho. Eu sempre procurei me vestir bem. Um homem bem-vestido, todos olham.” (I1)

Percebe-se, nessa fala sobre sua trajetória de vida, o quanto ele ainda conservava em suas vestimentas traços socioculturais presenciados e aprendidos na infância. Outro fator, que contribui para o participante I1 afirmar que gosta de usar terno e manter-se investindo no que compreende como estar sempre bem vestido, está relacionado com as diversas profissões que ele exerceu. No início, ainda muito jovem, serviu a aeronáutica até seus 21 anos. Em seguida, prestou concurso, ingressou no mercado financeiro e começou a trabalhar em um banco. A vestimenta que usava para exercer a função administrativa era composta por paletó ou blazer, camisa, calça social, gravata e sapato social. Depois de 25 anos nesse setor, resolveu que deveria mudar de profissão e foi trabalhar com representação comercial, primeiramente de fertilizantes e depois de calçados. Viajou o Brasil inteiro ainda com os mesmos trajes utilizados no envolvimento com o setor bancário, apresentação pessoal que ganhou *status* de normalidade. Um episódio inusitado aconteceu no exercício da nova carreira, devido a sua vestimenta, conforme seu relato abaixo:

“Eu sempre usei terno. Eu ia visitar os sítiantes com minhas roupas normais: terno e gravata. Até que um dia o gerente veio conversar comigo. Perguntou se eu ia para as fazendas de terno. E eu disse que

sim. Aí ele me falou: “Não, não pode, os sitiantes estão pensando que o senhor está ali para tirar o sítio deles.” [risos] (I1).

Além das roupas, o participante I1 relatou a identificação e apreço por sapatos, abotoaduras e cartolas. Para ele, todo o homem deve ter no mínimo seis pares de sapatos. Ele alegou que o couro do sapato precisa de pelo menos dois dias de descanso, sem uso. Ele também considerou que no seu guarda-roupa havia tudo do que ele precisava, para qualquer ocasião. Em um dos seus relatos, ele enfatiza que *“um homem deve estar pronto para qualquer ocasião que for solicitado. Eu tenho sobretudo, smoking, fraque branco. Ainda hoje meus ternos são feitos por um alfaiate”*. Dessa forma, para esse participante, a vestimenta e os adornos são elementos importantes na composição de sua apresentação social e identidade.

O gosto e escolha pessoais, vinculados ao exercício contínuo da apresentação pessoal, também dialogam com as características do contexto em que estão inseridos. Para Barnard (2003), nesse sentido, a roupa e indumentária são meios pelos quais as pessoas comunicam seus sentimentos, valores, crenças, esperanças e grupos sociais aos quais pertencem, assim como indicam e definem os papéis sociais. Pode-se observar, através do relato, a experiência do participante I5, como a roupa, para ele, exerce um papel social relevante:

“Aqui no Brasil, nós temos um problema. Se um homem (aponta a própria cor de pele) entrar com uma roupa normal em qualquer departamento, num banco, as pessoas ficam apreensivas. Mas se entrar de terno já acham que é uma pessoa de bem. Então, elas julgam as pessoas pela aparência. Infelizmente. Não deveria ser assim, mas causa um impacto a pessoa bem-vestida entrando em um estabelecimento. O tratamento é diferente.”

Esse mesmo participante, que se autodefiniu como afrodescendente, ressaltou em seus relatos que procurava combinar a cor da roupa com a cor da sua pele: *“quando vou comprar uma roupa, uma camisa, eu primeiro vejo, analiso se aquela cor vai cair bem com a cor da minha pele. Aí, eu só compro se achar que vai ficar bem”*.

Desde modo, obteve-se que, para esse grupo, o terno é a peça preferida do guarda-roupa. Os adornos, como o chapéu e a cartola, também ganham todo o seu apreço, pois carregam significados relacionados à elegância, tradição, dignidade e respeito,

especialmente pelo passado e o legado dos ancestrais. Somando-se a isso, para eles, o homem idoso deve se preocupar e investir em seu guarda-roupa. Percebem que a roupa serve não apenas para proteger e viabilizar o corpo físico, mas igualmente o corpo simbólico, especialmente em termos de acesso e engajamento nas relações, espaços e papéis que compreendem como positivos e legítimos.

Por fim, o estudo de caso e a temática aqui explorada revelaram que as oportunidades institucionais de construção e apresentação da aparência e seus significados estabelecem uma relação de retroalimentação com o engajamento masculino do perfil de idosos aqui delineado.

A edição 2017 do concurso de *Mister IPGG* demonstra, por meio da percepção dos vencedores, que os investimentos na apresentação social estimulam o autocuidado e a autonomia, especialmente em termos do corpo e da manutenção da indumentária.

Em outras palavras, o concurso estimula e legitima os cuidados com a aparência, uma aparência que já está acostumada a ser cuidada e adornada. Por sua vez, essa aparência e seus significados automotivacionados, quando expostos às motivações extrínsecas provenientes da vinculação com o universo do concurso (conhecimento técnico, relação intergeracional, reconhecimento social, apoio familiar, exposição na mídia etc.) atuam como convergência ideal, gerando estímulos e razões diversas para novamente se prepararem e participarem de novos concursos.

Aparência, significados, benefícios e engajamento social formam um elo que fomenta a promoção do bem-estar e legitimação da velhice masculina como uma experiência exemplar e digna de ser contemplada, aplaudida, reproduzida e apreciada. Nesse sentido, por outro lado, deve ater-se para a existência de uma noção de que velhos homens entendidos como *bem-vestidos* estão acima de qualquer suspeita. O alcance da vitória pode representar um retrato desse nosso imaginário, ainda calcado em acordos tradicionais esperados de como os velhos devem apresentar-se socialmente. Uma certa normatização da compreensão compartilhada dos significados de elegância, dignidade e sucesso perpassam essa lógica e mentalidade. Nesse sentido, de fato, as aparências não enganam. O ponto nevrálgico é avançarmos na compreensão e acomodação de outras possibilidades de apresentação social na velhice masculina, orquestradas em cursos de vidas, perfil e crenças das mais diversas, que igualmente promovam bem-estar, motivação, reconhecimento, legitimação e engajamento social.

Em termos conceituais, o estudo alinha-se com os diversos domínios que constituem a conceito de aparência proposto por Yokomizo e Lopes (2019). Em primeiro lugar, observa-se que a aparência construída no caso do *Mister 2017* organiza-se a partir de um conjunto biopsicossocial de determinantes, edificado, integrado e externalizado pelos vencedores ao longo de toda a vida e reforçados pela oportunidade de participação.

Nesse contexto, as motivações intrínsecas são corroboradas pelas extrínsecas e vice-versa. Por sua vez, as diversas camadas de relações sociais a que são expostas vão além do contato com pessoas. Elas igualmente propiciam que eles organizem um sentido em termos da compreensão do que significa uma vida e velhice satisfatórias. Essa verdadeira premiação, como percebem, retroalimenta o desejo de passar uma mensagem, que acreditam como exemplar, especialmente no combate a estereótipos e preconceitos etários e de gênero. Nesse palco de certezas anima-se novamente a *performance* do autocuidado, autonomia e impulso ao envolvimento, reconhecimento, legitimação e pertencimento social.

Entendeu-se que oportunidades envolvendo a construção da aparência masculina e seus significados ao longo do envelhecimento e, em especial, na velhice de homens idosos, trata-se de uma constelação biopsicossocial. Requer investimentos e recompensas no âmbito dos domínios físico, emocional e sociocultural, entendidos pelo perfil estudado como positivos e estimulantes.

Neste estudo, verificou-se que, para o grupo de idosos participantes, a construção da aparência organiza-se de forma processual, multideterminada, significativa e dinâmica. Também, como passaporte para o engajamento e vínculo social, este é visto como positivo. Tornar-se um *Mister* consolida uma prática cotidiana e passa a ser um novo papel social, que engendra igualmente inúmeros novos espaços, tarefas e expectativas sociais.

Com base em suas narrativas, foi possível perceber o quanto os idosos estão envolvidos com a construção da apresentação social, no que tange ao cuidado com o corpo e suas vestimentas, para o concurso e para além do concurso. Esses cuidados vão de uma alimentação adequada ao uso específico de produtos e a contratação de serviços, como alfaiataria e barbearia. Observou-se que a construção da aparência está vinculada a uma prática cultural e simbólica que cada participante traz consigo ao longo da vida e da formação das suas crenças e identidade, mediante diversos estímulos, memórias e

experiências que remontam à infância. Entretanto, denunciam que faltam espaços sociais que oportunizem e explorem mais os significados dessas trajetórias.

Através do autocuidado com o corpo e o vestuário, notou-se que os *Misteres* constroem sua aparência e revelam mensagens e discursos. Mencionaram que a aparência fala quem você é e o *status* que você ocupa na sociedade. Os valores e as crenças dos grupos aos quais pertencem também estão representados nesse diálogo balizador da construção e manutenção dos corpos, roupas e adornos que portam e desfilam dentro e fora do palco. Por isso, fazem questão de manter o que chamam de *tradição*, imbuída das noções de elegância e dignidade dos homens que vestem chapéu ou cartola.

Dessa forma, este estudo de caso revelou como o concurso de *Mister IPGG 2017* possibilitou, através da construção da aparência e seus significados, oportunidades de socialização, convívio, engajamento e pertencimento social. Evidentemente, este estudo não permite receitar que todos os idosos devam participar de concursos para desfrutarem de uma velhice satisfatória e engajada socialmente.

O perfil específico dos entrevistados nos leva a identificar uma dinâmica de retroalimentação entre aparência e participação, que os fazem já ter tentado no passado e continuarem estimulados a se preparar para as próximas edições. Esse dado traz à tona a importância de espaços semelhantes à dinâmica do concurso, institucionais ou não, em termos de oportunizar convívio, estímulo à atenção e integração social prazerosa para outros perfis de idosos que assim o desejarem. Ou seja, percebe-se, de certa forma, inspirado nos relatos dos participantes, a falta de espaços sociais que atraiam diferentes perfis de homens velhos que sejam tão significativos, quanto o concurso o é para os vencedores. Oportunidades semelhantes aos diferentes. Neste âmbito, reflete-se se os espaços já ofertados devem, por outro lado, pensar permanentemente em suas propostas em termos de incluir diferentes perfis e demandas de homens idosos interessados.

Em síntese, no que tange à investigação da variável aparência como possibilidade de gestão do envelhecimento, devem-se realizar novas investigações quanto à promoção de o engajamento social na velhice masculina estar ligada, direta ou indiretamente, ao perfil ou demanda existente. Ou, ainda, se as próprias instituições e espaços já não predisõem à consagração de um perfil esperado de *Misteres*. Em ambas as possibilidades, resta sabermos como a heterogeneidade do envelhecimento pode ser melhor contemplada, evitando o reforço de mitos e estereótipos negativos ou positivados.

Considerações finais

Um dos desafios gerontológicos do século XXI, mediante o aumento da expectativa de vida e o *status* social alcançado pela velhice, tem sido a revisão e reinvenção das trajetórias pessoais. Os idosos vêm exercitando novas experiências e modalidades de engajamento social. Atualmente, debate-se a noção da velhice como uma experiência favorável para realizações pessoais e busca pelo prazer, frente às noções de decadência e dependência reinantes em boa parte do século XX, em países como o Brasil. Sabendo-se que o envelhecimento é um processo dinâmico, heterogêneo e universal, que ocorre ao longo do curso de toda a vida, nota-se que a forma de construir este envelhecer se diferencia, entre outros aspectos, de acordo com o contexto histórico, a cultura e o grupo social ao qual o indivíduo está inserido.

A forma como o grupo de idosos participantes desta pesquisa constrói sua aparência, carrega características do próprio envelhecimento que estão vivenciando. Observou-se que os investimentos acontecem igualmente de forma processual e dinâmica, mediados pela cultura, especialmente agentes sociais, papéis, espaços e oportunidades que constituem suas trajetórias de vida. A dedicação ao autocuidado com a aparência também colabora com a manutenção do engajamento social e na criação de vínculos sociais.

De modo geral, identificou-se que a aparência, os significados e engajamento social formam uma triangulação e retroalimentação de forças e experiências que fomentam a promoção do bem-estar e a legitimação da velhice masculina, tão carente de espaços e papéis sociais significativos. Os participantes envolvidos com a edição 2017 do concurso possuem um perfil socioeconômico específico, utilizando-se de estratégias para manutenção do que chamam de boa aparência que vão desde o uso diário de creme para o rosto, até caminhar ereto, sinalizando boa postura. Afinal, essa *performance* se faz necessária, pois, para eles, a aparência de *Mister* é sempre admirada pelas pessoas e por seus pares etários e de gênero.

Destaca-se como a aparência pode atuar como uma variável relevante no engajamento de homens idosos que, ao menos nesse estudo de caso, se assemelhem ao perfil dos vencedores. Isso não invalida a criação de novos concursos e outros espaços e oportunidades sociais que atraiam diferentes perfis de homens velhos, que sejam tão significativos quanto o concurso *Mister* IPGG mostrou-se para esse grupo de idosos.

Por fim, se faz necessário ressaltar que, devido à escassez de estudos sobre a aparência masculina na velhice, novas pesquisas poderão enriquecer e contribuir com a compreensão e atenção ao envelhecimento masculino.

Referências

- Barnard, M. (2003). *Moda e comunicação*. Rio de Janeiro, RJ: Rocco.
- Blackman, C. (2014). *100 anos de moda masculina*. São Paulo, SP: Publifolha.
- Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (2010). *Política Nacional do Idoso*. Lei n.º 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Brasília, DF: reimp.
- Caldas, D. (1997). *Homens*. São Paulo, SP: Senac.
- Camarano, A. A., Kanso, S., & Fernandes, D. (2014). Menos jovens e mais idosos no mercado de trabalho? In: Camarano, A. A. (Org.). *Novo regime demográfico: uma nova relação entre população e desenvolvimento?* Rio de Janeiro, RJ: Ipea, 377-406.
- Carmagnanis, F. (2016). Jovens há mais tempo. In: Goldenberg, M. (Org.). *Velho é lindo!* Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 219-243.
- Castilho, E. G. (2014). Desafios da la belleza corporal. Valoración y crítica educativa. *Revista Lusófona de Educação*, 26, 29-43. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S1645-72502014000100004&script=sci_abstract.
- Cidreira, R. P. (2005). *Os sentidos da moda: vestuário, comunicação e cultura*. São Paulo, SP: Annablume.
- Crane, D. (2006). *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo, SP: Senac.
- Debert, G. G. (1999). Velhice e o curso da vida pós-moderno. *Revista USP*, 42, 70-83. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i42p70-83>.
- Eco, U. (1982). O hábito fala pelo monge. In: Eco, U., Sigurtà, R., Livolsi, M., Alberoni, F., Dorfles, G., Lomazzi, G., & Colaço, J. (Orgs.). *Psicologia do vestir*. (2ª ed.). Lisboa, Portugal: Assírio e Alvim.
- Elias, N., & Scotson, J. L. (1994). *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Jorge Zahar.
- Ferreira, L., Neves, A. N., & Tavares, M. C. G. C. F. (2014). Validity of body image scales for Brazilian older adults. *Motriz*, 20(4), 359-373. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: DOI: dx.doi.org/10.1590/S1980-65742014000400002.
- Figueira, D. A. M., Haddad, M. C. L., Govozd, R., & Pissinati, P. S. C. (2017). Retirement decision-making influenced by family and work relationships. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 20(2), 206-213. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562017020.160127>.
- Geertz, C. (2008). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, RJ: LTC.

- Gouveia, J. A. G., Antunes, M. D., Bortolozzi, F., Marques, A. G., & Bertolini, S. M. M. G. (2017). Impacto da dança sênior nos parâmetros emocionais, motores e qualidade de vida de idosos. *Revista Rene*, 18(1), 51-58. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: DOI: 10.15253/2175-6783.2017000100008.
- Marinho, M. S., Chaves, R. N., Souza Filho, A. R., & Reis, L. A. (2016). Identidade de idosos longevos: significados atribuídos a ser velho. *Revista Argumentum*, 8(3), 146-158. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://doi.org/10.18315/argumentum.v8i3.13693>.
- Neri, A. L. (2014). *Palavras-chave em Gerontologia*. (4ª ed.). Campinas, SP: Alínea.
- Nogueira, I. R. R., & Alcântara, A. O. (2014). Envelhecimento do homem: de qual velhice estamos falando? *Revista Kairós-Gerontologia*, 17(1), 263-282. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: [file:///C:/Users/Dados/Downloads/21203-54171-1-SM%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Dados/Downloads/21203-54171-1-SM%20(2).pdf).
- Sant'anna, D. B. (2014). *História da beleza no Brasil*. São Paulo, SP: Contexto.
- Schemes, C., Rodrigues, G. L. Y., & Keske, H. A. G. (2009). Homens, mulheres e modos de vestir na maturidade. *Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales*, Grupo Eumed.net, Universidade de Málaga. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://ideas.repec.org/a/erv/coccss/y2017i2017-0529.html>.
- Silva, N. P., Cachioni, M., & Lopes, A. (2012). Velhice, imagem e aparência: a experiência de idosos da UNATI EACH/USP. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(N.º Especial 14, Temático "Universidade Aberta à Terceira Idade e Velhice), 235-257. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/15251/11377>.
- Silva, A. P., & Pirolo, S. M. (2017). Perception of man about aging. *Journal of Nursing UFPE on-line*, 11(3), 1388-1397. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/13981/16832>.
- Sousa, N. F. S., Lima, M. G., Cesar, C. L. G., & Barros, M. B. A. (2018). Envelhecimento ativo: prevalência e diferenças de gênero e idade em estudo de base populacional. *Cadernos de Saúde Pública*, 34(11), 1-14. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: 10.1590/0102-311X00173317.
- Twigg, J. (2004). The body, gender and age: feminist insights in social Gerontology. *Journal of Aging Studies*, 18(1), 59-73. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://www.yorku.ca/mandell/courses/4680/pdf/Twigg%202004%20PDF%20file.pdf>.
- Vieira, R. S. S., & Lima, M. E. O. (2015). Estereótipos sobre os idosos: dissociação entre crenças pessoais e coletivas. *Temas em Psicologia*, 23(4), 947-958. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.4-11>.
- Vieira, M. C. S., Cardoso, A. A., & Guimarães, A. C. A. (2016). Male aging symptoms: the positive influence of moderate and total physical activity. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, 18(4), 460-470. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.5007/1980-0037.2016v18n4p460>.
- Wichmann, F. M. A., Couto, A. N., Areosa, S. V. C., & Montanes, M. C. M. (2013). Grupos de convivência como suporte ao idoso na melhoria da saúde. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 16(4), 821-832. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-98232013000400016>.

Yokomizo, P., & Lopes, A. (2019). Aparência: uma revisão bibliográfica e proposta conceitual. *Dobras*, 12(16), 228-244. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/922>.

Silvana Bassi Ramos – Graduação e Pós-Graduação em Gerontologia pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) e colaboradora do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS), todos da Universidade de São Paulo (USP), Brasil.

E-mail: silvanabassi@usp.br

Andrea Lopes – Antropóloga, docente da Pós-Graduação em Gerontologia e das Graduações em Gerontologia e Têxtil e Moda, fundadora e coordenadora do grupo EAPS. Todos da EACH/USP, Brasil. Orientadora da pesquisa.

E-mail: andrealopes@usp.br

Envelhecimento masculino: a relevância da participação no concurso Mister IPGG 2017 na percepção dos vencedores*

Male aging: the relevance of participating in the Mister IPGG 2017 Contest through perception of the winners, Brazil

Envejecimiento masculino: la relevancia de participar en el Concurso Mister IPGG 2017 según la percepción de los ganadores, Brasil

Silvana Bassi Ramos
Andrea Lopes

RESUMO: O estudo trata sobre a relevância da participação no Concurso *Mister IPGG* sob a percepção dos cinco vencedores da edição 2017. Estudo de caso, de caráter etnográfico e exploratório. A relevância da participação estava centrada no exercício da geratividade, retroalimentada pelos sentidos de propósito de vida e pertencimentos etário e de gênero. Buscava-se deixar um legado, mas também oportunizar o envolvimento de outros idosos de forma igualmente satisfatória. Concluiu-se que investimentos institucionais na construção da aparência masculina e seus significados podem auxiliar no envolvimento social e promoção do bem-estar entre homens idosos.

Palavras-chave: Homens idosos; Aparência; Geratividade.

* O artigo faz parte de pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Universidade de São Paulo. O respectivo Programa recebe financiamento (Código 001) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil.

ABSTRACT: *This study discusses the relevance of participating in the Mister IPGG contest (Brazil) through the perception of five winners of the 2017 edition. This is an ethnographic and exploratory case study. The relevance of participating was centered on the exercise of generativity, which was fostered by the senses of life purpose and age and gender belonging. The central aim was to leave a legacy, but also to make it possible to involve other older adults equally and satisfactorily. It was concluded that institutional investments in the construction of male appearance and their meanings may help in social engagement and well-being promotion among male older adults.*

Keywords: *Elderly; Appearance; Generativity.*

RESUMEN: *El estudio discute la relevancia de participar en el concurso Mister IPGG (Brasil), según la percepción de los cinco ganadores de la edición de 2017. Estudio de caso, de carácter etnográfico y exploratorio. La relevancia de participar del concurso consistía en el ejercicio de la generatividad, lo cual era estimulado por su propósito de vida y nociones de edad y género. El objetivo no era tan sólo dejar un legado sino también hacer posible envolver a otras personas mayores. Se concluyó que esfuerzos por parte de las instituciones para mayores en el tema de la construcción de la apariencia masculina y sus significados pueden contribuir para que haya participación social y promoción de bienestar entre hombres mayores.*

Palabras clave: *Hombres mayores; Apariencia; Generatividad.*

Introdução

O envelhecimento humano é um processo universal que ocorre ao longo da vida, compreendendo transformações biopsicossociais (Neri, 2014). No país, legalmente, a velhice é entendida como uma categoria social de caráter etário. Conforme a Política Nacional do Idoso (PNI), Capítulo I, Art. 2º (Brasil, 2010), a velhice se inicia aos sessenta anos de idade. Segundo Leite e Araújo (2017), o marco cronológico ancora o estabelecimento de políticas públicas e a definição de direitos e deveres. Também atua na comparação de dados populacionais.

Historicamente, no início do século XX no Brasil, ser velho significava apenas a contraposição a ser jovem. Ressaltava-se o desgaste do corpo, a entendida falta de beleza, a improdutividade e a saúde em declínio. O velho era de responsabilidade da família (Debert, 1999). Entretanto, no final do século XX, o reconhecimento da heterogeneidade da velhice e seus diferentes sentidos começou a ganhar representatividade no Brasil devido às ações de diversos agentes sociais. A percepção de velhice como um peso social foi sendo relativizada, na medida em que os idosos passaram a ser vistos como recurso e não apenas ônus (Debert, 1999; Lopes, 2000). Observa-se a construção da concepção de que a velhice se organiza por meio da diversidade de perfis e condições de vida, que podem levar os idosos a assumirem diferentes papéis no processo de envelhecimento.

Estudos mais recentes discutem a independência e a participação de idosos por um tempo mais longo em diversos domínios da vida familiar, laboral e social (Martins, 2016; Freitas, Queiroz, & Souza, 2010; Lopes, 2000). A revisão bibliográfica realizada relativamente ao período de 2005 a 2016, por Tavares, Jesus, Machado, Braga, Tocantins e Merighi (2017), revela que os idosos se identificam positivamente com a noção de independência, que envolve o cuidado de si e de outras pessoas. Ainda, os autores destacam que as relações sociais com a família, amigos e companheiro/a auxiliam para o que se entende por bom envelhecimento. Para Camarano, Kanso e Fernandes (2014), o aumento da participação do velho na sociedade propicia conquistas e ganhos socioculturais, gerando melhorias nas condições físicas e mentais da população.

Cabe ressaltar que a população idosa brasileira é em sua maioria feminina. Os dados da transição demográfica brasileira sob a óptica de gênero apontam um processo de feminização da velhice; isto é, quanto mais a população envelhece, mais feminina ela se torna (PNAD, 2016). Na literatura gerontológica designa-se o conceito de feminização da velhice a partir de quatro processos correlatos: 1) a maior presença relativa de mulheres na população idosa; 2) a maior expectativa de vida das mulheres, comparada com a dos homens; 3) o crescimento relativo do número de mulheres economicamente ativas; 4) o crescimento das mulheres como chefes de família (Neri, 2014).

Por outro lado, ao tratarem de espaços públicos para homens, Silva e Pirolo (2017, p. 1389) afirmam que “não há programas voltados especificamente para o homem adulto”. Olham com preocupação o tímido alcance do atendimento em saúde e assistência social a esse público. Esse aspecto já fora observado por Debert (1999), na década de 1990. A autora apontou em estudo brasileiro que “os programas para a terceira idade têm

mobilizado, sobretudo, um público feminino, a participação masculina raramente ultrapassa os 20% [...]” (p. 139).

Esse envolvimento, porém, pode depender de muitos fatores, como o contexto em que se vive, por exemplo. Segundo o estudo de Carmagnanis (2016), a entrada de homens em programas das Universidades Abertas à Terceira Idade nos centros urbanos se dá após a aposentadoria. Já para as mulheres, acontece após ficarem viúvas. No contexto rural, por outro lado, a pesquisa de Alcântara (2016) identificou que os idosos entrevistados que envelheceram no campo apreciam esse modo de vida, mantendo suas características e cultivando sua plantação. Preferem se manter afastados dos aparelhos eletrônicos, como os celulares e *laptops*. Para esse grupo, a satisfação com a vida está na tranquilidade e o contato com a natureza. Dessa forma, segundo Faller, Teston e Marcon (2015, p. 134), o que chamamos de velhice “deve ser considerada em sua pluralidade de experiências individuais e sociais, como um fenômeno singular na vida do ser humano, o que nos impede de adotar conceitos únicos”.

A diversidade da velhice parte da combinação de diferentes variáveis. No que tange ao envelhecimento do corpo, por exemplo, Bitencourt (2015) defende que a literatura sobre isso direciona-se igualmente para os territórios socioculturais como: classe, gênero, geração, etnia e religião. Do ponto de vista da identidade de gênero, os corpos se organizam a partir de atributos culturais de masculinidade e feminilidade. Ou seja, a construção cultural do gênero corrobora a percepção de que homens e mulheres envelhecem de forma diferente, especialmente quando se parte de uma visão dicotômica.

Examinando os aspectos socioculturais vinculados ao que significa ser homem e ser mulher, compreende-se que, historicamente, o corpo feminino esteve vinculado à maternidade, à fertilidade e à beleza juvenil, enquanto o corpo masculino aos atributos de força, coragem e virilidade (Bourdieu, 2007; Bitencourt, 2015). Ainda em uma perspectiva de gênero, a considerada perda da beleza corpórea e de atributos físicos é percebida como menos importante para os homens do que para as mulheres, conforme pesquisa de Aboim (2014).

Para além do escopo do corpo, a construção da aparência e seus significados ao longo do envelhecimento pode ser uma forma de marcar a diversidade na velhice (Yokomizo, & Lopes, 2019).

Além disso, em seu estudo, Silva (2016) observa que investimentos na aparência podem exercer também efeitos positivos em relação ao envelhecimento, principalmente quando os idosos estão envolvidos em atividades promovidas por centros de convivência.

Tratar a complexidade da velhice compreende, portanto, promover e legitimar sua heterogeneidade. A investigação da construção da aparência masculina e seus significados no contexto do envolvimento social pode ser um dos caminhos frutíferos visando ao bem-estar de homens velhos. Nesse sentido, o objetivo do presente estudo foi identificar a relevância da participação no concurso *Mister IPGG 2017* na percepção dos vencedores.

Método

A presente pesquisa trata-se de um estudo de caso, nos moldes exploratório e descritivo, inspirado no método etnográfico proposto por Geertz (2008). Para tanto, foram aplicadas as técnicas de investigação: observações livres e participante; conversas informais; entrevistas em profundidade; e levantamento de acervo pessoal, contendo artigos de revistas, jornais e registro fotográfico. As observações foram registradas em caderno de campo.

Nas entrevistas em profundidade, inicialmente, aplicou-se um questionário com 13 perguntas fechadas, que trataram do perfil socioeconômico e envolvimento com o Instituto Paulista de Geriatria e Gerontologia (IPGG) José Ermínio de Moraes. Em seguida, seguiu-se roteiro envolvendo as seguintes questões: a relevância de participar do concurso para os vencedores; a experiência adquirida no concurso; o significado de ser vencedor do concurso.

Nos encontros, os idosos disponibilizaram e trataram sobre seus acervos pessoais. As entrevistas aconteceram, em média, entre dois e três encontros com cada um dos participantes, tendo duração de aproximadamente duas horas e trinta minutos cada. Todas foram gravadas e posteriormente transcritas na íntegra. O tratamento de todos os dados por meio das diferentes técnicas indicou o alcance do ponto de saturação.

A pesquisa teve a aprovação do Comitê de Ética em Humanos da Escola de Artes, Ciências e Humanidades¹. Obteve a autorização da diretoria e contou com o apoio dos

¹ Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) número 79873117500005390, novembro de 2017. Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

líderes do núcleo de convivência da instituição, que providenciaram os contatos dos participantes e a sala para a realização das entrevistas.

A coleta ocorreu de maio a agosto de 2018 na sede do IPGG, situado no bairro de São Miguel Paulista, São Paulo. Primeiramente denominado de Centro de Referência do Idoso (CRI), trata-se do primeiro equipamento voltado à assistência à saúde exclusiva da pessoa idosa, mantido pela Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. Foi criado através do decreto n.º 46.206, de 23 de outubro de 2001. O IPGG surgiu através do Decreto n.º 54.193, publicado em 03 abril de 2009. Tem como missão promover o envelhecimento saudável e a integração social da pessoa idosa².

No ano de 2004 surgiu a ideia de fazer um desfile para eleger a *Miss IPGG*, buscando homenagear o Dia Internacional da Mulher. Como o evento ganhou uma boa repercussão, a coordenação resolveu transferir o *Miss IPGG* de 2005 para o mês de maio, em homenagem ao dia das mães. Em seguida, replicou o evento para os homens idosos, organizando o *Mister IPGG* no mês de agosto, como homenagem ao dia dos pais.

Os cinco participantes da pesquisa foram os vencedores do concurso de *Mister IPGG* 2017 nas seguintes categorias: *Mister Timidez*, *Mister Sorriso*, *Mister Elegância*, *Mister Beleza* e *Mister IPGG*. Destaca-se que este último é considerado o campeão, o candidato que atingiu a maior pontuação. Na ocasião da coleta de dados, infelizmente, o ganhador do título *Mister Simpatia* não pôde participar por motivo de doença. A identificação dos participantes foi codificada.

O perfil socioeconômico dos cinco participantes, em média, foi de pessoas com 76, anos de idade; escolaridade e renda entre média e baixa; quatro casados e um viúvo; aposentados, sendo que dois deles continuavam desempenhando atividades remuneradas. Todos relataram exercer semanalmente atividades físicas ou esportivas, familiares, culturais, de lazer e religiosas. Apenas um *Mister* reside em Instituição de Longa Permanência (ILPI), no bairro do Itaim Paulista, São Paulo. Os outros idosos residem com seus familiares, próximo à região do IPGG.

A seguir, apresenta-se uma etnografia breve, que trata da dinâmica presente na constituição da relevância do envolvimento no concurso *Mister IPGG*, na perspectiva dos participantes da pesquisa.

² Recuperado em 15 janeiro, 2019, de: <http://www.saude.sp.gov.br/instituto-paulista-de-geriatria-e-gerontologia-ipgg-jose-ermirio-de-moraes/institucional/historico>.

A relevância da participação no Concurso *Mister IPGG 2017*, sob a percepção dos vencedores

A relevância percebida pelos participantes da pesquisa frente à experiência de participação no concurso, modalidade que especialmente envolve a construção da aparência, foi o exercício da geratividade, retroalimentada pelo senso do propósito de vida e pertencimentos etário e de gênero. A presente etnografia trata dessa dinâmica, ancorada no significado compartilhado pelos vencedores de velhice satisfatória. As crenças e ações investidas e defendidas pelo grupo visando a apresentar-se no concurso relacionam-se com a transmissão de um legado de amplitude biopsicossocial.

O conceito de geratividade foi estabelecido por Erikson (1998) e está relacionado à motivação e ao envolvimento com a continuidade e o bem-estar de indivíduos, da sociedade de modo geral e de toda a humanidade. Trata-se de uma “necessidade intrínseca de garantir a própria imortalidade tanto no sentido biológico como cultural” (Neri, 2008, p. 90).

Os dados coletados apontam que a participação no concurso aparece para os vencedores como oportunidade de visibilidade e demonstração de bons modelos a serem seguidos. Nesse sentido, ao ouvirmos o relato do *Mister I5*, percebe-se o quanto considera importante a sua participação no concurso. O idoso faz questão de estimular seus amigos a participarem:

“Estou sempre convidando meus amigos, as pessoas, para virem aqui no IPGG. Tanto que para os meus amigos eu sou como um ídolo. Muitos gostariam de já ter idade para fazer o que eu estou fazendo. E para os que são mais velhos mostro as fotos para ver se animo eles, para participar melhor da vida. Já recebi uma mensagem pelo WhatsApp: ‘O senhor é um exemplo de como viver bem’.”

A motivação gerada pelo reconhecimento propiciado pela participação no concurso sinaliza que o exercício da geratividade dá lugar à organização de um legado não apenas para as futuras gerações, mas também para seus pares. Um legado exercido ainda em vida. Os idosos entendem que os cuidados com a aparência promovem um modelo diferenciado de velhice que os satisfazem. Dessa forma, eles se consideram aptos para influenciarem outros idosos e criarem oportunidades de participação social masculina.

A importância percebida pelos concorrentes na existência do concurso, ao legitimar a participação social dos idosos e de seus potenciais, também se faz presente através da declaração do participante I4:

“Eu faço isso para representar os idosos. E muitos idosos poderiam estar no meu lugar. Gostariam de estar no meu lugar, mas não podem. Porque ali não é só brincadeira. Por isso, a gente tem que entrar com muita força, né? Ah! Me sinto importante.”

Em termos gerativos, Neri (2008, p. 91) aponta que cada indivíduo carrega, em sua história de vida, um “esforço de encontrar ou de atribuir significados à sua própria experiência”. Para um dos participantes, esse significado, construído no envolvimento com o concurso, remete a diferentes domínios do envelhecimento e a uma noção de saber administrar com sucesso o que considera um processo de perdas, marcado pela idade cronológica: *“Chegar a essa idade e você estar bem fisicamente, intelectualmente e espiritualmente. Você está passando para outras pessoas que elas podem seguir seu exemplo.”* (I3)

Mais do que apenas alcançar a faixa de campeão, percebe-se que, neste contexto de engajamento, que elege a aparência como ponto de convergência, discute-se inclusive concepções e crenças de um certo modelo de envelhecimento desejado, não apenas para si próprio, mas também para os pares etários e de gênero. Assim, observou-se que o senso de concorrência é relativizado perante o ganho de que todos podem promover o próprio segmento.

Apesar dos méritos e contentamento advindos da apreciação estética, igualmente valorados, durante a coleta de dados os participantes demonstravam não se importar necessariamente com a categoria a ser ganha, mas com o fato de se envolverem com o evento:

“Eu, na minha cabeça, dentro de mim, eu falava: ‘tudo bem’. Se não me chamarem, eu participei. Foi maravilhoso, maravilhoso participar. Eu pensava dentro de mim. Quando chamou a quinta pessoa, que é o primeiro, eu não esperava. Foi uma coisa maravilhosa [...] [risos].”
(I1)

Essa relação de interdependência entre a autopromoção e a promoção do segmento acaba por tornar o concurso um agente que sensibiliza para o autocuidado regular. O participante I4 sente-se motivado a se preparar regularmente para concorrer a cada novo ano. Esse propósito foi construído a partir de sua vitória em anos anteriores em uma das categorias, o que o impulsionou na busca em anos seguintes pela vitória em outras categorias, consideradas por ele mais desafiadoras em termos de *performance* e personalidade: “*Em 2009 eu ganhei como Mister Timidez e agora em 2017 passei para Mister Sorriso. Foi uma surpresa! Foi uma vitória da minha persistência. E no ano que vem eu volto de novo*”.

Os investimentos e esforços pessoais são considerados recompensados na medida em que os participantes relataram serem reconhecidos, por exemplo, em transporte público e em lojas, pelas vendedoras. A satisfação pelo tipo de visibilidade considerada positiva alcança novos territórios e um novo papel social entendido como significativo: o de *Mister IPGG*. Um *Mister* relata que foi reconhecido pelo irmão que mora no interior de São Paulo, em uma entrevista que concedeu a um programa da Rede TV. Outro participante, demonstrando orgulho, indica que por conta de ter ganhado o concurso foi capa da revista *Todos*³, publicação à venda em uma rede de farmácias. A reportagem ainda apresenta duas imagens do participante dançando com sua esposa, conforme indica o Painel 1.

³ Revista *Todos*. *A vida é feita de história. Qual é a sua?* São Paulo, SP: Editora MO, (abril, maio 2018).

Painel 1. Capa e imagens de reportagem com um dos vencedores e sua esposa na *Revista Todos*, circulação semestral (abr./maio 2018)



Fonte: Acervo pessoal de I1

O exercício da geratividade, realizado por meio da participação no concurso de *Mister IPGG*, está ancorado em uma noção comum de velhice satisfatória. Esta é compreendida pelos participantes como uma velhice dita saudável, rica em incentivos, feita de persistência e muitas surpresas. Trata-se de uma noção de velhice que eles apontam contribuir para uma vida alegre, com experiências benéficas, manutenção ativa da memória e, como relata o I2, que ajuda a ter uma “*mente boa*”.

A construção e solidificação desse significado entende-se que acontece ao longo de todo o processo que envolve participar do concurso. As inscrições iniciam-se no decorrer do mês de julho. A primeira etapa de seleção é realizada com todos os inscritos, em média 80 participantes anuais. Neste momento, a comissão avaliadora é constituída por funcionários do próprio IPGG. São selecionados 25 candidatos, que passam para a próxima fase. A segunda etapa se inicia na segunda semana de agosto. Os selecionados voltam a se encontrar para participarem de minicursos e palestras, organizados pela instituição. Esses cursos são oferecidos como parte do treinamento profissional pelos chamados aprimorandos, que são estagiários do local, como: psicólogos, fonoaudiólogos e enfermeiros.

As ações visam a preparar os candidatos para o compreendido como “grande dia”. Esse espaço de socialização e convivência entre pares, mas também intergeracional, é marcado de muitas oportunidades para trocaram crenças e percepções do momento em

que vivem, revisitando valores e organizando novos significados de velhice. Os participantes da pesquisa foram unânimes em afirmar que experienciar esses encontros era como sentir-se pertencendo a um grupo. O estabelecimento de certa intimidade geracional e de gênero, tomada pelo companheirismo e colaboração, culminava em grande divertimento, interação e participação social, conforme narraram. Um idoso aponta: “*O mais importante não era ganhar, mas participar, estar ali. Você participando, você faz a interação*” (I1). Abaixo, um relato que sinaliza o vínculo que é gerado pela oportunidade de participar do concurso:

“[...] É interessante. Tem um senhor que ganhou. Ele se preocupava com os outros. Ele arrumava minha gravata e de outros também. A gente estava sempre olhando um para o outro para entrarem todos bem. Quem ia ganhar, ninguém sabia. Mas a gente queria que todos ali estivessem bem.” (I5).

O Painel 2 retrata o convívio entre os vencedores:

Painel 2. Vencedores do concurso *Mister IPGG 2017*



Fonte: Concurso *Mister IPGG 2017*. Fotos: Silvana Bassi Ramos, 2017

Portanto, participar do concurso do IPGG, em todas suas etapas, até se tornar um *Mister*, envolve autopercepção e autocuidado, que vai além do próprio benefício, gerando o desejo de constituir-se como um modelo de envelhecimento para as próximas e atuais gerações. Igualmente, propiciado pelo estímulo à convivência e senso de pertencimento a um grupo etário e de gênero, nasce a cumplicidade de se construírem significados que promovam novos propósitos de vida. Entendido como meio de estímulo ao alcance de uma velhice considerada como experiência satisfatória, o concurso de *Mister IPGG*, na percepção dos vencedores, coroa esta como uma verdadeira conquista.

Essa dinâmica complexa exige esforços biopsicossociais que se fazem ao longo do tempo, conforme discutido no próximo item, cujo foco são os investimentos em atividade física e relacionamentos sociais.

Atividade física e relacionamentos sociais: crenças em torno da construção do legado dos vencedores do *Mister IPGG 2017*

A preocupação com a aparência a ser exibida no concurso remete, na percepção dos participantes, a certos cuidados que devem ser tomados ao longo do tempo, em termos de atividades físicas e sociais. A prática regular de atividades físicas é entendida por eles como uma ferramenta que os coloca em movimento e colabora para uma boa saúde, vista como importante para a participação no evento e para o modelo de velhice que querem propagar. Os investimentos físicos buscam manter o que consideram um corpo “*em forma*”, entendido como dotado de uma *performance* disposta e funcional. As frases “*não ficar parado*” e “*tem que fazer atividades*” estavam presentes nos relatos de quase todos. O participante abaixo salienta:

“A gente tem que sempre procurar se conservar mais. Logo pela manhã eu faço uma caminhada. É bom. O concurso incentiva a gente a não parar. Estar sempre em movimento e atividade. Eu só queria dizer para a juventude de hoje que pegasse alguma coisa que a gente tenta passar para eles. Que quando ficarem idosos pegassem estas palavras: ‘não parar, sempre participar de alguma atividade física de que eles quiserem participar.’” (I4).

Destaca-se ainda que três dos participantes da pesquisa foram esportistas na juventude e continuam exercendo alguma atividade física na atualidade. Compartilharam do acervo pessoal as suas memórias impressas em medalhas, reportagens e fotos. Exibiram com orgulho as participações em diversos campeonatos. O idoso I5 foi um dos idosos que falou, com satisfação e entusiasmo, das suas conquistas neste quesito, desde a juventude, quando iniciou práticas esportivas.

O Painel 3 retrata, respectivamente, a carteira da Federação Paulista de Pugilismo, de 1969; a medalha conquistada de vice-campeão, em 1970; e um recorte de jornal de 1970, cuja reportagem destaca seus feitos:

Painel 3. Da esquerda para a direita: carteira da Federação Paulista de Pugilismo, 1969; Medalha, 1970; e, recorte de jornal de 1970 do participante I5



Fonte: Acervo pessoal do idoso I5

Do mesmo modo, outro participante, que também relata se manter ativo fisicamente na velhice, narrou competir em maratonas e meias maratonas. Na juventude, foi jogador amador de futebol. O Painel 4 apresenta, respectivamente, fotos do acervo pessoal que o participante I3 em uniforme de jogador de futebol amador na juventude e, ao mesmo tempo, como maratonista na velhice. Ambas as medalhas foram conquistadas no ano de 2018.

Painel 4. Fotos do idoso I3 como jogador de futebol na juventude e maratonista na velhice, além das medalhas obtidas em 2018



Fonte: Acervo pessoal I3

Cabe ressaltar que, para exercer a prática dessa atividade, o participante I3 relata possuir hábitos alimentares específicos, como não consumir açúcares, nem bebidas alcoólicas. Ingere pouca carne vermelha. Os considerados cuidados com a *performance* também se estendem com a proteção da pele antes das maratonas, utilizando hidratantes com filtros solares específicos para corredores, no rosto, braços e pernas.

O participante I3 fez questão de mostrar, do seu acervo pessoal, os certificados que ganhou ao longo de sua trajetória como esportista. Atribuiu ao entusiasmo pelo esporte a obtenção do título de *Mister* Esportista mais belo da cidade de São Paulo, em 2014. Para ele, esse também foi o prêmio mais importante da categoria, desde que começou a participar dos concursos de *Misteres*.

As vitórias nas pistas de corrida vêm acompanhadas de outros desafios fora delas com o avançar do processo de envelhecimento. Um dos participantes utilizou a expressão “*corpo bem-cuidado*” para tratar por sua corrida por legitimação social. Em suas palavras, ele argumentou: “*Quando você está bem fisicamente e já tem mais de 70 anos, eles [a sociedade] não acreditam. Ficam toda hora pedindo documento de identificação*”.

Na experiência relatada, percebe-se a concepção de que um corpo mais torneado fisicamente não poderia pertencer a um idoso. Ou seja, um corpo torneado fisicamente não parece coexistir com um corpo velho cronologicamente, mas apenas com um compreendido como jovem (Goldenberg, 2011). A busca por emancipação e legitimação, portanto, mesmo em outros moldes, continua ativa, ainda na velhice, para além do marco dos 18 anos.

Em síntese, mesmo mediante às diferenças quanto à intensidade no envolvimento com atividades físicas – alguns continuam atuando em campeonatos, enquanto outros fazem apenas caminhadas diárias pelas ruas do bairro e participam de atividades de lazer e esportivas no IPGG – a maioria é enfática em afirmar que, nesse momento da vida, não cabe o sedentarismo. Para eles, parado em frente à televisão só deve ser à noite: “*Durante o dia tem que buscar atividade, nada de cama, tem sempre uma coisa para mexer, arrumar ou fazer.*” (I4).

A opção pelo movimento não se encerra na funcionalidade. Para os idosos, buscar mover-se também significa buscar relacionar-se. Neste sentido, o envolvimento com o concurso de *Mister* IPGG demonstra oferecer aos participantes a oportunidade de estabelecerem uma nova rede suporte social, alvo que igualmente já fomentam em outros domínios de suas vidas.

Segundo Neri (2014, p. 289), redes de suporte social “são conjuntos hierarquizados de pessoas que mantêm entre si interações de dar e receber”. As redes de suporte social, para a pesquisadora, têm como atribuições potencializar o funcionamento cognitivo, emocional, físico e social dos idosos. Encontram-se vários tipos de suportes ou apoio por intermédio das redes de relações sociais. Entre eles, destacam-se: o suporte social formal e o suporte social informal.

Oferecido por profissionais e por instituições de saúde e proteção social, o suporte social formal é constituído de regulações econômicas e legais, como igualmente de normas profissionais e éticas. Já o suporte social informal é oferecido por familiares, amigos, vizinhos, grupos religiosos e outros grupos de voluntários, que não são remunerados, nem têm sua prática regulada por instrumentos legais. As redes de suporte informal contam com a espontaneidade da ligação afetiva entre seus membros e são organizadas pelo grau de parentesco ou proximidade afetiva entre eles (Neri, 2014).

Nas entrevistas, os participantes relataram que as redes informais estão presentes em suas vidas, especialmente reflexos do vínculo formal oferecido pelo IPGG. Eles mantêm relacionamentos com amigos da instituição, vizinhos, amigos do trabalho e familiares. Obteve-se que são redes baseadas nos princípios de afeto, companheirismo, solidariedade e ajuda mútua. A relevância da rede formada pelo convívio no IPGG pode ser compreendida na fala do idoso I3:

“Tem pessoas que têm até problemas em família, mas ele chega aqui [IPGG] e esquece. A gente tem uma convivência durante uma semana e esse problema acaba ficando para o último lugar. Entendeu? Porque a comunicação é muito intensa, a gente conta piada, a gente ouve o outro, a gente fala de futebol, política, religião. Quem é casado, quem é viúvo, quem é solteiro. Enfim, é uma interação!”

Segundo Neri (2014, p. 292), “o tamanho das redes de relações sociais informais tende a diminuir com a idade”. Entretanto, de modo independente do tamanho das redes, os idosos buscam laços sociais fortes e capazes de lhes proporcionarem apoio nas horas de suas dificuldades. As redes de suporte informal também contribuem para melhorar a saúde física e mental, em comparação com a realidade dos idosos que possuem poucas redes. Em um de seus relatos, o participante I5 conta emocionado como é importante, para ele, o convívio com sua família, sua esposa, com seus filhos e seus netos. Em seus períodos de férias e de lazer, ele faz questão de ter as companhias da esposa e dos três

netos jovens, de catorze, dezesseis e dezessete anos, em suas viagens. Abaixo o relato sobre a relevância da rede de suporte informal:

“Sempre que posso eu viajo, me planejo e vou com minha família e meus netos. Já conheci Fortaleza, a praia de Canoa Quebrada, já estive em Natal, no Rio Grande do Norte, sempre com a família. Todas as vezes que eu posso eu vou. Faço o meu planejamento, pego a família e vamos. Porque mesmo com a idade que eu tenho, eu ainda vejo vários motivos para continuar a viver. E viver bem. De preferência [risos].” (I5).

Nos moldes da relação familiar que todos explicitam, é notório identificar a amizade que se constrói entre os vencedores de 2017 e os outros concorrentes, compreendidos como companheiros de concurso. Como muitos deles se candidatam anualmente, compartilham do convívio com os outros candidatos, tendo a oportunidade de criarem e manterem laços de amizades que perduram por anos. Eles são enfáticos em dizer que existe uma camaradagem a uni-los, como se percebe nesta fala de um participante:

“Meus amigos são todos daqui do IPGG. Alguns participam comigo no concurso. Aí, um dá incentivo ao outro, incentiva a participar. O (Mister Elegância) está sempre incentivando os idosos. Ele puxa a fila (risos). Outro idoso também incentiva, pergunta se já fez a inscrição. Lá no Jabaquara, onde minha filha mora, os vizinhos também comentam do concurso e falam que eu ajudo a divulgar o bairro de São Miguel Paulista. Eu também incentivo outros idosos a participarem, com certeza.” (I4).

É interessante notar o perfil e a dinâmica da interação masculina proporcionada pelo concurso no IPGG. Conforme Neri e Vieira (2013) apontam, o gênero, renda e escolaridade são variáveis socioeconômicas que parecem interferir no tamanho das redes. As mulheres costumam ter uma rede mais ampla e, geralmente, os homens restringem seus contatos à companheira ou esposa, e familiares, participando menos de atividades sociais. A baixa renda e a baixa escolaridade também contribuem para uma menor participação em atividades sociais.

As redes de suporte social podem abranger várias esferas do cotidiano do idoso. Mesmo os idosos em situação de institucionalização podem ampliar seus contatos quando expostos a ações como o concurso de *Mister*. Entre os participantes, encontra-se um idoso que reside em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI). Sua rede é formada especialmente pelas funcionárias que trabalham no local, já que é viúvo e não teve filhos. Boa parte dos seus irmãos já morreram. “*As meninas*”, como ele se refere às funcionárias da instituição, formam sua rede de suporte. No entanto, a ação interinstitucional ajudou a ampliar seus contatos e lhe trouxe novas experiências:

“O IPGG veio aqui e me convidou. Aí, as meninas daqui ficaram me animando. Aí, eu me animei, eu tive vontade, já tinha operado as vistas (ele estava cego por causa da catarata quando chegou a essa ILPI). Ah! Eu gostei, gostei muito! Mas é difícil, tem que praticar (o desfile) muitas vezes, umas cinco vezes. Aí, eu ganhei. Mas não é fácil. Tem que saber como fazer tudo. Eu fui, mas não tinha esperança que eu ia ganhar, não. Aí, eu ganhei, foi uma vitória inesquecível! [risos]. É importante, é muito bom a gente ser aplaudido, a gente fica alegre, a gente se sente bem, né?” (I2).

Para esse participante, o incentivo das funcionárias foi fundamental para que ele se animasse e participasse do concurso. Entretanto, esse incentivo não parou por aí: no dia do desfile em que seriam conhecidos os vencedores, as funcionárias da ILPI fizeram uma surpresa para o I2. Munidas de alguns cartazes, com frases de apoio ao participante, elas foram até ao IPGG e lá fizeram uma torcida organizada, com apitos e, muito entusiasmadas, não paravam de gritar o nome do participante, toda a vez que ele entrava na passarela. Isso fez com que muitas pessoas que ali estavam assistindo ficassem emocionadas.

As funcionárias relataram que o I2 ficou por um bom tempo mostrando o troféu e a faixa de vencedor para todas as pessoas que visitavam a ILPI. Ainda, cabe colocar que na entrevista o participante afirmou: “*Eu fiquei mais alegre esses dias, né? Eu já sofri muito, só não passei fome porque sempre trabalhei em lavoura, depois no comércio, na construção [...], trabalhei muito, mas agora eu tô bem*”.

Já os outros quatro idosos vivem com familiares. Todos foram efusivos em afirmar que o apoio da família era essencial para conseguirem o *status* alcançado por eles no concurso. Realçam o papel das esposas, que vai desde estimular a fazerem a inscrição

para o evento, como depois estarem na plateia aplaudindo e torcendo por seus maridos. Além do incentivo e apoio, os participantes solicitam a opinião delas, gostam de ouvir as sugestões em relação à vestimenta e formas de caminhar na passarela. Os que têm filhas contam com uma ajuda extra, pois algumas filhas também emitem opiniões, incentivam, apoiam e quando podem vão assistir ao desfile. Abaixo, o relato de um dos participantes a respeito de quem estava na plateia, vendo seu desfile:

“Tinha minha família, esposa, filhas e os netos. Tinha a torcida do público presente (amigas da esposa). Todo mundo aplaudindo. Todos aplaudem todos os candidatos. Isso é um incentivo. Faz a gente se sentir bem.” (I5).

Para além do fortalecimento do vínculo familiar e a oportunidade de apresentar-se socialmente mediante o apoio de entes queridos, a relevância em participar do concurso na percepção deles está, como dito, em diversificar as experiências interpessoais, visando a deixar um legado no escopo de outros domínios da vida. Essa é a compreensão do I5, que se mantém ativo no ofício e utiliza a sua participação no concurso para incentivar os amigos da “obra”. Ele se especializou em elétrica e, por sua rica experiência no ramo, se tornou uma espécie de responsável de equipe na área de construção civil. Na qualidade de prestador de serviço, ele tem autonomia de adequar sua agenda, entre as atividades laborais e os compromissos com o concurso de *Mister*. Disse ter toda a liberdade de se ausentar para fazer atividades relacionadas com o concurso. Entende que participar do concurso também visa a estimular os colegas de trabalho a perceberem que existe vida fora do mundo laboral:

“Eu tento explicar para meus amigos da obra que não é só aqui o trabalho. Fora da obra existe um mundo. Eles têm que viver. Saber que aqui fora tem muita coisa para eles viverem, muita coisa para ser vivida, independente do nosso serviço. Existe vida fora do mundo do trabalho. Então, não é só ficar ali no trabalho, fazendo a obra. É para ver o que tem em volta.” (I5).

Em outro âmbito, mas também destacando a importância que esses idosos atribuem aos relacionamentos sociais, o idoso I1 relatou que após ficar viúvo, começou a fazer aulas de dança. Inicialmente o bolero e depois o tango. A atividade “faz bem para alma e para o corpo”, conforme destaca o *Mister*, considerando-a como um lazer.

Por ocasião das aulas de dança, ele conheceu a sua segunda esposa, tornando-a sua parceira para dançar tango e se apresentar em eventos. No dia da final do concurso *Mister IPGG 2017*, ele pediu à coordenação do evento para fazer uma apresentação de tango com sua esposa:

“No tango eu me realizei! Eu digo para todos que vão ver e assistir uma apresentação de tango [...], eu era criança e eu via os adultos dançar [...]. O tango te deixa extremamente apaixonado. Os passos são bem elaborados, exige esmero e é uma coisa maravilhosa!” (I 1).

Em suma, observou-se que o exercício da geratividade surge como sendo a maior relevância percebida pelos vencedores da edição 2017 do concurso. Depoimentos apontam que participar do concurso serve de exemplo para outros idosos, assim como para futuras gerações. Entende-se e defende-se que esse modelo de velhice, que investe na própria aparência, pode oportunizar mais participação social masculina. Nota-se que essa *performance* engloba os aspectos biopsicossociais e requer esforços que acontecem ao longo de toda a trajetória de vida, como: as atividades físicas e o contato com diversas redes de suporte social. Ter participado quando jovem de alguma atividade física colaborou para o autocuidado com a saúde, serviu de estímulo ao movimento ao longo da vida e ainda contribuiu para mantê-los com uma rede de suporte social significativa.

Baseados em suas crenças de engajamento, autopromoção e autocuidado, alcançam o que consideram uma velhice satisfatória, que é compreendida por eles como uma velhice saudável, cheia de incentivos, feita de persistência e surpresas. Essa condição contribui para uma vida prazerosa, com experiências favoráveis e que pode servir de exemplo de sucesso.

A associação da velhice apenas com incapacidades e decadência já não corresponde à totalidade e complexidade das experiências de envelhecer, cada vez mais presentes no debate social. Modalidades de engajamento social que estimulem a construção da aparência e seus significados podem ampliar as percepções a respeito da heterogeneidade do processo de envelhecimento e suas potências.

O aumento da expectativa de vida trouxe, especialmente aos homens, novas questões e mais desafios, dentre eles a saída do mundo laboral e a ocupação de um novo e longo tempo de existência. A vida profissional perpassa grande parte do curso de vida dos homens das atuais gerações de velhos.

Ao deixar o mundo do trabalho, restringem-se os contatos sociais apenas aos familiares, esposa e filhos. Entretanto, a pesquisa apontou que, quando o idoso encontra espaços sociais significativos e integrados a atividades que lhe proporcionem identificação e prazer, ele se sente envolvido socialmente e estabelece propósitos de vida.

Para o grupo de idosos investigados, a relevância presente na participação no concurso, ganhando ou não, envolve o exercício da geratividade. A construção e exibição da aparência visando à busca por aprovação no concurso representam um legado a ser seguido. Os idosos entendem que, através da participação no concurso, eles podem servir de exemplo para outros idosos e também para as futuras gerações. Também se consideram um modelo diferenciado de velhice, tornando-se, assim, aptos para influenciarem outros homens, colaborando para a criação de novas oportunidades de participação social masculina significativa.

Ainda, ao menos neste estudo de caso, percebe-se um perfil socioeconômico relativamente comum de idoso, cujas crenças em um determinado tipo de experiência de velhice passam por manter-se ativo fisicamente, e envolvido em relações sociais diversas de suporte e trocas. Essa concepção, flertando com a militância, marca uma noção de legado que deve ser exercitada, inclusive, ainda em vida.

Novos estudos devem ser conduzidos, verificando se esse perfil e dinâmica se confirmam para os outros anos do evento ou mesmo em eventos semelhantes realizados por outras instituições brasileiras. Além disso, estudos comparando modalidades de engajamento social cuja aparência direta ou indiretamente trata-se do organizador também podem nos fazer entender as diversas maneiras de oportunizar a construção da apresentação dos diferentes. No que tange ao universo masculino, esses investimentos podem despertar novas possibilidades, novas perspectivas, novos papéis e novos territórios sociais significativos, visando à promoção do bem-estar.

Considerando-se a heterogeneidade da velhice, entende-se que concursos como o proporcionado pelo IPGG são apenas uma modalidade de engajamento que, possivelmente, futuros estudos podem mostrar que atraem perfis específicos de homens idosos. O envolvimento social de outros perfis deve igualmente ser estimulado e oportunizado, com igual chance de promover bem-estar continuado e significativo.

Conclusão

Neste estudo, ao investigarmos a relevância ocasionada pela dinâmica do envolvimento construída em torno do engajamento no concurso *Mister IPGG 2017*, na percepção dos cinco vencedores, obteve-se que o exercício da geratividade se faz presente de forma relevante. Essa dinâmica está ancorada em uma noção comum de velhice satisfatória e da oportunidade de, ainda em vida, deixar um legado sobre novas possibilidades de apresentação social do envelhecimento masculino. Duas frentes se fizeram relevantes em termos desse exercício: a prática regular de atividade física e a manutenção, como igualmente a criação, de relacionamentos e suportes sociais diversos.

A participação em atividades físicas se mostrou importante, especialmente para alguns que já traziam esse hábito desde a juventude. Os participantes acreditam que foi devido a essas práticas que eles desfrutavam da boa *performance* na ocasião do evento. Também atribuem ao concurso a preocupação de manter o corpo sempre em movimento e a responsabilidade de estarem sempre atentos para a saúde física. Por outro lado, manter-se ativo fisicamente esteve fortemente conectado com manter-se vinculado socialmente. O investimento em relações sociais diversas, fortalecendo e ocasionando redes de suporte social formais e informais, ajuda-os a organizar e sentirem-se motivados a viverem uma experiência que considerem satisfatória de velhice.

Preparar a própria aparência para participar do concurso, e vice-versa, para todos, trata-se do eixo condutor da dinâmica do envolvimento, neste sentido. Ao longo da preparação para o evento e mesmo durante as diferentes etapas, eles sentem-se pertencentes a um grupo que compartilha aspectos etários e de gênero. Florescem amizades, cumplicidades e suporte mútuo em torno da edificação e propagação de um conceito comum de velhice, cuja compreensão significa mostrar que é possível ter uma velhice satisfatória, mediante o perfil aqui estudado.

Referências

Aboim, S. (2014). Narrativas do Envelhecimento: ser velho na sociedade contemporânea. *Tempo Social*, 26(1), 207-232. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702014000100013>.

Alcântara, A. (2016). Envelhecer no contexto rural: a vida depois do aposento. In: Alcântara, A. O., Camarano, A. A., & Giacomini, K. C. (Orgs.). *Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões*. Rio de Janeiro, RJ: IPEA, 323-342.

Ramos, S. B., & Lopes, A. (2019). Envelhecimento masculino: a relevância da participação no concurso Mister IPGG 2017 na percepção dos vencedores. *Revista Kairós-Gerontologia*, 22(N.º Especial 26, Temático: "Envelhecimento e Aparência", 261-283). Print ISSN 1516-2567. ISSN 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP

- Bitencourt, S. M. (2015). Gênero e Envelhecimento: reflexões sobre o corpo que envelheceu. *Revista Kairós-Gerontologia*, 18(2), 443-458. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: [file:///C:/Users/Dados/Downloads/28476-75177-1-SM%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Dados/Downloads/28476-75177-1-SM%20(3).pdf).
- Bourdieu, P. (2007). *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo, SP: Edusp.
- Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. (2010). *Política Nacional do Idoso*. Lei n.º 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Brasília, DF: reimp.
- Camarano, A. A., Kanso, S., & Fernandes, D. (2014). Menos jovens e mais idosos no mercado de trabalho? In: Camarano, A. A. (Org.). *Novo regime demográfico: uma nova relação entre população e desenvolvimento?* Rio de Janeiro, RJ: Ipea, 377-406.
- Carmagnanis, F. (2016). Jovens há mais tempo. In: Goldenbrg, M. (Org.). *Velho é lindo!*, 219-243. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Debert, G. G. (1999). *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo, SP: EDUSP.
- Erikson, E. H. (1982). *O ciclo completo da vida*. São Paulo, SP: Artmed.
- Faller, J. W., Teston, E. F., & Marcon, S. S. (2015). A velhice na percepção de idosos de diferentes nacionalidades. *Texto & Contexto Enfermagem*, 24(1), 128-137. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072015002170013>.
- Freitas, M. C., Queiroz, T. A., & Sousa, J. A. V. (2010). O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 44(2), 407-412. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342010000200024>.
- Geertz, C. (2008). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, RJ: LTC.
- Goldenberg, M. (2011). Gênero, “o corpo” e “imitação prestigiosa” na cultura brasileira. *Revista Saúde e Sociedade*, 20(3), 543-553. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://www.scielo.org/pdf/sausoc/2011.v20n3/543-553>.
- Leite, Â. R. L., & Araújo, M. S. S. (2017). Significados da velhice para quem envelhece(u). *Temporalis*, 17(33), 193-210. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <file:///C:/Users/Dados/Downloads/Dialnet-SignificadosDaVelhiceParaQuemEnvelheceU-6122720.pdf>.
- Lopes, A. (2000). *A Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia e os desafios da Gerontologia no Brasil*. Campinas, SP: Átomo e Alínea.
- Martins, B. A. S. (2016). *Marca e publicidade: ressignificação da velhice*. Dissertação de mestrado em Comunicação e Cultura. Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP.
- Neri, A. L., & Vieira, L. A. M. (2013). Envolvimento social e suporte social percebido na velhice. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 16(3), 419-432. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-98232013000300002>.
- Neri, A. L. (2008). *Palavras-chave em Gerontologia*. (3ª ed.). Campinas, SP: Alínea.
- Neri, A. L. (2014). *Palavras-chave em Gerontologia*. (4ª ed.). Campinas, SP: Alínea.
- PNAD 2016 (2017). População idosa cresce 16,0% frente a 2012 e chega a 29,6 milhões. *Agência de Notícias IBGE*, Recuperado em 30 janeiro 2019, de: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/18263-pnad-2016-populacao-idosa-cresce-16-0-frente-a-2012-e-chega-a-29-6-milhoes>.

Silva, W. V. (2016). *Sexualidade na terceira idade: o olhar da sociedade sobre o idoso*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social). Centro Universitário Tabosa de Almeida ASCES/UNITA, Caruaru, Recife, PE.

Silva, A. P., & Pirolo, S. M. (2017). Perception of man about aging. *Journal of Nursing UFPE on-line*, 11(3), 1388-1397. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/13981/16832>.

Tavares, R. E., Jesus, M. C. P., Machado, D. R., Braga, V. A. S., Tocantins, F. R., & Merighi, M. A. B. (2017). Healthy aging from the perspective of the elderly: an integrative review. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 20(6), 878-889. Recuperado em 01 novembro, 2018, de:

Yokomizo, P., & Lopes, A. (2019). Aparência: uma revisão bibliográfica e proposta conceitual. *Dobras*, 12(16), 228-244. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/922>.

Silvana Bassi Ramos – Graduação e Pós-Graduação em Gerontologia pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) e colaboradora do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS), todos da Universidade de São Paulo (USP), Brasil.

E-mail: silvanabassi@usp.br

Andrea Lopes – Antropóloga, docente da Pós-Graduação em Gerontologia e das Graduações em Gerontologia e Têxtil e Moda, fundadora e coordenadora do grupo EAPS. Todos da EACH/USP, Brasil. Orientadora da pesquisa.

E-mail: andrealopes@usp.br

Aspectos socioculturais da construção da aparência no envelhecimento feminino: uma revisão narrativa*

*Sociocultural aspects of the construction of
appearance in the female aging: a narrative
review*

*Aspectos socioculturales de la construcción de
la apariencia en el envejecimiento femenino:
una revisión narrativa*

Patrícia Yokomizo
Andrea Lopes

RESUMO: O presente estudo provém dos campos da Gerontologia, Moda e Antropologia. Apresenta e discute aspectos socioculturais da construção da aparência no contexto do envelhecimento feminino. Nesse cenário, obteve-se que as mulheres têm sido pressionadas pela noção de juventude eterna, especialmente através das mídias. Estas constituem seus principais agentes educativos e têm divulgado mitos do envelhecimento com vistas ao consumo. Finalmente, considera-se que a aparência é variável relevante para promover a heterogeneidade.

Palavras-chave: Aparência; Envelhecimento; Mulheres.

* O artigo faz parte de pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Universidade de São Paulo, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). O respectivo Programa recebe financiamento (Código 001) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil.

ABSTRACT: *This study comes from the fields of Gerontology, Fashion, and Anthropology. It presents and discusses some socio-cultural aspects of the construction of appearance in the context of the female aging. In this scenario, it was found that women have been pressured by the notion of eternal youth, especially through the media. These are their main educational agents, which have spread myths on aging aiming consumption. Finally, it is considered that appearance is a relevant variable to promote the heterogeneity.*

Keywords: *Appearance; Aging; Women.*

RESUMEN: *El estudio proviene de la Gerontología, Moda y Antropología. Son presentados y discutidos aspectos socioculturales de la construcción de la apariencia en el contexto del envejecimiento femenino. En ese escenario, se detectó que las mujeres han sido presionadas por la noción de juventud eterna, especialmente a través de los medios de comunicación. Esos constituyen sus principales agentes educativos, los cuales han propagado mitos acerca del envejecimiento sobre todo para la promoción del consumo. Finalmente, se considera que la apariencia es variable relevante para la promoción de la heterogeneidad.*

Palabras-clave: *Apariencia; Envejecimiento; Mujeres.*

Introdução

O objetivo do artigo é discutir os aspectos socioculturais da construção da aparência, tendo em vista o contexto do processo de envelhecimento feminino. O escopo parte de produção publicada no período de 2010 a 2016, identificada em levantamento e revisão. As bases e periódicos¹ nacionais e internacionais utilizados são parte

¹ Palavras-chave utilizadas: Aparência; Moda; Imagem; Corpo; e Beleza. Houve também tradução e uso dos termos em inglês e espanhol. As palavras-chave foram combinadas com termos gerontológicos (idosos, senior, idade, envelhecimento, velhice, longevidade, quarta idade, terceira idade, ageísmo), do campo das Ciências Sociais (engajamento social, participação social, significativo, significado) e da Educação (educação informal). As bases consultadas foram: Academic Search Premier, Ageline, JSTOR, MUSE, Portal CAPES, Pro Quest, Scielo, Scopus, Taylor & Francis Online. Os periódicos brasileiros consultados foram: *60 e mais*, *Cadernos de Campo*, *Cadernos Pagu*, *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, *Kairós-Gerontologia*, *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, *Revista de Antropologia da USP*, *Revista Textos e Contextos*, *Revista Dobras*, *Revista Iara*. Os periódicos internacionais foram: *Body & Society*, *International Journal of Fashion Studies*, *Journal of Fashion Marketing and Management*, *Journal of Spanish Cultural Studies*.

multidisciplinares e parte provenientes dos campos da Antropologia, Moda e Gerontologia.

Por se tratar de temática que carece de atenção científica interdisciplinar, o estudo foi inspirado no método de revisão narrativa (Rother, 2007; Grant, & Booth, 2009), cuja natureza é exploratória e qualitativa. Incluiu-se na discussão outros materiais correlatos, encontrados de forma espontânea, mas que ampliavam a compreensão da temática e do debate teórico do período investigado. As contribuições de Elias e Scotson (2000), nesse sentido, inspiraram a tônica teórica da discussão das categorias de análise elencadas. Assim, não se trata de encerrar o debate, mas promovê-lo e, ainda, sensibilizar a realização de futuros estudos sobre a temática.

Um dos primeiros resultados obtidos aponta que o termo aparência possui, até o momento, pouco material científico que o especifique e o delinhe de forma clara conceitualmente. De modo sumário, visando a explorar o material levantado, partiu-se da compreensão de aparência como apresentação social. No geral, nesse sentido, o termo aparece associado à noção de moda, enquanto fenômeno social. Ambas são utilizadas pela literatura investigada para caracterizar, diferenciar e reconhecer os indivíduos e grupos sociais, sendo atuante na reflexão sobre a organização de diferentes sociedades (Crane, 2006; Lipovetsky, 2009; Blackman, 2011; Simmel, 2014).

Nessa direção, obteve-se o trabalho de Kwon e Kwon (2013), que apresenta o termo gestão da aparência. As autoras apontam que este se trata de um indicador de competência cultural e simbólica. Afirmam que a posse de capital cultural é um determinante do grau de gestão da aparência.

Por capital cultural, Bourdieu (1998) entende como o repertório e domínio teórico e prático que um indivíduo constrói, detém e exercita ao longo da vida. Trata-se da capacidade e modo de mediação do saber, regidos pela família e instituições escolares, que procuram estruturar sistemas de preferências e orientar condutas, posturas e opiniões de seus membros ou alunos. Essa habilidade, segundo Kwon e Kwon (2013), determina o quanto se investe na manutenção e controle da aparência, mediante o uso de produtos e serviços vinculados aos múltiplos papéis e contextos que se necessita desempenhar.

A noção de corpo, por várias vezes, igualmente surgiu associada ao termo aparência no levantamento. Para Teixeira, Freitas e Caminha (2014), por exemplo, em diversas sociedades, os condicionamentos do corpo, como o uso de anabolizantes, constituem formas de “aperfeiçoar o rendimento individual mediante intervenções” (p.

498). Também, surge como alternativa para a reconstrução da própria existência, maximizando o potencial de dominação nas relações sociais.

Em termos históricos, Featherstone (1998) aponta que, no final do século XX, os estudos sobre as atribuições e valores sociais da aparência constituíam uma temática de pesquisa ainda muito recente, em parte, por uma “tendência de subteorizar o papel das imagens no curso de vida” (p. 47). Por outro lado, no mesmo período, a pesquisa de Dweck (1999) sobre a beleza, uma terceira noção bastante associada à aparência, discute o aumento do comércio e das atividades do setor no Brasil durante a década de 1990. Avaliando beleza como uma variável econômica, aponta que os cuidados, antes exclusivos das mulheres, passaram a ser oferecidos também aos homens com a introdução dos salões *unissex*. Dentre os principais motivos que impulsionaram o crescente interesse por esse mercado, a autora menciona: 1) a maior inserção da mulher no mundo do trabalho; 2) a seletividade do meio profissional, que exige certa preocupação com a aparência inclusive dos homens, sendo característica altamente valorizada na contratação e diferencial de salário; e 3) o medo de envelhecer.

Em síntese, encontrou-se uma ausência de definição clara para o conceito de aparência. Em sua maioria, ele aparece na literatura consultada como sinônimo de moda, corpo e beleza. A fim de delinear a ampla e difusa discussão sobre a relevância de aspectos socioculturais na construção da aparência, o presente artigo organiza-se em três partes. Cada uma apresenta uma das categorias de análise constituídas. A primeira dá destaque à importância da aparência no processo de envelhecimento, apontando as mulheres como foco dos debates, conforme o que foi observado em grande parte dos textos revisados. A segunda aponta a centralidade que as mídias ocupam nos estudos investigados, sejam como alvo ou resultado das pesquisas. Em geral, aparecem como agentes informais de educação na construção da aparência, em especial de mulheres, estimulando o consumo da noção de juventude eterna e reforçando mitos sobre o envelhecimento. Finalmente, a terceira parte foca em um conjunto de estudos que apontam as implicações da temática para o contexto das mulheres idosas vulneráveis socialmente.

Por fim, apesar da pulverização e falta de um conceito integrador, notou-se um eixo paradigmático comum na produção do período: os esforços para tornar visível a diversidade de aspectos socioculturais associados à aparência, visando a promover a

legitimação da heterogeneidade das experiências de envelhecimento, principalmente das mulheres.

Envelhecimento feminino e aparência

No século XX, segundo Campos (2015), período em que se coroavam os princípios médico-higienistas, a aparência feminina esteve relacionada, ademais da saúde e da beleza, aos exercícios físicos, alimentação, raça e identidade nacional. Carter (2016) percebe, ainda, uma crescente associação do envelhecimento com doenças que, de acordo com a autora, tem implicado em práticas antienvelhecimento para mulheres. Essas práticas incluem exercício, maquiagem, vestuário, alimentação e construção constante da identidade de gênero.

No âmbito do esporte, por exemplo, mulheres têm buscado ampliar papéis e ultrapassar o paradigma da força masculina e fraqueza feminina, utilizando de substâncias anabolizantes que transformam seus corpos, conferindo-lhes uma aparência considerada robusta, porém masculinizada – o que vem a reforçar a ideia de mulher frágil (Farias, Cecchetto, & Silva, 2014). Nesse sentido, Smallwood, Brown e Billings (2014) comentam as fotografias de atletas femininas expostas em revistas esportivas. Os autores apontam que as atletas aparecem em fotos sexualizadas, por vezes nuas, mas exibidas em poderosas poses atléticas, na intenção de receber maior cobertura das mídias. A partir de tais imagens, o público percebe que o fato de as atletas posarem com seus corpos bastante expostos é um meio de promoção ou ganho para sua profissão ou carreira, não tratando como uma promoção pessoal e reconhecendo credibilidade atlética através da musculosidade e atletismo percebido. Nota-se que, no campo dos esportes, as mulheres têm utilizado de sua aparência, especialmente do corpo, para obter reconhecimento de seu profissionalismo, respeitabilidade, atrair patrocinadores, romper padrões de gênero e, ainda, adentrar e manter-se em carreiras esportivas não firmadas para mulheres, a exemplo das artes marciais mistas.

Além de relações de semelhança e disparidade estabelecidas entre homens e mulheres, autores apontam que estas vivenciam também comparações entre si mesmas. Young, Gabriel e Schlager (2014) investigaram a influência da equiparação entre mulheres e suas amigas mais magras. A pesquisa descreve que a convivência com perfis mais esbeltos pode afetar a maneira como mulheres se sentem em relação a seus corpos.

Por outro lado, quando há intimidade entre amigas, a profundidade e o significado do vínculo pode auxiliar na diminuição do sentimento de autodepreciação. Percebe-se que as relações informais, no caso com amigos, são relevantes ao modo como a aparência é entendida e avaliada.

Do mesmo modo, outras relações afetivas podem proporcionar significativo impacto na construção da aparência. Sharp e Keyton (2016) investigaram os efeitos de ideologias sobre romances e vida conjugal na aparência de mulheres norte-americanas de 18 a 29 anos. Segundo as pesquisadoras, o imaginário das participantes sobre o relacionamento normativo e as expectativas dos parceiros contribuiu para que desejassem ser mais magras, ocasionando distúrbios alimentares na busca por um corpo idealizado e entendido como mais atraente.

Os produtos advindos das indústrias de moda e beleza, atualmente, promovem o ideal de magreza e jovialidade como mais atraente para as mulheres (O'Neil, 2014). Às que não dispõem de motivação e recursos para o controle deste tipo de aparência, é ocasionada a vergonha, culpa e remorso. Esses sentimentos são agravados pela cobrança social de embelezamento e podem diminuir o consumo de mídias de beleza, supostamente, como forma de evitar o enfrentamento, intimidação e comparação com imagens-modelo não alcançadas (Tsai, 2013).

Para Castro e Pinto (2014), no Brasil “a centralidade do corpo e da imagem na sociedade contemporânea faz com que o estereótipo da brasilidade feminina seja um objeto de consumo extremamente valorizado” (p. 38). Quanto ao não alcance da dita concepção de mulher brasileira, Sant’Anna (2014) comenta que o vocabulário do escárnio masculino conta com expressões como “mulher-bucho” para designar as “estraga-prazeres, pobres-diabos, tão feias que mal parecem mulheres” (p. 99).

Assim, o gênero estabelece significativas diferenças na vivência dos corpos ao longo de todo o curso da vida (Coutinho, Tomazeti, & Acosta, 2013). Há estudos que demonstram que as mulheres sentem mais as pressões sociais quanto a seus cuidados com a aparência que os homens de mesma idade (Menezes, Brito, Oliveira, & Pedraza, 2014; Jankowski, Diedrichs, Williamson, Christopher, & Harcourt, 2014).

Montemurro e Gillen (2013), que investigaram mulheres entre 20 e 68 anos quanto à sexualidade e sentimento de conveniência, constataram que as entrevistadas tinham consciência dos ideais sociais de beleza e da importância da aparência quando procuravam ser ou sentir-se atraentes. Segundo os autores, é no encontro com o espelho

que várias mulheres percebem e iniciam movimentos para combater o envelhecimento, visto como um fracasso. Para Aboim (2014), diferentemente dos homens idosos, que tendem a acentuar mais a perda de força e vigor, as mulheres idosas vivem com o mal-estar pela entendida diminuição de atributos físicos.

No entanto, os interesses do campo da Moda pelos idosos, sobretudo longevos, por exemplo, se mostra raro e acionado por lógicas de mercado, em geral, ancoradas no consumo mais do que de produtos, em um tipo de dependência simbólica, conforme Goldenberg (2011). Alvo crescente de estudos e intervenções, as mulheres, nesse âmbito, tendem a ser cristalizadas no tempo; quando não, percebem-se invisíveis a partir de determinadas idades, como aponta a autora em pesquisa com mulheres cariocas de 40 anos ou mais. Valendo-se das reflexões de Bourdieu (1989), a pesquisadora entende que a dominação masculina coloca as mulheres em:

[...] permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos homens, como objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam femininas, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, delicadas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas (Goldenberg, 2011, p. 57)

Atualmente, em diversas culturas, a juventude é entendida como um valor, que deve ser conquistado e mantido através de formas de consumo e em qualquer idade, principalmente pelas mulheres. Nesse contexto, a velhice passa a ser também um valor, este negativo, expressando doença, negligência com o corpo e falta de motivação para a vida (Debert, 2010).

Para Guevara (2015), acreditar que, com a idade, torna-se mais confortável com o corpo, substituindo a beleza da juventude pela sabedoria da idade, é um equívoco. Segundo a autora, as mulheres idosas com problemas de imagem corporal podem ser divididas em duas categorias: 1) a das que lutam pela beleza desde a juventude e nunca se recuperaram do fato de envelhecer; 2) a das que vieram a desenvolver mais tarde essa negação. Sánchez e Monchietti (2013, p. 11) colocam que no “reino da aparência” que se vive hoje, “o motivo de ser é parecer eternamente jovem. Nesse caso, a palavra ‘eternamente’ alude que até os que estão morrendo procuram esconder-se, ocultar essa realidade como se fosse escandalosa”.

Nesse contexto, segundo Lövgren (2013), a aparência é importante para a mulher em diferentes idades à medida que se constitui como um recurso fundamental para a construção do tipo apropriado e legitimado de feminilidade. Para a autora, a mais jovem necessita parecer atraente. Já a de meia-idade é instruída a “envelhecer graciosamente” (p. 134), mediante o uso de roupas não apertadas ou reveladoras, que escondam rugas e flacidez, conforme sugerido por editoriais de revistas. Assim, cabe à mulher, a partir da meia-idade, o cuidado de sua aparência, de acordo com “o modo aprovado de fazer sua idade” e com o ser “adequadamente vestida de forma moderna” (pp. 134-135). O senso de adequação etária faz-se organizador.

Em um estudo antropológico com mulheres brasileiras e alemãs, Goldenberg (2012) aponta que geração e cultura são relevantes para constituir os significados do envelhecimento transmitidos através da aparência. Na pesquisa, as entrevistadas alemãs, advindas do pós-guerra e do pós-feminismo em seu país, consideravam o envelhecimento como um valor desejável e significado de amadurecimento, o qual buscava ser evidenciado em suas aparências. Já as mulheres brasileiras entendiam o envelhecimento como um processo de perdas, principalmente, de elogios masculinos e de possíveis parceiros. Desejavam, assim, aparentar mais jovens. A autora considera que a aparência, especialmente no Brasil, é utilizada para alcançar e manter relações, no caso conjugais, por estas serem vistas como um capital social valioso obtido através do casamento.

Em outro contexto cultural, Sabik (2013) analisou a estima de mulheres afro e euroamericanas quanto a seus corpos aos 60 anos, e indicou uma influência da etnia no bem-estar com o próprio corpo. Constatou-se que, apenas para as euroamericanas, a estima com o corpo é mediada pela discriminação de idade. Musaiger, D’Souza e Al-Roomi (2013) investigaram mulheres do Qatar entre 20 e 70 anos, e verificaram que, para as de mais de 40, a aparência é um dos critérios importantes na definição de seu envelhecimento. Já Benbow-Buitenhuis (2014), em um estudo com mulheres australianas de 18 a 60 anos, percebeu em diferentes idades a existência de prazer e ansiedade no alcance do ideal de beleza sem falhas apresentado pelas mídias.

Twigg e Majima (2014) evidenciaram um aumento do envolvimento de mulheres velhas do Reino Unido com sua aparência. Segundo as autoras, as idosas têm comprado roupas e cosméticos com maior frequência e visitado mais os salões de cabeleireiros. Apontam, ainda, que estas mulheres estão mais engajadas com a moda no século XXI, em resposta ao espírito do tempo. A crescente preocupação de idosas com sua aparência,

em parte incentivada pelos padrões de juventude eterna e por estímulos das mídias, tem ocasionado, no entanto, problemas com distúrbios alimentares. Estes, segundo diversos autores, ocorrem a partir de representações irreais e responsabilização da mulher quanto ao trato de sua aparência de acordo com os ideais e valores sociais (Hernández, *et al.*, 2013; Ferreira, *et al.*, 2014; Guevara, 2015).

No contexto do medo de envelhecer, os possíveis investimentos nos “prazeres do corpo” crescem tanto quanto a expectativa de vida (Sant’Anna, 2014, p. 188). Receitas para o alcance de ideais femininos, como o da Mulher-Madonna (Pereira, & Penalva, 2014), são descritas pelas mídias aliadas ao mercado, que inspiram um “controle da ação do tempo sobre sua aparência física, o que demanda um excesso de dedicação e disciplina” (p. 189).

Runfola, *et al.* (2013) investigaram a satisfação com o tamanho do corpo entre mulheres a partir de 50 anos – faixa etária da Mulher-Madonna –, as quais indicaram que a satisfação corporal está associada à cobrança pelo esforço, e não à passividade.

Panek, Hayslip e Pruett (2014) indicam que a aparência tem papel significativo no modo como homens e mulheres julgam seu próprio envelhecimento. Aboim (2014) coloca que há mulheres que procuram não se vitimar diante da inevitabilidade do envelhecimento, preferindo aceitar a velhice, ao invés de ter um sentimento de amargura pelo fim da juventude, motivo principal para a procura de reconstrução estética. No entanto, o custo pelo desvio do padrão de beleza jovial é alto. Os sinais de envelhecimento e degradação na aparência são vistos como uma perda socialmente prejudicial, tornando o velho uma figura inconveniente, segundo os ideais da juventude eterna (Benbow-Buitenhui, 2014).

Os prejuízos associados à aparência envelhecida já eram percebidos em sociedades mais antigas, como a greco-romana, investigada por Iacub (2004). Nesse contexto cultural, era estabelecida uma forte associação da velhice com a morte e sentimentos de vergonha, fealdade, perda e inveja. Além disso, havia uma dissociação do velho com o erotismo, de forma que a idade regia o desejo por um indivíduo. As diferenças e hierarquias estabelecidas entre jovens e velhos eram elucidadas pelas figuras de deuses e homens, em acordo com um critério de tempo de duração da beleza. A juventude era, assim, entendida como um atributo dos deuses, imortais e de beleza eterna, enquanto os idosos equivaliam aos homens, mortais e degenerativos.

Debert e Brigeiro (2012), em discussão sobre a sexualidade na velhice, consideram que os esforços empreendidos pela Gerontologia, e outros interessados em promover a temática, não incluem uma reflexão sobre a beleza nos corpos envelhecidos ou a possibilidade que velhos sejam atraentes sexualmente, a partir de suas próprias possibilidades. O fato, somado ao cenário de valorização da juventude, implica em questões relativas à aparência e contribui para o costume de tratar a velhice como um valor negativo socialmente por si mesma.

Para Goffman (1985), os indivíduos, quando buscam assumir um personagem na representação cotidiana, verificam e avaliam os atributos que compõem os diferentes papéis sociais existentes. Com a crescente e constante exaltação da juventude descrita por variados autores, nota-se a dificuldade em assumir-se como velho, e ampliar o leque de papéis significativos na velhice, para além dos resultantes de imagens pejorativas. Nesse sentido, Sandberg (2013) apresenta o termo velhice afirmativa, que compreende o reconhecimento das especificidades do corpo em envelhecimento e procura teorizar tal processo em termos de diferenças, não de quedas, perdas ou ausências. A proposta terminológica não aspira rejeitar a idade e, sim, entender a velhice e o envelhecimento em sua heterogeneidade.

A velhice no Brasil, para efeitos legais, por exemplo, inicia-se aos 60 anos de idade, conforme o Estatuto do Idoso (Senado Federal do Brasil, 2003). Ao entender a velhice como uma categoria etária socialmente produzida (Debert, 2004), coloca-se a tarefa de entender simbolicamente como esse momento da vida é organizado, tendo em vista oficialmente apenas um critério legal, que é cronológico. Considerando-se que a expectativa de vida vem aumentando desde o final do século passado, podemos entender que a chamada velhice pode configurar-se como uma das mais longas etapas do curso de vida, especialmente para as mulheres, que têm sobrevivido mais que os homens. Nesse mesmo segmento social, podemos agrupar, em uma única família, um avô, um filho e um neto, realidade cada vez mais presente nos lares brasileiros. Como orquestrar a aparência de gerações tão diversas e, muitas vezes, hierarquizadas?

Mediante esse debate, percebe-se que a própria literatura científica consultada explicita diferentes perspectivas quanto à *performance* da velhice e seu *status* em determinadas culturas, em destaque, a construção da aparência feminina. Além disso, reivindica-se mais atenção aos valores vigentes em determinados contextos e períodos históricos. E, também, às típicas caracterizações ou generalizações estabelecidas, quando

se pensa sobre os paradigmas da heterogeneidade e dos acordos em torno da produção dos universos simbólicos.

Construção da aparência feminina ao longo da vida: a centralidade das mídias

As novas feminilidades, para Toffoletti (2014), têm sido apresentadas por diferentes mídias que, no caso ocidental, enfatizam, dentre outros aspectos, a preocupação com o corpo e a cultura de consumo. Guevara (2015) levanta componentes relevantes à maneira como as mulheres moldam suas aparências, e indica que o envelhecimento, as pressões sociais para atender aos padrões de beleza, a aceitação dos outros e as expectativas criadas pelas mídias e pela cultura popular são alguns dos principais elementos.

Em relação à normatização e autocontrole, no caso da aparência, Ribeiro e Kruse (2014) acreditam que as mídias têm ensinado sobre a disciplina para obter ideais sociais, como um corpo belo e saudável. Delboni, Joaquim, Ploner e Cyrini (2013) igualmente concluem que, na atualidade, experimenta-se em variados contextos culturais uma crescente ideologia narcisista, dada por uma excessiva preocupação com a imagem e a estética pessoal, influenciada principalmente pelas mídias. Nesse sentido, para Carneiro, Zeytinoglu, Hort e Wilkins (2013), os padrões de beleza atuais são amplamente configurados por modelos racistas, classistas, heterossexistas e ageístas.

Tsai (2013) sublinha o papel inspirador e a função educativa das mídias, que, no entanto, têm induzido a aceitar padrões irrealistas de beleza feminina como atingíveis. Nesse contexto, segundo a autora, o consumo de mídia vem a ser motivado, principalmente, por metas de autoaperfeiçoamento, reconhecimento, prestígio e poder, que são reforçadas pelas crenças sociais locais, normalizadoras do embelezar-se como ambição digna das mulheres.

Vergara (2014) analisou as representações sociais relacionadas à mulher promovidas pelo discurso jornalista em Medellín (Colômbia), durante a década de 1960, período caracterizado pelo surgimento de uma onda de consumo midiático e de vestuário. Segundo a autora, a imprensa não esteve alheia às mudanças femininas no campo do trabalho, da universidade e da política. No entanto, promovia simultaneamente dois ideais: o da “mulher ideal”, esta esposa, mãe e dona de casa, de qualidades espirituais e

beleza física; e o da “mulher moderna”, trabalhadora e ícone, criado a partir das imagens liberais advindas dos Estados Unidos e Europa (p. 233).

Bonadio e Guimarães (2016), em estudo do papel das telenovelas na cultura brasileira, apontam que tais programas são formulados, dentre outros motivos, com a intenção de fomentar o interesse por produtos e modas, especialmente da aparência feminina. Para as autoras, nesse contexto, o consumo é apresentado como uma forma de inclusão social e cidadania. Almeida (2013) corrobora essa perspectiva, também em investigação de novelas nacionais, concluindo que estas reproduzem e viabilizam estilos de vida altamente consumistas. Ainda segundo a pesquisadora, o significativo sucesso desta mídia é ocasionado, principalmente, pela grande parcela de mulheres que compõem sua audiência, vistas como mais consumidoras que os homens na compra de variados produtos.

Campos (2015) discute o papel de um importante impresso carioca do século XX na educação de mulheres do período. A autora observa a existência de uma “pedagogia da beleza” (p. 469), ressaltando, na publicação a presença de um ensino sobre métodos destinados ao investimento cotidiano na aparência, uma “rotina aparentemente muito agradável, mas, não por isso, menos disciplinada e exigente para aquelas que a praticavam com os pés no Brasil – e a cabeça em Paris e Nova York” (p. 467). Os preceitos investigados no periódico demonstram uma forte referência aos padrões de beleza da Europa e Estados Unidos, o que caracteriza uma relação de estabelecidos e *outsiders*, educadores e educandos, colocada entre países subdesenvolvidos e desenvolvidos, não apenas em termos econômicos, mas da moda de aparências. Ainda para Campos, as pedagogias de beleza proporcionadas pela mídia, além dos modelos europeus e norte-americanos, contam também com dois poderosos discursos legitimadores: o médico e o científico.

Pesquisadores confirmam a existência clara de um suporte do saber médico-estético às mídias que atuam em questões da construção da aparência. Com a intenção de emprestar valor considerado exclusivo de verdade, são divulgados ao público cuidados que, além da beleza, conferem saúde (Vieira, & Bosi, 2013; Sant'Anna, 2014), ainda mais legitimadora do discurso. Conquistar uma aparência sem “defeitos” passou a ser um objetivo e responsabilidade individual e um compromisso da mulher, articulados pelos creditados discursos da medicina (Ribeiro, & Kruse, 2014, p. 104).

A ciência vem funcionando também como um selo de credibilidade às informações colocadas pelas mídias sobre a aparência. O discurso midiático tem traduzido o vocabulário científico para um formato mais acessível e informal, que incentiva, de modo palatável e certificado, o contato com diversos conteúdos, sendo um deles o consumo de beleza (Vieira, & Bosi, 2013). Na publicidade, diversas propagandas de cosméticos femininos também se valem de argumentos da ciência para aumentar a crença na eficácia de seus produtos (Ribeiro, & Kruse, 2014).

Variados exemplares de revistas, jornais, mídias eletrônicas e outros meios informais, além da publicidade, têm elaborado e incentivado cuidados e consumo de beleza às mulheres. Para Pérez-Nebra, Dias e Torres (2014), esses agentes da educação informal vêm a funcionar mais como passatempo e catálogo de produtos que como veículos de mobilização, educação para a heterogeneidade e questionamentos para a mulher. Esta, segundo os autores, procura pelas mídias para atualizar-se e tornar-se *expert* nos assuntos de aparência e beleza.

Shephard, Pookulangara, Kinley e Josiam (2016) apontam que tanto as mulheres como os homens podem ser influenciados pelas mídias no que tange a suas aparências. No entanto, os autores indicam que, enquanto os homens tendem a ser mais influenciados pelas de massa, as mulheres costumam consultar variados canais de informações sobre o tema. Toffoletti (2014) aponta que diversas estudiosas feministas observam uma constante associação entre o sucesso da mulher com práticas contínuas, trabalho intensivo de autoaperfeiçoamento, transformação e gestão da própria aparência, especialmente do corpo, através do consumo.

Por outro lado, Taylor, Johnston e Mount (2016) comentam que nem sempre os conteúdos midiáticos e publicitários estão isentos de crítica por parte de seu público. No caso, os pesquisadores investigaram as impressões de jovens consumidoras, ditas feministas, em relação à campanha da marca Dove sobre o conceito de beleza real. Para muitas, a empresa não buscava promover a diversidade da aparência feminina e a quebra de padrões, mas, sim, realizar uma estratégia de *marketing* fundamentada, aparentemente, nos movimentos feministas atuais apenas para vender seus produtos.

Estudo realizado por Debert (2003) aponta que a construção das imagens de velhice pela publicidade brasileira reforça a privatização da responsabilidade pelo próprio envelhecimento, como a negação da velhice. Um certo constrangimento está presente

entre homens e mulheres idosos que não foram capazes de adotar estilos de vida ou adquirir produtos e serviços que evitassem a velhice e suas perdas.

Ainda no âmbito mercadológico, outras ações têm se ancorado em impressões negativas da velhice para promover pacotes de produtos e serviços promotores da desejada eterna juventude (Debert, 2010), especialmente para as mulheres. Marcelja (2012) analisou a compreensão do processo de envelhecimento em revistas e *sites* femininos e constatou que, além de juventude – e ancorados na juventude idealizada –, a beleza e a boa forma são considerados atributos de prestígio sendo, assim, colocados na condição de mercadorias. A autora comenta, ainda, que as mídias contribuem para a valorização da juventude, à medida que produzem e padronizam condutas relacionadas à aparência, no caso, a feminina. A juventude torna-se um passaporte para o engajamento intergeracional.

Nesse sentido, Burkley, *et al.* (2014) discutem campanhas de *marketing*, empresas de cosméticos, revistas e filmes que transmitem a mensagem de que a beleza é maleável. Em outras palavras, uma mulher considerada feia torna-se passível de transformação a um ideal mais atraente, em geral, juvenil. Segundo os autores, o fato implica na sugestão de que, a partir do consumo de produtos de beleza, pode-se obter a aparência idealizada. É colocado, também, que os padrões de beleza para os homens não são tão extremos ou inatingíveis quanto os estabelecidos para mulheres. No âmbito feminino, além de uma oposição de valores, juventude *versus* velhice constituem uma relação de dependência, que dimensiona o poder social dicotômico de tais grupos, caracterizados como extremos – ou ainda, estabelecidos e *outsiders* (Elias, & Scotson, 2000).

De acordo com Delboni, *et al.* (2013), o aumento da população idosa em diversas localidades mundiais veio a tornar-se um problema e deflagrador social. Sobretudo, para as regiões ocidentais, que supervalorizam a jovialidade. Conteúdos midiáticos e da publicidade têm fomentado tais crenças e prejuízos em relação ao envelhecimento, quando instruem e apoiam a oferta de produtos e tratamentos para negação ou controle das marcas da idade na aparência.

Baptista (2014), que investigou as relações estabelecidas por idosos goianos entre corpo e envelhecimento, concluiu que o contato com diferentes mídias influenciou significativamente o modo como os participantes compreendiam a própria aparência. O pesquisador aponta que a vivência de preconceitos da sociedade, de classe e advindos das mídias, proporcionaram percepções negativas sobre a visão do corpo velho. Apesar de

durante o estudo serem promovidas ações que discutissem imagens e percepções mais positivas do corpo envelhecido, o autor menciona que, em razão das influências culturais e sociais, não foi possível transformar a ideia negativa dos entrevistados sobre suas aparências.

Brown e Knight (2015) investigaram, em um período de 50 anos, as representações e o uso do termo *anti-ageing* em anúncios publicados em duas revistas femininas australianas. Notou-se que a publicidade usou de imagens limitadas associadas à mensagem de que o envelhecimento é um problema. E, assim, vê-se imperdoável a apresentação de qualquer sinal desse processo. Fernandes e Barbosa (2016) explicam que os indivíduos são frequentemente colocados a serviço da economia e da produção, sendo mais valorizado o corpo entendido como produtor, este construído por meio de roupas, adereços, maquiagens, cirurgias plásticas e demais tratamentos que conferem uma beleza jovial. Dessa forma, os autores apontam que tem sido divulgada a ideia de que é preciso ter um corpo saudável e de acordo com tais modelos de beleza para não apenas melhor produzir, mas também consumir.

Nesse sentido, Delboni, *et al.* (2013) explicam o termo gerascofobia, que compreende uma “espécie de fobia, medo persistente anormal e injustificado de envelhecer” (p. 204). Assim, na atualidade, Lovgren (2013) menciona uma menor importância do avanço do envelhecimento, uma vez que pessoas de diferentes idades cronológicas podem, hoje, ser percebidas como jovens.

Yu, Kozar e Damhorst (2013) examinaram como múltiplas identidades – cronológica, ideal e sentimento de idade – influenciaram a comparação com imagens das mídias e a autodiscrepância da aparência entre mulheres norte-americanas de 30 a 80 anos. A partir dos resultados, é apontado que a idade ideal, ao invés da cronológica e do sentimento de idade, influenciou mais as percepções de corpo e comparação social. Os autores indicam que as participantes que descreveram uma maior discrepância entre sua idade cronológica e a ideal eram mais propensas a se comparar com as imagens das mídias e também menos satisfeitas com sua aparência, havendo, assim, uma discordância entre aparência ideal e real.

Guevara (2015) comenta que as mulheres, ao aderirem a procedimentos estéticos com a intenção de parecer mais jovem, encontram-se vulneráveis na luta contra perdas em uma cultura que orienta incansavelmente para a juventude eterna. Porém, como elucida Sant’Anna (2014, p. 174), está “difícil manter-se enrugado hoje”. Em acréscimo,

Goffman (1985), em seu estudo sobre as representações individuais no cotidiano, menciona a atitude confusa e variável existente no trato das condições de gênero e idade:

É algo culposo o fato de um menino de quinze anos que dirige um carro ou um bebê em um bar fazer-se passar como tendo dezoito, mas há muitos contextos sociais nos quais seria inconveniente para uma mulher não fingir ser mais jovem e sexualmente atraente do que na realidade é [...]. Além disso, modificações na fachada pessoal de alguém que são consideradas como informações falsas, num determinado ano, podem ser julgadas meramente decorativas poucos anos mais tarde (Goffman, 1985, p. 62).

Fenno (2014) comenta a obra de Zadie Smith intitulada *On beauty* (2005), romance no qual são discutidas questões de beleza e envelhecimento em relação aos ideais de gênero, demonstrando como os padrões de beleza juvenil podem ser prejudiciais à mulher. No enredo, a perspectiva da personagem principal, Kiki, na faixa dos 50 anos, procura refletir sobre como é possível rejeitar padrões culturais de gênero e idade durante o envelhecimento, de forma a colocar-se além das expectativas dos outros. Assim, o livro, enquanto recurso informal de educação, nesse caso vem a ser uma ferramenta para debate e proposta de reflexões a seu público sobre a crença e adoção fiéis às normas de beleza jovial.

Por outro lado, Carstairs (2014) investigou o livro *Look younger, live longer* (1950), de Gayelord Hauser, um dos escritores sobre alimentos, beleza e saúde mais conhecidos nos Estados Unidos e Europa durante o século passado. Traduzido para mais de 12 idiomas e *best-seller* do jornal *The New York Times*, é o livro mais famoso do autor, que procurava ajudar na mudança de atitudes das mulheres em relação ao envelhecer. No entanto, segundo Carstairs, o escritor não desafiou a discriminação contra pessoas idosas nos consultórios médicos, na lei e nas famílias, incentivando seu público a assumir o controle do envelhecimento através de dietas, exercícios e atividades. Assim como muitos comentaristas de estilo de vida e beleza atuais, o trabalho de Hauser dependia de um “romance da possibilidade”, no qual o envelhecimento das mulheres pudesse ser “bonito, saudável e independente” (p. 346).

Recentes estatísticas globais têm revelado um aumento constante no consumo de cosméticos promovido pela publicidade, que problematiza o envelhecimento e coloca os

consumidores em confronto com padrões de beleza inatingíveis (Benbow-Buitenhui, 2014). Campos (2015) descreve que a indústria cultural brasileira tem impulsionado o discurso da juventude eterna, fazendo crer que a própria aparência não só pode, como deve, ser melhorada ou radicalmente transformada por meio de roupas, cosméticos, dietas, exercícios e cirurgias estéticas de todo o tipo.

Nesse contexto, é importante mencionar que as mídias, ainda que sejam muito criticadas pela padronização e mercantilização da aparência juvenil, podem servir para informar o público de modo benéfico, especialmente em termos de promoção da autoestima, como defende Côrte (2013). Ao longo de décadas, jornais, revistas, programas de televisão e outras mídias também têm educado e sugerido cuidados que não estiveram ao alcance das camadas populares (Yokomizo, & Lopes, 2018).

Kaczan (2016), em análise de mídias femininas argentinas do início do século XX, observou que estes meios de informação se guiavam pelas transformações urbanas do período para ofertar conteúdos coerentes com a realidade de seu público. No caso estudado, procurava-se disponibilizar, através de textos e figuras da imprensa local, estratégias de cuidado da aparência que consideravam os múltiplos papéis que as mulheres desempenhavam na época, como o de mãe, esposa e dona do lar, na tentativa de ficar bonita sem sair de casa.

Para Delboni, *et al.* (2013), no entanto, o acesso e força conferidos à beleza na atualidade são tamanhos que, por vezes, acabam impedindo a coexistência de saúde, boa alimentação e descanso com o embelezamento. Em relação ao envelhecimento, segundo os autores, o que se teme é a relação com a morte e seus indícios progressivos. Por isso, até mesmo ao cadáver, busca-se produzir uma “aparência de vida, vestindo-o, maquiando-o, dando-lhe uma boa aparência” (p. 209).

Nesse sentido, García (2008, p. 95) levanta a questão de observar e atentar para o grau da “progressiva interiorização das coações” que as estruturas sociais fomentam, por exemplo, na consciência ou estrutura da personalidade dos indivíduos.

Para efeitos dos resultados alcançados na revisão, explorou-se o papel, em especial das diversas mídias e seu diversificado alcance, como educadores informais da constituição da noção de beleza no processo de envelhecimento.

Dessa forma, cabe investigar mais sobre os *modus operandi* do envelhecimento e da velhice em sua complexidade, através, inclusive, dos demais recursos de gestão do curso de vida, tais como gênero, educação, renda, relações sociais e familiares,

participação social, entre outros aspectos socioculturais e emocionais. Que outros agentes são atuantes na configuração dessa constelação de aspectos socioculturais, para além do papel e espaço que as mídias vêm ocupando?

O estudo de variados fatores relacionados às estratégias e modos de apresentar-se socialmente ao envelhecer é interessante, à medida que favorece o reconhecimento da heterogeneidade do envelhecimento. Possibilita levantar, ainda, os seus sentidos e a relevância de múltiplas variáveis nesse processo, em diferentes tempos e contextos, especialmente quando relacionadas à baixa renda e escolaridade entre as mulheres mais velhas, discutidas, a seguir.

Tensões na construção da aparência feminina: idade, classe e escolaridade

Ao longo da história de diferentes culturas, a mulher tem vivenciado muitas restrições e desigualdades, próprias das minorias, em diversos âmbitos, tais como o político, econômico, artístico, ocupacional e educacional. De acordo com a literatura consultada, no caso da aparência, o cenário feminino não se mostra diferente.

Para Almeida (2013, p. 169), o gênero é “uma forma de classificação do mundo — também os artefatos, atividades, produtos culturais são classificados socialmente como femininos ou masculinos”. De acordo com a autora, os atributos de gênero não estão meramente baseados nas diferenças sexuais em termos biológicos, mas principalmente nas interpretações socioculturais e históricas dessas diferenças e nas formas de estabelecer através delas poder e hierarquias.

A revisão realizada, especialmente nas bases multidisciplinares, apontou que estudiosos de diversas áreas concordam que, em variadas culturas e em diferentes períodos históricos, as mulheres são mais pressionadas a cuidar de sua aparência, prática vista como própria do feminino, conforme descrito nos estudos a seguir. Nesse cenário, em termos hierárquicos, a mulher pobre, de baixa escolaridade, dona de casa e velha, parece se encontrar em posição subestimada na realidade consensual de diversas culturas. A atribuição de baixo valor e poder à velhice e ao envelhecimento feminino, em especial, são dados por condições econômicas, educacionais e ocupacionais igualmente desfavoráveis ao longo da vida de grande parte delas.

Na primeira década do século XXI, em um dos poucos estudos realizado com amostra nacional de idosos até o momento, Santos, Lopes e Neri (2007) apontaram que

correlações socioeconômicas indicavam que a exclusão social de idosos no Brasil encontrava-se, principalmente, entre as mulheres longevas, negras, analfabetas e pobres. De acordo com as autoras, desde muito cedo, as atuais coortes de idosos estiveram expostas a uma combinação perversa da exclusão por renda, escolaridade e relações de trabalho. O advento da velhice aparece como mais um infortúnio, somado “ao vasto rol de carências a que grande parte desses brasileiros esteve exposta” (p. 78), ao longo da vida.

No estudo da relação entre estabelecidos e *outsiders*, Elias e Scotson (2000) percebem que os primeiros, detentores de maior poder e valor em uma sociedade, elevam-se através do cumprimento constante e disciplinado de padrões de autocontrole. Mediante tal prática, os estabelecidos fortalecem seu grupo e localizam os indivíduos *outsiders* quanto às exigências das posições dominantes e etnocêntricas.

Para García (2008), baseado nas proposições de Norbert Elias², a principal justificativa das regras de conduta é a distinção social. Nesse contexto, as autocoações para exímio cumprimento de normas que resultem em papéis socialmente reconhecidos caminham para um “maior controle dos impulsos” (p. 81). Em outras palavras, o indivíduo, na árdua missão de ocupar uma posição privilegiada e legitimada socialmente, tem de conviver com diversos conflitos do autocontrole: prazer *versus* sofrimento; direito *versus* dever; pudores antigos *versus* intolerâncias recentes (Sant'Anna, 2014).

Elias e Scotson (2000) explicam que os poderosos setores dirigentes de uma sociedade, os estabelecidos, tendem para a idealização. Essa é pautada na “minoridade dos melhores” (p. 56) e rege as normas cruciais que conferem as posições mais elevadas de uma sociedade. Em contrapartida, aos que não dominam os ideais socialmente valorizados, os *outsiders*, cabem a punição e rejeição pelo não atendimento pleno dos requisitos estabelecidos.

Para Coffey (2013), a cobrança social para o trato da aparência, ainda que percebida como exaustiva, orienta expectativas de mulheres em relação a seus corpos e é bem menos crítica em relação aos homens. Nesse sentido, Carneiro, *et al.* (2013), que estudaram padrões de beleza nas culturas, brasileira, mexicana e turca, colocam que este atributo é constantemente apresentado para as mulheres como meio para maiores recompensas, tais como confiança, felicidade, autoestima, oportunidades de emprego,

² Elias, N. (1993). *El proceso de la civilización. Investigaciones sociogenéticas y psicogenéticas*. México: Fondo de Cultura Económica; e Elias, N. (1993). *La sociedad cortesana*. México: Fondo de Cultura Económica.

além de menos críticas de amigos e familiares. Os autores consideram que, especialmente nas sociedades ocidentais, o valor da mulher é medido em termos de sua conformidade com os modelos de beleza estipulados e às expectativas decorrentes.

O ideal de juventude eterna, especialmente difundido para, e pelas, mulheres (Marcelja, 2012), ao longo de décadas, tornou-se um tema comum nos conteúdos midiáticos, constituindo um modelo amplamente reconhecido e estabelecido em diversas culturas. Na literatura de Moda, é possível encontrar registros históricos que mencionam os *outsiders*. Porém, esses são entendidos como sujeitos de aparência chocante ou contraditória a seu tempo e cultura, sendo exemplificados por *punks*, *góticos*, *hippies*, *roqueiros* etc. (Blackman, 2011). Ou seja, mesmo em se tratando do campo dos excluídos, os pobres e os velhos, especialmente a mulher idosa de baixas, renda e escolaridade, podem estar à margem dos interesses.

Nesse sentido, Pérez-Nebra, Dias e Torres (2014) refletem que, mesmo no cenário de aumento da participação da mulher no mercado de trabalho, esta condição não parece considerada pelos editoriais de beleza. Os autores observam uma contradição entre os discursos: o da falta de tempo e excesso de trabalho, em oposição ao das propostas de tratamentos lentos, invasivos e contínuos para a manutenção da aparência desejada. Os padrões de aparência feminina propostos, segundo os pesquisadores, permanecem na dimensão do impossível ou do milagre, no caso da mulher trabalhadora.

Toffoletti (2014) comenta que alguns gestos de emancipação feminina e seu imaginário cultural são apresentados e discutidos em longo alcance através das mídias. Porém, para a autora, o fato tem privilegiado metas de consumo, agindo como uma simulação de suposta liberdade, sucesso e poder feminino, não disponíveis a todas.

Em relação ao contexto americano e europeu do século XIX, Crane (2006) aponta que classe e gênero ordenavam a identidade das roupas. Quanto ao menor acesso às amplas ofertas do mercado de beleza, o autor descreve que as operárias, em especial solteiras, viam na construção de suas aparências uma forma de distinção social.

Em outro estudo sobre classes trabalhadoras, Karl, Hall e Peluchette (2013) analisaram percepções de funcionários públicos sobre a importância do vestuário e da aparência no local de trabalho. Os participantes demonstraram diferentes posturas e atitudes de acordo com as roupas que vestiam. Em relação a sentir-se mais competente e impositivo, foi constatado que este sentimento se dava com o uso de vestuário formal. Já quanto à confiabilidade e produtividade, estas eram expressas por roupas casuais. Nota-

se que as pessoas podem se sentir mais profissionais quando vestidas mais formalmente. Porém, ao mesmo tempo, se sentem menos confortáveis fisicamente e menos produtivas do que poderiam ser com vestes casuais.

Os participantes da referida pesquisa também apontaram que tatuagens, roupas esportivas ou reveladoras, cabelos ou colorações não convencionais, moletons e *piercings* faciais têm um impacto negativo em seu ambiente de trabalho. Alegam, ainda, que, como empregados públicos são caluniados e retratados como menos efetivos e eficientes que suas contrapartes do setor privado, a aparência vem a ser mais importante no setor público.

Mais recentemente, Karl, Peluchette e Hall (2016), em pesquisa sobre o impacto da aparência em cargos administrativos, agora na cultura mexicana e turca, também perceberam em ambas o impacto negativo de aparências não convencionais, como tatuagens, roupas reveladoras, penteados e colorações incomuns. No caso do México, os clientes esperam certa formalidade na apresentação desses funcionários, considerando positivo o uso de uniformes. Já na Turquia, a regulação da aparência, não apenas no trabalho, transpassa por diferentes líderes de opinião, especialmente o islamismo e as regras de etiqueta do referido âmbito cultural. Os pesquisadores apontam que, nesse país, tem-se buscado elaborar aparências religiosamente apropriadas – segundo a crença de que o corpo, entendido como natural, não deve ser modificado – e que, ao mesmo tempo, elas sigam as modas ocidentais.

Em outro estudo, Re e Rule (2016) analisaram o impacto e relevância da aparência de um grupo de *Chief Executive Officers* (CEO). Constataram que o aspecto pessoal dos CEO, a depender do contexto organizacional, pode influenciar o sucesso ou não em suas relações de trabalho, gerando mais, ou menos, respeito, submissão ou admiração dos demais funcionários de sua empresa.

Ainda relativamente ao ambiente de trabalho, Cavico, Muffler e Mujtaba (2013, p. 83) discutem normas sociais relativas à atratividade e à existência de discriminação pela aparência. Os autores comentam a existência, paralela às leis, do termo *lookism*, o qual consiste no “tratamento discriminatório de forma tendenciosa pelo nível percebido de atratividade física em uma pessoa”. É apontado que, diferentemente da discriminação por raça ou sexo, a da aparência pode ser considerada moral, quando embasada em certas teorias éticas e circunstâncias de trabalho, sendo o fator-chave desta avaliação a relevância da atratividade física para o negócio em questão.

Assim, unindo-se ao debate proposto por Crane (2006), sobre reflexos de classe e gênero nas roupas de mulheres operárias, constata-se, nesses estudos, que o ambiente de trabalho consiste em um meio de relações formais e informais que implicam no cuidado e atenção dados à aparência. Em se tratando de estratos menos favorecidos economicamente, os investimentos realizados podem vir a ser tanto combate de desigualdades, quanto busca de reconhecimento.

Nesse sentido, Livramento, Hor-Meyll e Pêsoa (2013) evidenciaram que o consumo de produtos de beleza por mulheres de baixa renda tem em vista a elevação da autoestima, constantemente abalada por restrições financeiras, e o respeito de classes sociais superiores. A aparência passa a ser um recurso para diminuir a discriminação por sua condição de pobreza e potencializar a capacidade de acesso. Para os autores, o consumo de beleza seria:

[...] uma maneira de, pela aparência, reduzirem pistas visuais de sua condição social, evitando situações constrangedoras ou mesmo humilhantes. Mais do que um capricho, os produtos desempenhariam o papel de preservar a dignidade do indivíduo (Livramento, Hor-Meyll, & Pêsoa, 2013, p. 66).

Ao final do século XX, em pesquisa brasileira sobre o valor social e econômico da beleza, Dweck (1999) constatou que mulheres pobres do país comprometiam uma parcela maior de suas rendas neste mercado, quando comparadas a suas contrapartes mais ricas, supostamente como forma de alcançar mais oportunidades. De acordo com o estudo, no período, o aumento do número de mulheres empregadas, e de seu rendimento, acabou por gerar um paradoxo: embora dispusessem de dinheiro para investir na aparência, tinham menos tempo para frequentar salões de beleza, em razão da dedicação ao trabalho, de forma que, por vezes, realizavam tratamentos em casa. A autora apontou ainda que, além da aparência, a educação é uma variável importante para o entendimento de desigualdades entre pessoas e o mercado de trabalho, uma vez que, para atuar em certos segmentos, se exige um treinamento mínimo.

De acordo com Almeida (2015), no Brasil, o consumo das classes economicamente mais baixas se deve, em parte, pela expansão do crédito. Nesse cenário, é notado que as empregadas domésticas, por exemplo, antes vistas apenas como uma

posse de famílias da classe média e alta, passam a ser consideradas chefes de família e, assim, potenciais consumidoras. Ainda segundo a autora, ao longo dos anos, as camadas brasileiras mais pobres aprenderam a consumir, especialmente, através dos estilos de vida promovidos pela televisão, um de seus principais recursos informais para aquisição de conhecimento. Hoje, com maiores acessos a diversos bens materiais, esse grupo de pessoas vem a ser considerado um novo e significativo público consumidor.

Em complemento, Galak, Gray, Elbert e Strohming (2016), analisaram ao longo de cinco anos, a conformidade com a região de moradia e as preferências nas escolhas que 2007 mulheres de distintos perfis realizavam em compras para a aparência. Perceberam que as investigadas alternavam suas predileções de acordo com o local em que estavam vivendo e consideravam mais as normas de beleza vigentes em locais vistos como de *status* superior.

A revisão em torno da temática da aparência na literatura levantada nos leva a identificar, assim, dados, paradigmas e negociações que, ao longo dos tempos, apontam as mulheres de grupos mais vulneráveis socialmente como agentes e alvos na busca de *status* superior. A aparência vem a ser configurada como um instrumento socioculturalmente construído para a obtenção de relações amorosas, de trabalho, familiares, ou seja, obtenção de reconhecimento e engajamento na dinâmica social.

Apesar da percepção das diversas tensões identificadas pela produção do período em torno dessas dinâmicas – especialmente entre classe, escolaridade e idade – observou-se uma fragmentação e carência de investimentos na compreensão clara da natureza, complexidade, relação e desfechos entre essas tensões.

No entanto, ressalta-se, por fim, que novas pesquisas devem ser realizadas, uma vez que essas tensões são apresentadas como solo da constituição da heterogeneidade no âmbito da construção das aparências e seus significados ao longo do envelhecimento.

Considerações finais

O levantamento e revisão bibliográfica realizados apontam que diversas produções nacionais e internacionais mais recentes, provenientes dos três campos investigados, estão de acordo que, historicamente, a mulher tem sido alvo e agente da

construção da aparência, segundo modelos e formas de consumo diversos. Estes, por sua vez, prometem proporcionar confiança, felicidade, oportunidades, reconhecimento, engajamento, relações, além de menos críticas, vergonha, culpa ou remorso. O alcance da noção de juventude eterna é a tônica relevante, reforçando mitos diversos.

Além disso, o corpo tem recebido grande destaque nos estudos, envolvendo a noção de aparência feminina, sendo entendido como um poderoso meio de autoafirmação e inserção em grupos sociais (Araújo, & Leoratto, 2013). Há também uma recorrente evidência da autocoação de mulheres no desempenho disciplinado dos cuidados de beleza, conquistada com muitos esforços e investimentos (Vieira, & Bosi, 2013).

Moda, beleza e corpo constituíram, assim, recorrentes associações ao termo aparência, assemelhando-se à noção de apresentação pessoal. Não foi encontrada uma definição conceitual clara, apesar de ficar evidente que a noção de construção da aparência parece integrar diversos aspectos socioculturais. Uma linguagem conceitual mais integrada pode melhor direcionar o entendimento da complexidade da temática, fortalecendo o debate.

No que tange à constatação da compreensão de que a juventude atualmente apresenta-se mais enquanto valor moral e produto, e não etapa do curso de vida, o termo apareceu vinculado à minimização de espaços, papéis e significados dos mais velhos e suas múltiplas possibilidades de apresentação social. Em especial, às mulheres mais vulneráveis socialmente.

Há uma tendência geral na literatura em apontar que agentes da educação informal, em destaque as mídias e a publicidade, têm se relacionado às formulas da entendida aparência perfeita, posto que juvenil, de maneira perversa e ancorada no consumo promotor da negação ou positivação do envelhecimento. Existe também uma forte tendência em achar que as mulheres consomem sem crítica essa proposição, com dados que apontam certa alienação e encarceramento.

A conformação dessa lógica figura como promotora de uma hierarquização em termos do engajamento social, que pode ser estruturada na proposição elisiana denominada estabelecidos e *outsiders*, ora se valendo da vitimização das mulheres, ora apontando sua emancipação, ora discutindo a complexidade e influência de diversos marcadores da distinção social, ora reduzindo o debate a determinantes únicos. A aparência, cuja definição ainda é oscilante, como dito, aparece como denominador

comum, intermediando relações de gênero e dinâmicas de engajamento social, intergeracionais e socioeconômicas.

Essas ricas correlações temáticas necessitam de maiores aprofundamentos investigativos, sobretudo em âmbito nacional, considerando que boa parte dos estudos levantados advém do exterior, principalmente dos Estados Unidos e Europa. Vale recordar que é a primeira vez que se vive tanto, como espécie. Assim, percebe-se a relevância de produzir pesquisas que analisem de forma mais complexa e sistemática a construção da aparência, em especial, no que tange aos aspectos socioculturais envolvidos ao longo do curso da vida. Este vem assumindo novos contornos com o aumento da expectativa de vida, especialmente promovido pelas atuais coortes de mulheres idosas. A literatura consultada sensibiliza, com isso, para a necessidade de produzir também investigações e discussões sobre a heterogeneidade da velhice e do envelhecimento.

A revisão realizada suscitou inúmeras questões, tais como: qual o repertório social e simbólico estamos conseguindo construir em termos de como queremos nos apresentar socialmente, dada nossa rica diversidade, especialmente de gênero? Quais as forças, dinâmicas, interlocutores e variáveis em cena?

Entende-se, ainda, que os campos investigados precisam ampliar as pesquisas envolvendo outras identidades de gênero, que não apenas as mulheres. Igualmente, devemos investir na compreensão da possível presença e alcance de outros agentes educativos, que não apenas as mídias e a publicidade. A revisão nos faz refletir, também, que aspectos vistos como positivos, provenientes da ação social das mídias em termos de educação para a apresentação social, podem ser fonte de estudos relevantes.

Nessa órbita, novos estudos ainda podem polemizar se o consumo e a adoção de hábitos e produtos entendidos como de caráter juvenil significam, de fato, simples alienação, escolha ou campo de disputas, considerando-se as múltiplas possibilidades de velhice no Brasil e os diversos sistemas de valores e interesses que coexistem. Estudos futuros sobre a construção da aparência podem, também, igualmente ampliar a investigação sobre a negociação entre diversos aspectos socioculturais, suas tensões e seus desfechos, a exemplo do pouco que já se sabe da relação entre escolaridade, gênero, heterossexualidade, renda e idade. Que outros marcadores da diferença se fazem presentes nessa lógica, especialmente quando se trata de conjugar e hierarquizar desigualdades ancoradas em modelos ideais de aparência ao longo do envelhecimento?

Levantamentos e revisões podem colaborar na desnaturalização de um percurso que parece mais sistematizado e fortalecido no debate científico, porém que pode ser ampliado e ir além. No caso dos resultados alcançados pela presente pesquisa, tratou-se de repensar o envelhecimento de mulheres como locus exclusivo dos cuidados e atenção com a aparência. Com isso, visou-se a refletir a importância da variável aparência como possível determinante da gestão pessoal e institucional das múltiplas possibilidades de envelhecer.

Referências

- Aboim, S. (2014). Narrativas do envelhecimento: ser velho na sociedade contemporânea. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, 26(1), 207-232. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v26n1/13.pdf>.
- Almeida, H. B. (2013). Identificações afetivas: telenovelas e as interpretações das audiências. *Runa XXXIV*(2), 163-176. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <file:///C:/Users/Dados/Downloads/Dialnet-IdentificacionesAfectivas-4815788.pdf>.
- Almeida, H. B. (2015). “Classe média” para a indústria cultural. *Psicologia USP*, 26(1), 27-36. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://bdpi.usp.br/item/002724722>.
- Araújo, D. C., & Leoratto, D. (2013). Alterações da silhueta feminina: a influência da moda. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 35(3), 717-739. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32892013000300014>.
- Baptista, T. J. (2014). Corpo e envelhecimento: um estudo de caso em Universidade Aberta à Terceira Idade. *Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*, 19(3), 723-741. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/30822>.
- Benbow-Buitenhui, A. (2014). A feminine double-bind? Towards understanding the commercialisation of beauty through examining anti-ageing culture. *Social Alternatives*, 33(2), 43-49. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://researchbank.rmit.edu.au/view/rmit:29679>.
- Blackman, C. (2011). *100 anos de Moda*. São Paulo, SP: Publifolha.
- Bonadio, M., & Guimarães, M. A. (2016). Telenovelas: consumption and dissemination of a brazilian fashion. *Fashion Theory*, 20(2), 209-228. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1362704X.2016.1133591>.
- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Lisboa, Portugal: Difel.
- Bourdieu, P. (1998). *Capital cultural, escuela y espacio social*. I. Jimenez, Ed., & I. Jimenez, Trad. Coyoacan: Siglo Veintiuno Editores.
- Brown, A., & Knight, T. (2015). Shifts in media images of women appearance and social status from 1960 to 2010: a content analysis of beauty advertisements in two australian magazines. *Journal of Aging Studies*, 35, 74-83. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: DOI: 10.1016/j.jaging.2015.08.003.

- Burkley, M., Burkley, E., Stermer, P. S., Andrade, A., Bell, A. C., & Curtis, J. (2014). The ugly duckling effect: examining fixed versus malleable beliefs about beauty. *Social Cognition, 32*(5), 466-483. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://psycnet.apa.org/record/2014-40820-003>.
- Campos, R. D. (2015). A educação do corpo feminino no Correio da Manhã (1901-1974): magreza, bom-gosto e envelhecimento. *Cadernos Pagu, 45*, 457-478. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201500450457>.
- Carneiro, R., Zeytinoglu, S., Hort, F., & Wilkins, E. (2013). Culture, beauty, and therapeutic alliance. *Journal of Feminist Family Therapy, 25*, 80-92. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: https://www.researchgate.net/publication/271669483_culture_beauty_and_therapeutic_alliance.
- Carstairs, C. (2014). "Look younger, live longer": ageing beautifully with Gayelord Hauser in America, 1920-1975. *Gender & History, 26*(2), 332-350. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1468-0424.12072>.
- Carter, C. (2016). Still sucked into the body image thing: the impact of anti-aging and health discourses on women's gendered identities. *Journal of Gender Studies, 25*(2), 200-214. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: doi:10.1080/09589236.2014.927354.
- Castro, A., & Pinto, R. P. (2014). Corporalidade brasileira na fabricação da identidade nacional. *Ciências Sociais Unisinos, 50*(1), 34-40. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2014.50.1.04.
- Cavico, F. J., Muffler, S. C., & Mujtaba, B. G. (2013). Appearance discrimination in employment: legal and ethical implications of "lookism" and "lookphobia". *Equality, Diversity and Inclusion International Journal, 32*(1), 83-119. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/02610151311305632/full/html?mobileUi=0>.
- Coffey, J. (2013). Bodies, body work and gender: exploring a Deleuzian approach. *Journal of Gender Studies, 22*(1), 3-16. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://doi.org/10.1080/09589236.2012.714076>.
- Côrte, B. (2013). O papel da comunicação na construção do nosso longeviver. *Revista Portal de Divulgação, 35*, 3-14.
- Coutinho, R. X., Tomazeti, R. V., & Acosta, M. d. (2013). Representação de corpo na velhice: o corpo real versus o corpo social. *Revista Kairós-Gerontologia, 16*(4), 215-236. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <file:///C:/Users/Dados/Downloads/19665-49648-1-SM.pdf>.
- Crane, D. (2006). *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. C. Coimbra, Trad. São Paulo, SP: Editora SENAC.
- Debert, G. G. (2003). O velho na propaganda. *Cadernos Pagu, 21*, 133-155. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n21/n21a07.pdf>.
- Debert, G. G. (2004). *A reinvenção da velhice: socialização*. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP.
- Debert, G. G. (2010). A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. *Horizontes Antropológicos, 16*(34), 49-70. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832010000200003>.

Debert, G. G., & Brigeiro, M. (2012). Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 27(80), 38-54. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092012000300003>.

Delboni, B., Joaquim, S. B., Ploner, K. S., & Cyrini, L. R. (2013). Gerascofobia: o medo de envelhecer na contemporaneidade. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 10(2), 203-214. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/3320>.

Dweck, R. (1999). *A beleza como variável econômica: reflexo nos mercados de trabalho e de bens e serviços*. Rio de Janeiro, RJ: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

Elias, N., & Scotson, J. L. (2000). *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Jorge Zahar.

Farias, P. S., Cecchetto, F., & Silva, P. P. (2014). Homens e mulheres com H(GH): gênero, masculinidades e anabolizantes em jornais e revistas de 2010. *Cadernos Pagu*, 42, 417-446. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-8333201400420417>.

Featherstone, M. (1998). O curso da vida: corpo, cultura e imagens do processo de envelhecimento. Em G. G. Debert, *Textos Didáticos, 13: Antropologia e Velhice* (2ª ed., 45-64). Campinas, SP: Textos Didáticos.

Fenno, C. (2014). Zadie Smith on beauty, youth and aging. *Tulsa Studies in Women's Literature*, 33(2), 179-202. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://tswl.utulsa.edu/abstract/zadie-smith-on-beauty-youth-and-aging/>.

Fernandes, L., & Barbosa, R. (2016). A construção social dos corpos periféricos. *Saúde e Sociedade*, 25(1), 70-82. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902016146173>.

Ferreira, A. A., Menezes, M. G., Tavares, E. L., Nunes, N. C., Souza, F. P., Albuquerque, N. F., & Pinheiro, M. M. (2014). Estado nutricional e autopercepção da imagem corporal de idosas de uma Universidade Aberta da Terceira Idade. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 17(2), 289-301. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-98232014000200007>.

Galak, J., Gray, K., Elbert, I., & Strohminger, N. (2016). Trickle-down preferences: preferential conformity to high status peers in fashion choices. *PLOS ONE*, 11(5), 1-11. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0153448>.

García, A. (2008). Distinção social e processo civilizador em Norbert Elias. *Revista Iara*, 1(1), 68-101. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2015/01/03_IARA_Garcia_versao-final.pdf.

Goffman, E. (1985). *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Goldenberg, M. (2011). Invisíveis ou inclassificáveis? Gênero, corpo e envelhecimento na cultura brasileira. In: Mesquita, C., & Castilho, K. *Corpo, moda e ética: pistas para uma reflexão de valores*, 55-72. São Paulo, SP: Estação das Letras e Cores.

Goldenberg, M. (2012). Mulheres e envelhecimento na cultura brasileira. *Caderno Espaço Feminino*, 25(2), 46-56. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/21803>.

Grant, M. J., & Booth, A. (2009). A typology of reviews: an analysis of 14 review types and associated methodologies. *Health Information and Libraries Journal*, 26, 91-108. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: doi:10.1111/j.1471-1842.2009.00848.x.

Guevara, J. (2015). *A conversation on beauty*. Masters dissertation (Mestrado em Fotografia de Estúdio), George Washington University, Columbian College of Arts and Sciences, Washington, D.C. Retrieved from http://scholarspace.library.gwu.edu/concern/gw_etds/m613mx652.

Hauser, G. (1950). *Look younger, live longer (1950)*. New York: Farrar, Straus and Company.

Hernández, A. A., Mancilla-Díaz, J., Rayón, G. Á., Luyando, M. O., López, M. L., & Guerrero, J. M. (2013). Edad, consciencia e interiorización del ideal corporal como predictores de insatisfacción y conductas alimentarias anómalas. *Revista Colombiana de Psicología*, 22(1), 121-133. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://psycnet.apa.org/record/2013-28015-008>.

Iacub, R. (2004). Erotismo y vejez en la cultura greco-latina. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 84-103. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: DOI: <https://doi.org/10.5335/rbceh.2012.18>.

Jankowski, G. S., Diedrichs, P. C., Williamson, H., Christopher, G., & Harcourt, D. (2014). Looking age-appropriate while growing old gracefully: a qualitative study of ageing and body image among older adults. *Journal of Health Psychology*, 21(4), 550-561. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: doi:10.1177/1359105314531468.

Kaczan, G. P. (2016). La práctica gimnástica y el deporte, la cultura física y el cuerpo bello en la historia de las mujeres. Argentina 1900-1930. *Historia Critica*, 61, 23-43. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.7440/histcrit61.2016.02>.

Karl, K. A., Hall, L. M., & Peluchette, J. V. (2013). City employee perceptions of the impact of dress and appearance: you are what you wear. *Public Personnel Management*, 42(3), 452-469. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://ro.uow.edu.au/buspapers/251/>.

Karl, K., Peluchette, J. V., & Hall, L. M. (2016). Employee beliefs regarding the impact of unconventional appearance on customers in Mexico and Turkey. *Employee Relations*, 38(2), 163-181. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: DOI:10.1108/00483480910920697.

Kwon, Y. J., & Kwon, K.-N. (2013). Multifaceted appearance management as cultural practice. *Review of European Studies*, 5(4), 19-29. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: DOI:10.5539/res.v5n4p19.

Lipovetsky, G. (2009). *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Companhia de Bolso.

Livramento, M., Hor-Meyll, L., & Pêsoa, L. G. (2013). Valores que motivam mulheres de baixa renda a comprar produtos de beleza. *Revista de Administração Mackenzie*, 14(1), 44-74. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/RAM/article/view/4066>.

Lövgren, K. (2013). The swedish tant: a marker of female aging. *Journal of Women & Aging*, 25, 119-137. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://doi.org/10.1080/08952841.2013.732826>.

- Marcelja, K. G. (2012). *A beleza como passaporte intergeracional*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Gerontologia Social.
- Menezes, T. N., Brito, K. Q., Oliveira, E. T., & Pedraza, D. F. (2014). Percepção da imagem corporal e fatores associados em idosos residentes em município do nordeste brasileiro: um estudo populacional. *Ciência & Saúde Coletiva*, *19*(8), 3451-3460. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232014198.15072013>.
- Montemurro, B., & Gillen, M. M. (2013). Wrinkles and sagging flesh: exploring transformations in women's sexual body image. *Journal of Women & Aging*, *25*, 3-23. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: doi: 10.1080/08952841.2012.720179.
- Musaiger, A. O., D'Souza, R., & Khaldoun Al-Roomi, K. (2013). Perception of aging and ageism among women in Qatar. *Journal of Women & Aging*, *25*, 273-280. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://europepmc.org/abstract/med/23767841>.
- O'Neil, A. (2014). A call for truth in the fashion pages: what the global trend in advertising regulation means for U.S. beauty and fashion advertisers. *Indiana Journal of Global Legal Studies*, *21*(2), 619-641. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://www.repository.law.indiana.edu/ijgls/vol21/iss2/9/>.
- Panek, P. E., Hayslip Jr., B., & Pruett, J. H. (2014). How do you know you're old? Gender differences in cues triggering the experience of personal aging. *Educational Gerontology*, *40*, 157-171. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/03601277.2013.802183>.
- Pereira, C. d., & Penalva, G. A. (2014). Nem todas querem ser Madonna: representações sociais da mulher carioca, de 50 anos ou mais. *Estudos Feministas*, *22*(1), 173-193. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2014000100010>.
- Pérez-Nebra, A. R., Dias, M. B., & Torres, C. V. (2014). Acessibilidade crônica e agenda setting: interface entre a psicologia e a comunicação no estudo da beleza. *Psicologia & Sociedade*, *26*(2), 335-345. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n2/a10v26n2.pdf>.
- Re, D. E., & Rule, N. O. (2016). Predicting firm success from the facial appearance of Chief Executive Officers of non-profit organizations. *Perception*, *45*(10), 1137-1150. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://doi.org/10.1177/0301006616652043>.
- Ribeiro, R. G., & Kruse, M. L. (2014). O corpo da mulher em revista: o imperativo da beleza. *Texto Contexto Enfermagem*, *23*(1), 101-108. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: http://www.scielo.br/pdf/tce/v23n1/pt_0104-0707-tce-23-01-00101.pdf.
- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática x Revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, *20*(2). Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>.

Runfola, C. D., von Holle, A., Peat, C. M., Gagne, D. A., Brownley, K. A., Hofmeier, S. M., & Bulik, C. M. (2013). Characteristics of women with body size satisfaction at midlife: results of the gender and body image study (GABI). *Journal of Women Aging*, 25(4), 01-17. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: doi: 10.1080/08952841.2013.816215.

Sabik, N. J. (2013). Ageism and body esteem: associations with psychological well-being among late middle-aged african american and european american women. *Journals of Gerontology*, 70(2), 189-199. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://doi.org/10.1093/geronb/gbt080>.

Sánchez, M. L., & Monchietti, A. (2013). Envejecer y parecer joven: obstáculos y consecuencias. *Revista Kairós-Gerontologia*, 16(2), 09-19. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/19777>.

Sandberg, L. (2013). Affirmative old age: the ageing body and feminist theories on difference. *International Journal of Ageing and Later Life*, 8(1), 11-40. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: https://www.researchgate.net/publication/269681635_Affirmative_old_age_-_The_ageing_body_and_feminist_theories_on_difference.

Sant'Anna, D. B. (2014). *História da beleza no Brasil*. São Paulo, SP: Contexto.

Santos, G. A., Lopes, A., & Neri, A. L. (2007). Escolaridade, raça e etnia: elementos de exclusão social de idosos. In: Neri, A. L. *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade (65-80)*. São Paulo, SP: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC-SP.

Senado Federal do Brasil. (2003). Lei n.º 10.741 de 01 de outubro de 2003. *Estatuto do idoso*. Brasília, DF, Brasil.

Sharp, E. A., & Keyton, K. (2016). Caught in a bad romance? The negative effect of normative dating and marital ideologies on women's bodies. *Sex Roles*, 75, 15-27. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://psycnet.apa.org/record/2016-16568-001>.

Shephard, A., Pookulangara, S., Kinley, T. R., & Josiam, B. M. (2016). Media influence, fashion and shopping: a gender perspective. *Journal of Fashion Marketing and Management*, 20(1), 4-18. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: https://www.researchgate.net/publication/301826030_Media_influence_fashion_and_shopping_a_gender_perspective.

Simmel, G. (2014). *Filosofia de la Moda*. España: Casimiro Libros.

Smallwood, R. R., Brown, N. A., & Billings, A. C. (2014). Female bodies on display: attitudes regarding female athlete photos in Sports Illustrated's swimsuit issue and ESPN – The Magazine's body issue. *Journal of Sports Media*, 9(1), 1-22. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://www.cabdirect.org/cabdirect/abstract/20143311302>.

Smith, Z. (2005). *On beauty: a novel*. London, England: Hamish Hamilton.

Taylor, J., Johnston, J., & Mount, K. W. (2016). A corporation in feminist clothing? Young women discuss the Dove "Real Beauty" campaign. *Critical Sociology*, 42(1), 123-144. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0896920513501355>.

Teixeira, F. S., Freitas, C. S., & Caminha, I. d. (2014). A beleza feminina como poder: desvendando outros sentidos para a construção estética de si. *Revista Brasileira de*

Ciências do Esporte, 36(2), 485-500. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32892014000200014>.

Toffoletti, K. (2014). Baudrillard, postfeminism and the image makeover. *Cultural Politics*, 10(1), 106-119. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: https://www.academia.edu/9293476/Baudrillard_Postfeminism_and_the_Image_Makeover.

Tsai, W. H. S. (2013). "There are no ugly women, only lazy ones": taiwan-ese women's social comparison with mediated beauty images. *Advertising & Society Review, MUSE*, 13(4). Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://muse.jhu.edu/article/497054/summary>.

Twigg, J., & Majima, S. (2014). Consumption and the constitution of age: expenditure patterns on clothing, hair and cosmetics among post-war "baby boomers". *Journal of Aging Studies*, 30, 23-32. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0890406514000255>.

Vergara, M. C. (2014). Mujeres en el papel: representaciones de la mujer en el discurso de la moda, 1960-1970. *Historia y Sociedad*, 26, 209-236. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: DOI: <https://doi.org/10.15446/hys.n26.44504>.

Vieira, C. A., & Bosi, M. M. (2013). Corpos em confecção: considerações sobre os dispositivos, científico e midiático, em revistas de beleza feminina. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 23(3), 843-861. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312013000300010>.

Yokomizo, P., & Lopes, A. (2018). As mídias como agentes de educação informal no envelhecimento: pistas para investigação. *Revista Mídia e Cotidiano*, pp. 293-311. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: [doi:doi.org/10.22409/ppgmc.v12i3.13342](https://doi.org/10.22409/ppgmc.v12i3.13342).

Young, A. F., Gabriel, S., & Schlager, O. M. (2014). Does this friend make me look fat? Appearance-related comparisons within women's close friendships. *Basic and Applied Social Psychology*, 36, 145-154. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://doi.org/10.1080/01973533.2014.881289>.

Yu, U. J., Kozar, J. M., & Damhorst, M. L. (2013). Influence of multiple age identities on social comparison, body satisfaction and appearance self-discrepancy for women across the life span. *Family and Consumer Sciences Research Journal*, 41(4), 375-392. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://doi.org/10.1111/fcsr.12025>.

Patrícia Yokomizo – Graduação em Têxtil e Moda, mestre em Gerontologia, fundadora e membro do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS), todos da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP), Brasil.

E-mail: pati@usp.br

Andrea Lopes – Antropóloga, docente da Pós-Graduação em Gerontologia e das Graduações em Gerontologia e Têxtil e Moda. Fundadora e coordenadora do grupo EAPS. Todos da EACH/USP, Brasil. Orientadora da pesquisa.

E-mail: andrealopes@usp.br

Significados da construção da aparência e processo de envelhecimento entre idosas brasileiras e espanholas*

*Meanings of the construction of appearance and
the aging process among Brazilian and Spanish
elderly women*

*Significados de la construcción de la
apariencia y proceso de envejecimiento entre
mujeres mayores de Brasil y España*

Patrícia Yokomizo
Andrea Lopes

RESUMO: O artigo apresenta uma caracterização, e comparação, de significados presentes na aparência e envelhecimento de mulheres idosas do Brasil e da Espanha. A construção da aparência apresentou-se como processo dinâmico realizado ao longo da vida. Os modos de compor e significar a apresentação pessoal estiveram relacionados ao envolvimento com diversos agentes e instituições sociais. Os principais significados construídos e transmitidos foram decência, naturalidade e feminilidade.

Palavras-chave: Aparência; Envelhecimento; Significado.

* O artigo faz parte de pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Universidade de São Paulo, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). O respectivo Programa recebe financiamento (Código 001) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil.

ABSTRACT: *the article presents a characterization and comparison of meanings present in the appearance and aging of elderly women from Brazil and Spain. The construction of appearance proved to be a dynamic process performed throughout life. The ways of composing and meaning personal presentation were related to the involvement with several social agents and institutions. The main meanings constructed and transmitted were decency, naturalness, and femininity.*

Keywords: *Appearance; Aging; Meaning.*

RESUMEN: *el artículo presenta una caracterización y comparación de significados presentes en la apariencia y envejecimiento de mujeres mayores de Brasil y España. La construcción de la apariencia se presentó como proceso dinámico realizado a lo largo de la vida. Las maneras de componer y significar la presentación personal estuvieron relacionadas al involucramiento con diversos agentes e instituciones sociales. Los principales significados construidos y propagados fueron la decencia, naturalidad y feminidad.*

Palabras-clave: *Apariencia; Envejecimiento; Significado.*

Introdução

Atualmente, muitas sociedades se deparam com um significativo, crescente e inédito aumento da expectativa de vida (World Health Organization, 2016). Nesse cenário, em distintas localidades, as mulheres têm sido protagonistas (Neri, 2014). A respeito destas, Rodrigues e Justo (2009) colocam que muitas das idosas do século XXI vivenciaram ao longo da vida uma série de preconceitos e dificuldades, como a restrição ao mundo profissional ou à administração financeira do lar, tendo sido reduzidas ao meio familiar e doméstico. Tal fato, por outro lado, também veio a ocasionar-lhes uma menor exposição a riscos, como a violência urbana e as lesões laborais, favorecendo, em certa medida, para que vivessem mais que os homens da mesma geração.

Ao vislumbrar diferentes determinantes da trajetória do envelhecimento e da expectativa de vida, em especial das mulheres, percebe-se que as formas de envelhecer e alcançar idades avançadas podem ser diversificadas em termos das condições materiais,

dos papéis sociais, dos suportes ou mesmo da visão subjetiva sobre esse processo (Aboim, 2014). Em outras palavras, trata-se de uma experiência heterogênea: que transcorre em acordo ou desacordo com variados aspectos e depende da vivência ou restrições vinculadas à idade, gênero, renda, escolaridade, estado civil, entre outros marcadores de diferença.

A heterogeneidade das formas de envelhecer suscita o desafio de estruturar meios para compreender esse processo em sua complexidade. Em outras palavras, como levantar e investigar experiências vivenciadas ao longo da vida e suas relações entre si? Ou ainda, de que modo essas experiências delinearão o curso de vida das mulheres que têm atingido a maior expectativa de vida em distintas populações? Finalmente, como elas têm vivenciado o envelhecer em contextos supostamente menos favoráveis, como o de baixas renda e escolaridade e o da reclusão ao ambiente doméstico e familiar?

Para Silva (2013), a variável aparência constitui uma referência visual dos indivíduos, sendo capaz de demonstrar sua relação com o tempo e o espaço em que vivem por meio de roupas, acessórios, penteados, maquiagens etc. Silva, Cachioni e Lopes (2012), ancoradas em Crane (2006), descrevem que a aparência “vai muito além de roupas, indumentárias, incluindo também papéis, comportamentos e tarefas sociais [...] nos levando, então, a dizer que a aparência é socioculturalmente construída e que sofre influências externas e internas” (p. 240). Os elementos e dinâmicas mencionados pelas autoras podem ser configurados a partir de trocas simbólicas, comportamentais, atitudinais, afetivas informais e, ainda, são capazes de explicar sobre um indivíduo, sobre o meio em que se vive e sobre os *modus operandi* do envelhecimento.

Em complemento, para Yokomizo e Lopes (2019), a aparência serve para comunicar “mensagens, significados, emoções, crenças, estilos e/ou tipos e compreensões de beleza” (p. 239). As autoras consideram que a construção da apresentação pessoal é processual e ocorre ao longo de toda a vida, estando em acordo com as condições e modos pelos quais os indivíduos e grupos envelhecem.

Mediante o potencial da aparência, sinalizado por diferentes estudiosos (Crane, 2006; Lipovetsky, 2009; Blackman, 2011; Simmel, 2014), para desvendar universos individuais e coletivos, nesta pesquisa utilizou-se essa variável para investigar os modos de envelhecer de idosas brasileiras e espanholas. No caso, mulheres que superaram a máxima expectativa de vida de seus países e em contextos de baixos recursos socioeconômicos.

A busca por idosas de 80 anos ou mais, pobres e pouco escolarizadas, teve em vista compreender como a problemática de pesquisa se comporta em grupos geralmente menos ou não valorizados de forma entendida como positiva e possuidora de status social. Procurou-se, assim, entender os possíveis agentes, dinâmicas e significados envolvidos com o envelhecimento dessas mulheres, tomando como foco a construção de suas aparências.

Método

A pesquisa tem abordagem qualitativa, do tipo exploratória e descritiva, baseada no método etnográfico proposto por Geertz (2008). Para tanto, utilizou-se das técnicas de observação livre e participante, conversas informais, entrevistas em profundidade, documentação e registro fotográfico. Foi elaborado um roteiro semiestruturado de investigação composto por quatro blocos de questões sobre a dinâmica da construção da aparência, a fim de orientar a execução das diferentes técnicas. A construção do roteiro foi ancorada em levantamento e prévia revisão narrativa de literatura nos campos da Gerontologia, Moda e Antropologia.

Ao longo de todo o estudo, foi utilizado ainda um caderno de campo. Para garantir o tratamento ético das informações coletadas, foi firmado com todas as participantes um termo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O mesmo aplicou-se junto às instituições de convivência de idosos parceiras, onde as participantes foram localizadas em ambos os países. O ponto de saturação foi atendido.

Com relação às participantes, estas foram: 1) nove mulheres brasileiras; e 11 espanholas, de 80 anos ou mais de idade; 2) moradoras a maior parte da vida, respectivamente, nas cidades de São Paulo e Madrid; 3) participantes da vida comunitária; 4) donas de casa na velhice; 5) com renda familiar de até três salários mínimos, no caso do Brasil, e dois, na Espanha; 6) de baixa escolaridade, o que equivaleria ao ensino fundamental no Brasil e à educação primária na Espanha; e 7) sem comprometimento cognitivo, conforme critério das instituições parceiras. O conjunto das variáveis estabelecidas teve em vista dar um contorno compatível a ambos os grupos investigados, possibilitando realizar uma comparação transcultural mais genuína.

No Brasil, para o contato com as participantes, contou-se com o apoio do Instituto Paulista de Geriatria e Gerontologia (IPGG) e do Núcleo de Convivência para Idosos

Projeto Samuel Rangel. Na Espanha, teve-se a colaboração da Universidade Complutense de Madrid, da *Agencia Madrileña de Atención Social (AMAS)*, do *Centro de Mayores Los Cármenes* e da *ONG Solidarios para el Desarrollo*. Destaca-se que a coleta e o tratamento de dados na Espanha contaram com uma das autoras, que é fluente na língua nativa. Assim, os trechos literais a seguir são traduções livres. Por fim, são apresentadas ilustrações das diversas cenas envolvendo as idosas, procurando, assim, ressaltar a importância simbólica das aparências ao longo do envelhecimento.

A construção da aparência: processo, envolvidos e significados

Inicialmente, o foco deste estudo estava na investigação da aparência apenas na velhice. Porém, ao tratar sobre a composição da apresentação pessoal nesse momento da vida, foi inevitável e imprescindível a todas as participantes mencionarem eventos passados, retomando seu processo de envelhecimento como forma de explicar a construção de suas aparências. Essa demanda espontânea já demonstrava com clareza que a aparência é fruto de dinâmicas, ações, oportunidades ou restrições sociais, experiências e escolhas realizadas ao longo da vida (Yokomizo, & Lopes, 2019). Constatou-se, então, que a construção da aparência constitui um processo dinâmico e singular, que segue ativo inclusive em idades mais avançadas e em acordo com fatores como espaços, papéis, valores, relações sociais, transformações físicas, condições financeiras, estados emocionais, personalidade, entre outros determinantes.

Ao estruturar tal enredo, foi percebido com as participantes de ambos os países que os ensinamentos sobre a aparência advindos especialmente da família e também dos amigos estiveram muito relacionados à concepção de suas estratégias, significados, rituais e cuidados diários. Nesse sentido, de modo geral, também foi possível notar significativo impacto das memórias do tempo de infância, muitas vezes retomado para justificar a maneira como realizavam escolhas e ancoravam os valores que tratavam de sua aparência até então. Para brasileiras e espanholas, a educação recebida em casa era considerada primordial, pois, como dito por uma das participantes, “*tudo que você aprender de bom na família, você vai levar para a vida inteira*”, inclusive “*no modo de se vestir, no modo de viver, modo de se tratar*”.

Friedman (1990) diria que, para entender estratégias culturais e locais, no caso de vestir e se comportar, é necessário levar em conta de onde elas emergem historicamente.

Dessa forma, valendo-se ainda da espécie de linha do tempo constituída pelas próprias participantes ao longo da pesquisa, a seguir descreve-se a construção de suas aparências a partir da infância até a velhice. Essa estrutura narrativa, que iguala ambos os grupos, não invalida, ao longo do texto, a importância das diferenças observadas. O intuito da análise teórica é elucidar a noção de envelhecimento como processo heterogêneo (Debert, 2004) e de interdependência como um conjunto denso de relações (Elias, 1994), percebidos a partir dos discursos das participantes frente à narrativa de suas complexas práticas cotidianas vivenciadas ao longo do tempo.

Infância: berço da aparência

Durante a investigação de toda a trajetória das participantes, a família se mostrou influente em diversos momentos e diferentes aspectos. Porém, considerando que eram mais dependentes, foi na infância que os familiares tiveram maior poder sobre suas decisões para compor a aparência – influência que se perpetuou no tempo.

Nos primeiros anos de vida, dentre variados temas, seus parentes – principalmente pais, tios e avós – procuravam ensinar-lhes sobre aspectos morais e de gênero considerados apropriados, inclusive ao modo de se vestir e comportar. Observou-se ainda que, dadas suas condições financeiras e escolaridade precárias, os pais e demais parentes procuravam suprir essas carências e manter a dignidade familiar por meio da aparência e do que era considerado trabalho duro, aspectos portadores de suas tradições e valores. Esses eram guiados com frequência por princípios religiosos, em geral católicos, como a humildade e a pureza.

Em ambos os grupos, prezava-se sobretudo pela concepção de decência, que, em termos de aparência, estava relacionada a esconder ou não expor muito o corpo. Ou seja, não usar roupas muito decotadas, justas e curtas que fizessem ver seios, costas e coxas. Em outras palavras, o vestuário visto como vulgar e próprio de mulheres mal-faladas, sem vergonhas ou prostitutas, figuras abominadas pelos familiares.

Além disso, havia também uma valorização do conceito de naturalidade na aparência, entendendo-se que não era bonito ou elegante modificar os traços físicos originais – o que se relaciona também à ideia de pureza e inocência – principalmente por meio de maquiagem. Esta, se utilizada, deveria ser bastante dosada para não parecer “*ridícula feito uma palhaça*”, noção elucidada por várias brasileiras e espanholas. Nesses

termos, a Ilustração 1 procura sintetizar tal ideia ao simbolizar a instrução de gênero, vinculada ao que era entendido como natural e que deveria se manter intacto na construção do feminino ao longo da vida.

Ilustração 1. Ser natural



Fonte: Patrícia Yokomizo, 2017

Assim, ainda na infância, uma outra questão recorrente foi a de usar roupas consideradas próprias para meninas, bem como comportar-se como tal. Em outras palavras, deviam vestir-se com saias e vestidos, peças vistas como femininas, com comprimentos dos joelhos para baixo. Além disso, tinham que sentar de pernas fechadas, realizar movimentos com delicadeza e, principalmente, estarem sempre limpas (Figura 1). Como o dito ensinado por mães de algumas das espanholas, higiene relacionava-se com senso de beleza e disciplina: *“não é mais limpa a que mais limpa, senão a que menos suja”*. Uma outra participante da Espanha completou ainda: *“a limpeza acima de tudo. Mesmo que você não se pinte, que se lave. Que tenha a roupa limpa”*.

Figura 1. Posturas consideradas de meninas, em foto de uma participante brasileira



Fonte: Arquivo pessoal de uma participante

Tais concepções de feminilidade, decência e naturalidade na aparência seguiram vivas entre as participantes até a velhice. Percebeu-se que as vestimentas funcionavam, no caso, como indicadores de quão significativo é o passado no presente (Schemes, Duarte, & Magalhães, 2015). As investigadas vinham procurando apresentar, através de elementos que compõem a aparência, memórias que edificavam seu caráter e forma de estar nas relações de que faziam parte, delineados desde à infância.

Quanto às roupas, brasileiras e espanholas relataram que, quando crianças, uma peça ainda não bem-vista para meninas era a calça. Segundo os pais, um traje exclusivamente masculino. Uma exceção para o uso da calça ocorria no caso das que trabalhavam em zonas rurais e somente no exercício da função era permitido que as vestissem para não serem picadas por insetos. Portanto, aparentemente, uma questão de segurança, não de gênero.

Como visto em diversos registros históricos sobre o vestuário e a aparência (Crane, 2006; Blackman, 2011; Araújo, & Leoratto, 2013; Carstairs, 2014; Brown, & Knight, 2015; Campos, 2015) e mesmo observando a gama de roupas e produtos de beleza atuais oferecidos por variadas marcas, o gênero, ao longo de anos, tem sido um organizador das vestimentas e também da aparência como um todo. Mais do que para delimitar cortes ou tipos de costura, ele vem a servir como um critério de adequação e aceitação. No caso, de vestes, penteados, cosméticos, acessórios, comportamentos e cuidados da aparência para *performance* social e consumo.

Aliado ao gênero, observou-se que outra variável sociocultural relevante no campo investigado era o poder da tradição geracional. Na época da infância, em geral, os familiares de brasileiras e espanholas demonstravam resistência às propostas de aparência que envolviam o uso de calça, também o excesso de maquiagem e a exposição do corpo,

porque estes estavam fora dos padrões morais e de gênero ensinados e cultivados por anos entre as diferentes gerações.

Tal fato dialoga com o estudo de Elias e Scotson (2000) sobre o estabelecimento e fortalecimento de determinado grupo social por meio do cultivo de tradições. A polêmica em torno da calça para meninas é um exemplo que revela a dificuldade de introduzir mudanças e estabelecer acordos sobre a aparência em um cenário de distintas gerações. Desafios que são fruto, em parte, da educação recebida em casa e que deveria ser reproduzida.

A educação provida pela família nos primeiros anos de vida também teve forte relação com o local de sua origem. A maior parte das entrevistadas foi nascida e criada em cidades pequenas de caráter rural. Ou, no caso da Espanha, nos chamados *pueblos*, denominação dada a regiões que se encontram nos arredores das capitais e que, em geral, são mais humildes, menos povoadas e estão distantes da chamada cultura cosmopolita. Nesses locais, brasileiras e espanholas concordaram que, como a população costuma ser menor, fica mais fácil observar e marcar os moradores pela aparência, de forma que é necessário cuidado especial para não virar alvo de fofocas e rotulações difíceis de serem esquecidas, parte da preocupação que seus pais tinham. A aparência torna-se, nas pequenas localidades, ainda mais fortemente um marcador da diferença e ordenação social (Crane, 2006; Simmel, 2014).

A questão dos modos e preferências de vestir relacionados ao local de origem também foram observados por Galak, Gray, Elbert e Strohmingner (2016), que consideram que o entorno e o *status* de determinado local influenciam a construção da aparência. Essa ideia alude ao descrito por Goffman (1985), sobre construir o aspecto pessoal e a *performance* social em acordo com o cotidiano que se vivencia. Notou-se que, mesmo que um dos critérios de seleção das participantes fosse ter vivido a maior parte da vida em uma grande capital, as origens infantis no ambiente rural se sobressaíram em relação a outras influências existentes, no caso das que advêm das cidades interioranas e *pueblos*.

Nesse contexto, desde cedo, as participantes aprenderam com seus familiares que, ainda que não se tivessem muito, o importante era vestir-se bem com o que se tinha: ir decente, limpa, bem-passada, sem roturas e penteada. O vestir parecia mais moral do que propriamente material. Em acréscimo, uma participante espanhola contou o que aprendeu com sua mãe em relação ao custo-benefício na compra de sapatos: *“minha mãe me ensinou sobre o calçado que, se você não podia ter mais que um par de sapatos, que*

fossem bons [...] Esse foi o conselho que minha mãe me disse, ‘se você não pode comprar’”.

Dessa forma, entre as investigadas permaneceu até a velhice a lógica de investir o pouco que se tem em produtos com melhor qualidade, geralmente mais caros, mesmo se tratando de um perfil de baixa renda. Elas afirmaram que comprar roupas, calçados, cosméticos e outros que sejam confeccionados com bons materiais compensa o gasto, uma vez que tendem a durar mais, ser mais cômodos e/ou satisfazer melhor suas necessidades. De acordo com brasileiras e espanholas, como popularmente conhecido, “o barato sai caro”.

Juventude: moda *versus* tradição na aparência

Painel 1. Algumas das participantes de ambos os países durante a juventude



Fonte: Arquivo pessoal das participantes

Durante a juventude (Painel 1), os pais ainda eram os provedores, o que mantinha seu significativo poder sobre as decisões das participantes. Estas, porém, quando jovens, despertaram certo senso crítico, opinião e aspirações. Assim, vinham tentando conquistar alguma autonomia na elaboração de suas aparências. A exemplo, uma participante espanhola contou sobre um dia em que comprava roupas com o pai e procurava se impor a ele – segundo ela, muito “*mandão e dominante*” – para usar um traje que estava na moda:

“Um dia, não me lembro se era um terninho que eu queria. Antes se usava muito o terninho. Sabe o que é? Saia e blazer. Pois fomos

(participante e seus pais) à loja que era de um amigo conhecido. E nada. Eu não gostava de nada que ele tinha. E meu pai: “pois isto não está mal”. E minha mãe não opinava muito. E digo: “não se incomode, porque não vou vestir isso. Porque eu não gosto e não”. E não compramos.

Foi na adolescência que, de acordo com as participantes, elas começaram a sentir-se vaidosas e estiveram mais interessadas e envolvidas com a moda. Para elas, a moda tratava-se da oferta mais atual de roupas, acessórios e cosméticos, além de atitudes e comportamentos, introduzidos nas sociedades principalmente via artistas, pessoas de maior poder aquisitivo e meios de comunicação. A moda seria ainda, como expressado por muitas, “o que todo mundo está usando”.

No tempo da juventude, para as participantes, estar na moda era mais do que seguir uma tendência local ou internacional: era a concretização do desejo de parecer com as outras meninas de seu entorno e participar de um grupo através de um estilo. Em outras palavras, naquela época era importante usar a roupa ou penteado do momento para ter amigas, participar de espaços e eventos, receber convites, ser notada e não destoar entre os demais jovens (Ilustração 2). Assim, uma justificativa comum quando explicavam fotografias da adolescência foi “usava porque era moda”.

Ilustração 2. Na moda com as amigas



Fonte: Patrícia Yokomizo, 2017

Nesse sentido, percebeu-se o descrito por Scalco e Pinheiro-Machado (2010), as quais apontam que o estar na moda, especialmente para as classes menos favorecidas, é uma passagem da exclusão para a inclusão social. Segundo as autoras, ter a peça considerada da moda vem a indicar o pertencimento a uma rede de relacionamentos e significados. Por essa razão, mesmo com recursos escassos, muitas das participantes aproveitavam de habilidades com costura para confeccionar os modelos populares da estação e, assim, consegui-los por menor preço.

Para saber que modelos eram estes, observavam o que se vestia nas ruas, o *look* e porte das atrizes, cantoras, rainhas e princesas. A observação permaneceu, até a velhice, como um dos principais métodos das participantes para estar a par do que consideravam moda atual. Além disso, seu filtro de interesses era guiado pela idade, de forma que, em geral, buscavam inspirações em pessoas da mesma faixa etária – o que aponta desde cedo uma adequação da aparência, segundo o critério etário.

Em registros históricos do século XX consultados na revisão teórica (Crane, 2006; Blackman, 2011), notou-se uma prevalente presença do marcador etário como base para construção da aparência, principalmente na segunda metade do período. De acordo com Debert (2004), durante o século XX, em especial nas duas últimas décadas, notava-se uma preocupação maior das pessoas com a idade cronológica. Essa, passou a ser utilizada na organização social e jurídica de diferentes sociedades, prescrevendo comportamentos, direitos e deveres específicos a diferentes faixas etárias.

Sobre a escolha de referenciais de moda, notou-se ainda que as investigadas tendiam a selecioná-los, além da idade, pelo gênero e estilo de vestir. Ou seja, seus ícones de moda costumavam ser mulheres que tinham características físicas semelhantes às suas e se vestiam de uma maneira que lhes parecia agradável e interessante. Nem sempre eram famosas, se tratando muitas vezes da própria mãe, uma irmã, prima, vizinha ou amiga. No entanto, não somente os pais, a moda e diversas mulheres que estavam a seu redor influenciaram a construção da aparência das participantes durante a juventude. Também eram considerados os rapazes, paqueras e possíveis pretendentes, para os quais elas se arrumavam visando a obter atenção e elogios.

Em síntese, a aparência vinha sendo cada vez mais entendida como meio e estratégia de envolvimento social, para além do domínio familiar. Seus alvos relacionais principais já não eram parentes e seus conhecidos, mas especialmente colegas da mesma idade e pretendentes amorosos. Caso se compare com sua infância, fazem ver que tinham,

agora jovens, um maior senso crítico e poder sobre o que vestiam, vindo a se tornar mais fortes em termos de escolhas quando saíram da casa de seus pais, em geral, para casar e constituir o que entendiam como suas próprias famílias.

Vida adulta: aparência entre a casa e o trabalho

Painel 2. Fotos de brasileiras e espanholas na vida adulta



Fonte: Arquivo pessoal das participantes

A saída da casa dos pais e a mudança para outra cidade, no caso das que não nasceram em São Paulo ou Madrid, foram eventos que marcaram o início de uma vida mais independente para as participantes. Nesse período, frequentavam eventos noturnos, viajavam, às vezes desacompanhadas no caso das solteiras, e bebiam cerveja ou outros alcóolicos, como apresenta o Painel 2. Estando em território próprio, construído ao lado do marido ou sozinha, romperam com restrições que consideravam que não faziam mais sentido a elas, perante a mudança cultural. Uma das principais, sem dúvida, foi relativa à proibição do uso de calça comprida.

No dia a dia agitado das grandes cidades, em que se tinha que circular em transporte público cheio, subir e descer muitas escadas, carregar bolsa e sacolas, enfim, movimentar-se continuamente, o uso da calça passou a fazer muito sentido. E não em termos apenas estéticos, mas também visando à inclusão e funcionalidade diante dos novos papéis e espaços sociais que as entrevistadas passaram a ocupar. De acordo com elas, tendo em vista a rotina como mãe ou de trabalho, no caso das que estiveram envolvidas com algum ofício – ou, ainda, as duas coisas ao mesmo tempo – tornou-se importante dispor de conforto e praticidade na aparência.

Porém, por trás de uma suposta obrigação fomentada pela loucura dos centros urbanos, havia também certo gosto e prazer em poder vestir uma calça – coisa que muitas queriam fazer desde a infância. Uma das participantes brasileiras elucidou sobre a transição dos padrões de aparência da infância, guiados pela moral religiosa, para a adaptação à vida adulta na cidade grande, esta orientada pela moda e funcionalidade:

“Antigamente era proibido, a gente não podia entrar na igreja de calça comprida, sabe? Eu sou daquele tempo, eu sou antiga. Tem muita coisa que antigamente a gente não fazia. Depois que, assim, deixou a calça comprida para mulher à vontade, eu nunca mais usei saia.”

No decorrer da vida adulta, por outro lado, as participantes dos dois países não se distanciaram da ideia de decência e naturalidade aprendida com a família na infância. Observavam em seu entorno o que a maioria estava vestindo, o que gerou aceitação por detalhes como cores, estampas e modelagens. Porém, não deixaram de lado a essência de seu caráter construído, principalmente, com os pais.

Além de observar o que as pessoas utilizavam pelas ruas, brasileiras e espanholas continuavam atentas ao que era usado por irmãs, cunhadas, amigas e companheiras de trabalho, ainda mais quando eram de idade próxima a delas. Com essas mulheres que lhes serviam de referência e inspiração, trocavam também roupas, sapatos, dicas e opiniões.

A partir de tal repertório, as investigadas seguiam moldando seu estilo de compor a aparência, sem deixar de ter certo senso crítico. Ainda que na vida adulta estivessem interessadas pelo que era moda ou recebessem críticas de algum parente, procuravam filtrar de toda a informação aquilo que lhes agradava e parecia coerente com seus princípios e possibilidades de manter-se engajada.

No caso das que estiveram no mundo do trabalho, este meio exerceu também significativa influência na construção de suas aparências. Dentre as profissões, uma parte esteve trabalhando em escritórios de empresas públicas e privadas. Outra, em confecções e indústria têxtil. E algumas, em negócios familiares ao lado do marido. Qual fosse a profissão, a atenção na construção da aparência era entendida como muito importante para estar envolvida no meio profissional. Uma das participantes brasileiras comentou sobre os investimentos regulares que fazia nesse sentido:

“Quando trabalhava, acho que devido à profissão – eu era secretária lá, encarregada do departamento de crédito e cobrança, né? Então, eu tinha que ir no cabeleireiro, mas eu nunca liguei muito para cabelo, não. Mas na época que eu trabalhava, sim. Todo o ano eu fazia um guarda-roupa novo. Ia no cabeleireiro toda a semana. É, toda semana ia ao cabeleireiro, né? É, é (um investimento). Porque eu tinha que me apresentar bem lá, na firma que eu trabalhava. Eu lidava muito com os representantes da firma, os vendedores. Eu tinha ligação direta com a diretoria. Então, eu tinha que representar bem. Não, não (lhe cobravam por isso). Não cobravam não. Isso era uma coisa que eu achava que devia ser assim.”

Durante a vida profissional, notou-se que a aparência esteve relacionada à obtenção de respeito e reconhecimento de colegas de trabalho e superiores, como apontado por diferentes autores (Crane, 2006; Cavico, Muffler, & Mujtaba, 2013; Karl, Hall, & Peluchette, 2013; 2016), bem como à manutenção do próprio emprego. O trabalho e a moda foram, assim, motivos para mudanças e investimentos na aparência ao longo da vida adulta. No caso especial das que trabalharam em confecções de vestuário, também cresceu um apurado senso estético e minúcia ao modo de vestir.

As participantes que atuavam em confecções trabalharam sob uma supervisão bastante detalhista. Por essa razão, então na velhice, afirmaram ser muito observadoras no que tange à roupa, tratando com muito carinho e apreço cada peça que possuíam. Uma parte delas, inclusive, seguia produzindo e ajustando o próprio vestuário. O armário pessoal vem a ser tratado como um bem material simbolicamente relevante (Crane, 2006).

Muitas das roupas que as participantes costureiras usavam eram feitas com materiais e moldes ganhados no trabalho. Este era um presente que lhes poupava custos e, ainda, garantia que estariam na moda ao usar tecidos e cortes da estação utilizados nas coleções elaboradas pelas empresas onde atuavam. Assim, quando adultas, o trabalho na confecção foi um meio para se manterem arrumadas e engajadas, usando trajes correntes e com poucos recursos.

As participantes costureiras, no entanto, não eram meras ouvintes nas lições de corte e confecção que tiveram com seus superiores. Também trocavam experiências sobre o vestuário e ideias de como estabelecer combinações, inclusive de lingerie, como relatou uma das espanholas:

“Quando eu estava com minhas companheiras (de trabalho), já tirando o uniforme, dizia a elas: “como podem ser assim”? E me diziam: “o que foi agora? Vamos ver, aponte nossos defeitos”. “É que não se pode levar uma calcinha rosa e um sutiã preto! Isso, quando vocês tiram a roupa e seus maridos as vêem assim, devem perder a vontade de tudo”.

No caso das participantes casadas, os maridos, de fato, eram figuras relevantes à aparência, a exemplo dos pais e parentes próximos na infância. Mesmo que muitas tenham dito que viviam em sociedades machistas, em que os homens eram privilegiados em variados aspectos e muito controladores, afirmaram que, no que tangia a seu visual, os cônjuges não impunham opiniões. No limite, faziam sugestões ou comentários sobre pintar cabelos brancos, vestir roupas que achavam bonitas, comprar itens novos de vez em quando, ir ao salão de beleza ou, como dito pelo marido de uma das espanholas em relação ao uso de maquiagem: *“por que você não se ilumina um pouquinho”*? De modo geral, os maridos gostavam de ver que suas esposas se preocupavam com a aparência e ter uma mulher bem-arrumada era motivo de orgulho – porque também refletia um suposto bom casamento, merecedor de respeito.

Em uma outra esfera, percebeu-se que as solteiras durante toda a vida, mesmo com alguns namorados no meio de suas trajetórias, quando adultas tinham suas aparências mais centradas no mundo do trabalho. Uma dessas participantes, então aposentada, contou que na velhice já não se maquia regularmente, só de vez em quando, em uma data especial. A respeito das senhoras que seguiam se maquiando, ela disse:

“Olha, quando se completam alguns anos e já se nota que você é velho, passar (maquiagem) – bom, tem gente para tudo – mas tem mulheres que parecem máscaras. Esse é o meu conceito. Claro que têm muitas mulheres que o fazem porque seus maridos gostam que estejam muito pintadas. Porque, claro, têm muitos motivos, eu acho.”

A construção da aparência das participantes na vida adulta, no entanto, não esteve somente relacionada ao trabalho e casamento. As transformações físicas surgidas nessa fase, como as primeiras linhas de expressão e ganho de peso depois de gestações, também influenciaram o modo como geriam sua apresentação social. Foi nessa fase que

começaram a ver mais defeitos em si mesmas e, assim, queriam esconder braços flácidos, pernas com varizes, barriga protuberante, seios menos firmes depois de tanto amamentar, os primórdios dos cabelos brancos etc. Essas, características vistas como sinais de decadência e de pouco *status* social.

Uma participante espanhola que teve nove filhos contou como foi difícil compor um guarda-roupa enquanto esteve em gestação. Estava sempre alternando peso e medidas, precisando trocar constantemente de roupas. A sorte, segundo ela, era o marido que trabalhava em uma grande loja de departamentos e podia comprar vestuário para toda a família com bom desconto.

Outra questão da vida como mãe é que os filhos passaram a ser a prioridade nas finanças dos casais, de modo que o investimento na aparência teve que ser reduzido e colocado em um segundo plano. Ainda assim, todas as mães afirmaram que procuravam fazer o melhor que podiam por seu visual, o que, segundo elas, era importante para dar bom exemplo aos filhos e passar boa imagem de sua família – lógica infantil que se repetia.

Dessa forma, entre a influência do trabalho, das amigas, das ruas, da moda, do marido e dos filhos, as investigadas de modo geral procuravam cuidar de suas aparências, experimentar novos modelos e atualizar-se, quando parecia necessário. Porém, sem perder os significados da decência, naturalidade e feminilidade cultivados desde a infância – até porque eram qualidades continuamente cultivadas no trabalho, no casamento e no exercício do papel de mãe.

Ilustração 3. *Look versátil*



Fonte: Patrícia Yokomizo, 2017

Dessa forma, procuravam estabelecer visuais versáteis, que pudessem se adaptar a todos os seus papéis e rotinas como mãe, esposa, dona de casa e trabalhadora, conforme elucidado na Ilustração 3. Posteriormente, com a morte ou separação do marido, a saída dos filhos de casa e o fim da vida profissional, o senso de liberdade passou a ser maior.

Velhice: aparência como reflexo dos diferentes modos de envelhecer

Com a sensação de dever cumprido após o fim do casamento, a saída dos filhos de casa e o término da vida laboral, a maior parte das participantes afirmou que foi na velhice (Painel 3) que tiveram mais tempo e recursos para olhar e investir nelas mesmas, como apontado também pela pesquisa de Rodrigues e Justo (2009). Muitas comentaram a alegria de, então, poder tomar decisões financeiras e administrar seu dinheiro, ainda que pouco, sozinhas e sem grandes preocupações. O fato de ter conseguido adquirir uma casa própria, conquista da maioria, também favoreceu a reserva de suas economias para outros gastos e gostos. Assim, seguiam podendo realizar investimentos em suas aparências, pelas quais mantinham expressivo interesse.

Painel 3. Fotos de algumas das participantes na velhice



Fonte: Patrícia Yokomizo e Andrea Lopes, 2016

Depois de passadas muitas décadas, com o aprendizado da infância sobre o valor de adquirir e cuidar de produtos de qualidade, chegaram à velhice com um amplo acervo de roupas, sapatos, bolsas, lenços, joias e bijuterias, entre outros itens de longa validade, alguns com mais de dez anos. As participantes contaram, no entanto, que ao longo da vida foram introduzindo e descartando peças por alguma necessidade. Por exemplo, uma mudança de tamanho ou por desgaste do material já muito usado; por não se identificar mais com certo estilo de vestir; pelo que estavam vivendo e pelas pessoas com as quais estiveram relacionadas.

Assim, foram afinando o senso em torno do próprio gosto pessoal e do que realmente valia a pena em termos de aparência, tendo concluído que o estilo clássico proporciona maior custo-benefício, uma vez que permanece atual e adequado para diversas ocasiões. Isso fez com que desenvolvessem uma espécie de padrão em sua apresentação, dentro da capacidade aprendida ao longo da vida de negociação de recursos disponíveis, como comentou uma das brasileiras:

“Meu tipo de roupa é sempre o mesmo, né? Muda cor, estampa, mas o modelo é o que adaptou em mim. É, eu me adaptei a esse modelo. Então, eu me sinto bem. Como é fácil, então, não tem problema. E eu gosto de estar bem arrumadinha.”

Os modelos de aparência das participantes na velhice consideravam também as diversas transformações físicas que procuravam administrar: manchas na pele, flacidez, problemas na coluna, varizes, alergias, perda ou ganho de peso e alterações na visão foram os mais citados. Dessa forma, estabeleceram visuais com braços mais cobertos, pele protegida por protetor solar – algumas ainda usam chapéus, calças e mangas compridas para isso. Sapatos que não provoquem dor nas costas, pernas ou quedas. Cosméticos sem cheiro forte e maquiagem leve. Nada muito justo no corpo e dieta balanceada.

Segundo as participantes, esses cuidados e escolhas seriam a definição de uma idosa adequada, que não nega a idade e se cuida, lidando com suas transformações físicas de maneira decente e sábia. Assim, elas não procuravam frear o envelhecimento ou rejuvenescer, mas, sim, compensar as perdas percebidas principalmente em seus corpos com o que entendem como boas estratégias de vestir (Schemes, Duarte, & Magalhães, 2015).

Com essa concepção de aparência, tentavam ainda fugir dos estereótipos comuns estabelecidos por elas mesmas: o de “*velha*”, adjetivo utilizado em sentido pejorativo; e o de “*assanhada*”, como intitulado por uma das brasileiras.

A qualidade de assanhada, para as participantes, é inapropriada em qualquer idade. Esse modelo é definido por elas, em termos de aparência, como uma mulher que mostra demais: exhibe as pernas, ainda que com manchas ou varizes; usa decotes pronunciados na frente e nas costas; pendura colares e brincos exageradamente grandes; deixa as unhas muito compridas e com esmaltes pouco convencionais; calça saltos bastante altos e que fazem barulho; marca ou deixa ver a barriga; passa maquiagem e perfume fortes; senta sem postura e de pernas abertas; tenta seduzir diferentes homens; e se em idade mais avançada, tenta se comportar como moça. Nas palavras de uma das brasileiras, “*muito chegada*”.

Assim, em ambos os grupos, observou-se que o uso adjetivo da palavra velho não está relacionado necessariamente a um critério ou preconceito etário, mas, sim, a atitudes e comportamentos na forma de apresentar-se socialmente. O termo, no contexto da aparência, era empregado pelas participantes para nominar um conjunto de características que significavam desleixo em qualquer idade, segundo elas: roupa suja ou desgastada; cabelo despenteado; cara triste ou fechada; rabugice; e, falta de higiene com o corpo. Denominava, ainda, pessoas vistas como decadentes, despreocupadas e desleixadas com a aparência ou distantes dos modelos de terceira idade então vigentes, percebidos como mais favoráveis. Conforme anunciado por uma das participantes em relação a seu estilo: “*eu sou idosa, não sou velha*”.

A definição de idoso, nesse caso, se aproxima do conceito de terceira idade, que vem a significar um modo mais positivo de envelhecer, focado nos ganhos da velhice principalmente para fins mercadológicos, tal como descrito por Debert (2010). No cenário investigado, no que diz respeito à aparência, ser idosa significava superioridade, maior refinamento ou adequação em termos de como apresentar-se bem na velhice, enquanto velha denominava um conjunto de características entendido como *outsider* (Elias, & Scotson, 2000), negativo ou indigno.

No entanto, em muitos momentos da pesquisa, as investigadas mencionaram outros significados para a palavra velho, a depender das intenções e vantagens sociais. Outros sentidos acionados eram o de sabedoria e experiência, quando o foco era a noção de idade cronológica. Dessa forma, quando falavam de si mesmas ou de alguns outros

conhecidos de idade semelhante, o termo estava relacionado a seus muitos anos ou larga experiência de vida, sendo visto como algo positivo.

Para construir suas aparências e negociar com essas noções conflitantes em termos de identidade, as investigadas recorriam a seus princípios familiares e às amigas da mesma idade, em geral dos núcleos de convivência ou da igreja que frequentavam, além de irmãs e algumas poucas celebridades de sua geração. Uma das brasileiras revelou, de fato, já ter feito um corte de cabelo da atriz Suzana Vieira, enquanto uma das espanholas achava que o creme Pond's era bom porque a celebridade Carmen Sevilla disse que usava.

Para Langevin (1998), as conotações negativas ou positivas sobre a velhice são passíveis de modificação e expressam relações sociais, valores e crenças que dominam determinada sociedade. A autora considera que as imagens de declínio e decrepitude do fim do curso de vida estavam fortemente presentes nas mentalidades de diferentes culturas do final do século XX. Nesse período, segundo Cohen (1998), diversas produções científicas utilizavam um tom apocalíptico ao tratar sobre o envelhecimento. Tais desafios parecem ainda ter espaço no seio social, impedindo a complexidade das abordagens e dificultando a noção dos mais velhos sobre si mesmos.

No que tange à escolha de referenciais – sejam esses uma amiga, parente ou famosa – mais uma vez, esta manteve-se ancorada no que lhes é mais familiar e parece mais seguro. Ou seja, na moral, na identidade de gênero e na adequação etária, mais do que exatamente na escolaridade ou renda. Em outras palavras, as participantes não buscavam inspiração em pessoas para elas indecentes, homens ou outra identidade de gênero, nem em pessoas muito mais jovens.

Nesse sentido, observou-se que não procuravam aparentar, inclusive, ter menos anos de idade. No entanto, tentavam resistir para não deixar transparecer certo orgulho quando alguém dizia que não pareciam ter a idade que tinham, abordagem vista como um elogio e atribuição de *status*. As participantes entendiam que ser percebida como mais nova significava, na verdade, a demonstração de alegria, saúde, cuidado pessoal, vontade de viver, entre outros fatores socialmente vistos e atribuídos como exclusivos apenas da juventude. Para Marcelja (2012), um passaporte intergeracional, segundo o qual parecer mais jovem significava aceitação e correspondência às expectativas e demandas relacionais nos dois grupos investigados.

Uma outra questão que influenciou a construção da aparência das investigadas na velhice foi a das mudanças realizadas nas modelagens de algumas peças de vestuário.

Com o passar dos anos e a transformação de seus corpos, em parte também pelo conceito de decência, deixaram de usar peças que não lhes conferia o aspecto desejado. Por exemplo, a calça *jeans*, que uma das participantes disse que vinha sendo confeccionada com cinturas cada vez mais baixas e pernas muito ajustadas.

Nesse sentido, também tiveram que buscar alternativas para substituir produtos que saíram de linha. Na maior parte das vezes eram citados cosméticos que foram extintos, como colônias que não encontraram mais ou absorventes usados para conter a incontinência urinária e que tiveram seu material trocado, causando então alergias. Quando precisaram de conselhos para encontrar substitutos, recorreram mais uma vez a irmãs e amigas, além de profissionais como cabeleireiros e manicures. Como exemplo, uma das participantes brasileiras disse que passou a usar o creme Rugol porque sua cabeleireira recomendou, dizendo ser muito melhor para a pele do rosto que outros da marca Avon, bastante conhecida no contexto brasileiro.

Depois de 80 anos ou mais de vida, as investigadas viram passar diversos produtos voltados para a construção da aparência, que surgiam e desapareciam das prateleiras do mercado com os modismos de cada época. Também tiveram que conviver e adaptar-se às mudanças em termos de códigos e modos de vestimenta, como comentou uma das brasileiras: “antigamente, a gente ia a um teatro, a gente ia de luva, disso, daquilo, meia de seda. Agora não. Agora, se eu estiver assim (jeans, blusa regata e sapatilha) eu vou. Não é? Não é mais como antigamente”.

Segundo as participantes, elas procuravam estar a par das mudanças nos códigos sociais de vestimenta e das novidades do que era considerado moda, mas, sobre esta última, sem consumi-la cegamente. Mencionaram incorporar o que estava de acordo com seus critérios de idade, gênero e moral, além, claro, de seus recursos financeiros. Assim, a maioria afirmou com certo orgulho que não seguia a moda, que outrora definiram como “*o que todo mundo está usando*”.

No entanto, em termos de visual, as participantes eram muito parecidas com boa parte das mulheres de sua idade e meio de convívio, tal como vinham tentando ser. Semelhanças de estilos, formatos e materiais de variadas peças utilizadas pelas investigadas, tanto brasileiras como espanholas, podem ser observadas nos Painéis de 4 a 6. Muitas das peças lembram os significados da aparência aprendidos e reproduzidos desde cedo, como recato, simplicidade, discrição e feminilidade. Apesar das inúmeras outras diferenças constituintes do processo de envelhecimento de cada uma delas, quando

controladas ao menos variáveis como renda, escolaridade e idade, observam-se pontos em comum que prevaleceram no âmbito da construção da aparência. Especialmente, visando ao contínuo reconhecimento e engajamento social até o momento da velhice, a despeito do relatado aumento do senso de autonomia e sabedoria.

Painel 4. Brincos de idosas do Brasil e da Espanha



Fonte: Patrícia Yokomizo e Andrea Lopes, 2016

Painel 5. Sapatos de idosas do Brasil e da Espanha



Fonte: Patrícia Yokomizo e Andrea Lopes, 2016

Painel 6. Bolsas de participantes brasileiras e espanhola



Fonte: Patrícia Yokomizo e Andrea Lopes, 2016

O estudo de Schemes, Duarte e Magalhães (2015), comparando perfis socioeconômicos diferentes, deparou-se com idosas que tinham aparência muito semelhante e também afirmavam não seguir a moda. Por outro lado, apesar de usar roupas parecidas, os significados diferiam dependendo da pessoa e do contexto social em que esta se inseria, de forma que as variadas vivências do cotidiano vieram a influenciar e diferenciar a significação do aspecto pessoal.

Entre as brasileiras e espanholas investigadas, mesmo afirmando não seguir a moda ou o que todos estão usando, as participantes disseram observar as senhoras de igual faixa etária ou próxima. Notou-se que a observação do que mulheres da mesma idade usavam, por vezes, as influenciou a adquirir novas peças, antes não cogitadas para seus acervos. Como contou uma das brasileiras, foi depois de ver uma amiga do núcleo de convivência que frequentava usar uma blusa vermelha – cor que disse não ter aprendido a combinar – que passou a enxergar a possibilidade de incorporar o que deixava a amiga “*tão bonita*”. Mais uma vez, os modos de compor a aparência eram fundamentados em características geracionais e etárias.

Na Espanha, diferentemente do contexto brasileiro, algumas senhoras disseram ver também desfiles de moda na TV. Para elas, às vezes há *looks* bonitos e boas ideias de combinações. Porém, de vez em quando é difícil entender propostas menos convencionais. Uma das espanholas disse articular possibilidades de compor a aparência a partir do que via em desfiles: “*se eu vejo um desfile, minha imaginação me diz: ‘se eu estivesse em uma situação, eu pegaria o terno dessa senhora e a saia da outra e faria uma composição’*. *Sim, observo bastante, sim. E sou muito crítica*”.

Mesmo de baixa renda e imaginando-se que não potencialmente relacionadas a outros universos de classe, notou-se ainda que as investigadas da Espanha apresentavam conhecimento sobre marcas e *designers* renomados, especialmente os nacionais como Ágatha Ruiz de la Prada e Balenciaga, e também outros europeus. Uma delas demonstrou apreço e orgulho em exibir produtos da marca espanhola Tous, que foram ganhados de familiares:

“[...] e me disse a enfermeira: ‘tudo o que você usa é da Tous’. Olha, você vê? Tenho isso da Tous, uso a bolsa. Este não, é de outra marca. E diz: ‘você tem a bolsa da Tous, a pulseira da Tous’, diz a enfermeira quando me vê. Diz: ‘você usa tudo da Tous’. A pulseira, olha, da Tous. Está vendo? Esta é a insígnia. O Tous. É uma joalheria importante.”

Ademais da TV, amigas, família e profissionais de beleza, as participantes dos dois países, na velhice, passaram a dar especial atenção aos conselhos de saúde dados pelos médicos e outros profissionais da saúde. Procuravam seguir à risca as recomendações dadas por eles em torno da construção da aparência, sendo as principais: evitar o sol para não manchar a pele e cuidar da alimentação, visando AO controle do peso e de enfermidades como a diabetes.

Assim, em razão do dito por dermatologistas, ortopedistas, nutricionistas, geriatras e outros especialistas, se tornaram assíduas no uso de proteção solar, tanto por meio de loções, quanto pelo uso de roupas mais compridas. Eliminaram o salto alto que prejudicava a coluna e provocava quedas. Usavam diariamente acessórios como joelheiras, que eram camufladas com calças ou saias longas. Preocupavam-se com a hidratação da pele, mais sensível com a idade. Optavam por sabonetes e *shampoos* para nenês porque são menos agressivos, entre outros cuidados que iam aprendendo em suas consultas. Apesar de gerar benefícios à saúde, percebeu-se que esse conjunto de ações de autocuidado com a aparência; no entanto, pode vir a provocar o sentimento de negligência frente àqueles que não o exercem por diversas razões.

Essa lógica reforça o proposto por Debert (2004) em relação ao conceito de reprivatização da velhice, ao proporcionar responsabilização exclusiva àqueles que supostamente não querem aprimorar o próprio envelhecimento conforme os modelos de consumo dominantes.

O saber técnico era complementado, nesse sentido, também pela vigência de certo saber popular para o trato da aparência. Eram indicações de plantas, chás, mistura de produtos, alimentos e experimentos variados, que amigas, vizinhos, parentes e conhecidos afirmavam gerar bons resultados no cabelo, pele, pés, unhas, etc. Recomendavam ainda práticas até então inusitadas, mas que afirmaram ser eficazes, como o exemplo compartilhado por uma das brasileiras:

“Eu não sei onde que eu aprendi, mas eu aprendi com alguém, que aí eu passei a fazer [...]. Eu sempre ponho uns pinguinhos (de perfume) assim. Faz a massagem que penetra no cabelo. Depois a gente fica deitada, a gente sente o perfume.”

Para continuidade do trato da aparência na velhice, participantes do Brasil e da Espanha, ainda que eventualmente contassem com a ajuda de filhas, netas e profissionais de beleza, vinham optando por cuidados que fossem simples e pudessem ser realizados sozinhas. Por essa razão, disseram que vinham utilizando cortes mais curtos de cabelo e boa parte havia deixado a tintura, assumindo os fios brancos. Assim, evitavam dores no braço ou a perda de habilidade para mexer no penteado. Ou, ainda, as horas no salão de beleza cuidando de longas madeixas e também da vida alheia, de acordo com elas.

Em vista da violência das grandes capitais, reservaram as joias que acumularam ao longo da vida, pelo receio de serem roubadas, de sofrer agressões nas ruas. Demonstraram ainda preocupação em ter algo significativo e valioso para deixar a filhos e netos, como alianças de casamento e colares de pérolas. Dessa forma, decidiram utilizar bijuterias para ter mais segurança no dia a dia e herança, aos parentes queridos. Os elementos constituintes da aparência aparecem como capital intergeracional. A Figura 2 apresenta a diversidade de colares de uma participante brasileira, que disse usar bijuterias na velhice não apenas pela segurança, mas também por sua condição financeira. Dessa forma, as bijuterias ajudavam a variar e atualizar seu acervo com maior frequência, algo de que apreciava.

Figura 2. Colares de uma participante brasileira



Fonte: Patrícia Yokomizo, 2015

Para que estivessem prontas para suas rotinas, disseram optar por roupas práticas, confortáveis e versáteis – o que não deve ser confundido com desleixo, segundo elas. Brasileiras e espanholas afirmaram que o estar à vontade com suas aparências era importante para desempenhar as atividades diárias, fossem domésticas ou sociais. Assim, para que estivessem também de bem consigo mesmas existia ainda certa preocupação estética, de modo que buscavam estabelecer combinações não apenas confortáveis, mas também entendidas como bonitas e apresentáveis.

Em resumo, como dito por uma delas, era preciso *“não passar do limite, mas ir bonita”*. Roupas, acessórios, maquiagem e demais elementos necessitavam ser minuciosamente orquestrados, como explicou uma das espanholas:

“Eu sou incapaz, por exemplo, hoje, de me maquiar com uma sombra verde! Porque eu não estou usando nada para passar uma sombra verde. Ainda que meus olhos sejam verdes, eu não estou usando nada. Então, eu hoje estou com azul, mas mais clarinho. Se uso marrom, pinto os olhos com marrom. Então, são coisas que são absurdas para algumas pessoas e alguns diriam: ‘ah, com a idade que temos, não vou passar essas coisas’. Pois eu, sim, as observo. Eu, sim, as observo. Eu gosto muito disso.”

Além das regras e códigos para construir uma aparência entendida como bonita e harmoniosa, notou-se que as participantes, por vezes, necessitavam administrar expectativas ou cobranças alheias em relação aos modelos adequados de apresentação em determinada idade. Nesse sentido, uma das brasileiras acrescentou:

“Não saio na rua sem batom e sem um brinco. Tenho vários brincos. Tenho uma bolsinha cheia de batom, mas eu sempre uso a mesma cor. Difícil eu mudar a cor do batom, muito difícil. E brinco eu fiz esse furinho a mais aqui, porque eu queria mais um furinho, né? (risos). Esse aqui faz uns cinco anos que eu já tenho. Aí, todo o mundo fala: ‘ai, como você tá moderninha’. Porque aí, né? Pessoa de 80 anos com mais um furinho? (risos).”

Com tantos elementos para checar, cuidar, combinar e adequar, era vista como valiosa a dica de uma filha, neta, amiga, profissional de beleza ou dos núcleos de convivência. As investigadas dos dois países acreditavam que o envolvimento com outras pessoas ajudava a manter a atenção à aparência. Essa atenção era importante, inclusive, para continuar boa relação com seu entorno. De uma certa forma, as mantinha também envolvidas por razoável tempo consigo mesmas e a seus próprios universos pessoais.

Para brasileiras e espanholas, os investimentos diversos na construção da aparência eram necessários para gerar interesse por elas. Ou seja, para que as pessoas não tivessem medo de se aproximar, se interessassem por conhecê-las e as respeitassem (Ilustração 4). Algumas mencionaram que, pelos preconceitos estabelecidos sobre os idosos, concentrados nas perdas do envelhecimento, na velhice era ainda mais importante apresentar bom aspecto para contrapor imagens de decadência, tal como as descritas por pesquisadores que fundamentaram este estudo (Domínguez, 2013; Santana, & Belchior, 2013; Dias, Paúl, & Watanabe, 2014). Preocupada com a questão, uma das brasileiras relatou:

“Eu me visto porque eu acho, assim, para ser apresentável. Para se apresentar, para sair, ninguém ter nojo da gente. Não é? Ninguém ter nojo da gente. Ninguém, assim, sem querer ficar perto da gente porque está com mau cheiro. Eu sempre falo para as minhas filhas: ‘o dia que eu estiver com cheiro, vocês me avisam! Vocês me avisam!’ Porque é muito feio uma velha fedida.” (risos).

Notou-se, portanto, que a preocupação com a aparência visava a estar apresentável para qualquer pessoa. Porém, em especial, para manter boa relação com familiares e amigos. Uma das espanholas comentou a atenção redobrada ao visual quando participou de um evento do trabalho do filho, no qual não queria constrangê-lo na frente de seus chefes. Procurou estar bem-arrumada e comportada para que o filho sentisse orgulho, não tivesse vergonha de apresentá-la ou comprometesse seu posto.

No Brasil, uma das participantes relatou sobre a mudança feita no cabelo, no caso, para agradar às companheiras de voluntariado:

“Agora eu pintei ele (cabelo) de cinza, porque estavam me enchendo o saco. Passei grafite, cor cinza. Está vendo? As meninas aqui (do

voluntariado), *é, me encheram o saco. Inclusive ela (uma das colegas de voluntariado) comprou e me deu, falou 'você vai passar'.*

Ilustração 4. Aparência para aproximar



Fonte: Patrícia Yokomizo, 2017

A preocupação e investimentos com a aparência visavam ao engajamento social em diferentes ocasiões e espaços, sendo ferramenta essencial para aproximação e relação com pessoas diversas. No entanto, o estabelecimento de modelos de inserção (Elias, & Scotson, 2000), no caso da aparência e modos de se apresentar na velhice, pode vir a proporcionar o sentimento de rejeição e isolamento. Nesse sentido, uma das brasileiras relatou porque não tinha ido a certos passeios promovidos pelo núcleo de convivência para idosos a que frequentava: *“eu quero ir, mas eu falo assim: ‘será que eu vou? Porque tem umas velhas que ficam muito chiques’. Então, talvez seja complexo, não sei. Pode ser que eu fui criada assim. Sou muito complexada, sou muito tímida”.*

Na velhice, percebeu-se que os aspectos morais e de gênero, do tempo da infância, além da adequação etária, manifesta na juventude e seguida na vida adulta, permaneceram presentes na construção da aparência na velhice das participantes das duas culturas investigadas.

Elas vinham procurando conciliar o aprendizado estabelecido com familiares, amigos, núcleos de convivência, médicos, TV, figuras públicas e a moda – mesmo negando – na composição de um aspecto pessoal que agradasse tanto a elas quanto aos envolvidos no processo, garantindo a permanência e os significados atribuídos aos vínculos.

As participantes, assim, utilizavam da aparência para conseguir e firmar relações sociais significativas ao longo da vida e na edificação de suas memórias. Procuravam, ainda, combater os prejuízos associados à velhice e aos mais velhos com uma apresentação, na visão delas, mais atraente e positiva. O cuidado da aparência esteve presente ao longo do processo de envelhecimento de diferentes formas e com variados significados, continuando ativo entre as participantes de ambas as culturas durante a velhice avançada.

Considerações finais

Neste estudo, constatou-se que, para as participantes dos dois países, a construção da aparência, tal como o envelhecimento, constituiu um processo dinâmico e significativo. Ao longo de toda vida, elas demonstraram, a partir da exposição de suas trajetórias, a atenção, interesse, respeito e valorização dada à própria aparência e modos de se apresentar socialmente.

Para constituir as variadas aparências que tiveram durante a vida, as participantes contaram principalmente com ensinamentos e apoio de familiares, amigos, profissionais de beleza, instituições, médicos, televisão, figuras públicas e observação de modismos. Desde a infância, vinham negociando ou somando diferentes significados a sua forma de vestir e se portar, sendo os principais a decência, naturalidade e feminilidade. Estes, por sua vez, estiveram bastante relacionados a suas origens, ao entendimento e expectativas em torno do gênero feminino, à manutenção da dignidade familiar e ao poder das tradições passadas de geração em geração.

A autonomia na construção da aparência se mostrou crescente com o envelhecimento, especialmente pela passagem da dependência financeira e controle dos pais, durante a infância e juventude, para a administração do próprio lar e dinheiro, a partir da vida adulta – mesmo com poucos recursos.

No entanto, ainda que dispondo de maior controle sobre suas escolhas, as participantes consideravam significativamente o que haviam aprendido sobre a composição da aparência com outras pessoas, sobretudo familiares e pares etários. O foco desses investimentos, em geral, era o pertencimento social. Significados contraditórios de velhice foram acionados, conforme os interesses e ocasião.

Tanto as brasileiras como as espanholas vinham procurando lidar com transformações físicas e expectativas sociais, sem deixar de lado o próprio gosto pessoal, elaborando combinações estratégicas, práticas, versáteis e entendidas como bonitas. Procuravam estabelecer cuidados simples e que pudessem realizar sozinhas, de forma a facilitar a manutenção constante e autônoma de suas aparências.

A elaboração de seu aspecto pessoal considerava o desejo de obter e manter vínculos sociais, além da preocupação em passar uma imagem positiva da velhice que mantivesse, ainda, os significados construídos ao longo da vida e a própria autenticidade. Notou-se que a aparência era utilizada não apenas para envolver-se, mas também para impulsionar e motivar o constante autocuidado. Com o passar dos anos, percebeu-se que as redes e acervos das participantes se tornaram maiores e mais variados, conforme os diferentes papéis que vinham desempenhando.

De modo geral, foram percebidas poucas diferenças entre brasileiras e espanholas quanto aos significados da construção da aparência. Essas últimas, apenas demonstraram transitar e ter certo conhecimento de marcas e eventos de moda, especialmente nacionais. Foram notadas ainda algumas distinções entre as participantes solteiras e casadas, havendo a importância e participação do marido e filhos na constituição das aparências das últimas. Dessa forma, sugerem-se investigações que explorem a relação entre estado civil e a composição da aparência. Igualmente, geração e tradição, que se mostraram relevantes à constituição e perpetuação no tempo de valores familiares, como a dignidade e a decência, transmitidos e mantidos por meio da aparência.

Referências

- Aboim, S. (2014). Narrativas do envelhecimento: ser velho na sociedade contemporânea. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, 26(1), 207-232. Recuperado em 01setembro, 2018, de: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v26n1/13.pdf>.
- Araújo, D. C., & Leoratto, D. (2013). Alterações da silhueta feminina: a influência da moda. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 35(3), 717-739. Recuperado em 01setembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32892013000300014>.

- Blackman, C. (2011). *100 anos de Moda*. São Paulo, SP: Publifolha.
- Brown, A., & Knight, T. (2015). Shifts in media images of women appearance and social status from 1960 to 2010: a content analysis of beauty advertisements in two Australian magazines. *Journal of Aging Studies*, 35, 74-83. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: DOI: 10.1016/j.jaging.2015.08.003.
- Campos, R. D. (2015). A educação do corpo feminino no Correio da Manhã (1901-1974): magreza, bom gosto e envelhecimento. *Cadernos Pagu*, 45, 457-478. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201500450457>.
- Carstairs, C. (2014). "Look younger, live longer": ageing beautifully with Gayelord Hauser in America, 1920-1975. *Gender & History*, 26(2), 332-350. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://doi.org/10.1111/1468-0424.12072>.
- Cavico, F. J., Muffler, S. C., & Mujtaba, B. G. (2013). Appearance discrimination in employment: legal and ethical implications of "lookism" and "lookphobia". *Equality, Diversity and Inclusion International Journal*, 32(1), 83-119. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/02610151311305632/full/html?skipTracking=true>.
- Cohen, L. (1998). Não há velhice na Índia: os usos da Gerontologia. In: Debert, G. G. *Textos Didáticos n.º 13: Antropologia e Velhice* (2ª ed., 65-118). Campinas, SP: Textos Didáticos.
- Crane, D. (2006). *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. C. Coimbra, Trad. São Paulo, SP: Editora SENAC.
- Debert, G. G. (2004). *A reinvenção da velhice: socialização*. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP.
- Debert, G. G. (2010). A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. *Horizontes Antropológicos*, 16(34), 49-70. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832010000200003>.
- Dias, M. A., Paúl, C., & Watanabe, H. W. (2014). Representações sociais de velhice e suas relações com declínio e finitude em comentários e críticas publicados na mídia. *Revista Kairós-Gerontologia*, 17(1), 125-143. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/20286>.
- Domínguez, T. N. (2013). Cine y envejecimiento activo: la imagen de la actividad física en las películas. *Escritos de Psicología*, 6(2), 20-25. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://www.redalyc.org/pdf/2710/271028444004.pdf>.
- Elias, N. (1994). *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Zahar.
- Elias, N., & Scotson, J. L. (2000). *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Friedman, J. (1990). Being in the world: globalization and localization. *Theory, Culture & Society*, 7, 311-328. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/026327690007002018>.
- Galak, J., Gray, K., Elbert, I., & Strohminger, N. (2016). Trickle-down preferences: preferential conformity to high status peers in fashion choices. *PLOS ONE*, 11(5), 1-11. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0153448>.

- Geertz, C. (2008). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, RJ: LTC.
- Goffman, E. (1985). *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Karl, K. A., Hall, L. M., & Peluchette, J. V. (2013). City employee perceptions of the impact of dress and appearance: you are what you wear. *Public Personnel Management*, 42(3), 452-469. Recuperado em 01setembro, 2018, de: <https://ro.uow.edu.au/buspapers/251/>.
- Karl, K., Peluchette, J. V., & Hall, L. M. (2016). Employee beliefs regarding the impact of unconventional appearance on customers in Mexico and Turkey. *Employee Relations*, 38(2), 163-181. Recuperado em 01setembro, 2018, de: DOI: 10.1108/ER-05-2015-0083.
- Langevin, A. (1998). A construção social das idades: mulheres adultas de hoje e velhas de amanhã. *Caderno CRH(29)*, 129-149. Recuperado em 01setembro, 2018, de: <https://portalseer.ufba.br/index.php/crh/article/view/18696>.
- Lipovetsky, G. (2009). *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Maria Lúcia Machado, Trad. Companhia de Bolso.
- Marcelja, K. G. (2012). *A beleza como passaporte intergeracional*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Gerontologia Social.
- Neri, A. L. (2014). *Palavras-chave em Gerontologia* (4ª ed., Vol. Coleção Velhice e Sociedade). Campinas, SP: Alínea.
- Rodrigues, A. d., & Justo, J. S. (2009). A resignificação da velhice na terceira idade. *Revista Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*, 14(2), 169-186. Recuperado em 01setembro, 2018, de: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/7233>.
- Santana, C. d., & Belchior, C. G. (2013). A velhice nas telas do cinema: um olhar sobre a mudança dos papéis ocupacionais dos idosos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 16(1), 93-116. Recuperado em 01setembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/20343/15100>.
- Scalco, L. M., & Pinheiro-Machado, R. (2010). Os sentidos do real e do falso: o consumo popular em perspectiva etnográfica. *Revista de Antropologia, USP*, 53(1), 321-359. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27352>.
- Schemes, C., Duarte, P. S., & Magalhães, M. L. (2015). Anseios e desejos: mulher madura e a moda como construção social. *Revista PRÁKSIS*, 2(12), 146-158. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: Recuperado em 01setembro, 2018, de: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=>.
- Silva, E. R. (2013). Moda, informação e cultura. *Revista Iara*, 6(1), 66-89. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: Recuperado em 01setembro, 2018, de: http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2015/01/05_IARA_vol6_n1_Artigo.pdf.
- Silva, N. P., Cachioni, M., & Lopes, A. (2012). Velhice, imagem e aparência: a experiência de idosos da UNATI EACH-USP. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(7), 235-257. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://revistas.pucsp.br/kairos/article/download/15251/11377>.
- Simmel, G. (2014). *Filosofia de la Moda*. España: Casimiro Libros.

World Health Organization. (2017). *News release (19 may 2016). Life expectancy increased by 5 years since 2000, but health inequalities persist.* Fonte: <http://www.who.int/mediacentre/news/releases/2016/health-inequalities-persist/en/>

Yokomizo, P., & Lopes, A. (2019). Aparência: uma revisão bibliográfica e proposta conceitual. *Dobras*, 12(16), 228-244. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/922>.

Patrícia Yokomizo – Graduação em Têxtil e Moda, mestre em Gerontologia, fundadora e membro do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS), todos da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP), Brasil.

E-mail: pati@usp.br

Andrea Lopes – Antropóloga, docente da Pós-Graduação em Gerontologia e das Graduações em Gerontologia e Têxtil e Moda. Fundadora e coordenadora do grupo EAPS. Todos da EACH/USP, Brasil. Orientadora da pesquisa.

E-mail: andrealopes@usp.br

Engajamento, aparência e significados: a performance de idosas brasileiras e espanholas*

Engagement, appearance, and meanings: the performance of Brazilian and Spanish elderly

Envolvimiento, apariencia y significados: la actuación de mujeres mayores de Brasil y España

Patrícia Yokomizo
Andrea Lopes

RESUMO: O artigo apresenta uma caracterização, e comparação etnográfica, sobre a relação entre engajamento social, construção da aparência e significados entre longevas brasileiras e espanholas, de baixas renda e escolaridade. Constatou-se mais semelhanças que diferenças entre os grupos. De modo geral, a aparência e seus significados eram organizados e relacionados de acordo com a ocasião, ambiente e agentes envolvidos. Concluiu-se que há uma interdependência entre engajamento social, aparência e significados.

Palavras-chave: Aparência; Engajamento social; Mulheres idosas.

* O artigo faz parte de pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Universidade de São Paulo, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). O respectivo Programa recebe financiamento (Código 001) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil.

ABSTRACT: *The article presents an ethnographic characterization and comparison on the relationship between social engagement, appearance, and meanings among Brazilian and Spanish elderly women with low income and level of education. It was found more similarities than differences among the groups. In general, appearance and its meanings were organized and related according to the occasion, environment, and agents involved. It was concluded that there is an interdependence between social engagement, appearance, and meanings.*

Keywords: *Appearance; Social engagement; Elderly women.*

RESUMEN: *el artículo presenta una caracterización y comparación etnográfica acerca de la relación entre involucramiento social, construcción de la apariencia y significados entre mujeres mayores de Brasil y España, de bajos ingresos y escolaridad. Se notó más semejanzas que diferencias entre los grupos. De modo general, la apariencia y sus significados eran ordenados y relacionados según la ocasión, ambiente y agentes envueltos. Se concluyó que hay una interdependencia entre involucramiento social, apariencia y significados.*

Palabras-clave: *Apariencia; Involucramiento social; Mujeres mayores.*

Introdução

O objetivo do presente artigo é descrever as características presentes na relação entre engajamento social e construção da aparência, bem como os significados produzidos, entre idosas brasileiras e espanholas, no contexto de baixas renda e escolaridade.

Para Debert (2004), a velhice é uma construção sociocultural de caráter heterogêneo. Em diversas culturas, a concepção de velhice tem sido associada a variados fatores, sendo um dos principais na atualidade a idade cronológica – em especial, para a concessão de benefícios como pensões e aposentadorias – e também à classe social e força de trabalho. Nesse sentido, para boa parte dos países entendidos como desenvolvidos, convencionou-se iniciar legalmente a velhice aos 65 anos. Por outro lado, nas nações em desenvolvimento, esse marco etário pode ser antecipado, começando aos 60 anos ou menos, a depender do contexto sociopolítico e econômico vigentes, além da expectativa

de vida envolvida (World Health Organization, 2002). No Brasil o marco regulatório é o Estatuto do Idoso (Senado Federal do Brasil, 2003), que segue as recomendações internacionais.

Nas últimas décadas, em diversas regiões mundiais, a expectativa de vida ao nascer tem crescido (World Health Organization, 2016), sendo maior entre as mulheres (Neri, 2014). Esse cenário tem sinalizado não apenas um prolongamento da vida, mas também da velhice. Em outras palavras, considerando o critério etário, em várias localidades tem se vivido por mais tempo na velhice, constituindo-se muitas vezes um período de 30 anos ou mais.

Para Camarano (2013), o aumento da expectativa de vida tem se dado pela elaboração de suportes às condições, física e mental, da população. Ainda segundo a autora, o fato também se relaciona à maior participação do velho na sociedade e de respectivos ganhos socioculturais, como a possibilidade de realizar atividade econômica, a gratuidade nos transportes públicos e os descontos em atrações culturais e de lazer.

Segundo a política do envelhecimento ativo (Centro Internacional de Longevidade - Brasil, 2015) o prolongamento da vida estaria relacionado ainda à resiliência, esta construída por meio de cuidados de saúde, constante aprendizado, segurança e participação na vida comunitária. Em relação à participação, coloca-se que esta é proporcionada por meio do engajamento a causas sociais, cívicas, recreativas, culturais, intelectuais ou espirituais que venham a conferir significados à vida de uma pessoa e, assim, promovam um sentimento de realização e pertencimento.

No Brasil, atualmente, convive-se com diferentes recursos disponíveis para a participação social do idoso, tais como núcleos de convivência, Universidades Abertas à Terceira Idade, oportunidades de ação voluntária, entre outros. Apesar dos prejuízos sociais associados às mulheres velhas, são elas que têm ocupado de modo incisivo esses espaços. O fato ocorre não só por ser maioria na velhice, mas porque, com frequência, tais espaços ofertam atividades consideradas tradicionalmente femininas pelas atuais coortes de velhos. É comum a esses meios a intenção de proporcionar um ambiente de convívio e interação, fortalecendo a socialização na velhice (Debert, 2010).

Mesmo assim, Neri (2014) chama a atenção que, em termos de políticas sociais, sobretudo em países onde a desigualdade ainda prevalece, questões próprias da diversidade da velhice precisarão ainda coexistir com soluções estruturais, visando a combater a pobreza, desemprego e exclusão. Tais fatores configuram desafios e

demandas que a própria ciência, as políticas, os profissionais, as famílias e as diferentes gerações dos chamados idosos se encontram envolvidos.

Para Araújo (2013), para efeitos deste artigo, o termo engajamento social pode ser entendido como envolvimento em atividades sociais diversas e a interação com indivíduos, instituições e/ou coletivos, que proporcionem sentido e transformação. Considera-se que seu estabelecimento desempenha um papel importante ao longo da vida, uma vez que confere a sensação de pertencimento e a atribuição de significados e valores a uma pessoa e sua vida (Rubinho, 2014).

Embora o Centro Internacional de Longevidade (2015) indique que envolvimento (ou isolamento) social se relaciona à expectativa de vida em diferentes sociedades, pouco se sabe sobre como esse se organiza ao longo da vida. Em outras palavras, considerando ainda a extensão dos anos vividos na velhice, como tem se dado ou não o engajamento social dos mais velhos, em especial? E quais são as estratégias, sentidos e oportunidades de engajar-se na velhice em distintas culturas, comparativamente?

Em complemento a essas questões, também de acordo com a mesma instituição, aqueles que detêm de maior envolvimento na vida social, em geral, vem a ser as pessoas de melhor educação formal, alta renda, que usufruem de extensas redes sociais e de apoio. Nesse sentido, como se caracteriza o engajamento social entre os que não compõe este tipo de perfil? Ainda, segundo o referido centro, a vulnerabilidade, em diversos aspectos, é maior entre as pessoas de baixo nível de escolaridade, em que preponderam, com frequência, minorias raciais e culturais, imigrantes, deficientes, idosos e mulheres (Centro Internacional de Longevidade - Brasil, 2015).

No âmbito da sociologia das relações de poder, Elias e Scotson (2000) descrevem que as maneiras de inclusão ou exclusão social costumam ser estudadas através da estrutura de personalidade dos indivíduos. Para os autores, no entanto, as relações sociais e diferenciações figuradas por distintos grupos devem ser entendidas pela natureza das dinâmicas que estabelecem. Dessa forma, segundo eles, a relação estabelecidos-outsiders entre grupos sociais ocorre quando um estrato procura se estabelecer como superior mediante o firmamento de limites e características que os separem e diferenciem dos vistos como inferiores. Em outras palavras, a posição e o status do grupo superior existe a partir da delimitação de um inferior.

Assim, Elias e Scotson (2000) nomeiam como estabelecidos esse grupo de superioridade social que se mantém através do cultivo de tradições e da coesão em

questão de regras e comportamentos. Por outro lado, chamam de outsiders os indivíduos – não entendidos como grupo pelos estabelecidos – à margem do reconhecimento social por não desempenharem os preceitos de seus considerados como normativamente superiores. Ressalta-se que os então entendidos por outsiders não necessariamente se percebiam ou classificavam dessa forma. Esses tampouco almejavam seguir os modelos estabelecidos para pertencer aos grupos ditos superiores, fato que veio a conferir-lhes a exclusão na comunidade.

A velhice, enquanto segmento social, quando relacionada a significados socialmente negativos ou, ainda, forçosamente positivos, pode acabar sendo entendida a partir de uma concepção outsider. Se associados a marcadores de discriminação, tais como os relativos a questões de gênero, classe social, raça, renda ou escolaridade, podem conferir um status ainda menos favorecedor para o engajamento social nesse momento da vida.

Para Silva (2013), a moda tem parte importante na distinção entre os grupos considerados superiores e subalternos em uma sociedade e a diferenciação é sua engrenagem principal. A autora define o termo moda como “fenômeno social de mudança periódica das aparências provocada pela necessidade de diferenciação social” (p. 73). Assim, a moda, bem como a aparência de um indivíduo ou grupo, constituiriam meios de atribuir diferenças, significados e valores visíveis, utilizados na ordem e dinâmica social contratada e em curso – em outras palavras, condições para a sociodinâmica da estigmatização (Elias, & Scotson, 2000).

Simmel (2014)¹, em estudo filosófico sobre a moda, descreve que esta consiste em um movimento de imitação e distinção estabelecido entre um grupo considerado inferior, que imita, e outro superior, que busca constantemente distinguir-se dos inferiores e, assim, manter vigente ambos status. Lipovetsky (2009) também corrobora a dinâmica de imitação-distinção, afirmando que a moda nasce a partir desta relação e vem a constituir um instrumento de representação, afirmação e pretensão social, de forma que as classes superiores e inferiores estão em constante concorrência simbólica por prestígio.

Estudos exploratórios brasileiros que enfocaram idade, etnia, gênero e renda, ancorados no estudo da socióloga americana Diana Crane (2006), apontaram, em diferentes cenários culturais, para a relação entre engajamento social e construção da aparência e seus significados (Caio, 2012; Plens, Accioly, Batistoni, & Lopes, 2012;

¹ Originalmente publicado em: *Reihe Moderne Zeitfragen*, Hans Landsberg. (Org.), n.º 11, pp. 05-41, Berlin, 1905.

Picolli, Araújo, Graeff, & Lopes, 2012; Silva, 2015). As relações partem de trocas dinâmicas, simbólicas e espontâneas ocorridas no cotidiano, vistas como fonte de inspiração, informação, envolvimento e adequação. Assim, percebe-se que a aparência, possivelmente em diferentes idades e contextos, tem se configurado como possível recurso de engajamento em variadas ocasiões. Nesse sentido, para efeitos deste trabalho, entende-se aparência como apresentação social.

Método

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo qualitativo, do tipo exploratório e descritivo, baseado no método etnográfico proposto por Geertz (2008). Para tanto, foram utilizadas como técnicas de investigação a observação livre e participante, conversas informais, entrevistas em profundidade, documentação e registro fotográfico. Foi elaborado um roteiro semiestruturado de pesquisa composto por perguntas sobre a composição, organização e performance da aparência no cotidiano. Utilizou-se também um caderno de campo como suporte à execução das diferentes técnicas. Finalmente, para garantia do tratamento ético das informações coletadas, foi firmado com todas as participantes um termo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O ponto de saturação foi atendido.

Em relação às participantes, estas foram: 1) nove mulheres brasileiras e 11 espanholas, de 80 anos ou mais; 2) moradoras a maior parte da vida, respectivamente, nas cidades de São Paulo e Madrid; 3) participantes da vida comunitária; 4) donas de casa na velhice; 5) com renda familiar de até três salários mínimos, no caso do Brasil, e dois, na Espanha; 6) de baixa escolaridade, o que equivaleria ao ensino fundamental no Brasil e à educação primária na Espanha; e 7) sem comprometimento cognitivo, conforme relatado pelos técnicos provenientes das instituições parceiras. O estabelecimento de tais variáveis teve em vista dar um contorno compatível a ambos os grupos estudados, de forma a possibilitar uma comparação transcultural.

Durante a busca e contato com possíveis participantes, no Brasil contou-se com o apoio do Instituto Paulista de Geriatria e Gerontologia (IPGG) e do Núcleo de Convivência para Idosos – Projeto Samuel Rangel. Na Espanha, contou-se com a colaboração da Universidade Complutense de Madrid, da Agencia Madrileña de Atención Social (AMAS), do Centro de Mayores Los Cármenes e da ONG Solidarios para el

Desarrollo. A coleta e tratamento dos dados espanhóis foram realizados por uma das autoras, fluente na língua. As ilustrações buscam explicitar os componentes simbólicos da construção da aparência.

Aparência por ocasião: a performance no público e no privado

Em ambas culturas, diariamente, as investigadas procuravam preparar suas aparências em acordo com o tipo de envolvimento e tarefas diárias: ir ao banco, ao mercado, buscar uma encomenda, ir ao núcleo de convivência, a uma consulta, a uma festa, entre outras ocasiões relativamente frequentes. Para tanto, depois de acordar, iniciavam seus rituais diários de cuidados com o que consideravam beleza, como lavar o rosto só com água, não usando sabonetes ou outros cosméticos – algumas diziam ser receita simples e antiga da mãe ou avó para ter a pele boa. Havia higiene bucal e, em alguns casos, também da prótese dentária. Algumas tinham o costume de tomar banho pela manhã e, no contexto do inverno espanhol, se banhavam dia sim, dia não, para fins de conservação da hidratação da cutis. Porém, nesses períodos, não deixavam de higienizar as partes íntimas e axilas todos os dias, evitando o que acreditavam ser maus odores.

Antes ou depois de tomar o café da manhã, procuravam escolher e separar as peças que iam vestir. Parte das investigadas disse considerar, além da agenda do dia, o humor com o qual despertavam. Nesse sentido, quando se sentiam tristes, por exemplo, optavam por combinações bem simples, com poucos acessórios e cores neutras ou escuras. Estando mais alegres, almejavam vestir roupas mais coloridas, alguma estampa, passar um batom ou mesmo blush, para dar um ar de saúde e contentamento.

Por outro lado, havia também as que gostavam de deixar o look separado com um dia de antecedência – algumas planejam por dois dias ou uma semana antes. Afinal, era preciso lavar, passar, verificar se não era necessário fazer algum reparo nas peças. Ou ainda, saber se tinha o que precisava, se não estava contando com algo que foi doado ou não servia mais. Às vezes, segundo elas, era melhor experimentar tudo antes e checar a adequação da combinação.

Em seu acervo pessoal, as participantes vinham buscando ter itens suficientes para usar nas distintas ocasiões de sua vida social, lembrando que em alguns eventos mais especiais, como casamentos, confraternizações ou formaturas, aprenderam que não é bom repetir roupa. Assim, tinham um pouco de cada categoria de itens que poderiam

necessitar: sapato para o dia a dia, de caminhar, de fazer ginástica, de sair para um lugar próximo, para de vez em quando em uma festa mais chique, sem faltar algum para ficar em casa. As roupas também eram orientadas pelas mesmas ocasiões, além de haver as fresquinhas para o calor, as pesadas de inverno, outras de meia-estação. Há algumas que distribuía seus itens por locais: uma parte para quando visitasse a família, uma para ir ao núcleo de convivência, outra para a igreja e assim por diante.

Independentemente da estratégia de composição do acervo, as investigadas falavam com frequência das exigências físicas que precisavam considerar ao preparar uma combinação, como carregar algo pesado ou caminhar bastante. Além disso, também buscavam demonstrar através da aparência consideração, respeito e dignidade. Em outras palavras, não fazer feio na frente dos outros e dizer a que veio. Como dito por uma das espanholas, que aprendeu em casa como se apresentar publicamente, quando indagada sobre a aparência ser importante:

“Muitíssimo, muitíssimo. Você vai em um lugar. Pode ter muito dinheiro. Está mal e logo entra onde tem que entrar. Está bem e tem as portas abertas. E logo quando tem que falar com alguém, nunca diga: “escuta, posso falar...” (tom de voz mais baixo, sem ânimo). “Bom dia, vim falar com o gerente do banco” (mais alegre). Como já entrando e dizendo: “estou aqui”. Porque se a sua conta tem dez e esse senhor tem milhões, você é o mesmo que esse senhor[...]. Vou diretamente ao que tenho que ir. Com educação, bom, o que seja. Logo me ocorre uma coisa: eu não tenho uma cultura, porque eu fui muito pouco à escola. Nem terminei os estudos. Mas, sim, tenho educação, [...] porque minha educação me foi dada em casa.”²

Conforme Scalco e Pinheiro-Machado (2010), notou-se que entre as classes mais baixas, discriminadas especialmente por sua condição financeira restrita, vestir-se bem é muito importante para minimizar preconceitos e alcançar o mesmo respeito dado a grupos entendidos como superiores. O estudo do Serviço de Proteção ao Crédito e da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (2016), sobre significados da beleza e

² Todos os trechos literais provenientes das participantes espanholas foram traduzidos livremente por uma das autoras, fluente em espanhol.

motivos para investimento na aparência, indicou que, entre as pessoas investigadas, as de menor renda eram as que mais se preocupavam com seu modo de vestir e se apresentar.

Em suma, orbitando a relevância da ocasião na constelação interdependente (Elias, 1994) da construção da aparência das investigadas de ambos os países, encontrou-se o humor, o clima, o local e a capacidade funcional. No entanto, em geral, antes mesmo das funções e envolvimento a ser desempenhado, importava mais às participantes incorporar a suas aparências os valores de decência, naturalidade e feminilidade, os quais foram aprendidos ao longo da vida, especialmente com seus familiares na infância. Esses que a maioria tinha deixado curto (Painel 1), no máximo médio comprimento. As unhas das mãos costumavam ser feitas, toda semana, por muitas delas (Painel 2). Já a dos pés

Para estarem sempre preparadas e alinhadas com os preceitos pessoais, eram feitas visitas regulares a cabeleireiros e manicures, sendo que algumas profissionais atendem também em domicílio. Procuravam ir uma vez ao mês no salão de beleza aparar o cabelo, que a maioria tinha deixado curto (Painel 1), no máximo em médio comprimento.

Painel 1. Algumas das participantes adeptas do cabelo curto e branco



Fonte: Andrea Lopes, 2016

As unhas das mãos costumavam ser feitas, toda semana, por muitas delas (Painel 2). Já a dos pés tendiam a esperar até uma quinzena. Havia também as que não usavam esmaltes, por parecer uma rotina trabalhosa ou um trato que prejudica outras atividades mais significativas, como cozinhar ou amassar uma massa de pão para distribuir depois a amigos e familiares

Painel 2. Mãos de participantes que usavam e que não usavam esmalte com frequência



Fonte: Patrícia Yokomizo e Andrea Lopes, 2016

As que eram consumidoras assíduas de tais serviços de beleza, além da preocupação com o trato de mãos e cabelos, também demonstraram ter vínculo afetivo com os profissionais. Esses eram cabeleireiros oficiais de anos de atendimento e manicures amigas com quem falavam da vida enquanto pintavam as unhas. A fidelidade e reciprocidade marcaram o envolvimento. Uma das investigadas disse levar bolos e outros quitutes ao rapaz que cortava seu cabelo, o qual vinha da mesma cidade que ela e adorava receber os mimos. Outra participante disse que era tão próxima de sua manicure que, quando estava apertada com o dinheiro, ganhava desconto no tratamento ou pagava somente o que podia sem nenhum problema.

Dessa forma, notou-se que o contato e relação estabelecida com outras pessoas, sejam profissionais, familiares ou amigos, nas diferentes ocasiões em que transitam e se envolvem, eram narrados como motivação para continuar cuidando da própria aparência

e vice-versa. As participantes demonstraram contentamento em visitar não apenas cabeleireiros e manicures, mas também seus filhos, netos, irmãos, amigos do núcleo de convivência e outros, para os quais se preparavam, configurando-os como os eventos mais importantes e significativos de suas rotinas.

Algumas disseram usar de sua aparência para mostrar às pessoas com as quais se relacionavam, especialmente familiares e profissionais dos núcleos de convivência, que estavam bem, embora nem sempre fosse verdade. Relataram que receavam passar uma aparência de decadência e negatividade, fazendo com que filhos, amigos e outros se afastassem.

Uma das espanholas comentou que era constantemente cobrada pela filha quanto a apresentar-se bem e demonstrar positividade, para não parecer algo como uma velha presa a lembranças ruins do passado, como explicou a investigada. Outra participante brasileira disse, nesse sentido, que tinha muita cautela em seus comportamentos quando ia à casa dos filhos, então financeiramente superiores a ela, preferindo que eles a visitassem:

“Eu tenho um defeito comigo: dizem que o velho cheira mal. Todo o mundo fala. Dizem. Pelo menos é o que eu vejo falar. Dizem que tem velho que cheira mal. Que entra no banheiro, cheira mal. E eu, não que eu me enquadrado nisso, porque, graças a Deus, eu sei que eu não sou essa, mas eu tenho medo de ter problema de urina. Você sabe, você estuda, sabe como é. Então, eu tenho medo que alguém fale que eu... que eu vou no banheiro e ficou com cheiro ruim. Então, eu não vou na casa de gente superior a mim. Nem na casa dos meus filhos. eu me sinto bem [...]. Muito chique, como é a casa dele (filho). Dessa outra minha filha que mora no Butantã, um apartamento chique. Então, eu não vou. Falo: ‘Vocês querem vir? Vocês venham aqui me ver’. Eu lá não vou.”.

Mesmo não se colocando à vontade para determinadas ocasiões, vistas como fora de seus contextos socioeconômicos, as idosas demonstraram viver bem com a própria condição, não querendo através da aparência, fomentar o desejo de estabelecer-se para além do que eram. Sendo colocadas ou não como *outsiders* por outros agentes sociais de seus círculos relacionais, tinham clareza do que as interessava e sobre como escolhiam

apresentar-se socialmente. Esse senso de autonomia ficou marcado e evidente ao longo de toda a pesquisa.

A própria casa, por exemplo, era vista pela maioria das investigadas como o lugar em que dispunham de maior conforto e privacidade. Como boa parte morava sozinha, esse espaço era considerado como um local em que a preocupação com a aparência podia ser menor. Mesmo as que ainda moravam com marido ou filhos, entendiam que a intimidade com esses companheiros possibilitava estar mais à vontade quanto a seu visual caseiro. Tal fato se relaciona ao descrito por Young, Gabriel e Schlager (2014), os quais colocam que o grau de intimidade nas relações pode influenciar a maneira como a aparência é preparada e avaliada.

Aparência e intimidade no ambiente privado: as roupas de ficar em casa

A aparência dita de ficar em casa costumava ser composta por uma roupa mais velha ou que se entendia imprópria para a rua ou em presença de alguma visita. As espanholas, no entanto, demonstraram que seus trajes domésticos eram peças que ainda tinham certa qualidade. Não estavam furadas, descosturadas ou remendadas, talvez somente estivessem um pouco desbotadas ou já muito usadas.

A exemplo, uma delas comentou sobre a roupa que estava usando em um dia de entrevista em sua residência: *“Bom, este suéter, antes eu usava para a rua, mas já tem tempo. Não está velho, mas, vamos, já não está. Este é para casa”*. Em explicação sobre a classificação das peças que usava como próprias para casa, disse: *“Olha, não sei. Não é que essa roupa que uso em casa esteja suja, mas não está adequada, sob meu ponto de vista, para sair à rua”*.

Em geral, as investigadas da Espanha procuravam não se vestir com o que lhes parecia feio ou desajeitado mesmo em seu lar. Entendiam que em casa era permitido arrumar-se de modo mais simples que para sair, mas não por isso deviam desarrumar-se. Afinal, como dito por uma delas, era essencial cuidar-se todos os dias, pois *“o corpo nota (os cuidados) como se fosse uma planta”*.

As brasileiras, por outro lado, não demonstraram muita preocupação com a questão, usando em geral pijamas, peças sem necessariamente estabelecer uma combinação ou significado, algo que não tinham pena de estragar, se fosse preciso. Para elas, a roupa de casa estava mais relacionada às funções de conforto, mobilidade para o

bom desempenho das tarefas do lar, estar aquecida e bem-abrigada ou, simplesmente, poder transpirar melhor. *“Porque às vezes a gente está com calor em casa, fica à vontade”*, como disse uma participante. Consideravam, assim, que combinações esteticamente harmoniosas não eram essenciais no ambiente privado.

Nesse sentido, algumas brasileiras ainda revelaram usar em casa peças que, às vezes, se contrapunham a suas ideias de decência e moralidade, uma vez que se encontram em ambiente privado: *“para você andar em casa, assim, essas camisetinhas (mais decotadas e de alcinha) não tem problema. Agora para ir para rua, assim, eu não aceito. Não, não gosto”*. No entanto, outra participante comentou a cobrança que recebe constantemente da filha em relação a sua aparência no âmbito doméstico: *“A senhora não tem outra roupa? Falei: ‘não interessa, eu quero essa... (Os filhos) comentam! Me xingam porque eu não uso (outras roupas melhores que disse possuir). Dentro de casa, tem dia que eu passo o dia todo de pijama”*.

Uma quase nonagenária brasileira, ao final de uma entrevista em sua casa, marcou sua frustração por não estar vestida com roupas que fossem mais adequadas, uma vez que considerou a pesquisa como algo muito importante. Mesmo assim, mostrou-se à vontade para posar em uma subseqüente sessão de fotos da mesma maneira que se apresentou desde o começo do encontro.

Em síntese, apesar da diferença quanto à composição da aparência no ambiente privado, tanto brasileiras quanto espanholas possuíam o costume de reservar as melhores peças e cuidados para sair de casa. Percebeu-se que, no contexto da vida pública, as participantes se preocupavam mais com suas aparências, pois esta era vista como importante para manutenção de seu envolvimento social e pertencimento aos grupos e espaços que frequentavam, algo pelo que prezavam muito.

Aparência para o público: as roupas de sair

A partir da menor preocupação em arrumar-se para o ambiente privado, notou-se que um dos principais motivos para o investimento na aparência para ambos os grupos era o sair de casa, independentemente da ocasião envolvida e do respectivo tipo de cuidado empreendido. Fora do ambiente doméstico, as investigadas utilizavam de seu aspecto pessoal para estar atrativas ou, no mínimo, respeitáveis a qualquer pessoa que viessem a encontrar, conhecida ou desconhecida. O receio, como aprendido por algumas

das espanholas: *“quando jovem, (arrumar-se), para agradar. E quando velha, para não assustar”*.

Assim, quando necessitavam sair e decidir sobre um sapato ou blusa, além de considerar, por exemplo, questões como o clima ou meio de transporte que seria utilizado, planejavam como iam lidar com diferentes públicos e situações, quase como uma corrida de obstáculos. No entanto, o cuidado para *“não assustar”*, por vezes, era tão exitoso que gerava, segundo algumas viúvas, um problema: paqueras.

De forma geral, todas as participantes que eram ou foram casadas utilizavam diariamente a aliança de casamento, como sinal de respeito e eterno compromisso com o marido. Porém, as viúvas, que não planejam casar-se novamente ou ter qualquer outro tipo de relação amorosa, disseram que também seguiam usando a aliança como escudo de cantadas e insinuações, que outrora foram recebidas de companheiros de trabalho, passageiros no ônibus e colegas do núcleo de convivência. Uma brasileira narrou, inclusive, que além de usar o anel de casamento, deixou de vestir calça *jeans* por um episódio desconcertante:

“É, ela (calça jeans) tem uns bolsos, uns bordados. Bem no dia que eu vesti ela, um cara ficou me enchendo o saco no ônibus. Eu não vesti mais ela. É, foi assim: eu entrei aqui, na praça, né? Aí, eu entrei, ele falou: ‘Senta aqui’. Eu falei: ‘não senhor, eu vou sentar lá atrás’. Sabe o que que ele fez? (Risos). Levantou e ficou em pé, lá na frente, olhando para mim. Aí, quando chegou lá onde eu desço, ele veio na porta. Eu falei: ‘Dá licença, que eu vou descer’. Aí, não sei o que que ele falou... Eu falei... ‘Ah, antes de eu passar, ele falou: ‘Ai’. Eu falei: ‘Tá cansado, tio?’. Ele falou: ‘Não, eu tenho é 30 anos em cada perna. Quer casar comigo?’ Eu falei: ‘Cai fora! Me respeita, rapaz!’ Mas o motorista deu tanta risada... E eu desci do ônibus e fui embora. Olha só. Estava com essa calça. Está lá, novinha, lá no guarda-roupa. Acho que agora eu vou levar para a viagem. Se eu cismar, eu visto.”

Tanto as brasileiras como as espanholas pensavam que, para uma senhora de 80 e poucos anos, um comportamento envolvendo sedução não caía bem. Dessa forma, procuravam alcançar através de sua aparência a respeitabilidade que desejavam, segundo os princípios morais aprendidos na infância, como o de que o casamento é sagrado e para

toda a vida e que uma mulher casada não deve se insinuar a outros homens, que não o marido. O valor em torno da noção de recato vinha permanecendo como guia por toda a vida.

Por outro lado, no caso das poucas participantes solteiras, estas também não buscavam valer-se de sua aparência para conseguir parceiros. Segundo elas, por desilusões anteriores, ou porque não combina com a idade avançada. Porém, tanto casadas, viúvas e solteiras não deixavam de expressar certa satisfação ao receberem elogios ou atenção de diferentes pessoas nas ruas, que não tinham medo em dividir um banquinho na praça e puxar conversa com elas. Nesse sentido, uma espanhola confessou se arrumar quando saía para caminhar sozinha, pensando em arranjar uma companhia para o percurso, alguém que iniciasse um papo com ela, a qual disse ser tímida.

Algumas investigadas acreditavam que era mais difícil engajar-se na velhice, pois além de familiares – e às vezes nem todos – os amigos que ficavam eram poucos: uns por falecimento, alguns por mudança de endereço, outros por enfermidades crônicas que os afastaram da vida social. Ou, ainda, por não estarem de acordo com o modo como os colegas encaram a velhice, modo este mais próximo do modelo de eterna juventude e terceira idade, como descreve Debert (2004).

No contexto da aparência, uma das espanholas comentou que perdeu amizades depois que começou a usar bengala. Disse que as amigas a repreendiam como se estivesse entregando-se a algo ruim. Viam o suporte como um símbolo pejorativo e, portanto, ficavam constrangidas em sua companhia. Assim, passaram a não convidá-la mais para cafés, caminhadas e outros passeios que realizavam regularmente, segundo o dito estilo *callejero* de Madrid.

O termo *callejero* é usado em Madrid para descrever as pessoas que gostam de estar na rua a comer e beber algo em boa companhia, passando o dito *buen rato*, traduzido por momento agradável. Em diversos estabelecimentos, como bares e restaurantes, notou-se que boa parte não tende à segmentação etária, como costuma ser feito em guias de lazer. Assim, abriga-se ao mesmo tempo um grupo de jovens universitários e casais idosos que saem para tomar uma cerveja, por exemplo. Em conversa com pessoas locais e especialistas, constatou-se que, realmente, em Madrid a privação desses espaços a certos grupos não costuma acontecer. Em outras palavras, um velho que entre em um bar repleto de jovens não é motivo de choque ou foco de atenção, segundo os informantes.

Entretanto, em saídas com a participante repreendida pelo uso da bengala, percebeu-se que, na verdade, existe certa segmentação. Era nos bairros que concentram mais idosos que se encontravam os lugares para comer e beber entre variadas gerações. Os idosos *callejeros*, em geral, não usavam bengalas e outros aparatos que dificultam o acesso a tais locais ou prejudicam sua imagem, uma vez que vistos com prejuízo. A investigada que usava bengala disse, inclusive, não ir mais a certos estabelecimentos em razão da má acessibilidade, o que lhe gerava constrangimentos.

Nesse contexto, Pin e Spini (2016) ressaltam a importância de proporcionar integração social, principalmente, entre idosos longevos. Estes, segundo os autores, tendem a não conseguir realizar certas atividades sociais em razão de suas limitações funcionais, o que ocasiona um alto risco de isolamento. Ainda de acordo com os pesquisadores, o envolvimento social reduz significativamente os problemas relacionados ao sentimento de solidão, como a depressão e o suicídio.

Uma das idosas espanholas que detém de certa dificuldade para andar disse que, ainda assim, se esforçava para sair de casa regularmente, indo à rua para caminhar, observar pessoas, encontrar amigos e vizinhos. Nos passeios, levava em seu andador documentos e itens para a aparência, como xale, tiara e protetor de ouvido, conforme demonstra a Figura 1, a seguir.

Figura 1. Cesto, que funciona como uma espécie de bolsa, incorporado ao andador de uma das participantes espanholas



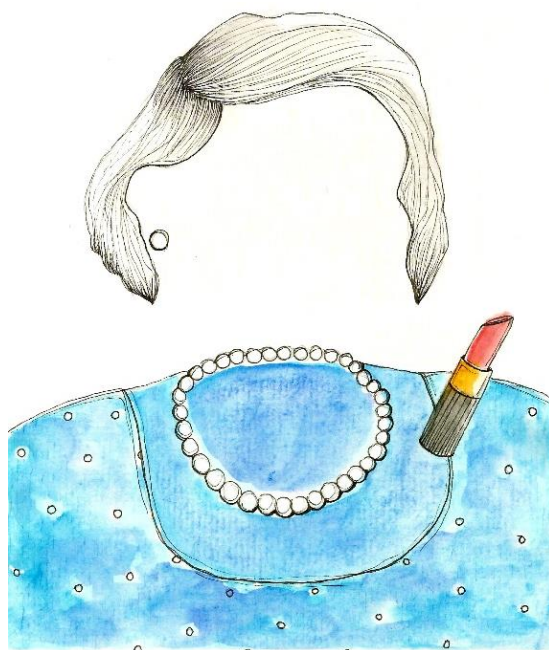
Fonte: Patrícia Yokomizo, 2016

Os locais de melhor acesso e que, conseqüentemente, vinham a ser mais frequentados pelas participantes dos dois países, eram as igrejas, os núcleos de convivência para idosos, médicos e hospitais, além da casa de parentes ou eventos. Esses espaços configuravam, então, as estruturas, não apenas físicas, mas também afetivas e simbólicas, mais preparadas para acolhimento do idoso, de acordo com as participantes.

A religião, mais do que detentora do papel de guia espiritual, era um meio para engajar-se significativamente com pessoas da mesma fé, as quais também tendiam a ter opiniões semelhantes. Nesses espaços, vigoravam regras de vestimenta e comportamento instruídos por padres, pastores e outros líderes para a participação nos centros religiosos. Foi possível visitar algumas entidades e grupos frequentados pelas participantes dos dois países.

Entre as espanholas, majoritariamente católicas, existia a roupa de missa, sempre mais especial que a da semana. Após ida a algumas igrejas católicas de distintos bairros de Madrid, notou-se que a maior parte de seus fiéis eram idosos e que estes vestiam trajes como casacos de visom e ternos, além de penteados estruturados. Segundo umas das participantes do local, o melhor que podiam fazer com sua aparência. Uma outra disse estrear roupa nova todo o ano na missa de Ramos, evento muito importante do catolicismo, como forma de demonstrar seu respeito e apreço pela ocasião – e, ainda, não destoar das demais senhoras, que iam tão arrumadas quanto (Ilustração 1).

Ilustração 1. Pérolas e batom para um dia especial



Fonte: Patrícia Yokomizo, 2017

Na Espanha, participou-se ainda de um evento de uma comunidade católica organizado por um grupo de mulheres idosas, por convite de uma das investigadas. No dia, não foram realizados rituais da crença, mas apresentações de teatro, coral e poesia elaborados pelas frequentadoras. A participante que fez o convite explicou que esse grupo se dedicava a unir e entreter as mulheres idosas da igreja, a qual sedia o espaço para que fizessem suas reuniões e atividades com fins de gerar envolvimento e vínculo. O grupo contava com cerca de 80 mulheres e realizava encontros semanais. No dia do evento, que se tratava de uma confraternização de final de ano, encontravam-se senhoras penteadas, usando maquiagem e algumas com um pouco de salto nos sapatos. Ainda, casacos de visom, joias, perfume e muita alegria com a comemoração de mais um ano juntas.

Em complemento, no cenário da igreja, agora no Brasil, uma das participantes contou sobre os cuidados que realizava em sua aparência, seguindo igualmente orientações de padres e outros líderes religiosos quanto à participação em uma irmandade de mulheres, da qual ela tinha muito orgulho de fazer parte:

Falei: `não, eu vou mandar fazer outra blusa` (para ir à igreja). Aí eu fui lá na Santo Antônio (loja de tecidos de seu bairro) e mostrei para o moço, levei a blusa, falei: `olha, a mulher (costureira que faz as roupas da irmandade da igreja) falou que comprou esse pano aqui para fazer a blusa e está amarelo. E eu não quero se for esse pano assim`. Ele falou: `não, aqui ela não comprou, porque a gente não vende esse pano, essa qualidade de pano. Nós vendemos esse daqui. Esse não amarela. Então, ela não comprou aqui`. Aí eu comprei o pano e dei para ela (costureira) fazer. Mandei fazer duas. Porque às vezes tem qualquer coisa, né? Quem, agora tem finados. Vai ter (evento da igreja) ali agora no cemitério. Sempre vou e ainda faço coleta, dou os folhetos. É, eu adoro fazer, sabe? Eu gosto mesmo, de coração.

A mesma participante comentou, ainda, sobre mudanças feitas em seu acervo por conta do vestuário padronizado do referido grupo religioso:

“Agora esses (sapatos) de saltinho assim eu não uso não. Dei tudo embora. (Eu) tinha seis desses. Porque eu comecei na igreja, né?, tinha

que ser sapato preto de meio saltinho. Então, agora eu não posso usar daquele. Aí eu dei embora. Estava novo, novo.”

Uma outra brasileira, adepta da Testemunha de Jeová, disse que encomendava roupas na costureira especialmente para os dias e eventos da comunidade. Em entrevista, relatou que estava planejando o *look* para uma reunião que estava próxima:

“Agora, domingo nós temos a reunião. Eu estava pensando: eu vou pôr uma saia cinza, marrom, com uma blusa estampadinha. Uma estampa miudinha assim, bem bonita, que eu ganhei a blusa. Ganhei os panos. Vou pôr.”

Ainda no contexto da religião, o Painel 3 apresenta alguns símbolos do catolicismo usados por participantes do Brasil em colares.

Painel 3. Colares religiosos utilizados por participantes católicas



Fonte: Andrea Lopes, 2016

Ademais das igrejas, outros espaços que se mostraram muito significativos às participantes dos dois países foram os núcleos de convivência para idosos (NCI). Majoritariamente, as investigadas passaram a frequentar esses centros depois de algum episódio de perda de um ente querido, em especial o marido, ou por depressão e sentimento de solidão. Notou-se que, com o tempo, os NCIs se tornaram uma espécie de segunda família para essas mulheres, que foram acolhidas com muito carinho e respeito por outros frequentadores, os quais pertencem à mesma geração ou gerações próximas e

compartilham experiências semelhantes, ainda com profissionais especializados no público idoso.

A partir das atividades organizadas pelos NCIs, as participantes passaram a realizar novos investimentos em termos de aparência. Eram roupas esportivas para fazer ginástica, fantasias para eventos temáticos, trajes para confraternizações especiais de fim de ano ou outro do tipo, além de no dia a dia se prepararem para irem bem-arrumadas aos grupos de que participavam. Nesse sentido, uma das brasileiras relatou que estava há alguns dias ausente do NCI, porque não tinha pintado a raiz branca do cabelo e não queria que as colegas a vissem desse jeito, como se fosse um sinal de desleixo ou desânimo:

“Eu não fui no projeto (NCI) porque não tive tempo de arrumar o cabelo, porque eu fui operada tem 15 dias. Eu fui operada deste olho, de catarata. E eu não tenho saído, sabe? Por causa disso. Aí eu falei: ‘terça-feira eu vou, porque eu não aguento ficar mais longe. Vou lá buscar trabalho’. Eu faço tricô, crochê, bordado.”

Entre as frequentadoras dos núcleos de convivência existiam observações, cobranças e apoio com relação ao cuidado e construção da aparência. Nesse sentido, Feltrin e Velho (2016) apontam que o convívio com pessoas de mesma idade pode contribuir para a abertura no compartilhamento de experiências e informações. Estas, às vezes não são compartilhadas com pessoas de outras faixas etárias e gerações, familiares ou profissionais, os quais tendem a ter trajetórias e visões de vida distantes de sua realidade.

Uma das espanholas, que começou a participar do Centro de Los Cármenes, Madrid, depois da morte do marido, disse que foram suas amigas do grupo que a ajudaram e incentivaram a usar roupas mais alegres como forma de aos poucos superar a perda – algo que já tinha sido vivido por algumas. Assim, essas teias relacionais também utilizavam dos investimentos na aparência como forma de enfrentamento e apoio mútuo. Por essa razão, ela comentou:

“E faz muito tempo que venho (ao grupo de leitores do NCI a que frequentava). Além disso, olha, sabe que passam lista. Digo: ‘não faltei nenhum dia’. E dizem: ‘Você nunca fica doente?’ E eu: “Não, eu não”.

É que se tenho que ir à enfermeira, para controle da pressão e tudo isso, digo: 'não, na sexta-feira (dia do grupo) não posso. Marque em outro dia'.

Os NCI constituem, ainda, um lugar em que encontravam mulheres da mesma idade e geração para se inspirar quanto à aparência (Painel 4), tendo em vista que adotam o critério etário em suas composições. Muitas afirmaram que reparavam no que as demais vestiam e, quando se tratava de amigas, pediam e davam dicas. Perguntavam onde uma comprou o tênis que é bom para a aula de ginástica, indicado pelo professor, ou sobre a modelagem que ficaria bem para seu tipo de corpo. Passavam, então, a não apenas conviver, mas a ser educadas por pares etários, com os quais apontaram ter mais empatia e intimidade.

Painel 4. Espanholas, frequentadoras do mesmo NCI, que tinham em comum o uso de lenço no pescoço



Fonte: Patrícia Yokomizo, 2016

No Brasil e na Espanha, inclusive, muitas participantes disseram estar mais à vontade para ser e falar de si mesmas nesses espaços que dentre sua própria família consanguínea. Explicaram que os parentes, mais jovens e distantes do contexto da velhice, especialmente avançada, por vezes não ofereciam a mesma atenção recebida pelos amigos e profissionais dos centros de convivência para idosos.

Ainda assim, a família configurava um núcleo importante da vida das investigadas. Muitas afirmaram que seus familiares eram o que tinham de mais precioso na vida. Era com eles que procuravam organizar almoços, festas de aniversário, uma ida a suas casas ao longo da semana ou mesmo chamadas telefônicas regulares. Era também através deles que dispunham de outras oportunidades de socialização e envolvimento público e coletivo, como casamentos, batizados, bodas, formaturas e demais marcos relevantes para filhos, netos, bisnetos, sobrinhos, afilhados, etc. A Ilustração 2 representa alguns dos trajes e combinações elaboradas pelas participantes para dias entendidos como especiais.

Ilustração 2. Roupas de festa



Fonte: Patrícia Yokomizo, 2017

Dessa forma, os acervos da aparência das participantes estavam muito envolvidos também com sua vida familiar. Nesse sentido, disseram caprichar no visual quando iam encontrar parentes, que costumavam reparar em seus *looks*, inclusive como fonte de informação para saber como elas estavam.

De acordo com as investigadas, principalmente os filhos, estes observavam seu aspecto para notar o ânimo, disposição, vontade de se arrumar, de estar bonita, fatores que acusariam o nível de bem-estar, autoestima, alegria e positividade. Essas são características que os familiares buscavam perceber para inspirar-se em termos de modelo de velhice e ter menos preocupações com suas mães, avós ou bisavós.

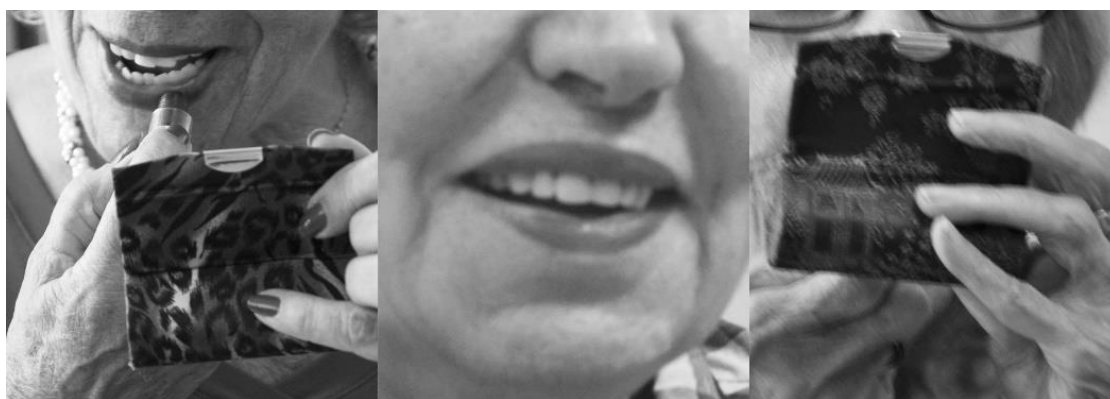
Nessa lógica relacional, as participantes procuravam, então, apresentar-se bem nos eventos da família, como forma de manter seus parentes tranquilos e seu papel de referência de boa velhice. Assim, mesmo quando se encontravam abaladas por alguma dificuldade, tentavam disfarçá-la, valendo-se de códigos de aparência mutuamente acordados, como uma aparência considerada bem-arrumada, não deixando pistas para preocupar os filhos – embora nem sempre o trato funcionasse, por ser difícil manipular a voz ou expressões que acusavam que não estava muito bem.

Em eventos especiais da família, como um casamento, planejavam meticulosamente cada detalhe de seu visual, sempre mais caprichado que o habitual, mas sem deixar de lado as ideias de decência, naturalidade e feminilidade, herdadas e construídas desde a infância. Nesses dias, se permitiam usar um pouco mais de maquiagem; colocar um colar e brinco mais vistosos ou joias; um sapato com algum salto; fazer um penteado diferente ou qualquer outro procedimento que demonstrasse sua consideração ao elaborar uma aparência que fugia um pouco de seu modelo convencional cotidiano.

Porém, as investigadas procuravam também manter parte de seu estilo nessas ocasiões. Por vezes, usavam o mesmo tipo de conjunto de blusa e calça vestidos cotidianamente, mas adaptados com tecidos mais finos e acessórios mais caprichados, exemplo compartilhado por uma das brasileiras. Havia as que mandavam fazer roupas em costureiras, com uma ideia especial tirada de uma revista de moldes, de uma celebridade ou da própria cabeça mediante seu repertório e concepção de moda. Também havia as que compravam roupas e acessórios novos. Porém, nesse caso, como se tratava de itens exclusivos para determinado evento, uma vez que entendiam e concordavam que nessas situações não ficava bem repetir *look*, esses itens deviam ser elegantes, mas não absurdamente caros. Ou seja, precisavam se alinhar a suas condições financeiras e não comprometer seu orçamento mensal.

Em geral, notou-se que eram os eventos públicos envolvendo a família, a igreja e os núcleos de convivência para idosos que conferiam às participantes oportunidades significativas de envolvimento, visibilidade, legitimação e vinculação. Nessas ocasiões, eram estabelecidas relações de ensino e aprendizagem informal que orientavam a manutenção de vínculos sociais e um rol de significados estruturantes. Era a partir dessas pessoas que as senhoras haviam obtido sentido para investir e construir a própria aparência na velhice, além de dispor de motivos para exercitar a imaginação e gosto por se arrumar (Painel 5). Houve muitas que disseram ter prazer em cuidar da aparência e se preparar para diferentes compromissos.

Painel 5. Participantes do Brasil e da Espanha fazendo uso espontâneo de batom para sessão fotográfica da pesquisa



Fonte: Patrícia Yokomizo e Andrea Lopes, 2016

Nesse sentido, uma das brasileiras comentou sobre seu preparo para eventos da comunidade religiosa a que frequenta: *“Eu gosto de me vestir bem. Quando eu vou para reunião (da igreja), eu ponho saia, blusa bonita. Gosto de me vestir bem. Gosto de me maquiar”*. Acrescentou, ainda, que por vezes recebe críticas negativas em relação a sua vaidade: *“tem gente que diz que eu gosto de me aparecer. Eu digo que é ciúme. É. ‘Você gosta de se aparecer’. Eu falo: ‘e daí?’”*.

Apesar das oportunidades mencionadas de engajamento social e da função prazerosa que investir no trato da aparência desempenhava, no entanto, percebeu-se que às vezes faltavam convites, o que soava como um lamento por parte de muitas delas. Nem sempre havia casamentos, formaturas, batizados etc. Da mesma forma, nem sempre havia convite para estar com familiares e amigos fora da casa de parentes, NCI e igrejas.

Algumas comentaram o desejo de frequentar mais teatros, cinemas, cafés e demais atrações ainda incomuns em suas rotinas por falta de companhia disposta a ir com elas para outros lugares. Em outras palavras, existia uma expectativa e desejo por viver outros espaços que não os religiosos, familiares ou voltados exclusivamente ao público idoso. Exercitar menos do que queriam a construção da aparência era um dos prejuízos.

Parte das investigadas disseram que faziam mais investimentos na aparência quando eram mais jovens e tinham mais lugares para frequentar. Recebiam mais convites porque, especialmente sua condição física, era diferente: detinham de maior mobilidade.

A falta de lugares adequados para receber idosos com capacidade funcional mais reduzida, seja por sua estrutura ou atração oferecida, também havia limitado algumas participantes. Percebeu-se, então, que, quanto mais diversificadas as oportunidades de engajamento social, também mais diversificado era o guarda-roupa. Nesse sentido, a Figura 2 mostra um traje de dança do ventre de uma das idosas brasileiras. Segundo ela, tais vestes, que exibiu com orgulho, eram muito diferentes de suas roupas do dia a dia, porém, feitas e utilizadas especialmente para participar de apresentações de dança do NCI a que frequentava. A oportunidade em vestir tal peça considerada inusitada, nunca antes imaginada, mostrou-se motivadora do engajamento em outras ações do núcleo.

Figura 2. Participante brasileira com um traje que utilizava em eventos de dança do NCI a que frequentava



Fonte: Patrícia Yokomizo, 2015

No caso das solteiras, notou-se que estas detinham menor vínculo com a família do que as que foram casadas e mães. Demonstraram maior afetividade por amigos e profissionais dos NCI a que frequentavam, dispendo de menos oportunidades de envolvimento no contexto familiar. Foi possível conviver semanalmente com uma dessas participantes espanholas e notar transformações e maior entusiasmo com a aparência mediante convites da pesquisadora para cafés, almoços, caminhadas, cinema e outras atrações.

A partir das diversas visitas e programas realizados, movimentou-se parte de seu acervo especial, como casaco e luvas de couro preto, retomados depois de muito tempo para uma ida a um cinema no centro de Madrid. Também foi resgatado um casaco roxo comprido de tecido e corte nobres para um almoço de aniversário. Viu-se ainda surgir a vontade de passar *blush* no rosto para ter uma feição considerada mais alegre e o uso da única calça *jeans* que tinha, guardada e não estreada por anos, que, depois de ter sido notada e elogiada pela pesquisadora, se tornou frequente seu uso. O de um casaco de visom na ida ao cinema foi o ápice do reencontro com o acervo subutilizado.

A partir do exposto e vivenciado com as investigadas, percebeu-se, em síntese, que o envolvimento social constituía sentidos e motivações para construção da aparência, bem como esta era utilizada para manter vínculos estabelecidos ou conquistar novos. As informações sobre como compor o aspecto pessoal para o engajamento social, no caso, eram inferidas através do contato com familiares, líderes religiosos, profissionais dedicados ao público idoso e servidores do setor de beleza, seus principais relacionamentos. Ao mesmo tempo, elas emanavam modelos de velhice a seus pares e pessoas de outros segmentos etários, os quais se orgulhavam, intensificando o fluxo dos significados em torno da troca interdependente presente na relação aparência e engajamento social.

De modo geral, o ambiente público se mostrou mais relevante ao trato da aparência, uma vez que havia maior exposição, mais observadores, regras de conduta, diálogo, possibilidades de envolvimento, expectativas, punições e organização de novos papéis e experiências de vida. Engajar-se mostrou-se central às participantes das duas culturas em questão, que, ao longo de anos, vinham procurando conferir mudanças e adaptações a suas vidas por meio do estabelecimento de relações significativas, igualmente em idades avançadas. Em uma lógica de dupla mão, a aparência vinha sendo utilizada como ferramenta de acesso, permanência e sentido.

Considerações finais

Ambos os grupos apresentaram mais semelhanças do que diferenças quanto ao foco da pesquisa. Em primeiro lugar, observou-se que as participantes costumavam organizar suas aparências de acordo com ocasiões provenientes de dois tipos de ambientes: o público e o privado.

Em relação à vida pública, âmbito de maior preocupação com a aparência, constatou-se que as principais oportunidades de engajamento fora do lar e de *performance* da aparência se concentravam nos ambientes familiares – rede de maior importância segundo as investigadas – e também nas instituições religiosas e núcleos de convivência para idosos. Estes últimos, ainda, foram considerados pelas participantes de ambos os países como uma espécie de segunda família. Eram entendidos como espaços de inspiração para a aparência e de maior liberdade de expressão, uma vez que constituídos por pares da mesma geração e especialistas no público idoso. Os investimentos na aparência funcionavam como um mecanismo dinâmico de retroalimentação e fortalecimento dos vínculos da própria rede.

Em relação aos significados da aparência, notou-se que estes também se dividiam entre as ocasiões típicas e as pertencentes ao doméstico. Em casa, a aparência das participantes tinha estado relacionada ao conforto, mobilidade, sensação de privacidade e intimidade, além de conservação da autoestima e motivação, no caso da Espanha. Por outro lado, no universo público, buscavam demonstrar dignidade, respeito, afeto, consideração a pessoas e contextos e, ainda, compreensão e domínio de códigos sociais, como o de não repetir roupa em festas, dentre outros, algo comum nas duas culturas investigadas. Os significados centrais no jogo das *performances* era o recato, feminilidade, decência e naturalidade.

Apesar do grande valor conferido à família e aos núcleos de convivência, foi apontada uma falta de oportunidades de engajamento social para além destes espaços. Mesmo apresentando-se com menores recursos financeiros e um acervo mais funcional e enxuto, este acabou por ser subutilizado, o que ambos os grupos lamentavam. Notou-se que entre as participantes do Brasil e da Espanha havia o desejo de acionar e experimentar itens de seu acervo da aparência, por vezes há anos reservados e cultivados em ótimo estado, em outras ocasiões que não apenas familiares ou voltadas exclusivamente ao público idoso.

Assim, percebeu-se que existia nos dois grupos um gosto por arrumar-se, criar combinações, vestir-se e sentir-se especial, usar alguma maquiagem ou joia, fazer um penteado diferente, entre outras ações entendidas como próprias do convívio público. Tais universos cultivados no cotidiano fomentavam a expectativa por mais oportunidades e convites para sair de casa. Vale ressaltar que, além do apreço pelos parentes, amigos e profissionais dos NCI, estes costumam ser os ambientes mais frequentados também por estar mais adaptados as suas diversas necessidades, principalmente de locomoção e acomodação. O encontro etário, geracional, afetivo e simbólico também atraía e estimulava o compromisso com a permanência. Estar bem-apresentada para essa segunda família envolvia energia, tempo, disposição e propósito.

Em síntese, neste estudo observou-se uma relação de interdependência entre aparência e engajamento na vida e nos vínculos sociais, inclusive em idades avançadas e em cenários considerados de vulnerabilidade social. Para as participantes, a aparência tinha sido um meio de transmitir mensagens com vistas ao engajamento, tais como: não fazer feio; dizer a que veio; ser atrativa e respeitada; higiênica e adequada, ou seja, não provocar constrangimentos. Do mesmo modo, era a partir das oportunidades de envolvimento e das relações já estabelecidas que as investigadas procuravam investir e exercitar sua aparência, considerando a manutenção de seus vínculos. Em outras palavras, a construção contínua e satisfatória da aparência se dava através do engajamento social e seus cardápios de significados e vice-versa.

Finalmente, novas pesquisas devem ser realizadas sobre a temática, buscando ampliar a compreensão de outras variáveis e determinantes, diferenças e semelhanças, como diferentes identidades de gênero, combatendo mitos e estereótipos. Igualmente, devem estimular novos e diversificados espaços de engajamento em idades avançada. Estes, ao menos para as mulheres investigadas, mostraram consonância com a relevância e gosto por investir na aparência e em seus significados, lógica que funcionava como proteção em diferentes domínios da vida de cada uma delas.

Referências

Araújo, A. S., & Lopes, A. (2013). *Engajamento social e velhice: caracterização literária e conceitual em periódicos nacionais e bases internacionais e nacional*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade de São Paulo, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Graduação em Gerontologia, São Paulo: Orientação Andrea Lopes.

- Caio, C. B. (2012). *Envelhecimento e aparência: a experiência de indianos imigrantes da cidade de São Paulo, Brasil*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de São Paulo, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Graduação em Gerontologia. São Paulo: Orientação Andrea Lopes.
- Camarano, A. (2013). IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Estatuto do Idoso: avanços com contradições*. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Recuperado em 30 setembro, 2014, de: IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_1840.pdf.
- Centro Internacional de Longevidade, Brasil. (2015). *Envelhecimento ativo: um marco político em resposta à revolução da longevidade*. Rio de Janeiro, RJ Recuperado em 20 setembro, 2018, de: http://ilcbrazil.org/portugues/wp-content/uploads/sites/4/2015/12/Envelhecimento-Ativo-Um-Marco-Pol%C3%ADtico-ILC-Brasil_web.pdf.
- Crane, D. (2006). *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. C. Coimbra, Trad. São Paulo, SP: Editora SENAC.
- Debert, G. G. (2004). *A reinvenção da velhice: socialização*. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP.
- Debert, G. G. (2010). A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. *Horizontes Antropológicos*, 16(34), 49-70. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832010000200003>.
- Elias, N. (1994). *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Zahar.
- Elias, N., & Scotson, J. L. (2000). *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Feltrin, R. B., & Velho, L. (2016). Representações do corpo feminino na menopausa: estudo etnográfico em um hospital-escola brasileiro. *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana*, 22, 148-174. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://www.scielo.br/pdf/sex/n22/1984-6487-sess-22-00148.pdf>.
- Geertz, C. (2008). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, RJ: LTC.
- Lipovetsky, G. (2009). *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Companhia de Bolso.
- Neri, A. L. (2014). *Palavras-chave em Gerontologia* (4ª ed., Vol. Coleção Velhice e Sociedade). Campinas, SP: Alínea.
- Picolli, M., Lopes, A., Araújo, J., & Graeff, B. (2012). Idosos “roqueiros” e a juventude eterna: pistas para reflexão. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(6), 291-312. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://pdfs.semanticscholar.org/e828/5856e509d8f8f812a31e06c2f837702652ab.pdf>.
- Pin, S., & Spini, D. (2016). Meeting the needs of the growing very old population: policy implications for a global challenge. *Journal of Aging & Social Policy*, 28(3), 218-231. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/27110727>
- Plens, J., Accioly, M., Batistoni, S., & Lopes, A. (2012). Envelhecimento, engajamento e aparência: percepções de idosas participantes de um núcleo de convivência de idosos. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(6), 269-289. <https://revistas.pucsp.br/kairós/article/view/17307>.

Rubinho, T. d. (2014). *Engajamento social e voluntariado: um panorama dos programas intergeracionais disponíveis na internet*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade de São Paulo, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Graduação em Gerontologia, São Paulo: Orientação: Andrea Lopes.

Scalco, L. M., & Pinheiro-Machado, R. (2010). Os sentidos do real e do falso: o consumo popular em perspectiva etnográfica. *Revista de Antropologia, USP*, 53(1), 321-359. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-77012010000100009>.

Senado Federal do Brasil. (2003). Lei n.º 10.741 de 01 de outubro de 2003. *Estatuto do idoso*. Brasília, DF, Brasil.

Serviço de Proteção ao Crédito & Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas. (2016). *Significados da beleza: autoimagem e consumo*. Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) & Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL).

Silva, A. C. (2015). *Significados de aparência e o perfil socioeconômico de idosos aposentados associados ao SINDNAPI*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Graduação em Gerontologia. São Paulo, Orientação: Andrea Lopes.

Silva, E. R. (2013). Moda, informação e cultura. *Revista Iara*, 6(1), 66-89. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: Recuperado em 01setembro, 2018, de: http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2015/01/05_IARA_vol6_n1_Artigo.pdf.

Silva, N. P., Cachioni, M., & Lopes, A. (2012). Velhice, imagem e aparência: a experiência de idosos da UNATI EACH-USP. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(7), 235-257. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://revistas.pucsp.br/kairos/article/download/15251/11377>.

Simmel, G. (2014). *Filosofia de la Moda*. España: Casimiro Libros.

World Health Organization. (2002). Health statistics and information systems. *Proposed working definition of an older person in Africa for the MDS Project*. Recuperado em 02 agosto, 2018, de: <http://www.who.int/healthinfo/survey/ageingdefnolder/en/>.

World Health Organization. (2017). *News release (19 may 2016). Life expectancy increased by 5 years since 2000, but health inequalities persist*. Recuperado em 02 agosto, 2018, de: <http://www.who.int/mediacentre/news/releases/2016/health-inequalities-persist/en/>

Young, A. F., Gabriel, S., & Schlager, O. M. (2014). Does this friend make me look fat? Appearance-related comparisons within women's close friendships. *Basic and Applied Social Psychology*, 36, 145-154. Recuperado em 02 agosto, 2018, de: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01973533.2014.881289?scroll=top&needAccess=true&journalCode=hbas20>.

Patrícia Yokomizo – Graduação em Têxtil e Moda. Mestre em Gerontologia, fundadora e membro do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS), todos da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP), Brasil.

E-mail: pati@usp.br

Andrea Lopes – Antropóloga, docente da Pós-Graduação em Gerontologia e das Graduações em Gerontologia e Têxtil e Moda. Fundadora e coordenadora do grupo EAPS. Todos da EACH/USP, Brasil. Orientadora da pesquisa.

E-mail: andrealopes@usp.br

Envelhecimento, aparência e significados: o consumo de idosas do Brasil e da Espanha*

Aging, appearance, and meanings: the consumption of Brazilian and Spanish old women

Envejecimiento, apariencia y significados: el consumo de mujeres mayores de Brasil y España

Patrícia Yokomizo
Paloma Díaz Soloaga
Andrea Lopes

RESUMO: A artigo apresenta uma caracterização, e comparação, das ações de consumo para a aparência entre mulheres idosas do Brasil e da Espanha. Mesmo em um cenário de baixos recursos financeiros, ambos os grupos usufruíam de diferentes modalidades de consumo com autonomia. Suas aquisições tinham em vista o desejo de sentir-se bonita, atraente e interessante. Os principais significados envolvidos foram afeto, consideração, respeito e sacrifício. Houve insatisfação quanto à oferta de produtos a esse segmento.

Palavras-chave: Aparência; Consumo; Mulheres idosas.

* O artigo faz parte de pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Universidade de São Paulo, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). O respectivo Programa recebe financiamento (Código 001) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil.

ABSTRACT: *The article presents a characterization and comparison of consumption actions for personal appearance among elderly women from Brazil and Spain. Even in a scenario of low financial resources, both groups enjoyed different forms of consumption with autonomy. Their acquisitions were aimed at the desire to feel beautiful, attractive and interesting. The main meanings involved were affection, consideration, respect, and sacrifice. There was dissatisfaction with the offer of products to this segment.*

Keywords: *Appearance; Consumption; Elderly women.*

RESUMEN: *El artículo presenta una caracterización y comparación del consumo destinado a la apariencia de mujeres mayores de Brasil y España. Aunque en un escenario de bajos recursos financieros, los dos grupos disfrutaban de distintas modalidades de consumo y con autonomía. Sus adquisiciones tenían en cuenta el deseo de sentirse guapa, atractiva e interesante. Los principales significados relacionados fueron el afecto, la consideración, el respeto y sacrificio. Se notó una insatisfacción en cuanto a la oferta de productos a ese segmento de edad.*

Palabras clave: *Apariencia; Consumo; Mujeres mayores.*

Introdução

Nesse estudo, entende-se o envelhecimento como um processo heterogêneo (Debert, 2004) e interdependente (Elias, 1994) que, tal como descrito por Neri (2014), acontece ao longo da vida e transcorre de acordo com variados processos determinantes, ganhos e perdas (Baltes, & Smith, 2006), de ordem biológica, psicológica e sociocultural. (Neri, 2014).

Na atualidade, diversas localidades mundiais experimentam um crescente aumento da expectativa de vida (World Health Organization, 2016), cenário inédito na história da humanidade (Neri, 2014). No entanto, desde o início do século XXI, Baltes e Smith (2006) chamavam a atenção para a forte inclinação dos estudos à investigação em biociências, o que veio a ocasionar uma constante associação do envelhecimento e prolongamento da vida com a pesquisa e trato de enfermidades – e não apenas no âmbito científico, mas também no popular.

Nesse sentido, Chow e Bai (2011) apontam que estudos têm sugerido que o bem-envelhecer se daria através de: melhor memória e audição; menor chance de doenças cardiovasculares; menos sintomas depressivos; caminhar mais rápido; forte vontade de viver; e melhor sobrevivência ao longo do tempo. Tais considerações vêm a configurar uma visão não apenas biológica como também psicológica do curso de vida, porém deixa à margem fatores de ordem sociocultural que, da mesma forma, se relacionam às compreensões, percepções e concepções do envelhecimento e a estruturação de suas dinâmicas.

Os estudos das enfermidades e perdas que acometem os idosos são importantes, certamente, e não devem ser desmerecidos. A crítica e desafio são como pensar a complexidade, sem sobrepor hierarquicamente os determinantes envolvidos. Corroborando a proposta de Baltes e Smith (2006), em abordar perdas e também ganhos da velhice, coloca-se que é preciso dar atenção às constantes associações entre o avanço da idade e os problemas, especialmente, de saúde. Também, trata-se, igualmente, de contemplar e investigar outros âmbitos do envelhecimento e da velhice para que não se resulte em papéis, espaços e imagens pré-determinadas, reducionistas, limitadas, excludentes e, possivelmente, apenas pejorativas e/ou positivadas dos mais velhos (Argimon, Pizzinato, Ecker, Lindern, & Torres, 2011).

Tal observação corrobora o conceito elaborado por Debert (1999), denominado reprivatização da velhice, que compreende uma crítica à responsabilização pela dependência, fragilidade e estilos de vida na velhice apenas aos próprios indivíduos, culpabilizando-os, em muitos casos, por supostamente negligenciarem seus corpos e não serem capazes de envolver-se em atividades consideradas motivadoras. Nesse sentido, Baltes e Smith (2006) destacam a importância de empregar esforços coletivos e individuais no atendimento de demandas ao longo da vida, como forma de favorecer um equilíbrio entre perdas e ganhos em períodos mais avançados.

Além do declínio da saúde e da vitalidade física, para Aboim (2014), constituem temas privilegiados de análise da pessoa velha as condições materiais, a transição para a aposentadoria, a sexualidade, o isolamento familiar e social, entre outros aspectos psicossociais. Tais temas vêm a tratar de dimensões da vida controladas por sistemas públicos de regulação etária.

Desse modo, “a profusão de enunciados pedagógicos, no campo das práticas, que objetivariam uma melhor adaptação às chamadas perdas da velhice, acabam por ressaltá-las” (Vilhena, Novaes, & Rosa, 2014, p. 260). Ao expandir a discussão para a abordagem de questões sobre saúde e doenças, Patrício, Ribeiro, Hoshino e Bocchi (2008) colocam que é necessário considerar os diversos componentes do envelhecimento, que interagem e são interdependentes, de forma que sejam incorporados aos estudos biomédicos os aspectos socioambientais e vice-versa.

Em síntese, apesar das importantes contribuições de tais estudos, percebe-se uma carência de abordagens que descrevam as distintas possibilidades de envelhecer e reforcem a heterogeneidade deste processo de natureza biopsicossociocultural, especialmente entre aqueles que têm alcançado as idades mais avançadas e com poucos recursos. Trata-se de investigar, igualmente, não apenas as formas medicinais para se viver muito e melhor, mas também as motivações, expectativas, contextos e produção de sentidos em torno deste desejo e possibilidade.

No século XXI e em muitas sociedades, as mulheres têm protagonizado o grupo com maior expectativa de vida (Neri, 2014) e com maiores prejuízos na velhice (Santos, Lopes, & Neri, 2007). Em complemento, Baltes e Smith (2006) apontaram, em relação à população de Berlim, Alemanha, que as coortes de idosas desta localidade eram amplamente constituídas por viúvas, que viviam sozinhas ou institucionalizadas. Ainda no mesmo período, uma pesquisa brasileira da Fundação Perseu Abramo (Santos, Lopes, & Neri, 2007) descreveu, igualmente, que entre os idosos do Brasil prevaleciam as mulheres e viúvas, neste caso, que viviam com filhos. Segundo Alonso (2015), o Censo brasileiro de 2010 apontou que a maior parte das idosas que residiam desacompanhadas se encontrava nas grandes cidades. Entende-se que esses locais têm disposto melhores e mais diversificados suportes sociais a esse segmento da população.

Comparativamente, para efeitos do presente estudo, dados semelhantes são apontados pela *Unión Democrática de Pensionistas y Jubilados de España* (2012), em amplo levantamento socioeconômico e demográfico acerca dos idosos espanhóis. De acordo com a instituição, as mulheres eram maioria entre os velhos do país e, em geral, viviam sozinhas nas grandes cidades. As mais longevas frequentaram pouco as escolas em idades anteriores, especialmente pelas condições precárias consequentes do período da Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e do regime fascista de Francisco Franco (1939-

1977). Muitas não tiveram atividade profissional registrada e viviam da pensão de seus maridos.

Para Rodrigues e Justo (2009), boa parte dessa geração foi educada por meio de rígidas normas e padrões de comportamento. Os autores descrevem que, especialmente na vida de casada, essas idosas tiveram que conviver com preconceitos e desigualdades socioeconômicas, como a restrição ao mundo profissional ou à administração financeira do lar. Para os pesquisadores, isso as reduziu ao meio familiar e afazeres domésticos. Segundo Argimon, *et al.* (2011), usualmente, essa coorte de idosas se encontra influenciada por dois marcadores de identidade que podem estimular o isolamento social: 1) a idade cronológica, tratada como o avanço da decrepitude; 2) as tarefas, papéis e expectativas de gênero, que ocasionaram seu recolhimento no lar durante a maior parte da vida.

Desse modo, para Neri (2014, p. 177), “questões de gênero são fundamentais à compreensão da velhice”, posto que estão relacionadas com as diferenças entre homens e mulheres idosos no que tange a inúmeros, diversificados e complexos domínios, como estratégias de enfrentamento, papéis sociais, religiosidade, senso de autoeficácia, personalidade, autocuidado, laços sociais e relações de intimidade, entre outros. Vistas em perspectiva, essas diferenças, ao longo da vida, relacionam-se e são muitas vezes fruto da influência de diversas variáveis socioeconômicas e aspectos culturais, como renda, escolaridade, valores e crenças.

Para Rodrigues e Justo (2009), as condições de reclusão, desigualdade e exclusão social vivenciadas em períodos anteriores suscitam entre idosas do século XXI o desejo de explorar uma maior independência e autonomia na velhice decorrente, principalmente, da morte do marido e saída dos filhos de casa. Segundo os autores, o fato se contrapõe à ideia de maior proveito da vida durante a juventude, fase comumente associada à liberdade. Isso pode significar tornar possível “ultrapassar, justamente na velhice, as barreiras de gênero que as impediram de ter uma vida além do espaço doméstico e das obrigações de esposa e mãe” (p. 183) que, de alguma forma, as protegeram de inúmeros riscos e as ajudaram a viver mais.

Por outro lado, o estudo de Argimon, *et al.* (2011) investigou os significados de velhice atribuídos por mulheres idosas de Porto Alegre e evidenciou uma negatividade em relação ao envelhecer.

As mulheres consultadas caracterizaram a velhice como um momento de solidão, baixa libido sexual, incapacidade, desesperança e declínio físico, cognitivo e estético. O efeito de discursos negativos sobre a velhice, baseados na lógica produtivista do tempo útil das pessoas e na concepção de que envelhecer é uma doença, é impactante a ponto de que, por vezes, pessoas afirmem “sofrer de velhice” (Vilhena, Novaes, & Rosa, 2014, p. 260).

Em sociedades capitalistas, segundo Delboni, Joaquim, Ploner e Cyrini (2013), o velho, em geral, perde valor social ao passo que detém relativo menor poder na produção e no consumo de bens. Para Featherstone (1998), é a partir das perdas do controle sobre o corpo e da capacidade de seguir uma conduta considerada jovem que ocorre a desvalorização das pessoas que passam a ser entendidas como velhas, e a consequente estigmatização. Para esse autor, a imagem proposta pela aposentadoria dita ativa, que prevê a manutenção do corpo em acordo com um modelo jovial, é fruto da cultura de consumo e acessível a certos grupos, que dispõem de tempo e dinheiro para adquirir esta fórmula de inserção social. Desse modo, é nesse sistema econômico, que a velhice vem a ser percebida como fonte de recursos *versus* de ônus.

Delboni, *et al.* (2013) afirmam que, enquanto no Oriente o idoso possui maior valor e respeito por sua experiência e sabedoria, no Ocidente, supostamente mais inserido na cultura de consumo, é sinônimo de perda das capacidades e da beleza. No entanto, Chow e Bai (2011) colocam que, com a modernização, a China, por exemplo, tem vivenciado a queda de valores tradicionais, como o respeito ao velho, fato que afirmam ocorrer também em outras sociedades orientais.

Visto que o envelhecimento consiste em um processo bastante complexo, variado e interdependente, entende-se que elaborar meios para investigá-lo constitui um desafio. Nesse sentido, de acordo com Silva, Cachioni e Lopes (2012), a aparência é uma variável que possibilita compreender os *modus operandi* do envelhecer, uma vez que vem a ser construída por aspectos de ordem biológica, psicológica e sociocultural. Em complemento, Yokomizo e Lopes (2019) colocam que a construção da aparência constitui um processo que se dá ao longo da vida e através das condições e modos de envelhecer disponíveis.

Outros estudos brasileiros com o mesmo enfoque etnográfico têm sinalizado uma estreita relação entre o envelhecimento e a construção da aparência ao longo da vida. Caio (2012), em pesquisa sobre o envelhecimento de imigrantes indianos da cidade de São Paulo, concluiu que a construção da aparência entre homens e mulheres ao longo desse

processo foi caracterizada pela ruptura de tradições, apropriações e significados do corpo influenciados pelo contato intercultural. Plens, Accioly, Batistoni e Lopes (2012) concluíram que a atenção à aparência promoveu bem-estar e engajamento social entre mulheres idosas de um núcleo de convivência da cidade de São Paulo e também reforçou seu trato continuado como passaporte social entre aposentadas.

Ainda, Picolli, Araújo, Graeff e Lopes (2012) estudaram o mito da eterna juventude e como este estava presente na construção do curso de vida de idosos homens que se consideravam roqueiros, tanto nas atitudes e crenças como na forma que sua aparência era elaborada e servia de base para suas interações sociais. Finalmente, Silva (2015) investigou os significados da aparência para idosos paulistanos aposentados, majoritariamente de baixa renda e escolaridade. Apontou que, para a maioria dos participantes, mesmo distantes do mundo do trabalho e em condições socioeconômicas desfavoráveis, a aparência era considerada importante e estava associada a significados positivos.

Esses estudos nos sensibilizam a notar que a variável aparência pode auxiliar na compreensão de significados, transformações, necessidades e desejos dos indivíduos durante seu processo de envelhecimento. Especialmente em relação à velhice, indicam ainda um expressivo interesse dos idosos pela aparência, considerando-a um meio importante para estar inserido em distintos contextos sociais, e, dessa forma, fazem investimentos constantes, mesmo quando contam com poucos recursos econômicos.

Em uma pesquisa sobre o valor social e econômico da beleza no Brasil ao final do século XX, Dweck (1999) observou que, se comparadas às mais ricas, as mulheres pobres do país investiam uma parcela maior de seu rendimento no referido mercado, possivelmente como forma de conseguir mais oportunidades. Em acréscimo, Crane (2006) aponta, em vasto e detalhado estudo sobre o vestuário da classe operária no século XIX europeu e americano, que classe e gênero ordenavam a identidade das roupas.

No que tange às mulheres pobres, de menor acesso às amplas ofertas do mercado de beleza, Crane (2006) descreve que as operárias, em especial solteiras, viam na construção de suas aparências uma forma de distinção social. Para as criadas, vestir-se nas horas vagas com roupas atraentes e elegantes era um meio de participar da comunidade para além do domínio do patronato, buscando afirmar identidade pessoal e reivindicar *status* social. O mesmo se dava com as jovens solteiras da classe operária que trabalhavam nos postos industriais ou de serviços.

Esse segmento procurava se vestir de forma elegante, mesmo em fábricas sujas. Gastavam parte considerável de suas rendas com artigos da moda, principais bens de consumo, buscando se distinguir das mulheres casadas da classe operária.

No contexto do século XXI, Livramento, Hor-Meyll e Pêsoa (2013) também constataram que o consumo de produtos para a aparência por mulheres de baixa renda tinha em vista elevar sua autoestima, muitas vezes fragilizada por restrições financeiras, além do respeito de classes superiores. A aparência vem a configurar, assim, um meio de combater a discriminação por sua condição de pobreza e potencializar sua capacidade de acesso.

Uma pesquisa elaborada pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) e pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL), realizada com consumidores de todas as regiões brasileiras, de idade igual ou superior a 18 anos, homens e mulheres, de todas as classes econômicas, apresentou significados da beleza e motivos que levaram pessoas a investir em suas aparências. De acordo com o estudo, mais da metade dos participantes se disse vaidosa e considerava que a beleza é uma necessidade, de forma a consumir produtos e serviços principalmente para o aumento da autoestima – sobretudo as mulheres –, seguido do desejo de ficar mais bonito e sentir-se atraente. A maioria dos entrevistados acreditava que as pessoas bonitas são as que conseguem mais oportunidades na vida e alcançam sucesso nas relações amorosas, tendo sido essas crenças ainda maiores entre as classes C, D e E (Serviço de Proteção ao Crédito & Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas, 2016).

Em relação aos investimentos realizados, a pesquisa do SPC e CNDL apontou que os principais itens eram as roupas, calçados, acessórios e alimentação saudável. Os consumidores investigados consideravam, ainda, que o estado de espírito e outros traços de personalidade podem tornar alguém mais bonito independentemente de atributos físicos. No entanto, apesar de reconhecer beleza na aparência de outras pessoas de qualquer idade, demonstraram-se extremamente preocupados com a própria aparência e se incomodavam com as marcas do envelhecimento. O modo como os demais notam a aparência foi uma preocupação, novamente, maior entre as classes C, D e E.

Os estudos mencionados reforçam que, entre as camadas socialmente inferiores, a aparência é vista como um capital e os investimentos nesta estão relacionados a diversos significados e aspirações. No entanto, no âmbito da Moda, campo dedicado ao estudo do vestuário e aparência, há ainda poucos estudos em relação aos mais pobres e excluídos –

que no caso do Brasil, configuram a maior parte da população (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, 2018).

Essa marginalização pode ser percebida nos registros históricos das indumentárias, que costumam reunir mais detalhes sobre ícones públicos, grupos de maior *status*, mais jovens e/ou advindos de regiões globalmente conhecidas, especialmente da Europa e Estados Unidos (Köhler, 2009; Blackman, 2011). Em complemento, Simmel (2014) coloca que a História da Moda até o início do século XX esteve concentrada no estudo da evolução das aparências, mais especificamente dos trajes e combinações, do que nos significados que as escolhas e mudanças desses itens têm para o processo social e vice-versa.

Por outro lado, na Gerontologia, campo que estuda o envelhecimento, diversos autores descrevem a presença do culto à jovialidade e negação do envelhecimento sobretudo nos meios midiáticos (Malheiros Junior, & Freitas, 2012; Delboni, *et al.*, 2013; Ferreira, Bianchi, Menegócio, & Zago, 2014; Monteleone, Witter, & Gama, 2015). Tal fato, segundo eles, vêm a reforçar a exclusão dos mais velhos em distintos cenários. Supostamente, contribuem ainda para a falta de interesse e retratos dos idosos mais pobres, em especial no que tange a aspectos que não de saúde e debilidade. Nota-se, de um modo geral, uma tendência a sobrevalorizar e homogeneizar as populações mais pobres e velhas, bem como seus anseios, modos de vida e representações.

Dessa forma, questiona-se: como têm vivido essas populações que atingem a maior expectativa de vida na atualidade? Dentre estes, como se caracterizam os mais pobres? Existe, tal como retrata Crane (2006) em relação aos operários europeus e americanos do século XIX, um desejo de construir uma identidade, ser atraente e alcançar visibilidade? Ainda, existe entre os mais velhos a aspiração por modelos de juventude eterna?

Mediante o potencial da aparência para desvendar sobre os *modus operandi* do envelhecer e seus significados, sinalizado por diferentes estudiosos (Crane, 2006; Lipovetsky, 2009; Blackman, 2011; Simmel, 2014), neste estudo utilizou-se a variável para compreender e caracterizar a velhice de brasileiras e espanholas longevas octogenárias, de baixas

renda e escolaridade. Para tanto, tomou-se como contexto o consumo para a aparência, investigando as estratégias de aquisição, aspirações, referências, desejos e mensagens envolvidas na composição do aspecto pessoal e que se relacionam às experiências vivenciadas por essas mulheres ao longo da vida.

Através deste estudo, objetivou-se também reforçar o potencial da aparência como tema de investigação para pesquisas sobre o envelhecimento e a velhice. Almejou, assim, debater mitos e refletir sobre a diversidade da dinâmica em torno da construção sociocultural da aparência ao longo do envelhecimento e na velhice. Em especial, a partir da realidade de mulheres velhas e mais vulneráveis socialmente. Por fim, ainda que se tenha concentrado no âmbito sociocultural, entende-se que a aparência pode contribuir também com investigações realizadas em outros contextos, como o médico e psicológico, bem como em estudos sobre suas relações de interdependência.

Métodos e procedimentos

Esta pesquisa consiste em um estudo qualitativo, do tipo exploratório e descritivo, baseado no método etnográfico proposto por Geertz (2008). Em relação às técnicas de investigação, foram utilizadas a observação livre e participante, conversas informais, entrevistas em profundidade, documentação e registro fotográfico. Para tanto, foi elaborado um roteiro semiestruturado de investigação composto por perguntas sobre o consumo para a aparência que, aliado a um caderno de campo, forneceu suporte à execução das diferentes técnicas. Como garantia do tratamento ético das informações coletadas, foi firmado com todas as participantes um termo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O ponto de saturação foi atendido.

As participantes foram: 1) nove mulheres brasileiras e 11 espanholas, de 80 anos ou mais; 2) moradoras a maior parte da vida, respectivamente, nas cidades de São Paulo e Madrid; 3) participantes da vida comunitária; 4) donas de casa na velhice; 5) com renda familiar de até três salários mínimos, no caso do Brasil, e até dois, na Espanha; 6) de baixa escolaridade, sendo equivalente ao ensino fundamental no Brasil e à educação primária na Espanha; e 7) sem comprometimento cognitivo. O conjunto de variáveis sociodemográficas estabelecidas buscou parear os grupos investigados, proporcionando uma comparação transcultural mais genuína.

Para o contato com as participantes, no Brasil contou-se com o apoio do Instituto Paulista de Geriatria e Gerontologia (IPGG) e do Núcleo de Convivência para Idosos – Projeto Samuel Rangel. Na Espanha, teve-se a colaboração da Universidade Complutense de Madrid, da *Agencia Madrileña de Atención Social (AMAS)*, do *Centro de Mayores Los Cármenes* e da ONG *Solidarios para el Desarrollo*.

A tradução dos textos literais em espanhol para o português contou com a fluência em ambas as línguas de uma das autoras. As imagens, por sua vez, ilustram a construção simbólica da aparência ao longo da vida.

Envelhecimento e consumo para a aparência: produtos, meios de aquisição e significados

Ao descrever a composição do acervo, em especial, seus guarda-roupas, todas as participantes de ambos os países mencionavam a grande quantidade de vestuário e acessórios, somado aos cosméticos, em geral, guardados em um armário no banheiro. Notou-se que a baixa renda das investigadas não impediu a aquisição de variados itens para a composição da aparência que atendessem a suas necessidades e desejos, como observado: ficar bonita; ter combinações diversificadas e não repetir muito no estilo; dispor de trajes para toda a semana ou até o dia de lavar roupa; estrear algo em data especial; manter-se engajada etc.

Buaes (2015), em estudo sobre consumo entre mulheres idosas de classes populares de Porto Alegre, defende que o “fenômeno do consumo está assumindo um papel determinante na organização da vida social” (p. 122). Em nota, a autora sinaliza a concepção naturalizada mencionada pelas participantes: “comprar por impulso” (p. 125). Conforme observado na realidade investigada, Buaes interpreta essa noção a partir da percepção de que somos “ ‘impulsionados’ a consumir por meio de diversas e complexas estratégias, atreladas a produção de desejos, facilidade de obtenção de crédito, das formas infinitas de parcelamentos, entre outras” (p. 125). A pesquisa aponta o superendividamento como algo grave, especialmente mediante as alternativas de crédito consignado a esse segmento etário.

No caso da presente pesquisa, na elaboração de seu acervo da aparência, as idosas de ambos os países contavam com a ajuda de familiares, que as presenteavam com roupas, sapatos, cremes e outros que as participantes queriam ou que sua família acreditava ser de seu gosto. Esses presentes eram dados, geralmente, em datas comemorativas como aniversários, dia das mães e Natal. Algumas vezes eram fruto de das ditas vaquinhas realizadas entre filhos, netos, noras, genros e demais parentes, seja por suas baixas condições, seja para, ao invés de comprar muitos produtos simples e baratos, adquirir algo mais caro, vistoso e de qualidade.

Os objetos presenteados, nesse caso, vinham a funcionar como símbolos de afeto, consideração e sacrifício (Scalco, & Pinheiro-Machado, 2010). Em alguns casos, para adquirir algo de valor, até mesmo a própria presenteada participava do rateio, como contou uma das espanholas:

“Ano passado, para o meu aniversário, logo compraram (filhas) um casaco de pele para mim, que eu já tinha, mas já tinha muita barriga e já não me servia, e elas compraram para mim. Bem, não deixei que elas pagassem tudo, porque fui, agora não tem mais por aqui, não sei onde me levou meu genro. Valia 300 euros, e eu paguei 100 e elas 100 cada uma.”

Quando recebiam presentes em datas especiais e em outras, também não comemorativas, as participantes disseram ganhar, na maior parte das vezes, itens para a aparência. Constatou-se que, frequentemente, esses eram mimos escolhidos por mulheres, sendo uma filha, nora, neta, bisneta, cunhada ou sobrinha.

No Brasil, em alguns casos, essas parentes trabalhavam para empresas relacionadas à aparência, como Avon e Natura, grandes produtoras de cosméticos. Através de seu acesso a variados produtos e novidades, ainda com desconto por ser revendedoras, esses familiares aproveitavam para presentear suas mães, avós ou bisavós, alimentando seus estoques de beleza (Painel 1).

A maioria das investigadas relatou sentir-se muito contente por ser lembrada e considerada por sua família. Procuravam, assim, retribuir o carinho recebido utilizando os presentes em ocasiões que encontravam os parentes que as presentearam, como forma de demonstrar que gostaram do que ganharam.

Painel 1 a seguir:

Painel 1. Cosméticos utilizados pelas participantes do Brasil (Natura, Avon e Rugol) e da Espanha (Nivea e esmalte)



Fonte: Patrícia Yokomizo, 2016

Mesmo com muita boa intenção, porém, nem sempre a família acertava no gosto pessoal das participantes na velhice, já mais autônomo e apurado. Segundo elas, algumas vezes, tiveram que disfarçar o descontentamento com uma peça que não fazia seu estilo e usar de vez em quando contra sua vontade, mas seguindo a estratégia de mostrar o uso do presente – como se tivesse gostado. Por outro lado, algumas menos contidas não deixavam de expressar seu contragosto, como relatou uma brasileira:

“Ela fala: ‘mãe, eu vou dar uma roupa para senhora’. Eu falo: ‘Bom, você já sabe, né?’ (Risos). ‘Não vem com blusa decotada e calça apertada que eu não visto isso! Você sabe disso!’ Ela falou: ‘Tá bom, mãe. Eu vou comprar outra coisa então, mais largo’. Falei: ‘Compre meio largo, porque eu não gosto de roupa justa também. Calça justa não gosto’”.

Apesar de alguns desencontros na questão do gosto e estilo, as investigadas disseram que os familiares tendiam a acertar nas escolhas.

Ambos os grupos de mulheres expuseram também que procuravam deixar claro do que gostavam: roupas comportadas, nada muito curto, decotado ou justo. Mas não devia ser antiquado, tinha que parecer atual também. Cosméticos precisavam ser suaves. Os sapatos, não muito altos ou apertados, sendo a cor infalível, o preto. Joias e bijuterias precisavam ser discretas e leves. Além disso, para qualquer produto se deveria seguir a velha regra da qualidade, que, de acordo com elas, valia a pena pelo conforto dos materiais, que costumava ser maior, e por durar mais tempo. Para Schemes, Duarte e Magalhães (2015), independentemente da classe econômica, na aquisição de uma peça, a qualidade e a conformidade ao gosto pessoal costumam estar acima do preço.

Mais uma vez, com as participantes dos dois países, percebeu-se que estas procuravam orientar familiares sobre o que apreciavam em termos de aparência e que suas preferências estavam relacionadas à educação que receberam, principalmente, de seus pais na infância. Estes as ensinaram sobre os princípios morais e de gênero que consideravam apropriados ao vestir e se comportar: ser decente, feminina e não transformar exageradamente seu aspecto natural.

Desse modo, na relação entre familiares e aparência, as investigadas recebiam influência de seus parentes, que escolhiam, indicavam e apresentavam variados produtos. Elas também procuravam, porém, passar um pouco de seu repertório sobre a composição do aspecto pessoal, valendo-se de seu envolvimento e intimidade com eles. Uma certa herança simbólico-afetiva ganhava fluxo nesses encontros.

A troca de presentes para a aparência, no entanto, não ocorria somente entre familiares, mas também com amigas. Eram lembranças de aniversário, amigo secreto, confraternização de fim de ano do núcleo de convivência, sorteio entre grupo da igreja etc. Para as amigas, valia a mesma lógica de usar e mostrar que gostou do que ganhou, aludindo ao descrito por Goffman (1985), o qual explica que os indivíduos procuram cotidianamente representar e transmitir mensagens às pessoas a seu redor. Nesta pesquisa, a utilização dos presentes recebidos por parentes e colegas significava carinho, respeito, consideração e também assertividade quanto ao gosto pessoal.

Quando uma colega, porém, não acertava no gosto, neste caso, foi sinalizado como mais complicado expressar descontentamento. De acordo com as participantes, elas tinham mais receio de dizer a verdade a uma amiga que a um parente. Notou-se que a expressão de opinião sincera dependia do grau e tipo de intimidade – que também se relacionava ao acertar ou não no presente. Dessa forma, para lidar com as amigas, a saída

às vezes tinha que ser outra, como explicou uma das investigadas: “*eu falo ‘ah, eu vou para igreja (com a roupa presenteada), não vou usar aqui (no núcleo de convivência)’. [...] Eu fico com aquela roupa e dou*”.

A partir da estratégia dessa participante, além de outras compartilhadas – como usar certa peça só uma vez para a pessoa que presentou ver e depois nunca mais, ou doar o que foi ganhado para alguém que não a conheça – percebeu-se, de fato, que era importante para todas que os presentes para a aparência estivessem de acordo com seu gosto pessoal. Para evitar situações embaraçosas, alguns familiares tinham optado por dar dinheiro e deixar a escolha por conta das investigadas. Entre elas, havia as que já preferiam que ninguém palpitasse em seu visual, pedindo: “*me dá até um pão, mas não me dá roupa*”!

Um outro meio de adquirir itens para a aparência e que colocava as participantes mais no controle das escolhas era a troca. Essa prática era realizada na maior parte das vezes entre irmãs, que tinham idade, gosto e manequim aproximado. Por vezes, trocavam ou doavam peças em razão das alterações de tamanho ou de estilo. Em geral, procuravam não descartar produtos sem motivo algum.

Assim como no caso dos presentes, a troca ou doação eram estratégias para conseguir peças de interesse e em bom estado sem custos, fortalecendo, ainda, a relação com familiares e amigos. A exemplo, uma das brasileiras comentou os ganhos em doações realizadas por conhecidas de seu antigo trabalho:

Participante – “*Isso, porque quando eu trabalhava, geralmente eu nem comprava roupa. Eu ganhava, das professoras, roupa, sapato. Eu ganhava. E muitas calçavam igual eu, manequim igual eu, né? Então, elas me davam roupa. Às vezes usavam uma vez ou duas, pegavam e me davam, né? Então, aí no outro dia eu punha aquela roupa. No outro dia, eu já ia. Entrava lá: ‘Aí, Cida, como dá gosto dar as coisas para você, porque você usa!’. Falei: ‘É claro que eu vou usar!’”. Então, é assim.*”

Pesquisadora – “*Então você gostava de usar para que elas pudessem ver que você gostou?*”

Participante – “*É lógico. A pessoa tem que ver que a gente está usando aquilo que ela deu.*”

Uma outra participante, espanhola, relatou que era através de trocas e doações entre irmãs que ela tinha acesso a itens de maior valor:

“Tenho irmãs que vão muito bem, economicamente muito bem. Muito bem, muito bem, muito melhor que eu. Eu sou a mais velha. E essa bolsa elas me deram tem cinco ou quatro anos, essa bolsa. Olha como é boa. [...] Mas elas me davam muita roupa boa, porque compravam muito e igualmente jogavam fora.”

Dessa forma, através de presentes, trocas e doações, formas orquestradas de consumo, as investigadas vinham conseguindo subsidiar e renovar boa parte de seu acervo. Além disso, esses eram meios para conseguir itens mais caros, de qualidade elevada e renomadas marcas, aos quais não teriam acesso se dependessem apenas de sua renda muito limitada. O envelhecimento ajudou a construir um repertório pessoal e de identidade entre elas, em termos de apresentação social.

Uma outra forma de consumo indireto, no sentido de conter gastos e ao mesmo tempo construir a aparência desejada, era a costura das próprias roupas, algo feito por parte das idosas desde a juventude. Até a velhice, seguiram visitando lojas de tecido para selecionar cortes de bom preço e qualidade. Em seguida, desenvolviam moldes ou usavam algum feito antes, que estava guardado porque, como dito por uma das brasileiras: *“foi o que se adaptou em mim”*. Por fim, costuravam com muito capricho a própria roupa. Às vezes, quando não havia habilidade para tanto, também recorriam a costureiras com revistas de corte e costura, realizando encomendas com antigas amigas e fiéis produtoras de seus modelos de vestir.

Em uma outra instância, por fim, também adquiriam parte de seus produtos para aparência em lojas. Essas tendiam a ser de bairro ou departamento, locais em que se sentiam mais à vontade para escolher e comprar, especialmente por configurar uma rede de relações sociais e de consumo construídas ao longo do envelhecimento.

Nesse sentido, foram mencionadas com frequência as redes Pernambucanas, no Brasil, e *El Corte Inglés*, na Espanha. Esses eram varejistas amplamente espalhados em São Paulo e Madrid, além de empresas genuínas dos respectivos países. Segundo as participantes, nesses espaços era possível encontrar variada oferta de roupas, calçados e

acessórios, além de cosméticos no caso da rede espanhola, que estavam de acordo com suas preferências e dentro de suas possibilidades financeiras.

Na Espanha, foi possível visitar o departamento de pesquisa e planejamento de coleções da empresa *El Corte Inglés*. Na visita, explicou-se que existia uma preocupação em produzir artigos de boa qualidade, segundo informantes da marca registrada da rede. A empresa tinha conhecimento de que grande parte de seu público era idoso e mesmo a parcela de baixa renda procurava por produtos bem-feitos e duradouros, ainda que não fossem os mais baratos do mercado.

Em acréscimo, Scalco e Pinheiro-Machado (2010) consideram que os produtos entendidos como superiores possibilitam, de certa forma, manipular a imaginação de classe em sociedades em que ocorre a discriminação por renda e acesso. Assim, o ter “*coisas boas de verdade*” (p. 339), às vezes, é mais importante para os mais pobres.

Ademais de lojas de bairro e departamento, as investigadas circulavam também por grandes centros de comércio popular, como o dos bairros de São Miguel e Bom Retiro, em São Paulo, e a *Gran Vía de Madrid*. Nessas regiões, estavam concentradas grande quantidade de comerciantes de vestuário e complementos, perfumarias, farmácias etc. Para as participantes, esses locais eram interessantes por dispor de muito do que poderiam precisar em um único endereço. Quando buscavam algum produto para a aparência, elas também procuravam comprar em lojas próximas de suas casas, o que facilitava seu deslocamento e, geralmente, tratava-se de estabelecimentos de antigos conhecidos. Em saída com uma das investigadas espanholas para comprar roupa íntima, ela recorreu à venda de uma amiga, que, inclusive, era conhecida por atender as senhoras do bairro há anos. No local, havia espaço para sentar-se e escolher os produtos com tranquilidade, enquanto se colocava a conversa em dia com a proprietária, que até telefonava para as clientes que haviam estado enfermas. Existia ainda, por parte da investigada, além de suprir uma necessidade, a intenção de ajudar o negócio da amiga, tendo em vista as muitas lojas fechadas na localidade por questões financeiras.

No caso da Espanha, percebeu-se ainda uma forte preferência por produtos nacionais, não apenas da aparência, mas também para alimentação. As espanholas frequentemente falavam de seus artigos de couro produzidos no país, dos cosméticos à base do bom azeite espanhol – ótimo para a pele, cabelos e dieta, segundo elas – e do cardápio variado e saudável da cultura espanhola. Notou-se uma relevância em saber a origem dos produtos, que, quando espanhóis, significavam qualidade garantida.

Em defesa do mercado de seu país, atualmente bastante abalado por crise econômica, pregavam contra os produtos chineses, que para elas vinham tomando clientes com preços mais baixos e produtos de qualidade ruim, como alertou uma das participantes:

“Eu, dos chineses, não compro nada! Além disso, não vou dizer que eu não compre, mas calçados jamais! Jamais. Vou te explicar por quê. Porque tem coisas que são bonitas, não vou dizer que não. Mas, eu ouvi dizer em uma ocasião que dentro da palmilha tem algo que produz muitas vezes doença nos pés. Por causa do material que usam.”

O Painel 2 apresenta modelos de sapatos usados por participantes das duas culturas investigadas. Segundo elas, calçados cômodos para o dia a dia:

Painel 2. Sapatos usados por brasileiras e espanholas, entendidos como confortáveis



Fonte: Patrícia Yokomizo e Andrea Lopes, 2016

No entanto, para outros produtos, que não da aparência, como eletrônicos e utensílios domésticos, as espanholas disseram abrir exceções aos chineses. A estratégia de consumo, então, dependia do contexto de uso, alternando entre produtos de alta e baixa qualidade, de acordo com a situação de exposição do bem adquirido (Scalco, & Pinheiro-Machado, 2010).

O consumo de produtos chineses por parte das espanholas também ocorria quando desejavam adquirir a moda corrente e não queriam gastar muito com algo que podia vir a cair em desuso muito em breve, como comentou uma participante:

“É que no centro de La Laguna (bairro de Madrid) tiraram quase todas as lojas de roupa de mulher, quase todas são de chineses. Mas dentro dessas lojas tem coisas bonitas e é mais baratinho, e assim não me dá pena adquiri-la.”

Outra, ainda, disse que comprava roupas chinesas e aproveitava de seus dotes com a costura para aprimorar as peças, ajustando sua modelagem e acabamento ruins:

“Esta camisa é dos chineses. Eu gostei e é que, pois veja, a utilizo aberta porque estava um pouquinho justa. Pois aberta, tem umas pences atrás que eu posso tirar e, ao passá-las, te dão um pouquinho mais de largura. Mas digo: ‘Esta para pôr com um suéter por debaixo, azul marinho ou vermelho [...]’. Ou uma coisa branca, ou tom branco com decote. Sim, eu digo: ‘Esta é dos chineses. Mas para comprar roupa simples para você, a roupa é barata e tem coisas bonitas.’”

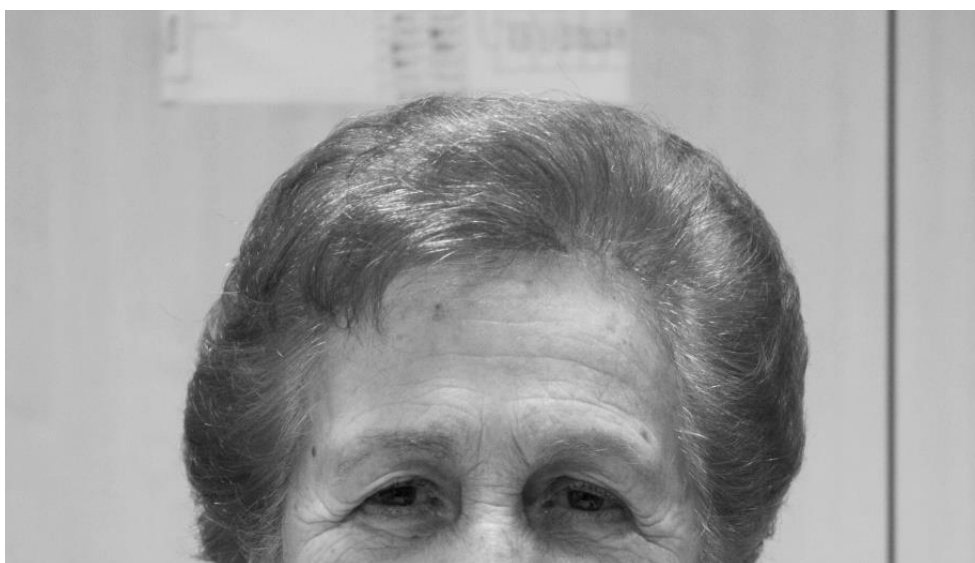
Boa parte das espanholas mencionou também a relevância dos penteados e sapatos. Disseram ser itens de extrema importância em um visual, pois como dito por uma delas: *“Todo o mundo olha seus sapatos feios ou estragados. Bom, estragados é uma exageração. Mas ainda que você vista o melhor vestido do mundo, ninguém te vê. Você passa despercebida”*.

Observou-se que, de modo geral, as investigadas dessa cultura usavam sapatos limpos e sem roturas ou sinais de desgaste, ainda que fossem repetidos, além de estar com cabelo sempre escovado, às vezes por cabeleireiras.

Os serviços de corte, penteado e tratamento dos cabelos, inclusive, eram oferecidos por preços acessíveis pelo *Centro de Idosos Los Cármenes*, de Madrid, parceiro de pesquisa.

Uma das investigadas desse local, por exemplo, foi ao salão horas antes de uma entrevista, tendo em vista, principalmente, que tiraria fotos para o estudo (Figura 1). Assim, em termos de investimentos na aparência, as espanholas procuravam, em especial, comprar bons calçados e ir regularmente ao cabeleireiro para manutenção das madeixas, demonstrando constante atenção a estes dois elementos vistos como importantes para relacionar-se em sua cultura.

Figura 1. Penteado de uma espanhola, que foi ao cabeleireiro antes de participar de uma das entrevistas



Fonte: Patrícia Yokomizo, 2016

Independentemente dos itens mais valorizados em ambas as culturas, as participantes apontaram que, no que tange à aparência, não consumiam apenas por necessidade, mas também por certo prazer e gosto. Nesse sentido, Friedman (1990) sugere investigar a relação entre as estruturas locais de desejo e identidade com o contexto político-econômico. O autor coloca que, na aquisição de um bem, em alguns casos, as aspirações pessoais podem desconsiderar as condições de renda e *status* social em razão do valor simbólico que um produto possui em determinada sociedade.

Entre as investigadas, existia a satisfação em apresentar-se bem, elaborar *looks* e, quem sabe, receber algum elogio. Também gostavam de dispor de autonomia para fazer

escolhas, mesmo que às vezes as opções à venda não fossem muitas, dados seus recursos financeiros principalmente. Nesse sentido, a maioria disse que, mesmo que gostasse de ganhar presentes e doações, preferia adquirir o máximo de produtos sozinha. Assim, disseram gerar menos gastos, em especial, a filhos e netos, além de adquirir algo que certamente seria de seu gosto – e foi comprado com seu próprio dinheiro.

Em relação à oferta de produtos para a aparência, as investigadas dos dois países, por vezes, se queixaram da falta de alguns produtos especializados no público idoso, camuflada na grande quantidade de lojas das cidades em que viviam. Para elas, vinha sendo difícil encontrar principalmente roupas que conciliassem praticidade, conforto e beleza: algo que vestisse bem em seu corpo envelhecido. A exemplo, uma das participantes relatou sobre a escassez de modelos do mercado de lingerie:

“E olha, agora, quando vou comprar calcinhas, vou ao Corte Inglés e na melhor das hipóteses, digo: ‘Vocês têm umas calcinhas para idosas, mas que não sejam para pôr debaixo dos sovacos?’ (Risos). E me dizem: ‘Temos isso...’ (com pouco ânimo). ‘É que eu não entendo: como não podem fazer calcinhas para idosas que tenham um pouquinho de renda? Por que tem que ser de algodão, branca, e até aqui?’ (Sinalizando os sovacos). Não entendo! Eu não entendo.’ E dizem: ‘Tem razão.’ ‘E não entendo. Por que eu tenho que pôr uma camisola com manga por aqui (punho), com a gola por aqui (pescoço)? Por que sou idosa? Não, eu não ponho alcinha! Ponho calcinha.’”

Além da escassez de opções em determinadas categorias de produtos para a aparência – e quando existiam, eram entendidas como preconceituosas – algumas participantes apontaram também a falta de preparo de algumas lojas para receber clientes idosos. Reclamaram da ausência de locais para eventualmente sentar-se, de vendedores sem paciência ou atenção às necessidades dos mais velhos e que soubessem fazer sugestões interessantes para suas compras, perfil estético e econômico. Comentaram, ainda, que notavam certa dificuldade dos funcionários em atendê-las por conta, justamente, da falta de mercadorias em acordo com o que procuravam.

Algumas idosas disseram, inclusive, comprar em lojas de marcas voltadas ao público jovem quando encontravam algo que lhes agradasse e servisse. Relataram que como não havia empresas de moda especializadas no público idoso com produtos bonitos,

da tendência ou de modelagem adequada, acabavam por não se importar com as distinções de estilo por faixa etária do mercado. Compravam o que queriam, parecia ficar bem e podiam pagar. Nesse contexto, uma das participantes comentou que o mais importante era saber filtrar, entre as ofertas, o que vestia bem em seu corpo, podendo ser usado em sua idade:

“Então eu gostava das coisinhas de lá (uma loja). Assim, eu não acho que é muito para minha idade, acho que é um pouquinho mais jovem, entendeu? Mas eu também não tenho constrangimento quanto a isso. Se eu gosto, se é para uma menina de 18 anos, não me interessa. Eu gostei, eu vou usar. Dentro da minha idade também. Se é uma coisa muito decotada, lógico que eu não vou usar, né? Se é blusa aqui em cima, também não vou usar, ficar com barriga de fora não dá, né?”

Afortunadamente e de forma cuidadosa, ao longo da vida, as investigadas disseram ter conseguido construir um acervo de roupas, calçados, bolsas e demais complementos em quantidade e diversidade que, segundo elas, não requeria que fizessem compras com tanta frequência. Assim, também aproveitavam para poupar recursos para uma eventual aquisição especial, como um traje para festa ou algo que vinham namorando em alguma vitrine.

Além de realizar aquisições para a aparência, as participantes se dedicavam ao cuidado e organização dos itens que possuíam. Em ambas as culturas, as investigadas relataram sobre estratégias para ordenar seu acervo de modo funcional a seu dia a dia, além de lavar, passar e arrumar cada uma de suas peças. Boa parte costumava separar as roupas em mais de um armário, aproveitando o espaço que antes pertencia ao marido ou filhos. Também dispunham de cômodas, sapateiras, criados-mudos, caixas, porta-joias, penteadeiras e outros móveis para dar lugar a cada tipo de item. Para elas, isso também facilitava encontrar as peças quando necessitavam.

No que tange à praticidade, também procuravam separar itens, principalmente roupas, por estação, deixando mais à mão o que se usa no tempo vigente. Organizavam peças, ainda, por ocasiões, como dia a dia, fim de semana, festa, igreja etc. Uma das brasileiras, por exemplo, mostrou em sua casa um armário exclusivo para as roupas especiais da comunidade católica a que frequentava.

A participante brasileira mais velha disse que, em termos de organização, já deixava combinações prontas nos cabides, facilitando sua preparação diária (Figura 2). Demonstrou que não gostava muito que outras pessoas interferissem em seu esquema de ordenação, pedindo no encontro da entrevista: “Não, deixa, a gente guarda depois. Eu vou guardando pela ordem”.

Figura 2. Participante brasileira que procurava deixar combinações prontas em cabides



Fonte: Andrea Lopes, 2015

Em geral, notou-se que o modo como viviam, os locais que frequentavam, as pessoas que encontravam e atividades sociais que desempenhavam influenciaram a ordenação de seus produtos para a aparência. Portanto, as estratégias de organização não eram estáticas e, sim, alternavam-se, de acordo com suas rotinas e envolvimento social. A exemplo, uma das espanholas mostrou seus casacos mais bonitos reservados em capas plásticas, uma vez que já não frequentava muito lugares em que caberia usá-los, segundo ela um restaurante mais chique ou um teatro.

Quando percebiam que algum item estava desgastado ou um pouco fora de suas preferências e realidades, se não o doavam, o customizavam com novos botões, corte na manga, barras etc. Faziam também reparos, evitando descartar peças. No limite, roupas

antigas podiam se transformar em milhares de retalhos para um trabalho artesanal, como o *patchwork*. Procuravam aproveitar o máximo que podiam ou dar um bom destino ao que saía de seus guarda-roupas. No geral, tratava-se, portanto, de uma ocupação significativa do tempo.

O costume de reparar, ajustar e aproveitar as roupas vinha em parte da vida humilde que tiveram e também, no caso de algumas, pelo ofício de costureira. Assim, observavam atentamente uma peça e procuravam reconfigurar seu aspecto quando necessário, como relatou uma das participantes:

“E o que estava te contando do casamento do meu filho, eu cheguei e disse: ‘Uh, que terninho mais bonito!’ Era de seda, preto. E disse: ‘Prova e você vai ver’. E, ‘olha, a saia está um pouco folgada para mim’, digo, ‘mas já sei o que vou fazer com a saia.’ Digo: ‘Aqui, passo uma costura, diante, no lado esquerdo’. E a passei, e fiz uma linha assim, aqui, em cima dos joelhos. O blazer era em seda com manga comprida. Não, não tinha manga comprida, tinha manga assim por aqui (três quartos). E vinha presa a um lado. E onde ia o nó fazia como um triângulo no tecido, de onde saía esta, para o nó. E nesse triângulo coloquei um broche. E você não tem ideia de como estava aquele terninho... E o pouquinho que me custou. Acho que me custou não sei se umas 32 pesetas ou algo assim. Porque era muito barato!”

As participantes procuravam administrar sabiamente seus recursos, para que não lhes faltasse meios de conseguir, no caso, o que necessitavam e desejavam na composição de sua aparência. O fato de ser presenteadas por familiares e amigas, além das trocas e doações recebidas, também ajudava na gestão de sua renda, advinda de pensão do marido ou baixa aposentadoria. Mesmo com as limitações financeiras ou da oferta de produtos especializados, conseguiam levar adiante a construção de sua aparência sem abrir mão de seu gosto pessoal.

Portanto, observou-se que as variadas estratégias para adquirir produtos da aparência incluíam o apoio de distintas pessoas e redes de relações, tendo em vista a obtenção da roupa da moda, do *look* adequado ou desejado e a diversificação do acervo pessoal. Em outras palavras, as participantes visavam a dispor de ferramentas que

consideravam necessárias ao preparo de seu aspecto pessoal e também para conseguir engajamento social e manter relações que interessavam a elas.

A gama de peças que dispunham, advindas de diferentes formas de consumo, considerava também os papéis, mensagens e situações que precisavam desempenhar cotidianamente, tal como elucidada Goffman (1985). Assim, organizavam seus guarda-roupas em acordo com suas rotinas e procuravam manter a autenticidade em seu estilo mesmo com recursos escassos, valendo-se da costura e demais meios citados, além de promoções, liquidações, pontas de estoque etc.

Nesse sentido, Buaes (2015) aponta que o consumo vem a possibilitar que mercadorias sejam portadoras de identidades, além de:

Pertencimento e reconhecimento social, configurando-se indicadores de distinção entre classes e grupos. Desse modo, as práticas de consumo estão vinculadas a uma identificação do sujeito como pertencente a determinado estrato social, grupo etário, gênero, estilo de vida dentre outros marcadores de pertencimento social (Buaes, 2015, p. 109)

Dessa forma, ainda que em condições de renda que limitavam muito seu consumo, as idosas conseguiam construir a aparência que entendiam ser bonita, apropriada a sua idade, decente, feminina e sem exageros. Usavam de certa habilidade criativa e administrativa, sem ignorar o próprio gosto pessoal, moral e dignidade. Para elas, arrumar-se estava relacionado a seu entorno, o qual lhes proporcionava as oportunidades para utilizar de seu acervo ou fazer novas aquisições, de forma a estar adequada a distintos contextos e envolvida com seus familiares, amigos e comunidades.

Considerações finais

A partir desta pesquisa, realizada no contexto brasileiro e espanhol, constatou-se que, tal como descrito por Crane (2006) em relação às classes operárias europeias e americanas, entre idosas longevas de poucos recursos, existia um desejo de ser atraente e alcançar visibilidade, a partir do consumo para a aparência. Além disso, notou-se um expressivo gosto em elaborar e compor a própria aparência com o máximo de autonomia.

As participantes, dessa forma, ainda que contassem com aquisições indiretas, advindas de presentes e doações de familiares e amigos, demonstraram que gostavam de poder escolher e decidir sobre as peças para seu acervo. A composição do acervo vinha sendo orientada pelo gosto pessoal, fundamentado na educação familiar, estando em acordo com as ideias, principalmente, de decência e feminilidade. Esses valores ultrapassavam inclusive as pressões da moda ou de familiares.

A noção de consumo assumia diferentes caminhos, como a troca, o ganho, doações, a customização e, efetivamente, a compra direta dos produtos. Para aquisição dos variados itens que possuíam, contaram com estratégias diversas que iam desde a compra ou confecção por conta própria a vaquinhas, por exemplo. Dentre as motivações que as levaram a investir na aparência, as participantes apontaram principalmente: ficar bonita; ter combinações diversas; não repetir muito as roupas; ter trajes suficientes até o dia de lavagem; estrear algo em data especial; manter-se engajada; prazer e gosto por se arrumar.

Ao tratar e utilizar os produtos que compravam e recebiam, demonstravam afeto, consideração, respeito e o entendimento de sacrifícios feitos na aquisição de determinadas peças. As participantes procuravam, ainda, retribuir o carinho de familiares e amigos usando artigos presenteados quando os encontravam – um modo, inclusive, de manter seu vínculo com essas pessoas. Portanto, através do consumo para a aparência exercitava-se e reforçavam-se laços, redes, papéis e significados.

Por outro lado, mesmo com baixo poder aquisitivo, as participantes se mostravam bastante exigentes quanto ao que compravam ou ganhavam para a aparência. Dessa forma, prezavam por produtos sobretudo de qualidade, práticos, confortáveis e de acordo com seu gosto pessoal. Destaca-se que o consumo de peças de maior qualidade visando ao considerado adequado em termos de apresentação social tratava-se de outro costume herdado dos ensinamentos da infância, igualmente mais humilde em termos econômicos.

Em termos de estilo, se identificavam com modelos entendidos como clássicos, mas que fossem bonitos e também atuais. Gostavam de cosméticos suaves e, no caso da Espanha, valorizavam mais o consumo de produtos nacionais.

Ainda que dispusessem de um amplo acervo, construído ao longo de muitos anos e diversos investimentos, apontaram certo desapontamento quanto a escassez de produtos e marcas especializadas nas variadas demandas do público idoso. Cobraram, ainda, por artigos que atendessem às suas necessidades sem deixar de lado a estética e as modas

vigentes. Nesse sentido, a Moda, entendida como indústria que cria e distribui roupa, acessórios, sapatos e boa parte do que compõe a aparência das pessoas em cada sociedade, pode contribuir com o público idoso ao fornecer ferramentas válidas para a expressão de sua identidade e apresentação pessoal desejada. As participantes se mostraram atentas às combinações e propostas de aparência correntes, procurando estar informadas e adequadas ao contexto de suas culturas e ao que se observou como senso de adequação etária.

No que tange à comparação, foram percebidas poucas diferenças entre brasileiras e espanholas. As participantes da Espanha demonstraram apenas ter maior apreço por produtos nacionais, como dito, e preocupação com a inserção de produtos estrangeiros no mercado local, a exemplo dos artigos chineses. As várias semelhanças entre os dois grupos no que tange ao consumo para a aparência, supostamente, podem estar relacionadas à variável geração, bem como ao mesmo perfil de renda e escolaridade. Finalmente, indica-se a futuras pesquisas investigar mais a variável aparência, bem como explorar e comparar distintas gerações idosas e contextos socioeconômicos.

Referências

Aboim, S. (2014). Narrativas do envelhecimento: ser velho na sociedade contemporânea. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, 26(1), 207-232. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702014000100013>.

Alonso, F. R. B. (2015). As mulheres idosas que residem em domicílios unipessoais: uma caracterização regional a partir do Censo 2010. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(N.º especial 19), Temático: "Envelhecimento Ativo e Velhice", pp. 99-122. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/27256>.

Argimon, I. I., Pizzinato, A., Ecker, D. D., Lindern, D., & Torres, S. (2011). Velhice e identidade: significações de mulheres idosas. *Revista Kairós-Gerontologia*, 14(4), 79-99. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/10052>.

Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. (2018). *Critério de Classificação Econômica Brasil*. São Paulo, SP. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://www.abep.org/criterio-brasil>.

Baltes, P. B., & Smith, J. (2006). Novas fronteiras para o futuro do envelhecimento: da velhice bem-sucedida do idoso jovem aos dilemas da quarta idade. *Revista A Terceira Idade, SESC São Paulo*, 17(36), 7-31. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: https://www.sescsp.org.br/files/edicao_revista/4ed8a079-074e-4baf-8f72-6770562f0853.pdf.

Blackman, C. (2011). *100 anos de Moda*. São Paulo, SP: Publifolha.

Buaes, C. (2015). Educação financeira com idosos em um contexto popular. *Educação & Realidade*, 40(1), 105-127. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://www.scielo.br/pdf/edreal/v40n1/2175-6236-edreal-40-01-00105.pdf>.

Caio, C. B. (2012). *Envelhecimento e aparência: a experiência de indianos imigrantes da cidade de São Paulo, Brasil*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de São Paulo, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Graduação em Gerontologia. São Paulo: Orientação: Andrea Lopes.

Chow, N., & Bai, X. (2011). The effects of sociodemographic characteristics on chinese elders' perception of the image of ageing. *International Journal of Population Research*, 1-11. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1155/2011/642874>.

Crane, D. (2006). *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. C. Coimbra, Trad. São Paulo, SP: Editora SENAC.

Debert, G. G. (1999). Velhice e o curso da vida pós-moderno. *Revista USP*(42), 70-83. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28456>.

Debert, G. G. (2004). *A reinvenção da velhice: socialização*. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP.

Delboni, B., Joaquim, S. B., Ploner, K. S., & Cyrini, L. R. (2013). Gerascofobia: o medo de envelhecer na contemporaneidade. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 10(2), 203-214. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/3320>.

Dweck, R. (1999). *A beleza como variável econômica: reflexo nos mercados de trabalho e de bens e serviços*. Rio de Janeiro, RJ: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

Elias, N. (1994). *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Zahar.

Featherstone, M. (1998). O curso da vida: corpo, cultura e imagens do processo de envelhecimento. In: Debert, G. G. *Textos Didáticos n.º 13: Antropologia e Velhice* (2ª ed., 45-64). Campinas, SP: Textos Didáticos.

Ferreira, M. G., Bianchi, M., Menegócio, A. M., & Zago, G. M. (2014). Desconstruindo a imagem do idoso nos meios midiáticos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 17(4), 211-223. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/23868>.

Friedman, J. (1990). Being in the world: globalization and localization. *Theory, Culture & Society*, 7, 311-328. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://doi.org/10.1177/026327690007002018>.

Geertz, C. (2008). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, RJ: LTC.

Goffman, E. (1985). *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Köhler, C. (2009). *História do vestuário (1825-1876)* (3 ed.). (E. von Sichart, Ed., & J. L. Camargo, Trad.) São Paulo, SP: Editora WMF Martins Fontes.

Livramento, M., Hor-Meyll, L., & Pêssoa, L. G. (2013). Valores que motivam mulheres de baixa renda a comprar produtos de beleza. *Revista de Administração Mackenzie*, 14(1), 44-74. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/RAM/article/view/4066>.

Malheiros Junior, A., & Freitas, S. (2012). Envelhecimento e consumo: as representações da velhice feminina no discurso midiático. *Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*, 17(1), 275-291. Recuperado em 01 setembro, 2018, de:

Monteleone, T., Witter, C., & Gama, E. F. (2015). Representação social de idosos: análise de imagens publicadas no discurso midiático. *Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*, 20(3), 921-937. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/27746>.

Neri, A. L. (2014). *Palavras-chave em Gerontologia* (4ª ed., Vol. Coleção Velhice e Sociedade). Campinas, SP: Alínea.

Patrício, K. P., Ribeiro, H., Hoshino, K., & Bocchi, S. M. (2008). O segredo da longevidade segundo as percepções dos próprios longevos. *Ciência & Saúde Coletiva*, 13(4), 1189-1198. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232008000400015>.

Picolli, M., Araújo, J., Graeff, B., & Lopes, A. (2012). Idosos “roqueiros” e a juventude eterna: pistas para reflexão. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(Número Especial 13, “Vulnerabilidade/Envelhecimento e Velhice: Aspectos Biopsicossociais”). Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://ken.pucsp.br/kairos/article/download/17308/12854>.

Plens, J., Accioly, M., Batistoni, S., & Lopes, A. (2012). Envelhecimento, engajamento e aparência: percepções de idosas participantes de um núcleo de convivência de idosos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(N. Especial 26, “Vulnerabilidade/Envelhecimento e Velhice: Aspectos Biopsicossociais”), pp. 269-289. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/17307>.

Rodrigues, A. d., & Justo, J. S. (2009). A ressignificação da feminilidade na terceira idade. *Revista Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*, 14(2), 169-186. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/7233>.

Santos, G. A., Lopes, A., & Neri, A. L. (2007). Escolaridade, raça e etnia: elementos de exclusão social de idosos. In: Neri, A. L. *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*, 65-80. São Paulo, SP: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC-SP.

Scalco, L. M., & Pinheiro-Machado, R. (2010). Os sentidos do real e do falso: o consumo popular em perspectiva etnográfica. *Revista de Antropologia, USP*, 53(1), 321-359. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-77012010000100009>.

Schemes, C., Duarte, P. S., & Magalhães, M. L. (2015). Anseios e desejos: mulher madura e a moda como construção social. *Revista PRÁKSIS*, 2(12), 146-158. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=525552633014_5.

Serviço de Proteção ao Crédito & Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas. (2016). *Significados da beleza: autoimagem e consumo*. Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) & Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL).

Silva, A. C. (2015). *Significados de aparência e o perfil socioeconômico de idosos aposentados associados ao SINDNAPI*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Graduação em Gerontologia. São Paulo: Orientação: Andrea Lopes.

Silva, N. P., Cachioni, M., & Lopes, A. (2012). Velhice, imagem e aparência: a experiência de idosos da UNATI EACH-USP. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(Número Especial 14, “Universidade Aberta à Terceira Idade e Velhice), 235-257. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/15251>.

Simmel, G. (2014). *Filosofía de la Moda*. España: Casimiro Libros.

Unión Democrática de Pensionistas y Jubilados de España (UDP). (2012). *Voluntariado social UDP: tal como somos – envejecimiento activo* (Vol. Colección Estudio). España: Gobierno de España, Ministerio de Sanidad, Servicios Sociales e Igualdad.

Vilhena, J. d., Novaes, J. d., & Rosa, C. M. (2014). A sombra de um corpo que se anuncia: corpo, imagem e envelhecimento. *Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental*, 17(2), 251-264. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0381v17n2a08>.

World Health Organization. (2017). *News release (19 may 2016). Life expectancy increased by 5 years since 2000, but health inequalities persist*. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://www.who.int/mediacentre/news/releases/2016/health-inequalities-persist/en/>

Yokomizo, P., & Lopes, A. (2019). Aparência: uma revisão bibliográfica e proposta conceitual. *Dobra[s]*, 12(26), 227-244. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: [doi:doi.org/10.26563/dobras.v12i26.922](https://doi.org/10.26563/dobras.v12i26.922).

Patrícia Yokomizo – Graduação em Têxtil e Moda. Mestre em Gerontologia, fundadora e membro do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS), todos da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP), Brasil.

E-mail: pati@usp.br

Paloma Díaz Soloaga – Professora titular do Departamento de *Comunicación Aplicada*, da Faculdade de *Ciencias de la Información*, da *Universidad Complutense de Madrid* (UCM), Espanha. Interesses: reputação, marca e cultura nas organizações. Especialidade em Moda. Colaboradora do EAPS/USP, Brasil.

E-mail: pdiaz@ucm.es

Andrea Lopes – Antropóloga, docente da Pós-Graduação em Gerontologia e das Graduações em Gerontologia e Têxtil e Moda. Fundadora e coordenadora do grupo EAPS. Todos da EACH/USP. Orientadora da pesquisa.

E-mail: andrealopes@usp.br

Envejecimiento, apariencia y significados: el consumo de mujeres mayores de Brasil y España*

Aging, appearance, and meanings: the consumption of Brazilian and Spanish old women

Envelhecimento, aparência e significados: o consumo de idosas do Brasil e da Espanha

Patrícia Yokomizo

Paloma Díaz Soloaga

Andrea Lopes

RESUMEN: el artículo presenta una caracterización y comparación del consumo destinado a la apariencia de mujeres mayores de Brasil y España. Aunque en un escenario de bajos recursos financieros, los dos grupos disfrutaban de distintas modalidades de consumo y con autonomía. Sus adquisiciones tenían en cuenta el deseo de sentirse guapa, atractiva e interesante. Los principales significados relacionados fueron el afecto, la consideración, el respeto y sacrificio. Se notó una insatisfacción en cuanto a la oferta de productos a ese segmento de edad.

Palabras clave: Apariencia; Consumo; Mujeres mayores.

* Investigación realizada con apoyo de la *Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo* (FAPESP) y *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* (CAPES), Brasil.

ABSTRACT: *The article presents a characterization and comparison of consumption actions for personal appearance among elderly women from Brazil and Spain. Even in a scenario of low financial resources, both groups enjoyed different forms of consumption with autonomy. Their acquisitions were aimed at the desire to feel beautiful, attractive and interesting. The main meanings involved were affection, consideration, respect, and sacrifice. There was dissatisfaction with the offer of products to this segment.*

Keywords: *Appearance; Consumption; Elderly women.*

RESUMO: *O artigo apresenta uma caracterização, e comparação, das ações de consumo para a aparência entre mulheres idosas do Brasil e da Espanha. Mesmo em um cenário de baixos recursos financeiros, ambos os grupos usufruíam de diferentes modalidades de consumo com autonomia. Suas aquisições tinham em vista o desejo de sentir-se bonita, atraente e interessante. Os principais significados envolvidos foram o afeto, consideração, respeito e sacrifício. Houve insatisfação quanto à oferta de produtos a esse segmento.*

Palavras-chave: *Aparência; Consumo; Mulheres idosas.*

Introducción

En ese estudio, se comprende el envejecimiento como un proceso heterogéneo (Debert, 2004) e interdependiente (Elias, 1994) que, tal como describe Neri (2014), sucede a lo largo de la vida y transcurre de acuerdo con variados procesos determinantes, logros y pérdidas (Baltes, y Smith, 2006), de orden biológico, psicológico, social y cultural (Neri, 2014).

En la actualidad, muchas y distintas regiones mundiales experimentan un creciente aumento de la esperanza de vida (World Health Organization 2016), escenario inédito en la historia de la humanidad (Neri, 2014). Sin embargo, desde el inicio del siglo XXI, Baltes, y Smith (2006) llaman la atención acerca de la abundancia de estudios que centran la cuestión en las ciencias biológicas, lo cual vincula el envejecimiento y la prolongación de la vida con aspectos relacionados con las enfermedades. Este fenómeno lo encontramos no solo en el ámbito científico, sino también en el popular.

En ese sentido, Chow, y Bai (2011) identifican que envejecer bien, pasa a través de lograr una buena memoria y audición; reducir el riesgo de padecer enfermedades cardiovasculares; experimentar menos síntomas depresivos; caminar con mayor rapidez; tener fuertes deseos de vivir; y en definitiva, llegar a la ancianidad en mejores circunstancias. Estas consideraciones configuran una visión biológica y psicológica del curso de la vida, que dejan al margen factores de orden sociocultural y que, de la misma manera, se relacionan con la comprensión, auto-percepción y concepción del envejecimiento y así como su dinámica.

Los estudios acerca de las enfermedades y pérdidas de los mayores son importantes y no deben ser menospreciados. Aunque el reto consiste en pensar en su complejidad, sin minusvalorar otros aspectos igualmente importantes. Reforzando la propuesta de Baltes y Smith (2006), de abordar las pérdidas, al tiempo que se tienen en cuenta los logros de la vejez, resulta necesario prestar atención a la relación que existe entre la edad avanzada y los problemas de salud en particular. Y se trata igualmente de investigar otros ámbitos del envejecimiento para no caer en estereotipos e imágenes predeterminadas, reduccionistas, limitadas, excluyentes y, posiblemente, peyorativas acerca de los mayores (Argimon, Pizzinato, Ecker, Lindern, y Torres, 2011).

Esa observación corrobora el concepto de reprivatización de la vejez, elaborado por Debert (1999) y que trata de la crítica a los ancianos, a los que en cierta medida se acusa de su propia dependencia, fragilidad y estilo de vida, al acusarles del descuido de su cuerpo y su mente. En este sentido, Baltes y Smith (2006) destacan la importancia de emplear esfuerzos colectivos e individuales en la atención de las distintas demandas que surgen a lo largo de la vida de las personas, como forma de favorecer un equilibrio entre pérdidas y logros en períodos más avanzados.

Además de la declinación de la salud y la vitalidad física, para Aboim (2014) constituyen temas privilegiados de los análisis acerca de las personas mayores las condiciones materiales, la transición hacia la jubilación, la sexualidad, el aislamiento familiar y social, entre otros aspectos psicosociales. Estos son temas que tratan de dimensiones de la vida supervisadas por los sistemas públicos.

De esa manera, “la profusión de enunciaciones pedagógicas, en el campo de las prácticas, que tendrían como objetivo mejorar la adaptación a la llamada pérdidas de la vejez, acaban por resaltarlas más aún” (Vilhena, Novaes, y Rosa, 2014, p. 260).

Al expandir la discusión hacia el abordaje de cuestiones sobre salud y enfermedad, Patrício, Ribeiro, Hoshino y Bocchi (2008) explican que es necesario considerar los diversos componentes del envejecimiento – que interactúan entre sí y son interdependientes – de forma que se puedan incorporar los aspectos sociales y ambientales a los estudios biomédicos y viceversa.

En síntesis, a pesar de las importantes contribuciones de estos estudios, todavía se percibe la carencia de enfoques sobre las distintas formas de envejecer y que refuerzan la heterogeneidad de ese proceso de naturaleza biológica, psicológica, social y cultural, especialmente en aquellos con pocos recursos. De la misma manera, se trata de investigar no solo las formas medicinales para vivir más y mejor, sino también los significados, motivaciones, expectativas, contextos y producciones de sentidos alrededor de ese deseo y posibilidad.

De forma paradójica, en el siglo XXI, en muchas sociedades las mujeres son el grupo con la mayor expectativa de vida (Neri, 2014) y con los mayores prejuicios sobre la vejez (Santos, Lopes, y Neri, 2007). Un estudio que ilustra esa realidad es el de Baltes y Smith (2006) al destacar la presencia de un gran número de mujeres ancianas viudas, que vivían solas o en instituciones en Berlín, Alemania. Lo mismo apunta una investigación brasileña de la *Fundação Perseu Abramo* (Santos, Lopes, y Neri, 2007) cuando describe que entre los mayores de Brasil prevalecían las mujeres viudas, aunque en ese caso vivían con sus hijos. Según Alonso (2015), el censo brasileño de 2010 apuntó todavía que la mayor parte de las mujeres mayores que vivían solas se encontraban en las grandes ciudades de lo que se deduce que es en las urbes donde disponen de mejores infraestructuras para poder vivir.

La Unión Democrática de Pensionistas y Jubilados de España (2012) ofrece datos similares al destacar el ascenso socioeconómico y demográfico de los mayores españoles en los últimos años. De acuerdo con esta institución, la mayor parte de los ancianos son mujeres que viven solas en grandes ciudades. Las más longevas frecuentaron poco las escuelas en edades anteriores, especialmente por las condiciones precarias a consecuencia de la Guerra Civil Española (1936-1939) y de la dictadura (1939-1975). Muchas no tuvieron actividad profesional registrada y vivían de la pensión de sus maridos.

Para Rodrigues y Justo (2009), gran parte de esa generación fue educada por medio de rígidos principios y patrones de comportamiento, sobre todo en la vida de

casada, esas mayores tuvieron que convivir con prejuicios y desigualdades socioeconómicas, como la restricción al mundo profesional o a la administración financiera del hogar. Eso las ha reducido al medio familiar y las tareas domésticas. Según Argimon et al (2011), en general, ese grupo de mujeres mayores se encuentra influida por dos marcadores de identidad que pueden estimular al aislamiento social: 1) la edad cronológica, entendida como síntoma de decrepitud; 2) las tareas, roles y expectativa de género, que ocasionaron su recogida en el hogar durante la mayor parte de la vida.

De esa manera, para Neri (2014, p. 177), las “cuestiones de género son fundamentales para la comprensión de la vejez”, puesto que están relacionadas con las diferencias entre hombres y mujeres mayores en lo que se refiere a contextos diversificados y complejos, como es el caso de las estrategias de enfrentamiento, los roles sociales, la religiosidad, la percepción de autoeficacia, la personalidad, el autocuidado, las relaciones sociales, así como de intimidad entre otras. Visto en perspectiva, esas diferencias a lo largo de la vida se relacionan y son muchas veces fruto de la influencia de variables socioeconómicas y aspectos culturales, como ingresos, escolaridad, valores y creencias.

Para Rodrigues y Justo (2009), las condiciones de reclusión, desigualdad y exclusión social vividas en períodos anteriores suscitan entre mujeres mayores del siglo XXI el deseo de experimentar una mayor independencia y autonomía en la vejez, principalmente, tras el fallecimiento del marido y la salida de los hijos del hogar. De alguna manera al cumplir años persiguen una superación de las barreras de género que les impidieron tener una vida más allá del espacio doméstico y de las obligaciones de esposa y madre, que al mismo tiempo les protegió de innumerables riesgos y les ayudó a vivir más (Rodrigues, y Justo, 2009).

Por otro lado, el estudio de Argimon et al (2011) investigó los significados de la vejez atribuidos por mujeres mayores de Porto Alegre, Brasil, y evidenció una negatividad hacia el envejecer. Las mujeres investigadas entendían la vejez como un momento de soledad, baja atracción sexual, incapacidad, falta de esperanza y decadencia física, cognitiva y estética. El efecto de discursos negativos acerca de la vejez, basados en la lógica productiva del tiempo útil de las personas y en la concepción de que envejecer es una enfermedad es impactante, hasta el punto de que algunas personas afirmen “sufrir la vejez” (Vilhena, Novaes, y Rosa, 2014, p. 260).

Para Delboni, Joaquim, Ploner y Cyrini (2013), en las sociedades capitalistas el anciano en general pierde valor social al reducirse su capacidad de producción y consumo de bienes. Para Featherstone (1998), la pérdida de control sobre el cuerpo deriva en la estigmatización y desvaloración de las personas mayores. Para ese autor, la imagen de una jubilación activa, que implica el mantenimiento de un aspecto jovial, es fruto de la cultura de consumo. Este modelo es solo asequible a ciertos grupos, que disponen de tiempo y dinero para adquirir esa fórmula de inserción social. De ese modo se pretende diseñar un sistema donde la vejez se convierta en fuente de recursos *versus* de exigencias.

Delboni et al (2013) afirman que mientras en Oriente el mayor posee un valor más alto por su experiencia y sabiduría, en Occidente es sinónimo de pérdida de capacidad y belleza. Sin embargo, Chow y Bai (2011) también señalan que con la modernización de China se está viviendo una pérdida de los valores tradicionales, entre ellos la veneración hacia los ancianos.

Puesto que el envejecimiento es un proceso muy complejo, variado e interdependiente, elaborar medios para investigarlo constituye todo un reto. En ese sentido, de acuerdo con Silva, Cachioni y Lopes (2012), la apariencia permite percibir las dinámicas y relaciones que construyen el proceso de envejecimiento. Para las autoras la apariencia se compone de aspectos de naturaleza biológica, psicológica y sociocultural. Yokomizo y Lopes (2019) todavía explican que la construcción de la apariencia constituye un proceso que ocurre a lo largo de la vida y según las condiciones para envejecer disponibles.

Otros estudios brasileños con enfoque etnográfico destacan una estrecha relación entre el envejecimiento y la construcción de la apariencia a lo largo de la vida. Caio (2012), en una investigación acerca del envejecimiento de inmigrantes indios de la ciudad de São Paulo, Brasil, concluyó que la construcción de la apariencia entre hombres y mujeres a lo largo de ese proceso se caracterizó por la ruptura de las propias tradiciones, así como por la apropiación de significados del cuerpo influidos por el contacto intercultural. Plens, Accioly, Batistoni y Lopes (2012) concluyeron por su parte que la atención a la apariencia promovió el bienestar, así como el desempeño social de mujeres mayores de un centro de convivencia de São Paulo.

Picolli, Araújo, Graeff y Lopes (2012) estudiaron el mito de la eterna juventud y su presencia a lo largo de la vida de hombres mayores que se consideraban roqueros.

Tanto en sus actitudes y creencias, como en la manera que elaboraban su apariencia, que a su vez les servía de base argumental para sus interacciones sociales. Finalmente, Silva (2015) investigó los significados de la apariencia en jubilados de bajos ingresos y escolaridad de la ciudad de São Paulo, Brasil. La autora apuntó que, para gran parte de los participantes, aunque alejados del mundo del trabajo y en condiciones socioeconómicas desfavorables, la apariencia era considerada importante y estaba asociada a significados positivos.

Estos estudios conducen a apreciar la variable de la apariencia externa en la comprensión de significados, transformaciones, necesidades y deseos de los individuos a lo largo de su proceso de envejecimiento. El arreglo personal es índice del interés de los mayores por la apariencia, al considerarse un medio fundamental para estar incluido en los distintos contextos sociales. Por ese motivo realizan constantes inversiones incluso cuando cuentan con recursos económicos muy escasos.

Al final del siglo XX, en una investigación brasileña sobre el valor social y económico de la belleza, Dweck (1999) concluía que las mujeres pobres del país utilizaban una parte mayor de sus rendimientos en el mercado de la estética que aquellas con mayor riqueza, supuestamente como medio para lograr más oportunidades. En un estudio detallado sobre el vestuario de las clases obreras del siglo XIX en Europa y EEUU, Crane (2006) afirma que clase y género constituían la identidad de las ropas.

Según la autora, las mujeres con menos posibilidades de acceder a las ofertas del mercado de la belleza desarrollaban su identidad gracias a su indumentaria. Las trabajadoras solteras en concreto buscaban en el cuidado de su apariencia una manera de distinguirse socialmente. Para las empleadas del hogar vestirse en su tiempo libre con ropas especiales y elegantes era el modo de participar en la sociedad, escapando del dominio de sus amos o patrones, intentado afirmar la propia identidad personal y procurarse un status social. En el caso de las jóvenes solteras de clase obrera que trabajaban en la industria o en el servicio, también procuraban vestirse de manera elegante incluso en las sucias fábricas, y gastaban una parte considerable de sus sueldos en artículos de moda, como un modo de distinguirse de las mujeres casadas de clase obrera.

En el contexto del siglo XXI, Livramento, Hor-Meyll y Pêsoa (2013) también evidenciaron que el consumo de productos de belleza por mujeres de bajos ingresos afectaba positivamente en la autoestima y suscitaba en ellas el respeto de las clases

superiores. La apariencia configura, así, un recurso para disminuir la discriminación por su condición de pobreza, al tiempo que potencializa la capacidad de acceso.

Según una investigación elaborada por el *Serviço de Proteção ao Crédito (SPC)* y la *Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL)* de Brasil, con consumidores brasileños de ambos sexos y todas las clases sociales acerca de los significados de la belleza y las razones que llevan las personas a invertir en su apariencia, más de la mitad de los participantes estaba pendiente de su aspecto externo y consideraba que la belleza es una necesidad. Por ese motivo consumían productos y servicios – sobre todo en el caso de las mujeres – para mejorar su autoestima, mostrarse guapos y sentirse atractivos. La mayoría de los entrevistados en este estudio consideraba que las personas guapas tienen más oportunidades en la vida, y tienen éxito en las relaciones afectivas, siendo esta creencia superior entre las clases más pobres (*Serviço de Proteção ao Crédito y Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas, 2016*).

Según este mismo estudio los principales artículos adquiridos son ropa, calzado, accesorios y productos de alimentación sana. Al mismo tiempo que los consumidores investigados consideraban que el estado de espíritu y otros rasgos de la personalidad embellecen a la persona – independientemente de sus atributos físicos –, se mostraron preocupados por la propia apariencia, y se sentían incómodos con los propios signos de envejecimiento. Esto sucede, de nuevo, especialmente a las personas más pobres.

Los estudios mencionados refuerzan la idea de que en las clases bajas la apariencia es vista como un capital y las inversiones en ella se asocian a diversos significados y aspiraciones. No obstante, en el ámbito de la moda, el vestuario y apariencia, hay todavía pocos estudios en relación a los pobres y excluidos – que en el caso de Brasil, configuran la mayor parte de la población (*Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, 2018*).

Esa marginalidad comienza por los registros históricos que suelen reunir indumentarias de los íconos públicos, clases altas, personas jóvenes y/o de regiones globalmente conocidas, especialmente Europa y Estados Unidos (*Köhler 2009; Blackman 2011*). Por otro lado, el reconocido sociólogo de la moda, Georg Simmel (2014) destaca que la Historia de la Moda hasta el comienzo del siglo XX estuvo centrada en el estudio de la evolución de las apariencias – más específicamente de la ropa y sus posibles combinaciones – que en los significados que las elecciones y cambios de esas prendas tienen para el proceso social y viceversa.

Por otro lado, en la Gerontología, campo que estudia el envejecimiento, diversos autores describen el llamado culto a la juventud y la negación del envejecimiento, sobre todo en los medios de comunicación (Malheiros Junior, y Freitas, 2012; Delboni et al, 2013; Ferreira, Bianchi, Menegócio, y Zago, 2014; Monteleone, Witter, y Gama, 2015). Para esos investigadores, se refuerza la exclusión de los ancianos en distintos escenarios, lo que todavía puede contribuir para la falta de retratos y conocimiento acerca de los mayores más pobres, especialmente en lo que se refiere a los aspectos no relacionados a la salud o debilidad. Se nota una tendencia a supervalorar y homogeneizar los más pobres y viejos, así como sus deseos, maneras de vivir y representaciones.

De forma que es lógico cuestionar: ¿cómo viven las personas mayores de hoy en día? Y entre ellas ¿cómo lo hacen los más pobres? Tal como retrata Crane (2006) ¿existe un deseo de construir una identidad, ser atractivo y lograr visibilidad a través de la indumentaria como les sucedía a los operarios europeos y norte americanos del siglo XIX? Y ¿existe entre los ancianos una aspiración a alcanzar la eterna juventud?

Gracias al potencial de la apariencia para desvelar los *modus operandi* del envejecer y sus significados (Crane 2006; Lipovetsky 2009; Blackman 2011; Simmel 2014), en nuestro estudio utilizamos esta variable para comprender el concepto de vejez en mujeres brasileñas y españolas longevas, con bajos ingresos y estudios básicos. Elegimos como contexto el consumo dirigido a mejorar la apariencia, investigando las estrategias de adquisición, aspiraciones, referencias, deseos y mensajes envueltos en la composición del aspecto personal. Tuvimos en cuenta la relación de todo lo anterior con las experiencias de esas mujeres a lo largo de sus vidas.

Del mismo modo se buscó presentar la apariencia como tema para investigar el envejecimiento y la vejez, debatir mitos y la diversidad de maneras de envejecer y presentarse socialmente. Todavía, se buscó reflexionar acerca de la dinámica de la construcción de la apariencia a lo largo del proceso de envejecimiento, especialmente en mujeres ancianas y socialmente vulnerables. Por último, aunque se haya enfocado en el ámbito sociocultural, se tuvieron en cuenta otros contextos como el médico y el psicológico, así como sus relaciones de interdependencia.

Método

Se trata de una investigación cualitativa, exploratoria y descriptiva, basada en el método etnográfico propuesto por Geertz (2008). Las técnicas utilizadas fueron observación participante, charlas informales, entrevistas en profundidad, documentación y registro fotográfico. Para ello se elaboró un guion semiestructurado compuesto por preguntas sobre el consumo dirigido a mejorar la apariencia y también se utilizó un cuaderno de campo que ayudó al adecuado registro de las distintas técnicas. Como garantía del tratamiento ético de las informaciones recogidas, todas las participantes firmaron un Término de Consentimiento Libre y Esclarecido.

Las participantes fueron nueve mujeres brasileñas y once españolas, de 80 años o más, residentes en São Paulo y Madrid la mayor parte de su vida, dueñas de sus casas en la ancianidad. Casi todas con rendimientos familiares de hasta tres sueldos en el caso de Brasil, y dos en España y con escolaridad básica – lo que equivaldría a enseñanza fundamental en Brasil y educación primaria en España. Todas ellas sin deterioro cognitivo lo que hizo posible el estudio. Se buscó expresamente la similitud de los sujetos de estudio, para poder realizar la comparación transcultural.

Para el contacto con las participantes, en Brasil se obtuvo el apoyo del *Instituto Paulista de Geriatria e Gerontologia (IPGG)* y del *Núcleo de Convivência para Idosos Projeto Samuel Rangel*. En España se contó con la colaboración de la Universidad Complutense de Madrid, de la Agencia Madrileña de Atención Social (AMAS), del Centro de Mayores Los Cármenes y de la ONG Solidarios para el Desarrollo.

La traducción de los textos literales en portugués contó con la fluidez en ambas las lenguas de una de las autoras. Las imágenes sirven para ilustrar la construcción simbólica de la apariencia a lo largo de la vida.

Envejecimiento y consumo dirigido a la apariencia: productos, medios de adquisición y significados

Al describir sus pertenencias, en particular lo que conservaban en sus armarios, todas las participantes de ambos países mencionaron la gran cantidad de ropa, accesorios y cosméticos que tenían. El hecho de tener bajos ingresos no les impidió adquirir artículos

de lo más variado para mejorar su apariencia, a partir de sus necesidades y deseos. Ya sea estar guapa, poder realizar combinaciones variadas con la ropa y no repetir las prendas y estilos; disponer de ropa para toda la semana o hasta el día hacer la colada; estrenar algo en una fecha especial; o estar a la moda, en sus entornos sociales, por citar algunos.

Buaes (2015), en un estudio sobre el consumo entre mujeres mayores de clases populares en la ciudad de Porto Alegre, defiende que el “fenómeno del consumo está asumiendo un rol determinante en la organización de la vida social”. La autora señala la aceptación de las participantes de que “compran por impulso” (p. 125). Según lo observado en su investigación, Buaes interpreta que “‘recibimos estímulos’ de consumo a través de diversas y complejas estrategias, vinculadas a la producción de deseos, facilidad de obtención de crédito, de las múltiples formas de pago entre otras” (p. 125). La investigación también destaca el súper endeudamiento como un peligro real derivado de los préstamos bancarios en ese segmento de edad.

En el caso de nuestra investigación, para elaborar su propia apariencia las mujeres de ambos países contaban con la ayuda de sus familiares, que les regalaban ropa, zapatos, cremas y otros artículos que ellas querían o que su familia pensaba que les podría gustar. En términos generales se los regalaban en fechas conmemorativas como son los cumpleaños, el día de la madre o en Navidad. En ocasiones compartían el gasto entre hijos, nietos, nueras, yernos y otros familiares, debido a los bajos recursos de los que disponen, para comprar varios productos baratos o adquirir uno más caro de mayor calidad. Esos regalos eran símbolos de afecto, consideración y sacrificio (Scalco, y Pinheiro-Machado, 2010).

En algunos casos la propia interesada participaba del prorrateo para adquirir algo de mayor valor, como describe una de las españolas:

El año pasado, para mi cumpleaños, luego (las hijas) me compraron un chaquetón de piel, que tenía yo ya. Es que tenía mucha tripa y ya no me llegaba, y me lo compraron ellas. Hombre, no las dejé pagar todo, porque fui, ahora no hay por aquí, no sé dónde me llevó mi yerno. Valía 300 euros y yo pagué 100 y ellas 100 cada una.

Al recibir regalos en fechas especiales las participantes manifestaron que estos en la mayor parte de las veces son artículos para mejorar su apariencia y casi siempre son elegidos por mujeres – hijas, nueras, nietas, bisnietas, cuñadas o sobrinas. En el caso de

Brasil, algunas de estas parientes trabajaban para empresas relacionadas a la estética como Avon y Natura, ambas distribuidoras de productos cosméticos. Gracias a su facilidad para acceder a productos y novedades con descuento estas familiares aprovechaban para ofrecer regalos a sus madres, abuelas o bisabuelas aumentando así los productos de belleza que acumulaban en sus casas (Panel 1).

La mayor parte de las ancianas describía su alegría al sentir que se acordaban de ellas y eran tenidas en cuenta por sus familias. Cuando utilizaban los productos que les habían regalado sentían que estaban siendo agradecidas y devolviendo en cariño que les había manifestado.

Panel 1. Cosméticos utilizados por las participantes de Brasil (Natura, Avon y Rugol) y de España (Nivea y esmalte).



Fuente: Patrícia Yokomizo, 2016.

Sin embargo, a pesar de la buena intención los familiares, no siempre conseguían acertar en las elecciones al comprarles regalos, puesto que el gusto se hace más autónomo y refinado en la vejez. Incluso en algunas ocasiones disfrazaron su descontento con una prenda que no era de su agrado y la usaron de vez en cuando, siguiendo la estrategia de

mostrar el regalo para no disgustar al familiar. Las menos retraídas no dejaban de expresar su contrariedad como relató una brasileña:

Ella me dijo: "mamá, le voy a dar una ropa a usted". Y dije: "bueno, ya sabes" (risas). "¡No me venga con una blusa escotada y un pantalón apretado que yo no llevo eso! ¡Ya lo sabes!" Ella dijo: "vale mamá. Yo voy a comprar otra cosa entonces, más ancho". Le dije: "cómprame medio ancho porque no me gusta ropa apretada también. Los pantalones apretados no me gustan".

A pesar de algunos desencuentros en cuestión de gusto y estilo, las investigadas dijeron que los familiares solían elegir buenos regalos para ellas. Los dos grupos de mujeres expusieron también intentar dejar claro lo que les gustaba: ropa cómoda, no muy corta, escotada o apretada, pero sin ser anticuada y con apariencia actual. Cosméticos suaves, calzados con tacón no muy alto, horma ancha y de color negro. Joyas o bisutería discreta y ligera. Además, valoraban la calidad en todos los productos ya que en su opinión merece la pena pagar algo más a cambio de comodidad, mejores materiales y más durabilidad. Para Schemes, Duarte y Magalhães (2015), independientemente de la clase económica, en la adquisición de una prenda la calidad y conformidad con el gusto personal suelen estar por encima del precio.

De nuevo en ambos países las mujeres preferían orientar a sus familiares acerca de lo que valoraban en términos estéticos, ya que sus preferencias estaban relacionadas a la educación que recibieron de sus padres en la infancia. En ambos casos participan de principios morales similares que consideraban lo apropiado para vestir y comportarse bien: mostrarse decentes, femeninas y naturales, sin artificios.

En la relación que tienen con sus familiares las investigadas expresaban que se veían influidas ya que elegían productos para ellas mientras buscaban mostrar su identidad a través de su aspecto personal, pero también les gustaba que les regalasen lo que los demás elegían para ellas. La lógica de herencia simbólico-afectiva logra fluidez en esos encuentros.

Pero no sólo les regalaban cosas para mejorar su aspecto sus familiares ya que también les regalaban cosas sus amigas en sus cumpleaños, el amigo invisible, o para fin de año o Reyes en los centros sociales o los sorteos de la Parroquia, por citar algunos ejemplos. Con sus amigas se servían de la misma lógica de usar y mostrar los regalos tal

y como describe Goffman (1985) cuando explica que los individuos buscan cotidianamente representar y transmitir mensajes a las personas de su alrededor.

Las ancianas investigadas utilizaron los regalos de parientes y amigos para significar cariño, respeto, consideración y asertividad en sus gustos personales, algo más difícil de expresar cuando la amiga no lograba acertar en el gusto. Según dijeron ellas mismas, les costaba más decir la verdad a una amiga que a un pariente, aunque esto dependía sobre todo del nivel de intimidad que tenían. Para lidiar con las amigas en estos casos las explicaciones eran distintas, como expresó una de las investigadas: “yo digo ‘ah, es que me voy a la iglesia (con la ropa que le regalaron), no voy a usar aquí (en el centro de convivencia)’. [...] Yo me quedo con aquella ropa y después la doy”.

A partir de la estrategia además de otras, como llevar cierta prenda solo una vez para que la persona que se la regaló la vea y después no volver a hacerlo o donarla a alguien que no conozca a quien se la regaló, se percibió que – de hecho – lo más importante para todas ellas era que los regalos para mejorar su apariencia estuvieran de acuerdo con su gusto personal. Para evitar situaciones incómodas, algunos familiares habían optado por darles dinero y dejar que eligieran lo que querían. Entre ellas había todavía las que preferían que nadie le diera opinión sobre su imagen externa y por eso les decían pidiendo: “¡dame incluso un pan, pero no me des ropa!”

Otro medio para adquirir prendas que mejorasen su apariencia era el cambio de ropa o complementos entre hermanas con edades, gustos y tallas similares, lo que les permitía controlar mejor las elecciones. En términos generales buscaban no descartar ropa sin motivo alguno.

Al igual que en el caso de los regalos, el cambio o donación de prendas son estrategias para conseguir prendas interesantes y en buen estado sin costes, fortaleciendo aún más la relación con familiares y amigos. A ejemplo, una de las brasileñas comentó al recordar las donaciones recibidas de compañeras de su antiguo trabajo:

Participante – Eso, porque cuando yo trabajaba, en general ni me compraba ropa. Yo ganaba de las profesoras ropa, zapatos. Yo ganaba. Y muchas calzaban la misma talla que la mía, la misma talla de ropa, ¿sabes? Entonces, ellas me daban ropa. A veces usaban una vez o dos, la cogían y me daban. Entonces, en el otro día yo me ponía aquella ropa. En el otro día yo ya la llevaba. Entraba allá (en el trabajo): “vaya, ¡qué

gusto darte las cosas, porque las usas!” Les dije: “¡pero claro que las voy a usar!” Entonces, es así.

Investigadora – Entonces, ¿a ti te gustaba llevar las prendas para que ellas supieran que te habían gustado?

Participante – Pues claro. La persona necesita ver que estamos usando aquello que ella nos ha dado.

Otra participante española relató que gracias a los cambios y donaciones entre hermanas ella tenía acceso a artículos de mayor valor:

Tengo hermanas que marchan muy bien. Económicamente marchan muy bien. Muy bien, muy bien, mucho mejor que yo. Yo soy la mayor. Y ese bolso me dieron hace cinco años o cuatro años, ese bolso. Fíjate que es bueno. [...] Pero me daban ellas mucha ropa buena, porque compraban mucho y tiraban que tal y que cual.

De esa manera a través de regalos, cambios y donaciones, distintas formas de consumo, las investigadas habían conseguido elaborar gran parte de sus pertenencias, al tiempo que habían conseguido artículos más caros, de mayor calidad y firmas renombradas, a los cuales no tendrían acceso si dependieran de sus rendimientos de manera exclusiva. El paso del tiempo y las estrategias que habían aprendido a manejar contribuyó a construir un repertorio personal y con identidad en términos de presentación social.

Otra forma de consumo indirecto, con la intención de reducir gastos y al mismo tiempo construir la apariencia deseada, era elaborar su propia ropa gracias a las labores de costura. Incluso a su edad, les gustaba visitar tiendas de tela para elegir cortes a buen precio y calidad, crear sus propios patrones o usar los que tenían de otras ocasiones y realizar a su gusto su propia ropa. Cuando no tenían esa habilidad buscaban costureras profesionales, antiguas amigas, y acudían a ellas con imágenes de revistas.

Pero lógicamente también adquirían productos para mejorar su apariencia en tiendas especializadas, que solían ser de barrio. Locales en que los cuales se sentían a gusto para elegir y comprar y que al mismo tiempo les ayudaba a configurar una red de relaciones sociales y consumo construida a lo largo del tiempo.

Con frecuencia se mencionaron las redes *Pernambucanas* en Brasil y El Corte Inglés en España. Son minoristas ampliamente propagados en São Paulo y los grandes almacenes más conocidos de España, muy presentes en Madrid; ambos recogen el gusto y estilo típico de cada ciudad. Según las participantes, en esos espacios era posible encontrar una oferta variada de ropa, calzado y accesorios además de cosméticos en el caso de El Corte Inglés, que estaban de acuerdo con sus preferencias y acorde sus posibilidades financieras.

En España, fue posible visitar el departamento de investigación y planificación de colecciones de El Corte Inglés. En la entrevista mantenida con los responsables, manifestaron el interés y la preocupación por producir artículos de buena calidad. Ellos eran conscientes de que gran parte de su público es mayor y mismo los de ingresos bajos buscaban productos bien acabados y duraderos, aunque no fueran los más baratos del mercado. En ese sentido, Scalco y Pinheiro-Machado (2010) afirman que los productos percibidos como superiores hacen posible la intervención sobre la imaginación de las clases inferiores que desean tener “cosas buenas de verdad” (p.339).

Además de en tiendas de barrio y centros comerciales las investigadas también iban de compras por las zonas más populares de compras, como son los barrios de *São Miguel* y *Bom Retiro*, en São Paulo, y la Gran Vía en Madrid. En estas zonas se concentraban muchas marcas y cadenas de ropa, zapatos, complementos, perfumerías o farmacias, algo muy atractivo para las participantes al disponer de lo que pueden necesitar en un único destino.

Cuando buscaban algún producto para mejorar su apariencia también intentaban comprar en tiendas cercanas a sus casas, lo que facilitaba su desplazamiento además de que eran establecimientos conocidos. Es el caso de una de las participantes españolas que solía acudir a comprar ropa íntima a la tienda de una amiga que era conocida por atender a las señoras del barrio desde hace años. En su local había espacio para sentarse y elegir los productos con tranquilidad, mientras hablaba y se ponía al día con la propietaria. Incluso llamaba por teléfono a las clientas que habían estado enfermas. Además de cubrir una necesidad, la anciana también se preocupaba por ayudar al negocio de su amiga.

En el caso de España además existía una clara preferencia por los productos nacionales y las señoras a menudo hablaron de sus artículos de cuero realizados en el país, de los cosméticos producidos con el buen aceite de oliva español – muy bueno para la

piel y el cabello – y del menú variado y sano de la cultura española. Para ellas era importante conocer el origen de los productos ya que para ellas el hecho de ser españoles es sinónimo de calidad. Al haber realizado la investigación en el año 2016 aún se notaban los síntomas de la grave crisis económica y financiera que azotó el país desde el año 2008. En ese sentido, las ancianas se manifestaban contrarias a los productos chinos, que a su juicio llenaban el mercado de productos baratos y de mala calidad:

¡Yo en los chinos no compro nada! Además, yo no te digo que no compre, ¡pero calzados jamás! Jamás. Te voy a decir por qué: porque hay cosas que son bonitas, yo no te digo que no. Pero yo he oído en una ocasión que dentro de la plantilla y eso hay algo que produce muchas veces enfermedades en los pies, por el material que usan.

El Panel 2 presenta algunos modelos de calzado considerados cómodos y apropiados por las participantes de los dos países.

Panel 2. Calzados usados por brasileñas y españolas



Fuente: Patrícia Yokomizo e Andrea Lopes, 2016

Sin embargo, para otros productos que no tenían que ver con el aspecto externo como es el caso de los electrodomésticos y los utensilios para el hogar, las españolas sí que se permitían excepciones con los productos chinos. La estrategia de consumo, en ese caso, dependía del contexto de utilización, alternando entre productos de alta y baja calidad de acuerdo con la situación de exposición del bien adquirido (Scalco, y Pinheiro-Machado, 2010).

En cualquier caso, sí que había casos de consumo de productos chinos por parte de las españolas cuando deseaban adquirir alguna prenda de moda y no querían gastar mucho, si era el caso de algo que podría dejarse de llevar en breve:

Es que en el centro de La Laguna (barrio de Madrid) han quitado casi todas las tiendas de ropa de mujer. Casi todas (ahora) son de chinos. Pero dentro de las tiendas tiene una cosa mona y es más baratita, y así no me da pena quedarme con ella.

Otra manifestó comprar ropa en las tiendas chinas y aprovechar su habilidad con la costura para mejorar las prendas, ajustando su patrón y los malos acabados:

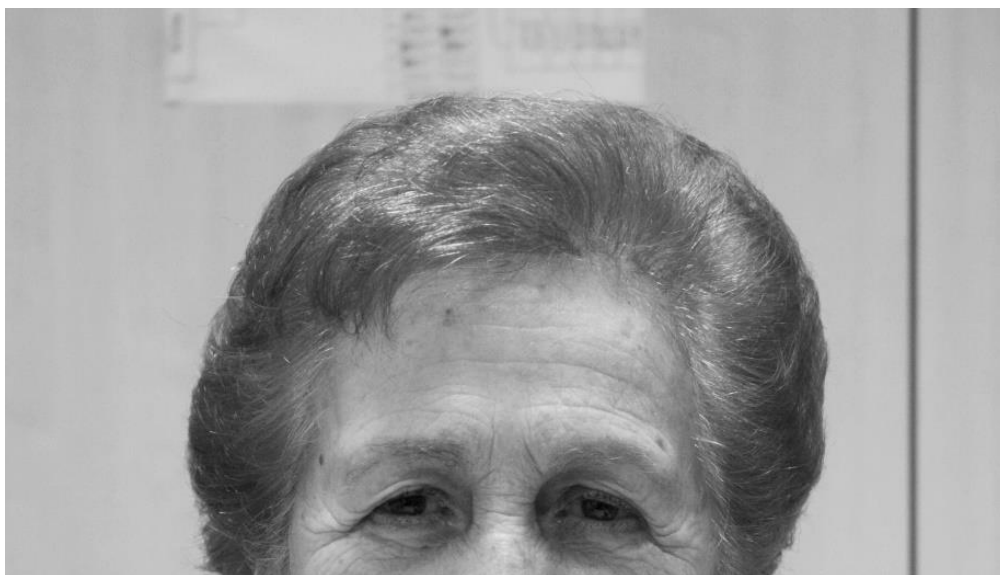
Esta camisa es de los chinos. A mí me gustó y es que, pues mira, la utilizo abierta porque me estaba un poquito justa. Pues abierta, tiene unas pinzas atrás que las puedo quitar y al plancharlas te dan un poquito más de anchura. Pero digo: “esta para poner con un jersey por debajo, azul marino o rojo [...]” O una cosa blanca, o tono blanco con escote. Sí, y digo: “esta es de los chinos”. Pero para comprarte ropa sencilla, la ropa es barata y hay cosas monas.

Gran parte de las españolas mencionó también la relevancia del peinado y el calzado. Para ellas son elementos de extrema importancia en su imagen. Como diría una de ellas: “todo mundo te mira a los zapatos feos o rotos. Bueno, rotos es una exageración. Y nada. Aunque lleves el mejor vestido del mundo, nadie te ve. Pasas desapercibidas”.

Generalmente las investigadas usaban calzado limpio y sin roturas o señales de desgaste, aunque fueran siempre los mismos, además de estar con el pelo siempre bien arreglado a veces incluso en la peluquería. Es el caso de una de las investigadas (Imagen

1) que fue a la peluquería horas antes de una entrevista, al considerar que era una ocasión especial y debía estar arreglada de acuerdo a la ocasión. Puede decirse en definitiva que las españolas buscaban en particular comprar buen calzado e ir regularmente a la peluquería como un modo de demostrar atención a estos dos elementos percibidos como importantes para la sociedad en su conjunto.

Imagen 1. Peinado de una española, que fue a la peluquería antes de participar de una de las entrevistas



Fuente: Patrícia Yokomizo, 2016.

En ambas culturas las participantes apuntaron que no consumían solo por necesidad, sino por cierto placer y gusto lo que evidencia que a la hora de adquirir un bien en algunos casos las aspiraciones personales pueden no tener en cuenta la propia situación financiera, ya que prevalece el deseo de manifestar status social por el valor simbólico que un producto posee en determinada sociedad (Friedman, 1990).

Entre las investigadas se da la satisfacción en presentarse bien, elaborar *looks* y recibir algún elogio. También les gusta disponer de autonomía para elegir, aunque a veces las opciones a la venta no sean muchas, sobre todo por sus escasos recursos financieros. En ese sentido, la mayoría dijo que, aunque que les gustara recibir regalos y donaciones, preferían adquirir ellas mismas lo que necesitaban. De esa manera ellas y sus hijos o nietos gastarían menos además de que comprarían cosas de su gusto con su propio dinero.

En relación a la oferta de productos dirigidos a mejorar su aspecto, las mujeres investigadas de los dos países se quejaron de la falta de productos especializados en el público mayor, dando la sensación de que como consumidoras pasaban inadvertidas para las tiendas de las ciudades en las que vivían. Para ellas resultaba difícil encontrar ropa que conciliara practicidad, comodidad y estética: algo que embellezca y siente bien a su cuerpo envejecido.

Sirva de ejemplo el relato de una de las participantes sobre la escasez de modelos en el mercado de lencería:

Y fíjate, ahora cuando voy a comprarme bragas, me voy a El Corte Inglés y a lo mejor digo: “¿tenéis bragas para mayores, pero que no sean para ponerlas por debajo de los sobacos?” (Risas). Y me dicen: “tenemos eso...” (voz con poco ánimo). Es que no entiendo: ¿cómo no pueden hacer bragas para mayores que tengan un poquito de encaje? ¿Por qué tienen que ser de algodón blanca y hasta aquí? (Señalando las axilas). ¡No lo entiendo! Yo no entiendo. Y dicen: “tienes razón”. Y no lo entiendo. ¿Por qué me tengo que poner un camisón con la manga por aquí (puño), con el cuellito por aquí (cuello)? ¿Por qué soy mayor? No, ¡me pongo tirantes! Me pongo tirantes.

Además de la limitación de opciones en determinadas categorías de productos, algunas participantes apuntaron también la falta de preparación de algunas tiendas para atender a los clientes mayores. Destacaron la ausencia espacio para sentarse, los empleados impacientes o la poca atención a sus necesidades, así como la poca facilidad para atender sus sugerencias sobre preferencias estéticas.

Algunas manifestaron comprar en tiendas dirigidas a público joven cuando encontraban algo que les gustaba y les sentaba bien y se quejaban de que no había empresas de moda especializadas en público mayor con productos de la tendencia y patrones adecuados a sus cuerpos. Claramente echaban de menos un mayor respeto a la diversidad de edad y cuerpos. Por eso mismo acababan comprando lo que les sentaba mejor y eran capaces de pagar.

Una de las participantes comentó que lo más importante era saber filtrar entre las ofertas lo que le quedaba bien a su cuerpo y era posible utilizar a su edad:

Entonces a mí me gustaban las cosas de allá (una tienda). Bueno, pienso que no es mucho para mi edad, creo que es un poquito más joven, ¿me entiendes? Pero yo tampoco tengo restricciones cuanto a eso.

Si a mí me gusta, si es para una chica de 18 años, no me importa. A mí me gusto, lo voy a usar. Acorde mi edad, claro. Si es una cosa muy escotada, pues claro que no lo voy a usar. Si es una blusa aquí arriba (dejando ver la barriga), tampoco lo voy a usar. Quedarse con la barriga para fuera no se puede, ¿verdad?

A lo largo de la vida las investigadas fueron consiguiendo acumular una serie de prendas, calzado, bolsos y otros complementos de estilos diversos. Según ellas no era preciso realizar compras con tanta frecuencia y de hecho manifestaban que preferían ahorrar para adquirir algo más especial, como por ejemplo un vestido de fiesta o algo que habían visto en algún escaparate.

Además de realizar compras las participantes también dedicaban tiempo a cuidar y ordenar los artículos que poseían. En ambas culturas, las investigadas relataron acerca de las estrategias para ordenar sus pertenencias, además de lavar, planchar y organizar cada una de sus prendas. Muchas de ellas solían separar la ropa en más de un armario, aprovechando el espacio que antes pertenecía al marido o a los hijos. También disponían de cómodas, zapateros, mesillas, cajas, joyeros, tocadores y otros muebles para guardar adecuadamente cada tipo de artículo. Para ellas, eso también facilitaba encontrar las prendas y accesorios cuando los necesitaba.

En lo que se refiere a la practicidad, también buscaban separar artículos, principalmente la ropa, en función de la estación, dejando más a mano lo que se usaba en cada temporada. También ordenaban las prendas según la ocasión, por ejemplo, para su día a día, para vestirse los fines de semana, para celebrar alguna fiesta o ir a la iglesia. Una de las brasileñas, por ejemplo, mostró en su casa un armario exclusivo para las ropas especiales de la comunidad católica que frecuentaba.

La participante brasileña de mayor edad manifestó que ella solía dejar las prendas ya combinadas en las perchas para facilitar su arreglo diario (Imagen 2) e incluso manifestó que no le gustaba que otras personas interfirieran en su orden habitual: “no, deja. Nosotras lo guardamos después. Yo voy guardando las prendas en orden”.

Imagen 2. Participante brasileña que intentaba dejar en las perchas combinaciones listas



Fuente: Andrea Lopes, 2015

Estas prácticas ponen de manifiesto como la manera en la que vivían, los locales que frecuentaban, las personas con las que se encontraban y las actividades sociales influyeron en el orden que establecían en todo aquello que utilizaban para mejorar su apariencia. Puede decirse por lo tanto que estas estrategias no eran estáticas y, por el contrario, evolucionaban de acuerdo con sus rutinas y su papel social. Por ejemplo, una de las españolas mostró sus abrigos más bonitos guardados en fundas de plástico, puesto que ya no frecuentaba lugares en que los podría lucir, como un restaurante más sofisticado o el teatro.

Cuando percibían que algún artículo estaba desgastado o un poco fuera de sus gustos actuales o la realidad de su vida, lo donaban o le añadían nuevos complementos como botones o cortes en las mangas o en el largo de las prendas, cualquier cosa antes que tirar una prenda. En último término convertían algunas prendas de ropa en trapos para la casa, o trabajos de artesanía, como el *patchwork*. Buscaban aprovechar lo mejor que

podían o dar un buen destino a lo que salía de sus armarios. En muchas ocasiones se convertía para ellas en una nueva ocupación significativa del tiempo.

La costumbre de reparar, ajustar y aprovechar las ropas venía en parte de la vida humilde que habían tenido y también, en el caso de algunas, por su trabajo previo como costurera. Por eso observaban atentamente las prendas y reconfiguraban su aspecto cuando era necesario, como describió una de las participantes:

“Y lo que te estaba contando de la boda de mi hijo. Yo llegué y dije: “uh, ¡qué traje de chaqueta más mono!” Era de seda, negro. Y me dijo: “pruébatelo y lo verás”. Y “mira, la falda me está un poquito ancha”, dije, “pero ya sé lo que voy a hacer a la falda”. Dije: “aquí me cojo una costura, delante, en el lado izquierdo”. Y la cogí, y la hice una raya así, aquí, encima de la rodilla. La chaqueta era en seda con la manga larga. No, no tenía la manga larga, tenía una manga así por aquí (tres cuartos). Y venía atada a un lado. Y adónde iba el nudo hacía como un triángulo en la tela, de donde salía esta, para el nudo. Y en ese triángulo puse un broche. Y no te puedes hacer idea cómo estaba el traje de chaqueta aquel. Y lo poquito que me costó. Me parece que me costó no sé si 32 pesetas o alguna cosa así, ¡porque era muy barato!”

Las participantes manifestaron administrar lo mejor posible sus recursos de manera que no les faltaran los medios para conseguir lo que necesitasen y deseasen a la hora de mejorar su apariencia. Los regalos e intercambios que recibían de familiares y amigas también les ayudaban en la gestión de sus bajas pensiones.

En definitiva, se observaron estrategias variadas para adquirir productos de arreglo personal a través del apoyo de distintas personas y redes de relaciones, con el objeto de conseguir ropa que estuviera al día de las tendencias. Y lo que era aún más importante: el motivo principal por el cual acumulaban objetos variados (abrigos, accesorios, bolsos o zapatos) era que les hacía sentir que participaban de la vida social y que tenían un cierto estatus.

El abanico de prendas que poseen y que provienen de distintas formas de consumo también incorporaba ciertos roles y mensajes a sus circunstancias cotidianas tal como sugiere Goffman (1985).

Organizaban sus armarios según sus rutinas y buscaban mantener su estilo mismo que con pocos recursos financieros, contando con la costura, las rebajas y demás estrategias mencionadas.

Buaes (2015) apunta que el consumo posibilita que las mercancías sean portadoras de identidades:

Pertenencia y reconocimiento social se configuran como indicadores de distinción entre clases y grupos. De ese modo, las prácticas de consumo están vinculadas a una identificación del sujeto como pertenecientes a cierto estrato social, grupo de edad, género, estilo de vida, entre otros marcadores de pertenencia social (Buaes, 2015, p. 109)

Las ancianas de ambos países ordenaban sus armarios de acuerdo con sus rutinas y buscaban ser auténticas, manteniendo el propio estilo con los escasos recursos de los que disponían. Aunque sus condiciones económicas les limitasen el consumo, conseguían construir una apariencia agradable, verse guapas – de manera adecuada a su edad –, elegantes, decentes, femeninas y sin exageraciones. Les gustaba ser creativas dentro de la estética que les resultaba afín. Para ellas el arreglo partía muchas veces del propio encuentro social, en sí mismo, que era la oportunidad de utilizar las adquisiciones o lo que ya tenían para estar adecuadas al entorno y también envueltas con sus familias, amigos y comunidades.

Consideraciones finales

En esta investigación realizada en el contexto brasileño y español se constató de manera similar a lo descrito por Crane (2006) en el caso de las clases obreras europeas y norte americanas, que entre las mujeres mayores con pocos recursos investigadas había un deseo de seguir siendo atractivas y conseguir visibilidad social gracias al consumo dirigido a mejorar la propia apariencia. Este consumo, además en ambos casos debía realizarse con la máxima autonomía posible, para que las ancianas estuvieran realmente satisfechas, puesto que el objetivo que perseguían era también su habilidad para demostrar al mundo que siguen siendo capaces de valerse por sí mismas.

Para las participantes, el hecho de poder escoger lo que realmente les gustaba era un modo de demostrar que eran autónomas. Ellas querían demostrar de esta manera que aceptaban lo que se les daba, siempre y cuando coincidía con sus gustos personales los cuales estaban fundamentados en su educación familiar, especialmente en las nociones de decencia y feminidad. Estos valores incluso ultrapasaban las presiones familiares y de la moda en la concepción de sus apariencias.

Otra de las conclusiones de este estudio es que la noción de consumo asumía distintos caminos, como el cambio, el regalo, las donaciones, la transformación de las prendas y, lógicamente, la compra directa de los productos. Para la adquisición de las prendas y productos que poseían, se habían servido de diversas estrategias que iban desde la compra a la propia confección, pasando por los mercadillos a los que son afines.

Entre las razones que les llevaron a invertir en la apariencia, las participantes apuntaron principalmente: estar guapa; tener distintas combinaciones con las que vestirse; no repetir las prendas que utilizaban con mucha frecuencia; tener ropa suficiente para poder lavarla a gusto; estrenar algo en una fecha especial; poder participar de la vida social y, por último, poder disfrutar de arreglarse y encontrarse bien.

Son conscientes de que al utilizar los productos que compraban y recibían, demostraban afecto, consideración y respeto a los sacrificios quienes les regalan cosas. Por eso, las participantes buscaban retribuir de alguna manera el cariño de familiares y amigos usando sus regalos cuando las iban a ver e incluso lo planteaban como un modo de mantener el vínculo que tenían con estas personas. De nuevo a través del consumo dirigido a mejorar su apariencia ejercitaban y reforzaban los lazos familiares, las redes sociales, los significados y los roles que ellas mismas sabían que jugaban en ambos entornos.

Paradójicamente, a pesar de sus bajos ingresos, las participantes se mostraron muy exigentes a la hora de comprar ellas mismas productos para mejorar la apariencia. Se fijaban y apreciaban en que fueran de buena calidad, prácticos, cómodos y como se ha mencionado, siempre acordes con su gusto personal. Cuando se trataba de comprar prendas de mayor calidad, costumbre heredada en la infancia, en todos los casos prestaban gran atención a la imagen que iban a mostrar en los encuentros sociales.

En cuanto al estilo se identificaban con modelos clásicos y elegantes, bonitos y actuales. Les gustaban los cosméticos suaves y, en el caso de España, valoraban bastante el consumo de productos nacionales.

A pesar de tener bastantes pertenencias que habían acumulado a lo largo de los años y de diversas inversiones, se mostraron descontentas ante la escasez de productos y firmas especializadas en el público mayor. Esto demuestra su interés por las tendencias, la estética y la moda.

En ese sentido, la moda, entendida como la industria que crea y distribuye ropa, complementos, zapatos y todo lo que acompaña la apariencia externa de las personas en cada sociedad, contribuye a mejorar la vida de los ancianos, puesto que les da herramientas válidas para expresar su identidad y mostrarla al mundo de la mejor forma posible. Las participantes mostraron interés hacia las combinaciones y propuestas de apariencia de las marcas de moda y les gustaba estar informadas para adecuarse no solo al momento, sino también a su edad y a los contextos en los que se movían.

En definitiva, puede decirse que se apreciaron pocas diferencias entre brasileñas y españolas, lo que pone de manifiesto que sus intereses vitales son parecidos y que el impacto que la apariencia externa ejerce sobre las mujeres ancianas es común a las distintas culturas analizadas. En España las participantes todavía tenían una preferencia por productos nacionales y se mostraron preocupadas con la amplia oferta de mercancías extranjeras en su país, como las provenientes de China. Las semejanzas entre los dos grupos cuanto al consumo para la apariencia se supone que estén relacionadas a las variables generación, ingresos y escolaridad. Finalmente, se sugiere producir más investigaciones acerca de la apariencia en distintas generaciones y contextos socioeconómicos.

Referências

Aboim, S. (2014). Narrativas do envelhecimento: ser velho na sociedade contemporânea. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, 26(1), 207-232. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702014000100013>.

Alonso, F. R. B. (2015). As mulheres idosas que residem em domicílios unipessoais: uma caracterização regional a partir do Censo 2010. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(N.º especial 19), Temático: "Envelhecimento Ativo e Velhice", pp. 99-122. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/27256>.

Argimon, I. I., Pizzinato, A., Ecker, D. D., Lindern, D., & Torres, S. (2011). Velhice e identidade: significações de mulheres idosas. *Revista Kairós-Gerontologia*, 14(4), 79-99. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/10052>.

Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. (2018). *Critério de Classificação Econômica Brasil*. São Paulo, SP. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://www.abep.org/criterio-brasil>.

Baltes, P. B., & Smith, J. (2006). Novas fronteiras para o futuro do envelhecimento: da velhice bem-sucedida do idoso jovem aos dilemas da quarta idade. *Revista A Terceira Idade, SESC São Paulo*, 17(36), 7-31. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: https://www.sescsp.org.br/files/educacao_revista/4ed8a079-074e-4baf-8f72-6770562f0853.pdf.

Blackman, C. (2011). *100 anos de Moda*. São Paulo, SP: Publifolha.

Buaes, C. (2015). Educação financeira com idosos em um contexto popular. *Educação & Realidade*, 40(1), 105-127. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://www.scielo.br/pdf/edreal/v40n1/2175-6236-edreal-40-01-00105.pdf>.

Caio, C. B. (2012). *Envelhecimento e aparência: a experiência de indianos imigrantes da cidade de São Paulo, Brasil*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de São Paulo, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Graduação em Gerontologia. São Paulo: Orientação: Andrea Lopes.

Chow, N., & Bai, X. (2011). The effects of sociodemographic characteristics on chinese elders' perception of the image of ageing. *International Journal of Population Research*, 1-11. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1155/2011/642874>.

Crane, D. (2006). *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. C. Coimbra, Trad. São Paulo, SP: Editora SENAC.

Debert, G. G. (1999). Velhice e o curso da vida pós-moderno. *Revista USP*(42), 70-83. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28456>.

Debert, G. G. (2004). *A reinvenção da velhice: socialização*. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP.

Delboni, B., Joaquim, S. B., Ploner, K. S., & Cyrini, L. R. (2013). Gerascofobia: o medo de envelhecer na contemporaneidade. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 10(2), 203-214. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/3320>.

Dweck, R. (1999). *A beleza como variável econômica: reflexo nos mercados de trabalho e de bens e serviços*. Rio de Janeiro, RJ: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

Elias, N. (1994). *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Zahar.

Featherstone, M. (1998). O curso da vida: corpo, cultura e imagens do processo de envelhecimento. In: Debert, G. G. *Textos Didáticos n.º 13: Antropologia e Velhice* (2ª ed., 45-64). Campinas, SP: Textos Didáticos.

Ferreira, M. G., Bianchi, M., Menegócio, A. M., & Zago, G. M. (2014). Desconstruindo a imagem do idoso nos meios midiáticos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 17(4), 211-223. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/23868>.

Friedman, J. (1990). Being in the world: globalization and localization. *Theory, Culture & Society*, 7, 311-328. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://doi.org/10.1177/026327690007002018>.

- Geertz, C. (2008). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, RJ: LTC.
- Goffman, E. (1985). *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Köhler, C. (2009). *História do vestuário (1825-1876)* (3 ed.). (E. von Sichart, Ed., & J. L. Camargo, Trad.) São Paulo, SP: Editora WMF Martins Fontes.
- Livramento, M., Hor-Meyll, L., & Pêsoa, L. G. (2013). Valores que motivam mulheres de baixa renda a comprar produtos de beleza. *Revista de Administração Mackenzie*, 14(1), 44-74. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/RAM/article/view/4066>.
- Malheiros Junior, A., & Freitas, S. (2012). Envelhecimento e consumo: as representações da velhice feminina no discurso midiático. *Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*, 17(1), 275-291. Recuperado em 01 setembro, 2018, de:
- Monteleone, T., Witter, C., & Gama, E. F. (2015). Representação social de idosos: análise de imagens publicadas no discurso midiático. *Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*, 20(3), 921-937. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/27746>.
- Neri, A. L. (2014). *Palavras-chave em Gerontologia* (4ª ed., Vol. Coleção Velhice e Sociedade). Campinas, SP: Alínea.
- Patrício, K. P., Ribeiro, H., Hoshino, K., & Bocchi, S. M. (2008). O segredo da longevidade segundo as percepções dos próprios longevos. *Ciência & Saúde Coletiva*, 13(4), 1189-1198. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232008000400015>.
- Picolli, M., Araújo, J., Graeff, B., & Lopes, A. (2012). Idosos “roqueiros” e a juventude eterna: pistas para reflexão. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(Número Especial 13, “Vulnerabilidade/Envelhecimento e Velhice: Aspectos Biopsicossociais”). Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://ken.pucsp.br/kairos/article/download/17308/12854>.
- Plens, J., Accioly, M., Batistoni, S., & Lopes, A. (2012). Envelhecimento, engajamento e aparência: percepções de idosas participantes de um núcleo de convivência de idosos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(N. Especial 26, “Vulnerabilidade/Envelhecimento e Velhice: Aspectos Biopsicossociais”), pp. 269-289. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/17307>.
- Rodrigues, A. d., & Justo, J. S. (2009). A resignificação da feminilidade na terceira idade. *Revista Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*, 14(2), 169-186. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/7233>.
- Santos, G. A., Lopes, A., & Neri, A. L. (2007). Escolaridade, raça e etnia: elementos de exclusão social de idosos. In: Neri, A. L. *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*, 65-80. São Paulo, SP: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC-SP.
- Scalco, L. M., & Pinheiro-Machado, R. (2010). Os sentidos do real e do falso: o consumo popular em perspectiva etnográfica. *Revista de Antropologia, USP*, 53(1), 321-359. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-77012010000100009>.

Schemes, C., Duarte, P. S., & Magalhães, M. L. (2015). Anseios e desejos: mulher madura e a moda como construção social. *Revista PRÁKSIS*, 2(12), 146-158. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=525552633014_5.

Serviço de Proteção ao Crédito & Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas. (2016). *Significados da beleza: autoimagem e consumo*. Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) & Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL).

Silva, A. C. (2015). *Significados de aparência e o perfil socioeconômico de idosos aposentados associados ao SINDNAPI*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Graduação em Gerontologia. São Paulo: Orientação: Andrea Lopes.

Silva, N. P., Cachioni, M., & Lopes, A. (2012). Velhice, imagem e aparência: a experiência de idosos da UNATI EACH-USP. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(Número Especial 14, “Universidade Aberta à Terceira Idade e Velhice), 235-257. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairós/article/view/15251>.

Simmel, G. (2014). *Filosofia de la Moda*. España: Casimiro Libros.

Unión Democrática de Pensionistas y Jubilados de España (UDP). (2012). *Voluntariado social UDP: tal como somos – envejecimiento activo* (Vol. Colección Estudio). España: Gobierno de España, Ministerio de Sanidad, Servicios Sociales e Igualdad.

Vilhena, J. d., Novaes, J. d., & Rosa, C. M. (2014). A sombra de um corpo que se anuncia: corpo, imagem e envelhecimento. *Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental*, 17(2), 251-264. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0381v17n2a08>.

World Health Organization. (2017). *News release (19 may 2016). Life expectancy increased by 5 years since 2000, but health inequalities persist*. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://www.who.int/mediacentre/news/releases/2016/health-inequalities-persist/en/>

Yokomizo, P., & Lopes, A. (2019). Aparência: uma revisão bibliográfica e proposta conceitual. *Dobra[s]*, 12(26), 227-244. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: [doi:doi.org/10.26563/dobras.v12i26.922](https://doi.org/10.26563/dobras.v12i26.922).

Patrícia Yokomizo – Graduação em Têxtil e Moda. Mestre em Gerontologia, fundadora e membro do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS), todos da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP), Brasil.

E-mail: pati@usp.br

Paloma Díaz Soloaga – Professora titular do Departamento de *Comunicación Aplicada*, da Faculdade de *Ciencias de la Información*, da *Universidad Complutense de Madrid (UCM)*, Espanha. Interesses: reputação, marca e cultura nas organizações. Especialidade em Moda. Colaboradora do EAPS/USP, Brasil.

E-mail: pdiaz@ucm.es

Andrea Lopes – Antropóloga, docente da Pós-Graduação em Gerontologia e das Graduações em Gerontologia e Têxtil e Moda. Fundadora e coordenadora do grupo EAPS. Todos da EACH/USP. Orientadora da pesquisa.

E-mail: andrealopes@usp.br

Ensaio fotográfico e poético em homenagem aos apoiadores do grupo EAPS EACH/USP

Photographic and poetic essay in honor of supporters from EAPS EACH / USP group

Ensayo fotográfico y poético en homenaje a los que han apoyado al grupo EAPS EACH / USP

Cristiano Pereira de Assis
Murillo Lino Reis
Patrícia Yokomizo
Andrea Lopes

Introdução

O grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS), parte da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP) comemora 10 anos em 2019. Como já se tornou uma tradição do grupo, busca-se divulgar e produzir ciência também através da arte.

Assim, o presente ensaio fotográfico e poético, intitulado **Poesia Fotográfica: envelhecimento, aparência e significado**, tem como objetivo homenagear a todos os seus apoiadores, especialmente as modelos retratadas e as respectivas instituições que representam. Ao longo de grande parte da história do grupo, esses parceiros nunca pouparam esforços para estimular, promover e se dedicar aos convites realizados pelo EAPS. O profundo agradecimento é a mensagem que o ensaio simboliza a todos.

A escolha das modelos também visou a explicitar um dos principais paradigmas do grupo, a heterogeneidade, ao investigar a construção da aparência e seus significados ao longo do envelhecimento das participantes.

Cada modelo, a partir da forma como se apresenta socialmente, expressa por meio de sua aparência modos de vida, crenças, atitudes e outras inúmeras características resultantes da singularidade de suas trajetórias e perfil biopsicossocial. Espera-se que as imagens e os poemas explicitem, através do foco em suas aparências, quem elas são.

O ensaio fotográfico foi realizado pelo fotógrafo Cristiano de Assis, em cocriação com o poeta Murillo Lino Reis, que assina os poemas. Ambos são estudantes de Gerontologia da EACH/USP. O primeiro é membro, e o segundo, colaborador do EAPS. Ao longo do ensaio, cada modelo foi entrevistada e convidada a refletir sobre a própria aparência, em termos dos seus significados e mensagens que buscava expressar. Os relatos serviram de inspiração para ambos os artistas. A grafia dos poemas é de autoria de Silvana Bassi Ramos, colaboradora do grupo. A curadoria do ensaio é de responsabilidade de Patrícia Yokomizo e Andrea Lopes, ambas à frente do EAPS. Um dos propósitos foi alinhar e ilustrar as pesquisas apresentadas no presente número especial temático que o ensaio compõe.

Em ordem de aparecimento, a seguir, as primeiras cinco modelos representam a Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) da EACH/USP, são elas: Maria Zenite Saraiva de Oliveira, Eliana Löw, Aménalia Rocha, Olga Angelina Araneda Flores e Bartira Nunes Martins. Em seguida, são apresentadas três modelos, parte do Núcleo de Convivência de Idosos Projeto Samuel Rangel: Solange Nahomi Tanaka, Ilithya Salussolia Berni e Edima Aparecida Câmara Donnabella. Por fim, concluindo o ensaio, as líderes da biblioteca da EACH/USP, Analúcia dos Santos Viviani Recine e Rosa Tereza Tierno Plaza.

Em síntese, o ensaio busca sensibilizar e provocar o imaginário social em torno da velhice, ressaltando a diversidade de formas de apresentação pessoal, logo, dos modos de vivenciar o curso da vida inclusive na velhice.

Cristiano de Assis – Fotógrafo, estudante da Graduação em Gerontologia e membro do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS), ambos da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP). Estudante do curso de Iluminação na SP Escola de Teatro.

E-mail: deassis@usp.br

Murillo Lino Reis – Poeta, estudante da Graduação em Gerontologia e colaborador do EAPS, ambos da EACH/USP.

E-mail: murillo.reis@usp.br

Patrícia Yokomizo – Graduação em Têxtil e Moda. Mestre em Gerontologia, fundadora e membro do grupo EAPS, todos da EACH-USP.

E-mail: pati@usp.br

Andrea Lopes – Antropóloga, docente da Pós-Graduação em Gerontologia e das Graduações em Gerontologia e Têxtil e Moda. Fundadora e coordenadora do grupo EAPS. Todos da EACH/USP.

E-mail: andrealopes@usp.br



